

The background of the cover is a photograph of a forest with tall, thin tree trunks and a dense canopy of green leaves. The lighting is soft, creating a serene and slightly mysterious atmosphere. The text is centered and uses a clean, white, serif font.

NO BOSQUE DA MEMÓRIA

TANA FRENCH

Rocco

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Tana French

**NO BOSQUE
DA MEMÓRIA**

Tradução
Roberto Nóbrega

Rocco

*Para meu pai, David French,
e minha mãe, Elena Hvosstoff-Lombardi.*

“Deve ter sido só um irritante poodle preto qualquer. Mas sempre fiquei cismado... E se foi Ele de verdade, e Ele resolveu que eu não valia a pena?”

Tony Kushner, *A Bright Room Called Day*

PRÓLOGO

Imagine um verão todo roubado por inteiro de um filme bem antigo passado em alguma cidadezinha dos anos 1950. Não se trata aqui daquelas misturas sutis de estações da Irlanda feitas para o paladar de um *connoisseur*, com matizes aquareladas em uma faixa pequenina de nuvens e chuva fina; trata-se, sim, de um verão extravagante explodindo um azul quente e puro, digno de uma serigrafia. Este verão se desmancha na língua com gosto de mato alto mascado, de sua própria transpiração imaculada, de biscoitos Maria com manteiga saindo pelos buraquinhos e de garrafas agitadas de refrigerante em piqueniques em casas de árvores. Faz a sua pele formigar com o vento forte em seu rosto e pés de joaninhas subindo por seus braços; traz a cada respiração cheiro de grama cortada e de varais ondulantes cheios de roupas para secar; repica e ecoa o canto dos pássaros, as abelhas, os quiques de bola de futebol e cantilena de crianças brincando. *Um! dois! três!* Este verão nunca chegará ao fim. Começa todos os dias com a melodia do carrinho do vendedor de sorvete e com o seu melhor amigo batendo à sua porta e termina com crepúsculos lentos e a silhueta das mães na porta nos chamando para entrar, em meio aos guinchos dos morcegos que rondam os sabugueiros de folhas negras. É assim que todo verão se veste para a sua maior glória.

Imagine um pequeno labirinto de casas construídas ordenadamente em uma colina a poucos quilômetros de Dublin. O governo anunciou que algum dia aquilo seria uma maravilha da vitalidade suburbana, uma solução perfeita para o superpovoamento, a pobreza e todas as mazelas urbanas; por enquanto são só alguns poucos punhados de casas geminadas, ainda novas o bastante, para a surpreender quem as vê meio desajeitadas naquela encosta. Enquanto os governantes aprovam o McDonald's e complexos de salas de cinema, algumas poucas famílias jovens — fugindo das casas de cômodos e dos banheiros externos de que ninguém falava na Irlanda da década de 1970, ou sonhando com grandes quintais e com ruas em que suas crianças pudessem brincar de amarelinha, ou apenas comprando uma propriedade que fosse o mais próxima quanto permitisse o salário de uma professora ou de um motorista de ônibus — arrumaram suas coisas e partiram por uma estrada de mão única, com mato e margaridas crescendo pelo meio, rumo a um novo começo.

Isso foi há dez anos e até agora o vago fascínio estroboscópico das cadeias de lojas e centros comunitários, evocados com a desculpa de serem “infraestrutura”, não se materializou (políticos menores, ocasionalmente, põem a boca no mundo no Dáil, a câmara baixa do parlamento irlandês, denunciando negociatas imobiliárias duvidosas, mas ninguém dá importância). Os fazendeiros continuam colocando o gado para pastar do outro lado da estrada e a escuridão da noite só é quebrada por uma esparsa constelação de luzes nas encostas adjacentes; por trás das casas, onde projetos quiméricos sonhavam com um shopping center e um lindo parquinho, estendem-se dois quilômetros quadrados e meio de só Deus sabe quantos séculos de mata.

Três crianças pulam desajeitadas a fina membrana de tijolos e argamassa que separa o bosque das casinhas. Seus corpos têm a perfeita economia de latência; são aerodinâmicos desembaraçados, feito um ultraleve. Tatuagens brancas — raio, estrela, A — surgem onde eles cortam formas nos rebocos e deixam o sol bronzeá-las. Cabelos quase brancos de tão loiros esvoaçam como se fossem uma bandeira: apoiam os pés, pulam o muro e lá se vão elas.

O bosque é todo cintilação, sussurros e ilusão. Seu silêncio é uma conspiração pontichista de milhões de ruídos quase imperceptíveis — farfalhares, rajadas de vento, inomináveis guinchos truncados; seu

vazio fervilha de vidas secretas correndo pelo canto de seus olhos. Cuidado: abelhas entram e saem aos silvos das fendas do carvalho tombado; vire uma pedra e verá larvas estranhas se retorcendo, enquanto uma enérgica fileira de formigas sobe até envolver-lhe o tornozelo. Dentro da torre em ruínas, a fortaleza abandonada de alguém, urtigas da espessura de um pulso apoderam-se do espaço entre as pedras e, durante a alvorada, coelhos tiram seus filhotes de dentro das tocas e os levam para brincar em sepulturas antigas.

Essas três crianças dominam o verão. Conhecem o bosque tão profundamente quanto a micropaisagem de seus próprios joelhos esfolados; se alguém colocá-las, vendadas, em algum vale ou alguma clareira, elas acham a saída sem dar um passo fora do lugar. É o território delas, e elas o dominam de maneira selvagem e insolente como se fossem jovens animais; passam o dia inteiro correndo em meio às árvores e brincando de esconde-esconde nos vales, e a noite inteira em seus sonhos.

Elas correm para as lendas, as histórias que ouvem juntas antes de dormir e os pesadelos de que os pais nunca ficam sabendo. Seguindo por trilhas perdidas que alguém nunca encontraria sozinho, pulando muros de pedras caídos, deixando atrás de si gritos e cadarços como a cauda de um cometa. E quem será que está esperando à margem do rio com as mãos nos galhos dos salgueiros, cuja gargalhada ecoa de algum ramo lá de cima da árvore? De quem é o rosto que se esconde em meio à vegetação rasteira que se vê pelo canto do olho, feito esse rosto de luz e sombras de folhas, visível e desaparecido em um piscar de olhos?

Essas crianças não amadurecerão neste ou em qualquer outro verão. Este verão não as obrigará a encontrar reservas ocultas de força e coragem enquanto enfrentam a complexidade do mundo adulto e terminam mais tristes, mais sábias e unidas para o resto de suas vidas. Este verão exigirá outras coisas delas.

1

Antes de tudo devo lembrar que sou um detetive. A verdade para nós é um princípio básico, porém meio torto, que se refrata confusamente como vidro fragmentado. É a essência de nossa profissão, o objetivo final de cada coisa que fazemos, e nos colocamos no encalço dela com estratégias meticulosamente planejadas de mentiras, subterfúgios e de todas as variações possíveis de embustes. A verdade é a mulher mais desejável do mundo e nós somos os amantes mais ciumentos, reflexivamente negando a qualquer outro seu menor vislumbre. Nós a traímos regularmente, passando horas e dias a fio com as mentiras até os joelhos, e depois voltamos a procurá-la, nos fiando na suprema fita de Möbius dos amantes: *Mas só fiz isso porque te amo muito.*

Levo muito jeito para criar cenários, sobretudo se for um bem barato e de fácil compreensão. Não me deixem enganá-los, fazendo com que nos idealizem como um monte de paladinos perfeitos e de boa estirpe cavalgando atrás da Dama Verdade em seu cavalo branco. Nosso ofício é rude, grosseiro e sórdido. A garota dá ao namorado um alibi para a noite em que ele é o principal suspeito de ter assaltado uma loja de conveniência na zona norte e esfaqueado o atendente. A princípio, flerto com ela, dizendo-lhe entender que seu namorado tem motivo para ficar em casa quando a tem lá; ela tem os cabelos aloirados com água oxigenada e é pegajosa, possuindo os traços insípidos e definhados de gerações e gerações de subnutridos, e em segredo imagino que, se fosse seu namorado, ficaria aliviado em trocá-la por qualquer coisa, até mesmo por um companheiro de cela todo peludo apelidado de “Navalha”. Então conto a ela que encontramos cédulas com as marcas da gaveta da caixa registradora na calça branca dele de grife, e que ele afirma que ela saiu naquela noite e entregou-as a ele quando voltou.

Faço isso de maneira tão convincente, e cortês, exibindo constrangimento e dó pela traição de seu namorado, que, enfim, sua fé em quatro anos de convivência se desintegra como um castelo de areia, e em meio a lágrimas e muco, enquanto o namorado passa o tempo todo do interrogatório com a minha parceira na sala ao lado dizendo só “Vá se foder, eu estava em casa com Jackie”, ela me conta tudo, desde a hora em que ele saiu de casa até os detalhes de suas deficiências sexuais. Então, afago-lhe docilmente o ombro e dou-lhe um lenço de papel, uma xícara de chá e o depoimento por escrito para ela assinar.

Esse é o meu trabalho, e ninguém entra nele — ou, se entra, não dura — sem uma boa dose de afinidade natural por suas prioridades e exigências. Antes que comecem a acompanhar minha história, faço duas advertências: eu corro atrás da verdade. E minto.

O que vocês vão ler agora foi o que eu li nos arquivos da polícia, um dia depois de tornar-me detetive. Retornarei a esta história repetidas vezes, e de diversas maneiras diferentes. Possivelmente é medíocre, mas é só minha: a única história no mundo inteiro que ninguém além de mim jamais será capaz de contar.

Na tarde de uma terça-feira, 14 de agosto de 1984, três crianças — Germaine (Jamie) Elinor Rowan, Adam Robert Ryan e Peter Joseph Savage, todas de doze anos de idade — brincavam na rua de suas casas, na cidadezinha de Knocknaree, no condado de Dublin. Como o dia estava quente e claro, muitos moradores estavam em seus jardins, e várias testemunhas viram as crianças em diversos momentos no decorrer daquela tarde equilibrando-se em cima do muro que ficava no final da rua, andando de bicicleta e brincando em um balanço de pneu.

Knocknaree, à época, era esparsamente habitada, e havia um bosque de tamanho considerável contíguo às propriedades, separando-se das casas apenas por um muro de um metro e meio. Por volta das três da tarde, as três crianças deixaram suas bicicletas no jardim da frente da casa dos Savage e avisaram à sra. Angela Savage — que estava no jardim pendurando a roupa lavada — que iriam brincar no bosque. Faziam isso com frequência e conheciam bem aquela parte da mata, o que levou a sra. Savage a não se preocupar com a possibilidade de se perderem. Peter trazia ao pulso um relógio e ela lhe pediu que estivesse em casa às 18:30 para tomar seu chá. Tal conversa foi confirmada pela vizinha da casa ao lado, a sra. Mary Therese Corry, e diversas testemunhas viram as crianças pularem o muro que ficava ao final da rua e seguirem para o interior do bosque.

Quando viu que já eram 18:45 e Peter Savage ainda não havia retornado, sua mãe foi falar com as mães das outras duas crianças, achando que ele pudesse ter ido para a casa de alguma delas. Nenhuma das três crianças havia voltado para casa ainda. Como Peter Savage costumava ser um garoto confiável, seus pais não ficaram preocupados àquela altura; presumiram que as crianças se distraíram com alguma brincadeira e se esqueceram da hora. Faltando mais ou menos cinco minutos para as sete, a sra. Savage foi até a área do bosque que ficava próxima à rua, caminhou um pouco mata adentro e chamou as crianças. Não escutou nada em resposta, tampouco viu ou ouviu qualquer coisa que indicasse que havia alguém por ali.

Ela voltou para casa para servir chá ao marido, o sr. Joseph Savage, e para seus quatro filhos mais novos. Depois do chá, o sr. Savage e o sr. John Ryan, pai de Adam Ryan, entraram um pouco mais pelo bosque, chamaram pelas crianças, e também receberam o silêncio como resposta. Às 20:25, quando a noite já havia começado a cair, os pais já estavam seriamente preocupados com a possibilidade de as crianças terem se perdido, e a srta. Alicia Rowan (mãe solteira de Germaine), que tinha telefone, ligou para a polícia.

Iniciou-se uma busca pelo bosque. Àquela altura, havia certo receio de que as crianças tivessem fugido. A srta. Rowan já havia resolvido que Germaine iria para um internato em Dublin, ficaria por lá durante a semana e voltaria para Knocknaree nos fins de semana; sua partida estava marcada para dali a duas semanas, e as três crianças andavam bastante chateadas com a ideia de terem que se separar umas das outras. No entanto, uma revista prévia em seus quartos revelou que não parecia faltar qualquer peça de roupa, dinheiro ou bens pessoais. O cofrinho de Germaine, que tinha a forma de uma boneca russa, continha £5,85 e estava intacto.

Às 22:20, um policial portando uma tocha encontrou Adam Ryan em uma área de mata extremamente fechada próxima ao centro do bosque, de pé, com as costas e as palmas das mãos pressionadas contra um grande carvalho. Suas unhas haviam cavucado tão profundamente o tronco da árvore que se quebraram em sua casca. Parecia já estar ali há algum tempo, mas não havia respondido aos chamados do grupamento de busca. Levaram-no para o hospital. Levaram cães farejadores para tentar rastrear as outras duas crianças ainda desaparecidas. Os animais seguiam até o ponto em que Adam Ryan havia sido encontrado, ficavam confusos e perdiam o faro.

Quando fui encontrado, eu vestia um short azul de brim, uma camiseta branca de algodão, meias brancas de algodão e tênis brancos de corrida. Os tênis estavam cheios de manchas de sangue, as meias, nem tanto. Análises posteriores do padrão das manchas indicaram que o sangue havia manchado os tênis de dentro para fora, ensopando depois as meias de fora para dentro, e em menor concentração. A conclusão alcançada foi que os tênis haviam sido removidos de meus pés e algo os sujou de sangue; algum tempo depois, quando o sangue já havia começado a coagular, os tênis foram recolocados em meus pés, manchando assim as meias. Em minha camiseta havia quatro rasgos paralelos de sete a treze centímetros de comprimento, feitos em diagonal nas minhas costas, começando do meio de minha omoplata esquerda, até as minhas costelas direitas.

Não encontraram em mim qualquer ferimento, exceto alguns arranhões pequenos em minhas panturrilhas, lascas (depois descobriu-se que provinham do carvalho) sob as unhas e escoriações profundas em minhas duas patelas, que já estavam começando a cicatrizar. Não se sabia ao certo se haviam sido feitas no bosque ou não, já que uma menininha (Aideen Watkins, de cinco anos), que estivera brincando na rua, afirmou ter me visto cair de joelhos de um muro em um momento anterior daquele mesmo dia. No entanto, como os depoimentos dela mudavam a toda hora, não foram considerados confiáveis. Também fiquei em estado semicatatônico: passei quase 36 horas sem fazer qualquer movimento voluntário e outras duas semanas sem proferir sequer uma palavra. Quando, enfim, o fiz, não me lembrava de nada do que havia acontecido entre o momento em que saí de casa naquela tarde, e depois, de estar sendo examinado no hospital.

Levaram meus tênis e meias para tentar identificar o tipo sanguíneo das manchas — exame de DNA não era possível na Irlanda de 1984 — e descobriram que era A positivo. Realizaram um exame do meu sangue e descobriram que o meu também era A positivo; entretanto, consideraram improvável que as escoriações em meus joelhos, embora profundas, pudessem ter vertido tanto sangue a ponto de encharcar daquela maneira os meus tênis. Como Germaine Rowan precisara fazer uma cirurgia de apêndice dois anos antes, havia feito exame de sangue, e os registros mostraram que o sangue dela também era A positivo. Embora não houvesse qualquer registro do tipo sanguíneo de Peter Savage, ele acabou sendo desconsiderado como possível fonte responsável pelo sangue e se descobriu que tanto o de seu pai quanto o de sua mãe eram tipo O, o que impossibilitava, assim, que o dele fosse diferente. Na ausência de uma identificação mais conclusiva, não foi possível para os investigadores descartarem a possibilidade de que o sangue pudesse ter se originado de uma hipotética quarta pessoa, ou que também tivesse como origem mais de uma fonte.

A busca seguiu-se pela noite de 14 de agosto afora e também pelas semanas posteriores. Grupos de voluntários vasculharam os campos e colinas próximos. Cada pântano e sorvedouro conhecido da área foi explorado. Mergulhadores procuraram até no fundo do rio que corria pelo meio da mata, mas não houve sucesso. Quatorze meses depois, o sr. Andrew Raftery, um morador local que havia levado seu cachorro para passear no bosque, avistou um relógio de pulso em meio à vegetação rasteira a cerca de sessenta metros da árvore onde haviam me encontrado. O relógio era inconfundível — o mostrador tinha uma caricatura de um jogador de futebol em ação e a ponta do ponteiro de segundos era uma bola de futebol — e tanto o sr. quanto a sra. Savage o identificaram como sendo de seu filho Peter. A sra. Savage ainda confirmou que o filho levava o relógio no pulso na tarde de seu desaparecimento. A pulseira de plástico do relógio parecia ter sido arrancada do mostrador de metal com boa dose de força, possivelmente ao haver se prendido em algum galho mais baixo enquanto Peter corria. A perícia identificou diversas impressões digitais parciais na pulseira e no mostrador; todas correspondiam às encontradas nos pertences de Peter Savage.

Apesar dos inúmeros apelos da polícia e de uma intensa campanha na mídia, nunca mais ninguém encontrou sequer um mínimo vestígio de Peter Savage nem de Germaine Rowan.

Entrei para a polícia porque queria ser um investigador de homicídios. Meu tempo de treinamento e de policial uniformizado — Academia de Templemore, intermináveis e complicados exercícios físicos, vagando por cidadezinhas, vestindo um colete fluorescente que parecia tirado de algum desenho animado, investigando qual dos três misteriosos delinquentes da área havia quebrado a janela do galpão da sra. McSweeney — fazia com que eu me sentisse em um torpor vergonhoso típico de Ionesco, uma prova de tédio à qual eu precisava resistir, por algum motivo burocrático distorcido, para que pudesse chegar ao meu trabalho de hoje. Nunca penso naqueles anos, e as lembranças da época não me vêm com muita clareza. Não fiz sequer um amigo; sentia meu afastamento de todo aquele processo como algo

involuntário e inevitável, como o efeito colateral de um sedativo, mas os outros policiais interpretavam isso como uma arrogância deliberada, um desprezo estudado para com suas sólidas origens e ambições rurais. Talvez até fosse. Há pouco redescobri uma passagem em meu diário da época da academia em que descrevi meus colegas de turma como “um bando de caipiras retardados que respiram pela boca se arrastou por aí em um miasma de clichês tão denso que se pode até sentir o cheiro de bacon, repolho, bosta de vaca e vela de altar”. Mesmo considerando que eu estivesse passando por um dia ruim, creio que isso deixa evidente uma certa falta de respeito em relação às diferenças culturais.

Quando entrei para a Divisão de Homicídios, já tinha minhas roupas novas para trabalhar — ternos bem cortados e de tecidos de tanta qualidade que pareciam vivos ao toque, camisas com listras quase imperceptíveis em azul ou verde, cachecóis de casimira macios como pelo de coelho, que passaram quase um ano pendurados em meu armário. Eu adoro o código implícito do vestuário. Foi uma das primeiras coisas a fazer nascer em mim o fascínio pela função — isso e a taquigrafia elíptica, funcional e muito particular: digitais, vestígios, medicina legal. Houve uma vez um homicídio em uma das cidadezinhas dignas de romances de Stephen King para onde fui alocado depois que saí da Templemore: um incidente rotineiro de violência doméstica que acabou extrapolando até as expectativas de quem o cometeu; entretanto, pelo fato de a namorada anterior do sujeito ter morrido em circunstâncias suspeitas, a Homicídios mandou para lá uma dupla de investigadores. Durante toda a semana em que eles passaram lá, eu ficava de olho na máquina de café enquanto estava em minha mesa de trabalho para ir tomar o meu quando os investigadores fossem tomar o deles. Eu não tinha pressa alguma na hora de colocar o leite e ficava prestando atenção, sem dar muito na vista, no ritmo seco e brutal da conversa dos dois: quando chegar o resultado dos exames toxicológicos, depois que o laboratório identificar as arcadas dentárias... Voltei a fumar para poder acompanhá-los quando fossem para o estacionamento e fumava a alguns metros de distância deles, fitando distraído o céu e escutando. Eles me lançavam sorrisos breves e indistintos, às vezes acendiam meu cigarro com um Zippo fosco e depois me dispensavam com uma quase imperceptível virada de ombro e voltavam para suas estratégias sutis e multidimensionais: *a gente traz primeiro a mãe do cara, damos a ele uma ou duas horas para ficar em casa, preocupando-se com o que ela estiver dizendo, e depois o trazemos de novo. A gente arma um cenário, mas dá a ele apenas uma ligeira ideia geral, sem dar tempo para que o cara pense com mais cuidado.*

Ao contrário do que podem imaginar, não entrei para a polícia tentando sair em uma busca quixotesca para solucionar o mistério de minha infância. Li o relatório do caso somente uma vez, em meu primeiro dia, bem tarde e a sós, em meu local de trabalho, com a luminária de minha mesa como a única fonte de luz (nomes já esquecidos ecoando como morcegos ao redor de minha cabeça conforme eu lia os depoimentos, registrados com a tinta já bem fraca de uma caneta esferográfica e dando conta de que Jamie havia chutado a mãe porque não queria ir para o internato, de que rapazes adolescentes “com cara de perigosos” passavam as noites pelas margens do bosque, de que a mãe de Peter uma vez apareceu com um hematoma no rosto), e depois nunca mais me interessei. Meu desejo era investigar por mistérios insondáveis, texturas quase invisíveis, como um braille legível somente para os iniciados. Aqueles dois investigadores da Homicídios pareciam animais puros-sangues, passando por uma aldeia pequena e atrasada no meio do nada; trapezistas treinados ao extremo até atingirem o máximo da perfeição. Eles só apostavam alto e eram especialistas em sua arte.

Eu tinha consciência da crueldade do que faziam. Seres humanos são ferozes e implacáveis; a observação fria, e o ajuste delicado de um fator ou outro até que os instintos básicos de autopreservação de um homem cheguem ao limite, é selvageria em sua forma mais pura, mais refinada e mais altamente desenvolvida.

Ficamos sabendo de Cassie dias antes que viesse trabalhar conosco, provavelmente até antes de sua convocação. A boataria dentro da polícia é ridícula mas eficiente como as velhinhas fofoqueiras. A Divisão de Homicídios é pequena e a pressão para quem trabalha nela é grande. Possui somente vinte membros fixos e, sob qualquer pressão adicional (alguém que esteja saindo, alguém que esteja começando, carga demais, carga de menos), tende a fazer brotar uma ponta de histeria típica de pessoas que passam muito tempo confinadas, repleta de alianças complicadas e rumores frenéticos. Geralmente costumo procurar ficar fora dessa espiral, mas os comentários a respeito de Cassie Maddox se espalharam tanto que até eu captei.

Para começo de conversa era uma mulher, o que, por si só, já provocou um sentimento de revolta mal sublimada. Somos todos ensinados para nos horrorizar com os males da discriminação, mas ainda há um profundo ranço de nostalgia pelos anos 1950 (até mesmo entre o pessoal da minha idade; em grande parte da Irlanda, a década de 1950 só foi terminar em 1995, quando saltamos direto para a década de 1980 de Thatcher), quando se fazia um suspeito confessar, colocando tanto medo nele só de ameaçar contar para a sua mãezinha, quando os únicos estrangeiros no país eram estudantes de medicina e quando o trabalho era o único local em que o sujeito estava protegido de mulheres resmungonas. Cassie era somente a quarta mulher aceita pela Homicídios e, pelo menos no caso de uma outra, essa medida a mostrou um terrível engano (intencional, segundo alguns) que acabou entrando para a história da divisão quando a detetive arriscou a própria vida e a do parceiro ao entrar em pânico e arremessar sua arma contra a cabeça de um suspeito que se encontrava encurralado.

Além disso, Cassie tinha apenas 28 anos de idade e pouco tempo de formada na Templemore. A Homicídios é uma das unidades de elite, onde a pessoa só é aceita com menos de trinta se tiver o pai na política. Geralmente você precisa passar uns dois anos aqui e ali, ajudando em qualquer lugar onde se precise de alguém que ande para cima e para baixo, para depois ir subindo devagar, passando ainda por pelo menos mais uma ou duas outras unidades. Cassie não havia passado nem um ano na Divisão de Narcóticos. Foi inevitável que a central de fofocas já afirmasse que estaria dando para alguém importante, ou então que talvez fosse filha bastarda de alguém, ou — com um toque maior de originalidade — que tivesse flagrado alguém importante comprando droga e aquela vaga era a recompensa por não abrir o bico.

Eu não via problema algum nessa história de Cassie Maddox. Eu mesmo só estava na Homicídios havia poucos meses, mas não gostava do clima de Neandertal dos vestiários, da competição por carros e loções pós-barba e das brincadeiras sutilmente intolerantes justificadas como sendo “irônicas”, e que sempre faziam com que eu tivesse vontade de me lançar em uma explicação detalhada, comprida e arrogante sobre o que realmente é ironia. Em geral, prefiro as mulheres aos homens. Também tive complicadas inseguranças particulares em relação ao meu próprio papel na divisão. Já estava com quase 31 anos e havia passado dois anos como temporário em outras divisões e mais dois na Violência Doméstica; então minha indicação foi menos nebulosa que a de Cassie, mas às vezes eu achava que meus superiores me consideravam um bom investigador daquela mesma maneira pré-programada e imbecil com que alguns homens consideram bonita qualquer mulher que seja loira, alta e magra, mesmo que tenha cara de um peru com hipertireoidismo: porque tenho tudo para ser. Sou dono de um sotaque perfeito, estilo BBC, adotado durante o tempo em que passei no internato, como camuflagem protetora, e essa colonização toda leva algum tempo para desaparecer: muito embora os irlandeses torçam para qualquer time que enfrente a Inglaterra e eu conheça alguns pubs em que, se eu pedir uma bebida, corro o risco de ter um copo atirado em minha nuca, eles ainda consideram que qualquer inglês é mais inteligente, mais instruído e em geral mais propenso a estar certo. Além disso sou alto e tenho uma constituição física larga, pouca gordura e pernas longas, o que pode aparentar elegância se o corte do meu terno estiver na medida, e sou razoavelmente bonito de um jeito não convencional. A central de elenco da polícia sem

dúvida me considerava um bom investigador, provavelmente como aquele brilhante cavalheiro solitário que arrisca destemidamente o próprio pescoço e sempre pega o bandidão.

Não tenho praticamente nada em comum com a figura descrita, mas não sabia direito se alguém mais se dera conta disso. Às vezes, depois de passar tempo demais bebendo vodca sozinho, eu criava cenários paranoicos em que o superintendente descobria que eu era, na realidade, filho de um funcionário público de Knocknaree e me transferia para a Divisão de Direitos de Propriedade Intelectual. Cheguei à conclusão de que, com Cassie Maddox na área, era muito menos provável que alguém fosse perder tempo com suspeitas a meu respeito.

Enfim, quando ela chegou, foi, para ser sincero, meio que um anticlímax. A prodigalidade dos boatos fizera com que fantasiasse alguém típico dos seriados de TV, com pernas até aqui, cabelos de propaganda de xampu e, quem sabe, uma roupa marcando as formas. O superintendente O'Kelly apresentou-a durante uma revista das tropas em uma manhã de segunda-feira, e ela se levantou e disse alguma besteira padronizada sobre o imenso prazer que era entrar para a nossa divisão e que esperava corresponder à altura de sua fama altamente renomada. Mal chegava à altura mediana, tinha cabelos pretos cacheados e uma compleição reta e de ombros eretos, típica de um garotinho. Não fazia o meu tipo — sempre gostei das mais femininas, das meiguinhas e pequeninas, que parecem ter ossos de passarinho, a quem posso pegar no colo e rodopiar, envolvendo-as com um braço só —, mas eu via algo cativante nela: talvez sua postura, com o peso apoiado a um lado do quadril, tão ereta e natural que chegava a parecer uma ginasta. Talvez fosse apenas o mistério.

— Ouvi dizer que a família dela é de maçons e que eles ameaçaram acabar com a divisão se não a admíssemos — disse Sam O'Neill, que estava atrás de mim. Sam era um sujeito parrudo, animado e inabalável que viera de Galway. Não o via como um dos que se deixariam levar pelo tsunami de boatos.

— Ah, pelo amor de Deus! — o repreendi, mordendo a isca. Sam abriu um sorriso largo e olhou para mim, agitando a cabeça em negação, para logo depois passar por mim e sentar-se. Voltei a olhar para Cassie, que havia se sentado e colocado um dos pés na cadeira da frente, apoiando o caderno sobre a coxa.

Não estava vestida como uma detetive de homicídios. A pessoa aprende por osmose, logo que olha com mais atenção para o que é o trabalho, que o que se espera dela é que use roupas que aparentem profissionalismo, educação, um preço discretamente alto e com um mero toque de originalidade. Deixamos o contribuinte satisfeito, mostrando que o dinheiro de seus impostos está sendo bem gasto com nossos clichês. A maioria de nós compra roupa na Brown Thomas, na época das promoções, e às vezes acontece de irmos trabalhar idênticos até nos detalhes, o que nos deixa extremamente envergonhados. Até então, o indivíduo mais excêntrico admitido por nossa divisão havia sido um cretino chamado Quigley, cuja voz parecia a do Patolino com sotaque de Donegal, e que usava camisetas com slogans de impacto por baixo do terno, achando que era ousadia. Chegou uma hora em que, enfim, se deu conta de que nenhum de nós ficava chocado com aquilo, e nem sequer minimamente interessado, e pediu que sua mãezinha o levasse para fazer compras na Brown Thomas.

Naquele primeiro dia, incluí Cassie na mesma categoria. Ela usava calças de camuflagem, um casaco de moletom vinho, cujas mangas passavam dos pulsos, e tênis surrados, o que entendi como afetação: *Prestem atenção, sou moderninha demais para essas convenções de vocês*. A centelha de animosidade produzida por aquilo fez com que eu me sentisse ainda mais atraído por ela. Parte de mim sente uma atração intensa por mulheres que me incomodam.

Não notei muito a presença dela nas semanas seguintes, somente daquela maneira geral com que se nota a presença de qualquer mulher mais bonitinha quando a pessoa só vê homens à sua volta. Tom Costello, nosso veterano grisalho da casa, estava dando-lhe todas as instruções e eu investigava o caso de um sem-teto que havia sido encontrado morto a pauladas em um beco. Um pouco da fragrância inexorável e deprimente de sua vida insistia em fazer-se presente também na hora de sua morte, e era um

daqueles casos que, já desde o início, não deixam você com esperança alguma de solucioná-lo — nenhum indício, ninguém viu nada, ninguém ouviu nada, e quem quer que o tenha assassinado devia estar tão bêbado ou drogado que nem sequer se lembraria de tê-lo feito — e, por isso, minhas faíscas de novato excessivamente entusiasmado já começavam a esmorecer-se pouco a pouco. Também me colocaram para fazer parceria com Quigley, o que não estava dando certo; sua ideia de humor era reproduzir longos trechos de *Wallace & Gromit* e depois imitar a risada do Pica-Pau para mostrar que era engraçado. Com o tempo comecei a me dar conta de que não me colocaram para fazer parceria com Quigley porque ele trataria bem o novato da divisão, mas sim porque ninguém mais queria ficar com ele. Eu não tinha tempo nem muita disposição para tentar ficar mais íntimo de Cassie. Às vezes fico me perguntando quanto tempo ainda passaríamos daquela maneira. Mesmo em uma unidade pequena, sempre há aquelas pessoas com quem você nunca vai além dos cumprimentos de cabeça e dos sorrisos nos corredores, simplesmente porque nunca aconteceu de seus caminhos se cruzarem em qualquer outro lugar.

Ficamos amigos por causa da moto dela, uma Vespa 1981 creme, que, apesar de ser um clássico, me lembrava de um vira-lata feliz com traços de border collie no pedigree. Eu a chamo de “Carrinho de Golfe” para perturbar Cassie; ela chama o meu Land Rover branco e avariado de “Instrumento de Compensação”, emendando com um comentário ocasional de que tinha pena de minhas namoradas, ou de “Ecomóvel”, quando estava de mau humor. O Carrinho de Golfe escolheu um dia chuvoso de setembro, com fortes ventanias, para enguiçar na frente do trabalho. Eu saía do estacionamento quando vi uma moça baixinha, completamente encharcada, vestida com uma capa de chuva vermelha, a cara do Kenny do *South Park*, de pé ao lado de uma motonetzinha, também totalmente ensopada. Ela vociferava na direção de um ônibus que havia acabado de molhá-la por completo com a água de uma poça. Então parei o carro e perguntei pelo vidro:

— Quer uma mãozinha?

Ela olhou para mim e respondeu, gritando:

— Por que acha isso? — E então, deixando-me totalmente surpreso, começou a rir.

Durante cerca de cinco minutos, enquanto eu tentava fazer a Vespa pegar, apaixonei-me por ela. Aquela capa vermelha, grande demais para o tamanho dela, fazia com que parecesse ter uns oito anos, só faltando as botas de borracha repletas de joaninhas, e, por dentro do capuz vermelho, seus enormes olhos castanhos, com cílios pontiagudos por causa da água da chuva, davam ao rosto a aparência de um filhotinho. Minha vontade era de secá-la com todo o carinho, com uma toalha grande e macia, diante de uma lareira crepitante. Foi então que ela disse:

— Deixe comigo. Você tem que saber como girar o coisinha.

Ergui uma sobrancelha e perguntei:

— O *coisinha*? Ah, *mulheres*.

Eu me arrependi sem precisar pensar duas vezes. Nunca tive muito jeito para fazer esse tipo de gracejos e nunca se sabe, ela poderia ser uma daquelas monótonas feministas radicais, sérias e extremamente dedicadas, que iria me segurar ali na chuva e ficar me repreendendo, contando a história de Amelia Earhart. Mas Cassie lançou-me um olhar enviesado, uniu as mãos como se estivesse rezando e disse, quase sem produzir som algum, no melhor estilo Marilyn:

— Oh, sempre *sonhei* com um cavaleiro de armadura cintilante vindo para salvar a coitadinha de mim! Só que, nos meus sonhos, ele era bonito.

O que eu havia visto transformou-se com um clique, como um caleidoscópio que se agita. Parei de me apaixonar e passei a gostar imensamente dela. Olhei para aquela capa com capuz e soltei:

— Ai, meu Deus! Eles vão matar o Kenny! — Então, coloquei o Carrinho de Golfe na traseira do meu Land Rover e a levei para casa.

Ela morava em um *studio flat*, que é o nome que os senhorios dão a um conjugado com espaço para se receber só uma visita, no último andar de uma velha casa em estilo georgiano em Sandymount. A rua era silenciosa e a ampla janela de guilhotina dava vista para os telhados das outras casas e para a praia de Sandymount. Tinha estantes de madeira abarrotadas de livros velhos, um sofá vitoriano estofado com um tom turquesa virulento, um grande *futon* coberto com uma colcha de retalhos, nenhum enfeite ou pôster, e um punhado de conchas, pedrinhas e castanhas sobre o peitoril da janela.

Não me lembro de muitos detalhes daquela noite e, segundo Cassie, ela também não. Consigo me lembrar de algumas das coisas sobre as quais conversamos e de algumas poucas imagens com uma clareza intensa, mas não seria capaz de repetir quase nada do que dissemos. Isso, para mim, é muito estranho e, às vezes, mágico, associando a noite àqueles estados de fuga que, com o passar dos séculos, atribuíram ser culpa das fadas, feiticeiras e dos alienígenas, e depois dos quais ninguém volta a ser o que era antes. Só que essas bolhas perdidas do tempo costumam ser solitárias; a possibilidade de um desses momentos ser compartilhado me faz imaginar irmãos gêmeos estendendo mãos vagarosas e cegas em um ambiente sem gravidade e sem som.

Que eu fiquei para jantar, eu sei — uma refeição típica de dois estudantes, um prato de massa fresca com molho e um uísque quente, em canecas de porcelana. Lembro a hora em que Cassie abriu um enorme armário que ocupava quase toda uma parede para me dar uma toalha para que eu pudesse secar os cabelos. Alguém, possivelmente ela própria, havia instalado prateleiras dentro do móvel em alturas estranhas e incomuns, e ocupado essas prateleiras com uma variedade extraordinária de objetos: não olhei com muita atenção, mas vi panelas esmaltadas lascadas, cadernos com capas marmóreas, casacos coloridos e macios e pilhas de papel de rascunho. Parecia uma daquelas ilustrações antigas de cabanas de contos de fadas.

Eu me lembro de, por fim, perguntar:

— E então, como foi que veio parar em nossa divisão?

Como havíamos conversado sobre como ela estava se adaptando, achei que aquela pergunta seria mera casualidade, mas ela olhou para mim e abriu um sorriso malicioso, como se estivéssemos jogando damas e ela me flagrasse tentando distraí-la para que não percebesse uma jogada mal planejada.

— Pergunta isso por eu ser mulher?

— Para falar a verdade, o que estranhei foi você ser tão jovem — respondi, muito embora, obviamente, estivesse pensando nas duas coisas.

— O Costello me chamou de “filho” ontem — disse Cassie. — “Boa sorte para você, meu filho”, e depois ficou todo atrapalhado e começou a gaguejar. Acho que foi medo de que de repente eu quisesse processá-lo.

— Deve ter sido um elogio, de seu jeito muito particular — sugeri.

— Foi como eu interpretei também. Até que ele é uma pessoa muito doce. — Ela levou um cigarro à boca e abriu a mão, olhando para mim, e eu atirei meu isqueiro na direção dela.

— Ouvi dizer que você estava trabalhando disfarçada de prostituta e acabou topando com alguém de alta patente — revelei, mas ela apenas lançou o isqueiro de volta para mim e abriu um sorriso largo.

— Foi o Quigley, né? Ele me disse que você é um espião do MI6.

— Como é que é? — perguntei, indignado e caindo direto em minha própria armadilha. — Quigley é um cretino.

— Nossa, é mesmo? — ela comentou e começou a rir.

Depois eu ri também. A história do espião me deixou incomodado — se alguém acreditasse de verdade naquilo, ninguém me contaria mais nada — e alguém me tomar por inglês é uma coisa que me deixa tão enfurecido que minha raiva chega às raias da irracionalidade... mas eu até gostei da ideia absurda de me imaginar como James Bond.

— Eu sou de *Dublin* — expliquei. — Peguei o sotaque no internato que cursei na Inglaterra. E aquele caipirão lobotomizado sabe disso. — E sabia mesmo; durante minhas primeiras semanas na divisão, ele não parou de me importunar, sempre de maneira tão enfadonha, perguntando o que levava um inglês a trabalhar na polícia irlandesa, como uma criança que fica cutucando o braço do adulto e repetindo: “Por quê? Por quê? Por quê?” Irritou-me tanto que acabei abrindo um precedente em minha regra de só contar o que a outra pessoa precisa saber, e expliquei o porquê do sotaque. Pelo jeito, eu deveria ter usado palavras menos complicadas.

— O que está fazendo trabalhando com ele? — Cassie perguntou.

— Enlouquecendo aos pouquinhos — respondi.

Alguma coisa, ainda não sei bem o quê, levou Cassie a tomar uma decisão. Ela se curvou para o lado, passou a caneca para a outra mão (Cassie jura que já estávamos bebendo café àquela altura, e que eu só achei que era uísque quente porque foi o que não paramos de beber no decorrer daquele inverno, mas sei que não foi, porque me lembro muito bem das pontas cortantes de um cravo em minha língua e do vapor inebriante) e puxou a blusa que usava até pouco abaixo de seus seios. Fiquei tão assustado que levei alguns momentos para perceber que ela havia feito aquilo para me mostrar uma extensa cicatriz, ainda vermelha, saliente e cheia das marcas dos pontos, que fazia uma curva ao longo de uma de suas costelas.

— Fui esfaqueada — ela revelou.

Era tão óbvio que cheguei a ficar com vergonha de ninguém ter imaginado aquilo. Qualquer policial que se fere no cumprimento do dever podia escolher onde queria trabalhar. Suponho que tenhamos ignorado tal possibilidade porque, normalmente, todo mundo ficaria sabendo de um caso de esfaqueamento, mas ninguém nos informou de nada.

— Caramba! — exclamei. — O que houve?

— Estava trabalhando disfarçada na Universidade de Dublin — Cassie respondeu. Aquilo explicava as roupas que ela usava e a inexistência de informações. Essa turma que trabalha disfarçada leva a sério mesmo um segredo. — Foi assim que me tornei investigadora tão rápido. Estava havendo tráfico de drogas no campus da universidade e a Divisão de Narcóticos queria saber quem estava por trás, daí estavam precisando de gente que pudesse se passar por aluno. Entrei como se estivesse fazendo pós-graduação em psicologia. Já tinha estudado alguns anos psicologia em Trinity, antes de entrar para a Academia de Templemore, e sabia o que dizer, e também me passo por jovem.

Passava mesmo. Eu via em seu rosto uma ingenuidade muito peculiar que nunca havia visto em outra pessoa; sua pele parecia a de uma criança, sem poros visíveis, e seus traços — a boca larga, as maçãs do rosto altas e arredondadas, o nariz curvo, as sobrancelhas em curvas compridas — faziam com que os das outras pessoas parecessem borrados e embaçados. Até onde eu era capaz de perceber, a única maquiagem que ela usava era um batom de um vermelho bem discreto, com cheiro de canela, e que fazia com que parecesse ainda mais jovem. Poucos a considerariam bonita, mas meu gosto sempre pendeu mais para feito sob encomenda do que para as marcas registradas, e eu sentia muito mais prazer em olhar para ela do que para qualquer uma daquelas lourças peitudas e clonadas que as revistas diziam que eu deveria desejar.

— E o seu disfarce foi descoberto?

— Não — ela respondeu, indignada. — Eu descobri quem era o cabeça da operação, um riquinho descerebrado de Blackrock, aluno de administração, é claro, e passei meses ficando amiga dele, rindo das piadas horríveis que ele fazia, revisando seus trabalhos... Daí sugeri que eu poderia vender para as meninas, que poderiam não ficar tão nervosas se comprassem droga de outra mulher, não é mesmo? Ele gostou da ideia, tudo corria às mil maravilhas e comecei a jogar umas indiretas, dizendo que talvez fosse mais simples se eu mesma fosse pegar com o fornecedor, em vez de usá-lo como intermediário. Só que, nessa época, o traficantezinho de uma figa andava cheirando um pouquinho demais de seu próprio pó; isso foi em maio, as provas dele estavam chegando. Ele entrou em paranoia, achou que eu estava tentando

tomar o controle do negócio dele e me esfaqueou. — Ela deu um gole na bebida. — Mas não conte para o Quigley. A operação ainda está em andamento, eu não deveria nem estar falando dela. Deixe o filho da mãe se iludir.

Não deixei transparecer, mas fiquei incrivelmente impressionado. Não só com o esfaqueamento (final, eu repetia para mim mesmo, não era como se ela tivesse feito alguma coisa impressionantemente corajosa ou inteligente; somente não havia conseguido esquivar-se com a rapidez necessária), mas com a ideia repleta de mistério e adrenalina de se trabalhar disfarçado e com a absoluta tranquilidade com que ela contou a história. Depois de ter me esforçado bastante para aperfeiçoar um ar de indiferença reconfortante, sei reconhecer quando vejo um genuíno tom casual.

— Caramba! — repeti. — Aposto que ele levou umas porradas quando o prenderam. — Nunca bati em um suspeito. Não vejo necessidade, basta fazê-los achar que você vai bater. Mas tem gente que bate, e qualquer um que esfaqueia um policial está propenso a ganhar umas marquinhas roxas no caminho até a delegacia.

Ela olhou para mim e ergueu uma das sobrancelhas, achando graça.

— Não levou, não. Isso teria estragado toda a operação. Precisamos dele para chegar ao fornecedor; simplesmente começaram tudo de novo com outro agente disfarçado.

— Mas não quer vê-lo sofrer? — perguntei, frustrado com a calma que ela exibia e por ver que eu próprio estava sendo ingênuo demais. — Ele a *esfaqueou*.

Cassie deu de ombros.

— No fim das contas, se você for parar para pensar, ele tinha razão: eu estava mesmo só fingindo ser amiga dele para prejudicá-lo. E ele era um traficante viciado. Traficantes viciados aprontam dessas mesmo.

Depois disso, minha memória volta a ficar nebulosa. Só sei que, decidido a impressioná-la e por nunca ter sido esfaqueado ou me envolvido em um tiroteio ou em nada assim, contei a ela uma história comprida e repleta de divagações, em que quase tudo era verdade, sobre o dia em que consegui dissuadir um sujeito que ameaçava saltar do telhado de um edifício com seu bebê, quando eu ainda trabalhava na Divisão de Violência Doméstica (para ser sincero, acho que eu deveria estar um pouquinho bêbado: mais um motivo para eu ter tanta certeza de que o que estávamos bebendo era o uísque). Lembro-me de uma conversa empolgante a respeito de Dylan Thomas, acho eu, e de Cassie ajoelhando-se sobre o sofá e gesticulando. Seu cigarro queimava até o fim, esquecido no cinzeiro. Nós nos provocávamos inteligentemente, mas ainda Tateando, como crianças tímidas e cuidadosas. Sem dar muito na vista, após cada resposta tínhamos cuidado de não desrespeitar nenhum limite ou magoar um ao outro. À luz do fogo, escutávamos Cowboy Junkies, e Cassie acompanhava cantando a uma meia-voz melodiosa e grave.

— A droga que você recebia do traficantezinho — perguntei, pouco depois. — Você vendia mesmo para as alunas?

Cassie levantou-se para colocar a chaleira no fogo.

— Às vezes — ela respondeu.

— Não ficou incomodada?

— Tudo no trabalho de agente disfarçada me incomodava muito — disse Cassie. — Tudo mesmo.

Quando chegamos ao trabalho no dia seguinte, já éramos amigos. Foi, na verdade, simples assim: plantamos sementes sem pensar e, quando acordamos, vimos o nosso broto de feijão bastante particular. Na hora do intervalo, nos entreolhamos e fiz um gesto como se fumasse um cigarro. Nós fomos lá para fora e ficamos sentados, de pernas cruzadas, cada um em uma ponta do banco, como suportes para livros. Ao fim do expediente, ela esperou por mim, reclamando com o nada sobre o quanto eu demorava para me arrumar para ir embora. (“Parece que estou saindo com a Sarah Jessica Parker. Não se esqueça do seu

delineador de lábios, meu amor, não vamos querer fazer o chofer voltar para buscá-lo.”) E sugeriu “Cerva?” enquanto descíamos a escada. Não consigo explicar a alquimia que converteu uma noite no equivalente a anos vividos ligeiramente em comum. A única forma que encontro para tentar descrever é que nos demos conta, com tanta certeza que nem sequer chegamos a nos surpreender, de que falávamos a mesma língua.

Assim que ela terminou de aprender tudo o que precisava saber sobre o trabalho com Costello, nos tornamos parceiros. O’Kelly resistiu um pouco — não gostava da ideia de dois novatos que haviam acabado de entrar para a divisão trabalhando juntos e, além disso, também teria que encontrar outra coisa para fazer com Quigley —, mas eu havia, por pura sorte e não por ter chegado a uma conclusão sagaz, encontrado uma pessoa que tinha escutado alguém se gabar de ter assassinado o tal sem-teto, e estava com um pouco de crédito com O’Kelly, e daí aproveitei para usufruir de todas as vantagens que aquilo me concedia. Ele nos deixou avisados de que nos daria somente os casos mais simples e os que considerasse insolúveis.

— Nada que exija uma investigação de verdade.

E nós concordamos humildemente, sem fazer qualquer objeção, e voltamos a agradecer, cientes de que os assassinos não são lá tão prestativos para garantir que os casos mais complexos surjam em intervalos tão rigorosamente predeterminados. Cassie trouxe as coisas dela para a mesa que ficava ao lado da minha, e Costello teve que ficar com Quigley. Por causa disso, passou semanas nos lançando olhadelas melancólicas e repreensivas, como um labrador martirizado.

No decorrer dos dois anos seguintes, creio que criamos uma boa reputação na divisão. Prendemos o suspeito do espancamento no beco e passamos seis horas a interrogá-lo — apesar de que, se apagarem da fita todas as vezes em que ele falou “ah, mas que merda, cara”, duvido de que sobre material para mais de quarenta minutos — até que ele confessou. Era um drogado que se chamava Wayne (“Wayne”, falei para Cassie, quando fomos buscar um refrigerante para ele e depois ficamos observando enquanto ele estourava suas espinhas olhando no espelho transparente da sala. “Por que os pais não tatuaram logo ‘Ninguém da minha família concluiu o ensino médio’ na testa dele quando nasceu?”) e tinha espancado o sem-teto, que era conhecido como Eddie Barbudo, por ter roubado seu cobertor. Depois de assinar a confissão, Wayne perguntou se poderíamos devolver-lhe o cobertor. Respondemos que o nosso setor de vestuário cuidaria do caso, fomos para a casa de Cassie com uma garrafa de champanhe e passamos a noite inteira acordados, conversando até as seis da manhã. No dia seguinte chegamos atrasados ao trabalho, encabulados, e continuávamos rindo um pouquinho demais.

Passamos pelo previsível processo em que Quigley e alguns dos outros ficavam me perguntando se estávamos transando e, caso estivéssemos mesmo, se ela fazia de tudo; quando se deram conta de que não estávamos, passaram a especular sobre a provável homossexualidade dela (sempre considerei Cassie bastante feminina, mas entendia que, para um certo tipo de mentalidade, seu corte de cabelo, a ausência de maquiagem e a calça de veludo *côtelé* comprada no departamento masculino poderiam levar as pessoas a imaginá-la dona de tendências homossexuais). Chegou uma hora em que Cassie se cansou daquela história toda e deu um fim nela ao aparecer na festa de Natal da divisão com um vestido tomara que caia curto e preto de veludo e um jogador de rúgbi bonitão, forte como um touro, chamado Gerry. Era, na verdade, seu primo de segundo grau e feliz em seu casamento. Ele sentia uma necessidade enorme de proteger Cassie e não tinha objeção alguma em passar uma noite inteira olhando fixa e ardorosamente para ela se fosse para melhorar as coisas em sua carreira.

Depois disso os boatos desapareceram e os outros meio que nos deixaram em paz, o que estava bom para nós dois. Ao contrário do que parece, Cassie não é uma pessoa particularmente sociável, e eu tampouco; é animada, pensa rápido na hora de provocar os outros e sabe conversar com qualquer um,

mas, tendo opção, preferia a minha companhia à de um grupo numeroso. Eu dormia bastante no sofá da casa dela. A quantidade de casos que solucionávamos era boa e crescia a cada dia; O’Kelly deixou de ameaçar nos separar sempre que atrasávamos alguma papelada. Fomos ao tribunal para ver Wayne ser condenado por homicídio culposo. (“Ah, mas que merda, cara.”) Sam O’Neill desenhou uma caricatura primorosa de nós dois como se fôssemos Mulder e Scully do *Arquivo X* (guardei-a em algum lugar) e Cassie colou-a do lado de seu computador, perto de um adesivo que trazia escrito: “Policial ruim não ganha donuts!”

Pensando bem agora, acho que Cassie apareceu na hora certa para mim. A visão deslumbrada e irresistível que eu tinha da Divisão de Homicídios, típica de quem está de fora, não incluía coisas como Quigley, fofocas ou interrogatórios intermináveis de viciados com vocabulário de no máximo seis palavras e voz de broca de dentista. Eu havia imaginado uma forma de existência intensa e elevada, com todas as mesquinhas e insignificâncias reduzidas a cinzas, por uma disposição que chegaria a produzir faíscas de tão explosiva, mas a realidade me deixou desnorteado e decepcionado como uma criança que abre um presente de Natal brilhoso por fora, só para encontrar dentro um par de meias de lã. Se não fosse por Cassie, acho que eu provavelmente acabaria me transformando naquele investigador do *Law and Order*, o que tem úlcera e vê conspirações governamentais em tudo.

Pegamos o caso Devlin em uma manhã de quarta-feira em agosto. Eram, segundo minhas anotações, 11:48 da manhã, a hora em que todo mundo sai para tomar café. Cassie e eu jogávamos Worms no meu computador.

— Ha! — Cassie exclamou, aproximando uma de suas minhocas da minha aos saltos, pegando um bastão de beisebol e dando-lhe uma pancada tão forte que fez com que minha minhoca rolasse pelo despenhadeiro. Ela se chamava Willy e gritou para mim “Ai, seu filhinho da mamãe” enquanto desabava no mar.

— Eu permiti que fizesse isso — falei para ela.

— É claro que sim — Cassie respondeu. — Nenhum homem de verdade apanharia de uma menininha. Até a minhoquinha sabe: só mesmo um molenga covardão sem testosterona nenhuma poderia...

— Felizmente tenho bastante segurança de minha masculinidade para não me sentir remotamente ameaçado por...

— Shh — Cassie me deteve, virando meu rosto de volta para o monitor. — Bom garoto. Fique quieto aí e jogue com a sua minhoca. Deus sabe que ninguém mais o fará.

— Acho que vou pedir transferência para algum lugar tranquilo e pacato, como a Divisão de Sequestros — brinquei.

— Quem trabalha lá precisa pensar e reagir rapidamente, meu amor — Cassie respondeu. — Se você leva meia hora para resolver o que vai fazer com uma minhoca imaginária, ninguém vai querer deixá-lo tomando conta dos reféns.

Naquele momento, O’Kelly irrompeu pela divisão perguntando “Cadê todo mundo?” e Cassie mudou de tela rapidamente; ela havia colocado em uma de suas minhocas o nome de “Okélia” e sempre a colocava, propositadamente, em situações desesperadoras só para vê-la ir pelos ares sob a ação de algum carneiro explosivo.

— Pausa — falei.

— Um bando de arqueólogos encontrou um corpo. Quem vai nessa?

— Nós — disse Cassie, apoiando o pé em minha cadeira para deslizar de volta à sua mesa.

— Por que nós? — perguntei. — O patologista não pode cuidar do caso?

A lei obriga os arqueólogos a chamarem a polícia sempre que encontram restos humanos a menos de três metros da superfície. É para o caso de algum gênio ter a brilhante ideia de ocultar um homicídio enterrando um cadáver em um cemitério do século XIV, rezando para que o considerem como sendo daquela época. Acho que, para eles, qualquer um que tenha a iniciativa de cavar além dessa medida sem ser flagrado merece um pouco de tolerância por pura dedicação. A força policial convencional e os patologistas são convocados com bastante frequência, quando a sedimentação e a erosão levam um esqueleto próximo à superfície, só que isso não costuma ser mais que uma simples formalidade; é relativamente simples distinguir restos recentes de antigos. Investigadores são convocados apenas em circunstâncias excepcionais, normalmente quando alguma turfeira preservou tão perfeitamente a carne e os ossos que o corpo ainda apresenta toda a urgência gritante de um cadáver fresco.

— Desta vez, não — O’Kelly respondeu. — É recente. Uma jovem. Tem toda a pinta de ter sido homicídio. A polícia local pediu que fôssemos até lá. Aconteceu não muito longe, em Knocknaree, o que significa que não vão precisar ficar por lá.

Uma coisa estranha aconteceu com a minha respiração. Cassie parou de guardar coisas dentro da mochila e senti quando seus olhos se viraram em minha direção por uma fração de segundo.

— Chefe, lamento mas não podemos assumir outra investigação de homicídio no momento. Estamos bem no meio do caso McLoughlin e...

— Não achou ruim quando pensou que seria apenas uma tarde de folga, Maddox — O’Kelly protestou. Ele não gosta de Cassie por uma série de motivos estarrecidamente previsíveis: por ser mulher, por usar as roupas que usa, por sua idade, por seu histórico semi-heroico, e a previsibilidade disso a deixa muito mais incomodada do que só o fato de ele não gostar dela. — Se teriam tempo para passar um dia na roça, quer dizer que têm tempo para uma investigação séria de um homicídio. A perícia já está indo para lá. — E foi embora.

— Ai, mas que merda — Cassie reclamou. — Que merda de babaca. Me desculpe, Ryan. É que não achei que...

— Tudo bem, Cass — falei. Uma das melhores qualidades de Cassie é saber quando tem que calar a boca e deixar você em paz. Seria sua vez de dirigir, mas ela escolheu a minha viatura preferida sem identificação policial, um Saab 98 que é um sonho de se manobrar, e atirou a chave em minha direção. Dentro do carro, resgatou o estojo de CDs de dentro da mochila e me entregou; quem dirige escolhe a música, mas eu quase sempre me esqueço de levar CDs. Escolhi o primeiro que me pareceu ter um baixo pesado e coloquei bem alto.

Eu não ia a Knocknaree desde aquele verão. Fui mandado para o internato poucas semanas depois do dia em que Jamie teria ido, mas não para o mesmo colégio; acabei indo para um em Wiltshire, na Inglaterra, o mais distante que o dinheiro de meus pais conseguiu me mandar, e, quando voltei para passar o Natal, já morávamos em Leixlip, que fica do outro lado de Dublin. Quando chegamos à via expressa, Cassie teve que pesquisar no mapa para encontrar a saída e depois nos guiar por estradinhas secundárias, todas esburacadas e com as margens cheias de mato e sebes crescidas descontroladamente que roçavam nos vidros do carro.

É óbvio que sempre desejei conseguir me lembrar do que aconteceu naquele bosque. As pouquíssimas pessoas que sabem de toda a história de Knocknaree invariavelmente sugerem, mais cedo ou mais tarde, que eu deveria experimentar fazer uma regressão hipnótica, mas por algum motivo considero a ideia desagradável. Desconfio de qualquer coisa em que eu sinta algum cheiro de New Age; não devido às práticas em si, que, até onde consigo perceber, olhando de uma distância segura, podem muito bem ter um significado, mas por causa de seus adeptos, que sempre me parecem ser do tipo que encurralam os outros nas festas para explicar como se descobriram sobreviventes e merecem ser felizes. Fico pensando que vou acordar do estado hipnótico com aquele olhar vidrado de uma iluminação digna de quem está satisfeito consigo mesmo, parecendo um adolescente de dezessete anos que acaba de descobrir Kerouac e começa a tentar converter os outros pelos bares.

O sítio Knocknaree ficava em uma encosta pouco acentuada de uma colina. Agora, no lugar, só havia terra exposta, depois de virada e revirada por indecifráveis rabiscos arqueológicos — trincheiras, formigueiros gigantes de terra, cabines modulares, fragmentos espalhados de muros de pedra brutas como se fossem contornos de algum labirinto lunático — que davam ao lugar uma aparência surreal e pós-nuclear. Era limitado de um lado por uma barreira densa de vegetação e, do outro, por um muro que ia das árvores até a estrada, por sobre o qual eram visíveis belas empenas. Próximo ao topo da encosta, perto do muro, o pessoal da perícia estava todo aglomerado em torno de alguma coisa cercada pelo cordão de isolamento. É provável que eu conheça cada um deles, mas o contexto os traduzia — macacões brancos, mãos ocupadas calçando luvas, instrumentos frágeis e inomináveis — em algo estranho, sinistro, e com possível ligação com a CIA. Os pouquíssimos objetos identificáveis pareciam ter a solidez

reconfortante das ilustrações de livro: um chalé humilde e caído bem próximo da rua, à frente do qual se espreguiçava um cão pastor preto e branco e uma torre de pedra coberta de hera que se agitava como água ao sabor de uma brisa. Uma luz bruxuleava no trecho escuro de um rio que corria de um lado ao outro de um dos cantos do campo.

Solas de tênis afundando na terra da margem, sombras de folhas refletindo na camiseta vermelha, varas de pescar feitas de galhos e barbantes, estapeando mosquitos: Olha o barulho! Assim vai espantar os peixes!

O campo situava-se no local em que ficava o bosque há vinte anos. A fileira de árvores foi a única coisa que restou. A casa em que morei era uma das que ficavam além do muro.

Eu não esperava por aquilo. Nunca vejo noticiários da Irlanda; sempre acaba me deixando com enxaqueca ver os mesmos políticos, com olhos de sociopatas, vociferando um ruído branco incompreensível que parece a algaravia de um disco de 33 tocando em 45 rotações. Atenho-me às notícias dos outros países, pois o distanciamento me oferece uma simplificação suficiente para a reconfortante ilusão de que há, ao menos, alguma diferença entre seus vários protagonistas. Tinha chegado ao meu conhecimento, por remota osmose, que havia um sítio arqueológico em algum lugar de Knocknaree, o que chegou até a provocar alguma polêmica, só que não procurei saber de nenhum detalhe, tampouco do local exato. Não era uma coisa que eu estivesse esperando.

Estacionei no acostamento da estrada, do lado oposto do aglomerado de cabines modulares, entre o furgão do necrotério e um Mercury grande e preto — Cooper, o patologista oficial. Deixamos o veículo e parei para verificar minha arma: limpa, carregada e travada. Eu uso um coldre axilar; fico sem jeito se a deixo em qualquer lugar mais óbvio, sinto como se estivesse exibindo a arma. Cassie não está nem aí para isso, ela acha que, quando se é jovem, mulher e com 1,65m de altura, um pouquinho de autoridade ostensiva não é ruim. Por isso, usa o coldre na cintura mesmo. Quase sempre essa discrepância funciona a nosso favor: os outros não sabem com quem se preocupam mais, se com a moçoila armada ou com o grandão aparentemente desarmado, e a distração provocada por essa indecisão os deixa em desvantagem.

Cassie apoiou-se no carro e resgatou o maço de cigarros de dentro da mochila.

— Quer?

— Não, obrigado — eu disse, dando mais uma verificada em meu colete: apertei as alças e procurei ter certeza de que nenhuma estivesse torcida. Sentia meus dedos inchados e disformes, como se não fizessem parte de meu corpo. Não queria que Cassie me lembrasse de que, quem quer que tenha sido a garota, e onde quer que tenha sido assassinada, era improvável que o assassino estivesse escondendo-se atrás de uma daquelas cabines e precisando ser “convencido” a se entregar sob a mira de uma arma. Ela inclinou a cabeça para trás e soprou a fumaça na direção dos galhos acima de nós. Era um típico dia de verão irlandês, irritantemente calmo, com o sol a pino, nuvens passando e uma brisa cortante, pronto para transformar-se, a qualquer segundo e sem esforço algum, em um dia de chuva torrencial, ou de um sol fulgurante, ou nas duas coisas.

— Anda — falei. — Vamos cumprir o nosso papel. — Cassie apagou o cigarro na sola do sapato, guardou a guimba dentro do maço e nos dirigimos para o outro lado da estrada.

Um senhor de meia-idade com um blusão esfiado vagava por entre as cabines com um jeitão de quem estava perdido. Ele se empertigou todo ao nos ver.

— Detetives — disse ele. — Vocês devem ser os detetives, não é mesmo? Dr. Hunt... ou melhor, Ian Hunt. Sou o coordenador do sítio arqueológico. Por onde gostariam de... bem, o escritório ou o corpo ou... não sei direito como se fazem... estes protocolos, estas coisas assim. — Era uma daquelas pessoas cuja mente começa, na mesma hora, a transformar em uma caricatura: basta desenhar as asas, um bico e pronto. Lá está o professor Yaffle do *Bagpuss*.

— Eu sou a detetive Maddox e este é o detetive Ryan — Cassie nos apresentou. — Se estiver de acordo, dr. Hunt, talvez um dos seus colegas possa levar o detetive Ryan para dar uma olhada no sítio

enquanto o senhor me leva para ver os restos do corpo.

Cretina, foi o que pensei. Fiquei nervoso e perplexo ao mesmo tempo, como se tivesse enchido a cara e depois tentasse ficar sóbrio exagerando no café; a luz, refletida nos fragmentos de mica sobre o solo sulcado, parecia por demais brilhante, traiçoeira e febril. Eu não estava nem um pouco a fim de ser protegido, mas uma das regras veladas de minha parceria com Cassie dizia que, pelo menos em público, um não contradiz o outro. Às vezes um dos dois tira vantagem disso.

— Hmm.. está bem — disse Hunt, piscando para nós por trás dos óculos. De alguma forma ele me passava a impressão de estar sempre deixando cair alguma coisa, blocos de anotações, lenços de papel que pareciam mastigados, pastilhas para garganta apenas parcialmente embrulhadas, embora não tivesse nada nas mãos. — Sim, é claro. Estão todos... bom, normalmente Mark e Damien é que costumam levar os outros para verem as escavações, mas é que o Damien.. Mark! — ele gritou na direção da porta de uma das cabines provisórias que estava aberta, e eu vi de relance um monte de gente reunida ao redor de uma mesa sem nada em cima: fardas do exército, sanduíches e canecas soltando fumaça e torrões de terra pelo chão. Um dos homens jogou uma mão de cartas sobre a mesa e começou a desvencilhar-se das cadeiras de plástico.

— Alertei a todos para que ficassem aqui dentro — Hunt comentou. — Não sabia direito... as provas. Pegadas e... fibras.

— Fez bem, dr. Hunt — Cassie elogiou. — Vamos tentar liberar logo o local para que os senhores possam voltar ao trabalho o mais rápido possível.

— Só nos restaram mais algumas semanas — disse o homem baixo e magro parado à porta da cabine. Sua compleição parecia a de uma criança usando um blusão pesado, mas vestia camiseta, uma calça de camuflagem enlameada e botas de cano alto. Por sob as mangas, seus músculos exibiam contornos salientes intrincados, como os de um peso-pena.

— Então é melhor andar logo com isso e mostrar tudo ao meu colega — Cassie aconselhou.

— Mark — Hunt chamou. — Mark, o detetive quer ver o sítio. Você já sabe, a excursão de sempre.

Mark dedicou mais alguns instantes a examinar Cassie e cumprimentou-a com um gesto de cabeça; pelo jeito, foi aprovada em alguma espécie de teste particular. Depois foi a minha vez. Mark deveria ter vinte e tantos anos, ostentava um rabo de cavalo comprido e tinha um rosto estreito e malicioso, com olhos bastante intensos e extremamente verdes. Homens como ele — cujo único interesse é obviamente o que pensam dos outros, não o que os outros pensam deles — sempre fizeram com que eu me sentisse violentamente inseguro. Eles têm uma espécie de certeza giroscópica que faz com que eu me sinta estabonado, artificial, hesitante, no lugar errado e com as roupas erradas.

— É melhor calçar botas de borracha — ele aconselhou depois de lançar uma olhadela sarcástica na direção de meus sapatos: CQD. Seu sotaque tinha uma rispidez forte, característica das áreas da fronteira entre a Inglaterra e a Escócia. — Há sobressalentes no galpão de ferramentas.

— Não será necessário — recusei. Eu tinha consciência de que em escavações arqueológicas havia trincheiras onde meus pés afundariam na lama, mas não estava nem um pouco disposto a passar a manhã toda andando atrás daquele sujeito com a calça do meu terno arrastando-se de maneira ridícula pela lama e ainda calçando botas de borracha que alguém dispensou. Eu queria alguma coisa, uma xícara de chá, um cigarro, qualquer coisa que me desse uma desculpa para ficar sentado, parado, durante cinco minutos para resolver como fazer aquilo.

Mark ergueu uma de suas sobrancelhas.

— Como quiser. É por aqui.

Ele seguiu por entre as cabines sem procurar ver se eu o acompanhava. Cassie, inesperadamente, olhou para mim e abriu um sorriso malicioso enquanto eu seguia o homem — um sorriso brincalhão de *Te peguei!* que fez com que eu me sentisse um pouquinho melhor. Em retribuição, olhei para ela e cocei a bochecha com o dedo do meio.

Mark me guiou pelas escavações por um caminho estreito entre aterros misteriosos e amontoados de pedras. Seu andar parecia o de um mestre em artes marciais ou de um caçador clandestino, passos compridos, tranquilos e equilibrados.

— Vala de drenagem medieval — disse ele, indicando. Um casal de corvos voou em disparada, saindo de um carrinho de mão abandonado e cheio de terra, e quando viu que éramos inofensivos, voltou a revolver a terra às bicadas. — E aquilo ali é um assentamento do período neolítico. Esta área tem sido habitada mais ou menos sem qualquer interrupção desde a Idade da Pedra. E continua sendo. Está vendo aquele chalé? É do século XVIII. É um dos locais onde foi planejada a rebelião de 1798. — Ele deu uma olhadela, por sobre o ombro, em minha direção, e eu senti um impulso absurdo de explicar o meu sotaque e de informá-lo não só de que eu era irlandês, como também de que havia sido criado logo ali depois da esquina. — O sujeito que mora lá hoje em dia é descendente do cara que o construiu.

Havíamos chegado à torre de pedra que ficava bem no meio do terreno. Espaços deixados para que os arqueiros pudessem lançar suas flechas sem ficar expostos exibiam-se pelos vazios em meio às trepadeiras, e uma parte de um muro quebrado tombava em direção ao chão em um dos lados. Aquilo me era vagamente familiar, o que me deixava frustrado, pois não conseguia definir se era porque eu me lembrava de verdade daquilo ou porque tinha consciência de que deveria.

Mark tirou um pacote de fumo do bolso da calça e começou a enrolar um cigarro. A base dos dedos de suas mãos era coberta de fita-crepe.

— O clã dos Walsh construiu esta fortaleza no século XIV e mais um castelo durante os duzentos anos seguintes — ele disse. — Isto aqui era tudo território deles, desde aquelas colinas lá — ele indicou o horizonte com a cabeça, onde se viam as colinas altas e sobrepostas, cobertas de árvores escuras — até uma curva no rio, lá embaixo, depois daquela casa de fazenda cinza. Eram rebeldes e atacavam de surpresa. No século XVII, entravam cavalgando por Dublin, percorriam todo o longo caminho até o quartel britânico em Rathmines, roubavam algumas armas, arrebentavam a cabeça de qualquer soldado que aparecesse pela frente e davam no pé. Até que os ingleses se organizassem para ir atrás deles, já estavam na metade do caminho de volta para cá.

Ele era a pessoa certa para contar aquela história. Cheguei a ouvir cascos de cavalos, chamadas de archotes, risadas perigosas e a pulsação crescente de tambores de guerra. Olhei por cima de seu ombro e vi Cassie perto do cordão de isolamento, conversando com Cooper e fazendo anotações.

— Detesto interrompê-lo — falei —, mas infelizmente não vou ter tempo para todo o circuito turístico. Preciso só de uma visão geral básica do sítio.

Mark lambeu a seda do cigarro, fechou-o e pegou um isqueiro.

— Como quiser — ele disse, para logo depois começar a indicar, apontando. — Assentamento do período neolítico, pedra cerimonial da Idade do Bronze, galpão da Idade do Ferro, moradias vikings, fortaleza do século XIV, castelo do século XVI e chalé do século XVIII. — Cassie e o pessoal da perícia estavam na “pedra cerimonial da Idade do Bronze”.

— O local tem segurança à noite?

Ele riu.

— Que nada! Deixamos trancado o galpão de achados arqueológicos, é óbvio, e o escritório, mas tudo o que é de valor de verdade vai direto para o escritório central na mesma hora. E começamos a trancar o galpão onde guardamos as ferramentas há uns dois meses, já que algumas haviam começado a sumir, e descobrimos que os fazendeiros vinham usando nossas mangueiras para molhar seus campos quando o clima estava seco. É isso. Para que colocar segurança? Dentro de um mês já não vai ter mais nada de qualquer maneira. Só isto aqui é que vai ficar. — Ele deu um tapinha na parede da torre; alguma coisa moveu-se a passos rápidos pelas trepadeiras acima de nossas cabeças.

— Por quê? — perguntei.

Ele ficou me olhando fixamente com um impressionante fastio de incredulidade.

— Dentro de um mês — ele falou, pronunciando cada palavra claramente para mim — a merda do governo vai terraplenar tudo isto aqui para passar uma porra de uma rodovia por cima. Com muita benevolência, concordaram em deixar uma merda de um gramado entre as pistas para colocar uma pedra comemorativa para a fortaleza, para que possam se gabar do esforço que fizeram para preservar nossa herança.

Então eu me lembrei da história da rodovia que vi em algum noticiário da TV: um político imperturbável declarando-se chocado com os arqueólogos que queriam que se gastassem milhões dos contribuintes para refazer o projeto da estrada. Nessa hora eu devo ter trocado de canal.

— Tentaremos não os atrasar por muito tempo — eu disse. — Aquele cão ali do chalé... ele late quando alguém vem até aqui?

Mark deu de ombros e voltou ao seu cigarro.

— Não para nós, mas ele já nos conhece. Damos restos de comida para ele, essas coisas. Acho que talvez ele possa latir se a pessoa se aproximar demais do chalé, sobretudo à noite, mas talvez não, se a pessoa estiver próxima do muro. Fora do território dele.

— E quanto aos carros? Ele late quando passa algum carro?

— Ele latiu quando você chegou com o seu? É um cão pastor, não é um cão de guarda. — Ele lançou um fio estreito de fumaça por entre os dentes.

Então o assassino poderia ter chegado ao sítio vindo de qualquer direção: pela estrada, pela área habitada e inclusive pelo rio, se gostasse de dificultar as coisas.

— Por enquanto não preciso de mais nada — falei. — Agradeço que tenha gastado seu tempo comigo. Se quiser esperar lá com os outros, falaremos com vocês daqui a pouco.

— Não pise em nada que pareça arqueológico — Mark pediu e afastou-se de volta às cabines. Eu subi a encosta para ir até onde estava o corpo.

A pedra cerimonial da Idade do Bronze era um bloco plano e compacto, com uns dois metros de comprimento por um de largura e um de altura, que havia sido separado de uma pedra grande e inteiriça. O terreno à volta havia sido grosseiramente terraplenado — não devia ter muito tempo, a julgar pela maneira com que o chão cedia sob os meus sapatos —; contudo, deixaram intocado um trecho ao redor da pedra para que ela ficasse em uma posição ilustre, como uma ilha em meio à terra revirada. Sobre ela, alguma coisa brilhava em azul e branco entre as urtigas e o mato alto.

Não era Jamie. Eu já sabia mais ou menos disso — se houvesse a mínima chance de que pudesse ser, Cassie já teria vindo me contar — mas ainda assim foi uma coisa que me deixou perplexo. Essa menina tinha cabelos escuros e compridos e uma trança que lhe atravessava o rosto. Não notei mais nada, a princípio, além dos cabelos escuros. Nem sequer me ocorreu que o corpo de Jamie não estaria naquele estado.

Eu tinha notado a ausência de Cooper: ele estava andando cuidadosamente pelas escavações, rumo à estrada, e chacoalhava o pé a cada passo, como um gato. Um perito tirava fotos e outro procurava impressões digitais sobre a mesa; um grupo de guardinhas da polícia local, impacientes, papeava com o pessoal do necrotério perto da padiola deles. Vários marcadores triangulares numerados estavam espalhados pelo gramado. Cassie e Sophie Miller estavam agachadas ao lado da mesa de pedra, olhando alguma coisa em sua beira. Logo vi que era Sophie; sua postura ereta se destaca sob o macacão anônimo. Sophie é a minha perita predileta de cenas de crime. É magra, morena e séria e, quando usa a touca branca, parece que deveria estar curvando-se sobre macas de soldados feridos ao som de tiros de canhão ao fundo, murmurando alguma coisa reconfortante e oferecendo goles d'água de um cantil. Na verdade ela é rápida e impaciente, capaz de colocar qualquer um em seu lugar, de superintendentes a promotores, com poucas palavras incisivas. Eu gosto de um contrassenso.

— Por que lado? — perguntei, parado no cordão de isolamento. Só se anda na cena do crime quando o pessoal da perícia permite.

— Oi, Rob — Sophie gritou, erguendo-se e baixando a máscara. — Espere aí.

Cassie chegou antes.

— Só está morta há um dia ou dois — ela disse baixinho, antes que Sophie chegasse. Parecia um pouco pálida; crianças mortas costumam nos deixar assim.

— Obrigado, Cass — agradei. — Oi, Sophie.

— Oi, Rob. Vocês dois ainda me devem um drinque. — Tínhamos prometido pagar um drinque se ela conseguisse que o laboratório analisasse rapidamente uma amostras de sangue para nós alguns meses antes. Desde então, todos vínhamos dizendo frequentemente que tínhamos que nos encontrar para cumprir a promessa, mas nunca chegamos a fazê-lo.

— Consiga que analisem esta para nós e pagaremos também o seu jantar — falei. — O que temos em mãos?

— Mulher branca, entre dez e treze anos — disse Cassie. — Sem identificação. Tem uma chave no bolso que parece ser de residência, mas nada mais. Teve afundamento de crânio, mas Cooper encontrou sinais de hemorragia e também possíveis marcas de estrangulamento no pescoço feitas com uma corda ou fio, não com as mãos; então, só mesmo esperando a divulgação dos resultados dos exames para sabermos a causa da morte. Está totalmente vestida, mas parece ter sido estuprada. Tem muita coisa estranha nesta história, Rob. Cooper disse que já está morta há cerca de 36 horas, mas não houve praticamente nenhuma ação de insetos, e não vejo possibilidade de os arqueólogos não a terem notado se ela tivesse passado ontem o dia inteiro ali.

— Ela não foi morta aqui?

— De jeito algum — disse Sophie. — Não há respingos na rocha nem sequer uma gota de sangue do ferimento em sua cabeça. O assassinato se deu em algum outro lugar, daí a pessoa ainda deve ter ficado com ela por mais ou menos um dia e depois a desovou.

— E deu para encontrar alguma coisa?

— Bastante — ela respondeu. — Demais até. Parece que a garotada da área se reúne por aqui. Guimbas de cigarro, latas de cerveja, de Coca-Cola, chicletes e restos de três baseados. Dois preservativos utilizados. Quando encontrarem algum suspeito, o laboratório poderá tentar ligá-lo a todas essas coisas, o que será um pesadelo, mas, para ser sincera, para mim, é só o lixo normal que um grupo de adolescentes deixa para trás. Há pegadas por todo o lugar. Um grampo de cabelo. Para mim, não era dela, estava profundamente enterrado na base da pedra e parecia já estar lá há bastante tempo, mas é melhor nos certificarmos. Não parece ser de uma adolescente; é todo feito de plástico e tem um moranguinho, também de plástico, na ponta. Geralmente se vê esse tipo de grampo nos cabelos de crianças pequenas.

mechas alouradas soltas

Senti o meu corpo bambear para trás; tive que me obrigar a parar enquanto tentava me equilibrar. Escutei Cassie dizer rapidamente, de algum lugar do outro lado de Sophie:

— Não deve ser dela. Está usando só azul e branco em tudo, até no elástico dos cabelos. Logo se vê que se preocupava com essas coisas, mas vamos levar em consideração.

— Está tudo bem com você? — Sophie me perguntou.

— Está — respondi. — Só estou precisando de um café. — O bom da nova moda dos expressos duplos em Dublin é que se pode atribuir qualquer sensação estranha à abstinência de café. Isso nunca funcionava na era do chá, pelo menos não no mesmo nível de credibilidade popular.

— Vou dar a ele de presente de aniversário um kit para injetar cafeína direto na veia — Cassie brincou. Ela também gosta de Sophie. — Ele fica ainda mais inútil sem sua dose diária. Conte a ele da pedra.

— Pois é, encontramos duas coisas bastante interessantes — disse Sophie. — Uma pedra mais ou menos deste tamanho — ela simulou com as mãos um tamanho de cerca de uns vinte centímetros de

largura —, que tenho quase certeza de que é uma das armas do crime. Estava na grama, perto do muro. De um dos lados, estava coberta de cabelos, sangue e fragmentos de ossos.

— Alguma impressão digital? — perguntei.

— Não. Uns dois borrões, mas parecem ter sido feitos com luvas. Duas coisas interessantes: a primeira é a localização da pedra perto do muro; pode significar que ele pulou o muro, vindo de uma das casas, embora também possa ser o que quis que acreditássemos; a segunda é o fato de ter se dado ao trabalho de livrar-se dela. Poderia ter simplesmente lavado e jogado em seu jardim em vez de carregá-la junto com o corpo.

— Mas será que já não poderia estar lá no meio da grama? — perguntei. — Ele pode ter deitado o corpo sobre a pedra, antes de passá-lo por sobre o muro.

— Não acho que tenha acontecido assim — Sophie discordou. Ela estava impaciente, tentando levar-me na direção da mesa de pedra; queria voltar ao trabalho. Eu olhei para o outro lado. Não sou de enjoar quando preciso lidar com cadáveres e tinha quase certeza de que já havia visto algum ainda pior que aquele, um garoto de menos de três anos, no ano anterior, cujo pai chutou tanto que praticamente o quebrou ao meio, mas ainda assim me sentia estranho e zozzo, como se meus olhos não quisessem focalizar com clareza suficiente para que eu não internalizasse a imagem. *Talvez eu esteja mesmo precisando de café*, imaginei. — A parte suja de sangue estava para baixo. E a grama sob ela está fresca, ainda viva; a pedra não estava ali por muito tempo.

— Além do fato de que a menina já não estava mais sangrando quando foi trazida para cá — disse Cassie.

— Ah, sim. Tem mais coisa interessante — Sophie se lembrou. — Venha ver.

Concordei com o inevitável e me abaixei para passar pelo cordão de isolamento. Os outros peritos ergueram os olhares e afastaram-se da pedra para nos deixar passar. Os dois eram muito jovens, não deviam ser mais que estagiários, e subitamente fiquei imaginando como deviam nos ver: como mais velhos, mais reservados, muito mais confiantes nas pequenas artes e negociações da idade adulta... Era uma coisa que me deixava, de certa maneira, mais seguro, a imagem de dois investigadores da Divisão de Homicídios, com suas expressões experientes e sem deixar transparecer coisa alguma, caminhando de ombros colados e na mesma passada rumo à criança morta.

Estava deitada, virada para o lado do corpo, como se tivesse caído no sono em um sofá sob os murmúrios pacíficos de conversas de adultos. O braço esquerdo estava estendido por sobre a extremidade da rocha; o direito, caído sobre o peito, e a mão, dobrada de uma forma desagradável de se ver. Vestia uma calça larga azul-acinzentada, do tipo que tem etiquetas e zíperes em pontos peculiares, uma camiseta branca com estampas floridas e tênis brancos. Cassie tinha razão, a menina teve trabalho para se arrumar: a trança grossa que lhe caía por sobre o rosto estava presa por um elástico azul de seda. A criança era pequena e bem frágil, mas, por uma perna franzida da calça, dava para ver a panturrilha tesa e musculosa. Entre dez e treze anos, era mais ou menos aquilo mesmo: seus seios ainda estavam no início da formação e mal chegavam a marcar as dobras da camiseta. Havia sangue coagulado no nariz, na boca e nas extremidades dos dentes da frente. O vento desmanchava os delicados cachos de seu couro cabeludo.

As mãos estavam envoltas em sacos plásticos transparentes presos aos pulsos.

— Pelo jeito ela ofereceu resistência — Sophie disse. — Está com algumas unhas quebradas. Na minha opinião, não vai dar para encontrar sob as outras nada que consiga nos revelar o DNA do assassino, parecem bem limpas, mas é provável que consigamos descobrir fibras e vestígios nas roupas dela.

Por um momento, tive o impulso de deixá-la ali, afastar as mãos do pessoal da perícia e gritar com os homens do necrotério para que fossem embora. Já havíamos abusado demais dela. A única coisa que lhe sobrara havia sido sua morte, e meu desejo era que ela ficasse com aquilo, pelo menos com aquilo.

Minha vontade era envolvê-la com um cobertor macio, acariciar-lhe os cabelos embaraçados e cobri-la com um tapete de folhas caídas e ruídos de pequenos animais. Deixá-la em paz para que pudesse repousar, descendo eternamente com a corrente de seu secreto rio subterrâneo, enquanto o vento da estação espalhasse sementes de dente-de-leão, fases da lua e flocos de neve por sobre sua cabeça. Ela lutava pela sua vida...

— Tenho uma camiseta igual à dela — Cassie disse baixinho, perto de meu ombro. — É da seção infantil da J. C. Penney. — Eu já a havia visto com ela e sabia que não voltaria a usá-la. Profanada, aquela inocência ficava vasta e definitiva demais para permitir qualquer pretensão irônica de afinidade.

— O que eu queria mesmo lhe mostrar é isto aqui — Sophie disse animadamente. Ela não gosta de sentimentalismo ou de piadas macabras em cenas de crime. Acha que são um desperdício de tempo que deveria ser gasto nos esforços para tentar solucionar o maldito crime, mas o que pensa na verdade é que estratégias de fuga são atitudes de gente fraca. Ela apontou para o canto da pedra. — Quer luvas?

— Não vou tocar em nada — respondi, para logo depois agachar-me no gramado. Daquele ângulo dava para ver que um dos olhos da menina estava só um pouquinho aberto, como se estivesse apenas fingindo dormir, somente aguardando o momento para saltar e berrar: *Buuu! Enganei vocês!* Um besouro preto e reluzente traçava um caminho metódico pelo braço da garota.

Um sulco da largura de um dedo havia sido esculpido na mesa de pedra, a uns cinco centímetros da extremidade. O tempo e as intempéries o haviam deixado menos evidente, quase liso, mas em um determinado ponto o formão improvisado de quem o fez havia escorregado, arrancando um pedaço grosso do lado do sulco e deixando uma saliência pequena e recortada. Uma mancha de alguma coisa escura, quase negra, estava grudada por baixo.

— Foi a Helen aqui que notou — disse Sophie. A menina da perícia ergueu ligeiramente o olhar e abriu um sorriso com um orgulho tímido. — Nós retiramos uma amostra e vimos que é sangue. Avisaremos vocês quando descobirmos se é ou não humano. Mas duvido de que tenha alguma coisa a ver com o nosso corpo; o sangue dela já havia secado quando foi trazida para cá e, de qualquer maneira, aposto que isso já está aí há anos. Pode ser de algum animal, ou também de alguma briga de adolescentes ou qualquer outra coisa, mas ainda assim não deixa de ser interessante.

Pensei na delicada cavidade do pulso de Jamie e na nuca bronzeada de Peter que ficava orlada de branco depois que ele cortava os cabelos. Percebi que Cassie não estava olhando para mim.

— Não vejo como possa ter ligação com o caso — eu disse, me levantando. Foi difícil me equilibrar nos calcanhares sem usar a mesa como apoio e senti tudo girar por um instante.

Antes de deixarmos o sítio, e dei uma volta completa no alto da encosta, gravando na mente uma visão ampla do local: trincheiras, casas, campos, passagens, esquinas e nivelamentos. Acompanhando o muro que separava as casas do local das escavações, uma fileira esparsa de árvores foi deixada intocada, provavelmente para proteger a sensibilidade estética dos moradores da visão inflexivelmente arqueológica. Uma delas tinha um pedaço pendurado de uma corda azul de plástico que havia sido fortemente amarrada em volta de um galho bem alto. Estava todo esfiapado e desbotado, e sugeria um sinistro passado gótico — linchamentos, suicídios à meia-noite —, mas eu sabia que era só o que havia restado de um balanço de pneu.

Embora eu tivesse passado a pensar em Knocknaree como se houvesse acontecido com algum desconhecido, uma parte de mim permaneceu ali durante todo aquele tempo. Enquanto fazia meus garranchos em Templemore ou me espreguiçava no *futon* de Cassie, aquele menino incansável nunca deixou de se balançar alucinadamente no pneu, de pular com dificuldade o muro atrás da cabeça reluzente de Peter e de desaparecer bosque adentro em um lampejo de risadas e pernas bronzeadas.

Houve uma época em que acreditei, junto com a polícia, a imprensa, e meus atordoados pais, que eu era a criança remida, o garoto que havia sido conduzido em segurança de volta à sua casa na vazante de alguma maré monstruosa que levou Peter e Jamie embora. Mas não era mais assim. De formas tenebrosas e cruciais demais para serem chamadas de metafóricas, eu nunca deixei aquele bosque.

3

Não costumo contar a ninguém o que aconteceu em Knocknaree. Não vejo motivo; serviria apenas para suscitar infinitas perguntas despidoras sobre minhas lembranças inexistentes ou especulações solidárias e enganosas sobre a minha saúde mental, e não tenho vontade alguma de ouvir nenhuma das duas coisas. Quem sabe da história são meus pais, obviamente, além de Cassie, um amigo meu da época do internato chamado Charlie — que agora é dono de um banco mercantil em Londres; ainda mantemos contato, às vezes — e uma garota, Gemma, com quem passei um tempo saindo nos meus dezenove anos (passávamos grande parte do nosso tempo juntos, exagerando no álcool; além do mais, ela era daquele tipo de mulher intensamente angustiada, e eu achei que a história fosse fazer com que ela me achasse interessante); mais ninguém.

Quando fui para o internato, não quis mais saber do Adam e passei a usar o meu nome do meio. Não me lembro direito se foi ideia minha ou dos meus pais, mas achei muito boa. Só na lista telefônica de Dublin são cinco páginas de “Ryans”, mas Adam não é um nome tão comum, e a repercussão que o caso alcançou foi uma coisa impressionante (até mesmo na Inglaterra: eu costumava examinar com muito cuidado, às escondidas, os jornais que deveria usar para acender a lareira da sala dos monitores, rasgava a notícia que achasse relevante e memorizava depois no banheiro antes de jogá-la na privada e puxar a descarga). Mais cedo ou mais tarde alguém teria ligado uma coisa à outra. Do jeito como ficou, é extremamente improvável que alguém associe o investigador Rob e seu sotaque inglês ao pequeno Adam Ryan de Knocknaree.

É claro que eu tinha consciência de que deveria contar tudo para O’Kelly, agora que investigava um caso que parecia talvez estar ligado ao que aconteceu comigo, mas francamente não cheguei a considerar fazê-lo sequer por um segundo. Se contasse, eu seria retirado do caso — é primordial que não se coloque alguém para trabalhar em uma investigação com a qual possa ter qualquer ligação emocional — e provavelmente teria que responder a tudo de novo sobre o que aconteceu naquele dia no bosque. Além disso, eu não via como isso poderia ser benéfico tanto para a resolução do caso quanto para a comunidade em geral. Ainda permanecem nitidamente comigo as incômodas lembranças de quando fui interrogado pela primeira vez: vozes masculinas ásperas dissimulando frustração com lamentações lânguidas nos meus ouvidos, enquanto, em minha mente, nuvens brancas flutuavam infinitamente à deriva pela imensidão de um céu azul e o vento suspirava através de uma enorme vastidão de grama. Era só o que me era possível ver ou escutar nas primeiras duas semanas subsequentes. Não me lembro de sentir coisa alguma em relação a isso na época, mas hoje compreendo que era horrível. Minha mente, completamente vazia como um canal fora do ar e que, sempre que os investigadores retornavam e tentavam novamente, voltava à tona devido a algum processo de associação, infiltrando-se pelas profundezas do meu cérebro, me apavorando e fazendo com que eu passasse a responder a tudo rispidamente, de cara feia e sem intenção alguma de cooperar com ninguém. E mesmo assim eles não deixavam de tentar — a princípio, em intervalos de alguns meses, durante as férias escolares, e depois uma vez por ano ou quase isso —, mas eu nunca tinha nada de novo para lhes contar, quando concluí o colégio, eles, enfim, pararam de me importunar. Para mim aquilo fora uma decisão formidável e não passava pela minha cabeça agora que voltar atrás pudesse ter a mínima serventia.

E creio que, para ser sincero, era agradável tanto para o meu ego quanto para o meu senso do pitoresco a ideia de passar a investigação levando comigo, de modo insuspeito, aquele segredo estranho

e pesado. Creio que senti na época que era o tipo de coisa que o enigmático cavalheiro solidário teria feito.

Liguei para a Delegacia de Pessoas Desaparecidas e quase imediatamente recebi uma possível identificação: Katharine Devlin, de doze anos, 1,45m de altura, magra, cabelos compridos e escuros, olhos castanhos. Deram queixa de seu desaparecimento do número 29 da rua Knocknaree Grove (subitamente me lembrei de que todas as ruas do local tinham Knocknaree, no nome... era comum a correspondência dos moradores ser extraviada) às 10:15 da manhã anterior, quando a mãe foi acordá-la e viu que havia desaparecido. Já se considera que uma criança de doze anos ou mais tenha idade suficiente para fugir de casa, e ela, aparentemente, havia deixado a residência por iniciativa própria; por isso a Delegacia de Pessoas Desaparecidas resolveu esperar mais um dia antes de mandar as tropas para o campo de batalha. A notificação para a imprensa já estava pronta para ser enviada à mídia a tempo de entrar no telejornal do início da noite.

Fiquei imensamente aliviado por ter alguma identificação, mesmo que suposta. Era óbvio que eu sabia que uma garotinha — sobretudo uma garotinha saudável e bem-vestida em um lugar pequeno como a Irlanda — não pode aparecer morta sem que alguém surja procurando por ela; só que algumas coisas relativas ao caso estavam me deixando nervoso, e acho que o meu lado supersticioso tinha acreditado que aquela criança permaneceria anônima, como se houvesse surgido do nada, e que seu DNA acabaria por ser o mesmo do sangue encontrado em meus tênis, além de uma variedade de outras coisas dignas de um episódio de *Arquivo X*. Fomos buscar uma fotografia do corpo com Sophie — de uma polaroide, tirada do ângulo menos perturbador possível, para mostrar à família — e voltamos às cabines dos arqueólogos.

Hunt surgiu de surpresa de dentro de uma delas no momento em que nos aproximávamos, como se fosse um bonequinho em um antigo relógio suíço.

— Vocês... quer dizer, sem dúvida é um homicídio, não é mesmo? Coitadinha da criança! Que coisa horrível!

— Ainda estamos tratando como suspeita de homicídio — eu disse. — O que precisamos agora é dar uma palavrinha rápida com a equipe do senhor. Depois gostaríamos de conversar com quem encontrou o corpo. Os outros já podem voltar ao trabalho, contanto que não ultrapassem os limites da cena do crime. Depois conversamos com eles.

— Como é que... tem alguma coisa que ilustre onde... por onde eles não podem passar? Uma fita ou algo assim?

— Nós colocamos fitas para indicar a cena do crime — expliquei. — Se não a ultrapassarem, não haverá problema.

— Vamos precisar solicitar ao senhor que nos empreste algum lugar que possamos usar como escritório aqui no local — Cassie pediu — pelo resto do dia de hoje e possivelmente por um pouco mais de tempo. Onde ficaria melhor?

— É melhor vocês usem o galpão onde ficam os achados arqueológicos — opinou Mark, materializando-se do nada. — Do nosso escritório nós vamos precisar, e todos os outros lugares estão parecendo uma sopa. — Eu ainda não havia entendido a analogia, mas a visão pelas portas da cabine, camadas de lama recortadas por pegadas de botas, bancos baixos e em péssimo estado de conservação, pilhas oscilantes de utensílios agrícolas, bicicletas e coletes amarelos fluorescentes que faziam com que eu me lembrasse, com constrangimento, de meu início de carreira na polícia, forneceu uma explicação satisfatória.

— Só precisa ter uma mesa e algumas cadeiras que já está bom — respondi.

— O galpão dos achados — Mark falou, apontando na direção de uma das cabines.

— O que houve com Damien? — Cassie perguntou a Hunt.

Ele piscou os olhos desconsolado, com a boca aberta em uma caricatura de surpresa.

— O que... que Damien?

— O Damien da sua equipe. O senhor chegou a dizer mais cedo que Mark e Damien é que costumam levar os visitantes para ver as escavações, mas que Damien não poderia mostrar o local ao detetive Ryan. Por quê?

— Damien foi um dos que encontraram o corpo — Mark respondeu enquanto Hunt tentava acompanhar. — Ficaram chocados.

— Damien de quê? — Cassie perguntou, escrevendo.

— Donnelly — Hunt disse com satisfação, afinal uma coisa que sabia responder com segurança. — Damien Donnelly.

— E ele estava com alguém quando encontrou o corpo?

— Com Mel Jackson — disse Mark. — Melanie.

— Vamos conversar com eles — sugeri.

Os arqueólogos permaneciam sentados ao redor da mesa em sua cantina provisória. Devia haver uns quinze ou vinte deles; seus rostos viraram-se na direção da porta, atentos e sincronizados como os de filhotes de pássaros, quando entramos. Eram todos jovens, com vinte e poucos anos, e pareciam ainda mais jovens com suas roupas de estudantes no estilo *grunge* e uma inocência planejada para ficar ao ar livre, ao sabor dos ventos, que, embora eu tivesse certeza de que era ilusória, me lembrava dos moradores de *kibutz* e dos Waltons. As moças não usavam maquiagem e arrumavam os cabelos em tranças ou rabos de cavalo por praticidade, independentemente de se iriam ficar bonitos ou não; os homens tinham a barba por fazer e a pele descascada por exposição excessiva ao sol. Um deles, com um rosto de capeta e usando um boné de lã, havia ficado entediado e tinha começado a derreter coisas sobre a superfície de um CD quebrado com a chama de um isqueiro. O resultado (moedas e colheres tortas, papel celofane de maço de cigarro derretido, alguns cacos) era surpreendentemente agradável, uma das manifestações menos desanimadas de arte urbana moderna. Em um dos cantos havia um micro-ondas manchado de comida e um lado meu, pequeno e malcomportado, quis sugerir que ele colocasse o CD lá dentro para ver o que acontece.

Cassie e eu começamos a falar ao mesmo tempo, mas fui eu que prossegui. Oficialmente ela era a investigadora principal, já que foi quem disse que aceitaríamos o caso; embora nunca tenhamos trabalhado com essa perspectiva, e o resto da divisão já houvesse se acostumado a ver “M & R” rabiscado no campo de “investigador principal” no quadro dos casos, senti uma necessidade repentina e obstinada de deixar claro que eu era tão capaz de liderar aquela investigação quanto ela.

— Bom-dia — falei, e a maioria deles resmungou alguma coisa.

O Garotão Escultor falou alto e alegremente:

— Boa-tarde! — O que, tecnicamente, já era, e eu fiquei tentando descobrir qual das moças ele queria impressionar.

— Sou o detetive Ryan e esta aqui é a detetive Maddox. Como já é do conhecimento de vocês, o corpo de uma garotinha foi encontrado neste local hoje cedo.

Um dos rapazes bufou ruidosamente. Estava em um dos cantos, imprensado de forma protetora entre duas moças, e segurava com as duas mãos uma grande caneca fumegante; tinha curtos cachos castanhos e um rosto meigo, franco e sardento. Tive quase certeza de que era Damien Donnelly. Os outros pareciam controlados (menos o Garotão Escultor), não traumatizados, mas o rosto dele estava branco sob as sardas e ele apertava a caneca com força exagerada.

— Vamos precisar conversar com todos vocês — avisei. — Por favor, não deixem o local até que isso tenha sido feito. Pode ser que demore um pouco até que terminemos de falar com todos; portanto, peço que façam a gentileza de ser pacientes conosco se precisarmos que fiquem até um pouco mais tarde.

— Nós somos... assim.. suspeitos? — perguntou o Garotão Escultor.

— Não — respondi. — Mas precisamos descobrir se podem nos dar alguma informação relevante.

— Ahh! — disse ele, decepcionado e inclinando-se para trás em sua cadeira. Ele começou a derreter um pedaço de chocolate no CD, percebeu o olhar de Cassie e guardou o isqueiro. Senti inveja dele: sempre quis ser um daqueles caras que enfrentam qualquer coisa, quanto mais horrenda melhor, como uma aventura alucinante.

— Tem mais uma coisa — continuei. — É bem provável que a imprensa comece a chegar a qualquer minuto. Não falem com eles. É sério. Contar qualquer coisa, por mais insignificante que pareça, pode prejudicar toda a nossa investigação. Vamos deixar nossos cartões com vocês, caso se lembrem de alguma coisa que achem bom que saibamos. Alguém tem alguma pergunta?

— E se nos oferecerem.. tipo... milhões? — o Garotão Escultor quis saber.

O galpão de achados era menos impressionante do que eu esperava. Mesmo com Mark tendo ressaltado que não ficavam ali as coisas mais valiosas, acho que acabei criando uma imagem mental com taças de ouro, esqueletos e moedas antigas. Em vez disso havia só duas cadeiras, uma mesa ampla repleta de folhas de papel para desenho e uma quantidade incrível do que pareciam ser utensílios quebrados de cerâmica enfiados dentro de sacos plásticos e colocados em estantes de metal.

— Achados — disse Hunt, batendo nas prateleiras com uma das mãos. — Acho que... bom, não, talvez outra hora. Temos ótimos cabides de parede para pendurar roupas.

— Adoraríamos vê-los outro dia, dr. Hunt — falei. — Será que o senhor pode nos dar cerca de dez minutos e depois mandar Damien Donnelly vir conversar conosco?

— Damien — disse Hunt, para logo depois retirar-se.

Cassie fechou a porta depois que ele saiu.

— Como é possível esse cara ser responsável por um sítio arqueológico? — eu disse, começando a tirar os desenhos de cima da mesa: belos e delicados esboços de uma moeda antiga feitos a lápis, de vários ângulos diferentes. A moeda em si, entortada para um dos lados e malhada de terra, estava depositada no meio da mesa dentro de um saco plástico. Encontrei espaço para os desenhos em cima de um arquivo.

— Só por ter contratado um sujeito como o tal do Mark — disse Cassie. — Aposto que ele é uma pessoa bastante organizada. Qual era a história do grampo de cabelo?

Arrumei minuciosamente as folhas dos desenhos.

— Acho que Jamie Rowan estava usando um que combinava com a descrição.

— Ah — disse ela. — Logo vi. Esse detalhe está no relatório do caso, é uma coisa de que você sabe, ou simplesmente se lembrou disso?

— Que diferença faz? — A frase saiu com um tom mais arrogante do que eu pretendia.

— Bom, se existe alguma conexão, não podemos mantê-la em segredo — Cassie comentou de maneira sensata. — Só para dar um exemplo, teremos que pedir a Sophie que compare aquele sangue com as amostras de 1984 e teremos que dizer o motivo. Tudo fica muito mais simples de se explicar caso a conexão esteja bem ali no relatório.

— Tenho quase certeza de que está — respondi. A mesa pendeu para um dos lados; Cassie pegou uma folha em branco e dobrou-a para usá-la como calço sob o pé da mesa. — Voltarei a verificar à noite. Não diga nada por enquanto se for falar com Sophie, está bem?

— Claro — Cassie concordou. — Se não estiver no relatório, a gente encontra outro jeito. — Ela voltou a testar a mesa; melhorou. — Rob, esta investigação tem algum problema para você?

Não respondi. Pela janela eu via o pessoal do necrotério colocando o corpo em um saco plástico e Sophie apontando e gesticulando. Eles mal precisaram usar de muita força para erguer a padiola; parecia

quase não ter peso conforme a levavam embora na direção do furgão que os esperava. O vento sacudiu o vidro bem à frente de meu rosto e eu dei as costas. Minha vontade era de gritar, violenta e subitamente “Calem a boca, porra!” ou “Este caso que vá à merda, estou fora” ou algo do tipo, alguma coisa precipitada, irracional e dramática. Só que Cassie estava apoiada na mesa, aguardando e olhando para mim com seus olhos castanhos e sóbrios, e eu sempre soube me segurar como ninguém. Era um dom meu preferir sempre o anticlímax ao irrevogável.

— Está tudo bem comigo — respondi. — Peço só para que me dê um chute se eu ficar mal-humorado.

— Com prazer — Cassie concordou e olhou para mim com um largo sorriso no rosto. — Pelo amor de Deus, olha só quanta coisa... espero que tenhamos a oportunidade de dar uma olhada legal nisto aqui. Meu sonho de infância era ser arqueóloga, já lhe contei isso?

— Só um milhão de vezes — lembrei.

— Que bom que você tem a memória de um peixinho-dourado, então, não é mesmo? Quando criança, eu fazia escavações no jardim do quintal, mas a única coisa que encontrei foi um patinho de porcelana com o bico quebrado.

— Pelo jeito, eu é que deveria ter feito escavações no quintal — comentei. Em circunstâncias normais, eu teria feito algum comentário dizendo que o prejuízo da força policial foi um benefício para a arqueologia, mas ainda estava me sentindo nervoso e perturbado demais para entrar em qualquer nível decente de troca de provocações; eu só iria acabar conseguindo falar do jeito errado. — Talvez hoje eu fosse dono da maior coleção particular do mundo de pedaços de cerâmica.

— Ah, que mulher resistiria a uma declaração dessas? — Cassie falou, para logo depois resgatar seu caderno.

Damien chegou meio sem jeito, segurando com uma das mãos uma cadeira de plástico. A outra ainda segurava sua caneca de chá.

— Eu trouxe isto aqui... — ele falou, usando a caneca para indicar, de modo incerto, a cadeira que trazia consigo e as duas em que eu e Cassie estávamos sentados. — O dr. Hunt me disse que vocês querem falar comigo.

— Pois é — Cassie confirmou. — Eu diria para você puxar uma cadeira, mas, pelo visto, já o fez.

Ele demorou um instante; então deu uma risadinha, dando-se ao trabalho de verificar em nossos rostos se não haveria problema. Ele se sentou, fez um movimento como se fosse colocar a caneca sobre a mesa, mudou de ideia e a manteve em seu colo. Depois, ergueu o olhar, fitando-nos com grandes e obedientes olhos azuis. Definitivamente quem cuidaria dele seria Cassie. Era bem o tipo que estava acostumado a ser paparicado por mulheres; já estava meio têmulos, e ser interrogado por um homem provavelmente o faria entrar em um estado em que nunca conseguiríamos tirar nada de útil dele. Discretamente puxei uma caneta.

— Escute — Cassie falou com um tom reconfortante —, sei que passou por um situação horrível. Não precisa ter pressa, mas nos conte em detalhes de como se deu a descoberta, está bem? Comece com o que estava fazendo hoje de manhã, antes de ir até a pedra.

Damien respirou fundo e lambeu os lábios.

— Estávamos... er... estávamos trabalhando na vala de drenagem medieval. Mark quis ver se daria para descermos um pouco além do limite que estávamos usando para as escavações. É que agora já estamos meio que na fase de juntar as pontas soltas, porque o final das escavações já está se aproximando...

— Quando começaram? — Cassie perguntou.

— Há uns dois anos, mas eu só entrei em junho. Ainda estou na faculdade.

— Eu já quis ser arqueóloga — Cassie contou a ele, e eu lhe dei um cutucão no pé, sob a mesa; ela pisou no meu. — Como andam os trabalhos?

O rosto de Damien ganhou luz; ele fez uma expressão quase de deslumbramento de tanto prazer, a não ser que sua expressão de sempre já fosse de deslumbramento.

— Estão incríveis! Fico muito satisfeito por ter participado.

— Que inveja! — Cassie exclamou. — Será que eles aceitam voluntários, assim, só por uma semana?

— Maddox — falei com a voz abafada —, será que não dá para deixar para depois essa discussão sobre a sua mudança de carreira?

— Des-cul-pa — Cassie disse, rolando os olhos e abrindo um largo sorriso na direção de Damien. Ele retribuiu o sorriso, dando sequência à cumplicidade com Cassie. Eu estava começando a sentir uma antipatia confusa e injustificável por ele. Logo vi exatamente por que Hunt o havia designado para as excursões ao sítio, o rapaz era um sonho de relações públicas, com seus olhos azuis e seu acanhamento, mas nunca fui com a cara de homens desamparados e encantadores. Acho que é a mesma reação que Cassie tem em relação àquelas mulheres facilmente impressionáveis, que fazem voz de neném e que os homens sempre querem proteger: uma mistura de aversão, cinismo e inveja. — Está bem. Então, vocês foram até a pedra e...

— Tínhamos que retirar todo o mato e a terra que estavam ao redor dela — disse Damien. — O resto daquele trecho foi terraplenado semana passada, mas eles deixaram intocado um pedaço pequeno em volta da pedra, já que não queríamos arriscar que a escavadeira a atingisse. Então, depois da pausa para o chá, Mark pediu que eu e Mel fôssemos até lá para recolher tudo enquanto os outros cuidavam da vala de drenagem.

— E a que horas foi isso?

— A pausa para o chá acaba às onze e quinze.

— E depois...?

Ele engoliu em seco e depois tomou um gole de sua caneca. Cassie inclinou-se para a frente, como se para incentivá-lo, e ficou esperando.

— Nós... Deu para ver que tinha alguma coisa sobre a pedra. Achei que fosse um colete ou alguma coisa assim, como se alguém o tivesse esquecido ali, sabe? Eu disse... eu disse: “O que é aquilo?” Daí nos aproximamos e... — Ele abaixou o olhar e passou a fitar o interior da caneca. As mãos haviam voltado a tremer. — Era uma pessoa. Achei que pudesse estar, desmaiada ou alguma coisa assim, daí sacudi, sacudi o braço dela e... senti-a estranha. Gelada e rija. Depois abaixei a cabeça para ver se estava respirando, mas não estava. Havia sangue nela, eu vi sangue. No rosto dela. Foi quando me dei conta de que estava morta. — Ele voltou a engolir em seco.

— Você está indo muito bem — disse Cassie, de forma muito amável. — O que fizeram depois?

— Mel exclamou “Ai, meu Deus!” ou algo parecido, e voltamos correndo para contar ao dr. Hunt. Ele mandou que fôssemos todos para a cantina.

— Está certo, Damien, vou precisar que você pense com bastante cuidado — Cassie pediu. — Viu qualquer coisa que tenha parecido estranha hoje ou nos últimos dias? Alguém diferente andando por aí, ou alguma coisa que tenha lhe parecido esquisita?

Ele ficou olhando fixamente para o nada, com os lábios ligeiramente abertos, e tomou mais um gole de seu chá.

— Talvez não interesse a vocês...

— Qualquer coisa pode servir — Cassie disse. — Por menor que seja.

— Está bem — Damien assentiu com expressão séria. — É que na segunda-feira eu esperava o ônibus para ir para casa, lá perto da entrada, e vi um sujeito descer pela estrada e entrar na área residencial. Nem sei por que o notei, eu só... ele meio que olhou em volta antes de entrar, como se quisesse se certificar de que ninguém estava vendo ou algo assim.

— E a que horas foi isso? — Cassie perguntou.

— O expediente termina às cinco e meia, então talvez tenha sido às vinte para as seis. Isto foi a outra coisa que achei estranha. Quer dizer, por aqui não tem lugar nenhum a que se possa ir sem carro, só um armazém e o pub, e o armazém fecha às cinco. Por isso fiquei imaginando de onde ele poderia ter saído.

— Como era o cara?

— Meio alto, devia ter mais de um metro e oitenta. Parecia já ter passado dos trinta. Gordo. Acho que era careca. Usava um agasalho azul-escuro.

— Acha que conseguiria fornecer informações suficientes ao desenhista da polícia para fazermos um retrato falado dele?

Damien piscou rápido e fez cara de assustado.

— Er... Não consegui vê-lo tão bem assim. Quer dizer, ele veio descendo a estrada pelo outro lado da entrada para as residências. Eu não estava olhando para aquele lado. Não acho que vá conseguir me lembrar.

— Tudo bem — Cassie respondeu. — Não se preocupe, Damien. Se vier a achar que talvez possa nos dar mais detalhes, me avise, está bem? Enquanto isso, cuide-se.

Pegamos o endereço e o número do telefone de Damien, lhe demos um cartão (minha vontade era dar-lhe também um pirulito, por ter sido um rapazinho tão corajoso, mas isso não faz parte do procedimento padrão do departamento) e o mandamos de volta para onde estavam os outros, depois de pedir que dissesse a Melanie Jackson para vir nos ver.

— Doçura de rapaz — falei justamente o contrário do que eu pensava para testar Cassie.

— Pois é — Cassie concordou friamente. — Se algum dia eu quiser um bichinho de estimação, vou considerar a possibilidade.

Mel foi de muito mais utilidade que Damien. Era uma escocesa alta e magra, com braços bronzeados musculosos e cabelos aloirados, presos em um rabo de cavalo todo desalinhado. Sentava-se como um homem, com os pés plantados firmemente distantes um do outro.

— Pode ser que já saibam disso, mas ela morava por daqui — ela disse logo que chegou. — Ou pelo menos perto daqui.

— Como sabe? — perguntei.

— A criançada da área aparece às vezes no sítio. Eles não têm muito o que fazer durante o verão. Vêm querendo saber se encontramos tesouros enterrados ou esqueletos. Eu a tinha visto algumas vezes.

— Quando foi a última?

— Talvez há umas duas ou três semanas.

— Ela veio acompanhada?

Mel deu de ombros.

— De ninguém em especial. Veio com um monte de outros garotos, eu acho.

Gostei da Mel. Estava abalada, mas recusava-se a deixar isso transparecer; mexia impacientemente em um elástico, com o qual formava figuras entre os dedos calejados. A história que ela nos contou foi basicamente a mesma que a de Damien, mas com ela precisamos de muito menos paparicação para obter as informações.

— Quando acabou a hora do chá, Mark pediu que eu fosse limpar a área ao redor da pedra cerimonial para que conseguíssemos ver a base. Damien quis ir comigo. Não costumamos trabalhar sozinhos, é entediante. Enquanto ainda subíamos a encosta, vimos que havia alguma coisa azul e branca sobre a pedra. Damien perguntou “O que é aquilo?” e eu disse que talvez fosse o colete de alguém que o houvesse esquecido. Quando nos aproximamos mais um pouco, percebi que era uma criança. Damien sacudiu o braço dela e verificou se estava respirando, mas estava na cara que já havia morrido. Eu nunca

havia visto um cadáver, mas... — Ela mordeu a parte de dentro da bochecha e agitou a cabeça para os lados. — É mentira, não é, quando dizem “Ah, ele parecia estar só dormindo”? É tão evidente.

Pensamos tão pouco na mortalidade nos dias de hoje, exceto para lutar histericamente contra ela com formas modernas de exercício, cereais com alta concentração de fibras e adesivos de nicotina. Lembrei-me da rigorosa determinação vitoriana de se pensar sempre na morte e nos dizeres inexoráveis das lápides: *Lembra, peregrino, conforme passas; O que és agora, eu também já fui; O que sou agora, tu um dia serás...* Hoje em dia a morte está fora de moda. Para mim, a característica que mais define a nossa era é o movimento. Tudo é feito com base na pesquisa de mercado, de acordo com especificações precisas; estamos tão acostumados com as coisas transformando-se no que quer que gostaríamos que fossem que consideramos um profundo ultraje quando damos de cara com a morte, inflexível, estática, imutável. O cadáver deixou Mel Jackson muito mais chocada do que deixaria a virgem puritana mais recatada.

— Acha possível que vocês tenham deixado de notar o corpo caso estivesse sobre a pedra ontem? — perguntei.

Mel ergueu o olhar, espantada.

— Ah, droga... está dizendo que ela estava ali o tempo todo em que... — Então ela balançou a cabeça em negação. — Não. O Mark e o dr. Hunt percorreram todo o local das escavações ontem à tarde para discriminar o que precisava ser feito. Eles teriam visto aquilo... ela. Só nos passou despercebido hoje de manhã porque estávamos todos na parte de baixo das escavações, no final da vala de drenagem. Devido à inclinação da encosta, não nos foi possível ver a parte de cima da pedra.

Mel não chegou a ver ninguém ou nada fora do comum, tampouco o sujeito estranho que Damien havia visto.

— De qualquer jeito não teria como eu vê-lo. Eu não vou de ônibus. A maioria dos que não são de Dublin está morando em uma casa que eles alugaram para nós a alguns quilômetros daqui, descendo a estrada. O Mark e o dr. Hunt têm carro e nos dão carona. Não passamos pela área residencial.

Achei interessante aquele “de qualquer jeito”. Dava a entender que Mel, assim como eu, tinha lá suas dúvidas a respeito do sujeito sinistro com o agasalho. Eu tinha ficado com a nítida impressão de que Damien seria o tipo de pessoa capaz de dizer praticamente qualquer coisa se achasse que deixaria seu interlocutor satisfeito. Eu devia ter perguntado se o cara estava de salto-agulha.

Sophie e seus jovens peritos já haviam terminado com a pedra cerimonial e agora inspecionavam a área em volta. contei-lhe que Damien Donnelly havia tocado no corpo e se curvado sobre ele; iríamos precisar das suas impressões digitais e de amostras de cabelos dele para o critério de eliminação.

— Mas que idiota! — Sophie exclamou. — Acho que devemos dar graças a Deus por ele não ter resolvido cobri-la com seu casaco. — Ela suava por dentro do macacão. O perito que a acompanhava arrancou uma página de seu caderno de desenho, aproveitando que ela não estava olhando, e recomeçou do zero.

Deixamos o carro no local e fomos dar uma volta a pé pela área residencial seguindo pela estrada (ainda me lembrava, em algum lugar de meus músculos, de ter pulado o muro: onde ficava o ponto de apoio do pé, o arranhão do concreto em minha patela, o choque da queda). Cassie exigiu que passássemos pelo armazém no meio do caminho; já eram mais de duas horas da tarde e era bem possível que tão cedo não tivéssemos outra oportunidade de almoçar. Cassie come como um adolescente e detesta deixar de fazer qualquer refeição, o que eu costumo gostar — mulheres que se alimentam de porções ínfimas de salada me irritam profundamente —, mas minha vontade era que aquele dia terminasse o mais rápido possível.

Fiquei esperando do lado de fora da loja, fumando, e Cassie saiu com dois sanduíches em caixas plásticas e me entregou um deles.

— Tome.

— Estou sem fome.

— Coma a droga do sanduíche, Ryan. Não vou levá-lo para casa no colo se você desmaiar. — Nunca em minha vida cheguei a ponto de desmaiar, mas é verdade que tenho propensão a me esquecer de comer até começar a ficar impaciente ou meio desorientado.

— Já disse que estou *sem fome* — falei, percebendo o tom de lamúria em minha voz, mas abri o sanduíche assim mesmo. Cassie tinha razão. Provavelmente nossas obrigações não acabassem tão cedo. Nós nos sentamos no meio-fio e ela puxou uma garrafa de Coca-Cola com limão de dentro da mochila. Oficialmente o sanduíche era de frango com recheio, mas o gosto era praticamente só o da embalagem de plástico, e a Coca-Cola estava quente e exageradamente adocicada. Fiquei me sentindo um pouco enjoado.

Não quero passar a impressão de que minha vida foi arruinada devido ao que houve em Knocknaree, que vivi à deriva durante vinte anos como uma pessoa triste com um passado de lembranças trágicas, sorrindo tristemente para o mundo por trás de um véu amargurado e prazeroso de fumaça de cigarro e recordações. Knocknaree não me deixou com pesadelos recorrentes, nem com impotência, nem com algum medo patológico de árvores, tampouco com qualquer outra daquelas coisas ótimas que, nos filmes feitos para a TV, teriam me levado a frequentar terapia, e posteriormente à redenção e a um relacionamento mais comunicativo com minha esposa solidária, porém frustrada. Para ser franco, sou capaz de passar meses e meses sem sequer pensar a respeito. Às vezes algum jornal publica uma matéria falando sobre pessoas desaparecidas, e eles estão sempre lá, Peter e Jamie, sorrindo na capa de algum suplemento dominical em fotografias reticuladas que já se tornaram premonitórias de tanta superexposição, entre turistas desaparecidos, donas de casa fugidas e toda a variedade mítica e murmurante dos desaparecidos da Irlanda. Eu vejo a matéria e percebo com indiferença que minhas mãos tremem e que estou sentindo falta de ar, mas que é meramente um reflexo físico e dura apenas alguns minutos de qualquer maneira.

Acredito que tudo aquilo deva, de fato, ter provocado algum efeito em mim, mas seria impossível — e, na minha concepção, totalmente fora de propósito — tentar compreender exatamente qual efeito foi esse. Eu tinha doze anos, afinal, uma idade em que a criança é desnorteada e amorfa, transformando-se da noite para o dia, independentemente do quanto sua vida seja equilibrada; e poucas semanas depois fui para o internato, o que me moldou e me aprovou de forma muito mais trágica e evidente. Seria de uma ingenuidade extrema e basicamente grosseiro desfiar minha personalidade, mostrar um dos fios e gritar: *Nossa, vejam só, este aqui é de Knocknaree!* Só que lá estava aquilo de novo, subitamente, voltando à tona presunçosa e impassivelmente no meio de minha vida, e eu não tinha a menor ideia do que fazer com aquilo.

— Coitadinha da criança! — disse Cassie, de repente, do nada. — Coitadinha daquela *criança!*

A casa dos Devlin era geminada e havia um pequeno gramado na frente, exatamente como todas as outras do lugar. Todos os demais vizinhos haviam feito pequenas e frenéticas declarações de individualidade com bem aparados arbustos, gerânios ou alguma coisa assim, mas os Devlin somente aparavam o gramado e deixavam por isso mesmo, o que, por si só, já manifestava certo nível de originalidade. A casa ficava a cinco ou seis ruas do sítio arqueológico; longe o bastante para não terem visto os policiais, os peritos, o furgão do necrotério, todo o alvoroço terrível e eficiente que, em uma olhadela, já teria lhes dito tudo de que precisavam saber.

Quando Cassie tocou a campainha, um homem já na casa dos quarenta atendeu. Era alguns centímetros mais baixo que eu e começava a ganhar uma barriga. Seus cabelos escuros eram aparados com muito esmero e ele tinha olheiras profundas. Usava um casaco de lã e uma calça cáqui e segurava uma tigela de cereal matinal, e minha vontade foi dizer-lhe que aquilo não seria problema, porque eu já sabia o que ele estava prestes a aprender no decorrer dos meses seguintes. É bem o tipo de coisa que a pessoa recorda para a vida inteira, em agonia, que estava comendo cereal matinal quando a polícia chegou para comunicar a morte da filha. Uma vez vi uma mulher ter uma crise nervosa no banco das testemunhas, soluçando tão forte que tiveram que pedir recesso e dar-lhe uma injeção de sedativos, porque, quando seu namorado foi esfaqueado, ela estava na aula de ioga.

— Sr. Devlin? — disse Cassie. — Eu sou a detetive Maddox e esse é o detetive Ryan.

Seus olhos arregalaram-se.

— Da Delegacia de Pessoas Desaparecidas? — Seus sapatos estavam enlameados e as bainhas da calça, molhadas. Devia estar por aí, procurando a filha nos lugares errados, e foi em casa comer alguma coisa antes de tentar de novo e de novo.

— Não exatamente — Cassie respondeu com muito tato. Em grande parte dos casos, deixo estas conversas a cargo dela, não só por covardia, mas porque nós dois sabemos que ela é muito melhor nisso. — Podemos entrar, senhor?

Ele ficou olhando a tigela e depois depositou-a desajeitadamente sobre a mesa do vestíbulo. Um pouco de leite respingou em um molho de chaves e em um boné de criança cor-de-rosa.

— O que querem dizer? — ele exigiu saber; o medo deixou-lhe a voz com uma rispidez agressiva. — Encontraram Katy?

Escutei um barulho discreto e olhei por sobre o ombro dele. Uma menina estava parada ao pé da escada, segurando-se ao corrimão com as duas mãos. O interior da casa era escuro, mesmo naquela tarde ensolarada, mas eu consegui ver seu rosto, que me trespassou com um brilho fulgurante de algo parecido com pavor. Por um momento estonteante e inimaginável, tive a certeza de estar vendo um fantasma. Era a nossa vítima: a garotinha morta sobre a mesa de pedra. Escutei um ruído estrondoso em meus ouvidos.

Uma fração de segundo depois, é claro, o mundo voltou ao normal, o estrondo cessou e me dei conta do que estava vendo. Não iríamos precisar da fotografia de identificação. Cassie também a havia visto.

— Ainda não temos certeza — ela respondeu. — Sr. Devlin, aquela ali é a irmã de Katy?

— Jessica — ele respondeu de forma áspera. A menininha começou a aproximar-se bem devagar; sem tirar os olhos do rosto de Cassie, Devlin passou-lhe o braço por trás do ombro e a levou até a porta da casa. — São gêmeas — ele esclareceu. — Idênticas. É por isso... será que vocês... vocês encontraram alguma garota parecida com ela? — Jessica fitava alguma coisa entre Cassie e mim. Os braços pendiam-lhe sem firmeza ao lado do corpo. As mãos estavam invisíveis sob um blusão cinza de tricô que era grande demais para o tamanho dela.

— Por favor, sr. Devlin — Cassie pediu. — Precisamos entrar e conversar com o senhor e com sua esposa em particular. — Ela lançou uma olhadela rápida na direção de Jessica. Devlin baixou o olhar, percebeu que estava com a mão sobre o ombro dela e afastou-a, espantado. Deixou-a surpresa no ar, como se tivesse se esquecido do que fazer com ela.

Àquela altura, ele já sabia; era evidente que já sabia. Se houvéssemos encontrado a menina com vida, teríamos informado. Mas ele se afastou automaticamente da porta e fez um gesto meio incerto para o lado, e nós entramos na sala de estar. Escutei Devlin dizer:

— Volte lá para cima e fique com a titia Vera. — Depois nos conduziu até a sala e fechou a porta.

O que havia de mais horrível naquela sala de estar era o quanto parecia normal, o quanto parecia tirada diretamente de alguma sátira sobre a vida suburbana. Cortinas de renda, um jogo de quatro poltronas floridas com capas nos braços e nos descansos de cabeça, uma coleção de bules de chá em cima de uma cômoda, tudo limpo e espanado até atingir um brilho impecável. Parecia — uma coisa quase

sempre comum em casas de vítimas e até mesmo em cenas de crime — banal demais para um acontecimento trágico de tamanhas proporções. Uma mulher sentada na poltrona combinava perfeitamente com o ambiente: opressiva, fechada e disforme, os cabelos com permanente parecendo um capacete e olhos azuis grandes e abatidos. Rugas profundas de expressão ligavam o nariz à boca.

— Margaret — Devlin chamou-a. — São da polícia. — Sua voz estava tensa como a corda de um violão, mas ele não foi até ela; permaneceu ao lado do sofá, com os punhos cerrados nos bolsos do casaco de lã. — O que houve? — ele interpelou.

— Sr. e sra. Devlin — Cassie começou —, não há uma forma de se dizer isto melhor. O corpo de uma garotinha foi encontrado no sítio arqueológico que fica logo ao lado desta área residencial. Infelizmente, tenho como obrigação dizer que achamos que é Katharine, a filha de vocês. Lamento muito.

Margaret Devlin deixou escapar o ar como se houvesse sido atingida no estômago. Lágrimas começaram a escorrer-lhe pelas bochechas, mas ela parecia não perceber.

— Vocês têm certeza? — Devlin perguntou de maneira ríspida, com os olhos enormemente arregalados. — Como podem saber com certeza?

— Sr. Devlin — Cassie falou com delicadeza —, eu vi a garotinha. É idêntica à sua filha Jessica. Vamos solicitar que o senhor vá ver o corpo amanhã, para confirmar a identidade, mas, para mim, não há dúvida. Sinto muito.

Devlin deu uma guinada repentina na direção da janela, voltou a afastar-se dela e levou o pulso à boca, desorientado e com os olhos ostentando um pavor enorme.

— Meu Deus! — Margaret exclamou. — Meu Deus, Jonathan..

— O que aconteceu com ela? — Devlin interrompeu-a de maneira rude. — Como foi que ela... como...

— Creio que tenha sido assassinada — Cassie respondeu.

Margaret ergueu-se da poltrona em movimentos vagarosos que faziam com que parecesse estar debaixo d'água.

— Onde ela está? — As lágrimas continuavam a escorrer-lhe pelo rosto, mas sua voz estava calma de uma maneira sinistra.

— Está com os nossos médicos — Cassie explicou com muita delicadeza. Se Katy tivesse morrido de outra maneira, poderíamos até ter levado a mãe para que a visse, mas do jeito como foi, com a cabeça tendo sido aberta a fortes golpes e o rosto coberto de sangue... Na autópsia, o pessoal do necrotério iria pelo menos remover essa camada extra e gratuita de horror.

Margaret olhou em volta, perplexa, apalpando mecanicamente os bolsos da saia.

— Jonathan, não consigo encontrar minhas chaves.

— Sra. Devlin — Cassie falou, afagando-lhe o braço com a mão —, receio que ainda não possamos levá-los para ver Katy. Os médicos precisam examiná-la. A gente avisa assim que for possível.

Margaret repeliu-a com um movimento brusco e foi caminhando na direção da porta, em câmera lenta, passando a mão no rosto para limpar as lágrimas.

— Katy. Onde ela está?

Cassie lançou um olhar de súplica por sobre o ombro na direção de Jonathan, mas ele estava apoiado com as duas mãos contra o vidro da janela, olhando para fora, fitando o nada e respirando rápida e fortemente demais.

— Por favor, sra. Devlin — falei com imediatismo, tentando discretamente colocar-me entre ela e a porta. — Prometo que os levaremos para vê-la o mais rápido possível, mas no momento ainda não podemos. Simplesmente não dá.

Ela ficou olhando para mim com os olhos vermelhos e a boca aberta.

— *Minha filhinha!* — ela disse, ofegante. Então seus ombros curvaram-se de súbito e ela começou a chorar copiosamente, com soluços fortes, roucos e desenfreados. A cabeça caiu-lhe para trás e ela deixou

que Cassie a tomasse docilmente pelos ombros e a conduzisse calmamente de volta à poltrona.

— Como foi que ela morreu? — Jonathan perguntou, sem tirar os olhos da janela. As palavras saíram indistintas como se ele estivesse com os lábios dormentes. — De que maneira?

— Só poderemos saber depois que os médicos terminarem de examiná-la — expliquei. — Manteremos vocês informados do andamento da investigação.

Escutei passos leves descendo a escada apressadamente; a porta abriu-se de repente e vimos uma jovem ali parada. Atrás dela, Jessica permanecia no corredor, chupando um tufo de cabelos e olhando fixamente em nossa direção.

— O que aconteceu? — a jovem perguntou, sem fôlego. — Meu Deus! É a Katy?

Ninguém respondeu. Margaret apertou o punho contra a boca, transformando os soluços em terríveis sons de sufocação. A garota olhou para o rosto de cada um com os lábios separados. Era alta e magra, com cachos castanhos caindo pelas costas, e não era fácil definir-lhe a idade — dezoito ou vinte, talvez, mas estava maquiada com muito mais destreza que qualquer adolescente que já conheci. Vestia uma calça comprida preta feita sob medida, sapatos de salto alto, uma blusa branca que aparentava ter custado caro e um lenço púrpura de seda a envolver-lhe o pescoço. Ostentava uma espécie de presença vibrante e cheia de vida que se alastrava por todo o ambiente. Ela era completa e surpreendentemente incompatível com aquela casa.

— Por favor — ela apelou para mim com a voz aguda, desembaraçada e emocionada, com um tom de âncora de telejornal, que não combinava com o jeito sereno e caipira de Jonathan e Margaret. — O que houve?

— Rosalind — disse Jonathan. Sua voz saiu rouca e ele pigarreou. — Katy foi encontrada. Está morta. Alguém a matou.

Jessica emitiu um ruído curto e mudo, e Rosalind deteve-se por alguns instantes a fitá-lo; então suas pálpebras começaram a agitar-se e ela inclinou-se para o lado, apoiando uma das mãos na porta. Cassie envolveu-lhe a cintura com o braço e levou-a, servindo-lhe como apoio, até o sofá.

Rosalind recostou-se, olhou para Cassie e abriu um sorriso fraco, porém agradecido; Cassie retribuiu o gesto.

— Pode pegar um copo d'água para mim? — ela perguntou com um sussurro.

— Eu busco — falei.

Na cozinha — linóleo escovado, mesas e cadeiras envernizadas, simulando um estilo rústico —, eu abri a torneira e dei uma rápida olhada em volta. Nada digno de nota, exceto que um guarda-louça alto abrigava uma série de tubos de vitaminas e, bem lá no fundo, um frasco grande de Valium cujo rótulo dizia ter sido feito sob encomenda para Margaret Devlin.

Rosalind bebeu a água com pequenos goles, em intervalos entre os quais respirava profundamente, com uma das mãos finas depositada sobre o esterno.

— Pegue a Jess e vão lá para cima — Devlin disse a ela.

— Por favor, me deixe ficar — disse Rosalind, erguendo o queixo. — Katy era minha irmã... o que quer que tenha acontecido com ela, eu posso... eu posso ouvir. Já estou bem. Peço desculpas por ser tão... vai ficar tudo bem, de verdade.

— Achamos melhor que Rosalind e Jessica fiquem, sr. Devlin — aconselhei. — É possível que elas saibam de alguma coisa que possa nos ajudar.

— Katy e eu éramos muito unidas — disse Rosalind, erguendo o olhar em minha direção. Seus olhos eram os da mãe, grandes e azuis, com um toque de languidez nos cantos externos. Eles se deslocaram para ver por cima de meu ombro. — Oh, Jessica! — ela exclamou, estendendo os braços. — Jessica, meu amor, venha aqui. — Jessica passou vagarosamente por mim, com um lampejo de olhos brilhantes como os de um animal selvagem, e foi abraçar Rosalind no sofá.

— Lamento muito nos intrometermos em um momento desses — me desculpei. — Mas precisamos fazer algumas perguntas a vocês o mais rápido possível para nos ajudarem a encontrar quem quer que tenha feito essa atrocidade. Vocês acham que podemos conversar agora ou talvez seja melhor voltarmos daqui a algumas horas?

Jonathan Devlin puxou uma cadeira da mesa de jantar, colocou-a enfaticamente à sua frente e sentou-se, engolindo em seco.

— Resolvam isto logo de uma vez — disse ele. — Perguntem o que quiserem.

Lentamente, eles nos contaram tudo. Eles tinham visto Katy pela última vez ao anoitecer da segunda-feira. Ela teve aula de balé em Stillorgan, a poucos quilômetros do centro de Dublin, das cinco às sete. Rosalind a havia encontrado no ponto do ônibus mais ou menos às 19:45 e caminhado com ela até em casa. (“Ela disse que tinha se divertido bastante”, disse Rosalind, com a cabeça curvada sobre as mãos unidas; uma cortina de cabelos caía-lhe à frente do rosto. “Ela dançava tão maravilhosamente bem... estava com lugar garantido na escola do Royal Ballet. Faltavam poucas semanas para ela viajar...” Margaret soluçava e as mãos de Jonathan apertavam os braços de sua cadeira convulsivamente.) Rosalind e Jessica, então, foram para a casa de sua tia Vera, a uma certa distância, passar a noite com as primas.

Katy havia tomado seu chá — torradas com feijão e suco de laranja — e depois saiu para levar o cachorro de um vizinho para passear: seu trabalho durante o verão para juntar dinheiro para pagar a academia de balé. Voltou mais ou menos às dez para as nove, tomou banho e foi ver televisão com os pais. Foi para a cama às dez em ponto, como costumava fazer durante o verão, e passou alguns minutos lendo até que Margaret a mandasse apagar a luz. Jonathan e Margaret ficaram um pouco mais de tempo vendo televisão e foram para a cama pouco antes da meia-noite. Antes de ir dormir, Jonathan, como fazia rotineiramente, verificou a casa: portas e janelas trancadas, e a corrente passada na porta da frente.

Às 7:30 da manhã seguinte ele se levantou e foi para o trabalho — era caixa em um banco — sem ver Katy. Jonathan percebeu que a corrente não estava mais passada na porta da frente, mas supôs que Katy, que costumava acordar cedo, havia ido para a casa da tia tomar o café da manhã com as irmãs e as primas. (“Às vezes ela faz isso”, disse Rosalind. “Ela gosta de uma fritada, e a mamãe... bom, de manhã a mamãe está sempre cansada demais para fazer comida.” Um som cortante e terrível veio de Margaret.) Todas as meninas tinham a chave da porta da frente, Jonathan afirmou, só por precaução. Às 9:20, quando Margaret levantou-se e foi acordar Katy, ela não estava mais em sua cama. Margaret aguardou durante um tempo, presumindo, assim como Jonathan, que Katy havia acordado cedo e ido para a casa da tia; mais tarde ligou para Vera, só para se tranquilizar; depois telefonou para todos os amigos de Katy e, finalmente, para a polícia.

Cassie e eu nos empoleirávamos desajeitadamente nos braços das poltronas. Margaret chorava baixinho, mas sem parar; passado um tempo, Jonathan deixou a sala e depois voltou com uma caixa de lenços de papel. Uma mulher baixinha de olhos esbugalhados e que parecia um passarinho — tia Vera, logo supus — desceu a escada na ponta dos pés e ficou parada, indecisa, no corredor, durante alguns minutos, a espremer as mãos, e depois retirou-se vagarosamente para a cozinha. Rosalind esfregava os dedos imóveis de Jessica.

Katy, pelo que eles disseram, havia sido uma boa criança. Era inteligente na escola, mas não era de se destacar muito e era apaixonada por balé. Disseram também que era meio geniosa, mas que ultimamente não havia brigado com ninguém da família ou de seu grupo de amigas; nos deram os nomes das melhores amigas dela para que pudéssemos verificar. Nunca havia fugido de casa nem nada assim. Nos últimos dias, andava muito satisfeita e empolgada porque iria estudar balé na Inglaterra. Não havia começado ainda a se interessar por garotos, pelo que nos disse Jonathan, tinha só doze anos, pelo amor de Deus; mas notei que Rosalind lançou uma olhadela súbita para ele e depois para mim, e procurei

gravar aquilo em minha mente para não me esquecer de tentar conversar com ela sem a presença dos pais.

— Sr. Devlin — chamei —, como era o relacionamento do senhor com Katy?

Jonathan ficou me encarando.

— Mas de que merda você está me acusando? — ele perguntou grosseiramente. Jessica deixou escapar uma risada curta, aguda e histérica, e eu me assustei. Rosalind olhou para ela, franziu os lábios e agitou a cabeça em reprovação, fazendo cara feia. Depois afagou-a e abriu um pequeno sorriso tranquilizador. Jessica demonstrou reverência, inclinando a cabeça, e voltou a colocar os cabelos na boca.

— Ninguém está acusando o senhor de nada — Cassie esclareceu com firmeza. — Mas temos que nos sentir capazes de dizer que exploramos e eliminamos todas as possibilidades. Se deixarmos de explorar qualquer aspecto que seja, então, quando pegarmos o assassino, e vamos pegá-lo, a defesa poderá usar isso para fomentar dúvidas no júri. Tenho consciência de que responder a perguntas assim deve ser doloroso, mas posso lhe garantir, sr. Devlin, que seria ainda mais doloroso ver o criminoso ser absolvido porque deixamos de perguntar.

Jonathan respirou fundo, pelo nariz, e acalmou-se um pouco.

— Meu *relacionamento* com Katy era ótimo — ele respondeu. — Ela conversava comigo. Éramos próximos. Eu.. talvez eu a tenha mimado demais. — Jessica contraiu-se e Rosalind deu uma ligeira olhadela para cima. — Discutíamos do mesmo jeito como qualquer pai e filha discutem, mas ela era uma filha maravilhosa e uma menina fabulosa, e eu a amava. — Foi a primeira vez que a voz de Jonathan falhou; ele ergueu a cabeça com raiva.

— E com a senhora? — Cassie perguntou à sra. Devlin.

Margaret rasgava em tiras um lenço de papel em seu colo; ela ergueu o olhar, obediente como uma criança.

— Claro, são todas ótimas — ela afirmou com a voz grossa e trêmula. — Katy era... um amor. Sempre foi uma criança tranquila. Não sei como vamos fazer sem ela. — Sua boca contorcia-se.

Nem eu nem Cassie perguntamos nada a Rosalind ou Jessica. Não é comum uma criança ser sincera na hora de falar dos irmãos na presença dos pais e, quando uma criança mente, sobretudo uma que seja tão novinha e confusa quanto Jessica, a mentira se fixa em sua mente e a verdade recua para o segundo plano. Posteriormente tentaríamos conseguir a permissão dos pais para conversar em particular com Jessica e com Rosalind também, caso tivesse menos de dezoito. Não seria uma tarefa simples.

— Algum de vocês imagina alguém que pudesse querer causar mal a Katy por qualquer razão que seja? — perguntei.

Passaram-se alguns momentos sem que ninguém dissesse nada. Foi então que Jonathan empurrou a cadeira para trás e levantou-se.

— Meu Deus! — ele exclamou, balançando a cabeça para a frente e para trás como um touro sendo torturado. — Aqueles telefonemas.

— Telefonemas? — perguntei.

— Meu Deus! Vou matá-lo. Vocês disseram que ela foi encontrada no sítio arqueológico?

— Sr. Devlin! — Cassie disse. — O senhor tem que se sentar e contar para nós sobre esses telefonemas.

Aos poucos ele se concentrou em Cassie e se sentou, mas eu ainda podia ver que estava distraído, e até me disporia a apostar que secretamente considerava a melhor maneira de perseguir até abater quem quer que tenha feito os tais telefonemas.

— Já sabem da rodovia que vai passar pelo sítio, não é mesmo? — ele perguntou. — A maioria do pessoal daqui é contra. Alguns poucos estão mais interessados em saber para quanto subiria o valor de suas casas com a rodovia passando bem do lado das propriedades, mas a maior parte de nós... Aquilo lá

deveria ser patrimônio da humanidade. É único e é nosso. O governo não tem direito de destruí-lo sem sequer nos pedir permissão. Iniciamos uma campanha aqui em Knocknaree, “Fora Rodovia”, da qual sou o coordenador. Fizemos protestos em prédios governamentais, escrevemos cartas para políticos, mesmo sabendo que não vai fazer diferença alguma.

— A repercussão não agradou? — perguntei e vi que falar sobre sua causa estava o deixando mais calmo. Aquilo me deixou intrigado: a princípio ele me parecera um homenzinho oprimido, nunca o tipo que lideraria uma cruzada, mas evidentemente ele tinha muito mais a mostrar do que as aparências diziam.

— Achei que fosse mera questão de burocracia, eles nunca querem mudar nada, mas os telefonemas me deixaram preocupado... O primeiro foi bem tarde da noite; o sujeito disse alguma coisa assim: “Seu filho da mãe, você não faz ideia de com o que está mexendo.” Achei que fosse engano, bati o telefone na cara dele e voltei para a cama. Só depois do segundo é que fui me lembrar e ligar os fatos.

— Quando foi o primeiro telefonema? — perguntei. Cassie estava anotando.

Jonathan olhou para Margaret; ela agitava a cabeça em negação e secava os olhos com leves toques de um lenço.

— Não sei direito quando, mas foi em abril, fim de abril talvez. O segundo foi no dia 3 de junho, mais ou menos à uma e meia da manhã. Me lembro porque anotei. Não temos telefone em nosso quarto, ele fica no corredor, e Katy tem sono leve. Ela chegou primeiro ao aparelho e disse que, quando atendeu, ele perguntou: “Você é a filha do Devlin?”, e ela disse: “Meu nome é Katy”, ao que ele respondeu: “Katy, diga ao seu pai para ele parar de perturbar todo mundo com a história dessa merda de rodovia porque eu sei onde fica a casa de vocês.” Daí eu peguei o telefone da mão dela e ele disse alguma coisa assim: “Sua filha é uma beleza de garotinha, Devlin.” Mandei que nunca mais ligasse para a minha casa e bati o telefone.

— Consegue se lembrar de alguma coisa da voz dele? — perguntei. — Sotaque, idade, qualquer coisa? Não pareceu com a de alguém que conheça?

Jonathan engoliu em seco, tentando concentrar-se ferozmente, agarrando-se àquilo como se sua vida dependesse disso.

— Não me lembrei de ninguém. Não era jovem. Era mais para aguda. O sotaque era do interior, mas não consegui identificar. Não era de Cork ou do Norte, nada tão inconfundível assim. Parecia... achei que talvez estivesse bêbado.

— Houve mais algum telefonema?

— Só mais um, há poucas semanas. Foi no dia 13 de julho, às duas da manhã. Esse fui eu que atendi. O mesmo sujeito falou: “Você é...” — Jonathan lançou um olhar na direção de Jessica. Rosalind a envolvia com o braço, a acalentava de forma confortante e murmurava alguma coisa em seu ouvido. — “Você é surdo, é, Devlin? Mas que merda, já não avisei que era para não mexer com a porra da rodovia? Você vai se arrepender. Eu sei onde você mora com a sua família.”

— O senhor deu queixa na polícia? — perguntei.

— Não — ele respondeu de forma áspera. Fiquei esperando que me dissesse o motivo, mas ele não falou mais nada.

— Não ficou preocupado?

— Para ser sincero — ele disse, com um olhar que guardava uma mistura terrível de dor e rebeldia —, fiquei satisfeito. Achei que isso significava que estávamos fazendo progresso. Quem quer que fosse, não teria se dado ao trabalho de me ligar caso a campanha não representasse uma ameaça real. Mas agora... — Subitamente ele se virou para mim e olhou bem dentro de meus olhos com os punhos fechados. Tive que resistir contra a extrema necessidade de me inclinar para trás. — Se vocês descobrirem quem foi o responsável por esses telefonemas, me digam. É bom que me digam. Quero que me prometam.

— Sr. Devlin — falei. — Prometo ao senhor que vamos fazer tudo que pudermos para descobrir quem foi, e se teve alguma coisa a ver com o assassinato de Katy, mas não posso...

— Ele deixou Katy com medo — disse Jessica com a voz bem baixinha e rouca. Acho que todos se sobressaltaram. Fiquei tão surpreso como se uma das poltronas tivesse contribuído para a conversa; eu vinha começando a me perguntar se talvez ela fosse autista, ou se tinha alguma deficiência, ou alguma coisa assim.

— Deixou mesmo? — Cassie perguntou, também bem baixinho. — O que foi que ela disse?

Jessica ficou olhando para ela, como se a pergunta tivesse sido incompreensível. Os olhinhos dela começaram a voltar a se perder bem devagar; Jessica voltava a refugiar-se em seu torpor particular.

Cassie curvou-se para a frente.

— Jessica — ela perguntou com extrema delicadeza. — Katy tinha medo de mais alguém?

A cabeça de Jessica inclinou-se um pouco e sua boca se mexeu. Uma mão fina esticou-se e deu um pequeno puxão na manga da blusa de Cassie.

— Isto é de verdade? — ela sussurrou.

— É sim, Jessica. — Rosalind respondeu suavemente, soltou a mão de Jessica e abraçou-a, afagando os seus cabelos. — É sim, Jessica, é de verdade. — Jessica ficou olhando por sobre o braço dela com os olhos arregalados e desfocados.

Eles não tinham acesso à internet, o que eliminava a possibilidade profundamente deprimente de o assassinato ter sido obra de algum desses doentes que frequentam salas de bate-papo de algum lugar do outro lado do mundo. Também não tinham sistema de alarme, mas duvidei de que isso pudesse ter relevância: Katy não foi retirada da cama por algum invasor. Havíamos encontrado a menina cuidadosamente arrumada — sim, ela sempre combinava as roupas, segundo Margaret; havia adquirido o hábito por influência de sua professora de balé, a quem venerava — e vestida para sair. Ela apagou a luz, esperou que os pais fossem dormir e então, no meio da noite ou de manhã bem cedinho, levantou-se, vestiu-se e foi embora para algum lugar. Sua chave de casa estava no bolso: tinha a intenção de retornar.

Revistamos o quarto dela mesmo assim, em parte para ver se achávamos alguma pista de onde poderia ter ido e, em parte, devido à possibilidade brutal, porém óbvia, de que Jonathan ou Margaret houvesse assassinado a menina e depois armado tudo para fazer parecer como se tivesse saído de casa viva. Katy dividia o quarto com Jessica. A janela era pequena demais, e a lâmpada, fraca demais, o que só fazia aumentar a sensação apavorante que aquela casa me trazia. A parede do lado de Jessica, de modo um pouco sinistro, estava coberta com gravuras de obras de arte ensolaradas e idílicas: piqueniques impressionistas, fadas de Arthur Rackham, paisagens mais alegres de Tolkien (“Fui eu que lhe dei todas elas”, revelou Rosalind, parada à porta. “Não é verdade, querida?” Jessica fez um sinal de concordância com a cabeça, mas, olhando para os pés). A parede de Katy, de forma menos surpreendente, atinha-se apenas ao balé: fotografias de Baryshnikov e Margot Fonteyn que pareciam ter sido cortadas de guias de TV; uma foto de Pavlova recortada de um jornal; a carta de aceitação da escola do Royal Ballet; um desenho muito bonitinho, feito a lápis, de uma jovem dançarina, com a inscrição “Para Katy, 21/03/03. Feliz Aniversário! Com amor, papai”, no canto do mural de papelão.

O pijama branco que Katy usou na noite de segunda-feira estava enrolado sobre a cama. Nós o levamos para exame apenas por descuido de consciência, junto com os lençóis e o telefone celular dela, que estava dentro de sua mesinha de cabeceira, desligado. Ela não escrevia em um diário.

— Até tinha começado um, há algum tempo, mas se cansou depois de uns dois meses e o “perdeu” — disse Rosalind, atribuindo aspas à palavra e me oferecendo um sorriso discreto, triste e consciente. — E nunca se incomodou em começar de novo.

Mas, mesmo assim, pegamos seus cadernos da escola e um antigo caderno de dever de casa. Qualquer rabisco que pudesse nos dar uma pista. Cada uma das meninas tinha uma pequenina escrivainha de madeira barata, e na de Katy havia uma pequena lata metálica arredondada que abrigava vários elásticos de cabelo misturados; logo reconheci, com uma ligeira aflição aguda e repentina, que dois deles eram de seda.

— Ufa! — Cassie exclamou ao sairmos da casa e pegarmos a estrada. Depois, passou as mãos pelos cabelos, embaraçando os cachos.

— Já vi o nome dele em algum lugar, não faz muito tempo — falei. — Jonathan Devlin. Assim que voltarmos, vamos procurar no computador para ver se ele é fichado.

— Nossa, quase imploro para que acabe sendo simples assim — disse Cassie. — Tem alguma coisa muito, mas muito escrota mesmo acontecendo naquela casa.

Fiquei contente — até aliviado, para falar a verdade — por ela ter dito aquilo. Considerei perturbadores vários fatores relativos aos Devlin — Jonathan e Margaret não se tocaram uma só vez e mal trocaram um olhar; onde seria normal esperar uma horda de vizinhos curiosos e consoladores, a única presença era da fantasmagórica tia Vera; cada um dos membros da família parecia ter saído de um planeta completamente diferente — só que eu estava tão nervoso que não sabia direito se poderia confiar em meu próprio julgamento, e por isso foi bom saber que Cassie também havia sentido que alguma coisa não estava certa. Não era como se eu estivesse tendo um colapso nervoso ou enlouquecendo ou nada assim, eu sabia que ficaria bem assim que pudesse ir para casa, ficar só comigo mesmo e internalizar tudo aquilo; só que aquele primeiro vislumbre de Jessica praticamente me fez enfartar, e vir a saber que era irmã gêmea de Katy não foi tão tranquilizador quanto se possa imaginar. Aquele crime estava cheio de analogias escorregadias, e eu não conseguia deixar de pensar que elas eram, de alguma forma, propositadas. Cada uma das tantas coincidências parecia uma garrafa, já desgastada depois de passar tanto tempo boiando nas águas do mar, chegando com força à areia aos meus pés e com meu nome gravado nitidamente no vidro, e trazendo em seu interior uma mensagem em um código zombeteiramente indecifrável.

Na época do meu primeiro ano no internato, contei aos meus colegas de quarto que tinha um irmão gêmeo. Meu pai era um bom fotógrafo amador e, em um sábado durante aquele verão, ao nos ver tentar uma nova acrobacia na bicicleta de Peter — pedalar acelerado sobre uma mureta que havia no jardim da casa deles e concluir com um salto quando chegássemos ao final —, fez com que passássemos metade da tarde repetindo-a inúmeras vezes enquanto ele ficava agachado na grama, trocando as lentes da câmera, até terminar com um rolo inteiro de filme preto e branco e conseguir a foto que queria. Estamos em pleno ar; eu estou guiando e Peter está sentado sobre o guidão com os braços abertos, nossos olhos bem fechados e as bocas abertas (gritos altos e selvagens de garotos), e nossos cabelos estão flutuando ao sabor do vento como auréolas flamejantes, e tenho quase certeza de que, logo após a fotografia ter sido tirada, nós derrapamos e caímos no gramado e minha mãe deu a maior bronca no meu pai por ter nos incentivado. O ângulo da foto, não havia chão, fazendo parecer que estávamos voando, livres dos efeitos da gravidade, em direção ao céu.

Colei a foto em um pedaço de cartolina e a preguei em minha mesinha de cabeceira, onde permitiam que deixássemos duas fotografias da família. Eu contava aos outros garotos histórias detalhadas — algumas verdadeiras, outras inventadas e, sem dúvida, extremamente improváveis — das aventuras que meu irmão gêmeo e eu vivíamos durante as férias. Eu dizia que ele frequentava outra escola, na Irlanda; nossos pais tinham lido em algum lugar que era melhor que irmãos gêmeos fossem separados. Ele estava aprendendo a montar cavalo.

Quando voltei para o segundo ano, percebi que seria mera questão de tempo até que a história do meu irmão gêmeo me causasse problemas dolorosamente vergonhosos (algum colega de classe poderia conhecer meus pais durante uma competição esportiva da escola e perguntar por que Peter também não tinha ido), então, deixei a foto em casa — espremida debaixo do meu colchão como um segredo indecente — e parei de falar em meu irmão na esperança de que todos se esquecessem de que ele existia. Quando um garoto chamado Hull — do tipo que arrancava os membros de animaizinhos pequenos e felpudos nas horas livres — percebeu minha inquietação e puxou bruscamente o assunto, eu, enfim, lhe disse que meu irmão gêmeo havia caído do cavalo durante o verão e morrido com o choque. Passei grande parte daquele ano morrendo de medo de que o boato do irmão morto de Ryan chegasse aos professores e depois aos meus pais. Pensando nisso agora, evidentemente tenho quase certeza de que chegou, e que os professores, já sabendo da saga de Knocknaree, resolveram ser compreensivos — ainda me encolho de medo quando penso a respeito — e deixar o boato morrer com o tempo. Acho que escapei por muito pouco. Se tivesse acontecido anos depois, ainda na década de oitenta, eu provavelmente teria sido mandado para um psicólogo infantil e forçado a compartilhar meus sentimentos com marionetes.

Mas mesmo assim não gostei de ter que me livrar de meu irmão gêmeo. Era reconfortante saber que Peter estava vivo e andando a cavalo em algum lugar na mente de dezenas de pessoas. Se Jamie estivesse junto conosco na foto, seria bem provável que eu inventasse que nós éramos trigêmeos e seria muito mais difícil conseguir escapar dessa.

Quando voltamos ao sítio, a imprensa já havia chegado. Dei a eles o discurso preliminar de sempre (sou eu que cuido dessa parte, já que pareço mais um adulto responsável do que Cassie): corpo de uma garotinha, o nome só será revelado depois que todos os parentes sejam informados, estamos tratando como uma morte suspeita, qualquer um que possa ter qualquer informação, por favor, entre em contato conosco, nada a declarar, nada a declarar, nada a declarar.

— Foi coisa de algum culto satânico? — perguntou uma repórter gorda que usava uma calça de esqui nada elegante. Já havíamos sido apresentados, e ela trabalhava para um daqueles tabloides com manchetes de duplo sentido e ortografias alternativas.

— Não há absolutamente prova alguma que indique isso — respondi de modo arrogante. Nunca há. Cultos satânicos homicidas são o equivalente da polícia para o Pé-grande: ninguém nunca viu e tampouco há provas de sua existência, mas é só aparecer uma pegada grande e disforme que a mídia começa a espumar e especular, por isso temos que agir como se considerássemos a ideia pelo menos um pouco seriamente.

— Mas ela foi encontrada sobre um altar que os druidas usavam para realizar sacrifícios humanos, não é verdade? — a mulher interpelou.

— Nada a declarar — respondi automaticamente. Eu tinha acabado de perceber que aquele sulco profundo na beira da mesa de pedra me lembrava as mesas de autópsia do necrotério, sulcadas para permitir o escoamento do sangue. Fiquei tão ocupado imaginando se a reconhecia de 1984, que nem chegou a me passar pela cabeça que eu a havia reconhecido de poucos meses antes. Meu Deus!

Chegou uma hora em que os repórteres foram desistindo e começaram a me deixar em paz. Cassie havia ido se sentar nos degraus do galpão de achados, misturando-se ao cenário e ficando de olho em tudo. Quando viu a jornalista gorda aproximar-se de Mark, que havia saído da cantina e partia rumo aos banheiros químicos, levantou-se e foi caminhando na direção deles, procurando garantir que Mark a visse. Percebi que ele notou seu olhar, por sobre o ombro da repórter; um minuto depois, Cassie balançou a cabeça, rindo, e deixou os dois conversando.

— O que foi aquilo? — perguntei, pegando a chave do galpão de achados.

— Está fazendo uma preleção para ela sobre o sítio — disse Cassie, limpando a terra de sua calça jeans e abrindo um sorriso largo. — Sempre que ela tenta perguntar alguma coisa sobre o corpo, se esquiva e fala sem parar sobre como o governo está prestes a destruir a descoberta mais importante desde Stonehenge, ou começa a explicar os assentamentos vikings. Adoraria ficar vendo; acho que ela pode ter finalmente encontrado alguém à sua altura.

Os outros arqueólogos tinham muito pouco a acrescentar, a não ser o Garotão Escultor, cujo nome era Sean, que achava que deveríamos considerar a possibilidade de envolvimento de vampiros. Ele deixou as brincadeiras de lado quando lhe mostramos a foto da vítima, mas embora ele, assim como os outros, tivesse visto Katy, ou possivelmente Jessica, ali pelas escavações algumas vezes — às vezes com outras crianças da idade dela, às vezes com uma mais velha que se encaixava na descrição de Rosalind —, nenhum deles viu qualquer pessoa estranha a observá-la ou qualquer coisa assim. Nenhum deles tinha visto sequer uma mínima coisa sinistra que fosse, na verdade, embora Mark tenha dito: “Só os políticos é que vêm aqui tirar fotografia em frente ao seu patrimônio histórico antes de o vender. Quer alguma descrição?” Ninguém se lembrava, tampouco, do Vulto de Agasalho, o que veio apenas reforçar minha suspeita de que havia sido ou algum morador perfeitamente normal dando sua caminhada, ou o amigo imaginário de Damien. Em toda investigação tem gente assim, que acaba nos fazendo desperdiçar quantidades enormes de tempo por causa de uma compulsão em dizer qualquer coisa que ache que você queira ouvir.

Os arqueólogos de Dublin — Damien, Sean e um grupo de outros — estavam todos em suas casas nas noites de segunda e terça-feira; o resto ficou na casa alugada, a alguns quilômetros do local das escavações. Hunt, que evidentemente acabou mostrando-se bastante lúcido em relação a qualquer coisa ligada à arqueologia, estava em casa, em Lucan, com a esposa, e confirmou a teoria da repórter gorda de que a pedra sobre a qual Katy havia sido desovada era um altar de sacrifícios da Idade do Bronze.

— Não há como termos certeza de que os sacrifícios eram de seres humanos ou de animais, naturalmente, embora o “formato” da pedra sugira que devia ser usada para seres humanos. As medidas certinhas, sabe? É um artefato muito raro. Significa que essa colina era um local de imensa importância religiosa durante a Idade do Bronze, entende? É uma pena muito grande... a tal estrada.

— Vocês, por acaso, encontraram mais alguma coisa que prove essa suposição? — perguntei. Se, de fato, tivessem encontrado, levaríamos meses para livrar nosso caso do frenesi da mídia *versus* New Age.

Hunt me lançou um olhar ofendido.

— Ausência de provas não é a mesma coisa que provas de ausência — ele disse como se estivesse me repreendendo.

Hunt foi o último a ser ouvido. Quando já guardávamos as nossas coisas, um dos rapazes da perícia bateu à porta da cabine.

— Hum... — disse ele. — Oi. Sophie pediu que eu viesse lhes dizer que estamos concluindo os trabalhos por hoje e que tem mais uma coisa que talvez vocês queiram ver.

Eles já haviam recolhido os marcadores e deixado o altar de sacrifícios de lado e, pela primeira vez, o local parecia deserto; os jornalistas tinham ido embora e todos os arqueólogos já haviam ido para suas casas, menos Hunt, que tentava com dificuldade entrar em um enlameado Ford Fiesta vermelho. Então, saímos da área das cabines e eu vi um vulto de branco entre as árvores.

A monótona rotina dos interrogatórios havia acalmado consideravelmente o meu ânimo (Cassie chama esses interrogatórios preliminares de “a fase nada” de uma investigação: ninguém viu nada, ninguém ouviu nada, ninguém fez nada), mas ainda assim eu senti um arrepio na espinha quando entramos no bosque. Não era medo. Parecia mais aquela súbita descarga de adrenalina que acontece quando alguém nos acorda chamando pelo nome, ou quando um morcego passa por nós guinchando na altura exata

para ser ouvido. A vegetação rasteira era espessa e macia, anos e anos de folhas caídas sendo esmagadas sob meus pés, e as árvores já haviam crescido o bastante para filtrar a luz e deixar passar somente um irrequieto brilho esverdeado.

Sophie e Helen nos aguardavam em uma clareira pequena, a uns noventa metros para dentro da mata.

— Deixei para que vocês dois dessem uma olhada — Sophie comentou —, mas pretendo guardar esta merda toda para levar antes que comece a escurecer. Não estou a fim de montar o equipamento de iluminação.

Alguém andara usando o local como área de acampamento. A pessoa havia retirado todos os gravetos mais pontiagudos de uma área do tamanho de um saco de dormir, e as camadas de folhas estavam esmagadas e niveladas; a uma distância de poucos metros encontravam-se os restos de uma fogueira de acampamento, em um amplo círculo de terra batida. Cassie soltou um assobio.

— Foi aqui que ele a matou? — perguntei sem muita esperança. Se fosse, Sophie teria interrompido os interrogatórios.

— Sem chance — ela respondeu. — Procuramos por impressões digitais, mas não há indícios de luta ou vestígios de sangue. Há uma grande quantidade de alguma coisa que foi derramada perto do fogo, mas os exames deram negativo e, pelo cheiro, tenho quase certeza de que é vinho tinto.

— Isso é que é acampamento de elite — falei, erguendo as sobrancelhas. Eu vinha imaginando algum sem-teto bucólico, mas as forças de mercado me levaram a crer que o alcoólatra pobretão escolhe uma sidra forte ou uma vodca barata. Passei algum tempo imaginando que poderia ter sido um casal em busca de aventura ou sem outro lugar melhor para ir, mas naquele leito de folhas mal chegava a caber uma pessoa. — Encontrou mais alguma coisa?

— Vamos examinar as cinzas para ver se alguém usou o fogo para queimar roupas com sangue ou alguma coisa assim, mas pelo jeito é só madeira mesmo. Temos pegadas de botas, cinco guimbas de cigarro e isto aqui. — Sophie me entregou um saco plástico com uma evidência. Ergui-o para ver contra a luz inconstante, e Cassie veio nas pontas dos pés para olhar por sobre meu ombro: um fio de cabelo comprido, ondulado e loiro. — Encontrei isso próximo ao fogo — Sophie disse, apostando.

— Alguma ideia de há quanto tempo o local foi utilizado? — Cassie perguntou.

— As cinzas não receberam chuva. Vou verificar para saber quando foi a última vez que choveu aqui nesta área, mas sei que, onde eu moro, choveu na segunda-feira de manhã bem cedinho. E minha casa fica só a cerca de três quilômetros daqui. Pelo jeito, a pessoa passou a noite aqui, ou de ontem para hoje, ou de anteontem para ontem.

— Pode me mostrar as guimbas de cigarro? — perguntei.

— Fique à vontade — disse Sophie. Peguei máscara e pinça em meu estojo e me agachei próximo a um dos marcadores que estavam perto da fogueira. A guimba era de um cigarro que a própria pessoa havia enrolado. Ela o havia feito fino e, ao fumar, havia deixado o cigarro para baixo; a pessoa estava tomando muito cuidado para fumar.

— Mark Hanly enrola seus próprios cigarros — falei, voltando a ficar de pé. — E tem cabelos compridos e loiros.

Cassie e eu nos entreolhamos. Já havia passado das seis horas da tarde e O'Kelly nos ligaria exigindo um informe a qualquer minuto, e era provável que ainda fôssemos levar algum tempo para termos a conversa que precisaríamos levar com Mark, mesmo supondo que conseguiríamos encontrar a casa onde ficam os arqueólogos depois de revirar todas aquelas estradinhas escondidas.

— Esqueça, vamos deixar para conversar com ele amanhã — Cassie sugeriu. — Quero falar com a professora de balé de Katy quando chegarmos à cidade. E estou morrendo de fome.

— É como ter um bichinho de estimação — brinquei com Sophie. Helen fez uma expressão de choque.

— Claro, mas com pedigree — Cassie respondeu alegremente.

Conforme voltávamos pelo meio das escavações na direção do carro (meus sapatos ficaram acabados, do jeito como Mark disse que ficariam — tinham lama marrom-avermelhada entranhada em cada costura —, e eram sapatos muito bons; me consolei pensando que os do assassino estariam na mesma condição inconfundível), olhei para trás, para o bosque, e vi novamente aquele vulto branco. Eram Sophie, Helen e o garoto da perícia andando para cima e para baixo por entre as árvores, silenciosa e atentamente como fantasmas.

A Academia Cameron de Dança ficava em cima de uma videolocadora em Stillorgan. Na rua, três garotos com calças baggy faziam manobras com seus skates, subindo e descendo de um muro baixo e gritando. A professora assistente, uma jovem lindíssima chamada Louise, usava uma malha preta, sapatilhas pretas e uma comprida saia que ia até as panturrilhas, também preta; Cassie me olhou como se houvesse achado alguma coisa engraçada enquanto a acompanhávamos escada acima. Louise nos deixou entrar e disse que Simone Cameron logo estaria terminando uma aula. Ficamos esperando no último degrau da escada.

Cassie ficou lendo um quadro de avisos de cortiça pendurado na parede enquanto eu esquadrihava o local. Havia dois estúdios de dança com janelinhas redondas nas portas: em um deles, Louise ensinava um bando de crianças de até três anos a serem borboletas ou passarinhos ou alguma outra coisa; no outro, uma dúzia de garotinhas com malhas cor-de-rosa rodopiavam em pares com uma série de saltos ao som da *Valsa das flores*, que tocava em uma vitrola antiga e arranhada. Até onde me foi possível perceber, havia, sem exagero, muito talento naquele grupinho. A mulher que o ensinava tinha seus cabelos brancos puxados para trás, formando um coque apertado, mas seu corpo era magro e longilíneo como o de uma jovem atleta; sua roupa preta era igual à de Louise, e tinha às mãos uma varinha que usava para dar pancadinhas nos tornozelos e nos ombros das meninas ao lhes dar as instruções.

— Dê só uma olhada nisto aqui — Cassie disse baixinho.

O cartaz exibia Katy Devlin, embora eu tenha demorado um segundo para reconhecê-la. Estava vestida com uma fina bata branca e tinha uma das pernas erguida por trás do corpo em um arco ao mesmo tempo impossível e feito sem esforço algum. Sob a foto letras grandes diziam: “Vamos mandar Katy para a Escola do Royal Ballet! Ajudem-na a Deixar Todos Nós Orgulhosos!” e os detalhes do evento para angariar fundos: “No Salão de Festas da Paróquia de St. Alban, dia 20 de junho às 19h, Uma Noite de Dança com as Alunas da Academia Cameron de Dança. Ingressos a 10 e 7 euros. Todo o Dinheiro Arrecadado Será Usado para Pagar as Taxas de Inscrição de Katy.” Fiquei imaginando o que seria feito com o dinheiro agora.

Sob o cartaz havia uma reportagem recortada de um jornal com uma foto pretensamente artística de Katy treinando posições com ajuda da barra horizontal de ferro; seus olhos, pelo espelho, fitavam o fotógrafo com uma sobriedade perene e concentrada. “A Pequenina Dançarina de Dublin Alça Voo”, *The Irish Times*, 23 de junho: “Acho que vou sentir saudades da minha família, mas mesmo assim, mal consigo esperar”, dizia Katy. “Minha vontade é ser dançarina desde que eu tinha seis anos. Não acredito que vou mesmo. Às vezes, quando acordo, acho que talvez tenha sido um sonho.” Sem dúvida a matéria havia ajudado a angariar doações para o pagamento das taxas de inscrição de Katy — mais um lado da questão que teríamos que verificar —, mas a única coisa que fez por nós foi piorar nossa situação: pedófilos também leem jornais, e a foto era extremamente chamativa. O campo de potenciais suspeitos tinha acabado de ampliar-se imensamente e englobado quase todo o país. Dei uma passada de olhos pelos outros anúncios: vende-se saia tutu, tamanho 36; algum morador de Blackrock estaria interessado em rachar uma carona para ir e voltar das aulas do Intermediário.

A porta do estúdio abriu-se e uma torrente de menininhas com a mesma roupa passou rapidamente por nós, todas tagarelando, se atropelando e dando gritinhos.

— Pois não? — Simone Cameron perguntou, à porta.

Sua voz era linda, grave como a de um homem, mas sem passar a mínima masculinidade, e ela era mais velha do que eu havia imaginado: o rosto era magro e com rugas profundas e intrincadas. Deve ter achado que éramos pais de alguma criança e que fomos consultá-la para colocar nossa filha nas aulas de dança e, por um momento, senti um impulso desenfreado de representar tal papel, de perguntar os preços e os horários e ir embora, deixando-a com sua ilusão e sua pupila-estrela por um pouco mais de tempo.

— Sra. Cameron?

— Simone, por favor — ela disse. Seus olhos eram extraordinários, quase dourados, enormes e com as pálpebras bastante aparentes.

— Sou o detetive Ryan e essa é a detetive Maddox — falei pela milésima vez naquele dia. — Será que podemos conversar com você por alguns minutinhos?

Ela nos levou para dentro do estúdio e colocou três cadeiras em um dos cantos. Um espelho ocupava por completo uma das paredes compridas, três barras horizontais de ferro iam de um lado ao outro em alturas diferentes, e eu não conseguia deixar de ter minha atenção distraída, pelo canto do olho, por meus próprios movimentos. Posicionei minha cadeira de modo que não conseguisse mais vê-los.

Contei a Simone o que havia acontecido com Katy. Agora era definitivamente a minha vez de cuidar dessa parte. Imaginei que fosse chorar, eu acho, mas ela não chorou. Recuou um pouco a cabeça, e as rugas de seu rosto pareceram aprofundar-se ainda mais, mas não passou disso.

— Você viu Katy na aula de segunda-feira à noite, não viu? — perguntei. — Como ela parecia?

Muito pouca gente é capaz de ficar em silêncio, mas Simone Cameron era diferente: ela esperou, sem se mexer, com um dos braços sobre as costas da cadeira, pelo momento em que estivesse preparada para falar. Depois de muito tempo, ela disse:

— Assim como em todos os outros dias. Um pouquinho empolgada demais. Só foi se acalmar e se concentrar depois de alguns minutos, mas era natural, ela iria para a escola do Royal Ballet dentro de poucas semanas. Passou o verão inteiro ficando mais e mais animada a cada dia que passava. — Ela virou a cabeça um pouco para o outro lado. — Ela não veio à aula de ontem à noite, mas supus que apenas tivesse adoecido de novo. Se eu tivesse ligado para os pais dela...

— Ontem à noite ela já estava morta — Cassie disse com muito tato. — Você não poderia ter feito nada.

— Adoecido de novo? — perguntei. — Por acaso ela havia adoecido recentemente?

Simone balançou a cabeça em negação.

— Não, recentemente não. Mas não é uma criança forte. — Suas pálpebras baixaram por um instante, encobrindo-lhe os olhos. — Não era. — Então, voltou a erguer o olhar em minha direção. — Eu era professora de Katy há seis anos. Durante vários desses anos, começando quando ela tinha, talvez, uns nove anos, era bastante frequente ela adoecer. A mesma coisa acontecia com a irmã, Jessica, mas na maioria das vezes era resfriado, tosse, acho que ela é simplesmente frágil. Já Katy sofria crises de vômito e diarreia. Às vezes a coisa ficava tão séria que chegava a ser hospitalizada. Os médicos achavam que era alguma espécie de gastrite crônica. Era para ela ter ido para a escola do Royal Ballet no ano passado, mas teve uma crise fortíssima no final do verão, e resolveram submetê-la a uma cirurgia para descobrir mais detalhes. Quando veio a se recuperar, já era tarde demais para tentar acompanhar. Ela teve que repetir todos os testes nesta primavera.

— Mas ultimamente as crises tinham parado? — perguntei. Teríamos que ver o histórico médico de Katy, e rápido.

Simone abriu um sorriso, recordando-se; era um sorriso discreto, sofrido, e seus olhos fugiram repentinamente de nós.

— Eu ficava muito preocupada pensando se ela teria saúde para aguentar os treinamentos. Bailarinas se prejudicam quando perdem muitas aulas por motivo de saúde. Quando Katy foi aceita novamente este ano, pedi que ficasse depois da aula um dia e aconselhei que se consultasse frequentemente com um

médico para descobrir qual era o problema. Katy escutou, depois negou solenemente, como se fosse uma promessa, e disse: “Eu não vou mais adoecer.” Tentei colocar na cabeça dela que aquilo não era uma coisa que poderia ignorar, que sua carreira poderia depender daquilo, mas ela não dizia mais nada além de que não iria mais adoecer. Porém, de fato, desde então, não adoeceu mais. Achei que tivesse sido simplesmente uma daquelas coisas que somem com a idade, o que quer que tenha sido; mas a força de vontade pode ser muito poderosa, e Katy tem... tinha... uma força de vontade muito grande.

Chegou a hora de ouvir outra turma sair; as vozes dos pais na escada e mais um tropel de pés pequenos e tagarelícos.

— Você também foi professora de Jessica? — Cassie perguntou. — Ela também fez teste para o Royal Ballet?

No início de uma investigação, a não ser que exista um suspeito óbvio, o máximo que se pode fazer é tentar descobrir o maior número de detalhes sobre a vida da vítima e torcer para que alguma coisa faça disparar o alarme; e eu tinha certeza de que Cassie tinha razão. Precisávamos descobrir mais coisas a respeito da família Devlin. E Simone Cameron parecia disposta a falar. Isto é algo muito comum, as pessoas ficam desesperadas para prosseguir com a conversa, porque, quando paramos, vamos embora e elas ficam sozinhas com o que aconteceu. A gente escuta, concorda, se solidariza e arquiva tudo o que elas dizem.

— Fui professora de todas as três, em um momento ou outro — disse Simone. — Jessica parecia bastante competente quando era mais novinha e se esforçava muito, mas, conforme foi crescendo, ficou muito pouco à vontade, o que acabou prejudicando todos os seus movimentos. Chegou uma hora em que qualquer exercício individual parecia ser uma dolorosa provação para ela. Falei para os pais que achava melhor que ela não tivesse mais que passar por aquilo.

— E Rosalind? — Cassie perguntou.

— Rosalind tinha algum talento, mas faltava aplicação, e ela queria resultados imediatos. Saiu depois de alguns meses e foi fazer, acredito eu, aula de violino. Disse que foram os pais que resolveram, mas achei que foi porque ela estava entediada. Isso acontece com bastante frequência com crianças pequenas: quando não atingem uma perfeição imediata e se dão conta do quanto precisarão se esforçar, ficam frustradas e vão embora. Para ser franca, nenhuma das duas teria qualquer chance de ser selecionada para a escola do Royal Ballet.

— Mas Katy... — disse Cassie, inclinando-se para a frente.

Simone passou um bom tempo olhando para ela.

— Katy era... *sérieuse*.

Era aquilo que dava à voz dela um pouco de seu caráter inconfundível. Em algum lugar, bem lá no fundo, um toque de francês moldava-lhe as entonações.

— Esforçada — falei.

— Mais que isso — disse Cassie, cuja mãe era descendente de franceses. Durante a infância ela passava os verões com os avós na Provença. Dizia já ter se esquecido de quase tudo de francês, mas ainda conseguia entender. — Uma profissional.

Simone assentiu.

— Exatamente. Ela adorava até mesmo quando precisava fazer exercícios muito puxados, não só pelos resultados que conseguiria, mas pelo próprio prazer de fazê-los. Um verdadeiro talento para dança não é uma coisa comum; a disposição para seguir na carreira é ainda mais rara. Encontrar as duas coisas em uma pessoa só... — Ela voltou a olhar para longe. — Às vezes tinha noites em que só um dos estúdios seria utilizado e ela perguntava se poderia vir treinar no outro.

Lá fora o dia começava a escurecer com a chegada da noite; os gritos da garotada dos skates subiam flutuando e passavam baixos e cristalinos pelo vidro. Imaginei Katy Devlin, sozinha no estúdio, observando-se no espelho com concentração desapaixionada enquanto executava vagarosamente seus

giros e reverências; o erguer de um pé em ponta, a luz da rua lançando retângulos de açafrão pelo chão, *Gnossiennes* de Satie arranhando na vitrola. A própria Simone parecia bastante *sérieuse*, e fiquei imaginando como foi que acabou ali, em cima de uma videolocadora em Stillorgan, com o cheiro de fritura das lanchonetes vizinhas, dando aula de balé para garotinhas cujas mães acharam que lhes daria boa postura ou queriam porta-retratos com fotos de suas filhas com roupa de bailarina. Foi aí que me dei conta, subitamente, do significado que Katy Devlin deveria ter em sua vida.

— O que o sr. e a sra. Devlin achavam de Katy ir para a academia de balé? — Cassie perguntou.

— Apoiaram bastante — Simone respondeu sem hesitar. — Eu me senti aliviada e também surpresa; não é todo pai que aceitaria mandar uma criança da idade dela para uma escola longe deles, e a maioria, com bons motivos, não quer que suas filhas se tornem dançarinas profissionais. O sr. Devlin, particularmente, apoiava muito a ida de Katy. Eram bem próximos, creio eu. Foi uma coisa que admirei nele, o fato de querer o melhor para ela, mesmo que para isso precisasse ficar longe deles.

— E a mãe? — Cassie perguntou. — As duas eram próximas?

Simone deu de ombros em um sinal de dúvida.

— Menos, eu acho. A sra. Devlin é... bastante distante. Sempre me pareceu completamente confusa em relação a todas as filhas. Acho que talvez não seja muito inteligente.

— Percebeu algum estranho andando por aí nos últimos meses? — perguntei. — Alguém que a tenha deixado preocupada? — Academias de balé, cursos de natação e grupos de escoteiros atraem pedófilos como açúcar atrai formiga. Se havia alguém procurando uma vítima, ali seria evidentemente um lugar onde poderia ter visto Katy.

— Entendo aonde o senhor está querendo chegar, mas não. Ficamos de olhos abertos para esse tipo de coisa. Há uns dez anos, um sujeito se sentava sobre um muro lá em cima da colina e ficava olhando aqui para o estúdio com binóculos. Reclamamos com a polícia, mas eles só foram se mexer quando o sujeito tentou convencer uma das meninas a entrar no carro dele. Desde então procuramos ter muito cuidado.

— Alguém se interessava por Katy de um jeito que você considerava incomum?

Ela pensou um pouco e depois negou com um gesto de cabeça.

— Ninguém. Todos admiravam o talento dela e muita gente doou dinheiro para ajudar com as taxas da inscrição, mas ninguém mais que os outros.

— Alguém invejava o talento dela?

Simone deu um sorriso irônico.

— Os pais daqui não querem que as filhas sejam famosas. O que querem é que elas aprendam um pouquinho de balé, o bastante para serem graciosas; não que sigam carreira. Tenho certeza de que algumas meninas tinham inveja, sim. Mas a ponto de matá-la? Não.

Subitamente ela parecia exausta; a postura elegante não se alterou, mas os olhos tornaram-se vítreos de cansaço.

— Obrigado pelo seu tempo — agradei. — Entraremos em contato se precisarmos fazer mais alguma pergunta.

— Ela sofreu? — Simone perguntou repentinamente, sem olhar para nós.

Foi a primeira pessoa a perguntar aquilo. Comecei a dar uma resposta padrão, falando dos resultados da autópsia, mas Cassie disse:

— Não há qualquer prova disso. Ainda não foi possível ter certeza de nada, mas parece ter sido rápido.

Simone precisou esforçar-se para virar a cabeça e seus olhos cruzaram-se com os de Cassie.

— Obrigada — disse ela.

Ela não se levantou para nos acompanhar até a saída e entendi que foi porque não sabia se conseguiria. Enquanto eu fechava a porta, vi um último vislumbre dela pela janelinha redonda. Ela

permanecia sentada, imóvel e com as costas eretas. As mãos estavam entrelaçadas sobre o colo: uma rainha de um conto de fadas, abandonada em sua torre para chorar a perda de sua princesa levada pela bruxa.

— “Eu não vou mais adoecer” — disse Cassie, no carro. — E parou mesmo de adoecer.

— Força de vontade, como disse a Simone?

— Talvez. — Ela não parecia convencida.

— Ou ela própria poderia estar provocando os sintomas — falei. — Vômito e diarreia são duas coisas muito fáceis de se induzir. Talvez estivesse precisando de atenção e, depois que foi aceita na academia de balé, deixou de precisar. Já estava ganhando bastante atenção sem que precisasse adoecer. Matérias de jornal, eventos para angariar fundos, tudo a que tinha direito... preciso fumar.

— Síndrome de Münchhausen infantil? — Cassie esticou o braço até o banco de trás, procurou nos bolsos de meu paletó e encontrou meus cigarros. Eu fumo Marlboro vermelho; Cassie não tem preferência por nenhuma marca em especial, mas geralmente compra Lucky Strike Light, que eu considero cigarro de mulher. Ela acendeu dois e me passou um. — Será que conseguimos também os históricos médicos das duas irmãs?

— Complicado — respondi. — Como estão vivas, são confidenciais. Se conseguíssemos a permissão dos pais... — Ela agitou a cabeça em um gesto negativo. — Por quê? No que está pensando?

Cassie abriu só uma fresta do vidro de seu lado e o vento jogou sua franja para o lado.

— Não sei não... a gêmea, Jessica... aquele jeitão abobalhado pode ser só tensão por causa do desaparecimento de Katy, mas ela está magra demais. Mesmo com aquele blusão enorme, dava para ver que o corpo dela não chega à metade do de Katy, que já não era nenhuma novilha. E ainda tem a outra irmã... tem alguma coisa estranha também.

— Rosalind? — perguntei.

Devo ter falado de algum jeito diferente, pois Cassie me lançou um olhar meio enviesado.

— Você gostou dela.

— Pois é, acho que gostei — respondi, na defensiva e sem saber direito o porquê. — Pareceu ser uma menina legal. Protege bastante a Jessica. Por quê? Não gostou dela?

— O que isso tem a ver? — Cassie perguntou friamente e, eu achei, um pouco injustamente. — Independentemente de quem gosta dela ou não, ela se veste de maneira estranha, exagera na maquiagem...

— Ela gosta de se arrumar e por isso acha a garota estranha?

— Ora, Ryan, faça um favor a nós dois e cresça um pouquinho; você sabe muito bem do que estou falando. Ela sorri em momentos impróprios e, como você deve ter notado, estava sem sutiã. — Eu tinha percebido, mas não havia me dado conta de que Cassie também percebera, e sua observação me deixou irritado. — Ela pode muito bem ser uma “*menina legal*”, mas tem algo estranho ali.

Não falei nada. Cassie atirou o resto do cigarro pelo vidro e afundou as mãos dentro dos bolsos, toda curvada em seu banco como uma adolescente emburrada. Liguei o farol baixo e acelerei. Eu estava aborrecido com ela e sabia que ela também estava aborrecida comigo, e não sabia direito como aquilo tinha acontecido.

O celular de Cassie tocou.

— Ah, pelo amor de Deus! — ela exclamou, olhando para a tela. — Alô, senhor... Alô?... Senhor?... Malditos telefones! — Ela desligou.

— Sinal? — perguntei friamente.

— A porra do sinal está ótimo — disse ela. — Ele só queria saber quando voltaríamos e por que estávamos demorando tanto, só que eu não estava muito a fim de falar com ele.

Normalmente eu fico chateado por muito mais tempo que Cassie, mas não consegui evitar e ri. Depois de um instante, ela também riu.

— Escute — ela disse. — Eu não estava falando mal de Rosalind só por falar. Estou é preocupada.

— Está pensando em abuso sexual? — Eu percebi que, em algum lugar no fundo de minha mente, eu vinha pensando a mesma coisa, mas achava tão ruim pensar naquilo que evitava. Uma irmã com a sexualidade exagerada, outra extremamente magra e a outra, depois de várias doenças inexplicadas, assassinada. Pensei na cabeça de Rosalind curvada sobre a de Jessica e senti uma vontade súbita e incomum de protegê-las. — O pai abusa delas. A estratégia que Katy estava usando para lidar com isso era se forçar a adoecer, podendo ser por ódio de si mesma ou para reduzir as chances de abuso. Quando é aceita na academia de balé, chega à conclusão de que precisa ter saúde e que o ciclo tem que ser detido; talvez tenha confrontado o pai, ameaçado contar. E então ele a mata.

— Pode ser — Cassie comentou enquanto observava as árvores passarem velozmente à margem da estrada; eu só via a parte de trás da cabeça dela. — Mas também pode ser a mãe, se ficar provado que Cooper se enganou quanto ao estupro, evidentemente. Síndrome de Münchhausen. Ela parecia bastante à vontade no papel de vítima, não percebeu?

Eu tinha percebido, de fato. Às vezes, a tristeza é tão forte que esconde alguma coisa tanto quanto uma máscara de tragédia grega, mas outras vezes reduz as pessoas aos seus instintos básicos (e esse é, obviamente, o único e verdadeiro motivo pelo qual nós próprios tentamos informar as famílias de suas perdas em vez de deixar que a polícia local o faça: não para mostrar o quanto nos importamos, mas para ver a reação delas), e já tínhamos tanta experiência em comunicar más notícias que conhecíamos as variações de sempre. A maioria das pessoas fica em estado de choque e chega até a bambear as pernas, sem ter ideia do que fazer; a tragédia é um território novo sem guia e é preciso aprender a caminhar por ele passo a passo. Margaret Devlin nem sequer ficou surpresa, parecia quase resignada, como se a tristeza fosse seu estado natural.

— Então basicamente o mesmo padrão — falei. — Ela provoca doença em uma ou em todas as meninas. Quando Katy é aceita na academia de balé, tenta bater o pé e a mãe a mata.

— Certamente explicaria também o porquê de Rosalind vestir-se como uma mulher de quarenta anos — Cassie opinou. — Tentando ser adulta para fugir da mãe.

Meu celular tocou.

— Ah, mas que *merda*, cara! — dissemos em uníssono.

Também fingi que o sinal estava ruim e passamos o resto do caminho listando as possíveis linhas de investigação. O’Kelly gosta de listas; uma boa lista talvez o distraia do fato de não termos retornado seus telefonemas.

A divisão fica no subsolo do Castelo de Dublin e, a despeito de todas as conotações coloniais, é uma de minhas vantagens preferidas no trabalho. Em seu interior, os cômodos foram adoravelmente reformados para ficarem exatamente iguais a todos os escritórios de empresas do país — cubículos, iluminação fluorescente, carpete com estática e paredes pintadas como se estivéssemos em um manicômio —, mas o lado de fora do prédio é tombado e permanece intacto: mármore e tijolos vermelhos antigos com ameias, pequenas torres e esculturas de santos já desgastadas pelo tempo e em locais inesperados. Nas noites enevoadas de inverno, atravessar aquelas pedras arredondadas da pavimentação é como andar pelo mundo de Dickens — a iluminação dourada das ruas lançando sombras em ângulos esquisitos, sinos tocando nas catedrais próximas, cada passo ecoando na escuridão; Cassie diz que dá para fingir ser o inspetor Abberline investigando os assassinatos de Jack, O Estripador. Uma vez, em uma noite clara de lua cheia em dezembro, ela virou cambalhotas de uma ponta à outra do pátio principal.

A luz da janela de O’Kelly estava acesa, mas o resto do edifício estava às escuras: já havia passado das sete e todos tinham ido para suas casas, menos ele. Entramos furtivamente, fazendo o máximo de silêncio possível. Cassie subiu na ponta dos pés para usar o computador e pesquisar os nomes de Mark e do resto dos Devlin, e eu desci até o porão, onde mantínhamos os arquivos de investigações antigas. Costumava ser uma adega e, como o lugar ainda não passava por reformas, conservava suas lages, colunas e ogivas de arcos baixos. Cassie e eu fizemos um pacto de algum dia descermos com duas velas, apesar da iluminação elétrica e desafiando as normas de segurança, e passar a noite à procura de passagens secretas.

A caixa de papelão (G. Rowan, P. Savage, 33791/84) estava exatamente da mesma maneira que eu a deixara havia mais de dois anos. Duvido de que alguém tenha encostado a mão nela desde então. Retirei a ficha e procurei o depoimento que a Delegacia de Pessoas Desaparecidas colheu da mãe de Jamie e, graças a Deus, lá estava ele: cabelos loiros, olhos castanhos, camiseta vermelha, short azul de brim, tênis brancos e grampos vermelhos de cabelo decorados com moranguinhos.

Escondi a ficha sob o paletó caso topasse com O’Kelly (não havia motivo para que eu não a pegasse, sobretudo naquele momento em que a conexão com o caso Devlin já estava definida, mas por alguma razão me senti culpado e agindo às escondidas, como se estivesse fugindo com algum artefato proibido) e subi para onde Cassie estava. Encontrei-a na frente do computador; ela havia deixado as luzes apagadas para que O’Kelly não nos visse.

— Mark tem ficha limpa — disse ela. — Margaret Devlin também. Jonathan tem uma condenação. Aconteceu em fevereiro deste ano.

— Pornografia infantil?

— Caramba, Ryan! Como a sua mente é melodramática! Não, perturbação da ordem. Estava protestando contra a construção da rodovia e ultrapassou o limite determinado pela polícia. O juiz o condenou a pagar uma multa de cem libras esterlinas e a cumprir vinte horas de serviço comunitário. Depois, aumentou para quarenta quando Devlin disse que, até onde ele sabia, tinha acabado de ser preso justamente por prestar um serviço à comunidade.

Então não foi ali que vi o nome de Devlin. Como já disse, eu tinha só uma ideia muito superficial da existência da polêmica a respeito da tal rodovia. Porém, de fato, aquilo explicava seus motivos para não dar queixa dos telefonemas ameaçadores. Ele não nos veria como aliados, sobretudo em relação a qualquer coisa com alguma ligação com a rodovia.

— O grampo de cabelo está na ficha — falei.

— Boa — Cassie me incentivou com um tom de questionamento na voz. Estava desligando o computador e se virou para olhar para mim. — Está satisfeito?

— Não sei direito — respondi. É óbvio que era legal saber que eu não estava ficando maluco ou imaginando coisas; mas agora estava pensando se eu tinha mesmo me lembrado ou se havia apenas visto na ficha e de qual dessas possibilidades eu menos gostava, e me arrependendo de não ter ficado de bico calado sobre toda aquela história maldita.

Cassie ficou esperando; à luz da noite que entrava pela janela, seus olhos pareciam enormes, escuros e atentos. Eu tinha consciência de que ela estava me dando oportunidade de dizer: *Que se foda o tal grampo de cabelo, vamos nos esquecer de que um dia o encontramos*. Mesmo agora, a tentação, por mais cansativa e infrutífera que possa ser, é imaginar o que teria acontecido se eu tivesse dito.

Mas estava tarde, o dia tinha sido desgastante e minha vontade era de voltar para casa. Ser tratado com luvas de pelica — mesmo que fosse por Cassie — sempre me causou aflição; não dar prosseguimento a toda aquela linha de investigação parecia requerer muito mais esforço do que simplesmente deixar que seguisse seu curso normal.

— Você liga para Sophie para saber do sangue? — perguntei. Naquela penumbra não me pareceu haver problema em admitir, pelo menos, aquele nível de fragilidade.

— Claro — Cassie topou. — Mas vou deixar para mais tarde, tá? Vamos falar com O’Kelly antes que ele sofra um aneurisma. Ele me enviou uma mensagem de texto no celular enquanto você estava no porão; nunca imaginei que ele sequer soubesse fazer isso, você sabia?

Liguei para o ramal de O’Kelly e lhe disse que havíamos voltado, ao que ele respondeu:

— Já estava na hora, porra. Por acaso vocês pararam para dar uma rapidinha, é? — Em seguida mandou que fôssemos até a sala dele naquele exato momento.

Na sala de O’Kelly só há uma cadeira além da dele, um daqueles troços ergonômicos de couro de mentira. A mensagem que isso passa era clara: ninguém deve ocupar demais o espaço ou o tempo dele. Eu me sentei na cadeira e Cassie empoleirou-se em uma mesa atrás de mim. O’Kelly lançou-lhe um olhar de irritação.

— Andem rápido — ele disse. — Às oito eu tenho um compromisso. — A esposa havia abandonado O’Kelly no ano anterior; desde então a central de fofocas captou uma série de tentativas constrangedoras de relacionamento, inclusive um encontro às cegas espetacularmente fracassado em que ele descobriu que a mulher era uma ex-prostituta que ele sempre prendia em seus tempos de policial da Delegacia de Costumes.

— Katharine Devlin, doze anos — falei.

— Então a identificação já é definitiva?

— Noventa e nove por cento — respondi. — Pediremos que um dos pais confirme a identidade depois que o necrotério terminar de remendá-la, mas Katy Devlin tinha uma irmã gêmea, que nós vimos que é idêntica à nossa vítima.

— Indícios? Suspeitos? — ele perguntou com rispidez. O’Kelly estava com uma gravata mais ou menos bonita, preparado para partir para o seu encontro, e tinha exagerado no perfume; não consegui identificar, mas cheirava a perfume caro. — Vou ter que dar uma merda de uma coletiva para a imprensa amanhã. Digam-me que descobriram alguma coisa.

— Foi atingida na cabeça e asfixiada. Provavelmente estuprada — Cassie disse. A luz fluorescente manchava-a de cinza sob os olhos. Parecia esgotada e jovem demais para estar dizendo aquelas palavras com tanta calma. — Só teremos informações definitivas depois que sair o laudo da autópsia, amanhã de manhã.

— *Amanhã?* Mas que merda! — O’Kelly exclamou, indignado. — Avisem ao merda do Cooper para dar prioridade ao caso.

— Já avisei, chefe — Cassie respondeu. — Ele teve que comparecer ao tribunal hoje à tarde. Disse que amanhã bem cedo é o máximo que ele consegue. — (Cooper e O’Kelly se detestam; o que Cooper tinha dito na verdade foi: “Explique educadamente ao sr. O’Kelly que os casos dele não são os únicos no mundo.”) — Identificamos quatro linhas preliminares de investigação e...

— Ótimo, isso é ótimo — disse O’Kelly, abrindo gavetas à caça de uma caneta.

— Primeira, a família — disse Cassie. — O senhor conhece as estatísticas, não conhece? A maioria das crianças assassinadas morre pelas mãos dos próprios pais.

— E tem alguma coisa estranha naquela família, chefe — comentei. Essa era a minha fala; tínhamos que deixar isso claro, caso algum dia viéssemos a precisar de um pouco de liberdade de manobra para investigar os Devlin, mas, se fosse Cassie que tivesse dito, O’Kelly iria começar um interminável discurso malicioso e entediante sobre intuição feminina. Já sabíamos bem como lidar com O’Kelly. Nosso entrosamento foi sendo trabalhado até chegar à perfeição de uma harmonia dos Beach Boys, sabemos perceber exatamente quando é necessário trocar os papéis de homem de frente e de auxiliar, de policial bonzinho e policial durão, e quando minha frieza e sobriedade calculadas deviam ser

contraponto à tranquilidade vivaz de Cassie, e tal estratégia podia ser usada até mesmo contra os nossos. — Não consigo definir o que é com absoluta certeza, mas tem algo errado naquela casa.

— Nunca ignore um pressentimento — aconselhou O’Kelly. — É perigoso. — Cassie cutucou minhas costas com o pé.

— A segunda — disse Cassie. — Teremos que pelo menos investigar a possibilidade de alguma espécie de culto.

— Ai, meu Deus, Maddox! O que foi agora? Por acaso a *Cosmopolitan* deste mês publicou uma matéria sobre satanismo? — A desconsideração de O’Kelly pelos clichês é tão devastadora que quase chega a ter seu próprio encanto. Considero-a interessante, irritante ou ligeiramente consoladora, dependendo de como esteja o meu humor, mas pelo menos facilita muito na hora de preparar o roteiro com antecedência.

— Também achei uma baboseira sem tamanho, chefe — falei. — Mas a garotinha assassinada foi encontrada em um altar de sacrifícios. Os jornalistas já estavam abordando o assunto. Temos que eliminar essa possibilidade. — É evidente que é difícil provar que uma coisa não existe, mas dizer uma coisa dessas, sem provas conclusivas, só faz surgirem adeptos de teorias da conspiração, então assumimos uma postura diferente. Passaríamos várias horas tentando encontrar na morte de Katy Devlin evidências que não correspondessem ao suposto *modus operandi* de um grupo hipotético (não foram encontrados indícios de sangria, ou de vestes cerimoniais de sacrifício, tampouco de símbolos ocultos, blá-blá-blá...), e depois O’Kelly, que, por sorte, não tem o mínimo senso do absurdo, explicaria tudo isso para as câmeras.

— Perda de tempo — O’Kelly disse. — Mas claro, claro, faça sim. Converse com o pessoal da Divisão de Crimes Sexuais, fale com o padre da paróquia, com quem quer que seja, apenas descarte logo de uma vez essa hipótese. Qual é a terceira?

— A terceira — Cassie se antecipou — é que tenha sido um crime sexual puro e simples. Um pedófilo que a matou ou para impedir que o denunciasse ou porque matar é o seu prazer. E se o caso acabar dando nessa possibilidade, teremos que tirar lá do fundo do baú o caso das duas crianças que desapareceram em Knocknaree em 1984. A idade é a mesma, o local é o mesmo e, bem ao lado do corpo da nossa vítima, encontramos uma gota de sangue velho, o laboratório já está comparando-o com as amostras dos de 84, e um grampo de cabelo que se encaixa na descrição de um que a menina desaparecida estava usando. Não podemos descartar que tenha ligação. — Sem dúvida era Cassie que deveria mesmo ter falado essa parte. Eu consigo, como já disse, mentir muito bem, mas só de ouvi-la, meu coração acelerou a tal ponto que me deixou incomodado e, de certa maneira, O’Kelly é mais atento do que finge ser.

— O quê? Um pedófilo assassino serial? Depois de vinte anos? E como você sabe desse grampo de cabelo, afinal?

— Foi o senhor mesmo que disse para pesquisarmos com casos não resolvidos, chefe — Cassie respondeu virtuosamente. Era verdade, ele disse mesmo. Deve ter escutado em algum seminário, ou talvez vendo *CSI*, só que ele nos mandava fazer um monte de coisas mas nunca tínhamos tempo. — E o indivíduo poderia estar fora do país, ou na cadeia, ou mata só quando está muito estressado...

— *Todos nós* estamos sempre muito estressados — O’Kelly falou. — Um assassino serial. Era só o que faltava. E o que sobrou?

— A quarta é a que pode ser a mais complicada, chefe — Cassie disse. — Jonathan Devlin, o pai, é o presidente da campanha “Fora a Rodovia” de Knocknaree. Pelo jeito, o movimento acabou irritando algumas pessoas. Ele afirma ter recebido três telefonemas anônimos nos últimos dois meses em que ameaçavam sua família caso não parasse com os protestos. Vamos ter que descobrir de quem é o grande interesse que a rodovia passe por Knocknaree.

— O que significa mexer com construtoras e com os conselhos do condado — O’Kelly lembrou. — Meu Deus!

— Vamos precisar do máximo de auxiliares que puder nos arrumar, senhor — eu disse. — E acho que vamos precisar também de mais alguém da Homicídios.

— Caramba, pelo jeito vão mesmo! Levem o Costello. Deixem um recado; ele sempre chega cedo.

— Para dizer a verdade, senhor, prefiro O’Neill — eu disse. Não tenho nada contra Costello, mas não o queria de jeito nenhum na investigação. Além de ser uma pessoa sombria e por o caso já ser deprimente o bastante sem sua presença, ele me parecia o tipo obstinado que passaria um pente-fino nos arquivos do caso de 1984 e começaria por tentar localizar Adam Ryan.

— Não vou colocar três novatos em um caso desta magnitude, com ampla divulgação na mídia. Vocês dois só o pegaram porque passam o tempo livre caçando pornografia na internet ou o que quer que estivesse fazendo, em vez de tomarem um pouco de ar fresco como todos os outros.

— O’Neill nem chega perto de ser novato, senhor. Já está há sete anos na Homicídios.

— E todos sabemos o motivo — disse O’Kelly, sordidamente. Sam entrou para a divisão com vinte sete anos; o tio é um político de importância mediana, Redmond O’Neill, que costuma ser ministro adjunto da Justiça ou do Meio Ambiente ou de alguma outra coisa. Sam lida bem com o fato. Quer seja por natureza ou estratégia, é um sujeito tranquilo, confiável e o parceiro preferido de todos, o que afasta grande parte dos potenciais comentários maliciosos. Volta e meia alguém ainda lança algum comentário insultuoso, mas normalmente são instintivos, como havia sido o de O’Kelly, e não efetivamente maldosos.

— É justamente por isso que precisamos dele, chefe — insisti. — Se pretendemos meter o bedelho em assunto do conselho do condado e em todo o resto sem provocar muito rebuliço, vamos precisar de alguém que tenha contatos nesse círculo.

O’Kelly deu uma olhada no relógio da parede, fez como se fosse alisar o pouco que ainda lhe restava de cabelo, mas pensou melhor e resolveu não fazê-lo. Faltavam vinte minutos para as oito. Cassie descruzou as pernas, cruzou de novo e se acomodou mais confortavelmente na mesa.

— Acho que pode haver prós e seus contras — ela divagou. — Talvez devêssemos discutir...

— Ah, façam como queiram, levem O’Neill — O’Kelly falou com irritação. — Mas resolvam logo de uma vez este caso e não deixem que ele encha o saco de ninguém. Quero relatórios na minha mesa todo dia de manhã. — Ele se levantou e começou a juntar papéis em pilhas desorganizadas. Estávamos liberados.

Sem motivo aparente, senti uma repentina e agradável onda de contentamento, penetrante e destilada como a que imagino que um viciado em heroína sinta quando a droga é injetada na veia. Era minha parceira apoiando as mãos para descer da mesa como se deslizasse, era o movimento hábil e treinado de fechar o meu bloco só com uma das mãos, era o meu chefe contorcendo-se para entrar no paletó de seu terno e disfarçadamente verificando os ombros para ver se não havia vestígios de caspa, era a sala feericamente iluminada com uma pilha de arquivos de casos no canto e a noite roçando na janela. Era perceber novamente que aquilo era real e era a minha vida. Talvez Katy Devlin, se tivesse vivido, pudesse sentir-se dessa forma em relação às bolhas em seus dedos dos pés, ao odor pungente de suor e de cera de assoalho nos estúdios de dança e às sinetas para o café da manhã soando bem cedinho pelos corredores ecoantes. Talvez ela, como eu, tivesse adorado os menores detalhes e os obstáculos ainda mais do que as coisas boas, porque são eles que provam que você está no lugar certo.

Eu me lembro daquele momento porque, com sinceridade, sinto-o tão raramente! Não sou bom para perceber quando estou contente, a não ser quando me lembro do passado. Meu dom, ou defeito fatal, é a nostalgia. Algumas vezes me acusaram de exigir perfeição, de rejeitar os desejos do coração quando me aproximo o bastante e o falso brilho impressionista e misterioso se dispersa em pontos simples e uniformes, mas a verdade é menos simplista do que isso. Sei muito bem que a perfeição é feita de coisas banais e gastas. Creio que se possa dizer que meu verdadeiro ponto fraco é uma espécie de

hipermetropia: só a distância, e quase sempre tarde demais, eu consigo ter a noção exata de qualquer coisa.

Nem eu nem Cassie estávamos com vontade de sair para beber. Ela telefonou para o celular de Sophie e contou que havia reconhecido o grampo de cabelo de seu conhecimento enciclopédico dos casos não resolvidos. Fiquei com a sensação de que Sophie não acreditou, mas não me importei muito de qualquer maneira. Depois ela foi para casa digitar um relatório para O’Kelly e eu voltei para a minha com o arquivo do caso de 1984.

Em Monkstown divido um apartamento planejado convenientemente para quem trabalha fora com uma mulher indescritível chamada Heather, funcionária pública, dona de uma vizinha de menina que sempre me deixa achando que está prestes a debulhar-se em lágrimas. A princípio, achei aquilo atraente; hoje em dia só me faz ficar nervoso. Fui morar com ela porque gostei da ideia de morar perto do mar, o aluguel era razoável e porque a achava bonita (um metro e meio de altura, toda pequenina, grandes olhos azuis e cabelos que iam até as ancas) e nutria fantasias hollywoodianas de um relacionamento lindo se desabrochando para a surpresa dos dois. Continuo morando lá devido à minha inércia e porque, quando descobri sua série de neuroses, comecei a economizar para comprar um apartamento só meu, e o flat dela era — mesmo depois que nós dois percebemos que nunca aconteceria conosco a história de Harry e Sally e ela aumentou o meu aluguel — o único na área da grande Dublin que permitiria que eu fizesse isso.

Abri a porta, gritei “Oi!” e investi rápido para o meu quarto. Heather ganhou de mim; surgiu à porta da cozinha com uma velocidade incrível e perguntou com sua voz de passarinho:

— Oi, Rob, como foi o seu dia? — Às vezes imagino-a sentada na cozinha, durante horas a fio, fazendo dobrinhas perfeitas com a beira da toalha de mesa e em posição para saltar da cadeira e grudar em mim assim que escutar minha chave na fechadura.

— Foi bom — respondi, mantendo minha linguagem corporal apontada na direção de meu quarto e destrancando minha porta (coloquei a fechadura poucos meses depois de ter ido morar lá, pretensamente para evitar que algum ladrão hipotético acabasse de posse de algum arquivo confidencial da polícia). — Como você está?

— Ah, tudo bem — Heather respondeu, apertando mais o robe de lã cor-de-rosa no corpo. O tom martirizado que usou ao falar só me deixava duas opções: eu poderia dizer “ótimo”, entrar em meu quarto e fechar a porta, o que a levaria a passar dias de cara amarrada e batendo com as panelas para mostrar que não tinha gostado da minha falta de consideração, ou poderia perguntar “está tudo bem mesmo?”, o que me levaria a ter que passar a hora seguinte escutando todos os minuciosos detalhes das ofensas que ela sofre nas mãos do patrão ou sobre sua sinusite ou o que quer que estivesse fazendo-a se sentir chateada no momento.

Felizmente, tenho uma opção C, embora tenha que guardá-la para emergências.

— Tem certeza? — perguntei. — Tem um monte de gente lá no trabalho com uma gripe horrível, e acho que posso ter sido contagiado. Espero que eu não passe para você.

— Ai, meu Deus! — Heather exclamou, levando a voz a subir mais uma oitava e os olhos a ficarem ainda maiores. — Rob, meu querido, não quero de maneira nenhuma que me entenda mal, mas talvez seja melhor eu manter distância de você por hoje. Você sabe que eu pego resfriado fácil, fácil.

— Eu entendo — falei para tranquilizá-la, e Heather desapareceu, voltando a entrar na cozinha, possivelmente para acrescentar enormes cápsulas de vitamina C e de equinácea a sua dieta freneticamente balanceada. Entrei no quarto e fechei a porta.

Servi-me de uma bebida — deixo uma garrafa de vodca e uma de água tônica atrás de meus livros para evitar que Heather entre numa de querer beber comigo no aconchego de meu quarto — e abri o arquivo da investigação de 1984 sobre minha escrivãzinha. Meu quarto é péssimo para uma pessoa se concentrar. O edifício inteiro passa a mesma sensação barata e de pouca qualidade de tantas das novas construções de Dublin — tetos baixos demais, trinta centímetros a menos que o normal; fachada achatada, de uma horrível cor de lama e com uma forma completamente sem originalidade; e quartos que chegam a parecer um insulto de tão estreitos, como se houvessem sido projetados para esfregar na cara da pessoa o fato de que ela não pode se dar ao luxo de querer ter do bom e do melhor — e a construtora não viu necessidade de desperdiçar material de isolamento conosco, e por isso qualquer passo que é dado acima de nós, ou qualquer escolha musical que venha dos apartamentos de baixo, ecoa por todo o nosso apartamento, e eu também acabo sabendo muito mais do que precisaria sobre as preferências sexuais do casal vizinho. Depois de quatro anos, já me acostumei mais ou menos com tudo isso, mas ainda considero ofensivas todas as premissas básicas do lugar.

A tinta dos formulários dos testemunhos estava desbotada e borrada, quase ilegível em certos lugares, e eu sentia o gosto da poeira fina que se depositava sobre meus lábios. Os dois investigadores que chefiaram o caso já haviam se aposentado, mas eu anotei os nomes deles — Kiernan e McCabe — para o caso de chegar uma hora em que nós, ou melhor, que Cassie precisasse conversar com eles.

Uma das coisas que mais salta à vista no caso, para quem vê nos tempos de hoje, é a lentidão que nossas famílias demonstraram para ficarem preocupadas. Hoje em dia é só a criança não atender o celular que os pais já ligam para a polícia; a Delegacia de Pessoas Desaparecidas já está saturada de tanto receber queixas sobre crianças que acabaram ficando na escola depois da aula ou que se demoraram um pouco demais jogando algum videogame. Parece ingenuidade dizer que os anos 1980 foram uma época mais inocente depois de tudo o que veio a se saber sobre orfanatos, padres e pastores altamente respeitados, nos cantos mais longínquos e solitários do país, só que, naquela época, eram somente boatos inimagináveis que aconteciam em outros lugares. As pessoas agarravam-se à sua inocência com uma tenacidade simples e ardente, e talvez tenha sido justamente por isso que foram escolhidas, e também para carregar sua própria culpa; e a mãe de Peter nos chamou, quase entrando pelo bosque, limpando as mãos no avental e depois nos deixou a sós com a brincadeira que havia feito com que perdêssemos a noção da hora, e voltou para casa para preparar o chá.

Encontrei Jonathan Devlin na margem de um dos formulários de testemunho dos menos importantes, lá pelo meio da pilha. A sra. Pamela Fitzgerald, moradora do número 27 da Knocknaree Drive — uma senhora de idade, levando-se em conta a caligrafia ilegível e rabiscada —, contou aos investigadores que um grupo de adolescentes parecendo violentos passava as noites na frente do bosque bebendo, fumando, namorando e às vezes dizendo coisas horríveis para quem passava, e que ninguém estava em segurança hoje em dia, mesmo cuidando de sua própria vida, e que o que eles precisavam mesmo era de um bom tapa na orelha. Ou foi Kiernan ou McCabe que rabiscou alguns nomes na lateral da folha: Cathal Mills, Shane Waters e Jonathan Devlin.

Corri as outras folhas para ver se algum deles havia sido interrogado. Em frente à minha porta, eu escutava os mesmos sons rítmicos de sempre com que Heather começava sua rotina de todas as noites: freneticamente limpando, tonificando, unectando, escovando os dentes durante os três minutos recomendados pelo dentista, assoando distintamente o nariz inexplicáveis vezes... Bem na hora de sempre, às cinco para as onze, ela bate à minha porta e fala amorosa e timidamente, com a voz bem baixinha, porém alta o suficiente para que eu consiga escutar.

— Boa-noite, Rob.

— Boa-noite — respondi, dando um toque final com uma tosse.

Os três depoimentos foram curtos e praticamente idênticos, exceto pelas anotações à margem que descreviam Waters como “mt. nervoso” e Mills como “incooperativo” [*sic*]. Devlin não fez jus a nenhum

comentário. Na tarde de 14 de agosto eles retiraram o dinheiro da pensão do governo e foram de ônibus ao cinema de Stillorgan. Voltaram a Knocknaree por volta das sete — uma hora em que já estava tarde para o chá — e ficaram se embebedando escondidos em um campo próximo do bosque até cerca de meia-noite. Sim, eles viram que havia gente a observá-los, mas simplesmente ocultaram-se atrás da vegetação para que não fossem vistos. Não, eles não viram mais nada de incomum. Não, eles não viram ninguém que pudesse confirmar seus paradeiros naquele dia, mas Mills propôs (possivelmente como zombaria, mas os dois acabaram aceitando) levar os investigadores até o campo e mostrar as latas vazias de sidra, e realmente se provou que estavam onde ele havia dito. O jovem que trabalhou naquela noite na bilheteria do cinema de Stillorgan parecia estar sob efeito de medicamentos controlados e não sabia direito se lembrava-se dos três ou não, mesmo depois que os investigadores revistaram seus bolsos e encheram seus ouvidos falando do mal que fazem as drogas.

Não fiquei com a impressão de que se pudessem levar a sério os “transviados” — detesto esse termo — como suspeitos. Não eram exatamente criminosos insensíveis (os guardinhas da área os alertaram quanto às suas bebedeiras públicas frequentes demais, e Shane Waters ganhou um *sursis* de seis meses por ter tentado roubar produtos de uma loja quando tinha quatorze anos, mas não passou disso), e por que iriam querer provocar o desaparecimento de duas crianças de doze anos? O que aconteceu foi que simplesmente estavam ali pela área, fazendo o que não deviam, e por isso Kiernan e McCabe foram investigá-los.

Nós os chamávamos de “motoqueiros”, embora eu tenha lá minhas dúvidas se algum deles nem sequer chegava a ter mesmo uma motocicleta; provavelmente só se vestiam como se tivessem: jaquetas pretas de couro com os zíperes dos pulsos abertos e cobertas de tachas; barba por fazer e cabelos compridos. Um deles usava o inevitável *mullet*. Botas de cano alto e camisetas com logotipos estampados — Metallica e Anthrax. Para mim, eram os nomes deles, mas Peter disse que eram bandas de música.

Eu não fazia ideia de qual deles acabaria sendo Jonathan Devlin; me era impossível associar aquele homem de olhos tristes, barriginha avantajada e ombros caídos a qualquer um daqueles adolescentes magros, bronzeados e indistintos de minhas lembranças. Eu já os havia esquecido quase por completo. Acho que os motoqueiros não devem ter passado sequer uma vez por minha cabeça em vinte anos, e eu não gostava nem um pouco de achar que houvessem estado em minha memória por todo esse tempo, aguardando somente sua deixa para surgir de surpresa como aqueles bonecos grotescos que saltam de caixas quicando com seu sorriso imensamente largo e me fazendo pular de susto.

Um deles passava o ano inteiro de óculos escuros, mesmo quando estava chovendo. Às vezes ele nos oferecia chicletes e nós aceitávamos, mas os pegávamos esticando os braços, mantendo distância, porque tínhamos medo dele. Aceitávamos apesar de saber que ele os havia roubado da loja do Lowry. “Não se aproximem deles”, dizia minha mãe. “Não respondam se falarem com vocês.” Mas não dizia o porquê. Peter perguntou ao Metallica se podíamos dar uma tragada em seu cigarro. Ele nos mostrou como segurá-lo e riu quando tossimos. Ficávamos de pé ao sol, bem no limite para não ser notados, e nos esticávamos para ver o que havia dentro das revistas que eles abriam; Jamie tinha dito que em uma delas havia uma moça nua em pelo. Metallica e Cegueta ficavam acendendo isqueiros de plástico e disputavam quem aguentava mais tempo com o dedo logo acima da chama. Quando eles iam embora, no início da noite, nós íamos cheirar as latas amassadas que eles haviam deixado para trás no mato: ácidas, azedas, adultas.

Acordei ao som de alguém gritando logo abaixo de minha janela. Sentei-me ereto e todo retesado sobre a cama, e meu coração parecia o bater de um tambor contra minhas costelas. Estava tendo um sonho um bocado confuso e agitado em que Cassie e eu estávamos em um bar lotado e um fulano qualquer com uma boina de lã gritava com ela, e por um instante achei que fosse a voz dela que eu tivesse escutado. Eu

estava desorientado, estava tudo escuro e o silêncio era profundo, pois era tarde da noite; e alguém, uma mulher ou uma criança, gritava sem parar lá fora.

Fui até a janela e abri cautelosamente uma fresta da cortina. O condomínio onde moro é formado por quatro edifícios idênticos posicionados em volta de uma praçinha, um pequeno quadrado gramado com bancos de ferro, o tipo de coisa que corretores de imóveis chamam de “área de recreação comunitária”, só que nunca é usada por ninguém (o casal que mora no apartamento do térreo deu umas festas ao ar livre à noite, mas os outros moradores reclamaram do barulho e a administradora colocou uma advertência nas portarias). As luzes brancas de segurança davam à praça um brilho lúgubre parecido com o que se vê por óculos de visão noturna. Estava vazia; as sombras oblíquas nos cantos eram baixas demais para esconder qualquer um que fosse. O grito ecoou de novo, agudo e arrepiante e muito próximo, e um formigamento atávico subiu por minha espinha.

Fiquei esperando, tremendo um pouco sob a ação do vento gélido que rebatia no vidro. Depois de alguns minutos, alguma coisa se mexeu em meio às sombras, mais negra ainda em contraste com o negro da noite, e saiu para passar pela grama: era uma grande raposa, vigilante e esquelético com sua pelagem fina. Ela ergueu a cabeça e voltou a urrar, e por um instante imaginei ter sentido seu odor selvagem e hostil. Depois saiu pulando pelo gramado e desapareceu após passar pelo portão da frente, precipitando-se tortuosamente por entre as barras como um felino. Fiquei escutando seus guinchos afastando-se em meio à escuridão.

Eu estava confuso e ainda não tinha acordado por completo. Estava tenso com o que ainda havia sobrado de adrenalina e sentia um gosto amargo em minha boca; sentia a necessidade de comer alguma coisa fria e doce. Fui até a cozinha procurar um suco. Heather, assim como eu, às vezes tem dificuldade para dormir, e eu me vi praticamente torcendo para que ela estivesse acordada e continuasse disposta a reclamar sobre o que quer que fosse, mas não vi a luz acesa sob a porta de seu quarto. Servi-me de um copo do suco de laranja, que era dela, e passei um bom tempo parado em frente à geladeira aberta, pressionando o copo em minha têmpora e bambeando ligeiramente em frente à tremeluzente luz néon.

Pela manhã a chuva caía forte. Enviei uma mensagem de texto para o celular de Cassie dizendo que passaria para buscá-la. O Carrinho de Golfe costuma ficar catatônico quando chove. Quando buzinei na frente do prédio, ela desceu correndo, vestindo um casaco grosso Paddington Bear e trazendo uma garrafa térmica com café.

— Graças a Deus não choveu assim ontem — disse ela. — Adeus, provas.

— Dê só uma olhada — eu disse, entregando-lhe os papéis que falavam de Jonathan Devlin.

Ela se sentou com as pernas cruzadas no banco do carona e ficou lendo, e às vezes me passava a garrafa térmica.

— Você se lembra deles? — ela me perguntou depois de terminar.

— Vagamente. Não muito bem, mas o bairro era pequeno e era difícil que passassem despercebidos. Eram o que tínhamos de mais parecido com delinquentes juvenis.

— Considerava-os perigosos?

Levei algum tempo refletindo sobre a pergunta à medida que seguíamos lentamente pela estrada de Northumberland.

— Depende do que queira dizer — respondi. — Nós os encarávamos com prudência, mas acho que era principalmente devido à imagem que eles tinham e não por terem feito qualquer coisa conosco. Para falar a verdade, pelo que consigo me lembrar, eram até razoavelmente tolerantes conosco. Não consigo vê-los como os responsáveis pelo desaparecimento de Jamie e Peter.

— Quem eram as moças? Elas foram interrogadas?

— Que moças?

Cassie passou rapidamente as folhas até chegar novamente ao depoimento da sra. Fitzgerald.

— Ela disse “namorando”. Acho que não seria muito arriscado apostar que havia alguma moça no meio.

Cassie tinha razão. Eu não sabia direito qual era a definição exata de “namorando”, mas tinha quase certeza de que teria dado muito pano para manga se Jonathan Devlin e os amigos estivessem “namorando” entre si.

— Não há menção delas nos depoimentos — falei.

— Mas não se lembra de quem eram?

Continuávamos pela Northumberland. A chuva caía torrencialmente a ponto de parecer, ao olharmos pelos vidros, que estávamos no fundo do mar. Dublin foi projetada para pedestres e carruagens, não para carros; é repleta de ruelas medievais minúsculas e intrincadas. A hora do rush vai das sete da manhã às oito da noite, e se começa a parecer que o tempo vai ficar ruim, a cidade inteira entra em colapso na mesma hora. Concluí depois que deveríamos ter deixado um bilhete para Sam.

— Acho que me lembro — respondi, afinal. Era mais uma sensação do que uma lembrança propriamente dita: bombons de limão, covinhas, perfumes de flores. *Metallica e Sandra estão namorando...* — Acho que de repente uma delas se chamava Sandra. — Alguma coisa dentro de mim sobressaltou-se ao som daquele nome, um sabor acre como o de medo ou vergonha bem lá no fundo de minha garganta, mas eu não conseguia entender bem por quê.

Sandra: rosto arredondado e cheinha, risadinhas graciosas e uma saia-lápis que subia quando ela se empoleirava muro. Parecia, para nós, demasiadamente adulta e sofisticada; devia ter já seus dezessete ou dezoito anos. Ela nos dava balas que tirava de um saco de papel. Às vezes tinha também outra garota, alta, dona de dentes grandes e que ostentava vários brincos — Claire, talvez? Ciara? Sandra ensinou Jamie a passar rímel usando um espelhinho com formato de coração. Depois, Jamie ficou piscando sem parar, como se estivesse sentindo os olhos estranhos, pesados. “Ficou bonita”, disse Peter. Mais tarde, Jamie resolveu que havia detestado aquilo e foi lavar o rosto no rio, esfregando com a bainha da camiseta até sair a pintura que deixava seus olhos parecendo com os de um urso panda.

— Abriu o sinal — Cassie disse bem baixinho. Avancei lentamente mais alguns metros.

Paramos em uma banca de jornal e Cassie entrou correndo e comprou os jornais para que víssemos com o que estaríamos lidando. Katy Devlin estava estampada na primeira página de todos, que pareciam investir na ligação com a história da rodovia — “Assassinada a filha do líder dos protestos em Knocknaree”, esse tipo de coisa. A repórter gorda do tabloide (cujas manchetes eram MORTA A FILHA DO REBELDE, quase um libelo) explorou em sua matéria algumas referências bem discretas a cerimônias druídicas, mas resolveu não abusar como poderia da histeria satanista; estava, obviamente, esperando para ver para que lado o vento iria soprar. Eu torcia para que O’Kelly fizesse bem o que deveria fazer. Ninguém, graças a Deus, havia falado de Peter e Jamie até aquele momento, mas eu sabia que seria mera questão de tempo.

Entregamos o caso McLoughlin (o que vínhamos investigando antes de sermos convocados para este: dois detestáveis garotos riquinhos que assassinaram outro aos chutes depois que ele furou uma fila de táxis tarde da noite) para Quigley e seu novo parceiro, McCann, e fomos segurar uma sala que pudéssemos usar como uma espécie de central da nossa investigação. As salas de nossa divisão destinadas a esse fim são pequenas demais, mas sempre tem alguém querendo usá-las, só que, como casos com crianças são prioritários, não encontramos problema em conseguir uma para nós. Foi mais ou menos nesta hora que Sam entrou — também havia perdido tempo preso no engarrafamento; ele mora em sua casa própria em algum lugar lá para os lados de Westmeath, a umas duas horas da cidade, que é o mais próximo que nossa geração tem dinheiro para comprar — e Cassie e eu fizemos um rápido resumo

para que ele ficasse por dentro de tudo, usando todo o nosso entrosamento, e contamos a versão oficial para o grampo de cabelo enquanto preparávamos a sala que iríamos usar como a nossa central da investigação.

— Ah, caramba! — ele exclamou quando terminamos. — Digam que não foram os pais.

Todo detetive tem um certo tipo de caso que considera quase insuportável, contra o qual nosso habitual escudo do distanciamento profissional fica frágil e pouco confiável. Cassie, embora mais ninguém saiba disto, sofre de pesadelos quando trabalha com casos de estupro seguido de morte; eu, exibindo uma excepcional falta de originalidade, enfrento sérios problemas quando o caso envolve assassinatos de crianças; e, pelo jeito, homicídios em família eram o ponto fraco de Sam. A investigação poderia acabar sendo perfeita para todos os três.

— Não temos a menor ideia — Cassie disse com a boca quase tapada pela tampa da caneta marca-texto com a qual desenhava de um lado ao outro do quadro branco uma linha do tempo do último dia de vida de Katy. — É possível que tenhamos uma noção melhor depois que Cooper voltar com o resultado da autópsia, mas por enquanto pode ser qualquer coisa.

— Mas não vamos precisar que investigue os pais dela — tranquilizei-o enquanto colava fotos da cena do crime no outro lado do quadro. — Achamos melhor você investigar o problema da rodovia. Rastreie os telefonemas ameaçadores feitos para a casa de Devlin, descubra quem são os donos das terras em volta do sítio arqueológico, quem tem o maior interesse em que não se altere o projeto da rodovia.

— É por causa do meu tio? — Sam perguntou. Ele tem uma tendência de ir direto ao assunto que sempre considerei ligeiramente surpreendente em um investigador.

Cassie cuspiu a tampa da caneta longe e virou-se para encará-lo.

— É — ela afirmou. — Por acaso vê algum problema nisso?

Todos sabíamos o porquê da pergunta de Cassie. Os políticos irlandeses são tribais, incestuosos, complicados e dissimulados. Incompreensíveis, inclusive, para muitos dos que estão com eles. Para quem vê de fora, não há praticamente diferença alguma entre os dois maiores partidos, que estão satisfeitos por ocupar posições idênticas à da extrema direita do espectro, mas muita gente ainda defende apaixonadamente um ou o outro porque foi o lado em que seus bisavós lutaram durante a Guerra Civil, ou porque o papai faz negócio com o candidato local e diz que ele é um sujeito incrível. Ninguém leva muito a sério a corrupção, e tem gente que até a admira, embora não o admita: o talento para guerrilha dos colonizados permanece enraizado dentro de nós, e a sonegação de impostos e os negócios duvidosos são vistos como outras formas do mesmo espírito rebelde que escondia os cavalos dos ingleses e acabava com as plantações de batatas para que eles não se aproveitassem delas.

E uma parte enorme da corrupção se concentra nesta paixão primitiva, lugar-comum dos irlandeses — a terra. As construtoras e os políticos são, tradicionalmente, amigões do peito, e em praticamente todas as negociações importantes que envolvem terras há trocas de envelopes pardos, rezoneamentos inexplicáveis e transações complicadas através de contas em paraísos fiscais. Seria um pequeno milagre se não houvesse, pelo menos, alguns favores para amigos tramados em algum lugar nessa história da rodovia de Knocknaree. E se houvesse mesmo, era difícil que Redmond O'Neill não os conhecesse, e igualmente improvável que fosse querer que ganhassem notoriedade.

— Não — Sam negou firme e prontamente. — Problema nenhum. — Cassie e eu devemos ter feito alguma expressão dúbia, porque ele ficou alternando olhadelas entre ela e mim e depois riu. — Gente, conheço meu tio desde que nasci. Cheguei até a *morar* com a família dele durante uns dois anos, quando vim para Dublin pela primeira vez. Eu saberia se ele estivesse envolvido em alguma falcatrua. Meu tio é certinho demais. Vai colaborar conosco da maneira que for capaz.

— Perfeito — Cassie respondeu e voltou à sua linha do tempo. — Nós vamos jantar lá em casa. Apareça lá pelas oito para discutirmos as novidades do caso. — Ela encontrou um canto limpo do quadro

e desenhou um mapinha para mostrar a Sam como chegar lá.

Quando terminamos de organizar a sala que usaríamos para a investigação, os auxiliares começaram a chegar. O’Kelly havia conseguido umas três dúzias deles, e eram a fina flor da força policial: preparados e dispostos, ativos e escanhoados e vestidos para o sucesso, na ponta dos cascos para formar uma boa equipe assim que a oportunidade aparecesse. Puxaram cadeiras e bloquinhos de anotações, deram tapinhas nas costas uns dos outros, ressuscitaram velhas piadas da profissão e escolheram seus lugares na sala como crianças no primeiro dia de aula. Cassie, Sam e eu sorrimos, os cumprimentamos e agradecemos por terem vindo colaborar conosco. Cheguei até a reconhecer alguns: um sujeito mal-humorado e taciturno que veio de Mayo chamado Sweeney e outro de Cork, bem-nutrido e sem pescoço, O’Connor ou O’Gorman ou alguma coisa parecida, que não gostava de ter que acatar ordens de duas pessoas que não eram de Cork e compensava soltando comentários incompreensíveis, mas evidentemente triunfalísticos a respeito do futebol gaélico. Vários outros também me pareceram conhecidos, mas os nomes entraram por um ouvido e saíram pelo outro na mesma hora em que eu terminava de cumprimentá-los, e seus rostos uniram-se em um grande borrão de impetuosidade e intimidação.

Sempre adorei este momento da investigação, antes de começar a primeira preleção. Isso me traz à lembrança a agitação concentrada e particular de antes de abrirem-se as cortinas: a afinação da orquestra e os bailarinos nos bastidores, em alongamentos de última hora e com as orelhas em pé, esperando apenas o sinal para tirar os agasalhos e entrar em ação. Só que eu nunca havia comandado uma investigação de tal magnitude e dessa vez a sensação de expectativa estava me deixando impaciente. A sala parecia cheia demais com toda aquela energia máxima de quem está apenas esperando sua vez, disposto a cumprir qualquer ordem que lhe seja dada, e com todos aqueles olhos curiosos a nos fitar. Fiquei me lembrando de como eu olhava para os detetives da Homicídios quando o auxiliar era eu, torcendo para ser solicitado para um caso como aquele: a grande reverência, o desejo ardente que irrompe, praticamente irresistível. Essa turma — muitos já eram até mais velhos que eu — me pareceu ter chegado com uma atitude diferente, como se estivesse nos avaliando fria e abertamente. Jamais gostei de ser o centro das atenções.

O’Kelly entrou e bateu na porta, acabando com a algazarra instantaneamente.

— É isso aí, pessoal — ele disse em meio ao silêncio. — Sejam bem-vindos à Operação Vestal... Mas que troço é esse de “vestal” que eles inventaram?

Quem escolhe o nome das operações é a Central. Às vezes são óbvios, outras vezes, enigmáticos. Em outras, são categoricamente esquisitos. Pelo jeito, a imagem da garotinha morta em um altar de sacrifícios da antiguidade andou estimulando as tendências culturais de alguém por lá.

— Uma virgem sacrificial — respondi.

— Uma devota — disse Cassie.

— Porra, mas que merda! — O’Kelly explodiu. — Será que estão *tentando* fazer todo mundo achar que o crime foi coisa de algum culto? Mas que merda eles andam lendo por lá, hein?

Cassie fez uma exposição detalhada do caso para os auxiliares, mencionando ligeiramente a conexão com o acontecido em 1984 — a probabilidade de os dois casos estarem relacionados era bastante remota, uma coisa de que ela era capaz de dar conta em seu tempo livre — e nós distribuímos as tarefas de cada um: sair batendo de porta em porta pelas casas dos moradores, criar uma linha telefônica para denúncias e uma escala de serviço para quem iria trabalhar nela, listar todos os moradores das áreas próximas a Knocknaree que já estiveram envolvidos em qualquer espécie de crime sexual, verificar com os policiais britânicos e com os portos e aeroportos para ver se algum possível suspeito havia chegado à Irlanda nos

últimos dias, providenciar o histórico médico de Katy, o histórico escolar e verificar todo o passado da família Devlin. Os auxiliares entraram prontamente em ação, e Sam, Cassie e eu os deixamos para que fizessem seu trabalho e fomos ver como Cooper estava se saindo.

Não é normal nós assistirmos às autópsias. Alguém que esteve presente à cena do crime tem que estar presente para confirmar que seja, de fato, o mesmo corpo (já aconteceu de haver a troca das etiquetas que eles colocam no dedão do pé dos corpos e o patologista ligar para o investigador, dizendo que a morte havia se dado por câncer de fígado), mas na maioria das vezes deixamos isso para algum policial local ou para alguém da perícia, e apenas vemos as fotografias e o laudo com Cooper posteriormente. A tradição da Homicídios dita que todo novato deve estar presente à autópsia em seu primeiro caso de homicídio, e apesar de, supostamente, o propósito ser impressioná-lo com a natureza solene de seu novo trabalho, ninguém se deixa enganar: é claro que faz parte do trote de iniciação, tão severamente avaliado quanto o de qualquer tribo primitiva. Conheço um detetive excelente que, depois de ter passado quinze anos trabalhando na divisão, continua sendo chamado pelo apelido que ganhara, “Arkle”, nome de um famoso cavalo de corrida, devido à velocidade com que abandonou o necrotério depois de o patologista ter retirado o cérebro da vítima.

Pelo meu rito de iniciação, eu consegui passar sem titubear (uma prostituta adolescente, com os braços finos cobertos de hematomas e marcas de agulhas), mas fiquei sem a menor vontade de passar novamente pela experiência. Compareço somente nos poucos casos — ironicamente, os mais angustiantes — que parecem exigir esse pequeno sacrifício como ato de devoção. Acho que ninguém chega a superar bem essa primeira vez, para falar a verdade, a revolta violenta de sua mente quando o patologista talha o couro cabeludo e o rosto da vítima se separa da cabeça, maleável e inexpressivo como uma máscara de Halloween.

Nosso entrosamento não se encontrava em seus melhores dias: Cooper estava saindo da sala de autópsia, usando seu uniforme verde, e carregava um avental impermeável com o dedo indicador e o polegar.

— Detetives — ele disse, erguendo as sobrancelhas. — Mas que bela surpresa! Se tivessem me dito que estavam pensando em vir, é claro que eu teria esperado até que conseguissem nos encaixar em suas agendas lotadas.

A arrogância foi por termos nos atrasado para a autópsia. Em nossa defesa, digo que ainda não eram nem onze da manhã, mas Cooper chega ao trabalho entre seis e sete e vai embora todo dia entre três e quatro e gosta de que todos se lembrem disso. Todos os seus assistentes para os assuntos referentes ao trabalho do necrotério o detestam por causa disso, o que não chega sequer a incomodá-lo, porque Cooper, na maioria das vezes, também os detesta. Ele se orgulha de suas antipatias imediatas e imprevisíveis; até onde conseguimos compreender no momento, ele nutre antipatia por loiras, homens baixos, qualquer um com mais de dois brincos e gente que diz “entende?” demais. Também não gosta de gente que não se encaixa em nenhuma dessas categorias. Felizmente ele resolveu gostar de mim e de Cassie, ou nos teria feito voltar para o trabalho e ficar esperando que nos mandasse o resultado da autópsia (manuscrito — Cooper escreve todos os seus relatórios com uma caneta-tinteiro que deixa sua letra fina como as pernas de uma aranha, uma ideia de que eu até gosto, mas não tenho coragem de experimentar no trabalho). Às vezes fico secretamente preocupado com a possibilidade de que, dentro de uma ou duas décadas, eu venha a acordar e descobrir que me transformei no Cooper.

— Nossa! — Sam exclamou, tentando demonstrar simpatia. — Já terminou? — Cooper lançou-lhe um olhar congelante.

— Dr. Cooper, lamento muito por termos chegado a esta hora — Cassie desculpou-se. — O superintendente O’Kelly quis nos perguntar umas coisas e ficou difícil nos desvencilharmos dele. — Eu concordei com um gesto de cabeça e olhei para o teto.

— Ah. Então está bem — disse Cooper, com um tom que sugeria que havia considerado de um ligeiro mau gosto o simples fato de termos mencionado o nome de O’Kelly na conversa.

— Se, por algum acaso, o senhor tiver tempo — comentei —, poderia nos colocar a par das conclusões?

— Mas é claro — disse Cooper, com um ligeiro suspiro de resignação. Só que, na verdade, como qualquer artífice experiente, ele adora gabar-se de seu trabalho. Ele segurou a porta da sala da autópsia para que entrássemos, e foi quando o cheiro me pegou em cheio, aquela combinação sem igual de morte, frio e álcool que sempre faz com que um animal instintivo se contorça por dentro de quem o sente.

Os corpos em Dublin são mandados para o necrotério municipal, mas Knocknaree fica fora dos limites da cidade; as vítimas das regiões rurais são simplesmente levadas até o hospital mais próximo e a autópsia é feita por lá mesmo. As condições variam. A sala não tinha janelas e era imunda, com camadas de sujeira espalhadas pelo piso verde e manchas incontáveis nas velhas pias de porcelana. As duas mesas de autópsia eram as únicas coisas ali que tinham alguma aparência de ter sido fabricadas depois de 1950; eram de um aço inoxidável brilhante onde a luz cintilava quando tocava suas arestas sulcadas.

Katy Devlin, pequena demais para a mesa, encontrava-se nua sob as impiedosas luzes fluorescentes. De alguma maneira, parecia muito mais morta do que no dia anterior; lembrei-me da velha superstição que diz que a alma permanece ainda alguns dias próxima ao corpo, desnorteada e insegura. Seu corpo tinha uma cor branco-acinzentada, como saída de Roswell, com manchas grandes e escuras descendo pela lateral esquerda do corpo. O assistente de Cooper já havia costurado sua cabeça, graças a Deus, e agora trabalhava na incisão em forma de ípsilon de seu busto, costurando pontos grandes e feitos sem cuidado algum com uma agulha do tamanho das que se veem em um veleiro. Senti uma pontada momentânea e insana de culpa por ter chegado atrasado, por tê-la deixado completamente desamparada — era tão pequena — durante aquela última profanação: deveríamos estar presentes, alguém deveria estar ali para segurar-lhe a mão enquanto os dedos desinteressados e enluvados de Cooper a cutucavam e retalhavam. Sam, para minha surpresa, fez um sinal da cruz discreto.

— Mulher branca pubescente — Cooper detalhou, passando rapidamente por nós, chegando à mesa e gesticulando na direção do assistente. — Doze anos, pelo que fiquei sabendo. Peso e altura menores que os recomendados, mas dentro dos limites normais. Cicatrizes sugerem uma cirurgia abdominal, possivelmente uma laparotomia exploratória, há algum tempo. Nenhuma patologia evidente; até onde me é possível definir, ela morreu saudável, com o perdão do oximoro.

Nós nos reunimos em torno da mesa como alunos obedientes; nossos passos reverberavam nas paredes azulejadas. O assistente recostou-se em uma das pias e cruzou os braços, mascando impassivelmente um chiclete. Um dos braços da incisão em forma de ípsilon permanecia lá, aberto, tenebroso e inconcebível, com a agulha atravessada em uma ponta solta de pele, por segurança.

— Alguma possibilidade de DNA? — perguntei.

— Uma coisa de cada vez, se possível — Cooper disse, irritado. — Agora. Foram desferidos dois golpes contra a cabeça, ambos *ante mortem*, antes da morte — ele explicou educadamente para Sam, que assentiu com expressão séria. — Ambos realizados com a utilização de um objeto protruso, mas sem pontas afiadas, o que bate com a pedra trazida a mim pela srta. Miller para inspeção. Um dos golpes foi leve, na parte de trás da cabeça, próximo ao topo. Provocou uma pequena escoriação e algum sangramento, mas sem rachadura do crânio. — Ele virou a cabeça de Katy para o lado para nos mostrar o pequeno galo. Eles haviam limpado o sangue do rosto para verificar se havia algum ferimento por baixo, mas ainda se viam vestígios bem fracos por sua bochecha.

— Então, talvez tenha se esquivado, ou estava fugindo dele enquanto ele tentava acertá-la — Cassie disse.

Não temos especialistas em traçar perfis de pessoas. Quando precisamos muito de alguém que faça o serviço, mandamos vir da Inglaterra, mas na maioria das vezes o pessoal da Homicídios usa Cassie

mesmo, com a questionável alegação de que ela havia estudado três anos e meio de psicologia na Universidade de Trinity. Não costumamos contar essas coisas para O’Kelly — ele considera esses especialistas como se fossem quase paranormais, e só com a cara amarrada permite que escutemos até mesmo os que vêm da Inglaterra —, entretanto, na minha opinião, ela é razoavelmente boa na coisa, embora presumivelmente a razão disso não esteja ligada a seus estudos de Freud e de ratos de laboratório. Ela sempre consegue vislumbrar perspectivas diferentes e úteis de um mesmo problema e em geral acerta na mosca.

Cooper ficou algum tempo pensando no que ela disse, para castigá-la pela interrupção. Por fim negou categoricamente.

— Considero improvável. Se estivesse se mexendo quando sofreu este golpe aqui, seria de se esperar que houvesse esfoladuras periféricas, mas não há. O outro golpe, pelo contrário... — Ele inclinou a cabeça de Katy para o outro lado, puxou-lhe os cabelos para trás e segurou-os com um dos dedos. Na têmpora esquerda da menina, um pequeno pedaço de pele havia sido raspado para expor uma laceração extensa e recortada. Lascas de ossos projetavam-se para fora. Alguém, Sam ou Cassie, engoliu em seco.

— Como se pode ver — Cooper comentou —, o outro golpe foi bem mais enérgico. Atingiu-a bem atrás e acima da orelha esquerda, o que provocou um afundamento do osso do crânio e um considerável hematoma subdural. Aqui e aqui. — Ele bateu de leve com o dedo. — Agora vocês verão as esfoladuras periféricas a que me referi, ao redor e próximas do ponto principal de impacto: quando o golpe foi desferido, ela parece ter tentado desviar a cabeça e, por isso, a arma deslizou um pouco pela cabeça antes do impacto total. Fui claro?

Todos assentimos. Lancei um olhar discreto na direção de Sam e me reconfortei quando vi que ele também parecia não passar por momentos muito agradáveis.

— Esse golpe teria bastado para provocar a morte dela em questão de horas. No entanto, o hematoma não chegou a progredir quase nada; portanto, pode-se dizer com segurança que sua morte teve outro agente causador e ocorreu pouco tempo depois de ela ter sofrido esse golpe.

— Há como saber se ela estava de frente ou de costas para ele? — Cassie perguntou.

— Ao que tudo indica, provavelmente estava deitada de bruços quando o golpe mais forte a atingiu: a hemorragia foi considerável e o fluxo correu para a parte de dentro, pelo lado esquerdo do rosto, com alguma concentração aparente por volta da linha central do nariz e da boca. — A notícia era boa, se é que alguma coisa pode ser considerada boa dentro de todo este contexto: haveria sangue no local onde o crime havia sido perpetrado, se é que algum dia iríamos encontrá-lo. Também queria dizer que provavelmente o nosso suspeito teria que ser canhoto e, por mais que não estivéssemos em um caso de Agatha Christie e que investigações na vida real raramente dependam de coisas assim, naquela altura, qualquer pista, por menor que fosse, já era um progresso.

— Houve resistência... antes deste golpe, é bom que eu diga: ele a teria deixado inconsciente na mesma hora. Há ferimentos típicos de quem tentou se proteger nas mãos e nos braços da criança, hematomas, escoriações, três unhas quebradas na mão direita, provavelmente infligidos pela mesma arma enquanto ela tentava se proteger dos golpes. — Ele ergueu um dos pulsos da menina, segurou-o entre o dedo indicador e o polegar e virou o braço dela para que víssemos as lacerações. As unhas dos dedos haviam sido aparadas bem curtas e levadas para análise; as costas de sua mão exibiam uma flor estilizada com um rosto sorridente bem no meio, desenhada com um marcador de texto cuja tinta já ia se desbotando. — Também encontrei hematomas em volta da boca e marcas de dentes por dentro dos lábios que deixam evidente que seu assassino tapou-lhe a boca com uma das mãos.

Lá fora, no corredor, uma voz aguda de mulher reclamava de alguma coisa; uma porta foi fechada com estrondo. O ar na sala de autópsia estava denso e parado demais, difícil de respirar. Cooper olhou de relance para nós três, mas ninguém disse nada. Ele sabia que não era o que queríamos escutar. Em uma

investigação destas, a única coisa pela qual ainda se pode torcer é para que a vítima não tenha sofrido nada conscientemente.

— Quando ela estava desacordada — Cooper disse com frieza —, alguém usou algum material, provavelmente um plástico, para envolver-lhe o pescoço e amarrou-o na parte de cima da coluna. — Ele inclinou o queixo dela para trás: fez-se visível uma marca já fraca, porém extensa, ao redor de seu pescoço, estriada no local em que o plástico havia se dobrado. — Como se pode ver, a marca feita em volta do pescoço da vítima está bem definida, e foi por essa razão que cheguei à conclusão de que havia sido deixada só mesmo depois de a terem imobilizado. Não há indícios de estrangulamento e considero improvável que o plástico utilizado estivesse tão justo a ponto de interromper-lhe a respiração; no entanto, a hemorragia petequial nos olhos e na superfície dos pulmões indicam que a morte, de fato, foi provocada por asfixia. Na minha opinião, colocaram alguma coisa parecida com um saco plástico na cabeça dela, fecharam por trás na nuca e o mantiveram peso durante vários minutos. Ela morreu por asfixia, agravada por um trauma na cabeça causado por objeto não cortante.

— Espere aí — Cassie disse subitamente. — Então ela não foi estuprada, afinal?

— Ah — Cooper disse. — Paciência, detetive Maddox; estamos chegando lá. A agressão sexual se deu após a morte e foi realizada com a utilização de alguma espécie de instrumento. — Ele fez uma pausa, mostrando gostar discretamente do efeito provocado.

— Após a morte? — perguntei. — O senhor tem certeza? — Aquilo podia ser um óbvio alívio, pois eliminava algumas das imagens mentais mais dolorosas; porém, ao mesmo tempo, é verdade que encerrava um nível especial de perversão. Sam fez uma careta involuntária.

— Há escoriações recentes no exterior da vagina e nos sete centímetros do início do canal vaginal, além de uma laceração recente no hímen, mas não houve sangramento, tampouco inflamação. Foi após a morte, sim, sem a menor sombra de dúvida. — Senti a retração coletiva de pânico, nenhum de nós queria encarar aquilo, pensar em tal coisa era obscuro, mas Cooper nos lançou uma olhada rápida, mostrando novamente estar gostando daquilo, e permaneceu onde estava, à cabeceira da mesa.

— Que espécie de instrumento? — Cassie perguntou e ficou olhando para a marca no pescoço de Katy, concentrada e inexpressiva.

— Encontramos no interior da vagina partículas de terra e duas lascas minúsculas de madeira, sendo que uma estava severamente chamuscada e a outra, revestida com o que parece ser um verniz ralo e transparente. Eu diria alguma coisa com pelo menos dez centímetros de comprimento e aproximadamente entre três e cinco de diâmetro, feito de um pedaço de madeira que não foi lá muito bem envernizado, consideravelmente desgastado, com alguma espécie de marca de queimadura, e sem extremidades pontiagudas, um cabo de vassoura ou alguma coisa mais ou menos parecida. As escoriações eram discretas e bem definidas, o que sugere uma única inserção. Não encontrei indício algum que pudesse sugerir também a penetração de um pênis. Nem o reto nem a boca exibem vestígios de qualquer espécie de agressão sexual.

— Então, o senhor não encontrou nenhum fluido corporal? — perguntei horrorizado.

— E parecia não haver sangue ou pele sob as unhas dos dedos — Cooper revelou com uma satisfação desanimada e pessimista. — Os exames ainda estão incompletos, é claro, mas sinto que devo alertá-los para que não depositem esperanças demasiadas na possibilidade de amostras de DNA.

— O senhor verificou se havia sêmen no resto do corpo também, não é mesmo? — perguntou Cassie. Cooper lançou-lhe um olhar severo e não se incomodou em responder.

— Após a morte — ele continuou —, ela foi colocada praticamente na mesma posição em que a encontramos, deitada sobre o lado esquerdo do corpo. Não houve uma descoloração secundária, o que indica que ela permaneceu na mesma posição durante um tempo mínimo de doze horas. A ausência relativa de ação de insetos me leva a acreditar que tenha sido mantida em um espaço fechado, ou que possivelmente tenha passado uma quantidade considerável de tempo envolta firmemente por algum

material antes de encontrarem o corpo. Tudo isso estará incluído em meu relatório, é claro, mas por enquanto... Alguém quer perguntar alguma coisa?

A dispensa foi delicada, porém evidente.

— Alguma informação nova em relação à hora da morte? — perguntei.

— O conteúdo gastrointestinal permite que eu afirme com uma precisão um pouco maior do que quando falei lá no local, se é que seja possível indicar com precisão o horário da última refeição feita por ela. Katy comeu um biscoito de chocolate poucos minutos antes de sua morte e fez uma refeição completa aproximadamente entre quatro e seis horas antes. O processo digestivo já se encontrava razoavelmente avançado, parece que feijão era um dos componentes do prato.

Torrada com feijão aproximadamente às oito da noite. Katy morreu em algum momento entre meia-noite e duas da manhã. O biscoito, ou ela tirou da cozinha dos Devlin, antes de sair, ou foi o assassino que lhe deu.

— Minha equipe a deixará limpa e preparada dentro de poucos minutos — disse Cooper, endireitando a cabeça de Katy com um floreio preciso e satisfeito. — Podem notificar a família.

Estávamos do lado de fora do hospital, olhando uns para os outros.

— Fazia um tempo que eu não visitava um destes — Sam disse com serenidade.

— E agora você se lembra do porquê — falei.

— Após a *morte!* — Cassie balbuciou, franzindo as sobrancelhas distraidamente na direção do prédio. — Mas que merda esse cara estava *fazendo?*

Sam partiu para ver se descobria mais alguma coisa sobre a rodovia, e eu telefonei para divisão e pedi a dois dos auxiliares que trouxessem os Devlin até o hospital. Cassie e eu já havíamos visto a primeira e crucial reação deles à notícia, não precisávamos nem queríamos rever a cena; e a verdade era que tínhamos, com urgência, que conversar com Mark Hanly.

— Quer convocá-lo para depor? — perguntei, dentro do carro. Não havia motivo para não interrogarmos Mark no galpão do sítio, mas eu o queria fora de seu território e dentro do nosso, em parte como uma forma irracional de vingar meus sapatos estragados.

— Sem dúvida — Cassie afirmou. — Ele disse que só lhes restavam algumas semanas, não foi? Se consegui entender bem Mark, a maneira mais rápida de fazê-lo abrir o bico é levá-lo a desperdiçar um dia de trabalho.

Aproveitamos o caminho e fizemos para O’Kelly uma bela e comprida lista de motivos para não achar que um culto satânico havia sido responsável pelo assassinato de Katy Devlin.

— Não se esqueça de colocar “não estava em posição de ritual” — lembrei. Era eu a dirigir de novo; ainda estava tão impaciente que, sem outra coisa para fazer, teria fumado sem parar durante todo o caminho até Knocknaree.

— E não havia... nenhum animal... dilacerado — Cassie dizia, escrevendo.

— Ele não vai dizer isso aí na coletiva de imprensa. “Não encontramos nenhuma galinha morta.”

— Aposto cinquinho como ele diz. E sem perder um segundo sequer.

O dia havia mudado enquanto ficamos lá dentro com Cooper: a chuva havia parado e um sol quente e benevolente já secava as ruas. As árvores perto do sítio resplandeciam com as gotas de chuva e, quando saímos do carro, o ar já cheirava como novo, lavado com a água da chuva e cheio de vida, com terra e folhas molhadas. Cassie tirou o casaco e o amarrou em volta da cintura.

Os arqueólogos estavam espalhados pelas escavações, fazendo movimentos enérgicos com enxadas, pás e carrinhos de mão. Estavam sem coletes, e alguns deles chegaram a tirar as camisetas. Possivelmente como reação ao choque seguido de confusão de ontem, estavam todos bastante alegres e despreocupados. Um rádio tocava Scissor Sisters no último volume e eles acompanhavam a música em

meio aos golpes das enxadas; uma das garotas fingia que sua pá era um microfone. Três delas começaram a atirar água umas nas outras, gritando e agitando garrafas e uma mangueira.

Mel subiu com um carrinho de mão cheio pela lateral de um imenso monte de terra e o amparou com bastante destreza sobre a coxa enquanto mudava a maneira de segurá-lo para esvaziá-lo. No meio do caminho de volta, ganhou um esguicho d'água bem no rosto.

— Babacas! — ela gritou, soltando o carrinho de mão e correndo atrás da menina de cabelos vermelhos que manejava a mangueira. A ruiva soltou um grito agudo e tentou correr, mas ficou presa pelo pé nos anéis da mangueira; Mel agarrou-a em uma gravata e elas ficaram brigando pela mangueira, rindo e fazendo algazarra. Amplos arcos d'água voavam para todos os lados.

— Ah, que máximo! — exclamou um dos homens. — Uma luta lésbica!

— Cadê a câmera?

— Aqui, isso no seu pescoço é um chupão? — a ruiva perguntou com um grito. — Pessoal, a Mel levou um chupão! — Sucedeu-se uma explosão de gritos de incentivo e risadas.

— Vão se foder! — Mel gritou, ruborizando-se e sorrindo.

Mark gritou alguma advertência, e eles responderam, também gritando, e com insolência, “Uuu, irritadinho!” e voltaram despreocupadamente aos seus trabalhos, sacudindo os cabelos para retirar o excesso de água. Veio-me uma súbita e inesperada onda de inveja por aquela liberdade de poder gritar e brincar, pelo ruído agradável das enxadas chocando-se contra as pedras, de suas roupas enlameadas deixadas para que se secassem ao sol enquanto eles trabalhavam; por toda aquela eficiente liberdade de movimentos.

— Não seria nada mau ganhar a vida assim — Cassie comentou, inclinando ligeiramente a cabeça para trás e abrindo um pequeno sorriso na direção do céu.

Os arqueólogos nos avistaram; um por um foram baixando as ferramentas e erguendo os olhares, cobrindo a vista contra o sol com os antebraços nus. Caminhamos cuidadosamente até onde Mark estava sob o olhar atento e amedrontado de todos. Mel levantou-se de dentro de uma trincheira, perplexa, tirando os cabelos do rosto e deixando traços de lama; Damien, ajoelhado em meio à sua falange protetora de mulheres, continuava com sua cara acabrunhada e ligeiramente hesitante; e contrastando com isso tudo, Sean, o escultor, empertigou-se ao ver-nos e nos saudou com sua pá. Mark apoiou-se em sua enxada, parecendo um velho montanhês taciturno, e ficou olhando em nossa direção, apertando os olhos inescrutavelmente.

— Pois não?

— Queríamos conversar com você — eu disse.

— Estamos trabalhando. Não podem esperar até a hora do almoço?

— Não. Traga suas coisas, vamos voltar para a divisão.

Sua mandíbula contraiu-se, e por um instante achei que fosse discutir, mas depois apenas atirou a enxada ao chão, limpou o rosto com a camiseta e precipitou-se colina acima.

— Tchau — falei para os arqueólogos enquanto o seguíamos. Ninguém, nem sequer Sean, respondeu.

Dentro do carro, Mark pegou seu pacote de fumo.

— É proibido fumar — falei.

— Mas que merda... — ele reclamou. — Vocês dois fumam. Eu vi ontem.

— Os carros da corporação são considerados local de trabalho. É ilegal fumar no local de trabalho. — E eu nem inventei isso; só mesmo uma comissão para pensar em uma coisa ridícula dessas.

— Ah, deixe isso para lá, Ryan, deixe o cara fumar o cigarro dele — Cassie me repreendeu e depois continuou com um tom mais suave e calculado. — Assim só vamos ter que parar o interrogatório para sair com ele para fumar daqui a algumas horas. — Notei de relance o olhar assustado de Mark pelo

retrovisor. — Você enrola um para mim? — ela lhe pediu, virando-se para trás e inclinando-se por entre os bancos.

— Quanto tempo vamos levar? — ele perguntou.

— Depende — respondi.

— Do *quê*? Nem sei qual é o motivo para *isto*!

— A gente chega lá. Fique quieto e fume o seu cigarro antes que eu resolva mudar de ideia.

— Como vão as escavações? — Cassie perguntou, tentando bancar a amigável.

O canto da boca de Mark retorceu-se com aborrecimento.

— Como você acha? Temos só as próximas quatro semanas para fazer um trabalho que deveria durar um ano! Estamos usando *escavadeiras*!

— E isso não é bom? — perguntei.

Ele me fuzilou com um olhar.

— Por acaso parece que nós somos arqueólogos de ficção?

Eu não sabia direito como responder, já que, para mim, ele e seus amiguinhos até que eram iguazinhos aos da TV. Cassie ligou o rádio; Mark acendeu seu cigarro e soprou ruidosamente e cheio de desgosto a fumaça para fora do carro. Estava ficando evidente que o dia demoraria bastante a passar.

Não falei muito durante o resto do caminho. Eu sabia que era bastante possível que o assassino de Katy Devlin estivesse de cara feia bem ali, no banco traseiro do carro, e não sabia direito o que pensar a respeito. De diversas maneiras, é claro, eu adoraria que ele fosse o nosso homem: já andava me aborrecendo muito e, se fosse ele mesmo, já poderíamos nos ver livres desse caso sinistro e perigoso quase antes de seu início. Poderia acabar naquela tarde mesmo; eu devolveria os arquivos do caso de 1984 para o porão — Mark, que em 1984 deveria ter uns cinco anos e morar em algum lugar bem longe de Dublin, não seria um suspeito possível —, receberia meu tapinha nas costas de O’Kelly, pegaria de volta da mão de Quigley o caso dos babaquinhas da fila dos táxis e esqueceria que algum dia voltei a Knocknaree.

Só que, mesmo assim, de alguma forma, isso parecia errado. Em parte devido ao constrangedor anticlímax que seria. Eu havia passado boa parte das últimas 24 horas tentando me preparar para onde quer que aquela investigação me levasse e esperava uma coisa muito mais dramática do que interrogar uma pessoa, prendê-la e resolver o caso logo de cara. Mas era mais do que isso. Não sou um cara muito dado a superstições, mas, se O’Kelly tivesse chegado alguns minutos antes, ou depois, ou se Cassie e eu não estivéssemos jogando Worms e sim lá fora fumando um cigarro, aquele caso teria ido parar nas mãos de Costello ou nas de algum outro investigador, nunca nas nossas. E parecia mesmo impossível que uma coisa tão intensa e envolvente pudesse ser coincidência. Eu sentia como se as coisas estivessem se agitando, se reagrupando de algum jeito imperceptível, porém decisivo. Engrenagens invisíveis de tão minúsculas começando a se deslocar. No fundo, eu acho — por mais irônico que possa parecer — que parte de mim mal conseguia esperar para ver o que aconteceria.

Quando voltamos para a divisão, Cassie já havia conseguido extrair a informação de que arqueólogos usam escavadeiras apenas em condições emergenciais porque elas destroem provas arqueológicas valiosas e também que os arqueólogos da TV eram um bando de picaretas nada profissionais, além de trazer com ela o finalzinho de um cigarro que Mark havia lhe enrolado, o que queria dizer que, se fosse necessário, poderíamos comparar o DNA dele com o das guimbas da clareira sem precisar de um mandado. Estava bem claro quem faria o papel do policial bonzinho de hoje. Revistei Mark (maxilar cerrado e agitando a cabeça para os lados) e o levei para uma das salas de interrogatório enquanto Cassie foi deixar nossa lista sobre a ausência de Satanás em Knocknaree na mesa de O’Kelly.

Cozinhamos Mark durante alguns minutos — ele ficou todo jogado na cadeira e batucava irritantemente em cima da mesa com seus dedos indicadores — antes de entrar.

— Oi novamente — Cassie cumprimentou-o com alegria. — Deseja chá ou café?

— Nada. O que eu *quero* é voltar para o meu *trabalho*.

— Detetives Maddox e Ryan interrogando Mark Conor Hanly — Cassie disse para a câmera de vídeo que ficava no canto, bem lá no alto. Mark virou-se com um arranco para trás, sobressaltado; então, fez uma careta na direção da câmera e voltou mais despreocupado à sua posição de antes.

Puxei uma cadeira, atirei algumas fotografias da cena do crime sobre a mesa e as ignorei.

— Você não é obrigado a dizer nada que não seja de sua livre e espontânea vontade, mas qualquer coisa que venha a dizer será registrada por escrito e pode ser usada como prova. Compreendido?

— Mas que merda... Por acaso estou sendo *preso*?

— Não. Você bebe vinho?

Ele me lançou uma olhadela curta e sarcástica.

— Está me oferecendo?

— Por que não quer responder à pergunta?

— A minha resposta é essa. Bebo qualquer coisa que esteja rolando. Por quê? — Assenti pensativamente e anotei o que ele disse.

— Para que a fita? — Cassie perguntou com curiosidade, inclinando-se sobre a mesa para apontar para a fita-crepe que ele trazia nas mãos.

— Para não dar bolha. Band-aids se soltam quando se usa uma enxada debaixo de chuva.

— E por que não usar luvas?

— Tem gente que usa — Mark respondeu com um tom que demonstrava querer dizer que faltava testosterona a quem as usava, de um jeito ou de outro.

— Teria alguma objeção se pedíssemos para ver o que há por baixo dela? — perguntei.

Ele olhou para mim com apenas uma das sobrancelhas erguidas, tirou a fita sem pressa e soltou-a em cima da mesa. Depois, exibiu as mãos com um gesto tão afetado quanto sarcástico.

— Gostaram de alguma coisa que estão vendo?

Cassie inclinou-se ainda mais para a frente, apoiando-se com os braços, deu uma boa olhada e pediu-lhe com um gesto para que as virasse do outro lado. Não consegui ver nenhum arranhão ou marca de unha, somente restos de grandes bolhas em processo de cicatrização na base de cada um de seus dedos.

— Nossa! — Cassie exclamou. — Como as conseguiu?

Mark deu de ombros com desdém.

— O normal é eu ter calos, mas tive que ficar de fora durante algumas semanas, pois senti as costas. Tive que ficar só catalogando os achados. Minhas mãos perderam a resistência. Quando voltei ao trabalho, ganhei estas bolhas.

— Deve ter enlouquecido sem poder trabalhar — Cassie comentou.

— Pois é, enlouqueci mesmo — Mark disse sem se alongar. — Péssima hora.

Recolhi a fita-crepe com o dedo indicador e o polegar e joguei-a no lixo.

— Onde passou a noite de segunda-feira? — perguntei, recostando-me na parede atrás de Mark.

— Na casa com o resto da equipe. Como já lhes contei ontem.

— Você participa do movimento contra a construção da rodovia? — Cassie perguntou.

— Sim. Quase todos nós. O tal do Devlin foi nos visitar há algum tempo e perguntou se não queríamos participar da associação. Ainda não é ilegal, até onde fiquei sabendo.

— Então conhece Jonathan Devlin? — perguntei.

— Foi o que acabei de dizer. Não somos amigos do peito, mas sim, conheço o sujeito.

Curvei-me por sobre o ombro dele e, com o dedo, fiquei remexendo as fotos da cena do crime, deixando que as visse de relance, mas sem lhe dar tempo para olhar melhor. Encontrei uma das fotos mais perturbadoras e dei a ele para que visse.

— Só que você havia dito para nós que não a conhecia.

Mark segurou a foto entre as pontas dos dedos e ficou olhando-a impassível e demoradamente.

— Falei que a tinha visto lá pelas escavações, mas que não sabia seu nome, e não sei mesmo. Deveria saber?

— Acho que deveria, sim — respondi. — É a filha do Devlin.

Ele se virou e ficou me olhando por um instante, franzindo a testa; depois voltou a olhar para a foto.

Após algum tempo, agitou a cabeça em um gesto negativo.

— Não. Conheci uma filha do Devlin em um protesto na última primavera, mas ela era mais velha.

Rosemary, Rosaleen, alguma coisa assim.

— O que achou dela? — Cassie perguntou.

Mark deu de ombros.

— Bonitinha. Falava bastante. Estava trabalhando na mesa da associação, inscrevendo o pessoal, mas acho que não tinha muito interesse pela campanha, não; queria mais era flertar com os rapazes. Nunca mais se deu ao trabalho de aparecer.

— Você a achava atraente — afirmei, indo até o espelho transparente da sala para verificar no reflexo se minha barba estava bem feita.

— Bastante bonita. Não fazia o meu tipo.

— Mas notou que ela não foi a nenhum dos protestos seguintes. Por que ficou a procurá-la?

Eu o via, pelo espelho, observando com desconfiança a minha nuca. Enfim, ele atirou a foto longe e voltou a acomodar-se na cadeira, projetando o queixo para a frente.

— Não fiquei.

— Não fez nenhuma tentativa de voltar a entrar em contato com ela?

— Não.

— Como ficou sabendo que era filha do Devlin?

— Não me lembro.

Aquilo estava começando a cheirar mal. Mark estava impaciente e irritado, e a chuva de perguntas desconexas o deixava cada vez mais precavido, só que ele não parecia sequer remotamente nervoso, assustado ou qualquer coisa assim; o que mais parecia sentir em relação a tudo aquilo era irritação. Essencialmente, ele não se comportava como alguém que tivesse culpa.

— Escute — Cassie disse, dobrando um pé sob seu corpo —, qual é a verdade de fato nessa história toda de escavação e de rodovia?

Mark riu, deixando escapar um pequeno e melancólico ronco pelo nariz.

— É uma linda história de ninar. O governo divulgou o projeto no ano 2000. Todo mundo sabe que Knocknaree é um campo fértil para a arqueologia; portanto, convocaram uma equipe para fazer uma vistoria. O laudo deles indicou que o local era muito mais importante do que qualquer um havia imaginado, e que só mesmo sendo muito imbecil para passar uma rodovia por cima, que eles teriam que fazê-la passar por outro lugar. O governo disse que aquilo tudo era bastante interessante, muito obrigado, mas que não mudariam o projeto nem sequer em um centímetro. Só depois de imensas manifestações, foram pensar em permitir uma *escavação*. Por fim, foram simpáticos o bastante e liberaram para explorarmos a área por dois anos, só que nós precisaríamos de, pelo *menos*, cinco anos para fazer justiça ao local. Desde então, milhares de pessoas tentam impedir que a construção comece de todas as maneiras possíveis: abaixo-assinados, passeatas, processos na justiça... O governo não dá a mínima.

— Mas por quê? — Cassie perguntou. — Por que eles simplesmente não passam a estrada por outro lugar?

Ele deu de ombros e sua boca retorcia-se com ferocidade.

— Não venha perguntar isso logo para mim. Só vamos ficar sabendo tudo sobre essa história daqui a uns dez ou quinze anos, em algum tribunal, depois que já for tarde demais.

— E quanto à noite de terça-feira? — perguntei. — Onde estava?

— *Na casa da equipe*. Já posso ir?

— Daqui a pouco — falei. — Quando foi a última vez que você passou a noite no sítio?

Seus ombros se contraíram quase imperceptivelmente.

— Nunca passei a noite no sítio — ele respondeu depois de passados alguns instantes.

— Não se faça de desentendido. No bosque ao lado do sítio.

— Quem foi que disse que eu dormi lá algum dia?

— Veja bem, Mark — Cassie disse a ele, súbita e abruptamente. — Você passou a noite no bosque ou na segunda-feira ou na terça-feira. Podemos usar provas técnico-científicas, caso necessário, mas isso nos faria perder tempo demais, e pode me levar a sério quando digo que procuraríamos fazer de tudo para garantir que você também perdesse muito do seu. Não acredito que tenha assassinado a tal garotinha, mas precisamos saber quando foi que esteve lá no bosque, o que fez e se viu ou escutou alguma coisa que possa nos ser útil. Então, ou podemos ficar o resto do dia aqui, tentando arrancar essas informações de você, ou podemos acabar logo com isto para que possa voltar logo ao seu trabalho. Você é que sabe.

— Qual é a prova técnico-científica? — Mark exigiu saber, com ceticismo.

Cassie olhou para ele, abriu um sorrisinho malicioso e mostrou-lhe o cigarro, guardado com muito cuidado dentro de um saco plástico como evidência.

— DNA. Você deixou várias guimbas pela área em que passou a noite.

— Nossa! — Mark exclamou sem tirar os olhos do saco plástico. Parecia tentar resolver se ficaria irritado ou não.

— É só o cumprimento do meu dever — ela disse com satisfação, voltando a colocar o saco no bolso.

— Nossa! — ele repetiu e mordeu o lábio, sem conseguir esconder o sorriso de rancor que lhe esticava um canto da boca. — E eu caí direitinho. Só podia ser mulher mesmo, todas iguais.

— É o que dizem. Quanto a ter dormido no bosque...

Silêncio. Enfim, Mark se remexeu, deu uma olhada no relógio da parede e deixou escapar um suspiro.

— Pois é. Às vezes eu passava a noite lá.

Dei a volta até o meu lugar à mesa, me sentei e abri meu bloquinho.

— Na segunda ou na terça? Ou nos dois dias?

— Só na segunda.

— Por volta de que horas chegou lá?

— Mais ou menos às dez e meia. Acendi uma fogueira e fui dormir quando ela se apagou, mais ou menos às duas da manhã.

— Faz isso em todas as escavações em que trabalha? — Cassie perguntou. — Ou foi só em Knocknaree?

— Só em Knocknaree.

— Por quê?

Mark ficou olhando para os próprios dedos, que haviam voltado a batucar vagarosamente sobre a mesa. Cassie e eu aguardávamos.

— Vocês sabem o significado de “Knocknaree”? — ele perguntou, finalmente. — Colina do rei. Não sabemos direito quando o nome foi criado, mas temos quase certeza de que é uma referência religiosa de antes do cristianismo, não política. Não há qualquer evidência de sepultamento de membros da realeza ou de residências no local, mas encontramos artefatos religiosos da Idade do Bronze por toda aquela área: a mesa de pedra para sacrifícios, estatuetas votivas, um cálice de ouro para oferendas, restos de sacrifícios de animais e alguns possíveis de seres humanos. Aquela colina era um local importantíssimo de expressão da religiosidade da época.

— Quem eles louvavam?

Ele deu de ombros e o batuque ficou mais forte. Minha vontade era esmagar-lhe os dedos com um soco.

— Então, estava fazendo uma vigília? — Cassie perguntou baixinho. Ela inclinava-se para trás despreocupadamente em sua cadeira, mas cada linha de seu rosto estava alerta e atenta, concentrada nele.

Mark remexia a cabeça, pouco à vontade.

— Mais ou menos isso.

— O vinho que derramou... — Cassie lembrou. Ele ergueu o olhar com gravidade e depois voltou a desviá-lo. — Uma libação?

— Pode ser.

— Deixe-me ver se entendi direito — falei. — Você resolve ir dormir a poucos metros de onde uma garotinha foi assassinada e acha que devemos acreditar que estava lá por algum motivo religioso?

De repente ele explodiu, atirou-se para a frente e apontou o dedo para mim com ferocidade. Eu recuei para evitá-lo.

— Ouça bem, detetive. Não acredito na Igreja, está me entendendo? Em Igreja nenhuma. A religião existe para manter as pessoas acomodadas, contribuindo para a caixinha da paróquia. Mandei que tirassem o meu nome do registro da igreja assim que fiz dezoito anos. E não acredito em nenhum governo. São iguais às Igrejas, todos eles. As palavras são diferentes, mas os objetivos são os mesmos: manter os pobres sob controle e dar apoio aos ricos. As únicas coisas em que acredito estão lá naquela escavação. — Os olhos dele estavam apertados e incandescentes. Olhos que estariam melhor atrás de um rifle no topo de uma barricada condenada. — Tem mais coisa para se louvar naquela escavação do que em qualquer merda de Igreja do mundo. É um *sacrilégio* eles quererem passar uma rodovia por cima daquele lugar. Se estivessem prestes a derrubar a Abadia de Westminster para construir um estacionamento, vocês culpariam alguém que fosse fazer uma vigília por lá? Então, *porra, não venham me cobrar* por fazer a mesma coisa. — Ele continuou me olhando até que eu piscasse e depois voltou a recostar-se na cadeira cruzando os braços.

— Vou entender que você está negando qualquer envolvimento com o crime — falei com frieza, assim que tive certeza de que minha voz estava sob controle. Por alguma razão, aquele pequeno chilique dele me afetou mais do que gosto de admitir. Mark olhou para o teto.

— Mark — Cassie o chamou —, entendo você perfeitamente. Sinto o mesmo em relação à minha profissão. — Ele passou um bom tempo olhando para ela com seus olhos verdes e firmes, sem se mexer, quando, enfim, balançou a cabeça em um gesto de concordância. — Mas só que precisa compreender

aonde o detetive Ryan quer chegar: muita gente não vai entender nada do que está dizendo. Aos olhos deles, tudo isso vai parecer suspeito demais. Precisamos descartá-lo de qualquer suspeita.

— Se quiser que eu me submeta a um teste com o detector de mentiras, por mim tudo bem, mas eu nem estive por *lá* na noite de terça-feira. Foi na *segunda-feira* que eu passei a noite no bosque. Que isso tem a ver? — Eu me senti novamente ficando desanimado. A não ser que o conhecimento de Mark da matéria fosse muito maior do que eu havia imaginado, ele já estava considerando certo que Katy havia morrido na terça-feira, na noite anterior à descoberta do corpo no sítio.

— Está bem — disse Cassie. — Acho justo. Tem um álibi para o intervalo de tempo entre a hora em que saiu do trabalho na terça-feira até quando chegou na quarta-feira de manhã?

Mark chupou os dentes e cutucou uma de suas bolhas. Foi aí que eu percebi, subitamente, que ele parecia constrangido; isso o deixava com uma aparência muito mais jovem.

— Tenho, para falar a verdade, tenho sim. Voltei para a casa, tomei banho, jantei com o resto do pessoal, jogamos cartas e bebemos umas latinhas no jardim. Pode perguntar a eles.

— E depois? — perguntei. — A que horas foi se deitar?

— A maioria entrou mais ou menos à uma da manhã.

— E por acaso alguém pode confirmar seu paradeiro depois disso? Alguém com quem divida o quarto?

— Não, eu não divido o quarto com ninguém, já que sou o assistente do diretor do sítio. Passei mais um tempo acordado no jardim, conversando com Mel, com quem fiquei até a hora do café da manhã. — Ele se esforçava ao máximo para passar um ar blasé, e toda aquela presença de espírito arrogante que vinha exibindo desapareceu; ele parecia impaciente, envergonhado como um adolescente. Minha vontade de rir era tremenda. Não me atrevi a olhar para Cassie.

— Passaram a noite inteira juntos? — perguntei, com malícia.

— Exato.

— No jardim? Não estava um pouco frio?

— Quando entramos já deviam ser mais ou menos umas três da manhã. Depois ficamos em meu quarto até as oito. É a hora em que costumamos levantar.

— Ora, ora, ora — falei de forma doce. — A maioria dos álibis nem mesmo chega perto de ser tão agradável assim. — Ele me lançou um olhar venenoso.

— Voltemos à noite de segunda-feira — Cassie sugeriu. — Durante o tempo em que ficou no bosque, não viu nem ouviu nada diferente?

— Não, só que estava muito escuro... mas é o escuro do campo, não o escuro da cidade. Não tinha nenhuma luz de rua, nada. Eu não teria visto uma pessoa que estivesse a três metros de mim. E provavelmente também não teria escutado ninguém; os ruídos da mata são muitos. — Escuro e ruídos da mata: o calafrio voltou a descer por minha espinha.

— Não precisa ter sido na mata — Cassie disse. — Perto da escavação, ou talvez na estrada... Não viu ninguém passar, digamos, depois das onze e meia?

— Esperem aí — Mark disse de repente, quase com relutância. — Do lado de fora do sítio. Havia alguém.

Nem Cassie nem eu nos mexemos, mas eu senti a descarga elétrica do alerta cair entre nós dois. Havia chegado um momento em que estávamos praticamente prontos para desistir de que Mark fosse dizer qualquer coisa útil, iríamos confirmar seu álibi, colocá-lo na lista com um ponto de interrogação e mandá-lo de volta para sua enxada, pelo menos por enquanto — nos prementes primeiros dias de uma investigação, não há tempo para se perder com nada além daquilo que é mais crucial —, mas agora ele havia recuperado toda a nossa atenção.

— Poderia nos dar uma descrição? — perguntei.

Ele me lançou um olhar de desagrado.

— Claro. A pessoa tinha a cara de uma lanterna. Estava *escuro*.

— Mark — Cassie o interrompeu. — Comece do início.

— Alguém com uma lanterna na mão passou pelo meio da escavação, saindo da área residencial, rumo à estrada. Foi isso. Não vi nada além do feixe de luz da lanterna.

— Isso foi a que horas?

— Não parei para olhar o relógio. À uma da manhã, talvez. Ou um pouco antes.

— Tente se lembrar. Será que não deu para perceber absolutamente nada da pessoa? Talvez a altura, pelo ângulo da lanterna?

Ele pensou um pouco, espremendo os olhos.

— Não. Parecia estar baixa, bem próxima do chão, mas o escuro prejudica a noção de perspectiva, né? Quem quer que fosse, estava andando bastante devagar, só que isso seria normal para qualquer um; vocês viram como está aquilo lá, cheio de valas e pedaços do muro.

— A luz da lanterna era grande ou pequena?

— O feixe era curto e nem era tão forte assim. Não era uma daquelas grandes e pesadas, com alça. Era uma lanterna simples e pequena.

— Quando a viu pela primeira vez, estava próxima ao muro que separa o bosque das casas... onde? Na ponta oposta à estrada?

— É, mais ou menos por ali mesmo. Presumi que a pessoa havia entrado pelo portão de trás, ou talvez pulado o muro. — O portão de trás final da rua dos Devlin, cuja casa é a terceira para quem sai por ele. Mark pode ter visto Jonathan ou Margaret, caminhando lentamente por estar carregando um cadáver e procurando um lugar para desová-lo; ou Katy, fugindo no escuro para encontrar-se com alguém, armada com nada além da luz de uma lanterna e com a chave de casa que nunca a levaria de volta ao lar.

— E a pessoa foi para a estrada.

Mark deu de ombros.

— Saiu cortando caminho pelo sítio, mas não vi até onde foi. As árvores atrapalharam.

— Por acaso acha que, quem quer que tenha sido, viu a sua fogueira?

— Como vou saber?

— Muito bem, Mark — disse Cassie. — O que vou lhe perguntar agora é importante. Por acaso viu algum carro passar mais ou menos a essa hora? Ou talvez parando na estrada?

Mark não teve pressa para responder.

— Não — disse ele, conclusiva e definitivamente. — Um casal passou assim que eu cheguei, mas ninguém mais depois de umas onze da noite. O pessoal daqui dorme cedo; quando dá meia-noite, todas as luzes das casas já se apagaram.

Se tudo o que ele estava dizendo era verdade, então tinha acabado de nos prestar um favor enorme. Tanto o local onde ocorreu o assassinato quanto o secundário — onde quer que o corpo de Katy tenha ficado escondido até terça-feira — ficavam quase com certeza a uma distância da área residencial a que se pudesse ir andando. Ficavam provavelmente dentro dela, e nossa gama de suspeitos não contava mais com a maior parte da população da Irlanda.

— Tem certeza de que teria percebido se houvesse passado um carro? — perguntei.

— Eu percebi a lanterna, não percebi?

— Só que você só foi se lembrar dela agora — respondi.

Ele fez um beijo.

— Minha memória é ótima, muito obrigado. Não achei que fosse importante. Isso foi na noite da *segunda-feira*, está bem? Nem dei muita atenção. Achei que fosse alguém voltando para casa depois de sair da casa de algum amigo, ou um dos rapazes da área indo encontrar-se com alguém. Às vezes eles passam a noite no sítio. De qualquer forma, o problema não é meu. A mim não estavam incomodando.

Nesse momento, Bernadette, a administradora da divisão, bateu de leve a porta da sala de interrogatório; quando a abriu, ela disse, com ar de desaprovação:

— Detetive Ryan, tem um telefonema para o senhor. Falei para a pessoa que o senhor não poderia ser incomodado, mas ela disse que é importante. — Bernadette está na Homicídios há mais ou menos uns 24 anos, nunca trabalhou em nenhum outro lugar. É dona de um petulante rosto marsupial, de cinco trajes para o trabalho (um para cada dia da semana, o que, quando estou cansado demais, serve para me lembrar do dia em que estamos) e, todos supomos, uma paixão sem esperanças por O'Kelly. O pessoal da divisão fez um bolão para apostar quando eles finalmente vão ter alguma coisa.

— Pode ir — Cassie me disse. — Eu termino aqui... Mark, precisamos apenas que assine o seu depoimento. Daí podemos levá-lo de volta ao seu trabalho.

— Eu vou de ônibus.

— Não vai não — falei. — Precisamos confirmar o seu álibi com Mel, e não vai adiantar de nada se você tiver a oportunidade de falar com ela antes.

— Puta que *pariu!* — Mark perdeu a paciência e voltou a sentar-se na cadeira, com um estrondo. — Não estou *inventando!* Perguntem a qualquer um. Toda a equipe já estava até comentando antes de sairmos do quarto!

— Não se preocupe, vamos perguntar — falei com satisfação e deixei-o a sós com Cassie.

Voltei à nossa sala e esperei que Bernadette repassasse a ligação, o que ela fez quando quis, para me mostrar que não era dever dela ir me caçar.

— Ryan — atendi.

— Detetive Ryan? — A voz parecia ansiosa e acanhada, mas eu a reconheci imediatamente. — Aqui é Rosalind. Rosalind Devlin.

— Rosalind — falei, abrindo meu bloquinho de anotações e procurando uma caneta. — Como está?

— Ah, estou bem. — Uma risadinha curta e tensa. — Bom, para ser sincera com o senhor, não estou não. Estou arrasada. Mas acho que ainda estamos todos abalados, para falar a verdade. A ficha ainda não caiu. A gente nunca imagina que isso algum dia possa vir a acontecer, não é mesmo?

— Pois é — concordei amavelmente. — Sei como deve estar se sentindo. Posso ajudar de alguma maneira?

— Eu estava querendo saber... será que tem problema se eu passar por aí para conversar com o senhor qualquer hora destas? Só se não for incomodar... Tem uma coisa que preciso lhe perguntar. — Um carro passou ao fundo; ela estava fora de casa, ao celular ou em algum telefone público.

— Mas é claro. Pode ser hoje à tarde?

— Não — ela disse apressadamente. — Não, hoje não. O senhor sabe, é que eles vão voltar a qualquer minuto, foram só... ver o... — A voz dela foi sumindo. — Posso ir amanhã? Durante a tarde?

— Quando quiser — concordei. — Anote o número do meu celular, está bem? Assim pode me achar a qualquer hora que precisar. Ligue para mim amanhã e a gente se encontra.

Ela anotou, murmurando os números bem baixinho.

— Tenho que ir — disse com pressa. — Obrigada, detetive Ryan. Muito obrigada. — E antes que eu pudesse me despedir, ela desligou.

Fui olhar a sala de interrogatório. Mark estava escrevendo e Cassie havia conseguido fazê-lo rir. Bati as unhas contra o vidro. Mark ergueu a cabeça instantaneamente e Cassie me lançou um sorriso discreto e um pequeno meneio de cabeça. Pelo jeito, estavam conseguindo se virar bem sem mim. Naquilo, como era de se esperar, eu não via problema algum. Sophie estaria esperando a amostra de sangue que

hávamos lhe prometido; deixei para Cassie um recadinho escrito “volto em cinco minutos” colado na porta da sala de interrogatório e desci até o porão.

O método de armazenamento de provas do início dos anos 1980, sobretudo para os casos não resolvidos, não era nada sofisticado. A caixa referente a Peter e Jamie ficava em uma prateleira bem no alto, e eu nunca a pegara, mas já sabia, ao tirar uma pasta de cima, que havia outras coisas lá dentro que só poderiam ser as provas reunidas por Kiernan, McCabe e sua equipe. O arquivo do caso tinha mais outras quatro caixas que estavam etiquetadas com letras pretas, desenhadas com muito esmero e cuidado, como se houvessem sido traçadas por uma criança: 2) Interrogatórios, 3) Interrogatórios, 4) Depoimentos e 5) Pistas. Ou Kiernan ou McCabe não sabiam escrever direito. Tirei a caixa principal da prateleira e a poeira parecia transbordar sob a luz forte da lâmpada. Deixei-a no chão.

A caixa continha vários sacos plásticos com provas, rodos cobertos por grossas camadas de poeira, o que deixava os objetos em seu interior com uma aparência vaga e em tom de sépia, como se fossem artefatos misteriosos encontrados por acaso em alguma câmara lacrada por séculos a fio. Tirei-os cuidadosamente, um por um, soprei a poeira de cima e organizei-os, enfileirados, sobre o piso de lajota.

Havia muito pouca coisa para um caso de tamanha importância. Um relógio de criança, um copo de vidro, um jogo do Donkey Kong de um laranja desbotado, todos revestidos com o que parecia ser carbonato de chumbo, o pó branco usado para detecção de impressões digitais. Vários fragmentos de indícios do que poderia vir a ser considerado prova, principalmente folhas secas e lascas da casca de árvores. Um par de meias brancas de ginástica manchadas de marrom-escuro, com buracos quadrados bem definidos de onde cortaram amostras para os exames. Uma camiseta branca imunda; um short azul de brim desbotado, com as bainhas começando a puir. Por último, os tênis, com as marcas típicas de crianças que andam arrastando os pés, e o forro negro, deformado e duro. Embora fossem acolchoados, o sangue quase chegou a passar para o outro lado. A parte de fora tinha manchas escuras minúsculas que começavam a se espalhar a partir dos pespontos, no peito do pé manchas maiores desbotadas logo abaixo da superfície.

Para falar a verdade, eu vinha me preparando com muito esforço para aquilo. Acho que tinha uma vaga noção de que ver as provas fosse provocar uma dramática enxurrada repentina e violenta de lembranças; não havia exatamente imaginado que acabaria deitado em posição fetal no chão do porão, mas havia um motivo para eu ter escolhido um momento em que era muito improvável que alguém aparecesse me procurando. Contudo, ali, percebi com uma sensação nítida de anticlímax que eu não me lembrava de nada daquilo — entre todas aquelas coisas, a única de que eu me recordava de fato era do jogo do Donkey Kong do Peter, que supostamente só estava ali para servir para a comparação das impressões digitais, e que me trouxe à mente um breve e relativamente inútil arroubo de memória (Peter e eu sentados no tapete iluminado pelo sol, cada um cuidando de um botão, concentrados e nos acotovelando; Jamie curvada por sobre nossos ombros, gritando instruções) tão intenso que eu praticamente conseguia ouvir os ruídos e os bipes ensurdecidos do joguinho. As roupas, embora eu soubesse que haviam sido minhas, não me trouxeram absolutamente lembrança alguma. Pareceu inconcebível que eu tenha chegado a me levantar da cama um dia de manhã e vestido essas roupas. A única coisa que conseguia ver era como eram patéticas — como a camiseta era pequena, o Mickey Mouse desenhado com caneta esferográfica na ponta de um dos pés do tênis... Doze anos parecia horripilantemente adulto na época.

Peguei o saco em que estava a camiseta com o dedo indicador e o polegar e virei-o do lado oposto. Eu havia lido a respeito dos rasgos às minhas costas, mas nunca os tinha visto e, de alguma maneira, considerei-os mais chocantes do que o horrível par de tênis. As marcas possuíam algo de extraordinário — perfeitamente paralelas, e os arcos pouco acentuados e bem definidos; uma impossibilidade completa e implacável. *Galhos?*, pensei, fitando-os de modo confuso. Será que eu tinha saltado de alguma árvore,

ou passado abaixado pelo meio de arbustos e, de alguma maneira, minha camiseta prendeu-se em quatro galhos finos e pontiagudos de uma vez só? Minhas costas começaram a coçar entre as omoplatas.

Súbita e compulsivamente, minha vontade era estar em qualquer outro lugar. O teto baixo exercia uma pressão claustrofóbica sobre mim, e o ar empoeirado me deixava com falta de ar; o silêncio era opressivo, o único barulho vinha de uma ou outra vibração agourenta das paredes quando um ônibus passava lá fora. Atirei todas aquelas coisas de volta dentro da caixa, icei-a até sua prateleira e recolhi os tênis, que eu havia deixado no chão, prontos para serem enviados a Sophie.

Foi só então que me dei conta, ali, naquele porão gélido, cercado por casos já caídos no esquecimento e pelos estalidos penetrantes da caixa conforme os sacos de plástico se acomodavam, da imensidão do que eu havia iniciado. De alguma forma, com tudo o que vinha passando por minha cabeça, eu não tinha conseguido enxergar que tudo acabaria dando naquilo. O caso de 1984 parecia uma coisa tão particular que eu já tinha me esquecido de que também poderia ter influência no mundo exterior. No entanto, eu (que merda, como eu poderia imaginar isso?) estava prestes a subir com aqueles tênis para a nossa sala e colocá-los dentro de um envelope de plástico-bolha, mandando um dos auxiliares levá-los para Sophie.

Teria que acontecer de qualquer maneira, mais cedo ou mais tarde. Casos de desaparecimento de crianças nunca são arquivados, seria mera questão de tempo até que alguém pensasse em usar a tecnologia de hoje para analisar as provas daquela época. Mas, se o laboratório conseguir extrair algum DNA dos tênis e sobretudo se ele combinar com o do sangue encontrado no altar de sacrifícios, já não seria mais somente uma pista irrelevante do caso Devlin, uma tentativa inútil nossa e de Sophie: o caso de 1984 voltaria a entrar em erupção. Todo mundo, de O'Kelly para cima, iria querer engrandecer a descoberta daquela novíssima prova, conquistada com a utilização da mais alta tecnologia: a polícia irlandesa não desiste nunca, nenhum caso vai para a gaveta sem ser solucionado, o público pode ficar sossegado que, nos bastidores, nós cuidamos dos nossos assuntos à nossa própria e muito misteriosa maneira. A mídia logo tentaria explorar a possibilidade da existência de um assassino serial de crianças em nosso meio. E nós teríamos que dar prosseguimento às investigações; iríamos precisar de amostras de DNA dos pais de Peter e da mãe de Jamie e — ah, meu Deus — de Adam Ryan. Olhei para baixo, para os tênis, e pensei subitamente em um carro sem freio descendo a ladeira: lentamente a princípio, inofensivo, quase cômico. Depois ganha velocidade e se transforma em uma inclemente bola de demolição.

Levamos Mark de volta ao sítio arqueológico e ele ficou a contragosto no banco detrás do carro enquanto eu conversava com Mel, e Cassie batia um papinho rápido com o resto do pessoal da casa. Quando lhe perguntei como havia passado a noite de terça-feira, Mel ficou vermelha como se tivesse se queimado demais ao sol e não conseguia olhar para mim, mas confirmou que ficou conversando com Mark até tarde no jardim, que acabaram se beijando e que ela passou o resto da noite no quarto com ele. Ele a deixou apenas uma vez, por não mais que dois minutos, para ir ao banheiro.

— Sempre nos demos muito bem. O pessoal sempre nos provocava falando essas coisas. Acho que estava escrito nas cartas. — Também confirmou que às vezes Mark passava a noite fora da casa, e que havia dito a ela que dormia no bosque de Knocknaree. — Só não sei se alguém mais sabe disso. Ele gosta de manter essas coisas em segredo.

— Não acha isso um pouco estranho?

Ela deu de ombros meio sem jeito e coçou a nuca.

— Ele é um cara intenso. É uma das coisas de que gosto nele. — Nossa, como ela era jovem! Senti uma necessidade súbita e quase incontrolável de afagar seu ombro e lembrar-lhe para que usassem preservativo.

O resto do pessoal da casa contou a Cassie que Mark e Mel foram deixados a sós no jardim na noite da terça-feira, que saíram do quarto dele juntos no dia seguinte e que todos passaram as primeiras horas do dia, até o aparecimento do corpo de Katy, provocando-os impiedosamente, sobre o assunto. Também confirmaram que Mark às vezes passava a noite fora, mas não sabiam onde ele ficava. A versão deles para o que Mel havia descrito como “um cara intenso” variava de “um pouco estranho” até “um completo feitor de escravos”.

Compramos mais sanduíches com gosto de plástico no armazém do Lowry e almoçamos sentados sobre o muro que separava o bosque das casas. Mark estava organizando os arqueólogos em alguma nova tarefa, com gestos amplos e decididos como se fosse um guarda de trânsito. Escutei quando Sean reclamou clamorosamente de alguma coisa e todos os outros gritaram com ele para que calasse a boca e parasse de enrolar no trabalho.

— Juro por Deus, seu merda, se eu descobrir que foi você que pegou, vou enfiá-la no seu rabo...

— Ooh, Sean está com TPM!

— Por acaso já foi olhar no *seu* rabo?

— Vai ver a polícia levou, Sean, é melhor ficar pianinho.

— Vá trabalhar, Sean — Mark gritou do outro lado.

— Como é que eu vou *trabalhar* sem a porra da minha *espátula*!?

— Pegue uma emprestada com alguém.

— Tem uma sobressalente aqui! — alguém gritou, e uma espátula voou aos giros, de mão em mão, com a luz a refletir na parte metálica, e Sean a pegou e sossegou para trabalhar, sem ainda ter parado de resmungar.

— Se tivesse doze anos, o que faria com que viesse até aqui no meio da noite? — Cassie perguntou.

Pensa no fraco círculo dourado de luz se agitando como um fogo-fátuo por entre as fortes raízes das árvores e os bem antigos fragmentos do muro; a sentinela silenciosa do bosque.

— Chegamos a fazer isso umas duas vezes — revelei. — Passávamos a noite na nossa casa da árvore. Naquela época isso aqui tudo era mata fechada, até a estrada. — Sacos de dormir sobre tábuas de madeira e a luz de lanternas bem próxima das revistas em quadrinhos. Um farfalhar e os feixes de luz das lanternas subindo rapidamente para revelarem um par de olhos dourados que se agitavam ferozes e luminosos a poucas árvores dali; todos nós gritando e Jamie saltando para atirar uma tangerina que havia sobrado e ver a coisa fugir aos saltos, seguida pelo estrépito de folhas...

Cassie me olhou de relance por sobre a caixinha de suco da qual bebia.

— Tudo bem, mas você estava com os seus amigos. O que o faria vir até aqui sozinho?

— Vir me encontrar com uma pessoa. Alguém me desafiar a fazer isso. Talvez vir buscar alguma coisa importante que houvesse esquecido aqui. Podemos conversar com as amigas dela para ver se Katy lhes disse alguma coisa.

— Isso não foi fruto do acaso — Cassie disse. Os arqueólogos haviam voltado a escutar Scissor Sisters e ela acompanhava o ritmo com os pés. — Mesmo que não tenham sido os pais dela. O tal camarada não saiu por aí e agarrou a primeira criança vulnerável em quem esbarrou. Ele planejou tudo direitinho. Não tinha intenção apenas de matar uma criança; estava era atrás de Katy mesmo.

— E conhecia o lugar muito bem — comentei —, já que conseguiu encontrar a pedra do altar de sacrifícios no escuro e carregar um corpo. Cada vez mais isso me parece coisa de gente daqui mesmo. — O bosque reluzia sob a luz do sol. Era todo sons de pássaros e folhas se agitando; dava para sentir as fileiras de casas idênticas e inócuas atrás de mim. *Lugarzinho de merda*, eu quase disse, mas não saiu.

Depois dos sanduíches, fomos procurar a tia Vera e as primas. A tarde estava quente e tranquila, mas as ruas estavam vazias como o *Marie Celeste*, com todas as janelas hermeticamente fechadas e nem sequer uma criança brincando; estavam todas dentro de suas casas, confusas e inquietas e em segurança sob os olhos dos pais, tentando escutar às escondidas os cochichos dos adultos e descobrir o que estava acontecendo.

Os Foley eram uma família pouco atraente. A de quinze anos acomodou-se em uma poltrona e cruzou os braços, empinando os seios como se fosse a mãe de alguém, e ficou nos olhando com sua palidez entediada e arrogante; a de dez anos parecia um porco de desenho animado e mascava chiclete com a boca aberta, remexendo as ancas em cima do sofá e, uma vez ou outra, exibia o chiclete com a língua e voltava com ele para dentro da boca. Até mesmo a mais nova era uma daquelas crianças pequenas tremendamente enervantes que mais parecem adultos de bonsai; seu rosto era atarracado e afetado e seu nariz, adunco. Ficou me olhando fixamente do colo de Vera, com os lábios franzidos, e depois recolheu o queixo em sinal de desaprovação para dentro das dobras de seu pescoço. Tive uma convicção desagradável de que, se ela dissesse alguma coisa, sua voz sairia grave e rouca como a de alguém que fuma dois maços de cigarros por dia. A casa toda cheirava a repolho. Não me passava pela cabeça por que Rosalind e Jessica poderiam querer passar um tempo ali, e o fato me deixava incomodado.

Com exceção da menor, contudo, todas contaram a mesma história. Rosalind e Jessica, e às vezes Katy, passavam a noite ali a cada duas ou três semanas (“Adoraria recebê-las com maior frequência, é claro que adoraria”, disse Vera, apertando de forma tensa um dos quatro cantos da capa de um livro. “Mas simplesmente não dá, não com os meus nervos”...); com menor frequência, Valerie e Sharon ficavam com os Devlin. Ninguém sabia dizer ao certo quem tinha dado a ideia daquela vez, embora Vera achasse, sem muita certeza, que provavelmente tinha sido sugestão de Margaret. Na noite de segunda-feira, Rosalind e Jessica chegaram por lá mais ou menos às oito e meia, viram televisão, brincaram com o bebê (eu não imaginava como conseguiram; a criança mal tinha se mexido durante todo o tempo em que estivemos lá, deve ter sido como brincar com uma batata grande) e foram se deitar por volta de onze horas, dividindo uma cama de campanha no quarto de Valerie e Sharon.

Foi ali que o problema começou: como era de se esperar, as quatro passaram a maior parte da noite acordadas, conversando e rindo.

— São meninas ótimas, não estou dizendo isso, mas os jovens não percebem que, às vezes, dão muito *trabalho* para nós, mais velhos, não é mesmo? — Vera começou a rir com nervosismo, freneticamente, e fez cócegas na menina do meio que, contorcendo-se, afastou-se ainda mais dela no sofá. — Tive que pedir umas dez vezes para que falassem mais baixo... não suporto barulho. Já devia ser mais ou menos umas duas e meia da manhã quando finalmente foram dormir, dá pra imaginar? E àquela hora, evidentemente, meus nervos já estavam em um estado tal que eu não consegui, de jeito nenhum, me acalmar. Tive que me levantar e ir fazer uma xícara de chá para tomar. Não consegui dormir nem um segundo. Fiquei acabada no dia seguinte. E então, quando Margaret ligou, claro, já estávamos todas nervosas, não é verdade, meninas? Mas nunca imaginei... claro, achei que estivesse apenas... — Ela levou a mão fina e trêmula à boca.

— Voltemos à noite anterior — Cassie disse à mais velha das crianças. — Sobre o que conversavam, você e suas primas?

A menina — Valerie, acho eu — olhou para cima e fez um gesto com o lábio para mostrar como a pergunta era idiota.

— Coisas.

— Chegaram a conversar sobre Katy?

— Não *sei*. É, acho que sim. Rosalind ficava dizendo como era fantástico Katy ir para a escola de balé. Não consigo entender como isso pode ser tão fantástico assim.

— E quanto a seu tio e sua tia? Conversaram sobre eles?

— Claro. Rosalind dizia que eram horríveis com ela. Nunca a deixavam fazer nada.

Vera soltou um resmungo.

— Ora, Valerie, não diga uma coisa dessas! Podem ter certeza, detetives, de que Margaret e Jonathan seriam capazes de fazer qualquer coisa por aquelas meninas, eles são incansáveis...

— Ah, sim, *claro*. Deve ter sido por isso que Rosalind fugiu de casa, porque eles deviam ser *bons demais* para ela.

Cassie e eu nos precipitamos para aproveitar aquela oportunidade, mas Vera chegou primeiro.

— Valerie! O que foi que eu já lhe disse? Isso não é coisa que se comente. Foi tudo apenas um grande mal-entendido. Rosalind foi irresponsável demais quando causou tanta preocupação aos pais daquela maneira, mas já foi tudo perdoado e esquecido...

Aguardamos até que ela terminasse o que tinha para falar.

— Por que Rosalind fugiu de casa? — perguntei a Valerie.

Ela deu de ombros.

— Estava cansada de o pai ficar mandando nela. Acho que ele deve ter batido nela ou alguma coisa assim.

— *Valerie!* Detetives, não sei de onde ela está tirando essas coisas. Jonathan nunca encostaria um dedo naquelas crianças, isso não mesmo. Rosalind é muito sensível; acabou discutindo com o pai, que não se deu conta do quanto ela ficou chateada...

Valerie recostou-se na poltrona e ficou me olhando com um sorriso presunçoso por trás do tédio profissional. A menina do meio limpou o nariz com a manga e examinou o resultado com interesse.

— Quando foi isso? — Cassie perguntou.

— Ah, não tem como eu me lembrar. Mas tem muito tempo... acho que foi ano passado...

— Maio — Valerie respondeu. — *Deste* ano.

— Quanto tempo ela ficou desaparecida?

— Uns três dias. Deu polícia e tudo.

— E vocês sabem onde ela ficou?

— Fugiu para algum lugar desses aí com um sujeito — Valerie revelou com mais um sorriso malicioso.

— Não fugiu *não* — Vera repreendeu-a estridentemente. — Ela só disse aquilo para fazer a pobre da mãe sofrer, que Deus lhe perdoe. Ela ficou na casa daquela coleguinha dela da escola, como é mesmo o nome? Karen. Voltou para casa depois do fim de semana e ficou tudo bem.

— Tanto *faz* — disse Valerie, voltando a dar de ombros.

— Quero meu chá — reclamou a mais nova. Eu estava certo. A voz dela parecia mesmo um fagote.

Aquilo, muito provavelmente, explicava uma coisa que eu vinha querendo entender melhor: o porquê de a Delegacia de Pessoas Desaparecidas supor tão rapidamente que Katy havia fugido de casa. O limite é de doze horas e, normalmente, dariam a ela o benefício da dúvida, iniciariam de imediato as buscas e avisariam a imprensa em vez de esperar 24 horas. Mas essa coisa de fugir de casa se espalha mesmo pelas famílias, com os mais novos aprendendo com os mais velhos. Quando a Delegacia de Pessoas Desaparecidas colocou o endereço dos Devlin no sistema, deve ter visto a ocorrência de Rosalind e suposto que Katy havia feito o mesmo, brigado com os pais e se refugiado na casa de alguma amiga; e que, assim como Rosalind, ela voltaria para casa logo que se acalmasse e ficaria tudo bem.

Fiquei, de forma cruel, contente por Vera não ter conseguido dormir nada na noite de segunda-feira. Embora fosse quase horrível demais para admitir, às vezes eu me preocupava com Jessica e Rosalind. Jessica não mostrava ser muito forte, e sem dúvida parecia desequilibrada, e o clichê que afirma que a loucura ajuda o corpo a ter forças faz algum sentido. E ela mal conseguia disfarçar o ciúme que tinha de toda a atenção que Katy vinha recebendo. Rosalind era hipersensível e protegia ardentemente a irmã Jessica, e se o sucesso de Katy estivesse fazendo com que Jessica se aprofundasse cada vez mais em seu entorpecimento... Eu sabia que Cassie também estava pensando as mesmas coisas, mas ela não disse nada e, por alguma razão, aquilo me irritava.

— Queria saber por que Rosalind fugiu de casa — falei enquanto descíamos a entrada da garagem da casa dos Foley. A do meio estava com o nariz espremido contra a janela da sala e ficava fazendo caretas para nós.

— E para onde foi? — disse Cassie. — Por que não conversa com ela? Acho que você tira mais coisa dela do que eu conseguiria.

— Para falar a verdade — contei com um pouco de constrangimento —, foi ela que ligou para a divisão hoje mais cedo. Amanhã à tarde ela vai lá conversar comigo. Falou que quer me contar uma coisa.

Cassie deteu-se enquanto guardava de qualquer jeito seu bloco na mochila e passou um bom tempo olhando para mim com uma expressão que não consegui definir. Fiquei me perguntando se ela havia se sentido ofendida por Rosalind ter pedido para conversar comigo e não com ela. Já estávamos mais do que acostumados com Cassie sendo a preferida das famílias, e eu senti uma centelha imatura e indecente de triunfo: *Alguém gosta mais de mim, engula essa*. Minha relação com Cassie tem um toque de fraternidade que funciona bem conosco, mas às vezes acaba terminando naquela rivalidade típica de dois irmãos. Foi então que ela disse:

— Ótimo. Você pode falar sobre ela ter fugido de casa sem que pareça grande coisa.

Ela lançou a mochila às costas e nós fomos descendo a estrada. Cassie ficou observando o horizonte com as mãos nos bolsos e eu saberia dizer se estava chateada comigo por não ter contado sobre o telefonema de Rosalind Devlin antes — o que, para ser justo, eu deveria mesmo ter feito. Dei-lhe um ligeiro cutucão com o cotovelo, como um teste. Um pouco mais à frente, ela ergueu o pé e me deu um chute na bunda.

Passamos o resto da tarde percorrendo a vizinhança e batendo de porta em porta. É um trabalho tedioso e ingrato, e os outros detetives do caso já haviam feito isso, mas Cassie e eu queríamos entender um pouco mais o que os vizinhos achavam dos Devlin. Todos concordavam que era uma família decente, mas não gostavam de se misturar muito, o que não deixou uma impressão lá muito boa: em um lugar com o tamanho e o nível social de Knocknaree, qualquer espécie de reserva é considerada um insulto geral, a meio passo do pecado imperdoável do esnobismo. Só que, com Katy, a coisa era diferente: ser admitida na escola do Royal Ballet a havia tornado o grande orgulho de Knocknaree, a cruzada particular e muito própria de cada morador. Inclusive as famílias mais pobres mandaram alguém para a festa de angariação de fundos, e todos sentiam a necessidade de descrever para nós o jeito como ela dançava; teve gente que até chorou. Muitos faziam parte da campanha de Jonathan contra a criação da rodovia e nos receberam com olhares irascíveis e rancorosos quando perguntamos sobre ele. Poucos mostraram grande indignação, criticando-o por tentar deter o progresso e enfraquecer a economia, e ganharam estrelinhas especiais ao lado de seus nomes em meu bloco. A opinião da maioria era de que Jessica não era lá grande coisa.

Quando perguntávamos se algum deles tinha visto alguma coisa suspeita, o normal era que nos oferecessem os mesmos esquisitos de sempre daquela área — um velho que gritava com as latas de lixo, dois moleques de catorze anos com reputação de afogarem gatos no rio — e rixas entre famílias tão antigas quanto irrelevantes, além de outros detalhes despropositados não específicos que não tinham a menor importância. Diversas pessoas, nenhuma delas com qualquer informação útil, mencionaram o caso de 1984; até o início das escavações, da rodovia e de Katy, era a única coisa que trazia alguma notoriedade a Knocknaree. Cheguei reconhecer alguns dos nomes e umas duas pessoas de rosto. Ofereci a elas meu melhor olhar inexpressivo profissional.

Depois de mais ou menos uma hora fazendo isso, chegamos ao número 27 da Knocknaree Drive e encontramos a sra. Pamela Fitzgerald, que continuava, por incrível que pareça, bastante viva e animada. A sra. Fitzgerald era uma peça. Tinha 88 anos, era magérrima, cega de um olho e tão corcunda que praticamente dobrava-se ao meio; nos ofereceu chá, ignorou quando o recusamos e gritou conosco da cozinha, enquanto preparava uma bandeja cheia e trêmula. Depois exigiu saber se tínhamos encontrado a bolsa que lhe havia sido roubada por algum juvenzinho fazia três meses, e o porquê de não a termos reavido. Foi bizarro, depois de ter lido sua caligrafia já quase ilegível nos arquivos do caso de 1984, vê-la reclamar de seus tornozelos inchados (“Sou uma mártir para eles, sou sim”) e recusar-se com grande indignação a permitir que eu segurasse a bandeja. Foi como se Tutancâmon ou a sra. Havisham, de Dickens, entrasse no pub qualquer noite dessas e começasse a falar impropérios sobre o colarinho da cerveja.

Ela nos contou que era de Dublin — uma natural dos Liberties de quatro costados — mas mudou-se para Knocknaree há 27 anos, quando o marido (“Que Deus o tenha”) aposentou-se do serviço de maquinista. Aquele lugar tem sido seu microcosmo desde então, e eu tinha quase certeza de que ela seria capaz de narrar todas as idas e vindas e os escândalos de sua história. Ela conhecia os Devlin, evidentemente, e aprovava sua conduta de vida.

— Ah, é uma família em que todos são adoráveis. Margaret Kelly sempre foi uma ótima menina, nunca deu nem um pouquinho de preocupação para a mãe dela, só quando... — ela se inclinou para o lado, aproximando-se de Cassie, e baixou a voz como se estivesse conspirando contra alguém — só quando apareceu grávida daquela vez. E quer saber de uma coisa, meu amor? O governo e a Igreja não param de falar na coisa horrível que é a gravidez na adolescência, mas na minha opinião de vez em quando não faz mal. O rapaz, o Devlin, era um pouco antipático, era mesmo, mas assim que ganhou a pequenina e começou a formar sua família... como seria de se esperar, nunca mais foi o mesmo. Arrumou um emprego, uma casa, e o casamento dos dois foi muito lindo. Foi a melhor coisa que poderia ter

acontecido para ele, senão, não seria o que é hoje. Só que houve essa tragédia horrível agora, com a coitadinha da criança, que descanse em paz.

Ela fez o sinal da cruz e bateu de leve em meu braço.

— E agora você veio lá da Inglaterra, de tão longe, só para descobrir quem foi que a matou? Você não é uma coisinha linda? Que Deus o abençoe, meu jovem.

— Que velhinha formidável — falei depois que saímos. A sra. Fitzgerald havia alegrado imensamente o meu dia. — Espero ter tanto vigor quanto ela quando tiver 88.

Paramos quando já ia dar seis horas e fomos para o pub local — o Mooney's, do lado do armazém — para ver o telejornal. Havíamos percorrido apenas uma pequena parte da localidade, mas conseguimos captar um clima geral, e o dia não tinha sido nada fácil; nossa reunião com Cooper parecia ter acontecido pelo menos 48 horas antes. Cheguei a ficar meio desnorteado com a extrema necessidade que senti de continuar seguindo em frente até passarmos pela rua onde eu morava antigamente — ver se a mãe de Jamie atenderia à porta, como estariam hoje em dia os irmãos e irmãs de Peter, quem é que morava no quarto que havia sido meu em minha antiga casa — mas sabia que não seria uma boa ideia.

Havíamos planejado com perfeição a hora de chegar: enquanto eu levava o nosso café até a mesa, o barman aumentou o volume da TV e o telejornal começou com uma vinheta de música sintetizada. Katy foi a reportagem principal; os âncoras no estúdio traziam um ar apropriadamente grave e suas vozes ressoavam ao final de cada frase para indicar o acontecimento trágico. O logotipo do *Irish Times* apareceu de repente no canto da tela.

— A jovem encontrada morta ontem no local das polêmicas escavações arqueológicas de Knocknaree foi identificada como sendo Katharine Devlin, de doze anos — anunciou o âncora. Ou a cor do aparelho estava desregulada, ou ele exagerou na hora de aplicar o creme de bronzeamento artificial; seu rosto estava alaranjado e o branco dos olhos chegava a dar medo de tão reluzente. Os velhos do bar agitaram-se, erguendo lentamente a cabeça para olhar a tela, e seus copos baixavam na mesa com ruído. — Katharine desaparecera de sua residência, próxima do local, nas primeiras horas da manhã de terça-feira. A polícia irlandesa confirmou que a morte é suspeita e apelou para que se apresente qualquer um que tenha alguma informação relevante. — O número do telefone para denúncias surgiu em branco sobre um fundo azul na parte de baixo da tela. — Orla Manahan está ao vivo no local.

De repente, surge uma loira de cabelo estático e nariz saliente à frente da pedra que se suspeitava ter sido um altar de sacrifícios, e ela não parecia estar fazendo nada que exigisse uma cobertura ao vivo. As pessoas já haviam começado a deixar homenagens na pedra: flores envoltas com papel celofane colorido e um ursinho de pelúcia cor-de-rosa. Ao fundo, tremulava desolado um pedaço da fita para isolar a cena do crime, esquecido pela equipe de Sophie amarrado a uma árvore.

— Foi aqui que, ontem pela manhã, foi encontrado o corpo da pequena Katy Devlin. Apesar da pouca idade, Katy era uma personalidade de grande fama na pequena comunidade de Knocknaree, onde todos se conhecem. Havia acabado de conquistar uma vaga na renomada escola do Royal Ballet, onde iria começar a frequentar as aulas dentro de poucas semanas. Hoje, os moradores da cidade ficaram horrorizados com a morte trágica da menininha que era seu *único* motivo de orgulho e satisfação.

A câmera tremia ao focalizar uma senhora com um lenço florido na cabeça em frente ao armazém do Lowry.

— Ah, que coisa horrível! — Uma pausa longa enquanto ela baixava o olhar e balançava a cabeça, mexendo a boca; um homem de bicicleta passou por trás dela e ficou olhando para a câmera com cara de idiota. — Foi uma coisa terrível! Estamos todos orando pela família. Como alguém poderia querer causar mal àquela garotinha linda? — Seguiu-se um murmúrio baixo e revoltado entre os velhos do bar.

A câmera volta para a loira.

— Só que esta pode não ter sido a primeira morte violenta testemunhada por Knocknaree. Há milhares de anos, esta pedra — ela estendeu o braço como um corretor de imóveis mostrando uma cozinha adaptada — era um altar cerimonial em que os arqueólogos confirmam a possibilidade de ter sido um local em que os druidas realizavam sacrifícios de seres humanos. Hoje à tarde, entretanto, a polícia irlandesa afirmou não haver prova alguma de que o assassinato de Katy tenha sido obra de alguma seita religiosa.

Um novo corte e aparece O’Kelly à frente de um quadro imponente com a imagem de um brasão da força policial da Irlanda. Vestia um abominável paletó xadrez que, na televisão, parecia ter vida própria. Ele pigarreou e começou a ler a lista que Cassie e eu fizemos, mencionando inclusive a ausência de animais mortos na cena do crime. Cassie estendeu o braço com a mão aberta, sem tirar os olhos da tela, e eu lhe entreguei uma nota de cinco.

O âncora alaranjado voltou a falar.

— E Knocknaree ainda traz *outro* mistério em seu passado. Em 1984, duas crianças da área... — A tela preencheu-se com as tais fotos da escola que já haviam sido mais que exploradas: Peter, com um largo sorriso malicioso e sua franja, e Jamie, que detestava fotografias, exibindo para o fotógrafo um meio-sorriso debochado que destinava aos adultos.

— E lá vamos nós — comentei, tentando soar displicente.

Cassie deu um gole em seu café.

— Vai contar para O’Kelly? — ela perguntou.

Eu sabia que aquilo iria acontecer, e tinha consciência de todos os motivos que Cassie tinha para perguntar, mas nem assim aquilo deixou de me perturbar. Passei os olhos de relance pelos frequentadores do bar; estavam todos atentos ao telejornal.

— Não — respondi. — Não. Se eu contar, ele me tira do caso. Quero solucionar este, Cass.

Ela assentiu.

— Eu sei. Só que se ele descobrir...

Se descobrisse, Cassie e eu teríamos uma boa chance de acabar sendo mandados de volta para patrulhar as ruas ou, no mínimo, expulsos da equipe. Eu vinha tentando não encarar aquilo.

— Não vai — vaticinei. — Como conseguiria? E se chegar mesmo a descobrir, podemos dizer que você não fazia a mínima ideia.

— Ele nunca acreditaria. E de qualquer maneira, a questão não é essa.

Imagens de arquivo de um policial com um pastor alemão hiperativo precipitando-se pelo bosque. Um mergulhador emergindo do rio e sinalizando negativamente.

— Cassie, tenho consciência do que estou pedindo. Mas por favor, preciso fazer isto. Não vou estragar tudo.

Notei que ela piscava e me dei conta de que meu tom de voz saiu com mais desespero do que tencionara.

— Nem temos certeza ainda de que haja ligação — falei, com mais tranquilidade. — E se houver, posso acabar me lembrando de alguma coisa que talvez venha a ser útil à investigação. Por favor, Cass, me ajude desta vez.

Ela passou alguns instantes em silêncio, bebendo seu café e olhando fixa e pensativamente para a TV.

— Existe qualquer chance de algum repórter mais intrometido conseguir...

— Não — respondi sem demora. Como seria de se esperar, eu já havia pensado naquilo. O arquivo do caso não mencionava o meu novo nome ou a minha nova escola e, quando nos mudamos, meu pai deu à polícia o endereço da minha avó; ela morreu quando eu tinha mais ou menos uns vinte anos, e a família vendeu a casa dela. — O telefone dos meus pais não está na lista telefônica e o meu número está registrado com o nome de Heather Quinn...

— E hoje em dia o seu nome é Rob. Não devemos ter problemas.

Ao falar na primeira pessoa do plural e usar um tom prático e altruísta — como se fosse só mais uma complicação de rotina como uma testemunha hesitante ou um suspeito fugitivo —, Cassie fez com que me sentisse reconfortado.

— Se tudo der horrivelmente errado, eu deixo você colocar os *paparazzi* para correr — falei.

— Legal! Vou aprender caratê.

O telejornal já havia mostrado as imagens de arquivo, e a loira estava se preparando para finalizar a reportagem com chave de ouro.

— ... por enquanto, aos moradores aqui de Knocknaree, só resta aguardar... e ter esperança. — Então passaram um bom tempo exibindo o altar de sacrifícios, de maneira comovente, depois voltaram para o estúdio e o âncora alaranjado começou a anunciar outra reportagem sobre o que havia acontecido em algum julgamento deprimente e interminável.

Deixamos nossas coisas na casa de Cassie e fomos caminhar na praia. Eu adoro a costa de Sandymount. Fica bastante bonita nas raras tardes de verão, com seu céu azul de cartão-postal e as moças de batas e ombros avermelhados, mas, por algum motivo, eu gosto ainda mais nos dias totalmente comuns bem típicos da Irlanda, quando o vento sopra gotículas de chuva em nossos rostos e tudo fica meio embaçado, com meios-tons puritanos indefiníveis: nuvens cinza-esbranquiçadas, o mar cinza-esverdeado no horizonte, uma grande faixa de areia castanho-claro orlada de conchas quebradas, curvas amplas e abstratas de um prateado enfadonho, onde a maré chegava desigualmente na areia. Cassie usava uma calça de veludo *côtelé* verde e seu grande casaco grosso de lã, e o vento deixava seu nariz vermelho. Uma garota gorducha de short e boné de beisebol — provavelmente uma estudante americana — praticava seu cooper pela areia à nossa frente; lá em cima, no passeio, uma mãe adolescente vestindo um agasalho passeava com um carrinho de bebê de gêmeos.

— Em que está pensando? — perguntei.

A minha pergunta referia-se à investigação, evidentemente, mas o humor de Cassie estava inconstante — ela tem mais energia que a maioria das pessoas e havia passado a maior parte do dia sentada dentro de algum lugar.

— Escutem só o que ele disse! Quando uma mulher pergunta a um homem o que ele está pensando, é o maior dos crimes, é pegajosa, carente e ele foge sem pensar duas vezes, mas quando é um homem...

— Sossegue — falei e puxei-lhe o capuz para que caísse sobre seu rosto.

— Socorro! Estou sendo oprimida! — ela gritou por debaixo dele. — Chamem a Comissão de Igualdade de Direitos. — A garota que empurrava o carrinho dos gêmeos olhou para nós com expressão de desagrado.

— Você está agitada — falei para Cassie. — Acalme-se ou vou levá-la para casa sem sorvete.

Ela jogou o capuz de volta para trás e afastou-se com uma longa série de cambalhotas, o casaco caindo em volta dos ombros. Fiquei satisfeito por ter acertado na mosca em minha impressão inicial de Cassie: ela passou oito anos da infância treinando ginástica, e pelo jeito era muito boa. Desistiu porque considerava entediante as competições e as séries fixas de movimentos; o que adorava eram as acrobacias em si, sua geometria de movimentos estendidos, projetados e arriscados, e quinze anos depois seu corpo ainda se lembrava de quase todos eles. Quando a alcancei, ela estava sem fôlego e limpava as mãos cheias de areia.

— Melhor? — perguntei.

— Muito. Estava falando sobre...

— O caso. O trabalho. O homicídio.

— Ah. Isso — disse ela, ficando imediatamente séria. Depois, ajeitou o casaco e nós seguimos passeando na praia, arrastando os pés sobre conchas enterradas quase por completo. — Fiquei

imaginando como seriam Peter Savage e Jamie Rowan.

Ela observava uma balsa pequena como um brinquedo a se distanciar na linha do horizonte; seu rosto, erguido para ser tocado pela chuva suave, estava indecifrável.

— Por quê? — perguntei.

— Não sei direito. Estava só imaginando.

Passei um bom tempo pensando naquela pergunta. Minhas lembranças dos dois ficaram gastas de tanto usá-las, esgotadas até virarem frágeis transparências coloridas tremeluzindo nas paredes de minha mente: Jamie escalando concentrada e com confiança até chegar a um dos galhos mais altos, e a risada de Peter saindo em arco do deslumbramento verdejante à nossa frente. Por meio de uma lenta mudança de maré, tornaram-se crianças saídas de um livro de terror, mitos esplendorosos de uma civilização perdida; difícil acreditar que um dia foram reais e tinham sido meus amigos.

— Em que sentido? — perguntei finalmente e sem muito interesse. — Personalidade, físico ou o quê? Cassie deu de ombros.

— Qualquer coisa.

— Os dois tinham mais ou menos a minha altura — comecei. — Altura mediana, acho eu, o que quer que seja. Os dois eram magros. Os cabelos de Jamie eram quase brancos de tão loiros, cortados curtos, e ela tinha o nariz pequeno e arrebitado. Os cabelos de Peter eram castanho-claros e desgrenhados como os de qualquer garoto pequeno quando sua mãe os corta para ele. Tinha olhos verdes. Acho que provavelmente teria sido um homem muito bonito.

— E a personalidade dos dois? — Cassie ergueu o olhar e ficou me encarando; o vento havia alisado seus cabelos como os de uma foca, bem juntos da cabeça. Às vezes, em nossas caminhadas, ela passava a mão por dentro de meu braço cruzado, mas eu sabia que não iria fazer isso agora.

Passei o meu primeiro ano no internato pensando neles o tempo inteiro. A saudade que eu sentia de casa era desenfreada e devastadora; sei que toda criança passa por isso, essas situações, mas acho que minha desgraça passou um bocado do que possa ser considerado normal. A agonia era ininterrupta, tão desgastante e debilitante quanto uma dor de dente. Sempre que meus pais me traziam de volta do fim de semana, eu precisava ser retirado do carro aos berros, me debatendo, e ser arrastado para dentro enquanto eles iam embora. Qualquer um imaginaria que uma coisa desse tipo me tornaria um alvo perfeito para os valentões covardes da escola, mas na verdade nunca me deram a mínima atenção, por reconhecer, acho eu, que nada do que fizessem seria capaz de me deixar um pouco pior. Não que a escola fosse o inferno na Terra nem nada assim. Para ser sincero, acho que devia ser até boazinha, se comparada com o que ouço falar de outros internatos — uma escola pequena na zona rural com um esquema de estudo bem elaborado e uma obsessão por se recompensar qualquer conquista com pontos, além de vários outros clichês —, mas o que eu queria mesmo, mais do que qualquer outra coisa na vida, era voltar para casa.

Eu enfrentava aquilo, segundo a tradição das crianças de qualquer parte do mundo, refugiando-me em minha própria imaginação. Sentava-me em cadeiras bambas em palestras monótonas e imaginava Jamie se remexendo impaciente ao meu lado, me lembrava de cada pequeno detalhe dela, o formato de seus joelhos, o jeito como inclinava a cabeça. À noite, passava horas a fio deitado, porém acordado, com os outros garotos roncando e cochichando à minha volta, e me concentrava com cada célula do corpo até não restar mais dúvida de que quando eu fosse abrir os olhos, Peter estaria na cama ao lado. Eu colocava mensagens em garrafas de refrigerante e as enviava pelo córrego que passava pelo terreno da escola: “Para Peter e Jamie. Voltem, por favor. Com amor, Adam.” Eu tinha consciência de que havia sido mandado para aquele internato, tão longe de casa, porque os dois tinham desaparecido, e sabia que, se uma noite eles saíssem correndo do bosque, imundos e com a pele irritada por causa das urtigas, exigindo tomar chá, eu poderia também voltar para casa.

— Jamie era do tipo travessa — contei. — Tinha muito medo de estranhos, sobretudo se fossem adultos, mas fisicamente era completamente destemida. Vocês duas teriam gostado uma da outra.

Cassie olhou para mim e abriu um meio sorriso.

— Em 1984 eu tinha só dez anos, se lembra? Vocês nem teriam falado comigo.

Eu costumava imaginar 1984 como um mundo secreto e isolado; senti um certo choque quando percebi que Cassie também havia vivido a época, a poucos quilômetros de distância. Quando Peter e Jamie desapareceram, ela devia estar brincando com suas próprias amiguinhas ou andando de bicicleta ou tomando seu chá, ignorando totalmente o que estava acontecendo e os caminhos longos e complicados que a trariam até mim e a Knocknaree.

— É claro que teríamos — discordei. — Teríamos dito assim: “Dá pra gente o dinheiro do seu almoço, sua bestinha!”

— Você já faz isso agora. Continue a falar sobre Jamie.

— A mãe dela era meio hippie, usava saias compridas e flutuantes, tinha cabelos compridos e dava para Jamie levar para comer no recreio iogurte com germe de trigo.

— Ecaaa! — Cassie exclamou. — Eu nem sabia que *existia* germe de trigo para comprar nos anos 1980. Supondo que alguém quisesse.

— Acho que talvez fosse filha ilegítima, Jamie, não a mãe. Era criada apenas pela mãe. Algumas crianças usavam isso para implicar com ela, até que ela deu uns tapas em uma delas. Um dia perguntei à minha mãe onde estava o pai da Jamie, e ela me mandou não ser intrometido. Também cheguei a perguntar para a própria Jamie, que me deu uma resposta malcriada: “Não sei, não quero saber e tenho raiva de quem sabe.”

— E Peter?

— Peter era o líder. Sempre, mesmo quando ainda éramos pequenos. Sabia falar com qualquer um e sempre nos livrava das encrencas na base da conversa. Não que fosse um espertalhão, não acho que era, mas tinha autoconfiança e gostava de gente. E era amável.

Em nossa rua havia um moleque conhecido como “Pequeno Willy”. Só o nome já teria lhe causado complicações suficientes — onde será que os pais estavam com a cabeça? —, e além disso ele usava óculos fundo de garrafa e tinha que passar o ano inteiro usando grossos blusões tricotados a mão, com coelhinhos na frente, porque tinha algum problema no peito, além de começar a maioria de suas frases com “Minha mãe diz...”. Passávamos o tempo todo torturando-o — fazendo os desenhos óbvios nos cadernos dele da escola, cuspidando na cabeça dele de cima das árvores, guardando as fezes do coelho de Peter e dizendo a ele que eram gotas de chocolate, essas coisas — mas, no verão em que fizemos doze anos, Peter fez com que parássemos. “Não é justo”, disse ele. “Ele não tem culpa.”

Jamie e eu meio que entendemos os motivos dele, embora até tenhamos chegado a argumentar que Willy poderia perfeitamente ter dito que seu nome era Bill e parado de dizer aos outros a opinião da mãe dele sobre tudo. Eu me senti culpado o bastante e cheguei até a oferecer a ele metade de uma barra de chocolate quando voltei a vê-lo; porém, compreensivelmente, ele me olhou com desconfiança e afastou-se a passos rápidos. Fiquei imaginando o que Willy estaria fazendo hoje em dia. Se a vida fosse um filme, teria se transformado em um gênio ganhador do Prêmio Nobel e se casado com uma supermodelo; como é a vida real, era provável que estivesse ganhando a vida servindo como cobaia de pesquisas médicas e ainda vestindo blusões com coelhinhos.

— Isso é raro — disse Cassie. — A maioria das crianças nessa idade é maldosa. Eu sei que eu era.

— Acho que Peter era uma criança diferente — comentei.

Ela se deteve para recolher uma concha na areia e examiná-la.

— Ainda existe uma chance de estarem vivos, não é mesmo? — Ela tirou a areia da concha esfregando-a em sua manga e depois soprou-a. — Em algum lugar.

— Acho que sim — respondi. Peter e Jamie, por aí, em algum lugar. Seus rostos turvos em meio a uma multidão incomensurável em movimento. Aos meus doze anos, essa era, de certa maneira, a pior possibilidade de todas: que tivessem simplesmente continuado a correr naquele dia, me deixado para trás e nem sequer olhado para ver se eu os acompanhava. Ainda tenho o hábito de examinar cuidadosamente os rostos de todos quando estou em meio a muita gente, para ver se os vejo, aeroportos, shows, estações de trem. Hoje não procuro tanto, mas, quando eu era mais novo, a coisa crescia de tal forma que gerava pânico e eu acabava virando freneticamente a cabeça para a frente e para trás como um personagem de desenho animado, apavorado com a possibilidade de que o único rosto que deixei de ver pudesse ter sido de algum deles. — Mas eu duvido. Tinha muito sangue.

Cassie estava guardando a concha no bolso e ergueu o olhar em minha direção por um instante.

— Não conheço os detalhes.

— Vou deixar o arquivo com você — falei. Eu me senti incomodado com o fato de que tive que me esforçar para dizer aquilo, como se estivesse oferecendo a ela meu diário ou alguma coisa do tipo. — Veja o que você acha.

A maré começava a subir. A inclinação da faixa de areia da praia de Sandymount é tão gradual que, quando a maré está baixa, o mar chega a ficar quase invisível. Enxerga-se apenas um minúsculo fio cinza bem distante ao horizonte; quando sobe, é de uma rapidez vertiginosa e vem de todas as direções de uma vez só, às vezes até deixando gente encalhada. Dentro de poucos minutos chegaria aos nossos pés.

— É melhor voltarmos — Cassie sugeriu. — Sam vem jantar conosco, lembra?

— Ah, é verdade — falei sem mostrar muito entusiasmo. Até gosto dele, todo mundo gosta do Sam, menos Cooper, mas não sabia direito se eu estava muito a fim de compartilhar momentos com outra pessoa. — Por que o convidou?

— O caso? — ela disse com doçura. — O trabalho? O homicídio? — Fiz uma careta para ela, que abriu um sorriso largo em retribuição.

As duas crianças desastradas do carrinho batiam uma na outra com brinquedos coloridos.

— Britney! Justin! — a mãe berrou por cima dos gritos dos dois. — Calem a porra da boca ou eu mato vocês dois! — Passei o braço ao redor do pescoço de Cassie e consegui puxá-la para uma distância segura antes que caíssemos na gargalhada.

Por falar nisso, chegou uma hora em que sosseguei no internato. Quando meus pais me deixaram lá para o início do segundo ano (comigo chorando, implorando, agarrando a maçaneta da porta do carro enquanto o impaciente inspetor do internato me levantava do chão pela cintura e soltava meus dedos, à força, um por um), entendi que, independentemente do que eu fizesse ou do quanto implorasse, eles nunca permitiriam que eu voltasse para casa. Depois disso, deixei de sofrer por sentir saudades de casa.

Minhas opções eram extremamente limitadas. Meu sofrimento inexorável no primeiro ano me desgastou quase até um ponto de ruptura (acabei me acostumando a sentir vertigens sempre que me levantava e às vezes não conseguia me lembrar do nome de algum colega ou do caminho até o refeitório), e mesmo assim o poder de recuperação de quem tem treze anos tem limite; se continuasse vivendo aquilo durante mais alguns meses, provavelmente acabaria ficando constrangido e sofrendo alguma espécie de colapso nervoso. Mas, nos momentos decisivos, eu tenho, como costume dizer, um excelente instinto de sobrevivência. Naquela primeira noite do segundo ano, fui dormir soluçando de tanto chorar e, quando acordei na manhã seguinte, resolvi que nunca mais sentiria saudades de casa.

Depois disso, para minha leve surpresa, vi que era bem fácil me adaptar. Sem me esforçar nem um pouco, já havia assimilado muitas das gírias bizarras e inatas da escola (“escrotos” para os novatos e “macos” para os professores), e meu sotaque mudou de dublinense pobre para um britânico altivo depois de uma semana. Tornei-me amigo de Charlie, que se sentava ao meu lado na aula de geografia e tinha um

rosto arredondado e solene e uma risada irresistível; quando chegamos à idade adulta, dividimos um apartamento pequeno e baseados experimentais que ele ganhava do irmão que estudava em Cambridge, além de conversas longas, confusas e desejosas sobre mulheres. Meu histórico escolar, na melhor das hipóteses, foi medíocre — eu havia me submetido tão furiosamente à ideia da escola como um destino eterno e inevitável que tinha dificuldade em imaginar qualquer coisa além daquilo, e por isso era difícil me lembrar por que deveria estudar —, mas acabei me transformando em um ótimo nadador, chegando até a integrar a equipe de competição da escola, o que me levou a conquistar muito mais respeito, tanto dos professores quanto dos alunos, do que o faria com boas notas nas provas. No quinto ano, até me colocaram como monitor; costume atribuir isso, assim como a vaga na Homicídios, ao fato de que tenha uma cara indicada para o trabalho.

Eu passava grande parte das férias na casa de Charlie em Herefordshire, aprendendo a dirigir no velho Mercedes do pai dele (ruas de terra acidentadas, vidros escancarados, Bon Jovi aos berros no som do carro, e nós dois cantando juntos, desafinados, a plenos pulmões) e me apaixonando por suas irmãs. Descobri que não queria mais voltar para casa. A casa nova de Leixlip era frágil, escura e cheirava a umidade, e minha mãe acabou arrumando minhas coisas todas erradas em meu quarto novo; a sensação que passava era de uma coisa inadequada e temporária, como um alojamento para refugiados apressadamente montado, não um lar. Todas as outras crianças da rua tinham cortes de cabelo que as deixavam parecendo perigosas, e elas caçoavam do meu sotaque.

Meus pais notaram as mudanças em mim, mas, em vez de ficarem satisfeitos por eu ter sossegado na escola, como seria de esperar, pareciam perplexos, nervosos com a pessoa desconhecida e reservada em que eu estava me transformando. Mamãe andava pela casa na ponta dos pés e me perguntava com acanhamento o que eu iria querer para tomar com o chá; papai tentava puxar conversas de homem para homem que sempre acabavam encalhando, depois de muito pigarrear e mexer ruidosamente no jornal, em meu silêncio despreocupado e desinteressado. Eu entendia, racionalmente, que eles haviam me mandado para o internato para me proteger das levadas incessantes de jornalistas, dos inúteis interrogatórios policiais e dos curiosos colegas de turma, e tinha consciência de que provavelmente havia sido uma decisão excelente; mas parte de mim acreditava, incontestável e silenciosamente, e talvez com um mínimo de justiça, que haviam me mandado para tão longe porque tinham medo de mim. Como uma criança monstruosamente deformada que nunca deveria ter passado da infância, ou como um de dois gêmeos siameses que sobreviveu à cirurgia, eu havia — simplesmente por ter sobrevivido — me tornado uma aberração da natureza.

Sam chegou pontualmente, parecendo um garoto em seu primeiro encontro — até penteou os cabelos loiros bem rentes à cabeça, o que não adiantou muito, já que atrás ficou todo levantado — e trazendo uma garrafa de vinho.

— Tome aqui — disse ele, oferecendo a bebida a Cassie. — Não sabia o que ia preparar, mas o cara lá da loja disse que este aqui pode ser servido com praticamente qualquer tipo de prato.

— É perfeito — Cassie respondeu, abaixando o som (Ricky Martin, em espanhol; ela tem uma coletânea dançante que gosta de colocar bem alto quando está cozinhando ou cuidando dos afazeres domésticos) e dirigindo-se ao armário para buscar alguma coisa parecida com taças de vinho. — Estou só preparando uma massa mesmo. O saca-rolhas está naquela gaveta. Rob, meu amor, você tem que, de fato, *mexer* o molho e não ficar só segurando a colher dentro da panela.

— Escute aqui, dona Martha Stewart, sou eu que estou fazendo isto aqui ou é você?

— Pelo jeito, nenhum dos dois. Sam, vai querer vinho ou está dirigindo?

— Maddox, é molho de tomate enlatado com manjeriço, não chega sequer a ser um prato sofisticado...

— Fizeram alguma cirurgia para acabar com o seu paladar quando você nasceu, ou teve que cultivar toda essa sua ausência de refinamento? Vinho, Sam?

Sam estava com uma expressão um pouco confusa. Às vezes Cassie e eu nos esquecemos de que podemos provocar tal efeito nos outros, sobretudo quando estamos de folga e de bom humor, o que era o caso. Sei que parece estranho devido ao que passamos o dia inteiro fazendo, mas nas divisões em que as tragédias são mais frequentes — Homicídios, Crimes Sexuais, Violência Doméstica — ou você aprende a se desligar ou pede transferência para a Divisão de Arte e Antiguidades. Se você se permite pensar demais nas vítimas (o que lhes passou pela cabeça em seus últimos segundos, todas as coisas que nunca chegarão a fazer, as famílias arrasadas), acaba com um caso sem solução e um colapso nervoso. Para mim estava sendo obviamente muito mais difícil me desligar do que de costume; mas estava me fazendo bem a rotina reconfortante de preparar o jantar e perturbar Cassie.

— Hmm, aceito, por favor — Sam falou e ficou olhando em volta, todo constrangido, procurando um lugar para colocar o casaco; Cassie tomou-o dele e atirou-o sobre o *futon*. — Meu tio tem uma casa em Ballsbridge... pois é, eu sei, eu sei... — ele disse depois de ter nos visto olhando para ele e fingindo estar impressionados — e eu ainda tenho a chave de lá. Às vezes passo a noite por lá quando me excedo no álcool depois do expediente. — Ele olhava para nós dois, esperando que fizéssemos algum comentário.

— Ótimo — Cassie disse, voltando a mergulhar dentro do guarda-roupa e emergindo com um copo de vidro que trazia escrito “Nutella” do lado. — Detesto quando alguns estão bebendo e tem gente que não bebe. Faz a conversa ficar toda desregulada. Aliás, que merda que você fez para o Cooper?

Sam riu, relaxou e foi remexer a gaveta atrás do saca-rolhas.

— Juro que a culpa não é minha. Todos os meus três primeiros casos chegaram às cinco da tarde; liguei para ele justamente quando estava chegando em casa.

— Tsc, tsc — Cassie reprovou. — *Péssimo*, Sam.

— Tem sorte de ele ainda falar com você — comentei.

— Mais ou menos — Sam afirmou. — Ele ainda finge não saber o meu nome. Me chama de detetive Neary ou O’Nolan, inclusive no *banco de testemunhas*. Teve uma vez que me chamou de tantos nomes

diferentes que o juiz quase deu o caso por encerrado com base em seus enganos. Agradeçam a Deus por ele gostar de vocês dois.

— É tudo por causa do decote do Ryan — Cassie observou, me empurrando com o quadril para que eu saísse da frente e atirando um punhado de sal dentro da panela d'água.

— Então vou comprar um daqueles sutiãs que realçam os seios — Sam brincou. Ele retirou a rolha da garrafa com muita habilidade, serviu o vinho e entregou os copos em nossas mãos livres. — Saúde, pessoal. Agradeço imensamente o convite. Brindemos a uma resolução rápida para esta investigação, sem nenhuma surpresa desagradável.

Após o jantar, colocamos a mão na massa. Eu fiz café; Sam insistiu em lavar a louça. Cassie espalhou as fotografias e o laudo da autópsia sobre a mesa de centro, uma velha arca de madeira encerada até ficar brilhante, e ficou sentada no chão folheando as páginas e comendo cerejas direto da tigela de frutas. Uma coisa que adoro é ficar observando Cassie quando está concentrada. Absolutamente focada, ela fica tão distraída e à vontade quanto uma criança — enroscando o dedo em um cacho atrás da cabeça, posicionando as pernas em ângulos bizarros sem esforço algum, mordendo uma caneta e tirando-a bruscamente de dentro da boca para murmurar alguma coisa para si mesma.

— Enquanto esperamos pela Mulher Maravilha Paranormal ali — brinquei com Sam, e Cassie me mostrou o dedo do meio sem erguer o olhar —, como foi o seu dia?

Sam lavava os pratos com a eficiência de um solteirão.

— Longo. Musiquinha de espera, e vários funcionários públicos me dizendo que o que eu queria era com outra pessoa, e daí me transferiam para um correio de voz. Não vai ser tão fácil quanto parece descobrir quem são os donos daquelas terras. Até conversei com meu tio e perguntei se a tal campanha estava, de fato, surtindo algum efeito.

— E então? — perguntei, tentando não parecer cínico. Eu não tinha nada contra Redmond O'Neill em especial, uma vaga imagem que eu tinha dele era de um homem grande e corado com uma cabeleira grisalha, mas não passava disso; no entanto, a verdade é que sempre desconfio de políticos em geral.

— Ele disse que não. Basicamente, é apenas um estorvo... — Cassie ergueu o olhar e levantou uma das sobrancelhas. — Estou só repetindo o que meu tio me disse. Eles entraram na justiça algumas vezes, tentando deter a rodovia; ainda preciso verificar as datas com exatidão, mas Red me disse que as audiências foram em fim de abril, início de junho e meados de julho. Bate com as datas dos telefonemas para Jonathan Devlin.

— Pelo jeito alguém os considerou mais que um simples estorvo — eu disse.

— Nessa última vez, há algumas semanas, o movimento conseguiu um mandado de segurança, mas Red diz que será suspenso quando entrarem com o recurso. Ele não mostrou preocupação.

— É bom saber disso — Cassie disse.

— A rodovia irá trazer muitas coisas boas, Cassie — Sam disse com delicadeza. — Serão novas casas, novos empregos...

— Não duvido de que traga. Só não entendo por que não poderia trazer todas essas coisas boas se a chegassem alguns quilômetros para o lado.

Sam balançou a cabeça negativamente.

— Não tem como eu saber, claro. Não entendo dessas coisas. Mas Red entende e diz que é extremamente necessária.

Cassie começou a abrir a boca para dizer mais alguma coisa, mas percebi antes o lampejo em seus olhos.

— Deixe de bancar a mal-educada e nos diga suas conclusões — eu disse a ela.

— Está bem — disse ela, enquanto levávamos o café. — O mais interessante é que me parece que a morte não foi intencional.

— Como é que é? — perguntei. — Maddox, ele bateu duas vezes na cabeça dela e depois a sufocou. Ela estava mais do que morta. Se não era intencional...

— Não, espere aí — Sam me interrompeu. — Eu quero ouvir o que Cassie tem a dizer. — Quando discutimos as conclusões de nossas investigações, meu trabalho é o de bancar o advogado do diabo, e Cassie sabe como ninguém me fazer calar a boca quando acabo me entusiasmando demais, mas Sam é dono de um cavalheirismo inerente e antiquado que considero tão admirável quanto incômodo. Cassie me lançou uma olhadela maliciosa e sorriu para ele.

— Obrigada, Sam. *Como* eu estava dizendo, vejam só o primeiro golpe: foi uma mera pancadinha, mal fez com que ela caísse no chão, quanto mais nocauteá-la. Ela estava de costas para ele e não estava se mexendo. Ele poderia ter arreventado a cabeça dela, mas não foi o que fez.

— Ele não sabia de quanta força iria precisar — Sam disse. — Nunca tinha feito isso na vida. — Sam parecia chateado. Pode parecer desumano, mas costumamos preferir que os indícios apontem para um assassino serial. Assim, pode haver para comparar mais evidências para confrontar. Se aquela era realmente a primeira vez do nosso homem, não poderíamos usar mais nada além do que já tínhamos em mãos.

— Acha que ele é virgem? — perguntei a Cass, sem saber que resposta queria ouvir.

Ela pegava as cerejas distraidamente, sem tirar os olhos das anotações, mas percebi os movimentos rápidos de suas pestanas: ela entendeu o que eu estava perguntando.

— Não sei direito. Não é uma coisa que tenha feito várias vezes, tampouco recentemente, pois cometeu muitos deslizes. Mas pode ter feito uma ou duas vezes antes, há algum tempo. Não podemos descartar a conexão com o caso de 1984.

— Não é raro um assassino serial passar vinte anos sem agir? — perguntei.

— Bom, ele não estava tão louco para matar desta vez. Ela resiste, ele tapa-lhe a boca com a mão e volta a bater nela, talvez quando ela tentava se desvencilhar. Esse segundo golpe a leva à inconsciência. Só que, em vez de continuar batendo nela com a pedra, embora os dois estivessem lutando e a adrenalina dele devesse estar no pico a essa altura, ele larga a pedra e sufoca Katy. Nem quis saber de estrangulá-la, o que teria sido muito mais simples: ele usou um saco plástico, e por detrás dela, para não ter que ver o rosto da menina. Estava tentando distanciar-se do crime, fazendo-o parecer menos violento. Mais brando. — Sam fez uma careta.

— Ou não quis sujar as mãos — observei.

— Está certo, mas então por que bater nela? Por que simplesmente não enfiar o saco na cabeça da menina? Acho que ele a queria inconsciente para não ter que vê-la sofrer.

— Talvez ele achasse que só conseguiria subjugá-la se a deixasse inconsciente logo de cara — sugeri. — Talvez não seja muito forte ou aquela era sua primeira vez e ele não sabia como fazer.

— Faz sentido. Talvez seja um pouco de todos os três. Concordo que estamos atrás de alguém sem nenhum histórico conhecido de violência, alguém que nunca tenha sequer brigado no pátio da escola, alguém que sequer pudesse ser considerado fisicamente agressivo e provavelmente também sem nenhum histórico de agressão sexual. Não acho que tê-la violentado tenha sido um crime sexual de fato.

— Ué, só porque usou um objeto? — perguntei. — Sabemos que alguns desses caras não conseguem fazê-lo subir. — Sam ficou sem graça e tomou um gole de café para disfarçar.

— Claro, mas nesse caso ele teria sido mais... profundo. — Todos ficamos sem jeito. — Pelo que Cooper disse, foi um gesto mais simbólico: uma penetração, sem sadismo, sem frenesi. Só uns poucos centímetros de escoriações. Mal rompeu o hímen. E ainda foi após a morte.

— Pode ter sido intencional. Necrofilia.

— Credo! — Sam exclamou, baixando a xícara de café.

Cassie começou a procurar por seus cigarros, mas mudou de ideia e pegou um dos meus, que eram mais fortes. Seu rosto, momentaneamente relaxado enquanto aproximava-se da chama do isqueiro, passava uma aparência cansada e esgotada; fiquei imaginando se à noite ela sonharia com Katy Devlin sendo imprensada contra o chão e tentando gritar.

— Ele teria ficado com ela por mais tempo. E voltando ao que já falamos antes, haveria indícios de uma agressão sexual mais completa. Não: ele não queria matá-la. Só o fez porque sentiu que tinha que fazê-lo.

— Será que talvez não tenha feito parecer um crime sexual só para nos dar pistas falsas?

Cassie negou com um meneio de cabeça.

— Não sei... Se quisesse mesmo fazer isso, seria de se esperar que fosse mais explícito: teria tirado a roupa dela e a deixado com as pernas abertas. Em vez disso, ele voltou a vestir-lhe a calça e ainda *fechou o zíper*... Não, eu estava imaginando talvez alguma coisa mais para o lado da esquizofrenia. Os esquizofrênicos quase nunca são violentos, mas, se você dá o azar de pegar um que não tomou o remédio e que esteja em sua fase de paranoia, nunca se sabe. Ele pode ter acreditado, por algum motivo particular, que ela precisava ser assassinada e estuprada, muito embora detestasse ter que fazê-lo. Isso explicaria o porquê de ter tentado não a machucar, de ter usado um objeto, de não fazer parecer que fosse um crime sexual. Ele não quis que ela ficasse exposta ou que pensassem nele como um estuprador, talvez por isso deixou-a sobre o tal altar cerimonial.

— Como assim? — Peguei de volta o maço de cigarros e ofereci um a Sam com um gesto e, embora estivesse na cara que estava precisando de um, ele não aceitou.

— O que quero dizer é que poderia tê-la desovado no meio do bosque ou em algum outro lugar, onde talvez se passassem séculos até que ela fosse encontrada, ou poderia até mesmo tê-la enterrado. Em vez disso, se deu ao trabalho de colocá-la naquele altar. Pode ter sido apenas para exibi-la, mas não acredito: ele não a deixou em uma pose específica, exceto a de deitá-la sobre o lado esquerdo para que o ferimento na cabeça ficasse escondido. Outra vez a mesma atitude, tentando amenizar o crime. Acredito que estava tentando tratá-la com carinho e respeito ao colocá-la longe dos animais e garantir que fosse encontrada sem demora. — Cassie esticou-se para pegar o cinzeiro. — O lado bom dessa hipótese é que, se for mesmo um esquizofrênico à beira de um colapso, deverá ser consideravelmente fácil descobri-lo.

— E se for um matador de aluguel? — perguntei. — Também serviria para explicar a relutância. Alguém, talvez o homem misterioso que vinha ligando para a casa dos Devlin, o contratou para dar conta do serviço, mas ele não precisava gostar do que iria fazer.

— Na verdade — disse Cassie —, talvez um assassino contratado se encaixe ainda melhor na história, mas não um profissional; um amador que precisasse muito de dinheiro. Katy Devlin parecia ser uma criança razoavelmente sabida, você não acha, Rob?

— Parece que era a pessoa mais normal daquela família.

— Pois é, também achei isso. Inteligente, decidida, com muita força de vontade...

— Não faz o tipo que sairia escondida à noite com um estranho.

— Exatamente. Sobretudo com um estranho que claramente não seja muito bom da cabeça. Um esquizofrênico à beira de uma crise provavelmente não seria capaz de comportar-se com suficiente normalidade a ponto de levá-la a aceitar ir para qualquer lugar com ele. É mais provável que o cara tenha boa aparência, seja agradável e bom com crianças, alguém que ela já conhecesse havia algum tempo. Alguém com quem se sentisse à vontade. Ele não aparentava ser uma ameaça.

— Ou ela... — falei. — Quanto será que Katy pesava?

Cassie folheou as páginas.

— Trinta e cinco quilos. Dependendo da distância que foi carregada, até daria para o crime ter sido perpetrado por uma mulher, mas teria que ser bastante fortinha. Sophie não encontrou nenhuma marca no

local onde ela foi deixada que indicasse que alguém a houvesse arrastado. Falando em termos estatísticos, eu apostaria em um homem.

— Mas vamos descartar os pais? — Sam perguntou com esperança.

Cassie fez uma careta.

— Não. Digamos que um deles vinha abusando dela e que ela estivesse ameaçando denunciar: ou o responsável pelos abusos ou o outro pode ter achado que ela devia morrer para que toda a família ficasse protegida. Talvez tenham tentado fazer com que parecesse um crime sexual, mas não conseguiram encontrar forças para levar o plano até o fim... Basicamente, a minha única certeza relativa é de que não estamos atrás de um psicopata ou de um sádico, nosso homem não conseguiu desumanizá-la e não sentiu prazer em vê-la sofrer. Nossa busca é por uma pessoa que não queria fazer o que fez, uma pessoa que achou que fez o que fez por necessidade. Não acredito que venha a se meter em nossa investigação, não vai querer chamar a atenção, nem nada assim, e acho que não volta a fazer uma coisa dessas tão cedo, a não ser que, de alguma maneira, se sinta ameaçado. E é quase com certeza daqui da área. É provável que um especialista em traçar perfis consiga ser muito mais específico, mas...

— Você se formou em Trinity, não é mesmo? — Sam perguntou.

Cassie negou com um gesto de cabeça e pegou mais cerejas.

— Larguei no quarto ano.

— Por que fez isso?

Ela cuspiu um caroço de cereja na palma da mão e olhou para Sam com um sorriso que eu já conhecia, um sorriso de uma doçura excepcional que contraía todo o rosto até que fosse impossível ver os olhos.

— Porque o que seria de vocês sem mim?

Eu poderia ter dito a ele que Cassie não iria responder. Fiz-lhe a mesma pergunta diversas vezes e sempre recebi respostas que variavam de “Não tinha ninguém do seu calibre para eu perturbar” a “A comida da cantina era uma droga”. Cassie sempre foi meio enigmática. É uma das coisas de que gosto nela, e gosto mais ainda por ser, paradoxalmente, uma característica que não fica evidente assim que você a conhece. Ela passa uma impressão de ser surpreendente e quase infantilmente aberta — o que é verdade até certo ponto: o que se vê é, de fato, o que ela é. Mas o que não se vê, o que mal dá para se ter um vislumbre: foi esse o lado de Cassie que sempre me deixou fascinado. Mesmo depois de todo esse tempo em que já nos conhecemos, sei que há espaços em sua intimidade que ela nunca me permitiria conjecturar quanto menos entrar. A certas perguntas ela não responde e certos assuntos ela só discute em nível abstrato; tente imprensá-la na parede e ela escapa deslizando e rindo, ágil como uma patinadora no gelo.

— Você é boa — Sam falou. — Com ou sem diploma.

Cassie ergueu uma das sobrancelhas.

— Espere para ver se tenho razão antes de sair afirmando essas coisas.

— Por que ele ficou com o corpo por mais um dia? — perguntei. Aquilo vinha me incomodando desde então, devido às possibilidades óbvias e horrendas, e à suspeita insistente de que, se não tivesse precisado se livrar dela por algum motivo, talvez a houvesse mantido com ele por mais tempo, talvez para sempre; talvez Katy desaparecesse silenciosa e definitivamente como havia acontecido com Peter e Jamie.

— Se eu estiver certa em relação a todo o resto, sobre ele querer se distanciar do crime, então não foi por vontade própria. Iria querer livrar-se dela o mais rápido possível. O assassino a manteve com ele porque não tinha outra alternativa.

— Será que ele mora com outras pessoas e teve que esperar até que não houvesse ninguém em casa?

— Pois é, pode ser. Mas fiquei imaginando que talvez o local das escavações não tenha sido uma escolha aleatória. Talvez ele *tivesse* que deixá-la ali, ou por ser parte do plano que tinha em mente, ou

por ele não ter carro e a área das escavações ser o único local acessível. Bateria com o que Mark disse, que não viu passar nenhum carro, e significaria que Katy havia sido assassinada em um local bastante próximo, provavelmente dentro de uma das casas da região. Talvez tenha tentado desová-la na noite de segunda-feira, mas Mark estava lá no bosque com sua fogueira. O assassino pode tê-lo visto, se assustado e fugido; daí teve que esconder Katy e voltar a tentar na noite seguinte.

— Ou o assassino pode ter sido ele — sugeri.

— Alibi para a noite de terça-feira.

— Dado por uma garota que está louca por ele.

— Mel não faz o tipo da mulher submissa ao seu homem. Ela tem pensamento próprio e é inteligente o bastante saber o quanto isso é importante. Se Mark tivesse pulado da cama no meio da noite para dar uma demorada caminhada, ela teria nos contado.

— Ele pode ter um cúmplice. Talvez Mel ou alguma outra pessoa.

— E o quê? Esconderam o corpo onde no mato?

— Qual seria o motivo desse rapaz? — indagou Sam, que estava comendo cerejas e nos observando com bastante interesse.

— O motivo dele é que é meio pirado — eu disse a Sam. — Você não o escutou. É um cara perfeitamente normal na maior parte das coisas. Normal o bastante para ganhar a confiança de uma criança, Cass, mas é só entrar no assunto do sítio arqueológico que ele começa a viajar falando de sacrilégio e cultos... O sítio está ameaçado por causa da rodovia: talvez tenha achado que um bom sacrifício humano aos deuses, como faziam nos velhos tempos, os levaria a interferir e salvá-lo. Quando o assunto é esta escavação, *ele perde a noção*.

— Se acabarmos descobrindo que é mesmo um sacrifício pagão — disse Sam —, já vou deixando bem claro que não sou eu que vou contar para O'Kelly.

— Voto para que façamos ele próprio contar para O'Kelly. Não vamos só vender os ingressos.

— Mark não é pirado — Cassie disse com firmeza.

— Ah, é sim.

— É *nada*. A vida dele gira em torno do trabalho. Isso não é perder a noção.

— Devia ter visto os dois — falei com Sam. — Sinceramente, parecia mais um namoro do que um interrogatório. Maddox concordando com tudo, com os cílios batendo, e dizendo a ele que sabia *exatamente* como ele estava se sentindo...

— O que é verdade, para o seu governo! — disse Cassie, abandonando as anotações de Cooper e se recostando no *futon*. — E é mentira quando ele diz que fiquei batendo os cílios. Quando eu ficar de verdade, vocês não vão deixar de perceber.

— Você sabia como ele estava se sentindo? Por acaso você reza para o Deus do Patrimônio Cultural?

— *Não*, seu idiota. Cale a boca e me escute. Tenho uma teoria sobre o tal Mark. — Ela tirou os sapatos e sentou-se nos joelhos.

— Ai, meu Deus! — exclamei. — Sam, espero que não esteja com pressa.

— Sempre tenho tempo para uma teoria das boas — Sam respondeu. — Posso beber alguma coisa enquanto a escuto, se é que já terminamos os trabalhos?

— Boa pedida — brinquei com ele.

Cassie me empurrou com o pé.

— Pegue um uísque ou outra coisa. — Dei-lhe um tapa no pé e me levantei. — Muito bem — disse ela. — Todos temos necessidade de acreditar em alguma coisa, não é mesmo?

— Por quê? — questionei. Achei aquilo intrigante e levemente desconcertante; não sou uma pessoa religiosa e, até onde eu sabia, Cassie também não era.

— Ah, porque *temos*. Todas as sociedades do mundo sempre tiveram alguma espécie de crença. Mas hoje em dia... Quantas pessoas você conhece que são cristãs? Não basta apenas ir à igreja; digo os

cristãos de verdade, que tentam fazer as coisas do jeito como Jesus teria feito. E não é como se pudéssemos ter fé em ideologias políticas. Nosso governo nem sequer *tem* uma ideologia ou, se tem, ninguém consegue defini-la...

— Dinheiro sendo distribuído em envelopes pardos — falei, olhando para trás. — Já é uma ideologia, por pior que seja.

— Ei! — Sam reclamou sem firmeza.

— Perdão — me desculpei. — Não quis me referir a ninguém especificamente. — Ele mostrou que entendeu assentindo com a cabeça.

— Eu também não, Sam — Cassie comentou. — Só quis dizer que não existe uma filosofia geral. Então cada um tem que criar sua própria fé.

Encontrei uísque, Coca-Cola, gelo e três copos; levei tudo, com certa dificuldade, até a mesa de centro em uma só viagem.

— Como assim? Está falando da religião light? Todos esses yuppies *New Age* que fazem sexo tântrico e *feng shui* até nos SUV?

— Eles também, mas imaginei mais aquela gente que pega uma coisa totalmente diferente e transforma em religião. Dinheiro, por exemplo. Na verdade é o que de mais próximo o governo tem de uma ideologia, e não me refiro aos envelopes pardos, Sam. Hoje em dia não é só uma infelicidade a pessoa ter um salário baixo, já percebeu isso? É até *irresponsabilidade*. Consideram que você não é um bom cidadão, que é desajustado por não ter uma casa grande e um carro caro.

— Mas se alguém pede um aumento — acrescentei, batendo na bandeja de gelo — vira uma pessoa extremamente desajustada porque está colocando em risco a margem de lucro de seu empregador, depois de tudo o que ele fez pela economia.

— Exatamente. Se você não for rico, é um ser inferior que não deveria ter a audácia de esperar receber sequer um salário mínimo da gente decente que é rica de fato.

— Ah, esperem aí — Sam protestou. — Não acho que as coisas estão ruins assim.

Seguiu-se um silêncio curto e respeitoso. Fiquei juntando os cubos de gelo que se espalharam pela mesa de centro. Sam, por natureza, tem uma tendência a procurar enxergar o lado positivo de tudo, mas também vem de uma família rica que tem propriedades em Ballsbridge. Seus pontos de vista relativos a questões socioeconômicas, embora encantadores, dificilmente podem ser considerados objetivos.

— A outra grande religião hoje em dia — Cassie continuou — é o corpo. Toda essa propaganda e matérias na imprensa, falando sobre fumo, álcool e forma física...

Eu servia a bebida, observando Sam para ver quando ele iria sinalizar para que eu parasse; ele ergueu a mão e sorriu para mim quando lhe entreguei o copo.

— Quando vejo essas coisas na televisão, sempre me dá vontade de ver quantos cigarros consigo enfiar na minha boca de uma vez só — falei. Cassie havia esticado as pernas sobre o *futon*; eu as tirei da frente para me sentar, coloquei-as de novo em meu colo e comecei a preparar a bebida dela: muito gelo e muita Coca-Cola.

— Também fico com vontade de fazer isso, mas essas reportagens não dizem somente que essas coisas são prejudiciais à saúde. Passam a ideia de que são moralmente *erradas*. Como se você fosse, de alguma maneira, uma pessoa espiritualmente melhor por ter a porcentagem adequada de gordura no corpo e fazer exercício durante uma hora por dia. Isso sem falar naqueles horríveis comerciais paternalistas que mostram que fumar não é só uma burrice, é literalmente coisa do *demônio*. As pessoas sentem necessidade de ter um código moral para ajudá-las a tomar suas decisões. Todas essas virtudes de iogurte e hipocrisia financeira só fazem preencher o espaço vazio do mercado. Só que o problema é que está tudo *de cabeça para baixo*. Ninguém mais faz aquilo que é certo e espera que isso traga alguma recompensa; o moralmente certo é, por definição, aquilo que traz a maior compensação.

— Tome a sua bebida — eu disse. Cassie estava ligada e gesticulava, inclinando-se para a frente, com o copo esquecido na mão. — O que isso tem a ver com o Mark-sem-noção?

Cassie fez uma careta, olhando para mim, e deu um gole em sua bebida.

— Escute aqui: Mark acredita na arqueologia, no patrimônio cultural dele. É a fé que ele escolheu. Não é um conjunto abstrato qualquer de princípios, nem tem nada a ver com seu corpo ou com sua conta no banco; é uma parte concreta de sua vida inteira, de todos os dias, quer compense ou não. Ele vive a coisa. Isso não é piração, isso é ser *saudável*. E a sociedade tem um problema sério se acha isso uma coisa estranha.

— O sujeito fez uma porra de uma *libação* para um *deus qualquer da Idade do Bronze* — protestei. — Acho que não tenho nenhum problema particularmente sério por considerar isso um pouquinho estranho. Me ajude nessa história, Sam.

— Eu? — Sam havia voltado a acomodar-se no sofá, escutando a conversa e estendendo o braço para tocar com os dedos as conchas e as pedrinhas no peitoral da janela. — Ah, para mim ele é só um jovem. Deveria arrumar uma esposa e uns filhos. Isso iria sossegá-lo.

Cassie e eu nos entreolhamos e começamos a rir.

— O que foi? — Sam perguntou.

— Nada — respondi. — Falando sério.

— Adoraria sair com você e com Mark para tomarmos umas cervejas — disse Cassie.

— Eu logo daria um jeito nele — Sam disse com serenidade, levando Cassie e eu a mais um acesso de riso. Voltei a recostar-me no *futon* e dei um gole em minha bebida. Eu estava curtindo a conversa. A noite estava agradável e prazerosa; uma chuva fina tamborilava nas janelas e Billie Holiday cantava ao fundo, e eu fiquei contente, afinal, por Cassie ter convidado Sam. Eu estava começando a gostar muito mais dele. Cheguei até a concluir que todo mundo deveria ter um Sam por perto.

— Você acha mesmo que podemos descartar Mark como suspeito? — perguntei a Cassie.

Ela deu um gole na bebida e equilibrou o copo sobre o estômago.

— Para ser franca, acho. Sinceramente — ela respondeu. — Independentemente de ele ter noção ou não. Como já disse, tenho uma convicção muito forte de que quem quer que a tenha assassinado não estava muito determinado a fazê-lo. E não consigo imaginar Mark com pouca determinação para fazer qualquer coisa, pelo menos no que diz respeito a coisas importantes.

— Esse Mark é que tem sorte — disse Sam, sorrindo para Cassie do outro lado da mesa de centro.

— Então — Sam perguntou um pouco mais tarde — como você e Cassie se conheceram? — Ele se recostou no sofá e resgatou seu copo.

— Como é? — indaguei. Foi uma pergunta meio estranha, tão inesperada, e para ser sincero, eu meio que havia me esquecido de que ele estava ali. Cassie sempre compra boas bebidas, um suave uísque Connemara que tem um leve sabor de turfa, e estávamos todos ligeiramente embriagados. O papo já estava começando, confortavelmente, a esgotar-se. Sam esticava o pescoço para ler os títulos dos livros velhos que Cassie tinha na estante; eu estava deitado no *futon*, sem pensar em nada mais além da música. Cassie estava no banheiro. — Ah, sim. Foi quando ela entrou para a divisão. A moto dela não quis pegar uma noite e eu lhe dei uma carona.

— Ah, sei — Sam disse atrapalhado, algo estranho de se ver nele. — Foi o que imaginei a princípio, claro, que vocês nunca haviam se conhecido. Mas depois começou a parecer que já se conheciam há séculos, daí fiquei me perguntando se seriam amigos de longa data ou se... você sabe.

— Todo mundo pergunta isso — respondi. Geralmente as pessoas supõem que somos primos ou que éramos vizinhos quando crianças ou algo parecido, e isso sempre me fazia sentir uma felicidade particular e exagerada. — Acho que é porque nós nos demos bem de cara.

Sam fez um gesto com a cabeça para mostrar que havia entendido.

— Você e Cassie... — ele começou a pergunta e deu uma pigarreada.

— O que foi que eu fiz? — Cassie perguntou com ar de suspeita, tirando meus pés da frente com um empurrão e voltando a sentar-se onde estava antes, escorregando-se pelo *futon*.

— Só Deus sabe — falei.

— Só estava perguntando ao Rob se vocês já se conheciam antes de entrar para a Homicídios — Sam explicou. — Da faculdade ou de alguma outra coisa assim.

— Não fiz faculdade — comentei e tive a sensação de que sabia o que Sam estava querendo me perguntar. A maioria das pessoas até pergunta mesmo, mais cedo ou mais tarde, mas eu não via nele o tipo curioso e fiquei imaginando o porquê exatamente de ele querer saber.

— Sério?! — Sam exclamou, assustado e tentando não demonstrar. — Achei que de repente tivessem cursado juntos a Trinity ou...

— Se passasse do meu lado eu não saberia quem era — Cassie disse com suavidade, o que depois de um instante de paralisia fez com que nós dois começássemos a rir como adolescentes. Sam sorriu e balançou a cabeça em reprovação.

— Um mais maluco que o outro — ele disse e levantou-se para esvaziar o cinzeiro.

Eu tinha contado a verdade a Sam: nunca fiz faculdade mesmo. Concluí o ensino médio, milagrosamente, com um conceito B e dois D, o que seria suficiente para me colocar em algum curso de alguma faculdade, só que eu não havia preenchido sequer um formulário de inscrição. Eu dizia aos outros que iria dar um tempo de um ano, mas a verdade era que eu não queria fazer nada, absolutamente nada, pelo máximo de tempo que fosse possível, talvez para o resto da vida.

Charlie ia para Londres estudar economia, e fui com ele: eu não precisava nem queria estar em qualquer outro lugar. O pai dele pagava metade do aluguel de um belo apartamento com piso de tábua corrida em um prédio com porteiro. Já que não havia como eu pagar a outra metade, arrumei um conjugado barato em uma área de certo risco e Charlie arrumou outro cara para dividir as despesas do apartamento, um holandês que estava na Irlanda através de um programa de intercâmbio de estudantes e que iria voltar para casa no Natal. Nosso plano era eu já estar trabalhando àquela altura para poder morar com ele, mas muito antes do Natal já tinha ficado evidente que eu não iria a lugar algum — não só por causa de dinheiro, mas porque eu havia, inesperadamente, me apaixonado pelo meu apartamento e por meu estilo de vida, sem destino e imprevisível.

Após o internato, a solidão era inebriante. Em minha primeira noite no apartamento, passei horas deitado no carpete grudado, mergulhado no sombrio lago alaranjado das luzes da cidade que entrava pela janela, sentindo o forte cheiro de curry que vinha do corredor, escutando dois sujeitos gritando lá fora um com o outro em russo, alguém arranhando um violino em algum lugar e aos poucos percebendo que não havia uma única pessoa no mundo que poderia me ver ou perguntar o que eu estava fazendo ou me mandar fazer outra coisa, sentindo como se a qualquer momento o apartamento pudesse soltar-se do prédio como uma bolha de sabão luminosa e desaparecer noite adentro, subindo e dançando acima dos telhados, do rio e das estrelas.

Passei quase dois anos morando lá. Na maior parte do tempo eu recebia ajuda de custo do governo, já que estava desempregado; às vezes, quando o governo começava a me perturbar demais, ou quando eu queria dinheiro para impressionar alguma mulher, passava algumas semanas trabalhando em obras ou com transporte de móveis. Charlie e eu, inevitavelmente, acabamos por nos distanciar — o que começou, acho eu, quando ele viu pela primeira vez o conjugado, e percebi em seu olhar um fascínio horrorizado, embora educado. Nós nos encontrávamos para tomar umas cervejas mais ou menos de quinze em quinze dias, e às vezes eu ia a festas com ele e com seus novos amigos (foi quando conheci a maioria das

garotas, inclusive a angustiada Gemma que tinha problema de alcoolismo). Os amigos que ele arrumou na universidade eram pessoas legais, mas falavam uma língua que eu não conhecia e tampouco lamentava não conhecer, repleto de piadas internas, abreviaturas e tapinhas nas costas, e eu sentia dificuldade em me obrigar a prestar atenção.

Não sei direito o que fiz naqueles dois anos. Durante boa parte do tempo, acho que não fiz nada. Tenho consciência de que este é um dos tabus mais inconcebíveis da nossa sociedade, mas eu havia descoberto em mim um grande talento para uma *preguiça* maravilhosa e impenitente, do tipo que a maioria das pessoas nunca mais vive depois da infância. Eu tinha um prisma de um lustre velho pendurado em minha janela e era capaz de passar tardes inteiras deitado na cama observando-o refletir no quarto pequenas faixas de arco-íris.

Eu lia muito. Sempre li, mas durante aqueles dois anos fartei-me dos livros com uma voracidade voluptuosa e quase erótica. Eu visitava a biblioteca do bairro e pegava emprestado o máximo de livros que me deixassem. Depois me trancava em casa e passava uma semana inteira só lendo, sem fazer mais nada. Eu preferia os mais velhos, quanto mais velho, melhor — Tolstói, Poe, tragédias jacobinas, uma tradução empoeirada de Laclós — e passei tanto tempo fazendo isso que, quando, enfim, voltei à tona, pestanejando e deslumbrado, precisei de alguns dias para parar de pensar em seus ritmos cristalinos e refinados.

Também passava muito tempo vendo TV. Em meu segundo ano morando por lá, deixei-me fascinar pelos documentários sobre crimes reais do Discovery Channel: não pelos crimes em si e sim pelas estruturas complexas de seus desenlaces. Eu adorava a dedicação intensa e imperturbável com que aqueles homens — perspicazes agentes do FBI de Boston, xerifes texanos barrigudos — destrinchavam cuidadosamente os casos e juntavam as peças do quebra-cabeça até por fim tudo se encaixar e a solução surgir suspensa no ar diante deles, brilhante e incontestável. Pareciam mágicos, jogando trapos dentro de uma cartola, dando algumas pancadinhas e tirando de lá — que rufem os tambores — um perfeito lenço de seda; só que era mil vezes melhor, porque as soluções eram reais e vitais, e não havia (eu achava) ilusionismo.

Eu sabia que não seria assim na vida real, pelo menos nem sempre, mas cheguei à conclusão de que seria de tirar o fôlego ter um emprego onde até mesmo tal possibilidade existisse. Quando — e tudo dentro do espaço de um só mês — Charlie ficou noivo, o governo me informou que seria mais rigoroso com gente como eu na hora de conceder o benefício aos desempregados, e um cara que adorava uns raps horríveis se mudou para o apartamento de baixo, me pareceu a solução óbvia voltar para a Irlanda, me inscrever na Academia de Polícia de Templemore e começar a me tornar um detetive. Não senti falta do conjugado — acho que já estava começando a ficar entediado de qualquer maneira —, mas ainda me lembro daqueles dois anos maravilhosos e autoindulgentes como uma das épocas mais felizes de minha vida.

Sam foi embora por volta de onze e meia; Ballsbridge fica a poucos minutos de Sandymount se você for a pé. Ele me lançou um olhar rápido e indagador enquanto vestia o casaco.

— Para que lado vai?

— Já deve ter perdido a última balsa — Cassie me disse com naturalidade. — Pode dormir no sofá, se quiser.

Eu poderia ter dito que havia planejado voltar para casa de táxi, mas concluí que ela provavelmente não errou ao sugerir aquilo: Sam não era Quigley, não chegaríamos ao trabalho no dia seguinte para ver um pequeno alvoroço de sorrisinhos maliciosos e piadas diretas em vez das de duplo sentido.

— Pois é, acho que perdi mesmo — comentei, verificando a hora em meu relógio. — Não tem problema?

Se Sam ficou surpreso, escondeu bem.

— Até de manhã, então — ele disse com satisfação. — Durmam bem.

— Ele gosta de você — eu disse a Cassie depois que ele já havia ido embora.

— Nossa, como você é previsível! — disse ela, revirando o guarda-roupa à caça do edredom sobressalente e da minha camiseta que fica sempre lá.

— “Ah, eu quero ouvir o que *Cassie* tem a dizer, oh, *Cassie*, você é tããã boa nisso...”

— Ryan, se fosse vontade de Deus que eu tivesse um irmão adolescente horrível, ele teria me dado um. E antes que eu me esqueça, o seu sotaque de Galway é um saco.

— Você também gostou dele?

— Se tivesse gostado, teria feito o famoso truque que é a minha marca registrada: dar um nó no talo da cereja com a língua.

— Mentira. Quero ver.

— Estou *brincando*. Vá dormir.

Nós puxamos o *futon*; Cassie acendeu o abajur que ficava ao lado da cama e eu desliguei a luz de cima, deixando a quitinete menor, acolhedora e escurinha. Ela pegou a camiseta com que dorme, que vai até os joelhos, e levou-a para dentro do banheiro para se trocar. Coloquei as meias dentro dos sapatos, empurrei-os para debaixo do sofá para tirá-los do meio do caminho, tirei a calça, fiquei só de cueca, vesti minha camiseta e me instalei sob o edredom sobressalente. Àquela altura, toda essa cerimônia de praxe já estava memorizada. Eu a escutava jogando água no rosto e cantando alguma canção folclórica que eu não estava reconhecendo. “*To the Queen of Hearts is the Ace of Sorrow, he’s here today, he’s gone tomorrow...*” Ela foi baixando demais o tom de voz; a nota mais baixa desapareceu em um murmúrio.

— Você se sente mesmo desse jeito em relação ao nosso trabalho? — perguntei quando ela saiu do banheiro (pés pequenos e descalços, e panturrilhas lisas e definidas como as de um rapaz). — O que Mark sente em relação à arqueologia?

Eu havia esperado até que Sam saísse para fazer essa pergunta. Cassie olhou para mim e abriu um sorriso discreto, meio de lado, e cômico.

— Nunca derramei biritá no carpete da nossa unidade. Juro por Deus.

Fiquei esperando. Ela se deitou na cama e apoiou-se no cotovelo, o punho na bochecha; o brilho intenso do abajur ao lado da cama cercava-a tanto de luz que ela chegava a parecer translúcida, uma mulher em uma janela com vitral. Eu não tinha certeza de que ela iria responder, mesmo sem que Sam estivesse presente, mas, depois de alguns instantes, ela falou:

— Trabalhamos com a verdade. Para descobrir a verdade. Isso é coisa séria.

Fiquei pensando naquilo.

— É por isso que não gosta de mentir? — Eis uma das idiossincrasias de Cassie, particularmente estranha em um detetive. Ela omite certas coisas, se esquia de perguntas, com desdém explícito ou de maneira tão sutil que a pessoa mal percebe que o fez, e oferece frases ambíguas com a habilidade de um mágico; mas nunca fiquei sabendo de alguma vez em que ela tenha mentido descaradamente, nem mesmo para algum suspeito.

Ela deu de ombros em sinal de indiferença.

— Não sou muito boa com paradoxos.

— Eu me considero bom nisso para falar a verdade — eu disse, pensativamente.

Cassie deitou-se de costas e riu.

— Deveria colocar isso em um daqueles anúncios de jornal. “Homem, 1,83m de altura, bom com paradoxos...”

— “Garanhão fora do comum...”

— “Procura uma Britney para chamar de sua...”

— Eca!

Ela ergueu uma das sobrelanceiras, olhando para mim com inocência.

— Não?

— Não me subestime tanto assim. A Britney serve exclusivamente para aqueles que têm gostos baratos. Teria que ser, pelo *menos*, Scarlett Johansson.

Nós rimos e nos preparamos para dormir. Suspirei confortavelmente e me adaptei aos já conhecidos buracos do sofá; Cassie esticou o braço para desligar o abajur.

— Boa-noite. Durma bem.

— Bons sonhos.

O sono de Cassie vem e vai fácil como o de um gatinho; depois de alguns segundos, escutei sua respiração ficar mais devagar e profunda, o sinal de cada respiração que me mostrava que ela já havia apagado. Comigo é justamente o contrário: depois que durmo, só um despertador estridente ou um chute na canela para me acordar, mas pode ser até que eu ainda demore algumas horas me debatendo e me remexendo até conseguir. Mas, de alguma forma, sempre achei mais fácil dormir na casa de Cassie, apesar do sofá pequeno demais e cheio de protuberâncias, e dos rangidos e chiados aborrecidos de uma casa velha se acomodando para a noite. Mesmo no meu quarto, quando enfrento dificuldades para dormir, tento me imaginar no sofá de Cassie: a flanela macia e gasta do edredom em contato com o meu rosto, o cheiro penetrante e forte de uísque ainda a aquecer o ar, os ruídos quase inaudíveis de Cassie sonhando do outro lado da sala...

Duas pessoas chegaram a casa, às risadinhas, uma sinalizando para a outra fazer silêncio, e entraram no apartamento do andar de baixo; os pontos mais agudos da conversa e das risadinhas subiam, infiltrando-se, fracos e abafados, passando pelo assoalho. Combinei o ritmo de minha respiração com o de Cassie e senti minha mente deslizar prazerosamente pelas tangentes absurdas dos sonhos — Sam explicava como se fazia para construir um barco, e Cassie estava sentada no parapeito de uma janela, entre duas gárgulas de pedra, e ria. O mar ficava a várias ruas de distância da casa e não se podia escutá-lo, mas mesmo assim eu imaginava que o ouvia.

Pelo que me lembro, nós três passamos milhões de noites no apartamento de Cassie. A investigação durou mais ou menos um mês, e tenho certeza de que em alguns dias um ou outro de nós estaria em algum outro lugar, fazendo alguma outra coisa; mas, com o passar do tempo, aquelas noites deram vivacidade a todo aquele período para mim, como uma tonalidade brilhante desabrochando vagorosamente em meio à água. O clima submergia e emergia de um outono prematuro e cáustico; o vento entrava choramingando pelo sótão, e os pingos de chuva infiltravam-se pelas janelas corrediças empenadas e escorriam pelos vidros. Cassie acendia a lareira e nós espalhávamos nossas anotações pelo chão e discutíamos sem parar nossas teorias; sempre nos revezávamos no preparo do jantar — em geral Cassie explorava variações de massas, eu preparava sanduíches de carne e Sam aparecia com suas experiências surpreendentemente exóticas: *tacos* em profusão, um troço tailandês com um molho apimentado de amendoim.. Bebíamos vinho durante o jantar e depois seguíamos para o uísque em suas variadas formas; quando começávamos a ficar levemente embriagados, fechávamos e guardávamos o arquivo do caso, tirávamos os sapatos, colocávamos uma música e conversávamos.

Cassie, assim como eu, é filha única, e nós dois ficávamos fascinados com as histórias que Sam contava de sua infância — quatro irmãos e três irmãs amontoados em uma casa de fazenda velha e branca em Galway, brincando de caubói e índio, saindo às escondidas à noite para explorar o moinho assombrado, com um pai grande e sereno e a mãe distribuindo pães saídos do forno e pancadas com uma colher de pau e contando cada um dos filhos na hora da refeição para se certificar de que nenhum deles havia caído no córrego. Os pais de Cassie morreram em um desastre de automóvel quando ela tinha cinco anos, e ela foi criada por um casal de tios mais velhos e bondosos em uma casa caindo as pedações em Wicklow, a quilômetros de distância do nada. Ela se lembra de ter lido livros impróprios para sua idade da biblioteca deles — *O ramo de ouro*, *Metamorfoses* de Ovídio, *Madame Bovary*, que ela detestou, mas terminou de ler mesmo assim —, deitada e toda enrolada em uma poltrona próxima à janela, comendo maçãs do jardim, com a chuva fina entrando pelas vidraças. Uma vez, segundo ela, enfiou-se debaixo de um armário antigo e horrendo e encontrou um pires de porcelana, uma moeda com a efígie do rei Jorge VI e duas cartas de um soldado que havia lutado na Primeira Guerra Mundial cujo nome ninguém reconheceu, com trechos riscados pelos sensores. Não me lembro de muita coisa de antes de completar doze anos e, depois disso, minhas lembranças são, em sua maioria, ordenadas em séries — séries de camas branco-acinzentadas de dormitórios, séries de ecoantes chuveiros gelados com cheiro de alvejante, séries de garotos com uniformes arcaicos entoando hinos protestantes que falavam de dever e fidelidade. Para nós dois, a infância de Sam era um conto de fadas; nós a imaginávamos como desenhos a lápis de crianças com bochechas vermelhas como maçãs brincando com um cãozinho pastor todo feliz.

“Conte-nos algumas histórias da sua infância”, Cassie pedia e afundava-se no *futon*, aconchegando-se e puxando as mangas do blusão até que lhe cobrissem as mãos para segurar o copo de uísque quente.

De certa maneira, entretanto, Sam era o peixe fora d’água nessas conversas, e eu, em parte, ficava satisfeito com isso. Cassie e eu passamos dois anos trabalhando em nossa rotina, nosso ritmo, nossos sinais e códigos particulares e sutis; Sam estava ali, afinal, porque nós o solicitamos, e me parecia justo que seu papel fosse mesmo o de coadjuvante — presente, porém não presente demais. E isso nunca pareceu deixá-lo incomodado. Ele se deitava no sofá e mexia seu drinque para fazer com que a luz produzida pelo fogo refletisse pontos de âmbar em seu casaco e ficava observando e sorrindo enquanto

Cassie e eu discutíamos acerca da natureza do Tempo, ou de T. S. Eliot, ou sobre explicações científicas para fantasmas. Conversas de adolescentes, sem dúvida, principalmente pelo fato de Cassie e eu nos comportarmos como crianças levadas (“Não enche, Ryan”, ela dizia, me encarando do outro lado do *futon*, e eu mordida seu braço até ela pedir desculpa), mas não tive essas coisas em minha adolescência e por isso as adorava. Adorava todos os momentos.

Estou, evidentemente, romantizando; é a minha tendência crônica. Mas não se iludam: aqueles inícios de noites podem até ter sido como castanhas torradas em volta de uma aconchegante lareira, mas os dias eram de uma labuta árdua, horrível, tensa e frustrante. Oficialmente nosso turno de trabalho transcorria das nove às cinco, mas chegávamos antes das oito todos os dias e raramente saíamos antes das oito da noite. Fora que ainda levávamos trabalho para casa — tínhamos que correlacionar interrogatórios, ler depoimentos e escrever relatórios. Os jantares começavam mesmo entre nove e dez horas; quando dava meia-noite ainda não tínhamos parado de falar sobre o trabalho e, às duas da manhã, já havíamos relaxado o bastante para ir dormir. Criamos uma relação intensa e insalubre com a cafeína e nos esquecemos de como era não se sentir exausto. Na noite da primeira sexta-feira, um detetive chamado Corry, que havia acabado de chegar, disse “Até segunda-feira, pessoal” e foi saudado por todos com risadinhas sarcásticas e tapinhas nas costas, assim como por um solene “Não, senhor, até amanhã às oito da manhã e não se atrase” de O’Kelly.

Acabou que Rosalind Devlin não apareceu para falar comigo naquela primeira sexta-feira. Mais ou menos às cinco horas, já impaciente de tanto esperar e injustificavelmente preocupado com a possibilidade de que alguma coisa tivesse lhe acontecido, liguei para o celular dela. Rosalind não atendeu. Estava com a família, tentei me convencer, ajudando nos preparativos para o enterro ou tomando conta de Jessica ou chorando em seu quarto; mas aquele silêncio permaneceu comigo, pequeno, afiado como uma pedrinha no sapato.

No domingo, Cassie, Sam e eu fomos ao enterro de Katy. O que dizem sobre o assassino ser irresistivelmente atraído ao sepultamento da vítima é, em grande parte, lenda, mas, ainda assim, mesmo com a chance sendo remota, valia a tentativa e, de qualquer maneira, O’Kelly mandou que fôssemos sob a alegação de que era uma boa medida de relações públicas. A igreja havia sido construída nos anos 1970, quando o concreto era um manifesto artístico e Knocknaree estava prestes a se tornar uma grande metrópole; era enorme, gélida e feia, com uma via-crúcis canhestra e ecos arrepiantes subindo até o anguloso teto de concreto. Ficamos no fundo da igreja, com nossas mais discretas roupas escuras, observando enquanto a igreja se enchia de fazendeiros com suas boinas às mãos, velhas senhoras com lenços na cabeça e adolescentes com roupas modernas tentando parecer indiferentes. O pequeno e terrível ataúde branco, adornado com detalhes em dourado, estava em frente ao altar. Rosalind avançava pelo corredor central cambaleando e sacudindo os ombros, apoiada por Margaret de um lado e por tia Vera do outro; atrás delas, Jonathan, com os olhos sem vida, conduzia Jessica ao banco em frente ao altar.

Velas derretiam-se em um gotejar incessante; o ar cheirava a umidade, incenso e flores mortas. Eu estava tonto — tinha esquecido de tomar o café da manhã — e todo o cenário tinha o tom embaçado de uma lembrança. Levei algum tempo para me dar conta de que existia, na verdade, uma boa razão para isso: eu havia passado todo domingo, durante doze anos, frequentando a missa ali. Provavelmente assisti a uma cerimônia em homenagem a Peter e Jamie sentado em um daqueles bancos baratos de madeira. Cassie soprou dentro das mãos, discretamente, para aquecê-las.

O padre era bastante jovem e cerimonioso e se esforçava exageradamente para mostrar-se à altura do acontecimento com seu frágil arsenal de clichês do seminário. Um coro de meninhas pálidas com uniformes escolares — coleguinhas do colégio de Katy; reconheci alguns dos rostos — amontoava-se ombro a ombro e dividia os folhetos com os hinos. Os cânticos haviam sido selecionados para oferecer

consolo, mas suas vozes eram fracas, inconstantes, algumas até falhavam. “Não temas, sempre estou diante de ti; vem, segue-me...”

Os olhos de Simone Cameron encontraram-se com os meus enquanto ela retornava da comunhão. Ela me cumprimentou com um aceno de cabeça discreto e firme; os olhos áureos estavam vermelhos e disformes. Os membros da família saíram em fila de seu banco, um por um, e depositaram mementos sobre o caixão: Margaret deixou um livro, Jessica, um gatinho de pelúcia marrom e Jonathan colocou o desenho feito a lápis que ficava pendurado acima da cama de Katy. Por último, Rosalind ajoelhou-se e depositou um par de pequeninas sapatilhas de balé cor-de-rosa, unidas pelas fitas, sobre a tampa do esquife. Ela acariciou as sapatilhas com amor, depois curvou a cabeça sobre o caixão e ficou soluçando, com as madeixas castanhas caindo sobre o branco e dourado. Um lamento sofrido e inumano fez-se ouvir de algum lugar do banco da frente.

Lá fora o céu estava cinza e o vento açoitava as folhas das árvores no terreno em volta da igreja. Repórteres curvavam-se sobre as balaustradas e as câmeras pipocavam. Nós nos colocamos em um canto discreto e esquadrimos a área e a multidão; porém, como era de se esperar, ninguém chamou nossa atenção.

— Veio bastante gente — Sam disse bem baixinho. Era o único de nós três que havia comungado. — Vamos tentar identificar este pessoal que está aqui amanhã pelas fotos para ver se há alguém que não deveria ter vindo.

— Ele não está aqui — disse Cassie, afundando as mãos nos bolsos do casaco. — A não ser que precisasse estar. Esse sujeito não vai nem ler os jornais. Vai até mudar de assunto se alguém começar a falar do assassinato.

Rosalind, descendo lentamente os degraus da igreja e pressionando um lenço contra a boca, ergueu a cabeça e nos viu. Ela livrou-se dos braços consoladores e correu pelo gramado com o vestido longo e negro a esvoaçar ao vento.

— Detetive Ryan... — Ela agarrou minha mão e ergueu o rosto coberto de lágrimas para olhar para mim. — Não aguento isso. Vocês têm que pegar o homem que fez isso com a minha irmã.

— Rosalind! — Jonathan chamou-a com a voz rouca, de algum lugar, mas ela não tirou os olhos de mim. Suas mãos eram macias, estavam bastante geladas, e seus dedos eram compridos.

— Vamos fazer tudo o que estiver ao nosso alcance — tranquilizei-a. — Será que pode ir conversar comigo amanhã?

— Vou tentar. Desculpe por sexta-feira, mas não consegui... — Ela lançou uma olhada rápida para trás, por sobre o ombro. — Não consegui escapar. Por favor, encontre-o, detetive Ryan... por favor...

Eu sentia, mais que ouvia, os flashes das câmeras. Uma das fotos — o rosto de Rosalind, de perfil, virado para cima, angustiado, e eu com a boca aberta — saiu na primeira página de um tabloide na manhã do dia seguinte com a manchete “Por Favor, Façam Justiça à Minha Irmã” em letras garrafais. Quigley passou a semana inteira me azucrinando por causa disso.

Nas duas primeiras semanas da Operação Vestal fizemos tudo que se possa imaginar, tudo. Além de nós três, os detetives auxiliares e os guardas de Knocknaree conversaram com todo mundo que morava em um raio de sete quilômetros de Knocknaree e com todo mundo que conhecia Katy. Havia, de fato, um sujeito clinicamente diagnosticado como esquizofrênico na vizinhança, mas que nunca havia machucado ninguém em toda a sua vida, mesmo quando não estava sob efeito dos remédios, o que já não acontecia havia três anos. Verificamos cada um dos cartões de condolências recebidos pelos Devlin, investigamos todos que contribuíram para ajudar nas despesas de Katy na escola do Royal Ballet, e colocamos a pedra do altar sob vigilância para saber que pessoas estavam depositando flores lá.

Interrogamos as melhores amigas dela — Christina Murphy, Elisabeth McGinnis, Marianne Casey: garotinhas corajosas, vacilantes e com os olhos vermelhos sem qualquer informação útil para oferecer, mas mesmo assim achei-as desconcertantes. Não tenho tempo para essa gente que fica lamentando o fato de as crianças hoje em dia crescerem rápido demais (afinal, meus avôs já trabalhavam o dia inteiro aos dezesseis anos, o que, na minha opinião, supera qualquer quantidade de piercings quando o assunto é maturidade), mas mesmo assim: as amigas de Katy tinham uma consciência astuta e equilibrada do mundo lá fora que superava o ingênuo alheamento que eu me lembrava de ter tido na idade delas. “Imaginávamos que talvez Jessica tivesse alguma deficiência de aprendizado”, declarou Christina, parecendo ter uns trinta anos, “mas não, queríamos perguntar. Será que... quer dizer, será que foi um pedófilo que matou Katy?”

A resposta àquela pergunta parecia ser não. Embora Cassie tivesse a sensação de que não havia sido um crime sexual, investigamos cada suspeito com alguma condenação por esse tipo de crime no sul de Dublin, assim como vários que nunca conseguimos condenar, e passamos horas a fio conversando com a turma que tem a tarefa ingrata de rastrear e criar armadilhas para pedófilos na internet. O sujeito com quem mais falávamos chamava-se Carl. Era jovem e magro, com um rosto pálido e enrugado, e nos contou que, depois de oito meses naquele trabalho, já estava pensando em pedir demissão: tinha dois filhos com menos de sete anos de idade e não conseguia mais olhar para eles do mesmo jeito, sentia-se sujo demais para sequer dar-lhes um abraço de boa-noite depois de um dia inteiro fazendo o que faz.

“A rede”, como Carl chamava, estava fervilhando de especulações com o caso de Katy Devlin — vou poupar-lhes dos detalhes — e nós lemos centenas de páginas de transcrições de salas de bate-papo, mensagens de um mundo tenebroso e estranho, mas não descobrimos nada. Um sujeito parecia simpatizar um pouco demais com o assassino de Katy (“acho que ele simplesmente A AMAVA DEMAIS e ela não entendeu, daí ele se IRRITOU”). Só que, quando ela morreu, ele estava na internet, discutindo acerca dos atributos físicos de garotinhas europeias em comparação com as asiáticas. Cassie e eu nos embebedamos naquela noite.

O pessoal da Sophie passou um pente-fino na casa dos Devlin — coletando fibras e outras coisas, com o propósito de descartar suspeitos e possibilidades, mas escreveram no relatório que não encontraram nenhuma mancha de sangue nem nada que se encaixasse na descrição de Cooper da arma utilizada para violentar Katy. Eu pesquisei o histórico financeiro: os Devlin viviam modestamente (fizeram apenas uma viagem de férias em família, para Creta, quatro anos antes, com um empréstimo contraído em uma cooperativa de crédito; as aulas de balé de Katy e as de violino de Rosalind; um Toyota ano 99) e não tinham praticamente nenhum dinheiro guardado, mas também não tinham dívidas. A hipoteca já estava praticamente quitada e nunca chegaram a atrasar a conta do telefone. Não havia nenhuma movimentação bancária suspeita, tampouco um seguro de vida para Katy; não havia nada.

A linha que disponibilizamos para denúncias recebeu um número recorde de chamadas, só que com uma porcentagem incrível de ligações absolutamente inúteis: gente que achava os vizinhos estranhos e que se recusava a entrar para a Associação dos Moradores, gente que tinha visto homens sinistros andando pela vizinhança, os malucos de sempre dizendo haver tido visões do assassinato, mais outros malucos explicando nos mínimos detalhes que aquilo era o castigo divino sobre nossa sociedade pecaminosa etc. Cassie e eu passamos uma manhã inteira com um sujeito que ligou só para dizer que Deus tinha castigado Katy devido à sua falta de modéstia ao exibir-se, vestindo apenas uma malha, para milhares de leitores do *Irish Times*. Torcíamos muito para que ele fosse o assassino, para dizer a verdade — ele se negava a falar com Cassie alegando que mulher não deveria trabalhar e que sua calça jeans também era imodesta (o que a mulher deve ter em mente como exemplo de modéstia feminina, ele me informou fervorosamente, é Nossa Senhora de Fátima). Mas ele tinha um álibi impecável: havia passado a noite de segunda-feira na minúscula zona de meretrício que ficava perto da rua Baggot, caindo de bêbado, profetizando a danação eterna com enxofre e labaredas para as prostitutas e anotando os

números das placas dos carros dos clientes, sendo retirado à força pelos caftens e começando tudo de novo até que, por fim, mais ou menos às quatro da manhã, a polícia atirou-o dentro de uma cela para ver se o sono curava a bebedeira. Isso acontecia rotineiramente, sempre depois de algumas semanas da ocorrência anterior; todo mundo que tinha alguma relação com a história sabia como tudo se desenrolava e se comprazia em confirmá-la com um ou outro comentário mordaz sobre as prováveis inclinações sexuais do sujeito.

Foram semanas estranhas. Estranhas e incoerentes. Mesmo depois de tanto tempo, é difícil descrevê-las. Foram tão repletas de pequenos detalhes, coisas que, na época, pareciam insignificantes e desconexas como uma mixórdia de objetos de algum jogo de salão bizarro: rostos, frases, salas de estar e telefonemas, tudo passando sob uma única e embaçada luz de refletor. Foi só bem depois, sem o vício das percepções imediatas, que os pequenos detalhes vieram à tona e se reagruparam e se encaixaram perfeitamente em seus devidos lugares, assumindo os contornos que deveríamos ter visto o tempo todo.

Aquela primeira fase da Operação Vestal também foi muito afetiva! A investigação não estava progredindo, embora nos recusássemos a admitir, mesmo que fosse só para nós mesmos. Todos os indícios que eu encontrava terminavam não sendo nada de mais; O’Kelly não parava de falar conosco, nos instigando e agitando os braços, dizendo que não podíamos nos dar ao luxo de pisar na bola desta vez e que, quando a coisa esquenta, só fica quem é bom mesmo; os jornais pediam justiça e publicavam como seria hoje em dia a aparência de Peter e Jamie se tivessem adotado cortes de cabelo infelizes. Foi a época mais tensa da minha vida. Mas talvez o motivo verdadeiro de eu sentir tanta dificuldade de falar sobre aquelas semanas é que — apesar disso tudo e de saber que é um comodismo que não posso me dar ao luxo de ter — ainda sinto falta delas.

Pequenos detalhes. Fomos imediatamente atrás do histórico médico de Katy, é claro. Ela e Jessica nasceram prematuras de umas duas semanas, mas Katy, pelo menos, gozava de boa saúde e, até seus oito anos e meio de idade, não teve nada além daquilo que é normal em uma criança. Até que um dia, sem nenhum motivo aparente, começou a passar mal. Sentia espasmos no estômago, vômitos fortes, diarreias que duravam dias e dias; uma vez ela acabou indo parar no pronto-socorro do hospital três vezes em um só mês. Há um ano, depois de uma crise particularmente grave, os médicos fizeram uma laparotomia exploratória — a cirurgia que Cooper tinha observado, a que não deixou que Katy fosse para a academia de balé. O diagnóstico havia sido “moléstia intestinal idiopática pseudo-obstrutiva com atípica ausência de dilatação”. Lendo nas entrelinhas, tive a sensação de que queria dizer que haviam descartado tudo o mais que poderia ser e não tinham a mínima ideia de qual seria o problema daquela criança.

— Síndrome de Münchhausen por Procuração? — perguntei a Cassie, que lia o papel por sobre meu ombro com os braços cruzados nas costas de minha cadeira. Ela, Sam e eu havíamos demarcado um canto da sala, o mais distante possível da linha para denúncias, para que pudéssemos ter um mínimo de privacidade, contanto que falássemos baixo.

Ela deu de ombros e fez uma careta.

— Pode ser, mas tem coisa que não bate. A maioria das mães com essa síndrome tem algum histórico ligado à medicina, já trabalhou como auxiliar de enfermagem, alguma coisa do tipo. — Margaret, segundo a pesquisa que fizemos sobre seu passado, largou a escola aos quinze anos e trabalhou na fábrica de biscoitos Jacob’s até se casar. — E dê só uma olhada nos registros de internação de Katy. Metade das vezes não foi Margaret que a levou: foram Jonathan, Rosalind, Vera. Uma vez foi até a *professora*... Para a mãe que tem Síndrome de Münchhausen, o que *importa* é a atenção e a solidariedade que vai receber dos médicos e das enfermeiras. Ela nem pensaria em deixar que qualquer outra pessoa roubasse o centro das atenções.

— Então, podemos descartar Margaret?

Cassie suspirou.

— Ela não se encaixa no perfil, mas isso não é conclusivo; talvez seja exceção. Queria só poder dar uma olhada no histórico médico das outras meninas. Essas mães, geralmente, não fazem isso só com um de seus filhos e deixam os outros em paz. A cada hora usam uma criança diferente, para evitar suspeitas, ou então começam com a mais velha e depois passam para a seguinte quando a primeira chega a uma certa idade em que começa a reclamar demais. Se for o caso de Margaret, as fichas das outras duas vão trazer alguma coisa estranha, como talvez na última primavera, quando Katy parou de passar mal e foi a vez de Jessica... Vamos pedir permissão aos pais para vê-las.

— Não — eu disse. Parecia que todos os detetives falavam ao mesmo tempo e o barulho era como uma neblina pesada ofuscando meu cérebro; eu não conseguia me concentrar. — Por enquanto, os Devlin não fazem ideia de que são suspeitos. Prefiro que continue assim, pelo menos até que tenhamos algo mais conclusivo. Se já chegarmos pedindo o histórico médico de Rosalind e Jessica, é bem provável que suspeitem de alguma coisa.

— Algo mais conclusivo — Cassie repetiu e olhou para baixo, para os papéis espalhados sobre a mesa em uma confusão de impressos, folhas rabiscadas e fotocópias borradas; depois, para o quadro branco, que já havia desabrochado em uma sequência multicolorida de nomes, números de telefone, setas, pontos de interrogação e sublinhados.

— Pois é — eu disse. — Eu sei.

Os históricos escolares das meninas da família apresentavam o mesmo caráter ambíguo. Katy era inteligente, mas nada que se destacasse. Frequentes Bs, às vezes um C em irlandês ou um A em educação física; nenhum problema de comportamento maior que uma tendência a conversar em sala de aula, nada que chamasse atenção demais, a não ser pelas consecutivas faltas. Rosalind era mais inteligente, mas também mais irregular: sequências de As em tudo, interrompidas por acúmulos de C e D e declarações das professoras, frustradas, dizendo que ela não se esforçava o suficiente e ainda matava aula. O histórico de Jessica, previsivelmente, era o que tinha mais páginas. Fez parte da mesma turma de Katy na escola desde que as duas tinham nove anos, mas Jonathan, aparentemente, reclamou com a secretária de saúde e a escola para que fizessem nela uma bateria de exames: o QI da menina estava entre 90 e 105, e ela não apresentava problemas neurológicos. “Deficiência de aprendizado não específica com traços de autismo”, dizia a ficha.

— O que acha? — perguntei a Cassie.

— Acho que essa família está ficando cada vez mais estranha. Considerando isto aqui, dá para jurar que, se tem uma delas que está sendo alvo de abusos, é Jessica. Uma criança perfeitamente normal até por volta dos sete anos; daí, de repente, bum!, sua vida escolar e sua sociabilidade começam a descer a ladeira. Foi tarde demais para um princípio de autismo, mas é uma reação bem normal a alguma espécie de abuso contínuo. E Rosalind, todos esses altos e baixos podem ser só alterações normais de humor de uma adolescente, mas também podem ser uma reação a alguma coisa estranha que esteja acontecendo em casa. A única que parece bem, psicologicamente falando, é Katy.

Vi de relance uma sombra pelo canto do olho e me virei com rapidez, o que fez com que minha caneta caísse no chão.

— Opa! — disse Sam, assustado. — Sou só eu.

— Nossa! — exclamei. Meu coração estava acelerado. Os olhos de Cassie, do outro lado da mesa, não demonstravam nada. Peguei minha caneta. — Não tinha visto que estava aí. O que trouxe?

— O registro de ligações telefônicas dos Devlin — Sam anunciou, mostrando uma pilha de papéis em cada mão. — Feitas e recebidas. — Ele colocou os papéis sobre a mesa e arrumou cuidadosamente as folhas para que ficassem certinhas umas em cima das outras. Sam havia usado um código de cores para

assinalar os números dos telefones; as páginas traziam listras feitas com muita habilidade com marcadores de texto.

— Desde quando? — Cassie perguntou, inclinando sobre a mesa para ver as folhas.

— Desde março.

— Só isso? Tem seis meses de ligações aí?

Também foi a primeira coisa que notei: as pilhas eram finas. Uma família de cinco pessoas, com três meninas adolescentes; com certeza a linha deveria estar sempre sendo usada por alguém, e umas deviam estar sempre gritando com as outras para que desocupassem o telefone. Pensei no silêncio quase subaquático da casa deles no dia em que Katy foi encontrada, com tia Vera andando sem destino pelo corredor.

— Pois é, eu sei — disse Sam. — Talvez usem mais o celular.

— Talvez — Cassie falou como se não estivesse convencida. Eu também não estava. Quase sem exceção, quando uma família se isola do resto do mundo, é porque tem algum problema extremamente sério. — Mas celular é caro. E há dois telefones na casa deles, um no closet do andar de baixo e outro em frente da escada, no andar de cima, com um fio grande o bastante que poderia ser levado para qualquer um dos quartos. Ninguém lá precisa usar celular para ter privacidade.

Já havíamos pesquisado as ligações do celular de Katy. Ela ganhava de mesada dez euros de crédito sempre no segundo domingo do mês. A maioria tinha sido usada para enviar mensagens de texto para as amigas, e nós reconstituímos conversas compridas e codificadamente abreviadas sobre deveres de casa, fofocas da escola e o *American Idol*; nem sequer um número não identificado, nada que chamasse atenção.

— Qual o significado das cores? — perguntei.

— Cruzei as informações e tentei separar as ligações por cada membro da família. Pelo jeito, Katy era a que mais usava o telefone: todos os números em amarelo são de amigas dela. — Fui passando página por página. A cor amarela ocupava pelo menos metade de cada uma. — O azul é das irmãs de Margaret: uma mora em Kilkenny, e Vera é vizinha. O verde é da irmã de Jonathan, em Athlone, no asilo onde vive a mãe dos dois, e de membros do comitê da campanha dele. O roxo é de Karen Daly, amiga de Rosalind, com quem ficou quando fugiu de casa. Os telefonemas entre as duas começaram a ficar mais raros depois desse dia. Para mim, Karen não ficou muito satisfeita ao ser atirada no meio dos problemas familiares dos outros, só que continuou a ligar para Rosalind ainda durante as semanas seguintes; era Rosalind que não retornava as ligações.

— Talvez estivesse proibida — sugeri. Pode ter sido só o susto que Sam me deu, mas meu coração ainda batia acelerado, e eu sentia um gosto forte de perigo em minha boca.

Sam assentiu.

— Talvez os pais tenham enxergado em Karen uma influência ruim. De qualquer forma, foi só o que apareceu no registro, além de algumas ligações de uma empresa de telefonia tentando convencê-los a mudar de provedora... e estas três aqui. — Ele espalhou as folhas com as ligações recebidas: três listras cor-de-rosa. — As datas, os horários e a duração das chamadas batem com as declarações do Devlin. E todas foram feitas de telefones públicos.

— Droga — disse Cassie.

— De onde? — perguntei.

— Do centro da cidade. O primeiro telefonema foi feito do cais, próximo ao IFSC; o segundo foi da rua O'Connell. O terceiro foi mais ou menos entre os dois lugares, também no cais.

— Em outras palavras — falei —, esse que andou ligando não é um dos sujeitos da área que estão preocupados com o valor de suas propriedades.

— Acho que não. Levando-se em conta os horários das ligações, ele as está fazendo no meio do caminho do pub para casa. Acho que um cidadão de Knocknaree pode beber dentro dos limites da

cidade, mas não me parece provável, não como uma coisa frequente. Vou pedir que os rapazes se certifiquem disso, mas por enquanto imagino que seja alguém cujo interesse na rodovia seja empresarial, e não pessoal. E posso apostar que mora em algum lugar perto do cais.

— Nosso assassino é quase definitivamente da área — disse Cassie.

Sam confirmou acenando com a cabeça.

— No entanto, o assassino poderia ter contratado alguém da área para fazer o serviço. Era o que eu teria feito. — Cassie e eu nos entreolhamos: a ideia de Sam saindo à cata de um matador de aluguel era irresistível. — Quando eu descobrir quem são os donos daquelas terras, verei se algum deles andou conversando com alguém de Knocknaree.

— Como está se saindo? — perguntei.

— Ah, bem — disse Sam, com satisfação e incerteza ao mesmo tempo. — Estou tentando resolver.

— Espere aí — Cassie disse subitamente. — Para quem é que Jessica telefona?

— Para ninguém — Sam respondeu —, segundo verifiquei. — E juntou os papéis suavemente em uma só pilha e levou-os embora.

Tudo isso aconteceu na segunda-feira, quase uma semana após a morte de Katy. Naquela semana, nem Jonathan nem Margaret Devlin nos ligaram para perguntar como estava o andamento da investigação. Não era exatamente uma reclamação de minha parte — algumas famílias telefonam quatro ou cinco vezes por dia, desesperadas por alguma solução, e poucas coisas são mais dolorosas do que comunicar que ainda não temos nenhuma —, mas, mesmo assim, era só mais um detalhe pequeno e inquietante em uma investigação já repleta deles.

Rosalind, enfim, apareceu na terça-feira, na hora do almoço. Não ligou, não marcou nada comigo, Bernadette simplesmente surgiu para me informar, com um ligeiro ar de reprovação, que me aguardava uma jovem; mas eu sabia que era ela e que havia aparecido daquela forma, do nada, completamente desesperada por alguma razão, alguma necessidade furtiva. Larguei o que estava fazendo e descii, ignorando as sobranceiras erguidas e inquiridoras de Cassie e Sam.

Rosalind aguardava na recepção. Trazia um xale verde-esmeralda sobre o corpo; seu rosto, virado para olhar pela janela, estava pensativo e distante. Era jovem demais para se dar conta disso, mas a imagem era linda: o caimento dos cachos castanhos e a intensidade do verde em contraste com o muro de tijolos e pedras iluminado pelo sol no pátio. Era só ignorar o saguão inegavelmente funcional e a cena poderia ter saído diretamente de um cartão pré-rafaelita.

— Rosalind — chamei-a.

Ela deu as costas para a janela, levando a mão ao peito.

— Nossa, detetive Ryan! Você me assustou... agradeço tanto que tenha vindo falar comigo!

— Sempre que precisar — respondi. — Suba comigo para conversarmos.

— Tem certeza? Não quero incomodar. Se estiver ocupado, pode me dizer, que vou embora.

— Não é incômodo algum. Aceita um pouco de chá? Café?

— Adoraria um pouco de café. Mas será que precisamos mesmo subir? O dia está tão lindo e tenho um pouco de claustrofobia... não gosto de contar isso para os outros, mas... será que não poderíamos conversar na rua?

Não era o procedimento padrão; mas, argumentei comigo mesmo, ela não era suspeita, nem mesmo necessariamente uma testemunha.

— Claro — respondi. — Dê-me apenas um segundo. — E subi correndo para buscar o café. Tinha esquecido de perguntar como ela gostava, então coloquei um pouco de leite e guardei dois sachês de açúcar no bolso, caso fosse necessário.

— Tome aqui — eu disse para Rosalind depois que desci. — Quer ir procurar algum lugar no jardim?

Ela deu um gole no café e tentou ocultar uma rápida e quase imperceptível careta de desagrado.

— Eu sei, está ruim — falei.

— Não, não, está bom... é só que... bom, é que normalmente eu não tomo com leite, mas...

— Oops — falei. — Desculpe por ter colocado. Quer que eu busque outro?

— Ah, não! Não tem problema, detetive Ryan, de verdade... eu não queria tanto tomar café mesmo...

Fique com este. Não quero que se incomode ainda mais; já é maravilhoso que me receba e converse comigo, não precisa se dar tanto ao trabalho... — ela falava rápido demais, com a voz muito aguda e loquaz, gesticulando exageradamente, e ficou olhando em meus olhos tempo demais sem piscar, como se houvesse sido hipnotizada. Estava extremamente nervosa e esforçava-se ao máximo para não deixar transparecer.

— Não é trabalho algum.. — falei com delicadeza. — Vamos combinar assim: a gente encontra um lugar agradável para se sentar e aí eu lhe arrumo outro café. Vai continuar ruim, mas pelo menos estará sem leite. O que acha? — Rosalind olhou para mim com um sorriso de gratidão e, por um instante, percebi com surpresa que aquele pequeno gesto de consideração a comoveu quase a ponto de levá-la às lágrimas.

Encontramos um banco no jardim, onde batia sol; pássaros gorjeavam e farfalhavam nas sebes e depois voavam em disparada para pegar miolo de pão no chão. Deixei Rosalind sentada e subi novamente para buscar mais café. Não tive pressa para que ela tivesse tempo de se acalmar, só que, quando voltei, ela ainda estava sentada bem na ponta do banco, mordendo o lábio e despetalando uma margarida.

— Obrigada — ela disse, aceitando o café e tentando abrir um sorriso. Sentei-me ao seu lado. — Detetive Ryan, já... já descobriu quem foi que matou a minha irmã?

— Ainda não — respondi. — Mas a investigação está só começando. E posso jurar para você que estamos fazendo absolutamente tudo que está a nosso alcance.

— Sei que vai conseguir pegá-lo, detetive Ryan. Já sabia no instante em que o vi. Sou capaz de descobrir muita coisa sobre os outros com base só nas primeiras impressões, às vezes fico até assustada com a frequência com que acerto, e eu soube logo de cara que era justamente a pessoa de que estávamos precisando.

Ela olhava para mim com uma fé inocente e pura nos olhos. Fiquei lisonjeado, é claro, mas ao mesmo tempo tanta confiança fazia com que me sentisse bastante constrangido. Ela demonstrava uma certeza tão grande, uma vulnerabilidade tão desesperadora; e eu, embora tente não pensar assim, sabia que existia a possibilidade de o caso nunca vir a ser solucionado, e tinha a exata consciência do que isso provocaria nela.

— Sonhei com você — Rosalind disse, para logo depois baixar o olhar, cheia de vergonha. — Na noite seguinte ao enterro de Katy. Eu não dormia mais de uma hora por noite desde que ela desaparecera, sabe como é, eu estava... ah, eu estava fora de mim. Mas quando vi você naquele dia... fez com que eu me lembrasse de que não deveria desistir. Naquela noite, sonhei que você batia à nossa porta e me dizia que havia capturado o assassino. Tinha deixado o homem na viatura e dizia que ele nunca mais voltaria a machucar ninguém.

— Rosalind — interrompi, já que não aguentava mais aquilo —, estamos nos empenhando ao máximo e não vamos desistir. Mas deve se preparar para a possibilidade de que talvez ainda leve um bom tempo...

Ela agitou a cabeça em negação.

— Você vai pegá-lo — ela disse, somente.

Deixei passar.

— Você disse que queria me perguntar uma coisa?

— Isso. — Ela respirou fundo. — O que foi que fizeram com a minha irmã, detetive Ryan? Quero a verdade.

Os olhos dela estavam arregalados e concentrados, e eu não sabia direito como lidar com aquilo: se lhe contasse, será que ela iria sucumbir? Desmaiar? Gritar? O jardim estava cheio de falantes funcionários de escritório em seu horário de almoço.

— Devo deixar que seus pais lhe contem — respondi.

— Já tenho dezoito anos, detetive. Não precisa do consentimento deles para conversar comigo.

— Mesmo assim.

Rosalind mordeu o lábio inferior.

— Eu perguntei a eles. Ele... eles... me mandaram calar a boca.

Alguma coisa me bateu — raiva, sinais de alerta, compaixão, não sei direito.

— Rosalind — eu disse com delicadeza. — Está tudo bem em casa?

Ela jogou a cabeça para cima e abriu a boca no formato de um pequeno O.

— Está — Rosalind respondeu com voz baixa e hesitante. — É claro.

— Tem certeza?

— Você é muito gentil — ela disse, vacilante. — Você me trata tão bem. Está... está tudo bem.

— Ficaria mais à vontade se eu a colocasse para conversar com a minha parceira?

— Não — ela disse categoricamente, com o que parecia desaprovação em sua voz. — Quis conversar com você porque... — Ela girava a xícara em círculos sobre o colo. — Porque senti que você se importa, detetive Ryan. Com Katy. Parece que a sua parceira não se importa tanto assim, mas você... você é diferente.

— É claro que nós dois nos importamos — eu disse, sentindo vontade de abraçá-la para tranquilizá-la, ou segurar-lhe a mão, ou qualquer coisa assim, mas nunca fui bom nessas coisas.

— Ah, eu sei, eu sei. Mas a sua parceira... — Ela olhou para mim e abriu um discreto sorriso autodepreciativo. — Acho que sinto um pouco de medo dela. É tão agressiva!

— Minha *parceira*?! — exclamei, chocado. — A detetive *Maddox*? — Cassie sempre teve a reputação de ser boa ao tratar com famílias. Eu fico tenso e calado, mas ela parece sempre saber a coisa certa a dizer, e a maneira mais delicada de dizê-la. Algumas famílias ainda enviam para ela cartões tristes, valorosos e agradecidos no Natal.

As mãos de Rosalind remexiam-se, desamparadas.

— Ah, detetive Ryan, não tive a intenção de dizer isso de um jeito negativo. Ser agressivo é bom, não é? Ainda mais no trabalho de vocês. Eu é que provavelmente sou sensível demais. Foi o jeito como ela falou com os meus pais. Sei que tinha que fazer todas aquelas perguntas, mas foi o *jeito* como as fez, com tanta frieza... Jessica ficou muito chateada. E a detetive Maddox ainda ficou sorrindo para mim, como se fosse tudo... a morte de Katy não foi uma *brincadeira*, detetive Ryan.

— Muito longe disso — falei e fiquei tentando me lembrar às pressas daquela horrível reunião na sala de estar da casa dos Devlin, tentando descobrir que droga Cassie havia feito para deixar aquela criança chateada. A única coisa que conseguia imaginar foi quando ela olhou para Rosalind e abriu um sorriso encorajador ao colocá-la no sofá. Pensando agora, acho que pode ter sido um pouco inadequado, embora dificilmente bastante para provocar tal tipo de reação. É verdade que um choque, seguido de desgraça, frequentemente faz com que as pessoas reajam de maneiras exageradas, distorcidas e ilógicas; mas, ainda assim, tanta irritação só fez deixar ainda mais forte a minha sensação de que alguma coisa não estava muito certa naquela casa. — Lamento se deixamos uma impressão...

— Não, oh, não, você não. Você foi maravilhoso. E tenho consciência de que a detetive Maddox não deve ter tido a intenção de parecer tão... insensível. É verdade, tenho mesmo. A maioria das pessoas que

são agressivas está apenas tentando ser forte, não é mesmo? É que elas só não querem ser inseguras, ou carentes, ou qualquer coisa assim. Não são *cruéis* na verdade. Por dentro.

— Não — comentei. — Provavelmente não. — Tive dificuldade em imaginar Cassie como uma pessoa carente; só que também nunca a havia imaginado como uma pessoa agressiva. Eu percebi, com uma súbita sensação de inquietude, que não havia a menor chance de eu saber como as outras pessoas viam Cassie. Era como tentar descobrir se a sua irmã é bonita. Eu não tinha mais como ser objetivo em relação a ela do que em relação a mim mesmo.

— *Eu ofendi você?* — Rosalind olhou para mim com nervosismo, puxando uma de suas madeixas. — *Ofendi.* Me desculpe, me desculpe... Estou sempre falando o que não devo. Abro esta minha boca besta e as coisas simplesmente saem, eu nunca aprendo...

— Não — tranquilizei-a. — Está tudo bem. Não fiquei nem um pouco ofendido.

— Ficou sim. Estou vendo. — Ela apertou mais ainda o xale em volta dos ombros e tirou com um movimento brusco os cabelos que haviam ficado presos debaixo dele, com o rosto tenso e extremamente tímido.

Eu sabia que, se a perdesse naquele momento, talvez nunca mais tivesse outra oportunidade.

— Estou sendo sincero — falei. — Não fiquei. Estava só pensando no que você disse. É bastante perspicaz.

Ela brincava com a franja do xale sem olhar em meus olhos.

— Mas ela não é sua namorada?

— A detetive Maddox? Não, não. Nada disso.

— É que eu achei que do jeito que ela... — Rosalind levou de súbito a mão espalmada à frente da boca. — Ah, lá vou eu de novo! *Pare com isso*, Rosalind!

Eu ri; não consegui evitar. Nós dois estávamos nos esforçando demais...

— Vamos lá — sugeri. — Respire fundo que a gente tenta começar tudo de novo.

Vagarosamente ela voltou a relaxar sobre o banco.

— Obrigada, detetive Ryan. Mas, por favor... o que foi exatamente que houve com Katy? Não consigo parar de imaginar, sabe... não consigo suportar não saber.

E então (porque o que eu poderia dizer em resposta àquilo?) contei a ela, que não desmaiou, não ficou histérica e nem mesmo debulhou-se em lágrimas. Ficou escutando em silêncio, com os olhos — azuis, da cor de um jeans desbotado — fixos dentro dos meus. Depois que terminei, ela levou os dedos aos lábios e ficou observando o que estava acontecendo lá fora: o brilho do sol, os contornos habilmente formados das sebes, os funcionários de escritório com seus recipientes plásticos e suas fofocas... Afaguei-lhe o ombro desajeitadamente. O xale era feito de algum material barato, e assim que o toquei, áspero e sintético, a postura infantil e patética de Rosalind tocou direto em meu coração. Tive vontade de dizer-lhe alguma coisa inteligente e profunda sobre como algumas mortes podem igualar-se ao sofrimento de ter sido o único a ser deixado para trás, algo de que pudesse se lembrar quando estivesse só em seu quarto, sem conseguir dormir ou compreender; mas não fui capaz de encontrar as palavras apropriadas.

— Sinto muito — falei.

— Então, ela não foi estuprada?

Em sua voz percebia-se um tom simplório e pouco sonoro.

— Beba o seu café — aconselhei, com alguma noção obscura de que bebidas quentes são boas para choques.

— Não, não... — Ela agitou a mão distraidamente. — Me conte. Ela não foi estuprada?

— Não, não exatamente. E já estava morta, sabe... não sentiu nada.

— Ela não sofreu muito?

— Quase nada. Foi levada à inconsciência quase imediatamente.

De repente, Rosalind curvou a cabeça sobre o copo de café e eu vi seus lábios estremeçerem.

— Eu me sinto horrível com tudo isso, detetive Ryan. Sinto como se devesse tê-la protegido melhor.

— Você não sabia.

— Mas eu deveria saber. Deveria estar com ela e não me divertindo com minhas primas. Sou uma péssima irmã, não sou?

— Você não foi a responsável pela morte de Katy — falei com firmeza. — Por tudo que ouço, me parece que você foi uma irmã maravilhosa para ela. Não poderia ter feito nada.

— Mas... — ela se deteve e agitou a cabeça negativamente.

— Mas o quê?

— Oh... eu deveria saber. Só isso. Deixe pra lá. — Ela fez um esforço para tentar sorrir para mim por entre os cabelos. — Agradeço por ter me contado.

— Agora é a minha vez. Posso lhe perguntar umas duas coisinhas?

Ela fez uma expressão apreensiva, mas respirou fundo e concordou com um meneio da cabeça.

— Seu pai disse que Katy ainda não tinha começado a se interessar por garotos — lembrei. — É verdade?

Ela abriu a boca e logo a fechou.

— Não sei — respondeu baixinho.

— Rosalind, sei que não é fácil para você, mas, se Katy tinha namorado, nós precisamos saber.

— Katy era minha *irmã*, detetive Ryan. Não quero... falar das coisas dela.

— Eu sei — eu disse com delicadeza —, mas o que você pode fazer de melhor agora por ela é me contar qualquer coisa que possa servir para eu encontrar o assassino.

Por fim ela suspirou, deixando sair um discreto sopro trêmulo.

— Não é verdade — ela disse. — Katy gostava de garotos. Não sei de quem era exatamente, mas escutei um dia quando ela e as amigas mexiam umas com as outras... com essas coisas de namorado, sabe, e quem elas já beijaram..

A ideia de crianças de doze anos se beijando me deixou assustado, mas eu me lembrava das amiguinhas de Katy, umas garotinhas espertas e desconcertantes. Talvez Peter, Jamie e eu tenhamos saído do avesso.

— Tem certeza? Seu pai parecia ter, quando disse.

— Meu pai... — Uma pequena ruga formou-se entre as sobrancelhas de Rosalind quando ela franziu o rosto. — Meu pai venerava Katy. E ela... às vezes ela se aproveitava disso. Não era sempre que contava a verdade a ele. E isso era uma coisa que me deixava muito triste.

— Está bem — falei. — Está bem. Entendi. Você fez o que era certo ao me contar. — Ela acenou com a cabeça em uma pequena inclinação de concordância. — Preciso perguntar só mais uma coisa. Você fugiu de casa em maio, não foi?

A ruga ficou ainda mais profunda.

— *Fugir* não foi exatamente o que eu fiz, detetive Ryan. Não sou criança. Passei o fim de semana na casa de uma amiga.

— Que amiga?

— Karen Daly. Pode perguntar a ela, se quiser. Eu lhe dou o telefone.

— Não há necessidade — falei, vagamente. Já havíamos conversado com Karen, uma garota tímida e de rosto pálido, nem um pouco o que eu esperaria de uma amiga de Rosalind, que confirmou que Rosalind passou o fim de semana inteiro com ela; só que eu tenho um faro razoavelmente bom para mentiras e tive quase certeza de que Karen estava me escondendo alguma coisa. — Sua prima acha que você pode ter passado o fim de semana com algum namorado.

A boca de Rosalind contraiu-se, formando uma discreta linha de descontentamento.

— Valerie tem a mente suja. Sei que muitas garotas fazem coisas assim, mas não sou como elas.

— Não — concordei. — Não é mesmo. Mas seus pais não sabiam onde você estava?

— Não. Não sabiam.

— Por que isso?

— Porque não tive vontade de contar para eles — ela disse, categoricamente. Depois, ergueu o olhar em minha direção e suspirou. Seu rosto ficou mais brando. — Ah, detetive, você nunca sente que... que precisa só se afastar? De tudo? Que chega uma hora em que você não aguenta mais?

— Sinto, sim — respondi. — Pois é. Então não passou o fim de semana longe devido a alguma coisa ruim que tenha acontecido em casa? Soubemos que você brigou com seu pai...

O rosto de Rosalind se fechou e ela desviou o olhar. Fiquei esperando. Depois de um instante, ela agitou a cabeça para os lados.

— Não. Eu... Não foi nada disso.

Minhas campainhas de alarme voltavam a disparar, mas senti tensão na voz dela e eu não queria pressioná-la, ainda não. Hoje em dia, fico imaginando, é claro, se deveria tê-lo feito; mas não vejo como, a longo prazo, isso teria feito qualquer diferença.

— Sei que está passando por um momento muito difícil — consolei-a —, mas não fuja de casa de novo, está bem? Se as coisas começarem a deixá-la desanimada, ou se simplesmente quiser conversar, ligue para a Central de Apoio às Vítimas, ou para mim... tem o número do meu celular, não tem? Farei o que puder para ajudá-la.

— Obrigada, detetive Ryan. Vou me lembrar disso — ela assentiu mas sua expressão era de reserva e tristeza, e eu tive a sensação de que, de alguma maneira obscura, porém crítica, eu a havia decepcionado.

Cassie estava na sala de reuniões, tirando cópias dos depoimentos.

— Quem era?

— Rosalind Devlin.

— Hmm.. O que ela disse?

Por algum motivo, eu não estava a fim de contar a Cassie os detalhes.

— Nada de mais. Só que, independentemente do que Jonathan possa achar, Katy se interessava, sim, por garotos. Rosalind não soube citar nenhum nome; vamos ter que voltar a conversar com algumas das amiguinhas de Katy para ver se podem nos dar mais informações. Ela também disse que Katy mentia, mas, pensando bem, a maioria das crianças mente.

— Mais alguma coisa?

— Não, nada.

Cassie deu as costas para a copiadora, segurando uma folha, e lançou-me uma demorada olhada que não consegui decifrar. Então disse:

— Pelo menos ela está conversando com você. Deve manter contato com ela; pode ser que se abra mais com o tempo.

— De fato, perguntei a ela se estava com algum problema em casa — revelei, sentindo um pouco de consciência pesada. — Ela disse que não, mas não acreditei.

— Hmm. — Cassie se virou e voltou à sua tarefa com as cópias.

Porém, quando voltamos a conversar com Christina e Marianne e Beth no dia seguinte, todas foram categóricas: Katy não tinha namorado, tampouco nenhuma paixonite por alguém em especial.

— Às vezes a gente a provocava, falando de garotos — disse Beth —, mas só que não era de verdade, sabe? Era só de brincadeira. — Beth era uma criança ruiva e de aparência alegre, em quem já se desenvolviam contornos impetuosos, e quando seus olhos encheram-se de lágrimas, aquilo pareceu tê-

la deixado espantada, como se chorar ainda lhe fosse uma coisa fora do comum. Ela buscou dentro da manga de seu blusão e tirou um lenço de papel esfarrapado.

— Mas pode ser que ela não tenha contado pra gente — Marianne sugeriu. Era a mais quieta das três, um encanto pálido e frágil de menina, que desaparecia em meio às suas roupas coloridas de adolescente. — Katy é... Katy era muito *discreta* em relação a tudo. Na primeira vez em que fez o teste para a academia de balé, nós só ficamos sabendo quando ela foi aceita, se lembram?

— Hmm, nada a ver — disse Christina, que também estivera chorando, e cujo nariz congestionado tirava quase toda a autoridade de sua voz. — A gente saberia se ela tivesse um namorado.

Os detetives auxiliares da investigação iriam ter que interrogar novamente todos os rapazes do local e da turma da escola de Katy, evidentemente, só por precaução; mas eu percebia que, de certo modo, aquilo era exatamente o que eu estivera esperando. Aquele caso parecia um interminável passe-passe: eu sabia que o prêmio estava ali, em algum lugar, debaixo do meu nariz, mas o jogo era um truque e o trapaceiro, rápido demais para mim: cada copo que eu virava estava vazio.

Sophie me ligou na hora em que estávamos indo embora de Knocknaree para dizer que havia recebido o resultado dos exames do laboratório. Ela estava caminhando em algum lugar, eu podia ouvir os ruídos pelo celular e as batidas rápidas dos saltos de seus sapatos.

— Recebi o resultado dos exames da menina dos Devlin — disse ela. — O laboratório está com um acúmulo de pedidos de um mês e meio e vocês sabem como eles são, mas consegui que colocassem este no topo da lista. Quase tive que dar para aquele maluco que manda lá para ele fazer isso para mim.

Minha frequência cardíaca acelerou.

— Grande Sophie — falei. — É mais uma que lhe devemos. — Cassie, ao volante, lançou uma olhadela em minha direção; eu cochichei: “Laboratório.”

— O exame toxicológico deu negativo: ela não estava sedada, bêbada e não estava sob efeito de nenhuma medicação. Estava coberta: terra, pólen, o que sempre se encaixa em áreas externas. Tudo bate com a composição do solo de Knocknaree, até mesmo, e agora é que vem a parte boa, o que havia por dentro das roupas dela e ficou grudado no sangue. Então não, eram coisas que ela conseguiu só no local em que foi desovada. O laboratório disse que existe uma planta extremamente rara naquele bosque, que não cresce em nenhum outro lugar próximo, o botânico ficou até empolgado com isso, e que o pólen não viajaria mais do que um quilômetro por aí. O que está quase claro é que ela ficou em Knocknaree o tempo todo.

— Isso bate com o que já temos — falei. — Pule logo para a parte interessante.

Sophie resfolegou.

— Essa *era* a parte interessante. As pegadas não deram em nada: metade dos arqueólogos e as não identificadas estão borradas demais para ser de qualquer valia. Praticamente todas as fibras batem com o que colhemos na casa dela; um punhado delas não nos foi possível identificar, mas nada de diferente. Um fio de cabelo em sua camiseta bate com os do idiota que a encontrou, e dois batem com os da mãe, um na calça e outro em uma meia. Provavelmente é ela que lava as roupas portanto não há nada de mais nisso.

— Nenhum DNA? Nem impressões digitais, nada?

— Ha! — Sophie exclamou, e percebi que estava comendo alguma coisa crocante, provavelmente batatinhas chips. Sophie vive à base de *junk food*. — Algumas, sim, porém incompletas, e ainda foram feitas com uma luva de borracha. Sendo assim, nada de tecidos epiteliais também. E nada de sêmen, saliva ou sangue que não bata com o da criança.

— Ótimo — falei e senti meu coração ir a pique vagarosamente. Eu havia caído no truque novamente. Depositei esperança demais no resultado dos exames laboratoriais e agora me sentia um trouxa simplório.

— Exceto por aquela velha mancha de sangue que Helen encontrou. Eles conseguiram descobrir o tipo sanguíneo: é A positivo. A vítima de vocês é O negativo.

Ela fez uma pausa para encher a boca de novo com as batatinhas enquanto meu estômago revirava.

— E aí? — ela indagou depois que eu não disse nada. — É o que você queria ouvir, não é? É o mesmo sangue do caso de 1984. Bom, não é conclusivo, mas pelo menos é uma conexão.

— Pois é — respondi, percebi que Cassie estava escutando e virei o ombro para ela. — Está ótimo. Obrigado, Sophie.

— Mandamos as amostras colhidas e aqueles tênis para que eles examinem o DNA — disse Sophie —, mas eu não depositaria muita esperança se fosse vocês. Aposto que já não dá mais para tirar porra nenhuma dali, de tão degradado que está. Como é que vocês podem armazenar amostras de sangue em um porão?

Cassie, como em um acordo velado, concentrava-se mais no caso de 1984 enquanto eu me concentrava mais no dos Devlin. McCabe havia morrido anos atrás, de enfarte, mas ela foi conversar com Kiernan. Ele estava aposentado e vivia em Laytown, uma pequena cidade-dormitório no litoral. Já havia passado dos setenta e tinha o rosto corado e bem-humorado, uma compleição física confortavelmente descuidada de um jogador de rúgbi que já pendurou as chuteiras. Levou-a para dar uma longa caminhada pela extensa praia vazia, com as gaivotas e os maçaricos a grasnar, enquanto lhe contava o que se lembrava do caso de Knocknaree. Parecia feliz, pelo que Cassie disse naquela noite, enquanto acendia a lareira, eu espalhava mostarda em pães *ciabatta* e Sam servia vinho. Havia passado a trabalhar com carpintaria, tinha serragem em sua calça macia e velha; a esposa colocara um cachecol em seu pescoço e beijara-lhe a bochecha quando eles foram sair.

Ele se lembrava do caso, de cada detalhe. Em toda a curta e desorganizada história da Irlanda como nação, menos que meia dúzia de crianças desapareceu sem que ninguém as achasse, e Kiernan nunca conseguiu esquecer que duas delas foram cair bem em suas mãos e que não conseguira fazer nada para ajudá-las. A busca, pelo que ele contou a Cassie (um pouco na defensiva, segundo ela, como se ele houvesse vivenciado aquela conversa diversas vezes em sua mente), foi maciça: cães farejadores, helicópteros, mergulhadores, policiais e voluntários vasculharam quilômetros e quilômetros de mata, montanhas e campo em todas as direções, começando ao amanhecer, durante semanas a fio, e entrando por tardios crepúsculos de verão; ele e McCabe foram atrás de pistas até em Belfast, Kerry e inclusive em Birmingham; e durante esse tempo todo alguma coisa dizia a Kiernan que eles estavam procurando nos lugares errados, que a solução para o caso passara aquele tempo todo bem debaixo de seus narizes.

— Qual é a teoria dele? — Sam perguntou.

Virei o último bife de hambúrguer por cima do pão e distribuí os pratos.

— Depois eu falo — Cassie disse para Sam. — Coma o seu sanduíche antes. Não é sempre que Ryan prepara alguma coisa que valha a pena apreciar.

— Está falando com dois homens de talento — eu disse a ela. — Somos capazes de comer e ouvir ao mesmo tempo. — Obviamente teria sido bom ouvir a história antes, em particular, mas na hora em que Cassie voltou de Laytown era tarde demais para isso. Pensar naquilo já havia acabado com o meu apetite; o fato em si não iria fazer muita diferença. Além disso, sempre conversávamos sobre os rumos da investigação durante o jantar e hoje não seria diferente, se eu pudesse evitar. Sam parece sempre ignorar com satisfação o que está implícito em nosso discurso, assim como as contracorrentes emocionais, e às vezes fico imaginando se uma pessoa pode mesmo ser tão absorta assim.

— Estou impressionada — Cassie disse. — Está bem. — Seus olhos lançaram-se em minha direção por um instante; eu olhei para o outro lado. — Segundo a teoria de Kiernan, eles nunca deixaram Knocknaree. Não sei se vocês se lembram, mas havia outra criança na história... — Ela curvou-se de

lado para verificar seu bloco, aberto sobre o braço do sofá. — Adam Ryan. Passou aquela tarde com os outros dois e foi encontrado no meio da mata, mais ou menos umas duas horas depois do início das buscas. Nenhum ferimento, contudo. Seus tênis continham sangue e ele estava bastante abalado, mas ainda não conseguia lembrar-se de nada. Então Kiernan concluiu que, o que quer que tenha acontecido, deve ter sido ou dentro do bosque ou muito próximo dali, porque Adam voltou do bosque. Ele acha que alguém, da área, passou algum tempo a observá-los, abordou-os no meio do bosque, talvez atraiu-os até sua casa e os atacou. Provavelmente não tinha intenção de matá-los; talvez tenha tentado apenas abusar sexualmente deles e daí alguma coisa saiu errado. Em alguma hora durante o ataque, Adam escapou e voltou correndo para o bosque, o que deve significar que eles estavam ou no próprio bosque, em uma das casas próximas que davam para o bosque, ou em alguma fazenda próxima; porque senão ele teria voltado para casa, certo? Kiernan acha que o tal sujeito entrou em pânico e assassinou as outras duas crianças, possivelmente escondeu os corpos em sua casa até que tivesse chance de se livrar deles, e depois, ou os desovou no rio, ou os enterrou em seu próprio jardim ou, o que é mais provável, não houve notícia de escavações inexplicadas naquela área durante as semanas seguintes, no próprio bosque.

Dei uma mordida em meu sanduíche e o sabor causticante de sangue quase me fez vomitar. Forcei-me a engolir, sem mastigar, com um gole de vinho.

— Por onde será que anda o pequeno Adam hoje em dia? — Sam indagou.

Cassie deu de ombros.

— Duvido de que fosse conseguir nos dizer qualquer coisa. Kiernan e McCabe passaram anos falando com ele, mas o garoto nunca se lembrou de mais nada. Por fim, desistiram. Concluíram que a memória do garoto se apagou para sempre. A família mudou-se do local. Dizem que emigraram para o Canadá. — Tudo era verdade, até o ponto que ela contou. Aquela situação era mais difícil e ridícula do que eu havia esperado. Parecíamos espiões nos comunicando da cabeça de Sam em um código cauteloso e formal.

— Isso deve ter levado os dois à loucura — disse Sam. — Uma testemunha ocular bem ali... — Ele balançou a cabeça e deu uma mordida grande no sanduíche.

— Pois é, Kiernan falou que foi bastante frustrante mesmo — disse Cassie. — Mas não era corpo mole, o garoto esforçava-se ao máximo. Chegou até a participar de uma reconstituição com duas crianças da área. Kiernan e McCabe tinham esperança de que fosse ajudá-lo a lembrar-se do que ele e os amiguinhos fizeram na tarde em questão, mas o moleque congelou assim que entrou no bosque. — Meu estômago revirava. Eu não tinha a mínima lembrança daquilo que Cassie estava contando. Coloquei meu sanduíche sobre a mesa; de repente fiquei louco para fumar um cigarro.

— Coitado do moleque — Sam disse com serenidade.

— McCabe também tinha a mesma teoria? — perguntei.

— Não. — Cassie lambeu a mostarda que havia sujado seu polegar. — Para McCabe, foi coisa de um turista assassino, algum sujeito que passou só alguns dias por ali, provavelmente um inglês, talvez a trabalho. É porque não conseguiram encontrar sequer um bom suspeito. Fizeram quase mil interrogatórios, falaram com centenas de pessoas, descartaram todos os tarados e problemáticos conhecidos do sul de Dublin, investigaram cada minuto dos movimentos de todos os homens do local... vocês sabem como é: quase sempre se consegue arrumar um suspeito, mesmo que não se tenha o suficiente para acusá-lo. Mas eles não arrumaram *ninguém*. Sempre que conseguiam alguma pista, acabavam dando de cara em um beco sem saída.

— Isso me soa familiar — eu disse com desânimo.

— Kiernan acha que foi porque alguém deu ao sujeito um alibi forjado, e por isso nunca chegou a entrar no radar deles, mas McCabe achava que era porque ele não estava mais por ali para ser encontrado. Segundo sua teoria, as crianças estavam brincando às margens do rio e seguiram o curso até o outro lado do bosque. A caminhada é longa, mas não seria a primeira vez que as crianças a fariam. Há

uma estradinha escondida que passa por aquele trecho do rio. McCabe achava que alguém passou dirigindo, viu as crianças e tentou arrastá-las ou atraí-las para que entrassem em seu carro. Adam resistiu, conseguiu escapar, voltou correndo para o bosque, e o sujeito foi embora com os outros dois. McCabe falou com a Interpol e com a polícia britânica, mas eles também não conseguiram nada de útil.

— Kiernan e McCabe achavam, então, que as crianças haviam sido assassinadas? — perguntei.

— McCabe não tinha tanta certeza, pelo jeito. Achava que havia chance de alguém tê-las raptado, talvez alguém com problemas mentais e desesperado para ter filhos, ou talvez... bom, a princípio, acharam que as crianças pudessem ter simplesmente fugido de casa, mas duas crianças de doze anos, sem dinheiro? Teriam sido encontradas dentro de poucos dias.

— Bom, Katy não foi coisa de nenhum assassino turista, fruto do acaso — Sam opinou. — Ele teve que marcar o encontro e mantê-la em algum lugar durante um dia...

— Na verdade — falei, impressionado com o tom ameno e rotineiro de minha voz —, também não consigo ver o caso de 1984 como um desses sequestros em que alguém passa com um carro e leva a criança. Pelo que me lembro, os tênis só foram recolocados nos pés do garoto depois que o sangue que havia neles havia começado a coagular. Em outras palavras, o raptor passou algum tempo com todos os três, naquela área, até que um conseguiu fugir. Para mim isso sugere que ele seja da área.

— Knocknaree é um lugar pequeno — Sam falou. — Qual é a probabilidade de dois assassinos de crianças diferentes viverem por lá?

Cassie equilibrou o prato sobre as pernas cruzadas, uniu as mãos atrás do pescoço e esticou-se para relaxar os músculos. Ela estava com olheiras profundas e percebi, subitamente, que ter passado a tarde com Kiernan a abalara profundamente, e que sua relutância em contar a história talvez não tenha sido apenas por minha causa. Uma pequena compressão característica se faz notar nos cantos de sua boca quando ela está escondendo alguma coisa de alguém, e fiquei imaginando o que poderia ser que Kiernan tinha contado e que ela não estava revelando.

— Eles procuraram até nas árvores, sabiam? — ela disse. — Após algumas semanas, algum detetive inteligente lembrou-se de um caso antigo em que uma criança foi subir em uma árvore oca e caiu dentro de um buraco do tronco; só foi encontrada quarenta anos depois. Kiernan e McCabe mandaram a equipe verificar todas as árvores, iluminando dentro dos buracos com lanternas...

O som da voz de Cassie foi sumindo aos poucos e ficamos em silêncio. Sam mastigou ruidosamente seu sanduíche com um prazer impassível e, sem nenhuma pressa, depositou o prato sobre a mesa soltando um suspiro de satisfação. Enfim, Cassie mexeu-se e estendeu o braço com a mão aberta; coloquei seu maço de cigarros dentro dela.

— Kiernan ainda sonha com o caso — ela disse calmamente, pegando um cigarro. — Não tanto quanto antes, pelo que me disse; meses se passam até que sonhe de novo, desde que se aposentou. No sonho, ele está procurando as tais duas crianças no bosque, à noite, chamando seus nomes, e alguém salta de trás da vegetação e corre para cima dele. Ele sabe que é a pessoa que levou os dois, consegue até ver o rosto, “tão claramente quanto estou vendo você”, disse ele, mas quando acorda, não consegue se lembrar.

O fogo crepitava na lareira lançando faíscas. Percebi com o canto do olho e virei-me bruscamente; tive certeza de ter visto alguma coisa sair como um raio da lareira para dentro da sala. Alguma coisa pequena, negra e com garras — algum filhote de pássaro talvez, depois de cair pela chaminé? —, mas não havia nada ali. Quando me virei novamente, os olhos de Sam estavam me observando, cinzentos e serenos e, de alguma forma, solidários, mas a única coisa que ele fez foi abrir um sorriso e inclinar-se até o outro lado da mesa para encher novamente o meu copo.

Eu não conseguia dormir facilmente, nem mesmo quando tinha oportunidade para isso. Costuma acontecer com frequência, como eu já disse, mas agora era diferente: durante aquelas semanas, volta e meia eu me via preso em um estado de semiconsciência entre o sono e a vigília, incapaz de me forçar a entrar em qualquer uma das duas coisas. “Cuidado!”, vozes diziam em meu ouvido; ou “Não estou conseguindo ouvir você. O quê? O quê?”. Eu sonhava que intrusos misteriosos movimentavam-se furtivamente pelo meu quarto, folheavam rapidamente minhas anotações de trabalho revistavam camisas em meu guarda-roupa; eu sabia que não eram reais, mas levava uma eternidade de pânico para me forçar a acordar para enfrentá-los ou afastá-los. Uma vez, acordei e me vi na parede, ao lado da porta do quarto, tentando loucamente encontrar o interruptor, com as pernas mal me segurando em pé. Minha cabeça rodava e eu ouvia um som abafado e lamentoso que vinha de algum lugar, e só muito tempo depois fui me dar conta de que era a minha própria voz. Eu acendia a luz e a luminária de minha escrivaninha e voltava, arrastando-me, para a cama, onde ficava deitado, nervoso demais para voltar a dormir, até o despertador tocar.

Naquele limbo, eu também ouvia vozes infantis. Não de Peter e Jamie. Eram de um grupo de crianças, de muito tempo atrás, cantando músicas infantis que eu não me lembrava de um dia ter conhecido. Suas vozes eram alegres, despreocupadas e puras demais para serem humanas, e sob elas havia um ritmo complicado e bem executado de batidas de palmas. *Vem, vem, meu amiguinho brincar comigo na macieira... Dois, dois, os meninos imaculados, todos vestidos de verde, um é um, e completamente só, e para sempre assim será...* Às vezes o débil coro passava o dia inteiro em minha cabeça, acompanhando tudo que eu estivesse fazendo. Eu vivia em pavor mortal de que O’Kelly me flagrasse entoando a melodia de uma daquelas canções.

Rosalind telefonou para o meu celular naquele sábado. Eu estava na nossa sala da divisão e Cassie havia saído para falar com a Delegacia de Pessoas Desaparecidas; atrás de mim, O’Gorman reclamava aos berros de algum cara que teria deixado de demonstrar-lhe o devido respeito quando foram de porta em porta atrás de informações. Tive que apertar o telefone contra a orelha para escutá-la.

— Detetive Ryan, é Rosalind... sinto muito incomodá-lo, mas será que talvez tenha tempo de vir conversar com Jessica?

Barulhos da cidade ao fundo: carros, conversas ruidosas, o apito frenético de um sinal fechando.

— É claro — respondi. — Onde vocês estão?

— Aqui na cidade. Pode vir encontrar-se conosco no bar do hotel Central dentro de dez minutos? A Jessica quer lhe contar uma coisa.

Peguei os arquivos do caso e comecei a revirar as folhas, procurando pela data de nascimento de Rosalind: para conversar com Jessica, eu precisaria da presença de um “adulto apropriado”.

— Seus pais estão com vocês?

— Não, eu... não. Achei que Jessica fosse se sentir mais à vontade para falar longe deles, se não houver problema.

Minhas antenas sinalizaram. Eu havia encontrado a folha com os dados da família: Rosalind estava com dezoito anos, portanto era apropriado o bastante.

— Não há problema algum — respondi. — Até já.

— Obrigada, detetive Ryan. Eu sabia que poderia procurar você... perdoe-me pela pressa, mas precisamos muito voltar para casa antes... — Um bipe e ela já não estava mais na linha. Ou havia acabado a bateria do celular, ou os créditos de suas ligações. Deixei para Cassie um bilhete escrito “Volto logo” e saí.

Rosalind tinha bom gosto. O bar do Central possui um ar resolutamente antiquado — cornijas no teto; poltronas enormes e confortáveis, que ocupavam quantidades ineficientes de espaço; estantes de livros velhos e estranhos com encadernações elegantes contrastam com a louca aceleração das ruas em torno dele. Às vezes eu ia lá aos sábados, bebia um copo de conhaque, fumava um charuto — isso, antes da proibição ao fumo — e passava a tarde lendo o *Farmer's Almanac* de 1938, ou poemas vitorianos de quinta categoria.

Rosalind e Jessica estavam sentadas a uma mesa próxima à janela. Os cachos de Rosalind estavam presos para cima e ela vestia um conjunto todo branco, com uma saia comprida e uma blusa franzida de tecido fino que se harmonizava com tudo que a cercava; parecia saída de alguma festa ao ar livre do período eduardiano. Estava curvada, cochichando alguma coisa no ouvido de Jessica, com uma das mãos a afagar-lhe os cabelos em um ritmo lento e reconfortante.

Jessica estava sentada em uma poltrona, com as pernas cruzadas sob o corpo, e vê-la me causou novamente um baque, quase tão forte quanto o da primeira vez. O sol que entrava pela janela alta cercava-a em uma coluna de luz que a transformava em uma visão radiante de outra pessoa, uma menininha cheia de vida, ávida e perdida. As delicadas e arqueadas linhas em forma de V de suas sobrancelhas, o enviesado de seu nariz, a curvatura rechonchuda e infantil de seu lábio: a última vez que olhei para aquele rosto ele estava vazio de expressão e manchado de sangue na mesa de aço de Cooper. Era como um adiamento da pena; como Eurídice, saída das trevas e devolvida a Orfeu para um momento breve e milagroso. Eu quis, tão intensamente que cheguei a perder o fôlego, estender o braço e acariciar-lhe a cabeça puxá-la para junto de mim, abraçá-la e senti-la viva e respirando, como se pudesse de alguma forma fazer o tempo voltar atrás e proteger Katy também.

— Rosalind — falei. — Jessica.

Jessica retraiu-se, seus olhos arregalaram-se repentinamente e a ilusão desapareceu. Ela segurava alguma coisa, um sachê de açúcar que havia retirado da tigela no meio da mesa; ela enfiou o canto dentro da boca e começou a chupá-lo.

O rosto de Rosalind iluminou-se ao meu ver.

— Detetive Ryan! Que bom vê-lo. Sei que foi em cima da hora, mas... oh, sente-se, sente-se... — Puxei outra poltrona. — Jessica viu uma coisa que acho que deveria saber. Não foi mesmo, querida?

Jessica deu de ombros com um movimento desajeitado.

— Oi, Jessica — cumprimentei-a com delicadeza, e o mais calmamente que consegui. Minha mente seguia em uma dúzia de direções ao mesmo tempo: se aquilo tivesse alguma coisa a ver com os pais, eu teria que encontrar algum outro lugar para as meninas ficarem, e Jessica se comportaria pessimamente no banco das testemunhas... — Fico contente que tenha resolvido me contar. O que foi que você viu?

Seus lábios se abriram; ela inclinou-se um pouco para o lado e depois balançou a cabeça em negação.

— Oh, meu amor... Achei que isto pudesse acontecer — Rosalind suspirou. — Bom. Ela me disse que viu Katy...

— Obrigado, Rosalind — interrompi-a —, mas preciso mesmo é ouvir da boca da própria Jessica. Senão é boato, o que não é aceito no tribunal.

Rosalind ficou me olhando, perplexa, e com o olhar transparecendo confusão. Por fim, acenou com a cabeça em sinal de concordância.

— Bom — ela disse —, claro, se é disso que precisa, então... só espero... — Ela curvou-se sobre Jessica, tentou olhar nos olhos da menina com um sorriso e prendeu-lhe os cabelos atrás da orelha. — Jessica? Meu amor? Precisa mesmo contar ao detetive Ryan sobre o que conversamos, minha querida. É importante.

Jessica abaixou a cabeça e virou-a para o outro lado.

— Não me lembro — ela sussurrou.

O sorriso de Rosalind contraiu-se ainda mais.

— Anda, Jessica. Você se lembrou muito bem mais cedo, antes de irmos para *tão longe de casa* e tirarmos o detetive Ryan do *trabalho* dele. Não foi?

Jessica voltou a se negar, e mordeu com força o sachê de açúcar. Seu lábio tremia.

— Está tudo bem — eu disse, embora minha vontade fosse de chacoalhá-la. — Ela só está um pouquinho nervosa. Está passando por um momento complicado. Não é mesmo, Jessica?

— Nós *duas* estamos passando por momentos complicados — Rosalind protestou com veemência. — Mas pelo menos *uma* de nós tem que se comportar como adulta em vez de como uma menininha idiota. — Jessica encolheu-se ainda mais fundo dentro de seu casaco muito maior que ela.

— Eu sei — falei, no que esperei que fosse um tom suavizante. — Eu sei. Compreendo o quanto é difícil...

— Não, detetive Ryan, na verdade, você não compreende. — O joelho cruzado de Rosalind balançou, irritado. — Ninguém pode achar que compreende como é isso. Não sei por que viemos até aqui. Jessica não se dá ao mínimo trabalho de lhe contar o que viu, e você, obviamente, não acha que isso importa. Dá na mesma se formos embora.

Eu não podia deixar que fossem.

— Rosalind — eu disse, inclinando-me para a frente até o outro lado da mesa. — Estou levando isto muito a sério, e é verdade quando digo que compreendo. Estou sendo sincero quando digo.

Rosalind soltou uma risada amarga, tateando com as mãos sob a mesa, caçando sua bolsa.

— Ah, tenho certeza de que está. Largue isso aí, Jessica. Vamos voltar para casa.

— Rosalind, é *verdade*. Quando eu tinha mais ou menos a idade da Jessica, dois dos meus melhores amigos desapareceram. Compreendo o que vocês estão passando.

A cabeça dela ergueu-se e Rosalind ficou me olhando.

— Sei que não é a mesma coisa que perder uma irmã...

— Não mesmo.

— Mas é verdade que compreendo o quanto é difícil ser o que foi deixado para trás. Vou fazer o máximo possível para garantir que recebam respostas. Está bem?

Rosalind continuou me olhando por mais um bom tempo e então soltou a bolsa e riu, em uma eclosão esbaforida de alívio.

— Ah, detetive Ryan! — Antes de saber o que estava fazendo, ela já havia levado a mão até o outro lado da mesa e segurado a minha. — Eu *sabia* que havia um motivo para você ser a pessoa perfeita para a solução deste caso!

Eu ainda não havia visto a coisa por aquele prisma, e tal ideia era reconfortante.

— Espero que tenha razão — respondi.

Apertei-lhe a mão com a intenção de tranquilizá-la, mas de repente ela se deu conta do que havia feito e se afastou, agitada e cheia de vergonha.

— Oh, não tive intenção de...

— Vamos fazer o seguinte — falei. — Nós dois podemos ficar conversando até que Jessica se sinta à vontade para explicar o que viu. Que tal?

— Jessica? Meu amor? — Rosalind tocou o braço de Jessica, que deu um salto, arregalando os olhos. — Quer passar mais um tempinho aqui?

Jessica refletiu sobre aquilo, olhando demoradamente para cima, para o rosto de Rosalind, que baixou o olhar e sorriu para ela. Por fim, Jessica fez um gesto de concordância.

Comprei café para Rosalind e para mim e refrigerante para Jessica, que ficou segurando o copo com as duas mãos e observando atentamente, como se estivesse hipnotizada, as bolhas que subiam dançando, enquanto Rosalind e eu conversávamos.

Para ser sincero, não esperava ter tanto prazer em conversar com uma adolescente, mas Rosalind era diferente. O choque inicial do falecimento de Katy já havia perdido a força e, pela primeira vez, tive a oportunidade de ver como ela era de verdade: extrovertida, animada, cheia de vivacidade e ímpeto, surpreendentemente articulada. Fiquei me perguntando onde estavam as garotas assim quando eu tinha dezoito anos. Era ingênua, mas tinha consciência disso. Ironizava a si mesma com tanto prazer infantil — apesar do contexto e de minha preocupação assustadora de que tamanha inocência pudesse trazer-lhe problemas algum dia, e com Jessica ali sentada, observando seres imaginários invisíveis como um gato — que minhas risadas eram reais.

— O que pretende fazer quando acabar seus estudos? — perguntei com curiosidade genuína. Não conseguia imaginá-la trabalhando das nove às cinco em um escritório qualquer.

Rosalind sorriu, mas um pequeno traço de tristeza passou-lhe pelo rosto.

— Adoraria estudar música. Toco violino desde os nove anos e já componho alguma coisinha; meu professor diz que sou... bom, ele diz que não devo ter problema algum para ser aceita em uma boa escola. Só que... — Ela suspirou. — É muito cara e meus... meus pais não aprovam muito. Querem que eu faça um curso de secretariado.

Mas haviam apoiado tanto, e desde o início, a ambição de Katy de ir para a escola do Royal Ballet... Eu já havia visto casos como aquele na unidade de Violência Doméstica, em que os pais escolhem um preferido ou um bode expiatório (*talvez eu a tenha mimado demais*, Jonathan havia dito naquele primeiro dia) e os irmãos crescem em famílias completamente diferentes. Poucos terminam bem.

— Você vai encontrar uma maneira — tranquilizei-a. Imaginar Rosalind como secretária era uma coisa ridícula; que merda será que o Devlin tinha na cabeça? — Uma bolsa de estudos ou alguma coisa assim. Você parece ser boa.

Ela inclinou a cabeça, cheia de modéstia.

— Bom. Ano passado a Orquestra Nacional da Juventude tocou uma sonata que eu compus.

Não acreditei, é claro. A mentira era transparente — uma coisa daquela importância, alguém teria mencionado quando saímos perguntando de porta em porta e foi algo que tocou meu coração na mesma hora, como uma sonata não poderia fazer; porque eu fizera a mesma coisa. *Este é o meu irmão gêmeo, o nome dele é Peter, é sete minutos mais velho que eu...* Crianças — e Rosalind era pouco mais que isso — só mentem quando a realidade é difícil demais de suportar.

Por um instante quase coloquei minhas suspeitas às claras. *Rosalind, sei que está com algum problema em casa; conte para mim, deixe-me ajudar...* Só que era cedo demais; a única coisa que ela faria seria rapidamente levantar de novo todas as suas defesas. Teria estragado tudo que eu havia conseguido conquistar.

— Muito bem — eu disse. — É de deixar qualquer um impressionado.

Ela soltou uma risada discreta e envergonhada; depois olhou de relance para mim por sob os cílios.

— Seus amigos — ela disse com timidez. — Os que desapareceram. O que houve?

— É uma longa história — falei. Fui eu mesmo que me enfiei naquela encrenca e não fazia a mínima ideia de como fazer para escapar. Os olhos de Rosalind começavam a demonstrar desconfiança, mas, embora eu nem pensasse em contar toda a história do que tinha acontecido em Knocknaree, a última coisa que eu queria era perder a confiança dela depois de tudo aquilo.

Jessica, logo Jessica, me salvou: ela trocou de posição na poltrona e esticou o dedo para tocar o braço de Rosalind.

Rosalind pareceu não perceber.

— Jessica? — indaguei.

— Oh... o que é que foi, meu amor? — Rosalind curvou-se sobre ela. — Já está preparada para contar sobre o tal homem para o detetive Ryan?

Jessica assentiu com um gesto afirmativo e firme.

— Eu vi um homem — disse a criança com os olhos não em mim, mas em Rosalind. — Ele falou com Katy.

Meu coração começou a acelerar. Se eu fosse um cara religioso, teria acendido velas para todos os santos do calendário para agradecer aquilo: bastava uma pista sólida.

— Que ótimo, Jessica! Onde foi isso? — perguntei.

— Na rua. Quando voltávamos do armazém.

— Só você e Katy?

— Só. Nossos pais deixam.

— Tenho certeza de que deixam. O que foi que ele disse?

— Ele disse... — Jessica respirou fundo. — Ele disse “Você é uma ótima dançarina”, e Katy respondeu “Obrigada”. Ela gosta quando os outros dizem que ela dança bem.

Jessica olhou ansiosa para Rosalind.

— Você está indo maravilhosamente bem, meu amor — disse-lhe Rosalind, enquanto afagava seus cabelos. — Continue.

Jessica concordou gesticulando com a cabeça. Rosalind tocou o copo dela e Jessica tomou um gole obediente de seu refrigerante.

— Depois... — ela disse. — Depois ele falou “E você é uma menina muito bonita”, e Katy agradeceu de novo. Ela também gosta quando dizem que ela é bonita. E depois ele disse... ele disse... “Minha filhinha também gosta de dançar, mas quebrou a perna. Você quer ver ela? Ela ficaria muito feliz”, e Katy disse “Agora não. Temos que voltar pra casa”. E daí nós fomos pra casa.

Você é uma menina bonita... Hoje em dia são poucos os homens que diriam uma coisa dessas para uma menina de doze anos.

— Você sabe quem era o homem? — perguntei. — Já o conhecia de algum outro lugar?

Ela fez um sinal negativo com a cabeça.

— Como ele era?

Silêncio; uma respiração.

— Grande.

— Grande como eu? Alto?

— Isso... hmm... isso. Mas grande assim também.

— Ela estendeu os braços para os lados, quase virando o copo.

— Era gordo?

Jessica soltou risadinhas nervosas e agudas.

— Isso.

— Qual era a roupa dele?

— Um... um agasalho. Azul escuro. — Ela olhou de relance para Rosalind, que concordava de maneira solidária e encorajadora.

Merda, pensei. Meu coração batia acelerado.

— Como era o cabelo dele?

— Não. Ele não tinha cabelo.

Mandei um rápido e fervoroso pedido mental de desculpas para Damien: pelo jeito, ele não estava, afinal, apenas nos contando o que achava que quiséssemos ouvir.

— Era velho? Jovem?

— Igual a você.

— Quando foi isso?

Os lábios de Jessica se abriram e moveram-se sem emitir som algum.

— Hã?

— Quando foi que você e Katy encontraram esse homem? Será que foi poucos dias antes de Katy ir embora? Ou poucas semanas? Ou será que foi há muito tempo?

Tentei ser delicado, mas ela retraiu-se mesmo assim.

— Katy não foi embora — ela protestou. — Katy foi assassinada. — Seus olhos começavam a perder o foco. Rosalind lançou em minha direção um olhar de repreensão.

— Verdade — falei com o máximo de delicadeza que consegui. — Foi mesmo. E é por isso que é muito importante que tente se lembrar de quando foi que vocês viram esse homem para que possamos investigar se foi ele que a matou. Será que você consegue?

A boca de Jessica pôs-se um pouco aberta. Seus olhos estavam inalcançáveis, perdidos.

— Pelo que ela me contou — Rosalind disse com muito cuidado por sobre a cabeça dela —, isso aconteceu uma ou duas semanas antes... — Ela engoliu em seco. — Ela não tem certeza da data exata.

Eu assenti.

— Muiíssimo obrigado, Jessica — eu disse. — Você foi muito corajosa. Acha que conseguiria reconhecer o tal sujeito se o visse novamente?

Nada, ela nem piscou. Segurava o sachê de açúcar entre os dedos.

— Acho que devemos ir embora — disse Rosalind, alternando olhares de preocupação entre Jessica e seu relógio.

Fiquei observando da janela enquanto elas iam embora, caminhando pela rua: os passinhos resolutos de Rosalind e o balanço sutil de seu quadril, e Jessica sendo puxada à força, atrás dela, pela mão. Olhei para a parte de trás da cabeça curvada e sedosa de Jessica e pensei naquelas histórias antigas em que um gêmeo se fere, e o outro, a quilômetros de distância, sente a dor. Fiquei imaginando se não houve um momento, durante a noite repleta de risadinhas femininas na casa da tia Vera, no qual ela tenha soltado algum som curto e despercebido; se todas as respostas que queríamos estavam trancadas para sempre atrás dos portões estranhos e sombrios de sua mente.

Você é a pessoa perfeita para a solução deste caso, foi o que Rosalind me disse, e aquelas palavras ainda reverberavam em mim enquanto eu a via partir. Mesmo agora me pergunto se os eventos subsequentes provaram que ela estava totalmente certa, ou absoluta e terrivelmente errada, e que critério poderia ser usado para definir a diferença.

Durante os dias que se seguiram, passei praticamente todos os momentos em que estava acordado à procura do homem do agasalho misterioso. Sete homens em Knocknaree correspondiam à descrição que havia sido dada: alto, corpulento, na casa dos trinta, careca ou de cabeça raspada. Um deles tinha antecedentes de pouca gravidade ocorrido na juventude: posse de haxixe e atentado ao pudor — meu coração deu um salto quando vi aquilo, mas a única coisa que ele fez foi urinar na rua justo na hora em que passava um policial jovem e zeloso demais. Dois disseram ser possível que estivessem entrando na área residencial, voltando para casa depois do dia de trabalho, mais ou menos na hora em que Damien havia nos dito, mas não podiam informar com certeza absoluta.

Nenhum deles admitiu ter sequer falado com Katy; todos tinham álibis para a noite do crime; nenhum deles tinha uma filha que dançava, muito menos que estivesse com a perna quebrada, nem nada parecido com um motivo, até onde fui capaz de descobrir. Tirei fotografias e coloquei-as enfileiradas para que Damien e Jessica tentassem reconhecê-las, mas ambos olharam para a série de fotos com o mesmo olhar pasmo e apreensivo. Damien, por fim, acabou por dizer que achava que nenhum daqueles homens foi o que ele viu, ao passo que Jessica apontava, esforçando-se, para uma foto diferente sempre que lhe era solicitado, e terminava, novamente, ficando catatônica enquanto eu falava. Mandei que uns dois detetives passassem de porta em porta perguntando se algum dos moradores da área recebeu a visita de alguém que correspondesse à descrição: nada.

Dois álibis dados não foram confirmados. Um dos sujeitos afirmava que havia ficado na internet até quase três horas da manhã, em um fórum de discussão de motociclistas, discutindo acerca da manutenção das Kawasaki clássicas. O outro contou que tinha um compromisso na cidade, perdeu o ônibus da meia-noite e meia e ficou esperando o das duas horas no Supermac's. Coloquei as fotos dos dois no quadro branco e tentei desvendar se aqueles álibis eram realmente verdadeiros, mas sempre que eu olhava para elas ficava com a mesma sensação peculiar e inquietante que eu estava começando a associar a todo aquele caso: sentia que outra força, algo artiloso, obstinado e com motivações próprias, esbarrava na minha a cada curva.

Sam era o único que conseguia algum progresso. Trabalhava na rua, conversando com pessoas — membros do conselho do condado, pelo que ele dizia, agrimensores, fazendeiros, membros da campanha de Jonathan Devlin... Em nossos jantares, falava apenas vagamente sobre onde aquilo tudo o estava levando.

— Daqui a alguns dias eu mostro a vocês — ele dizia. — Quando começar a fazer sentido. — Dei uma olhada às escondidas nos papéis dele quando foi ao banheiro e os deixou sobre a mesa: diagramas, escrita em taquigrafia e pequenos desenhos nas margens, tão meticulosos quanto indecifráveis.

Então, na terça-feira — em uma manhã quente, úmida e chata, enquanto Cassie e eu voltávamos a revisar os relatórios dos nossos auxiliares para conferir se havíamos deixado passar alguma coisa importante —, ele chegou com um grande rolo de papel, daqueles que as crianças usam para fazer decorações do Dia dos Namorados e de Natal na escola.

— Muito bem — disse ele, tirando um rolo de durex do bolso e começando a colar o papel na parede do nosso canto da sala. — Foi isto o que andei fazendo esse tempo todo.

Era um mapa enorme de Knocknaree, incrivelmente detalhado: as casas, as colinas, o rio, o bosque, a fortaleza, todos desenhados com caneta fina e tinta, com a precisão delicada e natural de um ilustrador de livros infantis. Deve ter levado horas para fazer aquilo tudo. Cassie soltou um assobio.

— Obrigado, obrigado — Sam disse com uma voz grave de Elvis Presley e abriu um largo sorriso. Cassie e eu abandonamos as pilhas de relatórios e nos aproximamos para olhar mais de perto. Boa parte do mapa havia sido dividida em quarteirões irregulares, marcados com lápis coloridos: verde, azul, vermelho e uns poucos em amarelo. Cada quarteirão trazia sua pequenina e misteriosa mistura de abreviações: *Sd F. Downey-GII 11/97; rz ag-ind 8/98*. Ergui uma das sobrancelhas de maneira interrogativa, olhando para Sam.

— Já vou explicar. — Ele arrancou com os dentes mais um pedaço de durex e colou o canto que estava faltando. Cassie e eu nos sentamos na beira da mesa, de modo que estivéssemos perto o bastante para enxergar os detalhes.

— Certo. Estão vendo isto aqui? — Sam indicou duas linhas paralelas no mapa que cruzaram o bosque e o sítio arqueológico. — É aqui que vai passar a rodovia. O governo divulgou o planejamento em março do ano 2000 e passou os anos seguintes comprando as terras dos fazendeiros locais por meio de ordens judiciais de venda obrigatória. Até aí, não há falcatrua.

— Bom — disse Cassie —, depende do ponto de vista.

— Shh — eu a repreendi. — Não diga nada, apenas fique olhando para o desenhinho bonitinho.

— Ah, vocês entenderam o que eu quis dizer — Sam disse. — Nada que não fosse de se esperar. A coisa fica mais interessante quando se veem as terras que cercam o local por onde vai passar a rodovia. Também era tudo terra agrícola até o fim de 1995. Então, pouco a pouco, no decorrer dos quatro anos seguintes, alguém começou a comprá-las e rezoneá-las, fazendo com que deixassem de ser agrícolas e passassem a ser industriais e residenciais.

— Quem as comprou foram videntes que já sabiam onde passaria a rodovia cinco anos antes de sua divulgação — concluí.

— Quase isso — Sam disse. — Já se fala em passar uma rodovia por Dublin, vindo do sudoeste, encontrei matérias de jornais, desde 1994, quando o período de prosperidade do país estava começando. Conversei com uns dois agrimensores que me disseram que este seria o caminho mais óbvio para se passar uma rodovia, devido à topografia, condições de assentamento e a um monte de outras coisas. Não entendi direito tudo o que disseram, mas foi isso que me falaram. Não há razão para não imaginar que as construtoras não possam ter feito a mesma coisa: ficaram sabendo da construção da rodovia e contrataram agrimensores para dizer por onde ela provavelmente passaria.

Nem eu nem Cassie dissemos nada. Sam olhou para nós e depois enrubesceu levemente.

— Não estou sendo o ingênuo. Pois é, sei que eles podem ter recebido a informação de alguém do governo, mas, pensando bem, pode ser que não. De qualquer maneira, não é uma coisa que conseguiremos provar, e não creio que tenha relevância para a nossa investigação. — Tentei não sorrir. Sam é um dos detetives mais eficientes da divisão, mas era engraçado, por qualquer razão que fosse, vê-lo aplicado no trabalho.

— Quem foi que comprou as terras? — Cassie perguntou, calmamente.

Sam fez uma expressão de alívio.

— Um bando de empresas diferentes. A maioria delas não existe de verdade; são apenas holdings, propriedades de outras empresas que são propriedades de outras empresas. É isso que vem tomando o meu tempo todo, tentar descobrir quem é de verdade o dono legítimo daquelas malditas terras. Até agora consegui ligar cada terra comprada a uma de três empresas: Global Irish Industries, Futura Property Consultants e Dynamo Development. A parte que pinteí de azul é da Global, estão vendo? A verde é da Futura e a vermelha é da Dynamo. Só que está difícil descobrir quem está por trás delas. O registro de duas delas é da República Tcheca, e o da Futura é da Hungria.

— Isso sim parece uma falcatrua de verdade — disse Cassie. — Qualquer que seja a definição do termo.

— Claro — Sam concordou. — Só que é mais provável que tenham feito isso para diminuir a carga tributária. Podemos passar tudo isso adiante para o fisco, mas não vejo como possa ter alguma relação com a nossa investigação.

— A não ser que o Devlin tivesse descoberto e viesse usando a informação para pressionar alguém — sugeri.

Cassie fez uma expressão cética.

— Descoberto como? E além disso, ele teria nos contado.

— Nunca se sabe. Ele é estranho.

— Para você, todo mundo é estranho. Primeiro, o Mark...

— A parte interessante está só começando — Sam falou, e eu olhei para Cassie, fiz cara feia e me virei para o mapa antes que ela pudesse revidar. — Então, em março de 2000, quando divulgaram os planos para a construção da rodovia, essas três empresas já eram donas de praticamente todas as terras que circundavam a área. Só que quatro fazendeiros não aceitaram vender suas terras. São as que pinteí de amarelo. Fui investigar para ver quem são; agora estão em Louth. Eles ficaram só esperando para ver o rumo das coisas, sabendo que os tais compradores estavam oferecendo valores muito bons, acima do mercado de terras agrícolas; por isso todo mundo havia aceitado o dinheiro. Eles conversaram entre si, esses quatro são amigos, e resolveram ficar com as terras para ver se conseguiam descobrir o que estava acontecendo. Quando houve a divulgação do planejamento para a construção da rodovia, eles evidentemente entenderam por que aqueles caras queriam tanto comprar as terras deles: para transformá-las em propriedades industriais e complexos residenciais, agora que a rodovia iria tornar Knocknaree mais acessível. Daí, esses quatro caras acharam melhor que eles próprios fizessem o rezoneamento de suas terras, que assim duplicariam ou até triplicariam de valor da noite para o dia. Eles solicitaram o rezoneamento no conselho municipal, um deles chegou a fazê-lo *quatro vezes*, que lhes foi negado todas as vezes.

Sam indicou um dos quarteirões em amarelo com pequenas anotações. Cassie e eu nos inclinamos para a frente para lê-las: *M. Cleary, sol rz ag-ind: 5/2000 ref, 11/2000 ref, 6/2001 ref, 1/2002 ref; sd M. Cleary-FPC 8/2002; rz ag-ind 10/2002.*

Cassie sinalizou que havia entendido e voltou a sua posição inicial, sem tirar os olhos do mapa.

— Então, eles venderam — ela disse.

— Pois é. Mais ou menos pelo mesmo preço que os outros. Um bom valor para terras agrícolas, mas muito menos do que se estava pagando por terrenos industriais ou residenciais. Maurice Cleary queria ficar com sua terra, por simples pirraça, mais que qualquer coisa, disse que não seria forçado a sair de sua propriedade por nenhum idiota engravatado, só que recebeu a visita de um sujeito de uma das holdings, que lhe explicou que seria construída ali uma instalação farmacêutica que daria fundos para a sua fazenda, e que eles não teriam como garantir que não houvesse vazamento de resíduos químicos na água, o que acabaria por matar seu rebanho. Ele considerou aquilo uma ameaça, não sei se tinha razão ou não, mas vendeu as terras de qualquer maneira. Logo que as Três Grandes compraram todas as terras, sob vários nomes diferentes apesar de todos os registros levarem a elas, solicitaram o rezoneamento e o obtiveram.

Cassie riu, deixando escapar um alento discreto e raivoso.

— As suas Três Grandes estavam com o conselho municipal na folha de pagamento o tempo todo — falei.

— É o que parece.

— Chegou a conversar com os conselheiros municipais?

— Ah, claro. Só que não serviu de nada. Foram muito educados comigo e tudo mais, só que eles falam em círculos. Poderiam passar horas falando sem me dar uma única resposta direta. — Olhei para o lado e percebi Cassie com um olhar entretido e dissimulado: Sam, convivendo com um político, já deveria estar acostumado com aquilo. — Disseram que as decisões de rezoneamento eram... só um minuto... — Ele folheou as páginas de seu bloco. — “Nossas decisões foram, em todas as ocasiões, voltadas para favorecer os interesses da comunidade como um todo, e determinadas com base nas informações colocadas à nossa disposição nas alturas relevantes dos acontecimentos, e não foram, de maneira alguma, impactadas por qualquer forma de favoritismo.” E isso não foi nenhuma carta nem nada assim; o homem, de fato, *disse* isso para mim. Durante a conversa, sabe? — Cassie fingiu levar o dedo à garganta.

— Quanto é necessário para se comprar um conselho municipal? — perguntei.

Sam deu de ombros.

— Foram muitas decisões e durou muito tempo, tudo junto deve ter dado uma grana bem alta. As Três Grandes tinham muito dinheiro investido naquelas terras, de uma forma ou de outra. Não gostariam nem um pouco da ideia de mudarem o traçado da rodovia.

— Quanto prejuízo isso traria, de fato, a eles?

Sam indicou duas linhas pontilhadas que cortavam o canto noroeste do mapa.

— De acordo com os agrimensores que consultei, esta é a rota alternativa lógica mais próxima. É por onde a campanha de Jonathan Devlin quer que ela passe. Fica a uns bons três quilômetros de distância, chegando a sete ou oito em alguns pontos. As terras ao norte da rota original ainda permaneceriam bastante acessíveis, mas todos esses caras também têm muitas terras lá pelo sul, e o valor delas despencaria na mesma hora. Conversei com uns dois corretores de imóveis, fingindo interesse em comprá-las; todos me disseram que as terras industriais próximas à rodovia estavam valendo o dobro do mesmo tipo de terra a cinco quilômetros dali. Não cheguei a fazer as contas com exatidão, mas a diferença pode chegar a milhões.

— Valeria o sacrifício de dar alguns telefonemas ameaçadores — Cassie disse baixo.

— Para esse tipo de gente — falei — vale o sacrifício até de gastar alguns milhares de euros a mais para contratar um assassino de aluguel.

Passamos alguns instantes em silêncio. Fã fora o tempo começava a abrir e um tímido raio de sol atravessou o mapa como o holofote de um helicóptero, iluminando um trecho do rio desenhado com suaves traços de caneta e sombreado com uma neblina vermelha. Do outro lado da sala, um detetive que recebia as denúncias tentava livrar-se de alguma pessoa prolixa demais, que não o deixava concluir suas frases. Por fim, Cassie perguntou:

— Mas por que matar Katy? Por que não ir atrás do próprio Jonathan?

— Talvez tenha considerado óbvio demais — eu disse. — Se Jonathan tivesse sido assassinado, nós iríamos diretamente em cima de qualquer inimigo que ele pudesse ter arrumado por causa da campanha. Matando Katy, o assassino pode ter tentado fazer com que parecesse ser um crime sexual, para desviar nossa atenção da questão da rodovia, mas ainda assim permitindo que Jonathan entendesse o recado.

— Se eu não descobrir quem está por trás dessas três empresas, ficarei num beco sem saída. Os fazendeiros não sabem o nome de ninguém e o conselho municipal afirma também ignorar. Vi alguns contratos de venda e propostas, mas estavam assinados por advogados, que dizem não poder divulgar os nomes dos clientes sem permissão.

— Meu Deus!

— E os jornalistas? — Cassie perguntou, de súbito.

Sam agitou a cabeça em sinal de confusão.

— O que é que têm eles?

— Você disse que viu matérias falando da rodovia datadas de 1994. Deve haver jornalistas que continuaram correndo atrás de informação sobre essa história e que teriam uma boa ideia de quem comprou as terras, mesmo que não tenham permissão de divulgar. Isto aqui é a *Irlanda*; segredo é coisa que não existe.

— Cassie — Sam disse com uma expressão animada —, você é um gênio. Vou lhe pagar uma cerveja por isso.

— Não prefere retribuir lendo meus relatórios sobre a vizinhança? As frases de O’Gorman parecem as do George Bush; a maior parte do tempo não tenho nem ideia do que ele está falando.

— Escute, Sam — falei —, se esta história der certo mesmo, nós dois é que vamos passar um bom tempo pagando a sua cerveja. — Sam dirigiu-se até seu lugar à mesa, um tapinha desajeitado e satisfeito no ombro de Cassie, e começou a revirar uma pasta de recortes de jornal como um cachorro que havia acabado de farejar alguma coisa boa. Cassie e eu voltamos aos nossos relatórios.

Deixamos o mapa na parede, onde ele me fazia sentir inquieto por motivos que eu não conseguia definir bem. Acho que era devido à sua perfeição, os detalhes delicados e fascinantes: folhas minúsculas na área do bosque, pedrinhas repletas de protuberâncias no muro da fortaleza... Acho que fiquei com alguma espécie de ideia subconsciente de que algum dia eu olharia para ele de relance e flagraria dois rostos minúsculos e sorridentes se escondendo por entre as árvores de tinta. Cassie desenhou em um dos trechos amarelos um especulador imobiliário de terno e gravata, com chifres e pequenos caninos de onde pingava sangue; o desenho se parecia com o de uma criança de oito anos, mas eu ainda pulava de susto sempre que pegava, pelo rabo do olho, o maldito me olhando com maldade.

Eu havia começado a tentar — tentar de verdade pela primeira vez — lembrar o que havia acontecido naquele bosque. Tentava, insistentemente, estimular minha memória olhando os limites da pequena floresta, sem sequer admitir para mim mesmo o que estava fazendo, como uma criança que cutuca uma crosta de ferida, mas tem medo de olhar. Eu dava longas caminhadas — em geral nas primeiras horas da manhã ou nas noites em que não ficava na casa de Cassie e não conseguia dormir —, passava horas perambulando pela cidade em uma espécie de transe, procurando ouvir os sons mais delicados e recônditos de minha mente. Depois, piscando e confuso, eu me pegava olhando para um cartaz de néon de algum shopping center desconhecido, ou os graciosos ornamentos de alguma casa georgiana na área mais chique de Dún Laoghaire, sem a menor ideia de como havia chegado ali.

Até certo ponto dava certo. Sem amarras, minha mente produzia grandes fluxos de imagens como se fosse uma passagem acelerada de slides e, aos poucos, fui aprendendo a pegar cada imagem que passava voando e a retê-la para exame. Nossos pais nos levando até a cidade para comprar roupa para a primeira comunhão; Peter e eu, elegantes em nossos ternos escuros, chegávamos a nos curvar e urrar de tanto rir quando Jamie — depois de uma demorada batalha aos sussurros com a mãe — saía do provador feminino vestindo um merengue e fazendo cara de nojo. Mick Maluco, o doido da cidade, que passava o ano inteiro vestindo um sobretudo e luvas sem dedos e ficava murmurando sozinho uma infinita torrente de xingamentos e cheios de amargura — Peter dizia que Mick tinha enlouquecido porque, quando jovem, havia engravidado uma garota, e por isso ela se enforcou no bosque e seu rosto ficou preto. Certo dia, Mick começou a berrar do lado de fora da loja do Lowry. A polícia o levou e nunca mais o vimos.

Minha carteira na escola, de uma madeira antiga e cheia de veios, tinha um buraco obsoleto no tampo para um tinteiro e era arranhada e brilhosa devido aos anos e anos de rabiscos: um bastão de *hurling*, um coração com as iniciais dentro garranchadas umas por cima das outras, “Des Pearse esteve aqui em 10/12/67”. Nada especial, sei disso, nada que fosse ajudar na resolução do caso; coisas que nem valiam ser mencionadas. Mas, lembrem-se, eu achava que os primeiros doze anos de minha vida já estavam mais ou menos perdidos, e nunca mais voltariam à minha memória. Para mim, cada pedacinho recuperado

trazia uma aura mágica e de um poder tremendo, um fragmento de Pedra de Roseta entalhado com apenas um caractere atormentador.

E uma vez até consegui me lembrar de uma coisa que, se não chegava a ser útil, poderia ao menos ser considerada relevante. *Metallica e Sandra estão namorando...* Fui percebendo aos poucos, e com uma estranha sensação de afronta, que não éramos os únicos a reivindicar o bosque como território nosso, onde tratávamos de nossos assuntos particulares. Havia uma clareira dentro da mata, não muito longe do velho castelo — os primeiros jacintos da primavera; lutas de espadas com galhos que pareciam chicotes e que deixavam marcas vermelhas em nossos braços; uma moita de arbustos que, ao fim do verão, estavam carregados de amoras silvestres — e às vezes, quando não tínhamos nada mais interessante para fazer, ficávamos espiando os motoqueiros ali. Lembrei-me apenas de um incidente específico, mas que parecia habitual: não havia sido a primeira vez que fazíamos aquilo.

Era um dia quente de verão e eu sentia o sol em minha nuca e o gosto de Fanta na boca. A garota chamada Sandra estava deitada de costas na clareira, em um trecho de grama, com o Metallica metade por cima de seu corpo. Sua blusa descia pelo ombro, exibindo a alça preta de renda do sutiã. Estava com as mãos entre os cabelos de Metallica e eles se beijavam com as bocas escancaradas.

— Eeeca, é assim que se pega germe! — Jamie cochichou perto do meu ouvido.

Grudei-me no chão e senti a grama espetando minha barriga, onde a camiseta havia subido. Respirávamos pela boca para fazer menos barulho.

Peter imitou o estado de um beijo baixinho e cobrimos a boca para não ouvirem nossas risadas, nos cutucando para fazer silêncio. O Cegueta e a garota alta, a dos cinco brincos, estavam do outro lado da clareira. Anthrax praticamente não saía dos limites do bosque. Ficava chutando o muro, fumando e atirando pedras em latas de cerveja. Peter nos mostrou um seixo e abriu um sorriso largo; ele o atirou com um movimento rápido e o seixo saiu fazendo barulho pelo gramado e parando a poucos centímetros do ombro de Sandra. Metallica, que arfava, nem sequer ergueu o olhar, e nós tivemos que esconder os rostos no mato alto até conseguirmos parar de rir.

Foi então que vi que Sandra havia virado a cabeça e estava olhando para mim, diretamente para mim, em meio aos compridos talos de grama e à chicória. Metallica beijava-lhe o pescoço e ela não se mexia. Em algum lugar, perto de minha mão, um gafanhoto cricrilava. Fiquei olhando para ela e sentindo meu coração bater contra o chão.

— Vem, anda — Peter sussurrou com urgência. — Adam, vem! — E as mãos deles puxaram-me pelos tornozelos. Eu recuei me arrastando, arranhando as pernas em espinheiros, de volta à escura sombra das árvores. Sandra continuava olhando para mim.

Havia outras lembranças em que ainda penso com dificuldade. Eu me lembrei, por exemplo, de descer a escada de nossa casa sem tocá-la. Consigo recordar-me disso com todos os detalhes: a textura repleta de nervuras do papel de parede, com seus desvanecentes buquês de rosas; a forma com que um feixe de luz entrava pela porta do banheiro e descia pela escadaria em espiral, passando por partículas de pó, para brilhar em um intenso castanho-avermelhado no polimento do corrimão; o movimento hábil e experiente da mão que eu usava para me impulsionar balaústre abaixo, para descer pairando serenamente no primeiro andar, os pés flutuando lentamente sobre o carpete.

Lembrei-me também de termos encontrado um jardim secreto em algum lugar bem no coração do bosque. Escondido detrás de algum muro ou vão de porta, lá estava ele. Árvores frutíferas aos montes, macieiras, cerejeiras, pereiras; chafarizes de mármore quebrados, com água a gotejar e ainda a borbulhar pelos sulcos verdes de tanto limo e profundamente entalhados na pedra; grandes estátuas drapejadas, com trepadeiras alongando-se por todos os cantos, com os pés em meio às ervas daninhas crescidas descontroladamente, e os braços e a cabeça quebrados e espalhados pelo mato alto e por entre plantações

de cenoura. A luz triste da aurora, o zunido de nossos pés e o orvalho em nossas pernas nuas. A mão pequena e rosada de Jamie sobre as dobras de pedra de um manto, seu rosto virado para cima, encarando os olhos cegos. O silêncio infinito. Eu sabia que, se aquele jardim realmente existisse, já teria sido encontrado pelos arqueólogos em sua inspeção inicial, e as estátuas, a esta hora, já estariam no Museu Nacional e Mark teria empregado todos os seus esforços para descrevê-las em detalhes para nós. Mas este era o problema: eu me lembrava de tudo.

O pessoal da Delegacia de Crimes Cibernéticos me ligou bem cedo na manhã de quarta-feira, já que haviam terminado de vasculhar o computador do nosso último suspeito de ser o Vulto de Agasalho, e confirmaram que estava mesmo na internet quando Katy morreu. Com certa satisfação profissional, ainda disseram que, embora o pobre coitado dividisse a casa e o computador com pai, mãe e esposa, os e-mails e as postagens em fóruns de discussão mostravam que cada um dos ocupantes incorria em seus erros característicos de ortografia e pontuação. As postagens feitas na hora em que Katy estava morrendo batiam perfeitamente com o padrão de escrita do nosso suspeito.

— Mas que droga! — desabafei, desligando o telefone e enterrando o rosto entre as mãos. Já estávamos de posse das imagens do circuito interno do Supermac's, do cara que tinha perdido o ônibus da meia-noite e meia mergulhando batatas fritas em molho *barbecue* com a concentração glacial dos extremamente bêbados. No fundo parte de mim já vinha achando que ia dar naquilo mesmo, mas eu estava me sentindo bastante debilitado, sem dormir, pouco café no organismo, uma dor de cabeça chata e insistente, e ainda estava cedo demais naquela manhã para ficar sabendo que eu dera com os burros n'água com a única pista boa que tinha.

— O que foi? — Cassie perguntou, erguendo o olhar do que estava fazendo.

— O álibi do garoto da Kawasaki foi confirmado. Se o sujeito que Jessica viu for o nosso homem, não é de Knocknaree, e não tenho a mínima ideia de onde começar a procurá-lo. Voltei pra merda da estaca zero.

Cassie lançou sobre a mesa um punhado de papéis e esfregou os olhos.

— Rob, o nosso assassino é da área. Está tudo apontando para isso.

— Então, quem é a porra do Vulto de Agasalho? Se ele tem álibi para a noite do crime e, por coincidência, conversou com Katy um dia, por que não confirmou isso?

— Presumindo — Cassie falou, me olhando meio de lado — que ele exista de fato.

Um arroubo de fúria desproporcional, quase incontrollável, correu por meu corpo.

— Me desculpe, Maddox, mas que porra é essa que você está sugerindo? Que Jessica inventou tudo só de brincadeira? Você nem viu direito as meninas! Por acaso tem alguma ideia do quanto elas estão arrasadas?

— O que estou tentando dizer — Cassie falou com frieza, erguendo as sobrancelhas — é que sou capaz de imaginar certas circunstâncias nas quais elas possam achar que tiveram motivos muito bons para inventar uma história dessas.

Uma fração de segundo antes de eu perder completamente as estribeiras, a ficha caiu.

— *Merda* — falei. — Os pais.

— Aleluia! Sinais de vida inteligente.

— Desculpe por ter me descontrolado com você, Cass. Os pais delas... Merda. Se Jessica acha que foi coisa de um de seus pais e está inventando tudo isso...

— Jessica? Você acha por acaso que ela seria capaz de inventar uma coisa dessas? Ela mal consegue *falar*!

— Está bem, Rosalind, então. Ela inventa a história do Vulto de Agasalho para desviar nossa atenção de seus pais e dá instruções a Jessica. Damien também ter visto um sujeito de agasalho fica sendo mera

coincidência. Mas, se ela se preocupou tanto em fazer isso, Cass... deve estar sabendo de alguma coisa bastante conclusiva. Ou ela ou Jessica devem ter visto ou escutado alguma coisa.

— Na terça-feira... — Cassie começou a dizer, mas se deteve; só que, mesmo assim, a ideia passou entre nós, horrível demais para ser expressa em palavras. Naquela terça-feira, o corpo de Katy devia estar em algum lugar.

— Preciso conversar com Rosalind — eu disse, pegando o telefone.

— Rob, não corra atrás. Vai acabar fazendo com que ela recue. Deixe que ela o procure.

Cassie estava com a razão. Crianças podem ser espancadas, violentadas, sofrer abusos inimagináveis e mesmo assim achar impossível trair os pais, pedindo socorro. Se Rosalind estava mesmo protegendo Jonathan ou Margaret ou os dois, então todo o seu mundo desmoronaria quando ela revelasse a verdade, e ela precisava, sem pressa, chegar à sua própria conclusão de que deveria fazer aquilo. Se eu tentasse pressioná-la, acabaria por perdê-la. Coloquei o telefone de volta no gancho.

Só que Rosalind não me telefonou. Depois de um ou dois dias, meu autocontrole se esgotou e eu liguei para o celular dela. Por diversos motivos, alguns mais incipientes e perturbadores que outros, eu não quis ligar para o telefone fixo. Ninguém atendeu. Deixei recados em sua caixa postal, mas ela não chegou a me ligar de volta.

Cassie e eu voltamos a Knocknaree em uma tarde feia e cinzenta para ver se a família Savage ou Alicia Rowan tinham alguma novidade para nos contar. Estávamos com uma ressaca terrível — foi no dia seguinte ao em que falamos com Carl e vimos seu show de horrores da internet — e conversamos muito pouco durante o caminho. Cassie estava ao volante; fiquei olhando pela janela as folhas balançando com o vento forte e as gotas da chuva fina respingando no vidro. Nem eu nem Cassie sabíamos se eu deveria participar daquilo.

No último minuto, quando já havíamos entrado em minha antiga rua e Cassie estava estacionando, eu me acovardei e resolvi não ir à casa de Peter. Não foi porque a rua me subjugou, com uma súbita torrente de lembranças nem nada assim. Justamente o contrário: ela me lembrava intensamente de todas as outras ruas da vizinhança, mas nada além disso, o que me deixou me sentindo sem equilíbrio e em ampla inferioridade, como se Knocknaree estivesse novamente aprontando uma para cima de mim. Eu havia passado uma quantidade enorme de tempo na casa de Peter e, de alguma forma obscura, sentia que era mais provável que a família dele me reconhecesse se eu não fosse capaz de reconhecê-los primeiro.

Fiquei observando de dentro do carro enquanto Cassie caminhava até a porta da casa e tocava a campainha, e quando uma silhueta indistinta a conduziu para dentro. Então saí do carro e desci a rua a pé, até minha antiga casa. O endereço — Knocknaree Way, número 11, Knocknaree, condado de Dublin — voltou à minha memória com o estrépito automático de uma coisa que havia sido aprendida mecanicamente.

Era menor que em minhas lembranças; mais estreita; o gramado do jardim era um quadradinho apertado, e não a ampla e tranquila vastidão de verde que eu vinha imaginando. A casa havia sido repintada não fazia muito tempo, com um vistoso amarelo manteiga e acabamentos em branco. Altas roseiras vermelhas e brancas perdiam suas últimas pétalas próximas à parede, e fiquei imaginando se tinha sido meu pai que as plantara. Olhei para cima, para a janela do quarto que havia sido meu, e naquele instante a ficha caiu: eu tinha morado ali. Já saí correndo por aquela porta com minha mochila em manhãs de dias de escola, já me debrucei naquela janela para gritar para Peter e Jamie que estavam lá embaixo e aprendi a andar naquele jardim. Tinha subido e descido aquela mesma rua montado em minha bicicleta, até o dia em que nós três pulamos o muro do final da rua e corremos para dentro do bosque.

Vi um belo Polo prateado à entrada da garagem e um garoto loiro, de talvez uns três ou quatro anos, que pedalava um caminhão de bombeiro de plástico ao seu redor, imitando o barulho de uma sirene. Ao

ver que me aproximei do portão, ele parou e me lançou um olhar demorado e solene.

— Olá — falei.

— Vá embora — ele me disse, com firmeza.

Eu não sabia direito como responder àquilo, mas não foi preciso: a porta da frente abriu e a mãe do menino — de uns trinta anos, também loira e bonita de um jeito mais ou menos padronizado — desceu apressadamente pela entrada da garagem e colocou a mão, de maneira protetora, sobre a cabeça dele.

— O que posso fazer pelo senhor? — ela perguntou.

— Sou o detetive Robert Ryan — eu disse, exibindo minha identificação. — Estamos investigando o assassinato de Katharine Devlin.

Ela pegou o distintivo e examinou cuidadosamente.

— Não sei no que posso ajudar — disse ela, me devolvendo o distintivo. — Já falamos com os outros investigadores. Não vimos nada, nem conhecíamos direito os Devlin.

Seus olhos ainda mostravam prudência. O garoto, que estava começando a ficar entediado, fazia ruídos de motor em voz baixa e virava insistentemente o volante, mas a mãe o mantinha no lugar com a mão em seu ombro. Uma música suave — Vivaldi, creio eu — saía pela porta aberta e por um instante cheguei vertiginosamente perto de perguntar-lhe: *Queria só confirmar algumas coisas com a senhora; será que tem algum problema se eu entrar só por um instante?* Mas achei que Cassie ficaria preocupada se sáísse da casa dos Savage e não me visse por ali.

— Estamos apenas verificando tudo mais uma vez — falei. — Agradeço pelo seu tempo.

A mãe ficou me observando enquanto eu saía. Quando entrei de novo no carro, vi quando ela recolheu o caminhão de bombeiro, saindo com ele debaixo de um braço e com o garoto debaixo do outro, e carregou os dois para dentro de casa.

Passei bastante tempo sentado dentro do carro, olhando para a rua e sentindo que lidaria muito melhor com tudo aquilo se pelo menos conseguisse me recuperar da ressaca. Afinal, a porta da casa de Peter se abriu, e eu escutei vozes: alguém vinha descendo a entrada da garagem na companhia de Cassie. Virei a cabeça com uma guinada súbita e fingi estar olhando fixamente na direção contrária, perdido em meus pensamentos, até que escutei a porta se fechar.

— Nada de novo — disse Cassie, inclinando-se à frente da janela do carro. — Peter nunca mencionou ter medo de alguém ou de estar sendo incomodado por qualquer pessoa. Garoto esperto, sabia que não devia ir a lugar algum com um estranho; no entanto, era autoconfiante demais, o que pode tê-lo colocado na encrenca. Eles não suspeitam de ninguém, mas imaginam a possibilidade de ser a mesma pessoa que matou Katy. Estavam meio incomodados com isso.

— E não estamos todos? — perguntei.

— Me pareceu até que eles estão bem. — Não consegui criar coragem para perguntar, mas eu queria saber. Estava até com bastante curiosidade. — O pai não gostou nada de ter que reviver tudo novamente, mas a mãe foi uma gracinha. Tara, irmã de Peter, continua morando com os pais; ficou perguntando de você.

— De mim? — perguntei, sentindo o estômago gelar.

— Quis saber se eu tinha ideia de como você estava. Conte-lhe que a polícia havia perdido o seu rastro, mas que, até onde a gente sabia, você estava bem. — Cassie abriu um sorriso malicioso. — Acho que ela devia gostar de você naquela época.

Tara: um ou dois anos mais nova que nós. Tinha cotovelos pontiagudos e olhos perspicazes, o tipo de criança que estava sempre desentocando alguma coisa para contar à mãe. Graças a Deus que não entrei lá.

— Talvez eu deva ir lá falar com ela, afinal — comentei. — É bonita?

— Faz bem o seu tipo: uma moça bela e robusta, com bons quadris para carregar uma criança. É guarda de trânsito.

— Claro que é — falei, começando a me sentir melhor. — Vou pedir que use o uniforme em nosso primeiro encontro.

— Aí já é informação demais. Muito bem: Alicia Rowan. — Cassie sentou-se ereta e verificou seu bloquinho de anotações atrás do número da casa. — Vai querer entrar comigo?

Levei algum tempo para ter certeza. Na verdade não passávamos muito tempo na casa de Jamie, até onde eu me lembrava. Quando estávamos na casa de alguém, na maioria das vezes tinha sido na de Peter, que era alegremente barulhenta, cheia de irmãos, irmãs e animais de estimação, e a mãe dele fazia biscoitos de gengibre. Os pais tinham comprado uma TV a prestação e deixavam que víssemos desenhos animados.

— Claro — concordei. — Por que não?

Alicia Rowan atendeu à porta. Continuava bonita, mas de um jeito mais descolorido e nostálgico — ossatura delicada, rosto de cavas fundas, cabelos loiros esparsos e olhos azuis enormes e assombrados — como uma estrela de cinema esquecida que com o passar dos anos só ficava mais patética. Percebi a pequena e já esgotada centelha de esperança e medo acender-se em seus olhos quando Cassie nos apresentou, apenas para depois desvanecer-se por completo à menção do nome de Katy Devlin.

— Claro — disse ela. — Sim, é claro, a pobrezinha... será que eles... vocês acham que teve alguma coisa a ver... por favor, entrem.

Assim que entramos, vi que havia sido uma ideia ruim. Foi o odor daquele lugar, uma mistura melancólica de sândalo e camomila, que invadiu o meu subconsciente, levando as lembranças a palpitem como peixes em águas escuras. Um pão com recheio estranho, para comer com o chá; uma pintura de uma mulher nua na escada, que fazia com que nos cutucássemos e ríssemos sem fazer barulho. Escondido dentro de um guarda-roupa, com os braços ao redor dos joelhos, finas saias de algodão flutuando como fumaça no meu rosto. “Quarenta e nove, cinquenta!”, em algum lugar do corredor.

Ela nos levou até a sala de estar (mantas tecidas à mão sobre o sofá e um Buda sorridente, feito de jade enegrecida, sobre a mesa de centro: fiquei me perguntando o que a Knocknaree dos anos 1980 tinha feito com Alicia Rowan) e Cassie encarregou-se do discurso preliminar. Havia — é claro, não sei como não me passou pela cabeça que aquilo aconteceria — uma enorme foto de Jamie sobre a lareira, ela estava sentada no muro que separava o bosque das casas, os olhos apertados por causa da luz do sol e rindo, com o bosque atrás dela, escuro e verde. De cada um dos lados, pequenas fotos emolduradas, e uma delas era de três crianças abraçadas, usando coroas de papel, durante algum Natal ou festa de aniversário... *Eu deveria ter deixado a barba crescer, ou alguma coisa assim*, imaginei ansiosamente, olhando para o outro lado. *Cassie devia ter me dado tempo para...*

— Em nossos arquivos — Cassie começou — do relatório inicial diz que a senhora ligou para a polícia dizendo que sua filha e os amiguinhos haviam fugido de casa. Há algum motivo em especial para a senhora presumir que haviam fugido, em vez de, por exemplo, dizer que se perderam ou que sofreram algum acidente?

— É claro. É porque... Oh, meu Deus! — Alicia Rowan passou as mãos pelos cabelos, mãos compridas que pareciam não ter ossos. — Eu iria mandar Jamie para o internato, só que ela não queria. Isso ainda me faz sentir uma pessoa horrivelmente egoísta... E acho que eu era mesmo. Porém, é verdade que tive meus motivos.

— Sra. Rowan — Cassie disse com delicadeza —, não viemos aqui julgá-la.

— Ah, não, eu sei, eu sei que não vieram. Mas a pessoa sempre julga suas próprias atitudes, não é verdade? E vocês, realmente... ah, vocês teriam que saber da história toda para compreender.

— Não temos problema nenhum em ouvir a história toda. Qualquer coisa que venha a nos contar pode ajudar.

Alicia assentiu com a cabeça, mas sem muita esperança; deve ter escutado aquelas mesmas palavras muitas vezes com o passar dos anos.

— Claro. Claro, eu entendo.

Ela inspirou fundo e soltou o ar devagar, com os olhos fechados, contando até dez.

— Bom... — ela começou. — Eu tinha só dezessete anos quando engravidei de Jamie. O pai era um amigo dos meus pais e era casado, mas eu havia me apaixonado loucamente por ele. E ter um caso me pareceu uma coisa muito sofisticada e ousada, quartos de hotel e as mentiras para encobrir nossas escapadas, e eu não acreditava em casamento, de qualquer maneira. Considerava uma forma antiquada de opressão.

O pai dela. Ele estava nos arquivos — George O'Donovan, consultor jurídico de Dublin —, mas mesmo assim, mais de trinta anos depois, ela continuava a protegê-lo.

— Só que aí a senhora ficou sabendo que estava grávida — Cassie se antecipou.

— Isso. Ele ficou apavorado e, quando meus pais ficaram sabendo de toda a história, foi a vez *deles* ficarem apavorados. Todos tentaram me convencer de que eu deveria entregar o bebê para adoção, mas não aceitei. Não cedi mesmo. Decidi que iria ficar com o bebê e o criaria sozinha. Acho que imaginei naquilo uma certa demonstração de força dos direitos da mulher: uma insurreição contra o patriarcado. Eu era muito jovem.

Ela teve sorte. Na Irlanda de 1972, mulheres eram condenadas por muito menos à prisão perpétua em asilos ou em reformatórios da Igreja Católica para mulheres caídas em pecado.

— Foi bastante corajoso de sua parte — disse Cassie.

— Ah, obrigada, detetive. Vocês sabem de uma coisa? Acho que eu era bastante corajosa mesmo naquela época. Mas fico me perguntando se tomei a decisão certa. Eu costumava imaginar... se tivesse entregado Jamie à adoção, isso... — A voz dela foi baixando.

— Eles cederam, no fim das contas? — Cassie perguntou. — Sua família e o pai de Jamie?

Alicia deixou escapar um suspiro.

— Bom... não. Não posso dizer exatamente que cederam. No final das contas, concordaram com que eu poderia ficar com o bebê, contanto que nos mantivéssemos bem longe de todos eles. Eu havia desgraçado a família, entendem? E também, é claro, o pai de Jamie não queria que sua esposa descobrisse. — Não se ouvia raiva na voz dela, não se ouvia nada além de uma perplexidade simples e comovente. — Meus pais compraram para mim esta casa, boa e bem distante; fui criada em Dublin, em Howth, e me mandavam algum dinheiro de tempos em tempos. Eu enviava cartas e fotografias para o pai de Jamie, para que ele soubesse como ela estava crescendo. Eu tinha certeza de que mais cedo ou mais tarde ele mudaria de ideia e iria querer conhecê-la. E talvez isso acontecesse. Sei lá.

— E quando foi que a senhora resolveu que ela deveria ir estudar em um internato?

Alicia enrolava os cabelos com os dedos.

— Eu... ai, minha nossa... não gosto nem de pensar nisso.

Ficamos esperando.

— Eu tinha acabado de completar trinta anos — ela disse, enfim. — E me dei conta de que não gostava daquilo em que havia me transformado. Trabalhava como garçõete em um café na cidade enquanto Jamie estava na escola, mas a verdade era que não valia a pena, por causa do preço da passagem do ônibus. E como eu não tinha instrução, não conseguia arrumar nenhum outro emprego... percebi que não queria seguir daquele jeito pelo resto da vida. Queria uma coisa melhor para mim e para Jamie. Eu... ah, de certa forma, eu mesma ainda era só uma criança. Nunca tive oportunidade de amadurecer. E era uma coisa que eu *queria*.

— E para conseguir isso — Cassie concluiu — precisava de um tempo para si mesma?

— Isso. Ah, exatamente. Você compreende. — Ela apertou o braço de Cassie num movimento de gratidão. — Queria ter uma profissão propriamente dita, para não ter que ficar precisando da ajuda dos meus pais, mas não sabia ainda *qual*. Precisava de uma chance para descobrir. E quando conseguisse, eu sabia que, provavelmente, teria que fazer alguma espécie de curso e não poderia simplesmente deixar Jamie sozinha o tempo todo... Teria sido completamente diferente se eu tivesse marido ou família. Eu tinha algumas amigas, mas não poderia esperar que elas...

Ela trançava os cabelos cada vez mais apertados em volta dos dedos.

— Faz sentido — disse Cassie, de modo prosaico. — Então, tinha acabado de comunicar sua decisão a Jamie...

— Bom, a primeira vez que falei alguma coisa a respeito foi em maio, quando resolvi. Só que ela ficou revoltada. Tentei explicar, e até a levei a Dublin para que conhecesse a escola, mas isso só piorou ainda mais as coisas. Ela detestou. Disse que todas as garotas de lá eram burras e que só sabiam falar de garotos e roupas. Jamie era uma menina que gostava de fazer coisas de menino, sabem? Adorava passar o tempo todo na rua, no bosque. Detestava imaginar que teria que viver confinada em uma escola da cidade, tendo que fazer exatamente o que todas as outras crianças faziam. E não queria deixar para trás seus melhores amiguinhos. Andava sempre com Adam e Peter, o garotinho que desapareceu junto com ela, sabem? — Resisti bravamente contra o impulso de esconder o rosto atrás de meu bloco.

— Daí vocês discutiram.

— Nossa, e como! Bom, para falar a verdade, foi mais um *cerco* que uma batalha. Jamie, Peter e Adam armaram um *motim* absurdo. Passaram semanas sem falar com qualquer adulto, não falavam com os pais, nem sequer olhavam para nós, não falavam nas aulas e, em todos os deveres de casa, Jamie escrevia “Não me mande embora” na parte de cima...

Era verdade: havia sido mesmo um motim. DEIXE QUE JAMIE FIQUE em letras de forma vermelhas, de uma ponta à outra do papel quadriculado. Minha mãe tentando impotentemente me dissuadir, enquanto eu permanecia sentado, com as pernas cruzadas e impassível no sofá, cutucando a pele ao redor das unhas dos dedos e com o estômago revirando de empolgação e pavor devido à minha própria ousadia. *Mas nós ganhamos*, eu imaginei, perplexo, *sem dúvida, ganhamos*: gritos de comemoração e cumprimentos sobre o muro do castelo, latas de Coca-Cola erguidas lá no alto em um brinde triunfante...

— Mas a senhora fez valer a sua decisão — Cassie lembrou.

— Bom, não exatamente. O fato é que eles conseguiram me cansar. Era muito difícil, toda a vizinhança falando sobre isso e Jamie tratando a coisa como se eu a estivesse mandando para um orfanato diabólico, ou algo assim, e eu não sabia o que fazer... Chegou uma hora em que eu disse que iria pensar a respeito. Falei para eles não se preocuparem, que nós arrumaríamos uma solução, e eles pararam com os protestos. Sinceramente, pensei em esperar mais um ano, mas meus pais tinham se oferecido para pagar o internato, e não tinha como eu saber se não iriam mudar de ideia depois de um ano. Sei que isso me deixa com a imagem de uma péssima mãe, mas falo a verdade quando digo que pensei...

— Que nada! — Cassie disse, e eu também fiz um gesto automático de negação com a cabeça. — Então, quando a senhora comunicou a Jamie que ela iria mesmo afinal...

— Ah, minha nossa, ela... — Alicia retorcia as mãos unidas. — Ela ficou transtornada! Disse que eu tinha mentido para ela, o que não era verdade, eu não menti mesmo... E aí ela saiu de casa batendo a porta e foi atrás dos amiguinhos. Imaginei que voltariam a parar de falar, mas que, pelo menos, seria só por uma ou duas semanas. Esperei até o último minuto para contar a ela, para que ela pudesse aproveitar o verão. E então, quando ela não voltou para casa, logo presumi...

— Presumiu que ela havia fugido de casa — Cassie concluiu por ela com delicadeza e Alicia assentiu. — Ainda considera isso uma possibilidade?

— Não. Sei lá. Ah, detetive, um dia eu penso uma coisa, e no outro... Mas ela tinha um cofrinho. Ela o teria levado, não é mesmo? E Adam ainda estava no bosque. E se tivessem só fugido de casa, sem dúvida, a esta altura dos acontecimentos, ela já teria... já teria...

Ela virou o rosto, erguendo a mão para escondê-lo.

— Quando ocorreu à senhora que talvez ela não tivesse fugido de casa, qual foi a primeira coisa que lhe passou pela cabeça?

Alicia suspirou outra vez e entrelaçou firmemente os dedos sobre o colo.

— Achei que o pai dela de repente pudesse ter... fiquei com a *esperança* de que ele a tivesse levado. Ele não podia ter filhos com a esposa, daí fiquei imaginando que talvez... só que os outros detetives foram investigar e disseram que não.

— Em outras palavras — disse Cassie —, não havia motivo algum para a senhora imaginar que alguém pudesse tê-la machucado. Ela não andava com medo de ninguém, ou chateada com alguma outra coisa nas semanas anteriores?

— Não, até que não. Mas teve um dia, umas duas semanas antes, que ela entrou correndo em casa, muito cedo, depois de estar brincando lá fora. Ela me pareceu um pouco abalada e passou o fim de tarde todo quieta demais. Perguntei-lhe se havia acontecido alguma coisa, se alguém andava importunando, mas ela disse que não.

Alguma coisa obscura deu um salto em minha mente — voltou cedo para casa, *Não, mamãe, não tem problema nenhum* —, mas estava escondida demais para que eu conseguisse alcançá-la.

— Inclusive cheguei a contar isso aos outros detetives, mas não serviu de muita coisa para dar prosseguimento a uma investigação, não é verdade? E talvez não tenha sido nada mesmo, afinal. Deve ter só brigado com os meninos. Talvez eu devesse ter sido capaz de perceber se a coisa era séria ou não... só que Jamie era uma criança bastante reservada. Era difícil perceber, com ela.

Cassie mostrou compreensão com um meneio da cabeça.

— Doze anos é uma idade complicada mesmo.

— É verdade. Aí é que está sabem? Acho que eu ainda não tinha me dado conta de que ela já tinha idade suficiente para... bom, para querer alguma coisa com tanto *ímpeto*. Só que ela, Peter e Adam... eles faziam tudo juntos desde quando eram bebês. Acho que não conseguiam imaginar a vida separados.

Uma onda de revolta me cegou. *Não era para eu estar aqui*, pensei. *Mas que grande merda que tudo isto acabou virando!* Era para eu estar sentado em algum jardim, lá no fim da rua, descalço e com uma bebida na mão, compartilhando as histórias do dia de trabalho com Peter e Jamie. Nunca tinha pensado naquilo antes e fazê-lo quase me levou a nocaute. Todas as coisas que deveríamos ter vivido. Deveríamos ter passado noites acordados juntos, estudando e arrancando os cabelos de preocupação antes de nossos exames finais no colégio; Peter e eu deveríamos ter discutido para ver qual de nós levaria Jamie ao baile de debutantes e implicado com ela, falando mal de seu vestido. Deveríamos ter voltado para nossas casas, cambaleando juntos, cantando e rindo, sem ligar a mínima para os vizinhos, depois de noites de bebedeira na faculdade. Nós poderíamos ter dividido um apartamento, viajado de trem por toda a Europa, tido nossas fases da moda, nossos empregos ruins e casos de amor sofridos. A esta altura, dois de nós poderíamos ter nos casado e dado ao terceiro um afilhado. Eu fui roubado. Curvei a cabeça sobre o bloco, para que Alicia Rowan e Cassie não vissem meu rosto.

— Ainda mantenho o quarto dela do mesmo jeito que deixou — disse Alicia. — Caso... eu sei que é besteira, é claro que sei, mas se algum dia ela voltasse para casa, eu não iria querer que achasse... vocês querem vê-lo? Talvez haja... os outros investigadores podem ter deixado passar alguma coisa...

Uma súbita visão do quarto de Jamie me deixou transtornado — paredes brancas com pôsteres de cavalos, cortinas amarelas esvoaçantes, um móvel suspenso sobre a cama — e percebi que já tinha visto o suficiente.

— Vou esperar no carro — eu disse, e Cassie deu uma rápida olhadela na minha direção. — Agradecemos por sua atenção, sra. Rowan.

Saí, entrei no carro e deitei a cabeça no volante até que minha vista clareasse. Quando ergui os olhos, vi um esvoaçar de amarelo e a adrenalina correu como um raio por meu corpo quando vi que cabelos quase brancos de tão loiros passeavam por entre as cortinas; no entanto, era apenas Alicia Rowan, virando o pequeno vaso de flores no peitoril da janela para que pegasse os últimos raios de sol daquela tarde cinzenta.

— Aquele quarto é sinistro! — disse Cassie, enquanto seguíamos pela sinuosa estrada de terra. — Um pijama sobre a cama e um velho livro aberto no chão, mas nada que me desse qualquer ideia. Era você na foto da lareira?

— Imagino que sim — respondi, ainda me sentindo muito mal; uma coisa que eu não tinha a mínima vontade de fazer era analisar o talento para decoração de Alicia Rowan.

— Aquilo que ela disse de quando Jamie voltou para casa um dia chateada. Não se lembra do porquê?

— Cassie, já conversamos sobre isso. Eu não me lembro de porra nenhuma. Para mim, a vida começou aos doze anos e meio em uma barca rumo à Inglaterra. Entendeu bem?

— Caramba, Ryan! Foi só uma pergunta.

— E agora já sabe a resposta — eu disse, acelerando o carro. Cassie ligou o rádio em alguma música alta e me deixou quieto.

Uns três quilômetros à frente, tirei uma das mãos do volante e brinquei com os cabelos de Cassie.

— Vá se foder, seu merdinha — ela disse, sem rancor.

Sorri aliviado e puxei-lhe um dos cachos. Ela deu um tapa na minha mão.

— Escute, Cass. Preciso lhe perguntar uma coisa.

Ela me olhou com desconfiança.

— Acha que os dois casos têm ligação ou não?

Cassie passou um bom tempo pensando na pergunta e olhando pelo vidro do carro as sebes e o céu cinzento, onde as nuvens se locomoviam rapidamente.

— Não sei, Rob — ela respondeu, enfim. — Há coisas que não batem. Katy foi deixada em um lugar em que não demoraria nada a ser encontrada, enquanto... Em termos psicológicos, faz muita diferença. Mas também existe a possibilidade de o assassino ter ficado traumatizado com a primeira vez e achado que, talvez, fosse sentir menos culpa se procurasse garantir que, desta vez, a família encontrasse o corpo. E Sam tem razão: qual é a probabilidade de dois assassinos diferentes de crianças viverem no mesmo lugar? Se eu tivesse que apostar... Sinceramente, não sei.

Pisei fundo no freio. Acho que Cassie e eu gritamos. Alguma coisa havia atravessado na nossa frente — era escura e passou rente ao chão, com o andar sinuoso de uma doninha ou de um arminho, porém grande demais para ser qualquer um dos dois — e desapareceu depois de entrar pelas sebes do outro lado da rua.

Fomos lançados para a frente em nossos bancos — eu dirigia rápido demais para quem estava em uma estradinha de terra de mão única, mas Cassie era obcecada por cintos de segurança, poderiam ter salvado a vida de seus pais, e nós dois havíamos colocado os nossos. O carro parou em um ângulo bizarro, transversalmente à rua, com uma das rodas a poucos centímetros da vala. Cassie e eu permanecemos imóveis e atordoados. Pelo rádio, uma banda só de garotas gritava sem parar com uma alegria insana.

— Rob? — Cassie me chamou, sem fôlego, depois de um tempo. — Está tudo bem?

Eu não conseguia fazer com que minhas mãos deixassem de apertar o volante.

— Mas que merda foi aquela?

— O quê? — Os olhos dela estavam arregalados e assustados.

— O animal. O que era?

Cassie olhou-me com uma expressão nova em seus olhos, algo que me deixou com quase tanto medo quanto ver aquela criatura.

— Não vi animal nenhum.

— Passou rápido na nossa frente! Você não deve ter visto. Estava olhando para o lado...

— Sim — disse ela, depois do que pareceu um tempo bem longo. — Pois é, acho que estava mesmo.

Uma raposa, talvez?

Sam encontrara seu jornalista depois de poucas horas de procura: Michael Kiely, de 62 anos e semiaposentado depois de uma carreira de sucesso moderado — o auge foi no fim dos anos 1980, depois de descobrir que um ministro do governo havia colocado nove parentes em sua folha de pagamento sob a alegação de serem “consultores”, mas nunca mais recuperou o antigo prestígio. No ano 2000, durante divulgação do projeto para a construção da rodovia, Kiely escreveu uma matéria cheia de malícia, sugerindo que a obra já havia atingido seu objetivo mais importante: havia deixado muitas construtoras satisfeitas na Irlanda naquela manhã. Uma carta de duas colunas do ministro do meio ambiente, explicando que a rodovia serviria, em sua essência, para fazer com que tudo ficasse perfeito para sempre, foi a única coisa publicada posteriormente sobre o assunto pelo jornal.

Entretanto, Sam ainda levou alguns dias para convencer Kiely a encontrar-se com ele — na primeira vez em que ele mencionou Knocknaree, Kiely perguntou, aos brados: “Você, por acaso, acha que tenho cara de idiota, ô rapaz?” e desligou — e mesmo assim, ele não queria ser visto com Sam em lugar nenhum da cidade. Kiely obrigou Sam a ir longe, até um pub vagabundo do outro lado do Phoenix Park: “É mais seguro, meu rapaz, muito mais seguro.”

Kiely tinha o nariz adunco e a cabeleira branca penteada engenhosamente para o lado, como se o vento a tivesse deixado daquela maneira. Sam disse, duvidosamente, que ele tinha uma “aparência meio que poética” durante o jantar daquela noite. Sam pagou para ele um Bailey’s com conhaque (“Meu Deus!”, eu disse, com dificuldade para conseguir comer; “Hmm”, Cassie disse, olhando contemplativamente para sua prateleira de bebidas) e tentou puxar o assunto da rodovia, só que Kiely retraiu-se e ergueu uma das mãos, mexendo as pálpebras como se sentisse dor:

— Sua voz, meu rapaz, abaixe a voz... Ah, tem coisa escondida nessa história, pode ter certeza. Só que alguém, nada de nomes, não quero comprometer ninguém, alguém deu ordem para que eu não cobrisse mais aquela história quase antes de ter começado. Para não sermos processados, foi o que me disseram, já que eu não tinha prova de nada do que estava denunciando... Absurdo. É claro que não era nada disso. Era uma coisa pura e perniciosamente pessoal. Esta cidade, meu rapaz, esta cidade suja e velha tem memória longa.

Mas, na segunda rodada de bebidas, ele já estava um pouco mais solto e mais pensativo.

— Pode-se até dizer... — ele falou para Sam, inclinando-se para a frente em sua cadeira e gesticulando expansivamente. — Pode-se até dizer que *aquele lugar* trazia um mau presságio desde o início. Toda aquela conversa de como Knocknaree viria a ser um novo centro urbano e depois, quando todas as casas naquele fim do mundo foram vendidas, tudo simplesmente foi por água abaixo. Declararam que o orçamento não permitia mais nenhuma obra. Pode-se até dizer, meu rapaz, que o único propósito daquela conversa era garantir que as casas fossem vendidas por preços muito maiores do que seria de se esperar em um lugar no meio do nada. Mas não tenho *prova* nenhuma.

Ele terminou seu drinque e ficou olhando para o copo vazio pensativamente.

— Só digo que acontecem coisas um *pouquinho* fora do normal naquele lugar. Sabia que lá a quantidade de ferimentos e de mortes por acidente durante uma obra foi quase o triplo da média do país? Você acredita, meu bom rapaz, que um lugar possa ter vontade própria? Que possa se rebelar, por assim dizer, contra sua má utilização nas mãos dos seres humanos?

— Pode-se dizer qualquer coisa de Knocknaree, mas não foi o lugar que colocou uma porra de um saco plástico na cabeça de Katy Devlin — eu disse. Fiquei satisfeito por Kiely ser problema de Sam, e não meu. O normal é eu achar esse tipo de absurdo curioso, mas, do jeito com que eu estava me sentindo durante aquela semana, provavelmente teria dado um chute na canela dele.

— E o que foi que você disse? — Cassie perguntou a Sam.

— Falei que acreditava, é claro! — ele disse com serenidade, tentando enrolar o *fettuccine* com o garfo. — Teria dito isso até se ele me perguntasse se eu acreditava que são os homenzinhos verdes que estão comandando o nosso país.

Kiely havia bebido sua terceira dose — Sam iria se divertir para tentar passar essa conta como despesa de trabalho — em silêncio, com o queixo afundado no peito. Por fim, vestiu o casaco, cumprimentou Sam com um aperto de mão demorado e fervoroso e murmurou: “Só olhe quando estiver em um lugar seguro”, e abandonou rapidamente o pub, deixando um papel amassado na palma da mão de Sam.

— Pobre coitado! — disse Sam, remexendo em sua carteira. — Acho que ele se sentiu agradecido por alguém ter lhe dado ouvidos, para variar. Do jeito como ele é, poderia gritar denúncias do alto dos telhados que ninguém acreditaria em sequer uma palavra. — Sam pegou um pedaço de papel prateado, segurou-o cuidadosamente entre o indicador e o polegar e entregou-o a Cassie. Coloquei meu garfo sobre a mesa e me curvei para olhar por sobre o ombro dela.

O papel prateado era do tipo que se vê nos maços de cigarro, enrolado precisa e firmemente. Cassie abriu-o. Atrás vinha escrito com uma letra confusa e borrada de caneta hidrográfica preta: “Dynamo — Kenneth McClintock. Futura — Terence Andrews. Global — Jeffrey Barnes & Conor Roche.”

— Tem certeza de que o cara é confiável? — perguntei.

— Doido de pedra — disse Sam. — Mas é um bom repórter. Ou pelo menos costumava ser. Eu até seria capaz de dizer que ele não teria me dado isso aí se não tivesse certeza.

Cassie passou a ponta do dedo pelo pedaço de papel.

— Se estes nomes tiverem a ver — disse ela —, esta é a melhor pista que conseguimos até agora. Bela jogada, Sam.

— Ele entrou em um carro, sabem? — Sam falou, deixando transparecer uma ligeira preocupação na voz. — Não sabia se eu deveria deixar que dirigisse depois de tanta bebida, mas... é possível que eu precise conversar de novo com ele, claro; preciso dele do meu lado. Será que devo ligar para ver se chegou bem em casa?

O dia seguinte era sexta-feira. Depois de duas semanas e meia de investigação, logo de manhã cedo O’Kelly nos convocou para sua sala. Lá fora o clima estava fresco e cortante, mas o sol entrava pelas amplas janelas, aquecendo nossa sala e fazendo com que quase desse para acreditar que ainda estávamos no verão. Sam estava em seu canto, rabiscando entre telefonemas cochichados; Cassie caçava a ficha de uma pessoa no computador; eu e uns dois auxiliares tínhamos acabado de ir à rua comprar café para todo mundo e distribuíamos as canecas. O ambiente tinha o zum-zum-zum aplicado e ininterrupto de uma sala de aula. O’Kelly passou a cabeça pela porta, enfiou o indicador e o polegar dentro da boca e deu um assobio penetrante; ao ouvir, todos calaram a boca e ele disse: “Ryan, Maddox, O’Neill”, sinalizou com a mão para que o seguissemos e bateu a porta.

Com o canto do olho, vi os auxiliares erguendo as sobrancelhas uns para os outros. Havia uns dois dias que já sabíamos que aquele momento chegaria, ou, pelo menos, eu sabia. Eu ensaiava a cena em minha mente enquanto ia dirigindo para o trabalho, ou debaixo do chuveiro, e até mesmo enquanto dormia, acordando no meio da discussão.

— A gravata — falei para Sam e indiquei com um gesto; o nó da gravata dele sempre afastava-se na direção de uma de suas orelhas quando ele estava se concentrando.

Cassie tomou um gole grande e rápido de seu café e soltou o ar depois de respirar fundo.

— Muito bem — disse ela. — Vamos lá. — Os auxiliares voltaram ao que estavam fazendo, mas eu sentia seus olhos nos seguirem durante todo o percurso, enquanto saíamos da sala e seguíamos pelo corredor.

— E então? — O’Kelly perguntou, logo que entramos em sua sala. Ele já estava sentado atrás de sua mesa, se distraíndo com um horroroso brinquedo cromado de executivo, resquício dos anos 1980. — Como anda a Operação Não sei o quê?

Nenhum dos três se sentou. Oferecemos a ele uma explicação bem elaborada do que havíamos feito para encontrar o assassino de Katy Devlin e por que dera certo. Falávamos muito rápido e nos alongávamos demais, nos repetindo e entrando em detalhes de que ele já tinha conhecimento: todos sentíamos o que nos aguardava, e nenhum de nós queria ouvir.

— Pelo jeito, fizeram mesmo tudo o que tinham que ter feito — disse O’Kelly, depois de, finalmente, termos acabado de falar. Ele ainda se divertia com seu brinquedinho horroroso, clique clique clique... — Vocês já têm um principal suspeito?

— Suspeitamos dos pais — eu disse. — O pai ou a mãe.

— O que significa que não têm indício algum contra nenhum dos dois.

— Ainda estamos investigando, senhor — disse Cassie.

— E eu tenho quatro principais suspeitos dos telefonemas ameaçadores — disse Sam.

O’Kelly ergueu o olhar.

— Eu li os seus relatórios. Tenha cuidado onde pisa.

— Sim, senhor.

— Ótimo — disse O’Kelly, deitando sobre a mesa o brinquedo cromado. — Continuem se esforçando, mas não vão mais precisar de trinta e cinco auxiliares para isso.

Embora eu já esperasse por isso, aquilo me deixou abalado. Para dizer a verdade, nunca deixei de me sentir inquieto com os auxiliares na investigação, mas mesmo assim... liberá-los me pareceu tão horrivelmente significativo, como se fosse um primeiro e irrevogável passo rumo à retirada... Parecia querer dizer que dali a mais algumas semanas O’Kelly nos mandaria de volta à escala de serviços, nos delegaria investigações novas e a Operação Vestal ficaria relegada ao nosso escasso tempo livre; depois de mais alguns meses, Katy seria relegada ao porão, à poeira e às caixas de papelão e recuperada a cada um ou dois anos, se conseguíssemos alguma pista boa e nova. A televisão faria um documentário meloso sobre ela, com uma narração dramática e uma música arrepiante para acompanhar os créditos e deixaria claro que o caso permanecia sem solução. Fiquei imaginando se Kiernan e McCabe tinham escutado aquelas mesmas palavras, naquela mesma sala, provavelmente de alguém brincando com o mesmo brinquedo sem graça.

O’Kelly percebeu o motim se formando em nosso silêncio.

— O que foi? — ele perguntou.

Então tentamos os nossos discursos preparados mais fervorosos e eloquentes, mas, mesmo enquanto eu falava, sabia que não adiantaria de nada. Prefiro não me lembrar de grande parte do que falei; tenho certeza de que, já no final, eu devia estar balbuciando.

— Senhor, sempre soubemos que não seria uma investigação fácil — eu disse. — Mas estamos chegando lá pouco a pouco. Considero um erro largarmos a investigação agora.

— Largar? — O’Kelly perguntou, indignado. — Quando foi que me ouviu dizer que largaríamos o caso? Não vamos largar nada. Vamos só reduzir a equipe.

Ninguém respondeu. Ele inclinou-se para a frente e pôs as pontas dos dedos em cima da mesa.

— Escutem — ele disse, com mais tato —, isso é simples análise de custo-benefício. Vocês já tiraram o máximo que podiam dos auxiliares. Quantas pessoas ainda precisam ser interrogadas?

Silêncio.

— E quantas denúncias recebemos por telefone?

— Cinco — Cassie respondeu, depois de algum tempo. — Até agora.

— Alguma delas relevante?

— Provavelmente não.

— Então, pronto. — O’Kelly abriu os braços. — Ryan, foi você mesmo que disse que não seria uma investigação fácil. É justamente o que estou dizendo agora: algumas investigações se resolvem mais rapidamente, outras, mais lentamente. Esta ainda vai levar mais algum tempo. Só que, enquanto isso, desde que a de vocês começou, já ocorreram mais três homicídios. Tem uma guerra do tráfico comendo solta na zona norte e gente me ligando a torto e a direito querendo saber onde estou escondendo todos os detetives da cidade de Dublin. Entendem o que estou tentando dizer?

Eu entendia, até bem demais. Por mais que eu tenha reclamações para fazer de O’Kelly, sou obrigado a dar o braço a torcer em uma coisa: qualquer outro superintendente teria tirado o caso de Cassie e de mim logo no início. Dublin continua sendo, basicamente, uma cidade pequena; em geral desde o início de uma investigação já temos uma ideia de quem seja o culpado, e a maior parte do tempo e do trabalho é dedicada não para identificar o assassino, mas para construir uma argumentação que não venha a ser desqualificada. Nos primeiros dias, quando ficou evidente que a Operação Vestal seria exceção, e uma das grandes, O’Kelly deve ter se sentido tentado a nos mandar de volta para o caso McLoughlin e entregar a investigação para Costello ou para algum dos outros caras mais experientes. Não me acho ingênuo, mas, quando vi que ele não iria mesmo trocar os investigadores, considerei aquilo uma lealdade obstinada — não para conosco, pessoalmente, mas para com os detetives sob seu comando. Eu havia gostado da ideia, mas agora me perguntava se tal decisão, talvez, não tivesse sido motivada por alguma outra razão: como se algum sexto sentido velho de guerra que ele tivesse soubesse o tempo todo que o caso estava condenado.

— Fiquem com um ou dois deles — O’Kelly disse, magnânimo. — Para atender às denúncias, para andar para cima e para baixo, essas coisas. Quem vocês querem?

— Sweeney e O’Gorman — respondi. Àquela altura eu já conhecia razoavelmente bem os nomes dos auxiliares, mas naquele momento só consegui me lembrar daqueles dois.

— Vão para casa — disse O’Kelly. — Tirem o fim de semana de folga. Tomem umas cervejinhas, aproveitem para dormir... Ryan, seus olhos estão no buraco. Vá passar um tempo com suas namoradas ou com quem quiser. Volte na segunda-feira com mais ânimo.

Depois que saímos para o corredor, não olhamos mais uns para os outros. Ninguém chegou a fazer qualquer menção de voltar para a nossa sala central das investigações. Cassie apoiou-se na parede e ficou levantando os pelos do carpete com a ponta do sapato.

— De certa forma, ele tem razão — Sam, enfim, disse. — Uma folga será ótima para nós.

— Não, Sam — pedi. — Simplesmente não.

— O quê? — Sam perguntou, perplexo. — Não o quê? — Desviei o olhar.

— É essa ideia da coisa — disse Cassie. — Não deveríamos estar nesta sinuca de bico. Temos o corpo, a arma do crime, o... Já deveríamos *ter* alguém.

— Bom — eu disse —, o que *eu* vou fazer eu já sei. Vou atrás do primeiro pub que não seja horrível e vou ficar bêbado feito um gambá. Alguém vem comigo?

Fomos, afinal, para o Doyle's: música dos anos 1980 meio alta demais e muito poucas mesas. Engratados e estudantes lado a lado no balcão. Nenhum de nós estava com a mínima vontade de ir para um pub de policiais, onde, inevitavelmente, todos que conhecêssemos iriam querer saber como estavam os progressos da Operação Vestal. Mais ou menos na terceira rodada, enquanto eu voltava do banheiro, meu cotovelo chocou-se contra o de uma garota, o que fez com que seu copo transbordasse e espirrasse a bebida em nós dois. A culpa havia sido dela — que havia chegado para trás bruscamente, rindo de alguma coisa dita por uma de suas amigas e vindo diretamente para cima de mim —, só que era extremamente atraente, do tipo delicado que sempre me atrai, e havia olhado para mim de um jeito meigo e apreciativo enquanto nos desculpávamos um com o outro e comparávamos os prejuízos, então paguei outra bebida para ela e puxei conversa.

Ela se chamava Anna e fazia mestrado em história da arte; os cabelos louros caíam-lhe como uma pequena cascata e faziam com que eu me lembrasse de praias quentes. Ela usava uma daquelas esvoaçantes saias brancas de algodão e tinha uma cintura que eu poderia ter, facilmente, envolvido com as minhas mãos. Contei-lhe que eu era professor de literatura de uma universidade da Inglaterra e que tinha ido à Irlanda fazer uma pesquisa sobre Bram Stoker. Ela sorvia a borda de seu copo e ria de minhas piadas, exibindo dentes brancos pequenos e sedutoramente salientes.

Atrás dela, Sam abriu um sorriso largo e ergueu uma das sobrancelhas. Cassie me imitou como se eu estivesse ofegante e com o olhar de um cãozinho pidão, mas eu nem liguei. Fazia muito tempo da última vez que eu tinha dormido com alguém e eu queria muito ir para a casa daquela garota, entrar escondido com ela, às risadinhas, em um apartamento de estudante com pôsteres de arte nas paredes, enroscar seus cabelos extravagantes em meus dedos e deixar minha mente ir apagando pouco a pouco, até ficar totalmente vazia, passar a noite inteira e a maior parte do dia de amanhã deitado em sua cama cheirosa e segura, e nem sequer uma vez pensar em nenhuma daquelas duas merdas de casos. Coloquei a mão no ombro de Anna para tirá-la do caminho de um sujeito que vinha carregando precariamente quatro cervejas e mostrei o dedo do meio para Cassie e Sam por trás das costas dela.

O fluxo de pessoas que iam e vinham cada vez nos aproximava mais. Já havíamos deixado para trás o assunto de nossos respectivos estudos — quem dera eu soubesse mais sobre Bram Stoker — e agora falávamos das Ilhas de Aran (Anna e uma turma de amigos, no verão do ano anterior; as belezas da natureza; a satisfação de se fugir da vida urbana e de toda a sua superficialidade) e ela começara a tocar meu pulso para enfatizar o que dizia quando um de seus amigos separou-se do numeroso grupo e veio colocar-se atrás dela.

— Está tudo bem, Anna? — ele perguntou com um tom ameaçador, envolvendo-lhe a cintura com o braço e olhando fixamente para mim como um boi.

Fora da linha de visão dele, Anna revirou os olhos, para que eu visse, com um sorrisinho conspirador.

— Está tudo *bem*, Cillian — disse ela. Não achei que fosse seu namorado, ela não vinha se comportando como se fosse comprometida, mas, se não era, evidentemente queria ser. O sujeito era grande e até bonito, já que era forte, apesar da pouca estatura; obviamente ele já vinha bebendo havia algum tempo e estava louco atrás de uma desculpa para me convidar para resolvermos aquela história lá fora.

Por um instante até pensei em topar. *Não ouviu o que a moça disse, meu chapa? Volte para junto dos seus amiguinhos...* Olhei de relance para onde estavam Sam e Cassie, que já haviam deixado de interessar-se por mim e empenhavam-se concentradamente em sua conversa, com as cabeças curvadas

bem próximas para que conseguissem se ouvir em meio a toda aquela algazarra. Sam ilustrava alguma coisa com o dedo sobre a mesa. De repente, cansei de mim mesmo e de meu *alter ego* professoral e, por associação, de Anna e de qualquer que fosse o joguinho de que ela estivesse fazendo comigo e com o tal do Cillian.

— É melhor eu ir procurar a minha namorada. Peço desculpas novamente por ter derramado a sua bebida — eu disse, dando as costas ao espantado círculo cor-de-rosa que ela havia feito com a boca e à confusa ostentação de agressividade dos olhos de Cillian.

Passei o braço por trás dos ombros de Cassie por um instante, enquanto me sentava, e ela olhou para mim com desconfiança.

— Levou um fora? — Sam perguntou.

— Que nada — disse Cassie. — Aposto que mudou de ideia e disse à garota que tem namorada. Foi por isso que chegou passando a mão em mim. Da próxima vez que aprontar uma dessas, Ryan, vou tascar um beijão no Sam só para fazer com que os amigos da sua garota lhe ensinem uma lição por brincar com ela.

— Muito bom! — Sam disse, com satisfação. — Adorei a brincadeira.

Quando o bar fechou, Cassie e eu fomos para o apartamento dela. Sam voltou para casa. Era sexta-feira e não precisávamos acordar cedo no dia seguinte; parecia não haver motivo para fazer qualquer coisa que não fosse deitar no sofá, beber, trocar a música de vez em quando e deixar o fogo queimar até o fim, até restar apenas uma brasa sussurrante.

— Sabe de uma coisa? — Cassie falou com preguiça, resgatando um pedaço de gelo de dentro de seu copo para mastigar. — Nós estamos nos esquecendo de que as crianças pensam de um jeito diferente.

— Do que está falando? — Até ali conversávamos sobre Shakespeare, algo sobre as fadas de *Sonhos de uma noite de verão*, e minha mente permanecera no assunto. Achei que ela começaria uma de suas analogias, típicas da madrugada, entre a forma com que uma criança pensa e como as pessoas pensavam no século XVI, e já estava preparando uma réplica.

— Estamos tentando adivinhar como ele conseguiu que ela fosse até o local em que foi assassinada... não, pare com isso e me escute. — Eu tinha começado a empurrar a perna dela com o meu pé e também a reclamar.

— Não quero saber, estou de folga, não estou escutando, lá lá lá... — Eu estava com a vista já meio embaçada por causa da vodca e do avançado da hora e tinha resolvido que estava farto daquela investigação frustrante, confusa e intragável. Minha vontade era falar mais sobre Shakespeare, ou talvez jogar baralho.

— Quando eu tinha onze anos, um cara tentou me molestar — Cassie disse.

Parei de chutá-la e ergui a cabeça para olhar para ela.

— Como é? — perguntei, um pouco cuidadosamente demais. Logo percebi que aquele, finalmente, era o quarto secreto de Cassie e que eu, enfim, seria convidado a entrar.

Ela me lançou uma olhada de surpresa.

— Não, ele não chegou a fazer nada comigo. Não foi nada de mais.

— Ah, tá — falei, me sentindo um tolo e, secretamente, um pouco chateado. — O que houve, então?

— A febre do momento na escola onde eu estudava eram as bolinhas de gude. Todo mundo passava o tempo inteiro jogando, no horário do almoço, depois da aula... Nós as carregávamos para cima e para baixo dentro de uma bolsinha de plástico, e a quantidade que você tinha era uma coisa superimportante. Daí, teve um dia em que fui obrigada a ficar na escola depois da aula...

— Logo você? Estou pasmo! — brinquei e depois peguei no chão o meu copo. Não sabia direito onde aquela história iria terminar.

— Vá se foder; só porque você era o modelinho perfeito de aluno. Enfim, eu estava indo embora e um dos funcionários, não era professor; deve ter sido um zelador, faxineiro ou alguma coisa assim, saiu de um barracão e me perguntou se eu queria bolinhas de gude, que era só eu entrar ali com ele que me daria as bolinhas. Era já velho, devia ter uns sessenta. Tinha cabelos brancos e usava um bigode grande. Então, eu me aproximei, passei pela porta do barracão e acabei entrando.

— Boa, Cass. Sua coisinha inocente — eu disse, tomando mais um gole, colocando o copo no chão e puxando os pés dela para o meu colo para massageá-los.

— Não, já falei que não aconteceu nada de mais. Ele veio por trás de mim e pôs as mãos sob meus braços, como se fosse me erguer, só que, nessa hora, ele começou a mexer nos botões da minha blusa. Quando eu perguntei o que estava fazendo, ele me disse que guardava as bolinhas de gude em uma prateleira e que iria me levantar para que eu pudesse pegá-las. Eu sabia que havia alguma coisa muito errada em tudo aquilo, mesmo sem ter ideia do que fosse, e então me afastei dele com um giro, disse que não queria bola de gude nenhuma e saí correndo para casa.

— Você teve sorte — comentei. Os pés dela eram magros e com plantas muito curvadas; mesmo por cima das meias grossas e macias que ela usava em casa, dava para sentir os tendões e os ossinhos mexendo-se sob meus polegares. Imaginei-a aos onze anos, toda desajeitada, com as unhas roídas e sérios olhos castanhos.

— Tive mesmo. Só Deus sabe o que poderia ter acontecido.

— E chegou a contar para alguém? — Eu ainda queria tirar mais daquela história; queria arrancar dela alguma revelação bombástica, algum segredo terrível e vergonhoso.

— Não. Fiquei sentindo muito nojo daquela história toda e, de qualquer maneira, eu nem sabia o que contar. Aí é que está: nunca chegou a me ocorrer que tinha alguma coisa a ver com sexo. Eu já *sabia* sobre sexo, conversava com minhas amigas sobre isso o tempo *todo*. Eu sabia que havia alguma coisa errada, tinha consciência de que ele estava tentando desabotoar a minha blusa, mas não cheguei a ligar os fatos. Anos mais tarde, quando eu já devia ter uns dezoito, alguma coisa me fez lembrar aquele dia, devo ter visto crianças brincando com bolinhas de gude ou alguma coisa parecida, e subitamente eu entendi: ai, meu Deus, aquele cara estava tentando me *molestar*!

— E o que isso tem a ver com Katy Devlin? — perguntei.

— Crianças não associam as coisas do mesmo jeito que um adulto — disse Cassie. — Dê-me seus pés que eu faço uma massagem.

— Nem pensar. Não está vendo as ondas de chulé saindo das meias?

— Nossa, você é nojento! Nunca troca as meias?

— Só quando elas grudam na parede, de acordo com a tradição dos solteirões.

— Isso não é tradição. É involução.

— Então fique à vontade — falei, estendendo os pés e empurrando-a com eles.

— Não. Arrume uma namorada.

— Que bobagem é essa agora?

— Uma namorada não se importa se suas meias cheiram como um queijo Stilton. Uma amiga, sim. — Mesmo assim, ela deu com as mãos uma sacudidela rápida e profissional e pegou meu pé. — Além disso, talvez você não fosse tanto um pé no meu saco se transasse mais.

— Olha quem está falando! — eu disse, me dando conta, enquanto falava, de que eu não fazia a menor ideia do quanto Cassie transava. Ela teve um namoro quase sério, antes de eu conhecê-la, com um advogado chamado Aidan, mas de alguma forma ele sumiu da vida dela mais ou menos na época em que ela entrou para a Divisão de Narcóticos; é muito raro um relacionamento sobreviver quando um dos dois trabalha disfarçado. É óbvio que eu ficaria sabendo se ela tivesse arrumado um namorado desde então, e gosto de pensar que também ficaria sabendo se ela, pelo menos, estivesse saindo com alguém, o que quer que isso signifique, mas, fora isso, eu não sabia de nada. Sempre presumi que isso acontecia porque não

havia nada para eu ficar sabendo, mas subitamente eu já não tinha mais tanta certeza assim. Olhei para Cassie com uma expressão de incentivo, mas ela só fazia massagear meu calcanhar e olhar para mim com seu melhor sorriso enigmático.

— O outro fator — disse ela — foi o porquê de eu ter resolvido entrar no barracão dele. — A mente de Cassie parece um trevo rodoviário: segue por caminhos opostos e imprevisíveis, depois converge vertiginosamente de volta ao ponto inicial. — Não foi só pelas bolinhas de gude. Ele falava com um sotaque forte do interior, parecia saído de uma floresta. Aqueles cabelos e bigodes brancos me sugeriam que talvez ele fosse um daqueles velinhos misteriosos retratados nas fábulas e que, dentro do barracão, ele teria espelhos mágicos, poções, pergaminhos antiquíssimos e dragões pequenos presos dentro de gaiolas. Eu *sabia* que aquilo lá era só um barracão e que ele era só um zelador, mas ao mesmo tempo fiquei pensando que poderia bem ser a minha chance de ser uma daquelas crianças que entram pelo guarda-roupa e saem em outro mundo, e não conseguiria viver com a ideia de passar o resto da vida sabendo que poderia ter perdido essa oportunidade.

Como posso fazer com que alguém entenda o meu relacionamento com Cassie? Eu teria que levar a pessoa para dentro da nossa relação, traçar com ela cada um dos caminhos da secreta geografia que compartilhamos. Segundo o senso comum, é improvável existir uma amizade verdadeira e platônica entre um homem e uma mulher heterossexuais; mas nós tirávamos treze nos dados, cinco ases na mão e fugia rindo. Ela era a prima das férias de verão dos livros de histórias, a que você ensinava a nadar em algum lago, cercado por zumbidos de mosquitos, e importunava colocando girinos dentro de seu maiô. Com quem você treinava os primeiros beijos escondido no mato, e se lembravam disso anos depois, às gargalhadas, fumando um baseado no sótão cheio de tralhas de sua avó. Ela pintou minhas unhas da mão de dourado e me desafiou a deixá-las assim para ir ao trabalho. Conteí para Quigley que ela achava que o estádio de Croke Park deveria ser transformado em shopping center, e fiquei só observando-a tentar decifrar o olhar indignado e confuso que ele deu. Ela cortou o plástico de seu novo *mousepad* e colou a parte que trazia escrito TOQUE-ME — SINTA A DIFERENÇA às costas de minha blusa, e eu acabei levando metade do dia para perceber o que tinha feito. Saíamos pela janela do apartamento dela, descíamos pela escada de incêndio e ficávamos deitados, no telhado logo abaixo, bebendo, cantando Tom Waits e observando as estrelas girando vertiginosamente à nossa volta.

Não. São histórias em que gosto de pensar como se fossem pequenas e brilhantes moedas, mas de muito valor; só que, mais importante do que tudo isso que fazíamos, ela era a minha parceira. Nem mesmo hoje em dia sei explicar o que essa palavra faz comigo; o que significa. Eu poderia contar as vezes em que revistamos quarto por quarto, segurando as armas com as duas mãos e os braços estendidos, em casas silenciosas, onde algum suspeito poderia estar armado e esperando atrás de qualquer porta; ou as longas noites de vigilância, sentados em um carro escuro, bebendo café preto de uma garrafa térmica e tentando jogar baralho à luz de um poste. Uma vez perseguimos dois ladrões de carro que bateram e fugiram para o território deles — uma terra arrasada, repleta de pichações e lixo que passava voando pelas janelas a cem quilômetros por hora. Pisei fundo no acelerador e não olhei mais para o velocímetro — até que eles rodaram e se chocaram contra um muro. Daí pegamos o motorista, de uns quinze anos, que só fazia chorar, prometendo-lhe que sua mãe e a ambulância chegariam logo enquanto ele morria em nossos braços. Em um conjunto habitacional de má reputação, capaz de mudar a imagem que as pessoas têm do que é a natureza humana, um drogado partiu com tudo para cima de mim, empunhando uma seringa. E nem era ele o nosso alvo, estávamos mesmo era atrás do irmão, e a conversa parecia estar evoluindo normalmente, até que sua mão mexeu-se rápido demais e de repente eu tinha uma agulha a poucos centímetros do pescoço. Enquanto eu ficava ali, paralisado, suando em bica e rezando freneticamente para que nenhum dos dois espirrasse, Cassie sentou-se com as pernas cruzadas no carpete

fedido do apartamento, ofereceu ao sujeito um cigarro e passou uma hora e vinte minutos conversando com ele (no decorrer desse tempo, ele fez várias exigências: ver nossos distintivos, um carro, uma dose da droga, um refrigerante e que o deixássemos em paz); ela conversou com ele de forma tão natural, e com um interesse tão sincero que ele, enfim, largou a seringa e desceu deslizando as costas pela parede até sentar-se de frente para ela. Ele estava começando a lhe contar a história de sua vida, quando consegui recuperar o controle de minhas mãos o suficiente para algemá-lo.

As mulheres com quem sonho são aquelas meiguinhas, melancólicas, vistas no alto da janela ou entoando velhas canções românticas em um piano, com os longos cabelos a voar, delicadas como uma flor de macieira. Mas uma mulher que encara uma guerra ao seu lado e protege a sua retaguarda é diferente, é uma coisa que faz você se arrepiar como na primeira vez que dormiu com uma pessoa, ou a primeira vez que se apaixonou: aquela explosão ofuscante que fez com que você sentisse a eletricidade percorrendo seu corpo e crepitando nas pontas dos dedos. Posso garantir que não há nada comparado ao poder de colocar a sua vida, simples e diariamente, nas mãos de uma outra pessoa.

Naquele fim de semana, fui visitar meus pais para jantar com eles no domingo. Faço isso a cada intervalo de algumas semanas, embora não saiba direito o porquê. Não somos íntimos; o melhor que conseguimos atingir é um estado mútuo de uma educação cordial e levemente perplexa, como gente que se conhece em uma excursão turística e não consegue arrumar um jeito de acabar com a ligação criada. Às vezes, levo Cassie comigo. Meus pais a adoram — ela implica com o talento para jardinagem do meu pai e às vezes, quando está ajudando minha mãe na cozinha, escuto as estridentes e satisfeitas gargalhadas de minha mãe, parecendo uma garotinha — e ficam fazendo observações maliciosas, dizendo o quanto somos próximos, o que ignoramos sem perder o bom humor.

— Por que Cassie não veio? — minha mãe perguntou, após o jantar. Tinha preparado macarrão com queijo. Ela meio que acha que é o meu prato preferido (e pode muito bem ter sido, em algum momento de minha vida) e o prepara, como uma pequena e acanhada manifestação de solidariedade, sempre que algo no jornal indica que algum caso em que estou trabalhando não esteja indo bem. Só o cheiro já me deixa claustrofóbico e ansioso. Estávamos juntos na cozinha; eu lavava a louça e ela a secava. Meu pai estava na sala de estar, vendo um filme do Colombo na TV. A cozinha era um pouco escura, e nós acendemos a luz, embora ainda nem tivéssemos passado do meio da tarde.

— Acho que ela foi para a casa dos tios — foi o que respondi, só que, na verdade, Cassie devia estar toda enrolada no sofá de sua casa, lendo e tomando sorvete direto do pote, não andávamos tendo muito tempo para nós mesmos no decorrer das últimas duas semanas e Cassie, assim como eu, sente necessidade de passar um tempo sozinha, mas eu sabia que deixaria minha mãe chateada imaginá-la passando sozinha o domingo.

— Será bom para ela, se distrair. Vocês dois devem estar cansados.

— Estamos bastante cansados mesmo.

— Ir e voltar tanto assim de Knocknaree...

Meus pais e eu só conversamos sobre meu trabalho superficialmente é nunca falamos de Knocknaree. Ergui o olhar com atenção, mas minha mãe estava inclinando um prato na direção da luz para ver se ainda estava molhado.

— É meio longe sim — respondi.

— Li no jornal — minha mãe disse com cuidado — que a polícia tinha voltado a conversar com as famílias de Peter e Jamie. Foram você e Cassie?

— Com os Savage, não. Mas, com a sra. Rowan, fui eu sim. Isto aqui está limpo para você?

— Está ótimo — disse minha mãe, tirando o pirex de minhas mãos. — Como anda Alicia?

Alguma coisa na voz de minha mãe fez com que eu olhasse novamente para ela, assustado. Ela percebeu que eu a fitava e enrubesceu retirando os cabelos do rosto com a parte de trás do pulso.

— Ah, nós éramos grandes amigas. Alicia era... bom, acho que ela era quase como uma irmã mais nova para mim. Perdemos o contato depois. Eu só queria saber se ela está bem.

Senti uma onda de desconforto e um certo pânico retroativo: se eu soubesse que Alicia Rowan e minha mãe tinham sido tão amigas, nunca teria chegado perto daquela casa.

— Acho que está bem — eu disse. — Na medida do possível. Ela não mexeu em nada do quarto de Jamie.

Minha mãe muxoxou de tristeza. Passamos mais algum tempo lavando a louça em silêncio: os talheres batendo, e Peter Falk interrogando alguém astuciosamente no cômodo ao lado. Lá fora, um casal de pássaros pousou no gramado e começou a ciscar no pequeno jardim.

— Dois significam alegria — minha mãe disse automaticamente, deixando escapar um suspiro. — Acho que nunca me perdoei por ter perdido contato com Alicia. Ela não tinha mais ninguém. Era uma menina tão meiga, inocente de verdade... continuava com esperanças de que o pai de Jamie fosse largar a esposa, mesmo depois de tanto tempo, e que eles formariam uma família... Ela chegou a se casar?

— Não. Mas até que não me pareceu infeliz. É professora de ioga. — A água com sabão da pia tinha ficado morna e viscosa; peguei a chaleira e despejei mais água quente.

— Esse foi um dos motivos pelos quais fomos embora de lá, sabia? — disse minha mãe, de costas para mim, separando os talheres dentro da gaveta. — Eu não conseguia olhar nos olhos deles, de Alicia, Angela e Joseph. Eu tive meu filho devolvido para mim são e salvo, enquanto eles estavam passando por uma experiência infernal... eu mal conseguia sair de casa, tamanho era o medo que eu tinha de encontrá-los na rua. Sei que parece loucura, mas eu me sentia culpada. Achava que eles deveriam me odiar por você ter voltado para casa são e salvo. Não vejo como poderiam sentir-se de outra maneira.

Aquilo me deixou surpreso. Acho que toda criança é egocêntrica mesmo; nunca tinha me ocorrido que a mudança pudesse ter acontecido para o bem de outra pessoa que não fosse o meu.

— Nunca pensei nisso assim — falei. — Que moleque egoísta eu era!

— Você era um amorzinho — disse minha mãe, inesperadamente. — A criança mais carinhosa que já existiu. Quando voltava da escola, ou depois de brincar, sempre me dava um abraço enorme e um beijo, mesmo quando já estava quase do meu tamanho, e me perguntava: “Senti minha falta, mamãe?” Em geral trazia alguma coisa para mim, uma pedrinha bonita ou uma flor. Ainda tenho a maioria delas guardada.

— Eu? — Fiquei contente por não ter levado Cassie. Eu praticamente conseguia ver o lampejo de ironia em seus olhos se ela tivesse escutado aquilo.

— Pois é, você mesmo. Foi por isso que fiquei tão preocupada quando não conseguimos encontrá-lo naquele dia. — De repente ela pegou meu braço e apertou-o quase com violência; mesmo depois de tantos anos, escutei o esforço em sua voz. — Eu entrei em pânico, sabe... Todo mundo só sabia dizer que era normal, que vocês só tinham fugido de casa, que criança faz isso mesmo, que não demorariam a ser encontrados... mas eu dizia que não, não o meu Adam. Você era um doce de menino, muito bonzinho. Eu sabia que não faria aquilo conosco.

Ouvir o meu nome dito por ela fez com que alguma coisa percorresse meu corpo, alguma coisa rápida, primitiva e perigosa.

— Não me lembro de ter sido uma criança particularmente angelical — falei.

Minha mãe sorriu, olhando pela janela da cozinha; o olhar distraído em seu rosto, lembrando-se de coisas de que eu não conseguia me deixar impaciente.

— Ah, angelical, não. Atencioso. Naquele ano, você vinha amadurecendo rápido. Convenceu Peter e Jamie a pararem de atormentar aquele pobre menininho, como era mesmo o nome dele? O que usava óculos e tinha uma mãe horrível, que fazia as flores para a igreja.

— O Pequeno Willy? — perguntei. — Não fui eu, foi o Peter. Eu teria ficado perfeitamente satisfeito em continuar a atormentá-lo infinitamente.

— Não, foi você — minha mãe falou com firmeza. — Vocês três fizeram alguma coisa de que não me lembro, mas que fez com que ele chorasse, e aquilo deixou você tão chateado que resolveu que teriam que deixar o pobre coitado em paz. Você até ficou preocupado, pensando que Peter e Jamie poderiam não compreender. Não se lembra?

— Para dizer a verdade, não — respondi. De fato, aquilo me deixou mais perturbado que qualquer outra coisa em toda aquela conversa inquietante. É de imaginar que eu fosse preferir a versão de minha mãe daquela história à minha, mas não foi o que aconteceu. Era possível, é claro, que ela tivesse,

inconscientemente, alterado a história para me colocar como o herói, ou que eu mesmo o tenha feito, mentido para ela, à época; só que, no decorrer das semanas anteriores, eu havia passado a pensar em minhas lembranças como se fossem genuínas, coisas que deveriam ser descobertas e valorizadas, e foi profundamente perturbador imaginar que pudessem ser ouro de tolo: traiçoeiras, obscuras e totalmente diferente do que aparentavam ser. — Se já acabou a louça para lavar, acho que é melhor eu entrar para passar um tempo conversando com o meu pai.

— Ele vai gostar. Pode ir, eu termino aqui. Leve duas latas de cerveja; estão na geladeira.

— Obrigado pelo jantar, mãe — falei. — Estava uma delícia.

— Adam — minha mãe me chamou subitamente enquanto eu me virava para deixar a cozinha; aquela sensação intensa e traiçoeira voltou a subir pela minha espinha, e ah, meu Deus, como eu queria ser aquele amor de criança por mais um momento, como eu queria me virar para trás e enterrar o rosto em seu ombro caloroso, com cheiro de torrada, e contar-lhe, em meio a grandes soluços cheios de lágrimas, como tinha passado aquelas últimas semanas. Imaginei a cara que ela faria se eu realmente chegasse a fazê-lo e mordi a bochecha para evitar soltar uma gargalhada insana.

— Eu só queria que soubesse — disse ela, acanhada, torcendo o pano de prato com as mãos — que fizemos o máximo que podíamos por você depois daquilo tudo. Às vezes fico preocupada, me perguntando se fizemos tudo errado... mas ficamos com medo de que quem quer que tenha... você sabe... que quem quer que tenha feito aquilo acabasse voltando e... o que tentamos fazer foi só o que seria melhor para você.

— Eu sei, mãe — falei. — Tudo bem. — E, com a sensação de ter escapado por pouco, com uma fuga quase fenomenal, fui até a sala de estar para assistir ao Colombo com meu pai.

— Como anda o trabalho? — meu pai perguntou durante um intervalo comercial, enquanto catava o controle remoto e diminuía o som da TV.

— Bem — respondi. Na tela, uma criança pequena, sentada em um vaso sanitário, conversava fervorosamente com uma criatura verde de desenho animado e de caninos enormes, cercada por rastos de vapor.

— Você é um bom garoto — disse meu pai, olhando fixamente para a TV, como se hipnotizado. Depois bebeu um grande gole de sua lata de cerveja. — Você sempre foi um bom garoto.

— Obrigado — eu disse. Era evidente que minha mãe tinha conversado com ele alguma coisa a meu respeito, enquanto os dois se preparavam para aquela tarde, embora eu não tivesse ideia do que aquilo poderia significar.

— E está gostando do trabalho?

— Estou. É bom.

— Que ótimo então — meu pai falou, para logo depois voltar a aumentar o volume da TV.

Cheguei ao meu apartamento mais ou menos às oito. Entrei na cozinha e comecei a preparar um sanduíche com presunto e com um queijo de dieta da Heather. Tinha esquecido de fazer compras. A cerveja tinha me deixado inchado e desconfortável — não sou muito de beber cerveja, mas meu pai fica preocupado se eu peço qualquer outra coisa; ele considera que, se um homem bebe destilados, isso é sinal de alcoolismo ou homossexualismo incipientes — e eu tive a ideia paradoxal de que, se comesse alguma coisa, aquilo absorveria a cerveja e faria com que eu me sentisse melhor. Heather estava na sala de estar. Suas noites de domingo são dedicadas a uma coisa que ela chama de “Hora de cuidar de mim”, um processo que envolve DVDs de *Sex and the City*, uma ampla variedade de implementos mistificadores e muito vaivém entre o banheiro e a sala de estar com uma expressão facial de determinação inflexível.

Meu celular apitou. Era Cassie: *Me dá carona p/ o tribunal amanhã? Roupa adulta + carrinho golf + clima = presságio ruim.*

— Mas que *merda!* — desabafei em voz alta. O caso Kavanagh, uma senhora que havia sido espancada até a morte em Limerick, quando teve a casa invadida por ladrões em não me lembro que época do ano anterior: Cassie e eu havíamos sido convocados para testemunhar logo de manhã cedo. O promotor público tinha ido nos instruir, e até lembramos um ao outro na sexta-feira e tudo mais, só que eu, para variar, consegui me esquecer por completo.

— O que houve? — Heather chegou, ansiosa e esganiçada, vindo apressadamente da sala de estar à perspectiva de uma deixa para conversa. Atirei o queijo dela de volta na geladeira e bati a porta, mesmo sabendo que não adiantaria muito: Heather sabe, milimetricamente, quanto de tudo resta de suas coisas, e já aconteceu de ela ficar de cara feia para mim até que eu lhe comprasse um novo sabonete orgânico especial, porque eu tinha chegado bêbado um dia e lavado as mãos com o dela. — Está tudo bem? — Ela estava de robe, com o que parecia ser filme plástico em volta da cabeça, e cheirava a uma série de produtos químicos com essência de flores capazes de provocar uma dor de cabeça.

— Está sim — respondi. Apertei o botão do celular e comecei a responder o torpedo de Cassie: *Novidade. Encontro vc + ou - 8:30.* — Apenas me esqueci de que tenho que comparecer ao tribunal amanhã.

— Opa... — Heather falou, arregalando os olhos. Suas unhas estavam pintadas com um cor-de-rosa pálido e de muito bom gosto, e ela as agitava ao ar para que se secassem. — Posso ajudá-lo a se preparar, revisando as suas anotações com você ou alguma coisa assim.

— Não, obrigado. — Para falar a verdade, as anotações nem estavam comigo. Eu as havia deixado em algum lugar no trabalho. Fiquei pensando se deveria ir dirigindo até lá para buscá-las, mas me convenci de que, provavelmente, eu ainda estava acima do limite permitido de ingestão de álcool.

— Oh... Certo. Tudo bem. — Heather soprou as unhas e examinou meu sanduíche. — Ah, você fez compras? É que é a sua vez de comprar alvejante para o vaso sanitário, tá?

— Amanhã eu compro — falei, pegando meu telefone e meu sanduíche, e caminhando rumo ao meu quarto.

— Ah... Bom, acho que pode ficar para amanhã. Esse aí é o meu queijo?

Livre-me de Heather — com muita dificuldade — e comi meu sanduíche, só que ele não desfez o efeito da cerveja, o que não chegou a ser surpresa alguma. Depois me servi de vodca com água tônica, seguindo a mesma lógica geral, e deitei-me na cama para repassar o caso Kavanagh em minha mente.

Eu não conseguia me concentrar. Todos os detalhes periféricos saltavam pronta, viva e inutilmente dentro de minha cabeça — a tremeluzente luz vermelha da imagem do Sagrado Coração de Jesus na escura sala de estar da vítima, as franjas despenteadas dos dois assassinos adolescentes, o horrendo buraco com sangue coagulado na cabeça da vítima, o papel de parede florido e manchado de umidade da pousada em que Cassie e eu ficamos —, mas eu não conseguia me lembrar de nenhum dos fatos importantes: como havíamos conseguido encontrar os suspeitos, se eles confessaram, o que haviam roubado, nem sequer seus nomes. Levantei-me e fiquei andando pelo quarto, coloquei a cabeça para fora da janela em busca de um pouco de ar gelado, mas, quanto mais eu tentava me concentrar, de menos coisa eu me lembrava. Depois de algum tempo, eu nem conseguia mais saber direito se o nome da vítima era Philomena ou Fionnuala, embora umas duas horas antes eu soubesse sem ter que pensar (Philomena Mary Bridget).

Eu estava assustado. Aquilo nunca tinha acontecido comigo. Acho que posso dizer, sem querer me vangloriar, que sempre tive, ironicamente, uma boa memória, mais ou menos como a de um papagaio, capaz de absorver e regurgitar grandes quantidades de informação sem muito esforço ou entendimento.

Foi assim que consegui passar no ensino médio, e também foi por isso que não perdi a calma quando percebi que minhas anotações não estavam comigo — não era a primeira vez que eu me esquecia de revisá-las, já havia acontecido uma ou duas vezes, mas nunca fiquei sem resposta.

E não era como se eu estivesse tentando fazer algo particularmente fora do comum, afinal. Na Homicídios, os detetives se acostumam a investigar três ou quatro casos de uma vez só. Se cai na sua mão um homicídio de criança, ou um policial morto ou alguma coisa assim, de alta prioridade, você pode passar os seus casos em aberto para outros investigadores, como passamos o caso da fila dos táxis para Quigley e McCann, mas ainda assim você tem que passar por todos os procedimentos das investigações concluídas: papelada, reuniões com promotores públicos, comparecer ao tribunal... Você desenvolve uma aptidão natural para arquivar cuidadosamente todos os fatos relevantes lá no fundo de sua mente e está pronto para sacá-los rapidamente a qualquer momento que venha a precisar deles. As informações básicas sobre o caso Kavanagh deveriam também estar no mesmo local e, por não estarem, fizeram com que eu sentisse um pânico silencioso e animal.

Por volta das duas da manhã, me convenci de que, se eu conseguisse apenas ter uma Boa-noite de sono, tudo se encaixaria em seus devidos lugares pela manhã. Tomei mais uma dose de vodca e apaguei a luz, mas, sempre que fechava os olhos, as imagens voavam vertiginosamente por minha cabeça em uma progressão frenética e incontrolável — o Sagrado Coração de Jesus, os criminosos difíceis de apanhar, o ferimento na cabeça, a pousada de arrepiar... Por volta das quatro da manhã é que fui me dar conta, repentinamente, de como eu havia sido um imbecil por não ter ido buscar minhas anotações. Acendi a luz e fiquei procurando minhas roupas, meio cego e atrapalhado, mas, enquanto eu amarrava os cadarços dos sapatos, vi que minhas mãos tremiam e me lembrei da vodca — certamente eu não estava em condições de convencer um policial a não me fazer passar pelo teste do bafômetro — e então, bem devagar, percebi que eu estava confuso demais para sequer entender minhas próprias anotações sobre o caso, mesmo que as tivesse comigo.

Voltei para a cama e passei mais algum tempo olhando para o teto. Heather e o vizinho do apartamento ao lado roncavam em sincronia; volta e meia um carro passava pelos portões do condomínio e lançava seus faróis branco-acinzentados em arco por minhas paredes. Depois de algum tempo, me lembrei dos meus comprimidos para enxaqueca e tomei dois na esperança de que eles sempre me fazem apagar. Tentei não pensar na possibilidade de que pudesse ser um simples efeito colateral da própria enxaqueca. Finalmente caí no sono mais ou menos às sete, bem na hora em que programei o despertador.

Quando buzinei em frente ao prédio de Cassie, ela desceu correndo, vestindo seu único traje respeitável — um elegante conjuntinho preto de calça e casaco da Chanel, com forro cor-de-rosa claro, e nas orelhas os brincos de pérolas da avó — e atirou-se contra o banco do carro com o que considereei uma quantidade desnecessária de energia, embora ela estivesse, provavelmente, apenas com pressa de sair de baixo daquela chuva.

— Oi, moço — ela disse. Cassie tinha aplicado maquiagem, o que a deixou com cara de mais velha e sofisticada. Fora do comum. — Não dormiu?

— Quase nada. Está com as suas anotações?

— Estou. Você pode dar uma olhada nelas enquanto eu testemunho... mas quem é que vai falar primeiro, eu ou você?

— Não me lembro. Pode dirigir? Preciso olhar isso.

— O seguro desta coisa não me cobre — ela falou, olhando para o Land Rover com desdém.

— Então não bata em ninguém. — Saí com dificuldade do carro, devido à tonteira, e dei a volta até o outro lado com a chuva molhando minha cabeça, enquanto Cassie dava de ombros em sinal de impotência, e passava com cuidado para o banco do motorista. A caligrafia de Cassie é bonita, tem uma aparência levemente exótica, por qualquer que seja a razão, mesmo assim é firme e nítida, e estou bastante acostumado a ela, mas eu estava tão exausto, e com uma ressaca tão grande, que as anotações

dela nem mesmo se pareciam com palavras. A única coisa que eu conseguia ver eram rabiscos aleatórios e indecifráveis, combinando-se e recombinando-se nas páginas enquanto eu os observava, como se fossem alguma espécie bizarra de teste de Rorschach. No final, acabei dormindo, a cabeça vibrando suavemente, encostada no vidro gelado.

Eu fui, obviamente, o primeiro a testemunhar. Não tenho a menor vontade de me lembrar das diversas vezes em que passei vergonha naquele banco de testemunhas: gaguejando, trocando nomes, errando datas e horas, e tendo que voltar e me corrigir meticulosamente. O promotor MacSharry pareceu confuso a princípio (já nos conhecíamos havia algum tempo, e normalmente eu me comporto muito bem na hora de testemunhar), depois, assustado, e, por fim, furioso sob a aparência cortês. Ele colocou uma enorme ampliação de uma fotografia do corpo de Philomena Kavanagh — é um truque rotineiro, tentar deixar o júri escandalizado a ponto de sentir que precisa punir alguém, e eu fiquei até vagamente surpreso pelo fato de o juiz ter permitido que ele a utilizasse — e meu papel deveria ser o de apontar os ferimentos, e ligar cada um ao que os suspeitos disseram em suas confissões (pelo jeito, eles haviam, de fato, confessado). Porém, por algum motivo, aquilo foi a gota d'água, fez evaporar o mínimo de compostura que me havia restado: sempre que eu erguia o olhar, a via, inerte e acabada, com a saia dobrada para cima, até a cintura, e a boca aberta em um grito impotente de reprovação, dirigido a mim por ter falhado com ela.

O tribunal mais parecia uma sauna, com o vapor dos casacos que se secavam a embaçar as janelas; meu couro cabeludo coçava devido ao calor, e eu sentia gotículas de suor escorrerem por minhas costelas. Depois que o advogado de defesa terminou de me inquirir, fez uma expressão de satisfação incrédula, quase indecente, como um adolescente que conseguiu transar com uma garota, quando, torcia no máximo, por um beijo. Até mesmo o júri — inconstantes, olhando uns para os outros de lado, dissimuladamente — parecia sentir vergonha por mim.

Desci do banco das testemunhas tremendo. Eu sentia as pernas como se fossem geleia; por um segundo, achei que fosse ter que me segurar em alguma balaustrada para me manter em pé. Quem testemunha pode ficar para assistir ao resto do julgamento depois de já ter cumprido sua parte, e Cassie ficaria surpresa quando não me visse por lá, mas eu não conseguiria. Ela não precisava de apoio moral: iria sair-se muito bem e, por mais infantil que possa parecer, isso só faria com que eu me sentisse ainda pior. Eu sabia que ela estava mal por conta do caso Katy Devlin, e Sam também, mas os dois estavam conseguindo, muito bem, dar conta de suas tarefas sem parecer que estavam se esforçando muito. Só eu estava tremendo, tagarelando coisas incoerentes e me assustando com sombras como um personagem de *Um estranho no ninho*. Achei que não fosse suportar ficar lá sentado no tribunal vendo Cassie, com bastante trivialidade, e inconscientemente, desfazer a besteira que eu havia feito com o trabalho de vários meses.

A chuva continuava. Encontrei um pequeno pub dos mais sujos ao descer uma rua secundária — três sujeitos em uma mesa no canto logo reconheceram que eu era policial com uma só olhada e mudaram, quase sem deixar transparecer, de assunto —, pedi um uísque quente e me sentei. O barman colocou a bebida à minha frente com uma forte pancada e voltou às páginas do turfe no jornal, sem se oferecer para me dar meu troco. Tomei um gole demorado, queimando o céu da boca, inclinei a cabeça para trás e fechei os olhos.

Os três sujeitos do canto tinham começado a falar da ex-namorada de alguém.

— Daí eu falei com ela que não tinha nada na ordem de serviço que dissesse que ele deveria se vestir como a merda do P. Diddy. Se quiser que ele use tênis da Nike, você mesma pode comprar, porra... — Eles estavam comendo sanduíches quentes; só aquele cheiro de coisa salgada e química já fazia com que eu me sentisse enjoado. Lá fora, a água da chuva escorria calha.

Por mais estranho que possa parecer, só ali fui me dar conta de que, no banco das testemunhas, com o pânico brilhando nos olhos de MacSharry, eu estava à beira de um colapso nervoso. Eu tinha consciência de que vinha dormindo menos do que de costume e bebendo demais, que andava com pouca paciência, distraído e, possivelmente, meio que vendo coisas, mas não houve nenhum incidente específico que me parecesse particularmente alarmante por si só. Agora eu percebi todo o padrão perfeitamente claro, o que me deixou morrendo de medo.

Todos os meus instintos gritavam estridentemente para que eu abandonasse aquela investigação horrenda e traiçoeira, para que eu me afastasse o máximo possível dela. Eu tinha um bocado de férias vencidas e poderia usar parte da minha poupança para alugar um apartamento pequeno em Paris ou em Florença durante algumas semanas, para ficar caminhando por ruas de pedra e passar o dia inteiro escutando com serenidade um idioma que não compreendia, e só voltar quando tudo estivesse terminado. Só que eu sabia, com uma certeza triste, que isso era impossível. Era tarde demais para pedir dispensa da investigação; também não tinha como eu contar para O'Kelly que, de repente me ocorreu, já depois de algumas semanas de investigação, na verdade eu era Adam Ryan, e qualquer outra desculpa significaria que eu havia me apavorado, o que, basicamente, seria o ponto final de minha carreira. Eu sabia que precisava fazer alguma coisa antes que as pessoas começassem a perceber que eu estava em frangalhos e que os homenzinhos de uniforme branco chegassem para me levar embora, mas não conseguia, por nada neste mundo, pensar em uma só coisa que pudesse melhorar o estado das coisas.

Terminei meu drinque, pedi outro e o barman ligou a TV em um jogo de bilhar; a voz grave e polida do narrador, quase um murmúrio, harmonizava-se de maneira reconfortante com a chuva. Os três sujeitos foram embora, batendo a porta depois que saíram, e eu escutei irromper uma gargalhada rouca lá de fora. Uma hora, o barman levou embora meu copo de um jeito meio enfático, e foi quando percebi que ele queria que eu fosse embora.

Fui até o banheiro e molhei o rosto. No espelho esverdeado e repleto de manchas de sujeira, eu parecia ter saído de um filme de zumbis: boca aberta, bolsas enormes e escuras sob os olhos e os cabelos em pé como penachos espinhentos. *Que coisa ridícula!*, pensei, numa terrível onda de perplexidade distanciada e atordoante. *Mas como isto foi acontecer? Como é que eu vim parar aqui, merda?*

Voltei ao estacionamento do tribunal e fiquei sentado dentro do carro, comendo drops de hortelã e observando as pessoas passarem apressadas com as cabeças abaixadas e os casacos firmemente fechados. De tão escuro, já parecia noite e a chuva caía diagonalmente em meio aos faróis encharcados, e as luzes da rua já estavam acesas. Enfim, meu telefone tocou. Cassie: *O q houve? Kd vc?* Respondi também com um torpedo: *No carro*, e comecei a piscar as lanternas traseiras para que ela conseguisse me achar. Quando Cassie me viu no banco do carona, olhou de novo, discretamente, para ver se não tinha sido impressão, e deu uma corridinha até o outro lado.

— Nossa! — disse ela, sentando em frente ao volante e sacudindo os cabelos para se livrar da água da chuva. Uma gota havia ficado em meio aos seus cílios, e uma lágrima preta de rímel escorreu vagarosamente por sua maçã do rosto, fazendo com que se parecesse um pierrô. — Eu tinha me esquecido de que aqueles dois eram pentelhos de marca maior. Começaram a rir, zombando, quando contei que urinaram na cama dela; o advogado ficou olhando feio para eles, para tentar fazer com que se calassem. O que foi que houve com você? Por que sou eu que vou ter que dirigir?

— Estou com enxaqueca — respondi. Cassie verificou sua maquiagem no espelhinho do carro, mas parou no meio e seus olhos, arregalados e apreensivos, cruzaram-se com os meus no espelho. — Acho que fiz merda, Cass.

Ela viria a ficar sabendo de qualquer maneira. Era bem provável que MacSharry ligasse para O'Kelly assim que tivesse oportunidade, e no fim do dia toda a divisão já estaria sabendo e comentando

a respeito. Eu estava tão cansado que já estava quase sonhando; por um instante, me permiti imaginar, ansiosamente, se aquilo não podia ser, na verdade, algum pesadelo provocado pela vodca, do qual eu iria acordar a qualquer instante, com o meu alarme tocando, e pensando no que iria dizer no tribunal.

— Está tão ruim assim? — ela perguntou.

— Tenho certeza de que estraguei tudo, foi muito feio. Eu não conseguia nem enxergar direito, quanto mais pensar. — O pior é que isso era verdade.

Cassie passou o dedo na língua e limpou a lágrima de pierrô.

— Perguntei da enxaqueca. Precisa voltar para casa?

Pensei ardentemente em minha cama, e nas horas de sono de que poderia desfrutar sem perturbações, até que Heather chegasse em casa e viesse me perguntar onde está seu alvejante para o vaso sanitário, mas logo a ideia perdeu a graça: eu iria acabar apenas ficando deitado, rígido, com as mãos apertando os lençóis, pensando e repensando obsessivamente no que havia acontecido no tribunal.

— Não. Tomei meu remédio logo que saí. Não é das piores.

— Quer passar na farmácia ou tem o suficiente?

— Tenho bastante, mas já está melhorando. Vamos embora. — Fiquei tentado a entrar em mais detalhes, falando dos horrores de minha enxaqueca inventada, mas a graça da arte de mentir é saber a hora de parar, e eu sempre tive meio que uma queda para isso. Eu não sei se Cassie acreditou em mim. Ela saiu da vaga de ré, fazendo uma curva veloz e acentuada com a chuva caindo pelos limpadores de para-brisa, e entrou no fluxo do tráfego.

— Como você se saiu? — perguntei, de súbito, conforme descíamos lentamente pela área do cais.

— Fui bem. Tive a sensação de que o advogado deles está tentando alegar que as confissões foram coagidas, mas o júri nunca vai acreditar.

— Ótimo. Isso é ótimo.

Meu telefone tocou histérico quase no mesmo instante em que chegamos à sala. Era O’Kelly me chamando para que eu fosse até a sala dele; MacSharry não havia perdido tempo. Dei a ele a versão da enxaqueca. O único lado bom de uma enxaqueca é que ela é a desculpa perfeita: é incapacitante, você não a tem por culpa sua, pode durar o tempo que precisar que dure e ninguém pode provar que não é verdade. Pelo menos eu estava, de fato, com cara de quem estava mal. O’Kelly fez alguns comentários sarcásticos dizendo que dor de cabeça era “merda de mulherzinha”, mas eu recuperei um pouco do respeito dele insistindo corajosamente em permanecer no trabalho.

Voltei à nossa sala. Sam tinha acabado de chegar ensopado e com seu sobretudo de lã cheirando levemente a cachorro molhado.

— Como foram? — ele perguntou com um tom fortuito, mas seus olhos vieram em minha direção, por sobre o ombro de Cassie, e depois voltaram rapidamente a não me encarar: a central de fofocas já havia começado a espalhar a história.

— Bem, e enxaqueca — disse Cassie, inclinando a cabeça para indicar que estava falando de mim. Àquela altura, até eu já estava começando a sentir como se estivesse mesmo com enxaqueca. Fiquei pestanejando, tentando me concentrar.

— A velha enxaqueca é uma coisa horrível mesmo — disse Sam. — Minha mãe tem. Às vezes, ela tem que passar dias deitada em um quarto escuro, colocando gelo na cabeça. E está bem para trabalhar?

— Estou — respondi. — O que andou fazendo?

Sam olhou de relance para Cassie.

— Ele está bem — ela disse. — Aquele julgamento deixaria qualquer um com dor de cabeça. Onde tem andado?

Ele tirou o sobretudo encharcado, olhou para ele com uma expressão duvidosa e descartou-o sobre uma cadeira.

— Fui ter minhas conversinhas com As Quatro Grandes.

— O’Kelly vai adorar saber disso — eu disse e me sentei, pressionando as têmporas entre o dedo indicador e o polegar. — Devo alertá-lo de que, no momento, ele não está com o melhor dos humores.

— Não, a notícia é ótima. Disse a eles que os manifestantes andavam incomodando um pouco alguns dos membros da brigada da rodovia. Não entrei em detalhes, mas fiquei com a sensação de que eles podem ter achado que eu falava de vandalismo e que fui apenas verificar se estava tudo bem com eles. — Sam abriu um sorriso largo e percebi que ele mal conseguia se conter de tanta empolgação em relação ao seu dia e estava contendo-a só porque já sabia sobre o meu. — Todos eles ficaram bastante nervosos quando viram que eu sabia de seu envolvimento com Knocknaree, mas eu agia como se aquilo não tivesse a mínima importância. Bati um papinho, procurei garantir que nenhum deles tinha sido alvo de manifestantes, aconselhei para que se cuidassem e fui embora. Nenhum deles sequer me agradeceu, acreditam? Muito simpáticos.

— E daí? Acho que nós todos já presumíamos isso. — Não tive intenção de ser presunçoso, mas é que, sempre que eu fechava os olhos, via o corpo de Philomena Kavanagh e, sempre que os abria, via as fotografias da cena do crime de Katy coladas no quadro branco atrás da cabeça de Sam e não estava nem um pouco no clima para aturá-lo, seus resultados ou seu tato.

— E daí que — Sam disse, sem se aborrecer — Ken McClintock, o cara da Dynamo, passou o mês de abril inteiro em Cingapura. O lugar virou moda entre executivos de construtoras. É um que já pode ser descartado: esse não estava mesmo ligando escondido para ninguém dos telefones de Dublin. E vocês se lembram do que o Devlin disse sobre a voz do sujeito?

— Nada especialmente útil, pelo que me lembro — falei.

— Sotaque do interior — Cassie lembrou. — Não muito forte, mas nada tão inconfundível. Provavelmente de meia-idade. — Ela estava recostada na cadeira, com os joelhos um por cima do outro e os braços cruzados atrás da cabeça. Com sua elegante roupa de tribunal, ela estava quase intencionalmente incompatível com a nossa sala, como se tivesse saído de um engenhoso ensaio fotográfico vanguardista.

— Isso mesmo. Já Conor Roche, da Global, é natural de Cork, e seu sotaque é inconfundível. Devlin não teria dificuldade alguma em identificá-lo. E seu sócio, Jeff Barnes, é inglês e além disso tem uma voz que parece a de um urso. Sem eles, a gente fica com — Sam circulou o nome no quadro branco com um hábil gesto de satisfação — Terence Andrews, da Futura, de 53 anos, natural de Westmeath, dono de uma vozinha de tenor bem fina. E adivinhem onde ele mora?

— Na cidade — Cassie falou, abrindo um sorriso.

— Em um apartamento de cobertura, na área do cais. Bebe no Gresham, aconselhei para que tomasse cuidado ao voltar para casa, nunca se sabe, com tantos esquerdistas, e todos os três telefones públicos ficam no caminho entre o bar e a casa dele. Acho que pode ser o cara.

Não me lembro do que fiz o resto do dia; acho que fiquei sentado em minha mesa de trabalho, brincando com papel. Sam saiu em mais uma de suas missões misteriosas e Cassie foi investigar alguma pista nada auspiciosa, levando junto O’Gorman e deixando o calado Sweeney para atender às denúncias, e por isso fiquei extremamente agradecido. Depois do trabalho incessante das semanas anteriores, nossa salinha praticamente vazia tinha um aspecto lúgubre e abandonado, com as mesas de trabalho dos auxiliares dispensados ainda repletas de papelada e canecas de café que eles se esqueceram de levar de volta para a cantina.

Enviei para Cassie uma mensagem de texto dizendo que não estava me sentindo bem para ir jantar na casa dela; não conseguia suportar a ideia de todo aquele tato solícito. Saí do trabalho a tempo de chegar em casa antes de Heather — ela “faz seu Pilates” nas noites de segunda-feira. Deixei um recado para ela dizendo que estava com enxaqueca e me tranquei em meu quarto. Heather zela pela própria saúde com o tipo de dedicação obstinada e minuciosa que algumas mulheres dedicam a canteiros de flores, ou a coleções de artigos de porcelana, mas o lado bom disso é que ela concede aos males dos outros o mesmo respeito reverente que aos seus próprios: passa a noite inteira sem me incomodar e ainda deixa baixo o volume da televisão.

Além de tudo, eu não conseguia me livrar da sensação de que havia acabado com minha última chance no tribunal: a impressão cada vez mais intensa de que a fotografia que MacSharry havia arranjado de Philomena Kavanagh me lembrava alguma coisa, embora eu não tivesse ideia do que fosse. Isso parece de menor importância, sobretudo diante do dia terrível que tive, e sem dúvida, para qualquer outra pessoa, é o que seria mesmo. Pouca gente tem motivos para saber o quanto a memória pode ser enganadora e brutal, a ponto de adquirir força própria e de você precisar de muita resistência para confrontá-la.

Perder parte da memória é uma coisa complicada, um tremor no fundo do mar que provoca alterações e convulsões, distantes demais do epicentro para que possam ser facilmente previsíveis. Daquele dia em diante, qualquer pequena lembrança insistente, por menor que seja, brilha intensamente e com uma emanção radiante de potencial hipnótico e aterrorizante: ela pode ser trivial, ou pode ser do tipo Big Bang que detona a sua vida e abre a sua mente. Com o passar dos anos, como alguém que vive sobre uma falha geológica, vim a confiar no equilíbrio do status quo, a acreditar que, se a lembrança Big Bang não veio até agora, é porque nunca mais virá; mas, desde que assumimos a investigação do assassinato de Katy Devlin, pequenos estrondos e tremores vêm se acumulando como um mau presságio, e eu já não tinha mais certeza de nada. A foto de Philomena Kavanagh com os membros estendidos e a boca escancarada poderia estar me levando a me lembrar de uma cena de algum programa de TV ou então de alguma coisa terrível o bastante para ter sido apagada completamente da minha mente por vinte anos. Mas eu não tinha como saber qual era a verdadeira.

A lembrança acabou me atingindo como um soco no meio da noite, enquanto eu entrava e saía de um sono inquieto; o soco imaginário foi tão forte que me despertou na mesma hora, me fazendo sentar ereto na cama, com o coração martelando dentro do peito. Procurei, tateando, o interruptor do abajur ao lado da cama e fiquei olhando para a parede enquanto pequenos rabiscos transparentes dançavam diante de meus olhos.

Antes mesmo de nos aproximarmos da clareira, já tínhamos percebido que alguma coisa estava diferente, que tinha coisa errada ali. Os ruídos estavam embaralhados e recortados em camadas. Grunhidos, gritos e guinchos abafados em pequenas explosões selvagens, mais ameaçadoras que um rugido. “Abaixem-se”, Peter sussurrou, e nós nos achatamos ainda mais próximos do chão. Raízes e galhos caídos raspavam em nossas roupas, e meus pés ferviam dentro dos tênis. Um dia quente e tranquilo. O céu de um azul fulgurante era visível por entre as brechas dos galhos das árvores. Nós nos arrastávamos pela vegetação rasteira em câmera lenta: terra em minha boca, raios de sol e a dança persistente e horrível de uma mosca zumbindo como uma serra elétrica próxima ao meu ouvido. Abelhas nas amoras silvestres a poucos metros e uma gota de suor escorrendo por minhas costas. O cotovelo de Peter dobrando-se para frente cuidadosamente como um gato; Jamie piscando atrás de um talo de grama.

Havia gente demais na clareira. O Metallica prendia os braços de Sandra no chão, Cegueta segurava-lhe as pernas e Anthrax estava por cima dela. Sua saia estava erguida, até a cintura, e as coxas cheias de arranhões. Sua boca, por sob o ombro de Anthrax, que se movimentava para a frente e para trás, estava paralisada, escancarada e negra, atravessada por cabelos loiros e ruivos. Ela fazia ruídos estranhos,

como se estivesse tentando gritar, mas em vez disso arfava; Metallica deu-lhe apenas um safanão e ela parou.

Saímos correndo sem nos importarmos se eles iriam nos ver e só fomos escutar os gritos — “Saíam daqui, porra!” — depois. Jamie e eu vimos Sandra no dia seguinte, na rua. Ela usava um blusão largo e tinha manchas escuras sob os olhos. Sabíamos que ela havia nos visto, mas nenhum de nós três olhou um para o outro.

Já era tarde, mas liguei para o celular de Cassie assim mesmo.

— Está tudo bem? — ela perguntou, parecendo atordoada e sonolenta.

— Está. Me lembrei de uma coisa, Cass.

Ela bocejou.

— Nossa! É bom que valha a pena, seu mala. Que horas são?

— Sei lá. Escute só, houve uma vez no verão em que Peter, Jamie e eu vimos Jonathan Devlin e os amigos estuprarem uma garota.

Seguiu-se uma pausa. Então Cassie falou, parecendo muito mais desperta:

— Tem certeza? Vocês podem ter interpretado errado...

— Não. Tenho certeza. Ela tentou gritar e um deles deu-lhe um tapa. Estavam segurando-a contra o chão.

— Eles viram vocês?

— Viram. Viram. Nós fugimos correndo e eles vieram gritando atrás de nós.

— Mas que merda! — ela exclamou, e eu pude senti-la concatenando tudo lentamente: uma garotinha violentada, um estuprador na família e duas testemunhas desaparecidas. Estávamos a poucos passos de um mandado de prisão. — Mas que coisa... Muito bem, Ryan. Você se lembra do nome da garota?

— É Sandra, mas não sei o sobrenome.

— Aquela de quem você falou antes? Vamos começar a procurá-la já a partir de amanhã.

— Cassie? — eu disse. — Se confirmarmos o estupro, como vamos explicar que sabíamos?

— Escute, Rob, não se preocupe com isso ainda, está bem? Se encontrarmos a tal Sandra, não precisaremos de mais nenhuma testemunha. Se não a encontrarmos, vamos com tudo para cima do Devlin, contando todos os detalhes e fazendo com que fique bem apavorado até confessar... A gente arruma um jeito.

Quase me desmanchou aquela presunção incondicional de Cassie de que os detalhes teriam alguma precisão. Tive que engolir em seco para evitar que minha voz falhasse.

— Depois de quanto tempo prescreve um crime de estupro? Será que vamos conseguir pegá-lo por isso, mesmo que não tenhamos provas suficientes em relação ao outro caso?

— Não me lembro. A gente procura saber isso tudo de manhã. Vai conseguir dormir ou está ligado demais?

— Ligado demais — respondi. Eu estava quase histericamente trêmulo; me sentia como se alguém houvesse injetado um comprimido efervescente em minha corrente sanguínea. — Pode conversar um pouco?

— Claro — Cassie respondeu. Escutei o farfalhar dos lençóis quando ela enrolou-se mais confortavelmente na cama; encontrei minha garrafa de vodka e preendi o telefone sob a orelha enquanto me servia uma dose.

Cassie ficou me contando de uma vez, quando tinha nove anos, e convenceu todas as crianças de que havia um lobo encantado nas colinas perto da cidade.

— Eu disse a elas que havia encontrado uma carta sob as tábuas do assoalho lá de casa que dizia que ele já vivia ali havia quatrocentos anos e que, amarrado ao redor de seu pescoço, trazia um mapa que nos

indicaria onde estava o tesouro. Organizei todas as crianças em um grupamento de busca, Nossa, eu era mesmo uma pestinha mandona!, e todo fim de semana nós subíamos a colina à caça do tal lobo. Saíamos correndo e berrando sempre que víamos um cão pastor, caíamos em córregos e nos divertíamos à beça...

Estiquei-me na cama e dei um gole na bebida. A adrenalina ia baixando aos poucos e o ritmo tranquilo da voz de Cassie era reconfortante; senti-me aquecido e confortavelmente exausto, como uma criança ao fim de um dia movimentado.

— E também não era nenhum pastor alemão, nem nada assim — ela continuou falando. — Era grande demais e tinha uma aparência completamente diferente, selvagem — concluiu, mas eu já estava dormindo.

Pela manhã, começamos a tentar localizar alguma Sandra ou Alessandra que havia vivido em Knocknaree ou arredores nos idos de 1984. Foi uma das manhãs mais frustrantes de minha vida. Liguei para o departamento do recenseamento, e me atendeu uma mulher desinteressada e de voz anasalada, que disse não poder me dar nenhuma informação sem um mandado do juiz. Quando comecei a perder a calma, falando que aquilo envolvia uma criança assassinada, e quando ela se deu conta de que eu não a deixaria em paz, me disse que eu tinha que falar com outra pessoa, me deixou na espera (*Eine Kleine Nachtmusik*, aparentemente tocada só com um dedo em um antigo teclado Casio) e, por fim, me transferiu para outra mulher igualmente desinteressada e eu tive com ela a mesmíssima experiência.

À minha frente, Cassie tentava obter o registro eleitoral de 1988 da zona sudoeste de Dublin — uma época em que eu tinha quase certeza de que Sandra já teria idade para votar, mas que provavelmente ainda não tinha saído da casa dos pais — praticamente com os mesmos resultados; eu podia ouvir um som meloso e monocórdio dizendo, a intervalos, que a ligação dela era muito importante para eles e que seria atendida assim que possível. Cassie estava entediada e indócil e mudava de posição de trinta em trinta segundos: sentando-se com as pernas cruzadas, empoleirando-se sobre a mesa, girando repetidas vezes a cadeira até ficar toda enrolada no fio do telefone... Minha vista estava turva devido à falta de sono, eu não parava de suar — o aquecimento central estava no máximo apesar de o dia nem sequer estar frio — e estava prestes a soltar um grito.

— Ora, vão à merda — falei, por fim, e bati o telefone no gancho. Sabia que passaria semanas ouvindo *Eine Kleine Nachtmusik* em minha cabeça. — Esta bosta não vai adiantar de nada.

— Sua irritação é muito importante para nós — Cassie falou com um tom sonolento, olhando para mim por cima do encosto da cadeira — e *será* exacerbada *assim que possível*. Obrigada por aguardar.

— Mesmo que esses retardados venham a nos dar alguma coisa, não estará em um disco ou em algum banco de *dados*. Vão acabar nos dando cinco milhões de caixas de sapato cheias de papéis e nós vamos ter que pesquisar cada um dos malditos nomes. Vamos levar semanas.

— E ela provavelmente já se mudou, casou, emigrou e morreu. Tem alguma ideia melhor? Subitamente tive uma inspiração brilhante.

— Para falar a verdade, tenho sim — falei, pegando meu casaco. — Venha comigo.

— Como é que é? Vamos para onde?

Girei a cadeira de Cassie na direção da porta quando passei.

— Vamos conversar com a sra. Pamela Fitzgerald. Quem é o seu gênio favorito?

— Leonard Bernstein, para falar a verdade — disse Cassie, batendo o telefone no gancho com satisfação e saltando da cadeira. — Mas por hoje você serve.

Paramos na loja do Lowry e compramos uma lata de biscoitos para a sra. Fitzgerald para compensar por ainda não termos encontrado sua bolsa, o que se provou ser um grande erro: a geração dela é compulsivamente competitiva no que diz respeito à generosidade, e os biscoitos fizeram com que ela tirasse um saco de bolinhos de aveia do freezer, descongelasse-os no micro-ondas, untasse-os com manteiga e despejasse geleia em um pratinho velho enquanto eu esperava sentado, na ponta de seu sofá escorregadio, balançando obsessivamente um de meus joelhos, até que Cassie me lançasse um olhar de

reprovação e eu me forçasse a parar. Eu também sabia que teria que comer aquelas porcarias ou a insistência dela poderia durar horas.

A sra. Fitzgerald ficou observando atenciosamente, franzindo os olhos para nos examinar, até que Cassie e eu tivéssemos tomado um gole de chá — estava tão forte que eu sentia minha boca contrair-se — e comido um pedaço de um dos bolinhos. Depois deixou escapar um suspiro de satisfação e acomodou-se em sua poltrona.

— Adoro um bolinho de aveia branquinho e bem gostoso — disse ela. — Os de fruta colam na minha dentadura.

— Sra. Fitzgerald — Cassie começou —, a senhora se lembra das duas crianças que desapareceram no bosque há cerca de vinte anos? — Fiquei chateado, súbita e violentamente, por precisar que Cassie dissesse aquilo, mas eu mesmo não tive coragem de fazê-lo. Eu tinha uma certeza supersticiosa de que algum vacilo em minha voz acabaria me entregando e deixaria a sra. Fitzgerald desconfiada o bastante para olhar para mim com maior curiosidade, o que acabaria por levá-la a lembrar-se daquela terceira criança. Se isso acontecesse, aí mesmo é que teríamos que passar o dia inteiro ali na casa dela.

— Me lembro, é claro — disse ela, indignadamente. — Que coisa horrível foi aquela! Nunca encontraram aqueles dois. Não houve um enterro adequado, não houve nada.

— Na opinião da senhora, o que aconteceu com elas? — Cassie perguntou de repente.

Minha vontade era dar-lhe um chute por desperdiçar nosso tempo, mas até que eu entendia, com muita má vontade, o porquê da pergunta. A sra. Fitzgerald parecia uma velhinha astuta tirada de algum conto de fadas, surgindo de trás de uma cabana velha no meio do bosque, maliciosa e vigilante; era impossível não acreditar, ainda que fosse só um pouco, que ela lhe diria a solução da sua charada, mesmo que de uma forma enigmática demais para ser elucidada.

Ela inspecionou seu bolinho atentamente, deu-lhe uma mordida e tocou levemente os lábios com um guardanapo de papel. Estava nos forçando a esperar, desfrutando o suspense.

— Algum doente mental jogou as crianças no rio — disse ela, por fim. — Que Deus as tenha. Algum desgraçado que nunca deveriam ter soltado.

Percebi que meu corpo estava sofrendo uma reação automática, exasperadora, e já conhecida àquela conversa: as mãos trêmulas e a pulsação acelerada. Depositei minha xícara sobre a mesa.

— Então a senhora acha que foram assassinadas? — perguntei, intensificando minha voz para garantir que permanecesse sob controle.

— Claro, o que mais poderia ter acontecido, meu bom jovem? Minha mãezinha, que descansa em paz, ainda era viva naquela época e faleceu três anos depois, vitimada por uma gripe. Ela sempre disse que foi o Pooka que as levou. Só que ela era aferradamente antiquada. Que Deus a tenha. — Aquilo me pegou de surpresa. O Pooka irlandês é um lendário bicho-papão aprontador de travessuras, descendente de Pã e ancestral do Puck inglês. Não fazia parte da lista de suspeitos de Kiernan e McCabe. — Não, elas foram parar dentro do rio, ou então o pessoal de vocês teria encontrado os corpos. Tem gente que diz que elas ainda assombram o bosque, coitadinhas. Theresa King chegou a vê-las no ano passado, ao levar para dentro de casa sua roupa depois de seca.

Eu também não estava esperando aquilo, embora provavelmente devesse estar. Duas crianças desaparecem para sempre no bosque; como não conseguiriam entrar para o folclore de Knocknaree? Não acredito em fantasmas, mas pensar naquilo — vultos pequenos circulando ao cair da noite, apelos mudos — ainda me provocava um arrepio vivo e congelante, junto com uma pontada estranha de indignação: como uma mulher qualquer da vizinhança ousava dizer que as viu em vez de mim?

— Naquela época — entrei na conversa, voltando a colocá-la no trilho certo —, a senhora contou para a polícia que três adolescentes violentos passavam as noites na entrada do bosque.

— Animais — disse a sra. Fitzgerald, com satisfação. — Cuspiam no chão e tudo. Meu pai sempre disse que cuspir é um sinal insuspeito de criação ruim. Ah, mas dois deles se deram muito bem na vida,

foi sim. O mais novo de Concepta Mills hoje em dia trabalha com computador. Depois mudou de cidade, Blackrock, não *deixou por menos*. Knocknaree não era boa o bastante para ele. O rapaz Devlin, claro, já falamos sobre ele. É o pai daquela pobrezinha da Katy, que Deus dê descanso à sua alma. Um homem encantador.

— E o terceiro rapaz? — perguntei. — Shane Waters?

Ela franziu os lábios e tomou um gole pequeno de seu chá.

— Eu não saberia dizer onde está hoje gente do tipo dele.

— Ah... não se deu muito bem, não foi? — Cassie perguntou fingindo confidencialidade. — Posso me servir de mais um bolinho de aveia, sra. Fitzgerald? Não como um gostoso assim há séculos. — Havia séculos ela não comia um bolinho daqueles, isso sim. Diz que não gosta porque “bolinho de aveia não tem gosto de comida”.

— Pode comer, meu amor, claro, é bom para você pôr um pouquinho de carne nesses ossos. Tem muito mais de onde esses aí saíram. Agora que a minha filha me deu um micro-ondas, faço seis dúzias de uma vez e os congelo até precisar deles.

Cassie escolheu seu bolinho de aveia com um extremo cuidado lisonjeiro, deu-lhe uma mordida grande e disse “Humm”. Se ela comesse muitos e isso levasse a sra. Fitzgerald a sentir necessidade de aquecer mais deles, eu ia quebrar a cara dela. Ela engoliu o pedaço que havia mordido e perguntou:

— E Shane Waters ainda mora em Knocknaree?

— Cadeia Mountjoy — a sra. Fitzgerald respondeu, dando às palavras toda sua carga desafortunada. — É lá que ele está morando. Arrumou um comparsa e tentou assaltar um posto de gasolina com uma faca; deixaram o pobre do jovem frentista completamente aterrorizado. A mãe dele sempre disse que não era um mau rapaz, apenas facilmente persuadido, mas não há desculpa para esse tipo de comportamento. — Tive uma vontade fugaz de apresentá-la a Sam. Eles teriam gostado um do outro.

— A senhora contou à polícia que ficavam algumas garotas com eles naquela área — eu disse, dando a deixa e preparando meu bloco.

Ela muxoxou com a dentadura em sinal de reprovação.

— Meninhas atrevidas aquelas. Eu mesma não achava ruim mostrar um pouquinho das pernas na minha época. Não tem jeito melhor de atrair os olhares dos rapazes, não é verdade? — Ela olhou para mim, piscou o olho e riu, uma gargalhada áspera, parecida com o cacarejo de uma galinha, mas que iluminou seu rosto, deixando ver que havia sido uma jovem bonita, arrojada e cheia de energia. — Mas as roupas que aquelas juvenzinhas usavam, claro, era tudo um monte de dinheiro jogado fora. Daria na mesma se estivessem peladas, já que o que elas usavam não fazia diferença alguma. Hoje em dia todas estão mostrando tudo, com esses tops que deixam a barriga de fora, shorts minúsculos e tudo mais, mas naquela época ainda havia um pouco de decência.

— Será que a senhora conseguiria se lembrar dos nomes delas?

— Agora esperem enquanto eu penso um pouco. Uma delas era a mais velha de Marie Gallagher. Mora em Londres há quinze anos e volta de vez em quando para ostentar as roupas chiques e o bom emprego que arrumou, mas, pelo que Marie diz, a verdade é que ela é só uma secretariazinha qualquer. É verdade que ela sempre se teve em alta conta. — Meu ânimo foi lá embaixo, *Londres*, mas a sra. Fitzgerald deu um gole ruidoso e entusiasmado em seu chá e ergueu um dos dedos. — Claire, me lembrei. Ainda conserva o nome Claire Gallagher, nunca se casou. Passou alguns anos de namoro com um rapaz divorciado, deixou Marie toda preocupada, mas não vingou.

— E a outra? — perguntei.

— Ah, ela; ainda vive aqui. Mora com a mãe em Knocknaree, lá para cima, no topo da colina, é a pior área por aqui, se é que me entendem. Dois filhos, mas sem marido. Claro, o que se poderia esperar além disso? Quando a pessoa sai atrás de encrenca, nunca precisa ir muito longe. É uma das Scully. Jackie é a que se casou com o rapaz chamado Wicklow, Tracy é a que trabalha na casa de apostas... e

Sandra; esse é o nome dela. Sandra Scully. Termine de comer o seu bolinho — ela disse a Cassie, que havia discretamente colocado o bolinho em cima da mesa e estava fingindo que havia se esquecido de sua existência.

— Muito obrigado, sra. Fitzgerald. Foi muito útil — eu disse. Cassie aproveitou a oportunidade para entupir a boca com o que havia sobrado do bolinho e empurrou-o com chá. Guardei meu bloco e me levantei.

— Esperem só um pouco — pediu a sra. Fitzgerald, dando-me um tapinha. Ela foi caminhando com seus passos pesados até a cozinha e voltou com um saco plástico cheio de bolinhos de aveia congelados, que colocou nas mãos de Cassie. — Pronto, tome. São para você. Não, não, não... — Nem quis saber dos protestos de Cassie; deixando de lado as preferências alimentares de cada um, não devemos aceitar presentes oferecidos por testemunhas. — Vão lhe fazer bem. Você é uma mocinha adorável. Divida-os com o seu amiguinho aí se ele se comportar.

A pior área de Knocknaree (até onde eu me lembrava, nunca havia ido lá; todas as mães já tinham nos alertado para que nem chegássemos perto) não era, na verdade, tão diferente assim da melhor. As casas eram um pouco mais esquálidas e cresciam margaridas e ervas daninhas em alguns dos jardins. O muro que ficava no final da rua estava todo pichado, mas os escritos nem eram tão ofensivos — LIVERPOOL ARRASA, MARTINA + CONOR PARA SEMPRE, JONESY É GAY —, a maioria feita com o que parecia ser um marcador de texto colorido; quase chegava a ser interessante, em comparação com o que se vê em locais verdadeiramente barra pesada. Se, por alguma razão, eu tivesse que deixar meu carro passar a noite ali, não seria motivo para pânico.

Foi a própria Sandra que veio atender à porta e por um instante eu não tive certeza; sua aparência não era como eu me lembrava. Sandra havia sido uma daquelas meninas que desabrocham cedo e logo murcham, acabando relaxadas depois de poucos anos. Em minha confusa memória, ela era firme e voluptuosa como um pêssago maduro, a cabeça coroada de cachos ruivos e alourados, como era costume nos anos 1980, só que aquela mulher que havia surgido à porta era obesa e flácida, dona de um olhar enfatiado e desconfiado, e de cabelos tingidos de uma melancólica cor cinzenta. Senti uma pequena e imediata aflição de perda correr por meu corpo. Quase torci para que não fosse ela.

Foi então que ela perguntou:

— Pois não? — Sua voz estava mais grave e áspera, mas eu havia reconhecido o tom meigo e sussurrante. (“Escute, qual dos dois é o seu namorado?” Uma unha cintilante alternando-se entre Peter e mim, enquanto Jamie agitava a cabeça para os lados e dizia “Ecaaa!”, ao que Sandra riu, balançando as pernas que estavam apoiadas no muro. “Logo, logo, você muda de ideia!”)

— Srta. Sandra Scully? — perguntei, ao que ela confirmou, cautelosamente, acenando com a cabeça. Vi quando ela reconheceu que éramos policiais, bem antes de mostrarmos nossos distintivos, e se preparou para assumir uma postura defensiva. Dentro da casa uma criança que não deveria ter mais do que três anos berrava e esmurrava alguma coisa metálica. — Eu sou o detetive Ryan e esta aqui é a detetive Maddox. Ela gostaria de conversar com você, se puder dispor de alguns minutos.

Senti quando Cassie se mexeu quase imperceptivelmente ao meu lado, acusando o recebimento do sinal. Se eu não tivesse certeza daquilo tudo, teria dito “nós”, e nós dois teríamos passado com ela as perguntas rotineiras a respeito de Katy Devlin até que eu me resolvesse, de um jeito ou de outro. Mas eu tinha certeza, e era mais provável que Sandra fosse se sentir mais à vontade para falar sobre aquilo sem a presença de um homem.

O maxilar de Sandra endureceu-se.

— É sobre o Declan? Porque vocês podem ir dizer para aquela velha megera que eu tirei o aparelho de som dele depois da última vez, então, se ela está escutando alguma coisa, são as vozes da cabeça dela.

— Não, não, não — Cassie disse de modo afável. — Não é nada disso. É que estamos trabalhando em uma investigação antiga e achamos que, talvez, você se lembre de alguns detalhes que possam nos ser úteis. Será que eu poderia entrar?

Ela ficou olhando insistentemente para Cassie por um instante e depois fez um gesto discreto de frustração, dando de ombros.

— Por acaso tenho alternativa? — Ela deu um passo para trás e abriu a porta mais um pouco; senti cheiro de fritura.

— Obrigada — Cassie disse. — Tentarei não ocupar muito do seu tempo. — Conforme entrava na casa, Cassie olhou de relance para mim, por sobre o ombro, e me lançou uma piscadela discreta e tranquilizadora. Depois a porta se bateu quando ela entrou.

As duas passaram bastante tempo lá dentro. Eu permaneci dentro do carro, acendendo um cigarro no outro até que acabassem; depois fiquei mordendo minhas cutículas, batucando *Eine Kleine Nachtmusik* no volante e tirando pó das reentrâncias do painel com a chave do carro. Eu devia ter pensado em colocar uma escuta em Cassie, ou algo assim, só para o caso de que em algum momento ela pudesse precisar de mim. Não que eu não confiasse em Cassie; só que ela não esteve presente à cena e eu estive, e Sandra parecia ter se transformado em uma mocinha consideravelmente difícil no meio do caminho entre aquela época e hoje, e não tinha como eu garantir que Cassie iria saber fazer as perguntas adequadas. Abri os vidros do carro e ainda dava para escutar o garoto gritando e esmurrando; depois a voz de Sandra, repentinamente mais alta, e um estalo, e a criança gemendo, mais de indignação que de dor. Lembrei-me de seus belos e pequenos dentes brancos quando ela ria e do misterioso vale sombreado do decote de sua blusa.

Depois do que pareceram horas, escutei a porta se fechar e Cassie descer a rua a passos firmes. Ela entrou no carro bufando.

— Bom, você acertou na mosca. Demorou um pouco para ela começar a falar, mas depois que o fez... Meu coração palpitava, mas eu não sabia dizer se era de triunfo ou de pânico.

— O que foi que ela disse?

Cassie já estava com o maço de cigarros na mão e agora buscava um isqueiro.

— Coloque o carro depois da esquina ou algo assim. Ela não gostou do carro ter que ficar parado aqui, em frente à casa dela; disse que está na cara que é uma viatura policial e que os vizinhos vão ficar fofocando.

Saí da área residencial e estacionei no acostamento da estrada, do lado oposto ao do sítio arqueológico, filei um dos cigarros de mulher de Cassie e encontrei um isqueiro.

— E então?

— Sabe o que foi que ela disse? — Cassie abriu o vidro do carona com violência e soprou a fumaça pela janela, e eu notei, subitamente, que estava furiosa. Furiosa e atordoada. — Que não foi estupro nenhum, que eles simplesmente fizeram com que ela deixasse. Disse isso umas *três vezes*. Graças a Deus, as crianças são pequenas demais para ter qualquer coisa a ver com...

— Cass — falei com o máximo de calma que consegui —, comece do princípio.

— O princípio foi que ela começou a sair com Cathal Mills quando tinha dezesseis anos e ele, dezoito. Ele era, só Deus sabe como, considerado um cara muito legal e Sandra era loucamente apaixonada por ele. Jonathan Devlin e Shane Waters eram os melhores amigos dele. Nenhum dos dois tinha namorada. Jonathan tinha uma queda por Sandra, ela gostava dele, e um belo dia, mais ou menos depois de uns seis meses de *relacionamento*, Cathal disse a ela que Jonathan queria, nas palavras dela, “trepar com ela” e que ele achava que seria uma ótima ideia. Como se estivesse oferecendo ao amigo um

gole de sua cerveja ou algo assim. Minha nossa, isso foi nos anos 1980, ninguém sabia o que era *camisinha*...

— Cass...

Ela atirou o isqueiro pela janela e acertou uma árvore. Cassie tem um braço bom à beça; o isqueiro bateu no tronco e voou até parar em meio à vegetação rasteira. Não era a primeira vez que eu a via irritada — sempre disse que isso é culpa de seu avô francês, a falta de autocontrole característica dos mediterrâneos — e eu sabia que agora ela se aquietaria, pois já tinha descontado na árvore. Forcei-me a esperar. Ela voltou a recostar-se, batendo com as costas no banco, trugou o cigarro e, depois de um instante, me deu um sorriso largo, encabulado e meio de lado.

— Você me deve um isqueiro, prima-dona — eu disse a ela. — Agora, qual é a história?

— E você ainda me deve o meu presente de Natal do ano passado. Enfim. Sandra, na verdade, não viu muito problema de dar para o Jonathan. Aconteceu uma ou duas vezes, e todos ficavam um pouco envergonhados depois, mas superavam e ficava tudo bem...

— Isso foi quando?

— No início daquele verão, em junho de 84. Parece que Jonathan passou um tempo saindo com alguma garota logo depois, deve ter sido Claire Gallagher, e Sandra acha que ele retribuiu o favor. Ela brigou feio com Cathal por causa disso, mas tudo aquilo a deixou tão confusa que chegou uma hora em que ela simplesmente resolveu esquecer.

— Nossa! — exclamei. — Pelo jeito eu vivia em pleno *Jerry Springer Show*: “Adolescentes fazem swing.” — A poucos metros dali e poucos anos atrás, Jamie, Peter e eu ficávamos nos socando de brincadeira e jogando dardos pontiagudos no horrível Jack Russell dos Carmichael, que não parava de latir. Todas essas dimensões paralelas e particulares encobrindo um pequeno bairro tão inofensivo; todos esses universos encerrados em si mesmos e assentados sobre o mesmo espaço. Pensei nas várias camadas obscuras de arqueologia passando sob os nossos pés; na raposa que vi pela janela, gritando na direção de uma cidade que mal se sobrepunha à minha.

— Só que depois — Cassie continuou — Shane descobriu e também quis entrar na brincadeira. Cathal, evidentemente, não viu problema algum, mas Sandra viu. Ela não gostava do Shane. Chegou até a chamá-lo de “babaquinha com a cara cheia de espinhas”. Tenho a sensação de que ele era meio que desprezado por todos, mas os outros dois andavam com ele por hábito, porque já eram amigos desde criança. Cathal insistia em tentar convencê-la, mal posso esperar para ver como deve ser o histórico desse tal de Cathal na internet, você não? Bom, ela sempre dizia que ia pensar, até que, por fim, eles a pressionaram no meio do bosque. Cathal e o nosso Jonathan imprensaram-na contra o chão e Shane a estuprou. Ela não sabe dizer com exatidão quando isso se deu, mas sabe que acabou com hematomas nos pulsos e que ficou preocupada com a possibilidade de que eles fossem embora quando chegasse a época da volta às aulas; então, só pode ter sido em agosto.

— Ela chegou a nos ver? — perguntei sem deixar o tom de minha voz se alterar. O fato de aquela história estar começando a bater com a minha era desorientador, mas também era terrível e muito empolgante.

Cassie olhou para mim; seu rosto não deixava transparecer nada, mas eu sabia que se esforçava para saber se alguma coisa naquela história toda havia me deixado mal. Tentei assumir uma postura des preocupada.

— Não propriamente. Ela estava... ora, você deve ter uma ideia do estado em que ela estava. Mas ela se lembra de ter escutado alguém se mexer em meio à vegetação rasteira e, depois, dos rapazes gritando. Jonathan correu atrás de vocês e, quando retornou, disse alguma coisa parecida com “moleques filhos da puta”.

Ela bateu as cinzas do cigarro pela janela. Dava para perceber, do jeito como havia posicionado os ombros, que ainda não tinha chegado ao fim. Do outro lado da rodovia, em meio às escavações, Mark,

Mel e mais dois estavam fazendo alguma coisa com hastes e fitas métricas amarelas, gritando sem parar. Mel soltou uma gargalhada vigorosa e desembaraçada e depois gritou: “Bem que você queria!”

— E depois? — perguntei quando já não conseguia mais aguentar. Eu tremia como um cão farejador em posição de alerta. Como digo sempre, não agrido suspeitos, mas minha mente estava agitada, repleta de imagens melodramáticas de mim atirando Devlin contra a parede, gritando junto de seu rosto e arrancando as respostas dele na base de muita porrada.

— Você sabia de uma coisa? — Cassie me perguntou. — Nem foi ela que terminou o namoro com Cathal Mills. Continuou saindo com ele durante mais alguns meses, até que *ele a largou*.

Quase perguntei *Já acabou?*, mas em vez disso, comentei:

— Acho que o tempo para a prescrição do crime seria diferente se ela fosse menor. — Minha mente corria a cem por hora, passando por estratégias de interrogatório. — Pode ser que ainda haja tempo. Ele me parece o tipo de sujeito que eu adoraria levar preso bem no meio de uma reunião de diretoria.

Cassie balançou a cabeça.

— Não há a mínima chance de que ela venha a prestar queixa. Ela acredita que a culpa foi basicamente toda só dela por ter dado para ele primeiro.

— Vamos conversar com o Devlin — sugeri, ligando o carro.

— Só um segundo — Cassie pediu. — Tem mais uma coisa. Pode não ser nada, mas... depois que eles terminaram, Cathal, sinceramente, creio que deveríamos investigá-lo de qualquer maneira, é bem provável que encontremos alguma coisa pela qual possamos indiciá-lo, Cathal falou “Essa é a minha menina!” e deu-lhe um beijo. Ela ficou sentada, completamente trêmula, tentando endireitar a roupa e colocar a cabeça no lugar. Foi quando eles escutaram alguma coisa em meio às árvores a poucos metros de onde estavam. Sandra afirma nunca ter escutado nada parecido. Como se fosse um pássaro enorme batendo as asas, segundo ela, só que tem certeza de que era um som *feito com a boca*. Todos eles pularam de susto e gritaram, e então Cathal berrou alguma coisa parecida com “Aquelas crianças de merda querendo nos assustar de novo” e atirou uma pedra na direção das árvores. Mas o ruído não cessou. Vinha do meio das sombras, eles não conseguiam ver nada. Estavam paralisados. Tão completamente desesperados de medo que a única coisa que conseguiram fazer foi ficarem lá, sentados, berrando. Por fim o barulho acabou e eles escutaram o ruído afastar-se mata adentro. Pelo som parecia uma coisa grande, segundo ela, pelo menos do tamanho de uma pessoa. Cada um correu para sua casa como louco. E também, pelo que a Sandra contou, tinha um odor. Um forte odor animal. Como o de caprinos ou alguma coisa do tipo, ou aquele que se sente no jardim zoológico.

— Mas que *merda*... — falei, absolutamente perplexo.

— Então não foram vocês mexendo com eles?

— Não que eu me lembre — respondi. Eu me lembrava de ter corrido muito, escutando minha própria respiração a raspar em meus ouvidos, sem saber direito o que estava acontecendo, mas consciente de que alguma coisa estava horrivelmente errada; eu me lembrava de nós três nos entreolhando, ofegantes, quase do lado de fora do bosque. Eu duvidava veementemente de que teríamos resolvido voltar à clareira para fazer ruídos misteriosos de bater de asas ou produzir odor de cabra. — Ela deve ter imaginado.

Cassie deu de ombros.

— Claro, é possível que tenha, mas eu meio que fiquei imaginando se seria possível que houvesse, de verdade, alguma espécie de animal selvagem vivendo no bosque.

A forma mais feroz de animal selvagem que habita a Irlanda é provavelmente o texugo, mas volta e meia surgem boatos atávicos, normalmente em algum lugar das planícies centrais do país: ovelhas mortas encontradas com os pescoços dilacerados, viajantes noturnos passando por alguém com imensas sombras curvadas ou olhos em brasa. Na maioria das vezes não passam de cães pastores de rua ou filhotes de gatos de estimação vistos sob a ação de uma iluminação traiçoeira, mas alguns casos terminam ficando sem explicação. Lembrei-me dos rasgos nas costas de minha camiseta. Cassie, sem exatamente acreditar

no misterioso animal selvagem, sempre sentiu fascinação por aquilo — porque sua família vem da época do Cão Negro que atacava os viajantes medievais e porque ela adora a ideia de que nem todos os milímetros da nação são mapeados, supervisionados e monitorados por câmeras de circuito de televisão e de que ainda há esquinas secretas na Irlanda onde uma coisa indomável do tamanho de um puma possa estar levando sua vida secreta.

Normalmente também gosto da ideia, mas não tinha tempo para ela naquele exato momento. Durante toda a investigação, desde o instante em que o carro alcançou o cume da colina e nós vimos Knocknaree estender-se à nossa frente, a membrana opaca que me separava daquele dia no bosque vinha se enfraquecendo lenta e implacavelmente; àquela altura já estava tão fina que me era possível escutar os movimentos curtos e furtivos do outro lado, de asas batendo e pés pequenos se arrastando como uma mariposa que se debate em nossas mãos unidas em forma de concha. Eu não tinha tempo para gastar com teorias fantasiosas sobre bichos de estimação exóticos em fuga, alces que ainda habitavam a área, o Monstro do Lago Ness ou qualquer outra merda em que Cassie estivesse pensando.

— Não — falei. — Não, Cass. Nós praticamente morávamos dentro do bosque. Se houvesse por lá qualquer coisa maior que uma raposa, nós saberíamos. E as equipes de busca teriam encontrado algum sinal de animais. Ou foi algum voyeur com desodorante vencido que ficou a observá-los, ou ela imaginou tudo.

— Acho justo — Cassie falou, imparcialmente, e eu voltei a ligar o carro. — Espere aí, como vamos fazer?

— Desta vez eu não vou ficar enfurnado dentro do carro porra nenhuma! — eu disse a ela, escutando minha voz elevar-se perigosamente.

Ela ergueu as sobrancelhas discretamente.

— Imaginei que agora deveria ser a *minha* vez, para falar a verdade... Bom, não de ficar enfurnada dentro do carro, mas de deixar você lá e ir conversar um pouco mais com as primas ou alguma outra coisa, e aí você manda um torpedo para o meu celular quando quiser que eu vá buscá-lo. Você e o Devlin podem conversar de homem para homem. Ele não vai falar de um estupro se eu estiver presente.

— Ah.. — eu disse com um pouco de constrangimento. — Está bem. Obrigado, Cass. Me parece muito bom.

Ela saiu do carro e eu comecei a me arrastar para o banco do carona, imaginando que ela fosse querer dirigir; no entanto, ela caminhou até as árvores e ficou chutando a esmo a vegetação rasteira até conseguir achar o meu isqueiro.

— Tome — disse ela, retornando ao carro e olhando para mim com um sorrisinho. — Agora eu quero o meu presente de Natal.

Enquanto eu estacionava o carro em frente à casa dos Devlin, Cassie falou:

— Rob, talvez você já tenha pensado nisto, mas esse fato novo pode apontar para uma direção completamente diferente.

— De que maneira? — perguntei, distraidamente.

— Você se lembra do que falei sobre Katy ter sido estuprada meramente como um gesto simbólico? Que não parecia ter sido uma coisa com motivação sexual? Você nos deu uma pessoa com uma motivação não sexual para querer que a filha do Devlin sofresse tal espécie de violência, e ela ainda *teria* que utilizar um instrumento.

— A Sandra? Assim, de repente, depois de passados vinte anos?

— Toda a notoriedade de Katy, a matéria no jornal, a festa para a angariação de fundos... Isso tudo pode ter acendido alguma coisa dentro dela.

— Cassie — falei, respirando fundo —, sou apenas um rapaz simples, natural de uma cidadezinha do interior. Prefiro me concentrar no que é óbvio e, neste exato momento, o óbvio é Jonathan Devlin.

— Estou só dizendo que talvez isso possa vir a ser proveitoso. — Ela levou a mão até os meus cabelos e despenteou-os rápida e desajeitadamente. — Vá em frente, seu caipira. Boa sorte.

Jonathan estava em casa sozinho. Margaret levava as meninas para a casa da irmã, pelo que ele disse, e fiquei me perguntando há quanto tempo e por quê. Ele estava péssimo. Tinha emagrecido tanto que as roupas e o rosto despencavam, e havia cortado os cabelos ainda mais curtos, rentes à cabeça; de algum modo aquilo o deixava com uma aparência solitária e desesperada, e logo me lembrei de civilizações remotas em que os enlutados ofereciam os cabelos nas piras funerárias dos entes queridos. Ele sugeriu com um gesto que eu me sentasse no sofá e ocupou uma poltrona diante de mim, inclinando-se para a frente com os cotovelos apoiados nos joelhos e as mãos unidas à sua frente. A casa passava uma sensação de abandono; não havia cheiro de comida sendo preparada, nem o ruído da TV ou da lavadora ao fundo. Nenhum livro deixado aberto nos braços das poltronas, nada que me levasse a deduzir que, quando de minha chegada, ele estivesse fazendo qualquer coisa que fosse.

Ele não me ofereceu uma xícara de chá. Perguntei como estavam passando (“Como você acha?”), expliquei que estávamos investigando diversas pistas, rechacei as perguntas sucintas que ele fazia à caça dos detalhes, perguntei se havia pensado em mais alguma coisa que pudesse ser de relevância. A premência desenfreada que eu sentira no carro desapareceu assim que ele abriu a porta; havia semanas que eu não me sentia tão calmo e lúcido. Margaret, Rosalind e Jessica poderiam retornar a qualquer momento, mas de alguma forma eu tinha certeza de que isso não aconteceria. As janelas estavam encardidas e o sol do final de tarde que se infiltrava por elas refletia-se de um jeito confuso nos vidros das portas dos armários da sala e na madeira encerada da mesa de jantar, o que deixava o ambiente com uma luminescência apreensiva e subaquática. Um relógio fazia-se ouvir da cozinha, severa e dolorosamente vagaroso, mas fora isso não se escutava mais nada, nem mesmo do lado de fora da casa; toda a cidade deve ter se reunido e desaparecido súbita e misteriosamente como se nunca houvesse existido, exceto por mim e Jonathan Devlin. Estávamos ali só nós dois, entreolhando-nos, cada um de um

lado de uma pequena mesa de centro repleta de marcas de copos, e as respostas estavam tão próximas que eu conseguia até escutá-las nos cantos daquela sala; não havia necessidade de pressa.

— Quem é que gosta de Shakespeare? — perguntei depois de um bom tempo de silêncio e guardei meu bloco de anotações. Não era relevante, evidentemente, mas achei que talvez pudesse servir para que ele baixasse um pouco a guarda e também era uma coisa que vinha me deixando intrigado.

Jonathan fez uma careta, irritado.

— O quê?

— Os nomes das suas filhas — respondi. — Rosalind, Jessica, Katharine com A no meio; são todos de comédias de Shakespeare. Imaginei que fosse intencional.

Ele piscou, olhando para mim pela primeira vez com alguma coisa parecida com cordialidade, e abriu um meio sorriso um tanto simpático, satisfeito, porém acanhado, como se fosse um garotinho esperando ansioso que alguém percebesse seu novo distintivo dos escoteiros.

— Sabia que você foi o primeiro a notar? Pois é, foi coisa minha. — Ergui a sobrancelha de modo incentivador. — Passei por uma espécie de enriquecimento pessoal, acho que posso chamar assim, depois do casamento. Tentei ler tudo o que deve ser lido: Shakespeare, John Milton, George Orwell... não gostei muito de Milton, mas Shakespeare... a leitura era complicada, mas consegui ler tudo no final das contas. Eu até brincava com Margaret que, se os gêmeos fossem um casal, teríamos que chamá-los de Viola e Sebastian, mas ela dizia que seriam motivo de chacota dos amiguinhos na escola...

Seu sorriso sumiu lentamente e ele olhou para o outro lado. Eu sabia que aquela era a minha chance, agora, enquanto ele estava gostando de mim.

— São nomes lindos — eu disse, e ele aceitou o elogio com um aceno distraído da cabeça. — Mais uma coisa: o senhor conhece os nomes Cathal Mills e Shane Waters?

— Por quê? — Jonathan perguntou, e pensei ter visto um lampejo de prudência em seu olhar, mas ele estava de costas para a janela, o que dificultava essa percepção.

— Falaram neles no decorrer de nossa investigação.

Suas sobrancelhas baixaram-se repentinamente e vi seus ombros se retesarem como os de um cão de briga.

— Eles estão entre os suspeitos?

— Não — eu disse com firmeza. Mesmo se estivessem eu não teria dito a ele. Não só por respeito aos procedimentos, mas porque ele era inconstante demais. Aquela tensão impetuosa e cheia de fúria: se ele era mesmo inocente, pelo menos do assassinato de Katy, a mínima ponta de incerteza em minha voz provavelmente o levaria a aparecer à porta da casa deles com uma Uzi. — Estamos apenas investigando todas as pistas. Fale-me sobre eles.

Ele passou mais um segundo me olhando; então, deixou-se desabar bruscamente na poltrona.

— Fomos amigos durante a infância. Há anos que não temos mais contato.

— Quando se tornaram amigos?

— Quando nossas famílias vieram morar aqui, deve ter sido em 1972. Fomos as três primeiras a morarem aqui, lá para a parte de cima da colina. O resto ainda estava sendo construído. Tínhamos o lugar inteiro só para nós. Brincávamos nas obras, depois que os pedreiros já tinham ido para casa. Era como um labirinto enorme. Devíamos ter uns seis, sete anos.

Alguna coisa na voz dele, uma profunda e habitual tendência à nostalgia, fez com que eu me desse conta do quanto ele era um sujeito solitário; não somente agora, não só desde a morte de Katy.

— E por quanto tempo continuaram amigos? — perguntei.

— É difícil dizer com exatidão. Cada um começou a seguir seu próprio caminho quando tínhamos mais ou menos uns dezenove anos, mas ainda mantivemos contato por mais algum tempo. Por quê? O que isso tem a ver com qualquer coisa?

— Ouvimos duas testemunhas diferentes — expliquei, sem deixar transparecer emoção alguma em minha voz — que afirmam que, no verão de 1984, o senhor, Cathal Mills e Shane Waters participaram do estupro de uma garota, moradora aqui da área.

Ele pôs-se de pé com um movimento repentino e brusco e as mãos fecharam-se com um arranco.

— Mas que... mas que *merda* isso tem a ver com Katy? Você está me acusando... mas que *merda*!

Retribuí-lhe sem severidade o olhar fixo e esperei que terminasse.

— Não me passou despercebido o fato de que o senhor não negou as alegações. — Apontei.

— E também não admiti porra nenhuma. Vou precisar da presença de um advogado?

Nenhum advogado, de qualquer parte do mundo, permitiria que ele dissesse qualquer coisa a mais.

— Escute — falei, inclinando o corpo para a frente e escolhendo agora um tom de voz tranquilo e confidencial —, minha divisão é a de homicídios, não a de crimes sexuais. Eu só me interessaria pelo estupro de uma garota de vinte anos se...

— Suposto estupro.

— Tudo bem, suposto estupro. De qualquer maneira, só me importa se houver alguma relação com um homicídio. Só estou aqui para descobrir isso.

Jonathan prendeu a respiração para dizer alguma coisa; por um instante, achei que fosse me mandar embora de sua casa.

— Precisamos deixar uma coisa bem clara se estiver disposto a passar mais um segundo que seja dentro de minha casa — disse ele. — Eu nunca toquei sequer um dedo em nenhuma das minhas filhas. Nunca.

— Ninguém está acusando o senhor de...

— Vocês têm tocado no assunto desde o primeiro dia em que entraram aqui, e não gosto de insinuações. Eu amo minhas filhas. Abraço-as todos os dias quando vou dar boa-noite, mas não passa disso. Nunca, nem sequer uma vez, toquei em nenhuma delas de qualquer maneira que alguma pessoa pudesse considerar errada. Fui claro?

— Totalmente — falei, tentando não deixar a palavra sair com um tom sarcástico.

— Ótimo. — Ele acenou com uma sacudidela controlada e categórica de sua cabeça. — Agora, em relação a essa outra coisa: eu não sou burro, detetive Ryan. Vamos apenas presumir que eu tenha feito uma coisa que possa me levar para a cadeia. Sendo assim, por que eu iria contar logo para você?

— Escute — falei com gravidade —, estamos cogitando a possibilidade — *Que Deus te abençoe, Cassie* — de que a pessoa possa ter alguma ligação com a morte de Katy, como se estivesse vingando o estupro de que foi vítima. — Os olhos dele se arregalaram. — É apenas uma possibilidade remota, e não temos absolutamente nenhuma evidência conclusiva; portanto, não quero que o senhor dê a essa vertente uma importância demasiada. Particularmente não quero que entre em contato com ela de qualquer maneira que seja. Se acontecer de essa possibilidade ser confirmada, seu contato com ela poderia atrapalhar tudo.

— Eu não iria contatá-la. Como já disse, não sou burro.

— Ótimo. Fico satisfeito por estarmos entendidos. Porém, de fato, preciso ouvir a versão do senhor sobre o referido episódio.

— E depois, o que acontece? Vai usá-la para me levar preso?

— Não tenho condições de lhe garantir nada, senhor — eu disse. — Mas pode ter certeza de que não o levarei preso. Não cabe a mim decidir se a queixa será prestada ou não. Isso é com o promotor e com a vítima. Mas duvido de que ela esteja disposta a aparecer. E além disso, não li seus direitos; portanto, qualquer coisa que diga não poderia ser aceita no tribunal, de qualquer forma. Só preciso saber como aconteceu. Agora é com o senhor, sr. Devlin. Quer muito mesmo que eu encontre o assassino de Katy?

Jonathan não teve pressa. Permaneceu onde estava, inclinado para a frente com as mãos unidas e olhando para mim de um jeito desconfiado, penetrante e demorado. Tentei parecer digno de confiança e

não piscar.

— Se eu conseguisse fazê-lo compreender... — ele disse, enfim, praticamente para si próprio. Depois, levantou-se impacientemente da poltrona, foi até a janela e apoiou-se contra o vidro; sempre que eu piscava, sua silhueta projetava-se à frente de minhas pálpebras, iluminada por todo o seu contorno, parecendo um vulto em contraste com as vidraças protegidas por grades. — Você tem algum amigo que conhece desde quando era criança?

— Não, na verdade, não tenho.

— Ninguém conhece a gente como os amigos de infância. Eu poderia esbarrar em Cathal ou Shane amanhã, depois de todo esse tempo, e ainda assim eles conheceriam mais de mim do que Margaret. Éramos mais próximos um do outro do que costuma ser a maioria dos irmãos. Nenhum de nós tinha o que se convencionou chamar de família feliz: Shane nunca conheceu o pai, e o de Cathal era um inútil que nunca teve um dia de trabalho decente em sua vida. Meu pai e minha mãe eram beberrões. Não estou colocando nada disso como desculpa, não me entenda mal; estou só tentando mostrar como a gente era. Aos dez anos, fizemos aquele lance de irmãos de sangue, já fez isso? Cortar o pulso e misturar o sangue?

— Creio que não — respondi e imaginei se havíamos feito. Parecia o tipo de coisa que nós faríamos.

— Shane tinha medo de se cortar, mas Cathal o convenceu. Cathal era tão convincente que conseguiria vender água benta para o papa. — Jonathan sorria com discrição; dava para notar por sua voz. — Quando vimos *Os três mosqueteiros* na televisão, Cathal resolveu que aquele seria o nosso lema: um por todos e todos por um. Cada um tinha que proteger a retaguarda do outro, ele dizia, ninguém mais estava do nosso lado. Pois é, ele tinha razão mesmo. — Jonathan virou a cabeça na minha direção com um olhar breve e avaliador. — Você tem o quê? Trinta, trinta e cinco?

Confirmei, acenando com a cabeça.

— Você não pegou a pior parte. Nós concluímos o secundário no início dos anos 1980. O país estava na miséria. Não havia emprego para ninguém. Se seu pai não tivesse um negócio no qual você pudesse entrar, ou você ia para outro país, ou ficava recebendo o seguro-desemprego do governo. Mesmo que você tivesse o dinheiro e as notas necessárias para entrar em uma faculdade, o que nós não tínhamos, isso só adiaría a coisa por mais alguns anos. Não tínhamos nada para fazer, apenas ficávamos vagando por aí, nada por que pudéssemos esperar, nada que pudéssemos almejar; não tínhamos absolutamente nada, exceto o que significávamos um para o outro. Não sei se consegue compreender o poder que isso tem. É perigoso.

Eu não sabia direito o que pensava do rumo que aquilo parecia estar tomando, mas senti uma súbita e indesejável pontada de alguma coisa parecida com inveja. Em minha época de internato eu sonhava com amizades como aquela: a intimidade forjada a aço de soldados em batalha ou de prisioneiros de guerra, o mistério alcançado apenas por homens em seus últimos instantes de vida.

Jonathan respirou.

— Enfim.. então, Cathal começou a namorar uma garota chamada Sandra. A princípio aquilo me causou uma sensação estranha: todos já havíamos saído aqui e ali com outras garotas, mas nenhum de nós chegou a ter um namoro sério. Só que ela era apaixonante, a Sandra; apaixonante. Sempre sorridente e dona de uma inocência... acho que ela também deve ter sido o meu primeiro amor... quando Cathal me disse que ela também gostava de mim, que queria ficar comigo, eu nem conseguia acreditar na sorte que eu tinha dado.

— E o senhor não achou isso... bom, ligeiramente estranho, para dizer o mínimo?

— Não muito. Hoje em dia parece loucura, eu sei, mas nós sempre dividíamos tudo. Era uma regra nossa. Não muito diferente do que já havíamos vivido. Eu andei namorando uma outra garota, mais ou menos na mesma época, claro, e ela também ficou com o Cathal sem qualquer resistência. Acho que ela só saiu comigo mesmo porque ele já estava namorando. Ele era muito mais bonito que eu.

— O Shane parece ter sido deixado de fora do lance.

— Pois é. Foi aí que tudo foi por água abaixo. Shane descobriu e ficou revoltado. Acho que ele também sempre foi apaixonado pela Sandra; só que, mais que isso, ele viu naquilo uma traição nossa. Ficou arrasado. Passamos semanas a fio discutindo violentamente, quase todo dia. Metade do tempo ele nem falava conosco. Eu me sentia péssimo, como se tudo estivesse desmoronando. Você sabe como é quando se tem essa idade, qualquer coisinha é o fim do mundo...

Ele parou.

— O que aconteceu depois? — perguntei.

— Depois, o Cathal enfiou na cabeça que, já que tinha sido a Sandra que nos separou, teria que ser ela a responsável pela volta de nossa união. Ele ficou obcecado, não parava de falar naquilo. Se todos ficassemos com a mesma garota, ele dizia, seria a confirmação final de nossa amizade, como o lance dos irmãos de sangue, só que mais forte. Não sei mais se ele acreditava de verdade naquilo ou se só queria... não sei. O Cathal tinha um lado esquisito mesmo, sobretudo quando era alguma coisa relativa a... Bem, eu tinha lá minhas dúvidas, mas ele não parava de falar naquilo, e evidentemente Shane concordava com absolutamente tudo que ele falava...

— Nenhum de vocês sequer pensou em perguntar a opinião de Sandra?

Jonathan deixou a cabeça cair para trás, apoiando-a no vidro e emitindo um baque surdo.

— Era o que deveríamos ter feito — ele disse calmamente após um instante. — Deus sabe que era o que deveríamos ter feito. Mas a questão era que nós três vivíamos em um mundo só nosso. Ninguém mais parecia real. Eu era louco pela Sandra, mas do mesmo jeito com que era louco pela princesa Leia ou por qualquer mulher de quem estávamos gostando naquela semana, não do jeito com que se ama uma mulher de verdade. Não é uma desculpa... não existe desculpa para o que fizemos, não mesmo. Mas um motivo.

— Como a coisa se deu?

Ele esfregou o rosto com uma das mãos.

— Estávamos no bosque — disse ele. — Nós quatro; eu não estava mais com a Claire. Em uma clareira a que íamos às vezes. Não sei se você se lembra, mas tivemos uma beleza de verão naquele ano, quente como se estivéssemos na Grécia ou em outro lugar. Nunca se via uma só nuvem no céu e só escurecia lá pelas dez e meia da noite. Passávamos todos os dias fora de casa, no bosque ou matando tempo nos arredores. Estávamos todos pretos de tão bronzeados. Eu parecia até um estudante italiano, só o que me denunciava eram as horríveis manchas brancas que ficaram em volta de meus olhos por causa dos óculos escuros...

“Já era final de tarde. Havíamos passado o dia inteiro na clareira, bebendo e fumando uns baseados. Acho que já estávamos meio doidos, não só por causa da sidra e das drogas, mas o sol e a excitação de quando se tem a idade que a gente tinha... eu e Shane tínhamos disputado uma queda de braço, ele estava de bom humor, para variar, eu tinha deixado que ele ganhasse e nós estávamos nos provocando, nos empurrando e lutando, sabe como é, como fazem os garotos. Cathal e Sandra gritavam, nos incentivavam, e então ele começou a fazer cócegas nela, que passou a gargalhar e a gritar. Nessa hora eles vieram a parar, rolando, sob os nossos pés; nós subimos em cima deles, formando uma pilha. Foi então que, de repente, Cathal berrou ‘*Agora!*’”...

Fiquei esperando por muito tempo.

— Todos os três a estupraram? — perguntei calmamente, por fim.

— Só o Shane. Não que isso torne a coisa melhor. Eu ajudei a segurá-la... — Ele tomou um fôlego rápido por entre os dentes. — Nunca passei por uma situação daquelas. Creio que talvez tenhamos perdido um pouco da noção de certo e errado. É que eu não sentia aquilo como uma coisa real, sabe? Parecia mais um pesadelo, ou uma onda ruim. Não acabava nunca. Estava tão quente que eu me sentia em chamas, tonto, e suave como um porco. Olhei em volta, para as árvores que se fechavam à nossa volta e projetavam galhos recém-criados com força e velocidade tão incríveis que cheguei a achar que estavam prestes a nos envolver e nos engolir; e todas as cores estavam trocadas, desbotadas, como em um

daqueles filmes antigos colorizados. O céu ficou quase branco e umas coisas passavam voando em grande velocidade, coisas pequenas e negras. Olhei para trás, senti que deveria alertar os outros de que alguma coisa estava acontecendo, de que havia alguma coisa errada ali, e eu estava segurando... segurando a Sandra, mas não conseguia sentir as minhas mãos, não pareciam minhas. Eu não conseguia descobrir de quem eram aquelas mãos. Estava apavorado. Cathal estava ali, à minha frente, do outro lado do corpo de Sandra, e sua respiração aos meus ouvidos parecia a coisa mais ruidosa do mundo, mas eu não conseguia reconhecê-lo, não me lembrava de quem ele era ou de que merda estávamos fazendo. Sandra tentava resistir e eu escutava uns barulhos e... Meu Deus, por um instante, juro que achei que fôssemos caçadores e que ali encontrava-se um animal que nós havíamos abatido, e Shane o estava matando...

Eu estava começando a não gostar do tom que a história estava tomando.

— Se entendo bem o que está querendo me dizer — falei friamente —, vocês estavam sob influência de álcool e de drogas ilícitas quando do ocorrido; podiam, bastante possivelmente, estar sofrendo de insolação e estavam, presumivelmente, em um estado de considerável agitação. O senhor não acha que esses fatores podem ter alguma coisa a ver com a experiência?

Os olhos de Jonathan fixaram-se em mim por um instante; então ele deu de ombros com um movimento curto e brusco de derrota.

— Sim, claro — ele afirmou calmamente. — Provavelmente. Repito, não estou dizendo nada disso como desculpa. Só estou relatando os fatos. Foi você mesmo que pediu.

A história era absurda, obviamente. Melodramática, conveniente e totalmente previsível: todo criminoso que já interroguei me contou uma história comprida e enrolada que provava conclusivamente que, na verdade, a culpa não havia sido dele, ou que pelo menos a coisa não era tão feia quanto parecia. E grande parte delas ainda era muito melhor do que aquela que eu estava escutando. O que me deixava perturbado era que uma pequena parte de mim acreditava. Eu não estava nem um pouco convencido dos motivos idealistas de Cathal, mas o Jonathan: ele havia se perdido em algum ponto dos limites turbulentos dos dezenove anos, em parte apaixonado pelos amigos com um sentimento que ultrapassava o amor reservado a mulheres, desesperado por algum ritual místico que fizesse retroceder o tempo e que voltasse com o seu mundinho particular já desintegrado. Não teria sido difícil para ele enxergar naquilo um ato de amor, por mais que fosse maldoso, pervertido e intraduzível para o mundo cruel lá de fora. Não que fizesse diferença alguma: fiquei imaginando o que mais ele teria feito por sua causa.

— Então o senhor não tem mais qualquer tipo de contato com Cathal Mills ou Shane Waters? — perguntei; fui um pouco cruel, eu sei.

— Não — ele respondeu calmamente e depois desviou o olhar para ver o que havia do lado de fora da janela e riu, deixando escapar um suspiro curto e melancólico. — Depois disso tudo, hein? Cathal e eu trocamos cartões de Natal, a esposa assina o nome dele no cartão que eles mandam. Há anos não ouço falar do Shane. Eu escrevia para ele de vez em quando, mas ele nunca escrevia em resposta, até que parei de tentar.

— Não levou muito tempo depois do estupro até que começassem a se separar.

— Foi uma coisa gradual, levou anos. Mas é verdade, ao analisar com cuidado, creio que tudo tenha começado naquele dia no bosque mesmo. Depois ficou tudo meio constrangedor. Cathal não parava de falar naquilo, o que deixava Shane nervoso e indócil; eu me sentia extremamente culpado, não queria nem pensar... é irônico, não é? Fizemos aquilo achando que serviria para voltarmos a nos unir para sempre... — Ele balançou a cabeça como um cavalo espantando uma mosca com movimentos bruscos. — Mas para mim é bem provável que tivesse ido cada um para o seu lado de qualquer maneira, é claro. Acontece. Cathal mudou-se para outra cidade, eu me casei...

— E o Shane?

— Posso apostar como você já sabe que ele está na cadeia — Jonathan disse com frieza. — O Shane... veja bem, se o pobre coitado daquele imbecil tivesse nascido dez anos depois, teria sido um belo homem. Não estou dizendo que ele seria uma grande história de sucesso, mas com certeza teria um emprego decente, talvez até uma família. Ele foi vítima dos anos 1980. Tem toda uma geração de gente por aí com a qual ninguém nunca se importou. Quando, enfim, chegou o período de prosperidade, já era tarde demais para a maioria de nós. Já havíamos passado da idade de recomeçar. Cathal e eu demos muita sorte. Eu era uma merda em todo o resto, mas era bom em matemática. Concluí o secundário com boas notas e assim, finalmente, consegui um emprego no banco. E o Cathal namorou uma juvenzinha rica que tinha um computador e ensinou-lhe a usá-lo só para eles se divertirem; alguns anos depois, quando estava todo mundo procurando desesperadamente por gente que soubesse informática, ele era um dos poucos no país que sabia fazer mais do que simplesmente ligar a maldita máquina. Ele sempre conseguiu mesmo cair de pé, o Cathal, mas o Shane... ele não tinha emprego, instrução, perspectiva nem família. O que tinha a perder se fosse roubar?

Eu não conseguia sentir o mínimo de compaixão por Shane Waters.

— Logo depois do momento do estupro — comecei a pergunta, quase contra minha própria vontade —, vocês ouviram alguma coisa fora do comum? Talvez um barulho como o de um pássaro grande batendo asas? — Deixei de mencionar a parte de o barulho parecer ter sido emitido por uma voz. Mesmo em momentos assim, não saio apresentando qualquer argumento com medo de parecer estranho.

Jonathan me olhou de um jeito esquisito.

— O bosque era repleto de pássaros, raposas e outros bichos. Eu não teria notado um a mais ou a menos, sobretudo ali naquele momento. Não sei se consegui passar direito a ideia da condição em que estávamos todos. Não fui só eu, sabe. Foi como se estivéssemos saindo de uma onda de ácido. Não havia uma só parte do meu corpo que não tremia, eu não conseguia enxergar direito, e tudo ficava deslizando para o lado. A Sandra estava... a Sandra estava ofegante, como se não conseguisse respirar. Shane estava deitado no mato sem fazer nada, apenas olhava para cima, para as árvores, enquanto experimentava contrações musculares. Cathal começou a gargalhar, cambaleando em volta da clareira e uivando, e eu disse a ele que lhe arreventaria a cara aos socos se não... — ele parou.

— O que foi? — perguntei depois de aguardar um instante.

— Esqueci — disse ele, vagarosamente. — Eu não... claro, não gosto de pensar nisso, de qualquer modo. Esqueci... se foi alguma coisa, não me entenda errado. Do jeito que estavam nossas cabeças, pode tranquilamente ter sido apenas a nossa imaginação.

Fiquei esperando. Por fim, ele suspirou e fez um gesto de desconforto, como se encolhesse os ombros.

— Bom. Pelo que me lembro, agarrei o Cathal e mandei que calasse a boca, ou então eu o arreventaria. Nessa hora ele parou de rir e me agarrou pela camiseta. Ele estava com uma cara meio que de alucinado e, por um instante, achei que iríamos acabar brigando feio de verdade. Mas ainda assim havia alguém às gargalhadas. E não era nenhum de nós; era alguém ao longe, em meio às árvores. Sandra e Shane começaram a berrar, talvez eu também tenha berrado, não sei, mas elas só faziam ficar cada vez mais altas, aquelas gargalhadas estridentes... O Cathal me soltou e gritou alguma coisa sobre aquelas crianças, mas não me pareceu...

— Crianças? — perguntei, sem demonstrar emoção, e resistindo contra um impulso violento de sair correndo daquele maldito lugar. Não havia como Jonathan me reconhecer, eu era apenas uma criancinha andando para lá e para cá. Meus cabelos na época eram muito mais claros e tanto meu sotaque quanto meu nome eram diferentes, mas eu me sentia, súbita e horrivelmente, desprotegido e exposto.

— Ah, tinha umas crianças que moravam na vizinhança, criancinhas de dez, doze anos que costumavam brincar no bosque. Às vezes elas ficavam nos espiando; atiravam coisas onde estávamos e

depois corriam, você sabe como é. Mas aquilo não me parecia nenhuma criança. Parecia mais um homem, um jovem, talvez, mais ou menos da nossa idade, mas nunca uma criança.

Por uma fração de segundo, quase aproveitei a abertura que ele me deu. O lampejo de prudência havia se dissolvido e os sussurros curtos e rápidos nos cantos tinham crescido e assumido a forma de um grito silencioso, tão próximo, próximo como uma respiração. Estava na ponta da minha língua: *Essas crianças... não estavam espiando vocês nesse dia? Não ficaram preocupados com a possibilidade de que elas fossem denunciá-los? O que fizeram para detê-las?* Só que o investigador em mim não deixou que fizesse isso. Eu sabia que só teria uma oportunidade e precisava que fosse em meu próprio território, e com toda a munição que eu fosse capaz de levar.

— E nenhum de vocês foi ver o que era? — foi a pergunta que fiz, em vez da que era de minha vontade.

Jonathan passou alguns instantes pensando, com os olhos encobertos e atentos.

— Não. Foi como eu já falei, estávamos todos em alguma espécie de choque, de qualquer forma, e aquilo era mais do que seríamos capazes de suportar. Eu estava paralisado. Nem se eu quisesse, teria conseguido me mexer. Aquele som ficava cada vez mais alto e chegou a um ponto em que achei que todos sairiam de suas casas para ver o que estava acontecendo, e nós continuávamos gritando... por fim, o barulho parou, sumiu para dentro do bosque, sei lá. Shane continuou a gritar, até que Cathal deu-lhe um tapa atrás da cabeça e ordenou que calasse a boca. Demos o fora de lá o mais rápido que conseguimos. Eu fui para casa, roubei uma bebida do meu pai e bebi até cair. Não sei o que os outros fizeram.

Então era aquele o misterioso animal selvagem de Cassie. Porém, era bastante possível que houvesse alguém no bosque naquele dia, alguém que, tendo testemunhado o estupro, também tinha toda a probabilidade de ter nos visto; alguém que pode ter voltado lá uma ou duas semanas depois.

— Tem alguma suspeita de quem pode ter sido a pessoa que estava gargalhando? — perguntei.

— Não. Acho que Cathal nos perguntou sobre isso mais tarde. Dizia que tínhamos que saber quem tinha sido e o quanto tinha visto. Não faço a mínima ideia.

Levantei-me.

— Agradeço por ter perdido o seu tempo comigo, sr. Devlin — falei. — É possível que eu venha a precisar perguntar mais alguma coisa sobre essa história no futuro, mas por enquanto é só.

— Espere — ele disse de repente. — Você acha que foi Sandra que matou Katy?

A aparência dele estava por demais derrotada e patética, de pé em frente à janela, com as mãos em forma de bola dentro dos bolsos do casaco de lã, mas ainda assim ele ostentava uma espécie de dignidade desamparada.

— Não — respondi. — Não acho. Mas é nossa obrigação investigar todas as possibilidades até o fim.

Jonathan assentiu.

— Suponho que isso queira dizer que vocês não têm nenhum suspeito de verdade — ele comentou. — Não, eu sei, eu sei, você não pode revelar nada... se for falar com Sandra, diga-lhe que sinto muito. Foi uma coisa horrível o que fizemos com ela. Tenho consciência de que é um pouco tarde para dizer, que eu deveria ter pensado nisso há vinte anos, mas... diga-lhe, mesmo assim.

Naquela noite, fui até Mountjoy conversar com Shane Waters. Tenho certeza de que Cassie iria comigo se eu tivesse lhe dito que iria, mas meu desejo era fazer aquilo sozinho. Shane era insolente e tinha cara de rato, com um bigodinho repulsivo e a pele ainda com espinhas. Fazia com que eu me lembrasse de Wayne, o drogado. Experimentei todas as táticas que conhecia e prometi a ele tudo que conseguia imaginar — imunidade, redução da pena do assalto a mão armada — me fiando no fato de que ele não era inteligente o bastante para saber o que eu conseguiria ou não providenciar, mas (sempre um de meus

pontos fracos) eu havia subestimado o poder da burrice: com a teimosia enervante de alguém que havia muito tempo desistira de tentar analisar possibilidades e desdobramentos, Shane manteve-se fiel à única opção que compreendia. “Não sei de nada”, ele me disse repetidamente com uma espécie de autossatisfação anêmica que me dava vontade de gritar. “E você não tem como provar que eu sei.” Sobre Sandra, o estupro, Peter e Jamie e até mesmo Jonathan Devlin: “Não sei do que está falando, cara.” Acabei desistindo quando percebi que era cada vez maior o risco de eu atirar alguma coisa em cima dele.

Voltando para casa, engoli o orgulho e telefonei para Cassie, que nem sequer tentou fingir que não desconfiara de onde eu tinha ido. Ela havia passado a noite descartando Sandra Scully do inquérito. Na noite em questão, Sandra estivera trabalhando em uma central de atendimento na cidade. Sua supervisora e todos os outros funcionários de seu turno de trabalho confirmaram sua presença no local até pouco antes das duas da manhã, quando ela bateu o ponto de saída e pegou o ônibus para voltar para casa. A notícia era boa — eu não gostava de pensar em Sandra como uma possível assassina —, só que aquilo me deixou um pouco aflito, imaginá-la em um cubículo fluorescente e abafado, cercada de estudantes e atores à espera da próxima oportunidade.

Não entrarei em detalhes, mas aplicamos uma quantidade considerável de dedicação e engenhosidade, em sua maior parte mais ou menos lícitas, para identificar o pior momento possível para irmos conversar com Cathal Mills. Ele tinha um cargo de destaque, com um título enfeitado, em uma empresa que fornecia algo chamado “soluções de localização de software de aprendizado eletrônico para empresas” (fiquei impressionado: eu achava impossível que minha aversão por ele pudesse ser maior do que já era) e nós entramos à procura dele bem no meio de uma reunião crucial com um grande cliente em potencial. O próprio prédio era de causar arrepios: corredores compridos e sem janelas, lances de escadas que confundem o seu sentido de direção, ar tépido e viciado com pouco oxigênio, o zumbido baixo e estupidificante de computadores e de vozes abafadas, espaços enormes repletos de cubículos como os labirintos para ratos de um cientista maluco. Cassie me fitou com os olhos arregalados e a expressão amedrontada quando, acompanhando um pau-mandado qualquer, passamos pela quinta porta de vaivém aberta por meio de um cartão magnético.

Cathal encontrava-se na sala de reuniões da diretoria, facilmente identificável: era o que estava comandando uma apresentação do PowerPoint. Continuava bonito — alto e de ombros largos, com brilhantes olhos azuis e um corpo rígido e perigoso —, mas uma certa gordura já começava a deformar-lhe a cintura e a pender sob o maxilar; dentro de mais alguns anos, terá engordado tanto que se parecerá mais com um porco. O novo cliente era representado por quatro americanos idênticos e insossos vestindo inescrutáveis ternos escuros.

— Lamento, meus amigos — Cathal falou, olhando em nossa direção e exibindo um sorriso tranquilo de advertência. — A sala de reuniões está ocupada.

— É verdade, está mesmo — Cassie disse a ele. Ela havia se vestido especialmente para a ocasião, com uma calça jeans rasgada e uma velha camiseta azul-celeste que trazia escrito “Yuppies Têm Gosto de Frango” estampado em vermelho. — Eu sou a detetive Maddox...

— E eu sou o detetive Ryan — falei, abrindo a carteira com a minha identificação. — Queremos lhe fazer algumas perguntas.

O sorriso não saiu do lugar, mas um lampejo feroz fez-se visível em seus olhos.

— O momento não é dos melhores.

— Não? — Cassie indagou amigavelmente, recostando-se na mesa de forma que a imagem do PowerPoint se confundisse com sua camiseta.

— Não. — Ele olhou de rabo de olho para os representantes do novo cliente, que fitavam o nada com um olhar vago de reprovação e remexiam nos papéis.

— Este lugar me parece ótimo para conversarmos — disse Cassie, examinando a sala de reuniões com uma disposição apreciativa —, mas podemos levá-lo para a Central, se o senhor achar melhor.

— Qual é o assunto? — Cathal exigiu saber. Foi um erro, e ele teve consciência disso assim que terminou de falar. Se tivéssemos dito qualquer coisa na frente dos clones, teria sido um convite para uma alegação de assédio moral, e ele fazia bem o tipo de quem era capaz de nos processar; só que, maravilha!, foi ele próprio que perguntou.

— Estamos investigando o assassinato de uma criança — Cassie disse calmamente. — Existe a possibilidade de que haja ligação com o suposto estupro de uma jovem, e temos motivos para acreditar que talvez o senhor possa nos ajudar com nossas averiguações.

Ele levou apenas uma fração de segundo para se recuperar.

— Não consigo imaginar como — ele falou com gravidade —, mas, se está em questão uma criança assassinada, então, é claro, qualquer coisa que estiver ao meu alcance... Senhores — ele disse para os representantes do cliente —, peço desculpas pela interrupção, mas o dever me chama. Pedirei a Fiona que lhes mostre o edifício. Daremos prosseguimento à reunião aqui mesmo dentro de poucos minutos.

— Otimismo — Cassie comentou com aprovação. — Gostei.

Cathal lançou-lhe um olhar malévolo e apertou o botão de um objeto que veio a ser um intercomunicador.

— Fiona, poderia descer aqui à sala de reuniões e levar os cavalheiros para que conheçam o edifício?

Segurei a porta aberta para os clones, que saíram em fila com expressão impassível.

— Foi um prazer — falei para eles.

— São da *CIA*? — Cassie perguntou com um sussurro não muito discreto.

Cathal já estava com o celular na mão telefonando para o seu advogado — meio que ostensivamente; acho que foi para que Cassie e eu nos sentíssemos intimidados —, depois fechou o celular, reclinou-se na cadeira com as pernas bem afastadas e ficou olhando para Cassie com um prazer vagaroso e intencional. Por um instante senti-me tentado a dizer-lhe uma coisa — *Foi você que me deu o meu primeiro cigarro, se lembra?* — com o único intuito de ver suas sobrancelhas franzirem e o sorrisinho malicioso e repulsivo desaparecer de seu rosto. Cassie bateu os cílios para ele, fingindo um sorriso de flerte, o que o deixou irritado: ele se sentou ereto na cadeira com um estrondo e, num movimento brusco, tirou o pulso de dentro da manga da camisa para olhar seu Rolex.

— Com pressa? — Cassie perguntou.

— Meu advogado deve chegar dentro de vinte minutos — Cathal disse. — Mas permitam que eu poupe a todos o tempo e o incômodo: nem quando ele chegar eu vou ter qualquer coisa a lhes dizer.

— Ohhh! — Cassie reagiu, empoleirando-se sobre a mesa e apoiando as costas em uma pilha de papéis; Cathal lançou-lhe um olhar arregalado, mas resolveu não morder a isca. — Estamos desperdiçando vinte minutos inteiros do valioso tempo de Cathal, e só o que ele fez foi tomar parte no estupro grupal de uma adolescente. A vida é tão injusta!

— Maddox... — eu disse.

— Nunca estuprei uma mulher na minha vida — Cathal afirmou com um sorrisinho sórdido. — Nunca precisei.

— Isso é que é interessante, Cathal — Cassie falou de modo reservado. — Pelo jeito o senhor me parece ter sido um rapaz bem bonito. É por isso que não consigo deixar de imaginar... o senhor tem algum problema com a sua sexualidade? Muitos estupradores têm, sabia? É por isso que vocês precisam estuprar as mulheres: ficam tentando desesperadamente provar para si mesmos que são, de fato, homens de verdade, apesar daquele pequeno probleminha...

— Maddox...

— Se sabe o que é bom para você, é melhor calar a boca agora mesmo — disse Cathal.

— Qual o problema, Cathal? Ele não consegue subir? Você é um enrustido? É dos pequenos?

— Quero ver a sua identificação. — Cathal perdeu a paciência. — Vou fazer uma queixa oficial sobre o que está fazendo. Estará no olho da rua antes que consiga ver de onde veio o pé na bunda.

— *Maddox* — falei categoricamente, imitando O'Kelly. — Uma palavrinha com você. *Agora*.

— Sabe, Cathal — Cassie disse a ele, com simpatia, enquanto saía —, a ciência médica pode resolver a maioria dos casos como o seu hoje em dia. — Apertei-lhe o braço e conduzi-a porta afora.

No corredor, falei poucas e boas para ela, mantendo a voz baixa, porém contundente: sua idiota, demonstre respeito, nem suspeito ele é, blá-blá-blá. (A parte do “nem suspeito ele é” era, de fato, verdadeira: durante as averiguações, chegou ao nosso conhecimento, para grande decepção, que Cathal passara as três primeiras semanas de agosto à cata de clientes para a empresa nos EUA e tinha faturas de cartão de crédito razoavelmente admiráveis para prová-lo.) Cassie abriu um sorriso largo e fez para mim um sinal de que estava tudo bem.

— Peço mil desculpas pelo acontecido, sr. Mills — eu disse, voltando à sala de reuniões.

— Não invejo seu emprego, companheiro — Cathal falou, furioso. Manchas vermelhas podiam ser vistas nas maçãs do rosto e fiquei imaginando se Cassie não havia acertado algum ponto fraco com aquelas acusações; se Sandra não havia dito algum pequeno detalhe que ela não tinha dividido comigo.

— Nem me fale — desabafei e me sentei à frente dele, do lado oposto da mesa, passando a mão no rosto como se estivesse exausto. — A presença dela na equipe é simbólica, obviamente. Se eu fosse o senhor, nem me incomodaria em registrar uma queixa oficial; os superiores morrem de medo de repreendê-la e ela acabar correndo direto para a Comissão de Igualdade de Direitos. Mas pode deixar comigo que eu vou falar com alguns dos outros rapazes e nós vamos dar um jeito nela, pode confiar. Só peço que nos dê um pouco de tempo.

— Você sabe do que essa vagabunda precisa, não sabe? — Cathal me perguntou.

— Pois é, todos nós sabemos do que ela precisa — respondi —, mas por acaso o senhor iria querer dar isso a ela?

Compartilhamos uma risadinha silenciosa bem típica de homens.

— Escute — falei —, devo lhe dizer que não há a mínima chance de nós prendermos qualquer um com base no suposto estupro. Mesmo que a história seja verdade, o crime já prescreveu há anos. O caso que estou investigando é de homicídio; não estou nem aí para essa outra porra.

Cathal tirou do bolso um pacote de chicletes para clareamento dos dentes, jogou um pedaço na boca e sacudiu o pacote na minha direção. Detesto chicletes, mas mesmo assim aceitei um pedaço. Ele estava se acalmando e a vermelhidão de seu rosto a cada segundo ficava mais fraca.

— Estão investigando o que houve com a filha dos Devlin?

— Exato — confirmei. — O senhor conhece o pai dela, não é? Chegou a conhecer Katy?

— Que nada! Conheci Jonathan quando éramos crianças, mas não temos mais contato. A esposa dele é um horror. É como conversar com papel de parede.

— Eu a conheci — comentei com um sorriso retorcido.

— E que história é essa de estupro? — Cathal perguntou, mascarando tranquilamente seu chiclete, mas seus olhos estavam cautelosos como os de um animal.

— Basicamente estamos atrás de qualquer coisa da vida dos Devlin que tenha algo suspeito. E ficamos sabendo que o senhor, Jonathan Devlin e Shane Waters armaram para cima de uma garota no verão de 1984. O que houve na realidade? — Eu teria achado bom passar mais alguns minutos fortalecendo nossos laços masculinos, mas não tínhamos tempo. Depois que o advogado chegasse, minhas chances estariam acabadas.

— Shane Waters — Cathal comentou. — Está aí um nome que não ouço há um bocado de tempo.

— Não precisa dizer nada até que esteja na presença do seu advogado — expliquei —, mas o senhor não está entre os suspeitos desse homicídio. Sei que não estava no país na semana em questão. Só desejo reunir toda informação que eu puder conseguir a respeito dos Devlin.

— Vocês estão achando que Jonathan matou a própria filha? — Cathal fez uma expressão como se aquilo o divertisse.

— O senhor é que pode dizer. Conhece-o melhor do que eu.

Cathal inclinou a cabeça para trás e riu. Aquilo relaxou-lhe os ombros e o fez rejuvenescer vinte anos e, pela primeira vez, ele assumia uma aparência familiar para mim: a bela e cruel linha dos lábios, o brilho traiçoeiro nos olhos.

— Escute aqui, companheiro, vou lhe contar uma coisinha sobre o Devlin. O cara é um covarde de merda. É bem provável que ainda banque o durão, mas não se deixe enganar: ele nunca se arriscou na vida sem a minha presença ao seu lado para dar um empurrãozinho. É por isso que ele está onde está hoje em dia, e eu estou... — Ele enviesou o queixo, exibindo a sala de reuniões. — E eu estou aqui.

— Então o estupro não foi ideia dele?

Ele balançou a cabeça e fez um sinal de advertência com o dedo, abrindo um sorriso largo: *Boa tentativa.*

— Quem foi que disse que houve estupro?

— Ora, ora! — falei, retribuindo o sorriso. — O senhor sabe que eu não posso lhe contar isso. Testemunhas.

Cathal mascava lentamente seu chiclete e não tirava os olhos de mim.

— Está bem — ele disse, por fim, com os restos do sorriso ainda nos cantos da boca. — Coloquemos da seguinte maneira: não houve estupro, mas se... cogitemos, apenas... se tivesse havido, nunca, nem em um milhão de anos, o Jonathan teria colhões para sequer pensar nisso. E, se houvesse realmente acontecido, ele teria passado as semanas seguintes tão assustado a ponto de praticamente borrar as calças, convencido de que alguém nos vira e iria nos denunciar para a polícia. Ficaria falando sem parar que seríamos todos presos, ia querer se entregar... O cara não tem coragem de matar nem um gatinho, imagine uma criança!

— E o senhor? — perguntei. — Não teria ficado preocupado com a possibilidade de essas testemunhas os denunciarem?

— Eu? — O sorriso alargou-se novamente. — Nenhuma chance, companheiro. Se, hipoteticamente, qualquer parte dessa história houvesse realmente acontecido algum dia, eu teria ficado satisfeito da vida, porra, porque saberia que iria escapar impune.

— Voto por irmos lá prendê-lo — sugeri naquela noite na casa de Cassie. Sam estava em Ballsbridge, em uma festa pela celebração dos 21 anos do primo, e então, ficamos só nós dois, sozinhos, sentados no sofá, bebendo vinho e resolvendo como iríamos atrás de Jonathan Devlin.

— Com base em que alegação? — Cassie questionou com sensatez. — Não podemos denunciá-lo pelo estupro. Talvez tenhamos apenas o suficiente para levá-lo até a Central para interrogá-lo sobre Peter e Jamie, só que não temos sequer uma testemunha capaz de dizer que eles estavam na cena do crime; portanto, não temos como demonstrar o motivo. Sandra não viu vocês e, se você disser as coisas de que se lembra, comprometerá o seu envolvimento com toda a investigação, e além do mais O'Kelly arrancaria as suas bolas e as usaria para enfeitar a árvore de Natal. E ainda não temos absolutamente nada que ligue Jonathan à morte de Katy, somente um problema estomacal que pode ou não ter sido provocado por abusos, que podem ou não ter sido cometidos por ele. A única coisa que podemos fazer é pedir a ele que venha conversar conosco.

— Eu queria só tirá-lo daquela casa — falei brandamente. — Estou preocupado com Rosalind. — Foi a primeira vez que coloquei aquela intranquilidade em palavras. Ela vinha crescendo dentro de mim, aos poucos e apenas em parte reconhecida, desde aquele primeiro telefonema apressado que ela havia me

dado, mas nos dois últimos dias a coisa havia atingido um nível tal que eu não mais me sentia capaz de ignorar.

— Com Rosalind? Por quê?

— Você disse que o nosso homem só voltará a matar caso se sinta ameaçado. Isso bate com tudo o que já nos disseram. Pelo que o Cathal me disse, Jonathan ficou horrorizado com a possibilidade de nós contarmos para alguém a respeito do estupro e então ele sai à nossa caça. Katy resolveu que iria parar de adoecer, talvez tenha ameaçado denunciá-lo, e aí ele a mata. Se ele descobre que Rosalind anda conversando comigo...

— Não acho que haja necessidade de você se preocupar tanto assim com ela — Cassie disse e terminou sua taça de vinho. — Podemos estar completamente enganados a respeito de Katy; é tudo suposição. E além do mais, eu não daria muita importância a nada que saísse da boca de Cathal Mills. Ele me passa a impressão de ser um psicopata, e para um psicopata mentir é mais fácil do que falar a verdade.

Ergui minhas sobrancelhas.

— Você só passou meros cinco minutos com ele e já está diagnosticando o cara? A mim ele passou a impressão de ser só um babaquilha metido a besta.

Ela deu de ombros.

— Não estou dizendo que tenho certeza sobre Cathal, mas um psicopata é surpreendentemente fácil de se identificar, se você souber como.

— Foi isso que lhe ensinaram em Trinity?

Cassie estendeu o braço com a mão aberta, pedindo a minha taça, e levantou-se para nos servir mais vinho.

— Não exatamente — disse ela em frente à geladeira. — Já conheci um psicopata.

Ela estava de costas para mim e, se sua voz assumiu um tom estranho, não me foi possível perceber.

— Outro dia eu vi um programa no Discovery Channel em que disseram que até cinco por cento da população é de psicopatas, mas que, como a maior parte deles não viola a lei, nunca chega a receber o diagnóstico. Quanto estaria disposta a apostar que, no governo, metade...

— Rob — Cassie me interrompeu. — Cale a boca. Por favor. Estou tentando lhe contar uma coisa.

Agora eu percebi a mudança de tom. Ela aproximou-se, entregou-me minha taça, levou a dela até a janela e apoiou-se no peitoril.

— Você já me perguntou por que eu larguei a faculdade — ela comentou sem demonstrar nervosismo. — No segundo ano fiquei amiga de um cara da minha turma. Ele era popular, um bocado bonito, charmoso, inteligente e interessante. Não me apaixonei por ele nem nada do tipo, mas acho que fiquei lisonjeada por ele me dar tanta atenção. A gente matava aula e passava horas bebendo café. Ele me dava presentes. Eram baratinhos, alguns até pareciam já usados, mas nós éramos estudantes sem dinheiro mesmo e, também, o que vale é a intenção, não é mesmo? Todos achavam bonita a nossa amizade tão próxima.

Ela deu um gole em sua bebida e a engoliu com dificuldade.

— Percebi logo que ele mentia muito, mas na maioria das vezes não tinha um motivo de verdade, mas eu sabia, por ele ter me contado, que teve uma infância horrível e que havia sido vítima de violência nas mãos das crianças mais velhas na escola, daí presumi que havia criado o hábito de mentir para se proteger. Cheguei a imaginar que pudesse ajudá-lo: se ele soubesse que tinha uma amiga que ficaria ao seu lado, independentemente de qualquer coisa, se sentiria mais seguro e não precisaria mais mentir. Eu tinha só dezoito, dezenove anos.

Eu estava com medo de me mexer, até de colocar a taça sobre a mesa de centro; estava apavorado, achando que qualquer mínimo gesto fosse fazer com que ela saísse do peitoril da janela com um movimento brusco e mudasse de assunto com algum comentário irreverente. Sua boca estava tensa,

fazendo com que parecesse muito mais velha, e ali eu soube que ela nunca tinha contado aquela história para ninguém.

— Acabei nem percebendo que estava me afastando de todos os outros amigos que havia conquistado porque ele me tratava com frieza e mau humor se eu passasse qualquer tempo que fosse com eles. Aliás, para falar a verdade, ele me tratava com frieza e mau humor com bastante frequência, por qualquer motivo ou por nada, e eu tinha que passar séculos tentando descobrir o que havia feito, pedindo desculpas e compensando meus “pecados”. Quando íamos nos encontrar, eu nunca sabia se ele me receberia cheio de abraços e elogios ou se eu só ganharia indiferença e olhares de reprovação; não havia lógica no comportamento dele. Às vezes, as coisas que ele aprontava... coisas pequenas: uma vez ele pediu emprestadas minhas anotações de aula quando já estava em cima do dia da prova, daí passou dias esquecendo-se de me devolvê-las, até que disse que as havia perdido e, depois, ficou revoltado quando eu vi uma parte delas para fora de sua mochila; esse tipo de coisa... ele me deixava tão furiosa que a minha vontade era matá-lo com as minhas próprias mãos, mas bancava o sujeito encantador com frequência suficiente para que eu não quisesse parar de andar com ele. — Um pequeno sorriso sem jeito. — Eu não queria magoá-lo.

Ela precisou de três tentativas para acender o cigarro; logo Cassie, que tinha me contado de quando foi esfaqueada sem sequer ficar nervosa.

— Enfim — ela reiniciou —, essa história prosseguiu durante quase dois anos. No quarto ano, no mês de janeiro, ele tentou me beijar em meu apartamento e eu recusei. Não faço a mínima ideia do porquê, naquela época eu estava tão confusa que mal sabia o que estava fazendo, mas graças a Deus ainda me sobravam alguns dos meus instintos. Falei que só queria ser amiga dele e ele pareceu aceitar numa boa. Conversamos mais um pouco e ele foi embora. No dia seguinte eu entrei na sala de aula e todo mundo ficou me olhando, mas ninguém queria falar comigo. Levei duas semanas para descobrir o que estava acontecendo. Finalmente encurralei uma garota chamada Sarah-Jane, tínhamos sido boas amigas no primeiro ano, e ela disse que todo mundo sabia o que eu tinha feito com ele.

Ela deu uma tragada forte e rápida no cigarro. Ela olhava para mim, mas não dentro de meus olhos; os dela estavam por demais arregalados e dilatados. Lembrei-me do olhar vazio de Jessica Devlin.

— Na noite em que lhe neguei o beijo, ele foi direto para o apartamento de umas outras meninas da nossa turma. Chegou às lágrimas. Contou a elas que nós dois estávamos namorando em segredo já havia algum tempo, que ele resolveu que a relação não estava dando certo e que eu disse que, se ele terminasse comigo, eu contaria para todo mundo que ele tinha me estuprado. Ainda disse que ameacei ir à polícia, aos jornais e acabar com a vida dele. — Ela procurou o cinzeiro, bateu as cinzas e errou.

Não me ocorreu, à época, me perguntar por que ela estava me contando aquela história. Por que ali, naquele momento? Pode até parecer estranho, mas tudo durante aquele mês parecia estranho. Estranho e duvidoso. O momento em que Cassie aceitou por nós dois a investigação pôs em movimento alguma espécie de um inevitável deslocamento tectônico; coisas que eu conhecia se quebravam, se abriam e viravam pelo avesso diante de meus olhos. O mundo transformava-se em uma coisa bela e perigosa como a lâmina reluzente de uma serra circular. Cassie abrir a porta de um de seus quartos secretos parecia uma parte natural e inevitável daquela mudança de maré de proporções gigantescas. E de certa maneira acho que foi mesmo. Só muito tempo depois fui me dar conta de que, na realidade, ela estava me contando uma coisa bem específica. Se apenas eu estivesse prestando atenção...

— Meu Deus! — exclamei depois de algum tempo. — Só porque você feriu o ego dele?

— Não foi só isso — Cassie respondeu. Ela vestia um blusão fino cor de cereja e eu conseguia vê-lo vibrar logo acima de seu peito, e me dei conta de que meu coração também estava acelerado. — Foi também porque ele estava entediado. Porque, ao rejeitá-lo, deixei bem claro que o que já tínhamos seria o máximo de diversão que ele teria comigo, e então eu não o queria para outra coisa. Porque, no fundo, era divertido.

— E você contou a essa Sarah-Jane o que tinha acontecido?

— Conteí — Cassie confirmou, inabalável. — Conteí a todos que ainda se dispunham a falar comigo, mas ninguém acreditou. Todos acreditaram nele, todos os nossos colegas de turma e todos os conhecidos em comum, o que acabou sendo praticamente todo mundo que eu conhecia. Pessoas que deveriam ser minhas amigas.

— Oh, Cassie... — falei com pesar, ansioso para ir até onde ela estava, abraçá-la e apertá-la junto de mim até que aquela rigidez terrível se esvaísse de seu corpo e ela retornasse do lugar remoto onde tinha se escondido. Mas com sua imobilidade e seus ombros retesados eu não conseguia definir se ela aceitaria o gesto de bom grado ou se seria a pior coisa que eu poderia fazer. Culpem o internato; culpem, se preferirem, alguma falha de caráter entranhada. O fato é que eu não sabia como. Duvido de que, a longo prazo, fosse fazer qualquer diferença; mas isso só me faz desejar com mais intensidade ainda que, pelo menos naquele momento, eu tivesse sabido o que fazer.

— Insisti durante mais umas duas semanas — Cassie prosseguiu e acendeu outro cigarro com o que já estava chegando ao fim, uma coisa que eu nunca a vira fazer. — Ele estava sempre cercado por um grupo de pessoas que lhe davam tapinhas protetores nas costas e me olhavam com ar de reprovação. Tinha gente que veio me dizer que era por minha causa que estupradores de verdade escapam impunes. Uma menina disse que eu merecia ser estuprada só para compreender a coisa horrível que eu havia feito.

Cassie soltou uma risada amarga.

— É irônico, não é mesmo? Uma centena de alunos de psicologia e nenhum de nós reconheceu um psicopata clássico. E sabe o que é mais estranho? Minha vontade era ter feito tudo aquilo que ele disse que eu fiz. Porque pelo menos assim tudo teria feito sentido: eu estaria colhendo o que plantei. Mas não fiz nada daquilo e, mesmo assim, não fazia diferença alguma em relação ao que estava acontecendo. Não houve nada de lei de causa e efeito. Achei que estivesse enlouquecendo.

Curvei-me sobre ela, vagorosamente, do jeito que a pessoa deve se aproximar de um animal assustado, e peguei em sua mão; pelo menos isso eu consegui fazer. Ela deu um risinho rápido, apertou meus dedos e depois os soltou.

— Enfim... um dia ele veio falar comigo na cantina, várias garotas tentaram dissuadi-lo, mas ele meio que se livrou delas corajosamente, aproximou-se de mim e disse em voz alta para que elas escutassem: “Por favor, pare de me ligar no meio da noite. O que foi que eu fiz contra você?” Eu fiquei tão atordoada que não conseguia entender do que ele falava. A única coisa que me ocorreu dizer foi: “Mas eu não liguei para você...” Ele sorriu e balançou a cabeça como se dissesse *Tá legal, falou*, e depois curvou-se, aproximando o rosto do meu, e disse bem calmamente, com uma voz alegre e metódica: “Agora, se algum dia eu resolver mesmo arrombar o seu apartamento e estuprá-la, não acredito que você prestar queixa fosse servir de alguma coisa, não concorda?” Depois ele sorriu de novo e voltou para junto dos amigos.

— Querida — falei, por fim, com muito cuidado —, talvez devesse instalar um alarme aqui no seu apartamento. Não quero deixá-la com medo, mas...

Cassie fez um gesto negativo com a cabeça.

— E depois o quê? Nunca mais sair de casa? Não posso me dar ao luxo de começar a ficar paranoica. As fechaduras são de qualidade e eu durmo com a minha arma ao lado da cama. — Eu já havia percebido aquilo, é claro, mas muitos detetives só se sentem bem se suas armas estiverem ao alcance. — De qualquer maneira, tenho quase certeza de que ele nunca chegaria mesmo a ponto de fazer isso. Eu sei como a mente dele funciona... infelizmente. Ele acha muito mais divertido imaginar que estou sempre com medo de que ele venha do que simplesmente fazê-lo e dar um fim à história toda.

Ela deu a última tragada no cigarro e inclinou-se para a frente para apagá-lo. Sua coluna estava tão rígida que o movimento que ela fez pareceu doloroso.

— Só que, naquela época, tudo aquilo me deixou tão apavorada que eu larguei a faculdade e fui para a França. Tenho primos em Lyon com quem morei durante um ano enquanto trabalhava como garçone

em um café. Era legal. Foi lá que comprei a Vespa. Daí voltei e fiz a inscrição na Templemore.

— Por causa dele?

Ela deu de ombros.

— Acho que sim. Provavelmente. Então, talvez tudo aquilo tenha produzido algo de bom. E ainda saí da história com um ótimo radar para psicopatas. Funciona igual a uma alergia: depois de exposta a ela uma vez, dali por diante a pessoa fica hipersensível. — Ela acabou com o conteúdo de sua taça com um gole longo. — Esbarrei com Sarah-Jane ano passado em um pub na cidade e cumprimentei-a. Ela me disse que ele estava bem, “apesar das minhas tentativas mais ardilosas”, e depois foi embora.

— É com essa história que você tem pesadelos? — perguntei com delicadeza depois de um instante. Eu já a havia acordado no meio de um deles duas vezes, com ela agitando os braços, tentando me atingir e despejando, ofegante, torrentes incompreensíveis de palavras, na época em que investigávamos estupros seguidos de homicídio, só que ela nunca me contava detalhes.

— Exatamente. No pesadelo ele é o cara que estamos caçando, mas não conseguimos provar nada, e quando ele descobre que sou eu que estou investigando o caso, ele... bom. Ele faz o que sabe de melhor.

Achei, na época, que o pesadelo era o tal cara colocando em prática sua ameaça. Hoje em dia acho que estava enganado. Não fui capaz de compreender o único detalhe crítico: onde estava o perigo verdadeiro. E creio que esse possa ter sido, diante dos milhares que cometi, o maior erro que cometi em toda a minha vida.

— Qual é o nome dele? — perguntei, desesperado para tomar alguma providência, para acertar aquela história de alguma maneira, e a única coisa que consegui pensar foi em pesquisar o passado do tal sujeito e tentar desencavar qualquer coisa pela qual pudesse prendê-lo. E creio que uma parte muito pequena de mim, quer tenha sido por crueldade, por uma curiosidade desinteressada ou por qualquer outra coisa que fosse, tinha percebido que Cassie havia se esforçado para não o dizer e queria ver o que aconteceria se o fizesse.

Os olhos dela, enfim, fitaram os meus, e eu me senti abalado por aquele ódio concentrado e quase tão duro quanto um diamante.

— Legion — ela respondeu.

Receberíamos Jonathan no dia seguinte. Telefonei para ele e lhe perguntei com a minha melhor voz profissional se ele se importaria em ir falar conosco depois do trabalho, só para nos ajudar com algumas coisinhas. Sam estava com Andrews na sala principal de interrogatório, uma sala maior onde havia uma câmara de observação para a testemunha apontar um entre vários suspeitos alinhados. (“Nossa!”, disse O’Kelly. “De repente temos suspeitos saindo pelo ladrão como se alguém estivesse distribuindo doce. Eu devia ter dispensado os auxiliares antes, assim vocês três levantavam as bundas preguiçosas da cadeira.”) Mas não vimos problema algum naquilo: queríamos mesmo uma sala menor. Quanto menor, melhor.

Nós a decoramos cuidadosamente como um cenário. Fotografias de Katy, viva e morta, ocupavam metade de uma das paredes; Peter e Jamie e os tênis aterradores e as esfoladuras em meus joelhos na outra metade (também tínhamos uma foto de minhas unhas quebradas, mas me deixava muito mais incomodado do que poderia possivelmente ter deixado Jonathan — as articulações de meus polegares são inconfundíveis e já aos doze anos minhas mãos tinham quase o tamanho das de um homem adulto — e Cassie nada disse quando eu guardei-a discretamente na pasta); mapas e gráficos e qualquer pedaço de papel com um quê de esoterismo que conseguimos encontrar, exames de sangue, linhas de tempo, pastas e caixas rotuladas de forma obscura empilhadas nos cantos.

— Assim deve funcionar — concluí, vistoriando o resultado final. O ambiente havia ficado, para falar a verdade, aterrorizador.

— Hmm. — Um canto de uma das fotos da autópsia estava se descolando da parede e Cassie, distraidamente, pressionou-o para que voltasse ao lugar. Sua mão demorou-se naquele ponto por um instante, com seus dedos tocando levemente o braço desnudo e cinzento de Katy. Eu sabia o que ela estava pensando, se Devlin fosse inocente, aquilo tudo seria uma crueldade gratuita, mas não havia razão para me preocupar com aquilo. Com maior frequência do que gostamos de admitir, a crueldade é inerente ao nosso trabalho.

Tínhamos mais ou menos meia hora até que terminasse o horário de expediente de Devlin e estávamos ansiosos demais para começar a fazer qualquer outra coisa. Deixamos nossa sala de interrogatório — que já estava começando a me deixar um pouco apavorado com todos aqueles olhos arredondados e vigilantes; eu ficava tentando me convencer de que era um bom sinal — e entramos na câmara de observação para ver como Sam estava se saindo.

Sam andava cuidando bem de suas pesquisas; Terence Andrews, agora, tinha uma ampla seção do quadro branco só para ele. Havia cursado comércio exterior na Universidade Federal de Dublin e, apesar de formado com um desempenho apenas pífio, havia aparentemente captado com firmeza os preceitos básicos do ramo: aos vinte e três anos casou-se com Dolores Lehane, uma debutante de Dublin cujo pai, um especulador imobiliário, deu-lhe seu ponto de partida no mundo dos negócios. Dolores o havia abandonado quatro anos antes e atualmente morava em Londres. O casamento não gerou herdeiros, mas nem chegou perto de ser improdutivo: Andrews era dono de um pequeno império que cresceu rapidamente e estava concentrado na área da grande Dublin, mas já tinha suas filiais em Budapeste e Praga, e os boatos ainda davam conta de que os advogados de Dolores e a Receita Federal conheciam cerca de menos da metade.

No entanto, segundo Sam, ele havia ultrapassado um pouco os limites do entusiasmo: o ostentoso apartamento de executivo, o carro novo (um Porsche prata com cada acessório instalado especialmente conforme as especificações dele: vidros escuros, todo cromado e cheio de papagaiada) e os títulos de sócio do clube de golfe não passavam de bravatas: Andrews mal chegava a ter mais dinheiro do que eu e o gerente do banco estava começando a ficar impaciente. Nos seis últimos meses ele vinha liquidando partes de suas terras para ter como pagar as hipotecas do restante.

— Se a rodovia não passar por Knocknaree, e rápido — Sam explicou de modo sucinto —, o rapaz estará arruinado.

Eu já não gostava do tal Andrews bem antes de saber seu nome, e não vi nada que me levasse a mudar de opinião. Era baixinho, quase totalmente careca, com traços vigorosos e corados. Era dono de uma barriga enorme e de um ligeiro estrabismo em um dos olhos, mas, em uma situação em que a maioria dos homens teria tentado ocultar tais debilidades, ele as utilizava como armas contundentes: colocava a pança projetada à frente do corpo como um símbolo de status — *Aqui dentro não tem Guinness barata, não, ela ficou assim nos restaurantes que vocês não conseguiriam bancar nem em um milhão de anos* — e sempre que Sam se distraía e dava uma olhada sobre o ombro para ver para onde Andrews estava olhando, a boca do interrogado contraía-se em um sorrisinho afetado e triunfante.

Ele havia levado o advogado, é claro, e respondia a mais ou menos uma pergunta entre dez formuladas. Sam havia conseguido, depois de pesquisar muita papelada, provar que Andrews era dono de grandes extensões de terra em Knocknaree; com isso, Andrews desistiu de alegar que não conhecia o lugar. Mas nem considerava responder a perguntas sobre sua situação financeira — deu tapinhas no ombro de Sam e disse cordialmente: “Se eu ganhasse o salário de um policial, Sam, meu bom rapaz, ficaria mais preocupado com a minha própria situação financeira do que com a dos outros”, enquanto o advogado murmurava, sem demonstrar qualquer ponta de ânimo, ao fundo: “Meu cliente não pode divulgar qualquer informação a esse respeito” — e os dois ficaram chocados ao saber dos telefonemas ameaçadores. Eu me remexia e olhava para o meu relógio de pulso a cada trinta segundos; Cassie, recostada no vidro, comia uma maçã e, distraidamente, me oferecia uma mordida de vez em quando.

Porém, Andrews tinha, de fato, um alibi para a noite do crime e, depois de uma boa dose de retórica ofendida, concordou em revelá-lo. Passara a noite jogando pôquer em Killiney com alguns “caras” e, quando o jogo acabou por volta de meia-noite, resolveu não voltar dirigindo para casa — “não se fazem mais policiais compreensivos como antigamente” foi a desculpa que ele deu, olhando para Sam e lançando-lhe uma piscadela — e ficou no quarto de hóspedes da casa do anfitrião. Ainda deu os nomes e telefones dos caras para que Sam confirmasse seu relato.

— Então, está ótimo — disse Sam, por fim. — Vamos precisar apenas colocar a testemunha para ouvir sua voz e compará-la com outras para que possamos descartá-lo.

Uma expressão ofendida passou pelo rosto de Andrews.

— Tenho certeza de que compreende o quanto é difícil para mim me sacrificar por você, Sam — disse ele —, considerando a maneira com que fui tratado. — Cassie começou a soltar risadinhas discretas.

— Lamento que se sinta assim, sr. Andrews — Sam se desculpou com gravidade na voz. — Será que pode me apontar exatamente em quais aspectos do tratamento o senhor viu problema?

— Você me arrastou até aqui e me segurou por quase todo um *dia útil*, Sam, e me tratou como um *suspeito* — disse Andrews com a voz elevada e trêmula devido à injustiça de tudo aquilo. Eu também comecei a rir. — Veja bem, sei que vocês estão acostumados a lidar com gente que não têm nada melhor para fazer, mas deveriam entender o que isso significa para um homem com a posição que eu tenho. Estou ficando de fora de algumas oportunidades maravilhosas para estar aqui, ajudando vocês. É possível que só hoje eu já tenha perdido milhares, e agora vocês querem que eu passe ainda mais tempo aqui para

fazer um não sei o quê com a minha voz para um sujeito de quem eu nunca sequer *ouvi falar*? — Sam tinha razão. Ele tinha mesmo uma vozinha de tenor.

— Claro, podemos dar um jeito nisso — disse Sam. — Não precisamos fazer a exposição da sua voz agora. Se for melhor para o senhor voltar outra hora e fazê-lo, digamos, hoje à noite ou amanhã de manhã, fora do horário de expediente, podemos marcar. Que tal?

Andrews fez cara de amuado. O advogado — uma figura tão periférica que nem me lembro de como era — ergueu o dedo de modo hesitante e solicitou um momento para deliberar com seu cliente. Sam desligou a filmadora e veio juntar-se a nós na câmara de observação, afrouxando a gravata.

— Oi — disse ele. — Estão se divertindo?

— Demais — respondi. — Deve ser ainda mais divertido quando se está dentro.

— Vou contar uma coisa para vocês. O rapaz é uma peça. Nossa, vocês viram aquele maldito olho dele? Levei séculos para me tocar. Tinha achado a princípio que fosse só um problema de falta de atenção...

— O seu suspeito é mais divertido que o nosso — Cassie comentou. — O nosso não tem sequer um tique.

— Por falar nele — eu disse —, não marque o reconhecimento de voz para hoje à noite. Devlin já tem outro compromisso, e depois, se dermos sorte, não estará com disposição para mais coisa nenhuma. — Só se déssemos muita sorte, eu sabia, o caso (ambos os casos) poderia estar concluído naquela noite, e não precisaríamos que Andrews fizesse absolutamente nada, mas não lembrei isso a eles. Só de pensar naquilo eu já sentia minha garganta apertar irritantemente.

— É mesmo! — falou Sam. — Tinha me esquecido. Perdão. Mas estamos progredindo, não estamos? Dois bons suspeitos em um só dia...

— Caramba, somos bons mesmo! — Cassie brincou. — Bate aqui pelo Andrews! — Ela aproximou os dois olhos do nariz, golpeou violentamente na direção da mão de Sam e errou. Estávamos todos bastante nervosos.

— Se alguém bater na sua cabeça, você vai ficar assim para sempre — Sam disse. — Foi o que aconteceu com Andrews.

— Então bata nele outra vez para ver se volta ao normal.

— Meu Deus, você é muito politicamente incorreta — falei para ela. — Vou denunciá-la para a Comissão Nacional de Defesa dos Direitos dos Cafajestes Vesgos.

— Ele não me disse nada de útil — disse Sam. — Mas não tem problema, eu não esperava tirar muito dele hoje mesmo. Só quero deixá-lo um pouco cabreiro e levá-lo a aceitar fazer o reconhecimento de voz. Depois que tivermos uma identificação, posso colocar pressão em cima dele.

— Espere aí. Ele está *bêbado*? — Cassie perguntou e inclinou-se para a frente, com a respiração embaçando o vidro, para observar Andrews enquanto ele gesticulava e resmungava furiosamente no ouvido do advogado.

Sam abriu um sorriso largo.

— Percebeu bem. Não creio que esteja bêbado para valer, não a ponto de falar pelos cotovelos, infelizmente, mas está com cheiro de bebida alcoólica, é verdade. De perto dá para sentir. Se só a ideia de vir aqui o deixou abalado a ponto de o cara precisar beber, ele está escondendo alguma coisa. Talvez sejam somente os telefonemas, mas...

O advogado de Andrews levantou-se, esfregou as mãos nas laterais da calça e acenou com nervosismo na direção do vidro.

— Segundo round — Sam falou, tentando ajeitar a gravata como estava antes. — Até mais tarde, pessoal. Boa sorte.

Cassie mirou o miolo da maçã na lixeira que ficava no canto da sala e errou.

— Parece o Andrews arremessando — disse Sam com um sorriso largo nos lábios antes de sair.

Nós o deixamos lá e saímos para fumar — a próxima oportunidade só deveria aparecer depois de um bom tempo. Uma pequena ponte servia de passagem até o jardim externo, e nela nós nos sentamos, apoiando as costas na balaustrada. O castelo estava especialmente bonito e nostálgico sob efeito da iluminação do final de tarde. Turistas de shorts e mochilas passavam por nós, olhando bestificados para as ameias; um deles, sem que eu conseguisse compreender o porquê, bateu uma foto nossa. Um casal de crianças pequenas corria em disparada pelo labirinto formado por trilhos de tijolos no jardim, com os braços estendidos como se fossem super-heróis.

O humor de Cassie havia mudado abruptamente; a explosão de entusiasmo havia se dissipado e agora ela se encontrava enclausurada em um círculo particular de contemplação, com os braços sobre os joelhos e o cigarro queimando, esquecido, entre seus dedos. Às vezes Cassie fica assim e me agradou ela estar assim naquela hora. Eu não estava muito a fim de conversar. A única coisa em que eu conseguia pensar era que estávamos prestes a ir com toda força para cima de Jonathan Devlin, com tudo que tínhamos e, se existia alguma chance de ele confessar, aquela era a nossa deixa; e eu não sabia o que iria fazer ou o que poderia acontecer se ele confessasse.

Subitamente a cabeça de Cassie ergueu-se; seu olhar atento passou por mim, por sobre meu ombro.

— Veja — disse ela.

Eu me virei. Jonathan Devlin se aproximava pelo pátio com os ombros projetados para a frente e as mãos nos bolsos do sobretudo marrom. As linhas altas e altivas dos edifícios vizinhos deveriam tê-lo apequenado; no entanto, em vez disso, pareciam cercá-lo com geometrias estranhas, fazendo dele uma cruz de significado impenetrável. Ele não tinha nos visto. Vinha de cabeça baixa e a luz do sol, que incidia nos jardins, batia em seu rosto; à sua vista seríamos somente meras silhuetas obscuras, suspensas em auréolas resplandecentes como esculturas de santos e gárgulas. Atrás dele, sua sombra comprida e negra flutuava pelas pedras arredondadas da pavimentação.

Ele passou direto por debaixo de nós e ficamos observando suas costas enquanto ele caminhava com sofrimento na direção da porta.

— Bom — falei e apaguei o cigarro, esmagando-o. — Acho que chegou a hora.

Levantei-me e ofereci a mão para ajudar Cassie a também pôr-se de pé, mas ela permaneceu parada. Seus olhos, fitando os meus, estavam subitamente controlados, atentos e interrogativos.

— O que foi? — perguntei.

— Seria melhor você não participar do interrogatório.

Não respondi. Não me mexi. Apenas fiquei ali, de pé sobre a ponte, com a mão estendida na direção dela. Depois de alguns instantes, ela balançou a cabeça e a expressão que me deixara tão assustado havia desaparecido, e então ela segurou minha mão e permitiu que eu a levantasse.

Entramos com Devlin na sala de interrogatório. Quando ele avistou a parede, seus olhos arregalaram-se repentinamente, mas ele nada disse.

— Detetives Maddox e Ryan interrogando Jonathan Michael Devlin — disse Cassie, remexendo por entre as folhas de uma das caixas e resgatando uma pasta que continha uma quantidade exagerada de páginas. — O senhor não é obrigado a dizer nada que não seja de sua livre e espontânea vontade, mas qualquer coisa que venha a dizer será registrada por escrito e pode ser usada como prova. Compreendido?

— Estou sendo preso? — Jonathan perguntou, ainda sem sair de perto da porta. — Pelo quê?

— O quê? — perguntei, confuso. — Ah, os direitos... Nossa! Não. É rotina. Queremos apenas deixá-lo a par dos mais recentes progressos da investigação e ver se pode nos ajudar a levar a coisa um pouco mais além.

— Se estivesse sendo preso — Cassie falou, lançando a pasta sobre a mesa —, o senhor não teria a mínima dúvida. Achou que estivesse sendo preso sob que alegação?

Jonathan deu de ombros. Ela olhou para ele, abriu um sorriso, puxou uma cadeira e posicionou-a de frente para a parede horripilante.

— Sente-se. — Depois de um instante, lentamente, ele tirou o sobretudo e se sentou.

Informei-o do que havíamos feito durante todo aquele tempo. Foi a mim que ele confiou sua história, e tal confiança era uma pequena arma de tiro curto que eu não tinha intenção de detonar até que chegasse o momento certo. Por enquanto eu era seu aliado e fui, até certo ponto, sincero com ele. Contei-lhe das pistas que investigamos e dos exames que o laboratório realizou. Listei para ele, um por um, os suspeitos que identificamos e descartamos: os moradores que consideravam que ele estava detendo o progresso da área, os pedófilos e viciados declarados e os Vultos de Agasalho, o sujeito que tinha achado falta de modéstia Katy exibir-se com malha de ginástica no jornal; Sandra. Eu conseguia sentir o frágil e silencioso exército de fotografias enfileiradas atrás de mim, só aguardando. Jonathan saiu-se bem e manteve-se olhando dentro de meus olhos quase o tempo todo; no entanto, pude notar o esforço que fazia.

— Então o que está me dizendo é que vocês não chegaram a lugar algum — ele disse, por fim, severamente. Sua aparência era a de um homem terrivelmente exausto.

— Claro que não — disse Cassie, que se sentara a um dos lados da mesa com o queixo apoiado na palma da mão e observando em silêncio. — Nada disso. O que o detetive Ryan está lhe dizendo é que fizemos progressos nas últimas semanas. Descartamos muitos suspeitos. E aqui está o que restou. — Ela inclinou a cabeça na direção da parede; ele não tirou os olhos do rosto dela. — Temos provas de que o assassino de sua filha é um morador da área que conhece bem cada centímetro de Knocknaree. Temos evidências técnicas que associam a morte dela aos desaparecimentos de Peter Savage e Germaine Rowan ocorridos em 1984, o que indica que o assassino deve ter pelo menos trinta e cinco anos de idade, além de fortes vínculos com a área há mais de vinte anos. E muitos dos homens que se encaixam nessa descrição têm álibis, o que limita ainda mais as possibilidades.

— Também temos evidências — falei — que sugerem que não é um assassino que mata por prazer. Ele não está matando aleatoriamente. Está fazendo isso por considerar que não tem alternativa.

— Então acreditam que ele tem problemas mentais — disse Jonathan, com a boca a retorcer-se. — Algum lunático...

— Não necessariamente — respondi. — Só o que digo é que às vezes as situações saem do controle. Às vezes terminam em tragédias que, na realidade, ninguém queria que acontecessem.

— Portanto, como pode ver, sr. Devlin, isso é outra coisa que limita ainda mais as possibilidades: nossa busca é por uma pessoa que conhecesse todas as três crianças e que tivesse motivo para querer que morressem — Cassie disse enquanto inclinava a cadeira para trás com as mãos detrás da cabeça, sem tirar os olhos dos dele. — Nós vamos pegar o sujeito. A cada dia nos aproximamos mais dele. Então, se houver alguma coisa que o senhor queira nos contar, qualquer coisa mesmo, sobre qualquer dos dois casos, a hora é agora.

Jonathan não respondeu imediatamente. O ambiente estava calmo demais, ouvia-se apenas o zumbido brando das lâmpadas fluorescentes sobre nossas cabeças e o ranger maçante e monótono de Cassie balançando a cadeira. Os olhos de Jonathan fugiram dos dela e olharam as fotografias: Katy suspensa naquele *arabesque* impossível; Katy rindo em um gramado verde e embaçado com os cabelos ao vento e um sanduíche nas mãos; Katy com um dos olhos semicerrado e com o lábio manchado de sangue. O sofrimento puro e simples estampado no rosto de Jonathan chegava quase a ser indecente. Tive que me obrigar a não desviar o olhar.

O silêncio alongava-se e tornava-se cada vez mais tenso. Quase imperceptivelmente, uma reação que eu reconhecia estava acontecendo com Jonathan. Existe uma prostração específica da boca e da coluna, uma curvatura, como se a musculatura subjacente estivesse se liquefazendo, que já é conhecida de todo

investigador: faz parte do instante imediatamente anterior à confissão de um suspeito quando ele, finalmente e quase com alívio, deixa todas as suas defesas caírem por terra. Cassie havia parado de balançar a cadeira. Minha pulsação corria a mil por hora em meu pescoço e eu sentia as fotografias atrás de mim prendendo a respiração, prontas para saírem do papel e descerem o corredor rumo à noite escura, libertas, esperando apenas que ele dissesse as palavras certas.

Jonathan esfregou com firmeza a mão de um lado ao outro da boca, cruzou os braços e olhou novamente para Cassie.

— Não — disse ele. — Não há nada.

Cassie e eu soltamos nossas respirações presas em uníssono. Eu sabia que não devia esperar por tanto e, após aquele primeiro segundo em que me senti extremamente deprimido, não conseguia mais me importar; porque agora, ao menos, eu tinha certeza de que Jonathan sabia de alguma coisa. O que ele fez serviu quase como uma confissão.

Para falar a verdade, recebemos aquilo com certo choque. Desde o início a investigação tinha tantas possibilidades e situações hipotéticas (“Muito bem, então consideremos apenas por um segundo que Mark seja o assassino e que as enfermidades de Katy e o caso de 1984, afinal, não tenham conexão alguma. E digamos que Mel esteja dizendo a verdade: quem ele poderia ter mandado que se livrasse do corpo?”) que a certeza já havia começado a parecer uma coisa inimaginável, um sonho remoto de criança. Senti como se estivesse passando por entre vestidos vazios pendurados em algum sótão sombrio e de repente esbarrasse em um corpo humano, quente, sólido e cheio de vida.

Cassie retornou lentamente as pernas da frente da cadeira até o chão.

— Muito bem — disse ela. — Muito bem. Voltemos ao princípio. O estupro de Sandra Scully. Quando foi exatamente que aconteceu?

A cabeça de Jonathan virou-se repentinamente para olhar para mim.

— Pode responder sem se preocupar — aconselhei sem levantar a voz. — Já prescreveu. — Na verdade ainda não tínhamos nos dado ao trabalho de verificar aquilo, mas não serviria de nada: não havia chance de algum dia chegarmos a denunciá-lo por aquele crime de qualquer maneira.

Ele passou um tempo me olhando com cautela.

— No verão de 84 — respondeu, enfim. — Não tenho como saber a data.

— Temos declarações que o colocam nas duas primeiras semanas de agosto — disse Cassie, abrindo a pasta. — O senhor diria que estão certas?

— Pode muito bem ter sido.

— Também temos declarações que confirmam a presença de testemunhas.

Ele deu de ombros.

— Não tenho como saber.

— Na verdade — disse Cassie — nos disseram que o senhor correu atrás delas no bosque e voltou dizendo alguma coisa parecida com “moleques filhos da puta”. Parece que sabia da presença delas.

— Talvez. Não me lembro.

— O que pensava sobre o fato de que havia crianças que sabiam o que vocês tinham feito?

Ele deu de ombros mais uma vez.

— Como já falei, não me lembro disso.

— Cathal afirma... — Ela folheou algumas páginas. — Cathal Mills afirma que o senhor ficou em pânico com a possibilidade de elas irem à polícia. Afirma também que o senhor estava, abre aspas, tão assustado a ponto de praticamente borrar as calças, fecha aspas.

Não houve resposta. Ele afundou-se ainda mais na cadeira com os braços cruzados e firme como um muro.

— O que fez para impedir que os entregassem?

— Nada.

Cassie riu.

— Ah, qual é, Jonathan? Já sabemos quem eram as testemunhas.

— Então sabem mais do que eu. — Seu rosto continuava duro, sem deixar transparecer nada, mas uma vermelhidão começava a se formar por suas bochechas: estava ficando irritado.

— E poucos dias após o estupro — Cassie continuou —, duas delas desapareceram. — Ela se levantou sem pressa, alongando-se, e dirigiu-se até o outro lado da sala, até a parede com as fotos.

— Peter Savage — ela falou, levando o dedo à foto dele da época da escola. — Peço que olhe para a fotografia, por favor, sr. Devlin. — Ela esperou Jonathan erguer a cabeça e ele ficou olhando desafiadoramente a fotografia. — Dizem que era um líder nato. Poderia estar liderando a campanha pela mudança da rodovia junto com o senhor se estivesse vivo. Os pais não conseguem se mudar, o senhor sabia? Joseph Savage recebeu a oferta do emprego de seus sonhos há alguns anos, mas para aceitá-la a família teria que se mudar para Galway, só que não conseguiram suportar a ideia de que Peter pudesse, algum dia, voltar para casa e ver que eles não estavam mais ali.

Jonathan começou a dizer alguma coisa, mas ela não lhe deu tempo.

— Germaine Rowan — ela levou a mão à foto ao lado —, também conhecida como Jamie. Queria ser veterinária quando crescesse. A mãe não mudou nada no quarto dela. Apenas varre o pó todo sábado. Quando os telefones passaram a ter sete dígitos, nos anos 1990, o senhor se lembra?, Alicia Rowan foi até o escritório central da Telecom Éireann e implorou, às lágrimas, para que a deixassem manter seu antigo número de seis dígitos caso algum dia Jamie tentasse ligar para casa.

— Não tivemos nada... — Jonathan começou, mas ela cortou-o novamente, elevando a voz e sobrepujando a dele.

— E Adam Ryan. — A foto de meus joelhos esfolados. — Os pais dele foram embora de Knocknaree por causa da exposição na mídia e por temer que quem quer que tenha sido o responsável por aquilo fosse voltar para buscá-lo. Eles sumiram do mapa, mas, onde quer que o garoto esteja, ele vive com as consequências daquilo durante todos os dias de sua vida. O senhor adora Knocknaree, não é verdade, sr. Jonathan? O senhor adora fazer parte da comunidade em que viveu desde que era um garotinho. Adam também poderia ter se sentido assim se tivesse tido oportunidade. Mas agora está por aí em algum lugar. Pode ser em qualquer canto do mundo, mas nunca conseguirá voltar para casa.

O som daquelas palavras passou por mim como o de sinos perdidos de alguma cidade submarina. Cassie era boa naquilo: durante uma fração de segundo senti uma desolação violenta e absoluta tão grande que poderia ter lançado minha cabeça para trás e uivado como um cão.

— O senhor sabe o que os Savage e Alicia Rowan sentem pelo senhor? — Cassie indagou. — Inveja. O senhor teve que enterrar sua filha, mas a única coisa pior que isso é nunca sequer ter a oportunidade de fazê-lo. O senhor se lembra de como se sentiu no dia em que Katy desapareceu? É assim que eles se sentem há vinte anos.

— Toda essa gente merece saber o que aconteceu, sr. Devlin — eu disse com serenidade. — E também não é só pelo bem deles que estamos dizendo isso. Temos trabalhado com a suposição de que haja alguma ligação entre os dois casos. Se estivermos enganados, precisamos saber, ou o assassino de Katy poderá acabar escorrendo por entre nossos dedos.

Alguma coisa cruzou os olhos de Jonathan. Alguma coisa, imaginei, que parecia uma mistura estranha e mórbida de horror e esperança, mas que desapareceu rapidamente demais para que eu tivesse certeza do que era.

— O que aconteceu naquele dia? — Cassie perguntou. — Em 14 de agosto de 1984. No dia em que Peter e Jamie desapareceram.

Jonathan afundou-se ainda mais na cadeira e balançou a cabeça em negação.

— Já lhes contei tudo o que sei.

— Sr. Devlin — falei, inclinando-me para a frente na direção dele —, é simples entender como tudo aconteceu. O senhor estava absolutamente em pânico com tudo o que tinha acontecido com Sandra.

— O senhor sabia que ela não representava ameaça — disse Cassie —, pois era apaixonada por Cathal e não diria nada que pudesse colocá-lo em encrenca. E se os denunciasse, seria apenas a palavra dela contra a de todos vocês. Júris costumam duvidar de vítimas de estupro, sobretudo das que já transaram consensualmente com dois de seus agressores. Vocês poderiam chamá-la de vadia e ir livres para suas casas. Só que aquelas crianças... Uma palavra delas poderia colocá-los atrás das grades a qualquer minuto. Vocês nunca se sentiriam seguros enquanto elas estivessem por aí.

Ela saiu de perto da parede, puxou uma cadeira para ficar bem próxima ao lado dele e se sentou.

— Vocês nem chegaram perto de Stillorgan naquele dia — ela acusou com delicadeza. — Não é verdade?

Jonathan mudou de posição na cadeira, um discreto endireitamento dos ombros.

— Não — ele respondeu com austeridade. — Eu fui. Eu, Cathal e Shane. Fomos ver um filme.

— Qual foi o filme?

— O que eu disse para a polícia na época. Já se passaram vinte anos.

Cassie balançou a cabeça.

— Não — ela vaticinou com uma sílaba pequena e fria que caiu como uma bomba. — Talvez um de vocês, eu apostaria em Shane pois é quem eu mesma deixaria de fora, tenha ido ver um filme para poder contar a trama aos outros dois caso alguém perguntasse. Talvez, se vocês eram inteligentes, todos os três entraram no cinema e depois saíram de fininho por uma das saídas de emergência logo que as luzes se apagaram para que tivessem um alibi. No entanto, antes das seis da tarde, dois de vocês, pelo menos, já estavam de volta a Knocknaree, lá no bosque.

— *O quê?! — Jonathan exclamou com o rosto repuxado em uma careta de repulsa.*

— As crianças sempre voltavam para casa para o chá às seis e meia e vocês sabiam que poderia levar algum tempo até que as encontrassem; o bosque era bastante grande à época. Mas vocês, de fato, as encontraram. Estavam brincando sem se esconder; é bem provável que estivessem fazendo bastante barulho. Vocês ficaram observando-as escondidos, do mesmo modo que elas faziam com vocês, e as agarraram.

Cassie e eu havíamos conversado sobre tudo aquilo com antecedência, é claro: repassamos tudo repetidas vezes, criamos uma teoria que se encaixasse com tudo que tínhamos e colocamos todos os detalhes à prova. Contudo, uma incerteza agitava-se dentro de mim, se expandindo aos poucos — *Assim não, não foi assim* — só que já era tarde demais: não havia mais como parar.

— Nem sequer chegamos a entrar na merda daquele bosque aquele dia. Nós...

— Vocês tiraram os tênis deles para dificultar que fugissem e então mataram Jamie. Só poderemos ter certeza de como depois que encontrarmos os corpos, mas aposto que usaram alguma lâmina. Ou a esfaquearam ou cortaram a garganta. De alguma forma que ainda não descobrimos, o sangue dela foi parar nos tênis de Adam; talvez vocês os tenham usado intencionalmente para absorver o sangue, tentando não deixar provas demais. Talvez estivessem planejando atirar os tênis no rio junto com os corpos. Só que aí, Jonathan, enquanto vocês cuidavam de Peter, esqueceram de Adam. Ele pegou os tênis de volta e correu pra caralho. Foram encontrados cortes nas costas da camiseta dele: acho que um de vocês tentou esfaqueá-lo enquanto ele corria e não conseguiu por muito pouco... e vocês não conseguiram detê-lo. Ele conhecia aquele bosque melhor do que vocês e se escondeu até que os grupamentos de busca o encontrassem. Como ficou se sentindo depois disso, Jonathan? Sabendo que tinham feito tudo aquilo por nada e que ainda havia uma testemunha à solta?

Jonathan fitava o nada com seu maxilar rígido. Minhas mãos tremiam; levei-as devagar para debaixo da beira da mesa.

— Está entendendo, Jonathan? — Cassie perguntou. — É por isso que acho que só dois de vocês foram para o bosque. Três rapazes grandes contra três crianças... não teria nem como eles resistirem: não precisariam tirar os tênis deles para impedir que fugissem, poderiam ter simplesmente cada um segurando uma criança, e Adam nunca teria conseguido voltar para casa. Mas se fossem só dois de vocês tentando dominar eles três...

— Sr. Devlin — falei, e minha voz saiu estranha, ressonante —, se foi o senhor que, de fato, não participou, se foi o senhor que foi ao cinema para fornecer aos outros um álibi, então precisa nos contar. A diferença é enorme entre ser um homicida e ser um cúmplice.

Jonathan lançou-me um olhar de raiva como se dissesse *Até tu, Brutus?*.

— Vocês são dois malucos de merda — disse ele, respirando ruidosamente pelo nariz. — Vocês... que *merda*. Nunca encostamos um dedo naquelas crianças.

— Sei que o senhor não era o cabeça, sr. Devlin — eu disse. — O cabeça era Cathal Mills. Foi ele próprio que nos disse. As palavras dele foram exatamente as seguintes: “Nunca, nem em um milhão de anos, o Jonathan teria colhões para sequer pensar nisso.” Se o senhor foi meramente um cúmplice, ou uma simples testemunha, faça um favor a si mesmo e conte para nós agora.

— Mas que monte de merda! Cathal não confessou homicídio nenhum porque nós não *cometemos* nenhum homicídio! Não faço ideia do que aconteceu com as tais crianças e não estou nem aí. Não tenho nada a dizer sobre elas. Só quero saber quem matou Katy.

— Katy — disse Cassie, erguendo as sobrancelhas. — Está bem, acho justo. Depois a gente fala mais de Peter e Jamie. Vamos falar de Katy. — Ela impulsionou a cadeira para trás, fazendo um ruído estridente, os ombros de Jonathan pularam, e atravessou, veloz, rumo à parede. — Temos aqui o histórico médico de Katy. Quatro anos de uma indisposição gástrica inexplicável que terminou na última primavera, justamente quando ela disse à professora de balé que aquilo iria parar e, de repente, como em um passe de mágica, não é que parou mesmo? Nosso médico-legista afirma não haver indício de que ela tivesse qualquer problema. O senhor sabe o que isso nos diz? Que havia alguém intoxicando Katy. É fácil de se fazer: um pouquinho de detergente de banheiro aqui, uma pequena dose de desengordurante ali... até água salgada dá conta do recado. Acontece com frequência.

Fiquei observando Jonathan. A vermelhidão irada havia se esvaído de suas bochechas; estava tão branco que sua cor assemelhava-se à de um osso. A pequena inquietação convulsiva que eu sentia por dentro evaporou-se como uma neblina e foi aí que percebi novamente: ele sabia.

— E não era coisa de algum estranho, Jonathan, não era coisa de alguém com interesse na rodovia ou com alguma implicância com você. Era coisa de gente com acesso diário a Katy, de alguém em quem ela confiava. Só que, quando chegou a primavera e ela teve sua segunda chance de ser aceita na academia de balé, tal confiança começou a ser colocada em dúvida. Ela se negou a seguir tomando o que quer que fosse. É provável que tenha ameaçado denunciar. E poucos meses depois — um tapa brusco em uma das comoventes fotografias da autópsia — Katy morre.

— Estava protegendo sua esposa, sr. Devlin? — perguntei com delicadeza, mal conseguindo respirar. — Intoxicação infantil é geralmente coisa da mãe. Se o senhor estava apenas tentando manter a união da família, podemos ajudá-lo. Podemos oferecer à sra. Devlin o tratamento de que ela precisa.

— Margaret ama nossas meninas — Jonathan respondeu com a voz tensa. — Ela não iria *nunca*...

— Nunca o quê? — Cassie indagou. — Nunca faria Katy passar mal ou nunca a mataria?

— Nunca faria *nada* que a fizesse sofrer. Nunca.

— Com isso sobra quem? — Cassie perguntou, apoiada na parede, dedilhando a foto da autópsia de Katy e observando-o, impassível como uma mulher em um quadro. — Rosalind e Jessica têm álibis extremamente consistentes para a noite do assassinato de Katy. Quem é que sobra?

— Não ouse sugerir que eu tenha machucado a minha filha — ele falou com a voz grave, retumbante e em tom de advertência. — Não ouse.

— Temos três crianças assassinadas, sr. Devlin, todas no mesmo local, e muito provavelmente com a intenção de ocultar outros crimes. E temos um sujeito metido bem no meio dos dois casos: o senhor. Se tem uma boa explicação para esse fato, precisamos escutá-la agora.

— Mas que *porra é essa?! —* disse Jonathan, elevando a voz perigosamente. — Katy está... tem um cara livre por aí depois de ter assassinado a minha filha e vocês querem que eu dê *explicação*? Esse é justamente o trabalho de *vocês*, caramba! Vocês é que deveriam estar *me* dando explicação, e não me acusando de...

Quase antes que eu me desse conta, já estava de pé. Atirei meu bloco de anotações violentamente sobre a mesa e me lancei para a frente, apoiando as mãos e me inclinando até o outro lado da mesa e ficando bem próximo de seu rosto.

— Um morador da área, Jonathan, de trinta e cinco ou mais, que já mora em Knocknaree há mais de vinte anos. Um cara sem um álibi consistente. Um cara que conhecia Peter e Jamie, que via Katy todo dia, além de ter uma motivação forte para matar todos eles. A quem lhe parece que estou me referindo, porra? Me indique outro sujeito que se encaixe nessa descrição e juro por Deus que o senhor pode sair por aquela porta e nós nunca mais voltaremos a incomodá-lo. Colabore, Jonathan. Diga um. Um só.

— Então me prenda! — ele rugiu e lançou as mãos em minha direção com as palmas voltadas para cima e os pulsos unidos. — Ande, se tem tanta certeza com todas essas suas evidências de merda... Me prenda! Ande logo!

Não é possível colocar em palavras, e me pergunto se vocês são capazes de imaginar, como era enorme a minha vontade de fazer aquilo. Toda a minha vida passava com extrema velocidade por minha mente como se diz que acontece com alguém que está se afogando, noites encharcadas de lágrimas em um dormitório gelado e bicicletas ziguezagueando olha-só-mãe-sem-as-mãos, sanduíches de manteiga com açúcar com calor de bolso, as vozes dos investigadores lastimando-se infinitamente em meus ouvidos, e eu sabia que não tínhamos o suficiente, que não tínhamos base, e que dentro de doze horas ele sairia por aquela porta livre como um pássaro e culpado como o pecado em si. Eu nunca tinha sentido tanta certeza de uma coisa em minha vida.

— Que se foda — falei, puxando para cima com ímpeto os punhos das mangas de minha blusa. — Não, Devlin. Não. Você ficou sentado aí, enchendo os nossos ouvidos de merda a noite inteira e eu já não aguento mais.

— Prenda-me, ou então...

Dei o bote para cima dele. Ele saltou para trás, jogando a cadeira ao chão ruidosamente, encontrou um canto e, com firmeza, ergueu os punhos com o mesmo movimento reflexivo. Cassie já estava em cima de mim e agarrava-me o braço erguido com as duas mãos.

— Minha nossa, Ryan! Pare com isso!

Já tínhamos feito aquilo tantas vezes. É o nosso último recurso para quando sabemos que um suspeito é culpado e precisamos de uma confissão, mas ele não está disposto a fornecê-la. Após eu dar o bote e Cassie agarrar-me o braço, eu me acalmo vagorosamente e me agito para livrar-me das mãos já frouxas de Cassie sem tirar o olhar enfurecido de cima do suspeito; por fim, faço um movimento de rotação com os ombros, alongo o pescoço e me esparramo na cadeira, tamborilando impacientemente com os dedos enquanto ela volta a interrogá-lo, mantendo um olho vigilante em mim à caça de qualquer sinal de uma nova onda de ferocidade. Alguns minutos depois ela se sobressalta, verifica o celular e diz: “Droga, vou ter que atender. Ryan... mantenha a calma, está bem? Lembre-se do que aconteceu da última vez” e nos deixa juntos e a sós. Funciona; na maioria das vezes nem preciso me levantar novamente. Já fizemos isso o quê? Um dez, doze vezes? Tínhamos a coisa coreografada com tal perfeição como qualquer cena de briga em filme.

Só que não era a mesma coisa. Era, sim, o momento definitivo. O momento para o qual todas as outras vezes e todos os outros casos foram mero treino, e o que me deixou ainda mais enfurecido foi que

Cassie não percebeu. Tentei puxar meu braço para que ela o largasse; ela era mais forte do que eu imaginara, eu sentia seus pulsos como aço e escutei uma costura rasgar-se em algum lugar da manga de minha blusa. Nós nos agitávamos em uma luta intensa e desajeitada.

— Me solte...

— Rob, não...

A voz dela chegou a mim fina e sem sentido em meio à imensa fúria que urrava dentro de minha cabeça. A única coisa que eu via era Jonathan, com as sobrelhas abaixadas e o queixo retesado como o de um boxeador, encurralado, aguardando a poucos metros. Puxei o braço para a frente com toda a força e senti Cassie cambalear para trás depois que fugi de seu poder, mas a cadeira veio parar debaixo de meus pés, e antes que eu pudesse chutá-la para o lado e chegar até onde ele estava, Cassie já havia se recuperado, agarrado meu outro braço e o torcido por trás de minhas costas com um golpe rápido e frio. Fiquei arfando.

— Ficou maluco, porra? — ela perguntou bem dentro do meu ouvido com a voz grave e furiosa. — Ele *não sabe de nada*.

Aquelas palavras me atingiram como um esguicho de água gelada no rosto. Eu tinha consciência de que, mesmo que ela estivesse enganada, não havia absolutamente nada que eu pudesse fazer a respeito, o que me deixou aflito e com sensação de impotência. Eu sentia como se alguém me tivesse vendado os olhos.

Cassie sentiu minha resistência se esvaír, empurrou-me para que eu me afastasse e, prontamente, deu um passo para trás com as mãos ainda rijas e em estado de alerta. Nós nos entreolhávamos dentro da sala como inimigos, ambos respirando com dificuldade.

Alguma coisa escura espalhava-se pelo lábio inferior dela e depois de um instante constatei que era sangue. Durante um segundo horrendo em que me senti em queda livre, pensei que a tivesse agredido. (Só mais tarde fui descobrir que não: quando me desvencilhei dela, a força que ela estava fazendo fez com que um de seus pulsos atingisse sua boca, cortando-lhe o lábio nos dentes da frente; não que faça muita diferença.) Aquilo fez com que eu voltasse a mim, um pouco.

— Cassie... — falei.

Ela me ignorou.

— Sr. Devlin — ela disse com calma, como se nada de mais houvesse acontecido; ouvia-se apenas uma ponta bem vaga de tremor em sua voz; Jonathan, tinha me esquecido de que ele estava ali, saiu vagarosamente do canto sem tirar os olhos de mim —, vamos liberá-lo sem acusação nenhuma desta vez. Mas aconselho com veemência que o senhor fique onde possamos encontrá-lo e que não procure entrar em contato com a vítima do estupro sob qualquer forma. Compreendido?

— Sim — Devlin confirmou depois de um instante. — Tudo bem. — Ele recolocou a cadeira em pé com um puxão, pegou o sobretudo amarrotado do encosto da cadeira e vestiu-o com movimentos rápidos e furiosos dos braços. Quando chegou à porta, virou-se e me lançou um olhar severo, e eu achei por um instante que ele fosse me dizer alguma coisa, mas mudou de ideia e foi-se embora sacudindo a cabeça, claramente aborrecido. Cassie acompanhou-o e bateu a porta com um puxão depois de sair.

Desabei na cadeira e coloquei o rosto entre as mãos. Eu nunca havia feito nada daquele tipo. Abomino violência física, sempre abominei; só de pensar nisso já sinto calafrios. Até mesmo quando era monitor, com notavelmente mais autoridade e menos cobrança que muito adulto, eu nunca, nem sequer uma vez, bati em ninguém. Mas há um minuto eu estava engalfinhado com Cassie como um beberrão qualquer em uma briga de bar, pronto para rolar no chão da sala de interrogatório com Jonathan Devlin como se fôssemos dois cães, dominado pelo desejo irresistível de dar-lhe uma joelhada na barriga e arrebeitar-lhe a cara até restar apenas uma massa ensanguentada. E tinha machucado Cassie. Fiquei me perguntando com um interesse genuíno se eu estava enlouquecendo.

Depois de alguns minutos Cassie voltou, fechou a porta e encostou-se nela com as mãos no fundo dos bolsos da calça jeans. O lábio já havia parado de sangrar.

— Cassie — eu disse, passando as mãos no rosto. — Mil perdões. Você está bem?

— Que merda foi aquela? — Ela trazia uma mancha de uma cor viva e forte em cada bochecha.

— Para mim ele sabia de alguma coisa. Eu tinha certeza. — Minhas mãos tremiam com tanta intensidade que chegava a parecer fingimento, como um canastrão tentando representar perturbação. Segurei uma na outra para fazer com que parassem.

Depois de alguns instantes ela disse, com bastante serenidade:

— Rob, não pode continuar com isso. — Não respondi. Após um bom tempo escutei a porta se fechar e ela sair.

Eu me embebedei naquela noite. Bebi tanto que há uns quinze anos eu não sabia o que era ficar bêbado daquela maneira. Passei metade da noite sentado no chão do banheiro, fitando apaticamente o vaso sanitário e torcendo para conseguir vomitar logo de uma vez e acabar com aquilo. Meus olhos latejavam a cada batida do coração e as sombras nos cantos se agitavam, palpitavam e se contorciam, transformando-se em coisas rastejantes que desapareciam logo que meus olhos piscavam. Por fim me dei conta de que, enquanto a náusea não dava sinal de que iria melhorar, provavelmente também não iria piorar. Entrei cambaleando em meu quarto e dormi por cima das cobertas sem tirar a roupa.

Tive sonhos inquietantes, carregados e viciados. Alguma coisa debatia-se e gritava dentro de um saco de juta, gargalhadas e um isqueiro se aproximando. Vidro estilhaçado pelo chão da cozinha e a mãe de alguém soluçava. Eu estava novamente em treinamento em algum condado ermo próximo da fronteira. Jonathan Devlin e Cathal Mills estavam escondidos nas colinas, armados e com um cão de caça, vivendo perigosamente, e nós tínhamos que capturá-los, eu e mais dois investigadores da Homicídios, altos e frios como figuras de cera, com nossas botas enfiadas no lodaçal. Quando acordei, ainda meio inconsciente, estava lutando contra as roupas de cama; os lençóis, enroscados e repletos de suor, não estavam mais presos sob o colchão. Fui arrastado novamente para a inconsciência, mesmo depois de me dar conta de que estivera sonhando.

No entanto acordei de manhã com uma imagem resplandecentemente clara em minha mente, exposta diante de minha cabeça como um cartaz de néon. Nada a ver com Peter nem Jamie nem Katy: Emmett, Tom Emmett, um dos dois investigadores da Homicídios que fizeram uma breve visita à cidadezinha no meio do nada em que eu servia durante meu treinamento. Emmett era alto e bastante magro, usava roupas discretamente bonitas (lembrando-me disso agora, deve ter sido ali que tive minha primeira impressão imutável de como um detetive da Homicídios deveria se vestir) e tinha um rosto de caubói dos filmes antigos, entalhado e lustrado como madeira. Ainda trabalhava na divisão quando entrei — agora está aposentado — e parecia ser um sujeito bem legal, mas eu nunca consegui superar aquele pavor primitivo que senti dele; sempre que ele falava comigo eu me via instantaneamente paralisado, envergonhado e inarticulado como um menino de colégio.

Eu estava me escondendo no estacionamento da cidadezinha no meio do nada durante uma tarde daquelas, fumando e tentando fazer com que não parecesse tão óbvio que estava escutando a conversa deles às escondidas. O outro detetive tinha feito uma pergunta que não ouvi e Emmett balançou a cabeça. “Se ele não está mentindo, nós estragamos tudo”, disse ele, dando uma última e decisiva tragada no cigarro e apagando-o sob o sapato elegante. “Teremos que voltar para o começo para ver onde erramos.” Depois eles se viraram e entraram na delegacia, lado a lado, com os ombros encurvados e fechados em seus discretos paletós escuros.

Eu sabia que tinha — nada como o álcool para provocar um arrependimento abjeto — estragado absolutamente tudo de quase todas as coisas e de todas as maneiras possíveis. Só que isso mal chegava a importar, porque a solução ficara subitamente tão clara. Eu sentia como se tudo que havia acontecido no decorrer daquela investigação — o pesadelo do caso Kavanagh, o terrível interrogatório de Jonathan, todas as noites insones e as pequenas traições da mente — tivesse sido enviado pela mão de algum deus sábio e bondoso para fazer com que eu chegasse até aquele momento. Ali estava eu, evitando o bosque de Knocknaree como se fosse a peste. Acho que teria interrogado todos no país e atormentado meu cérebro

até que ele explodisse, antes que me ocorresse voltar a pisar lá dentro, se eu não tivesse sido exaurido até um ponto em que não me sobrava nenhuma defesa contra a única coisa ofuscantemente óbvia: eu era o único que, fora de qualquer dúvida, conhecia pelo menos algumas das respostas, e se existia alguma coisa capaz de fazer com que eu as recuperasse, era (*de volta ao começo*) aquele bosque.

Tenho certeza de que parece uma coisa simples, mas não tenho como começar a descrever para vocês o significado que aquilo tinha para mim, aquela lâmpada de mil watts piscando sem parar sobre minha cabeça, uma boia luminosa a me mostrar que, afinal, eu não estava perdido no meio do nada, que eu conhecia exatamente o caminho a ser percorrido. Quase explodi em gargalhadas sentado ali na cama com a luz da aurora passando por entre as cortinas. Eu deveria estar com a maior ressaca de todos os tempos, mas sentia como se tivesse dormido uma semana; estava transbordando de energia como se fosse um garoto de vinte anos. Tomei uma chuveirada, fiz a barba e dei a Heather um “bom-dia” tão alegre que ela fez uma cara de espantada e ligeiramente desconfiada, e fui dirigindo rumo à cidade acompanhando algum horrível hit do momento que estava tocando no rádio do carro.

Encontrei uma vaga junto ao parque St. Stephen’s Green — vi naquilo um bom presságio; é impossível ter vaga livre ali àquela hora da manhã — e fiz umas comprinhas rápidas a caminho do trabalho. Em uma pequena livraria logo após a rua Grafton encontrei uma linda edição antiga de *O morro dos ventos uivantes* — as páginas grossas já ficando amareladas nas pontas, a suntuosa encadernação vermelha impressa com letras douradas; “Para Sara, Natal de 1922” em uma tinta já desbotada na folha de rosto. Depois fui à Brown Thomas e comprei uma maquininha complicada e lustrosa que fazia cappuccino; Cassie adora café com espuma e quis dar uma dessas para ela no Natal, mas por qualquer razão nunca cheguei a fazê-lo. Fui a pé para o trabalho sem me incomodar em tirar o carro da vaga. O parquímetro me fez gastar uma quantia absurda de dinheiro, mas o dia estava com aquele ar ensolarado e esperançoso que incentiva extravagâncias.

Cassie já estava em sua mesa com uma pilha de papéis. Sam e os auxiliares, para minha sorte, não estavam em lugar algum.

— Bom-dia — disse ela, olhando para mim com indiferença cautelosa.

— Tome — falei, colocando as duas sacolas diante dela.

— O que são? — ela perguntou com desconfiança.

— Esse aí — expliquei, apontando para a máquina de café — é o seu presente de Natal atrasado. E esse outro é um pedido de desculpas. Peço mil, mil perdões, Cassie. Não só por ontem, mas também pelo jeito com que tenho me comportado nas últimas semanas. Andei sendo um grandessíssimo pé no saco e você tem todo o direito de estar furiosa comigo. Mas prometo que já acabou. Daqui por diante serei um ser humano normal.

— Pela primeira vez — Cassie disse automaticamente e meu coração exaltou-se. Ela abriu o livro, Cassie adora Emily Brontë, e passou os dedos pela folha de rosto.

— Estou perdoado? Peço perdão de joelhos se você quiser. Sério.

— Adoraria vê-lo implorar — Cassie falou —, mas pode ser que alguém veja, o que acabaria queimando um fusível na central de fofocas. Ryan, seu cretino. Você acabou com o meu bico, que estava ótimo.

— Não teria conseguido mantê-lo de qualquer maneira — eu disse, consideravelmente aliviado. — Até a hora do almoço você já teria perdido a pose.

— Não abuse. Venha já aqui, seu... — Ela estendeu o braço e eu me curvei e dei-lhe um abraço rápido. — Obrigada.

— Disponha sempre — falei. — E estou falando sério: parei com as bobagens.

Cassie ficou me observando enquanto eu tirava o meu casaco.

— Veja bem — disse ela —, não é só por você estar sendo um pé no saco. Estou *preocupada* com você. Se não quiser lidar mais com este caso... Não, escute... poderia trocar com Sam. Você ia atrás do

Andrews e deixava ele ficar com a família. Ele já conseguiu tanta coisa que tanto eu quanto você poderíamos continuar de onde ele parou; não é como se fôssemos precisar da ajuda do tio dele nem nada assim. E Sam não perguntará nada, você sabe como ele é. Não há motivo para ficar se martirizando com esta história.

— Cass, estou bem, sinceramente. Juro por Deus. O que houve ontem serviu, e muito, para que eu despertasse. Juro por qualquer coisa que você possa imaginar, já descobri como lidar com este caso.

— Rob, você se lembra de ter me pedido para lhe dar um chute se ficasse esquisito demais por causa desta história? Pois bem, é o que estou fazendo. Metaforicamente por enquanto.

— Escute, dê-me só mais uma semana. Se ao final da semana que vem você continuar achando que eu ainda não estou lidando bem com o caso, eu troco com o Sam. Combinado?

— Combinado — Cassie topou, por fim, embora ainda não parecesse convencida. Meu humor estava tão bom que aquela inesperada onda protetora, que normalmente teria me deixado incomodado, me pareceu bastante comovente; provavelmente porque eu sabia que já não era mais necessária. Dei-lhe um pequeno aperto desajeitado no ombro a caminho da minha mesa.

— Para falar a verdade — ela começou a dizer enquanto eu me sentava —, toda essa história da Sandra Scully tem um lado bom. Não se lembra do quanto vínhamos querendo colocar as mãos nos históricos médicos de Rosalind e Jessica? Ora, aqui temos Katy exibindo indícios físicos de abuso, Jessica exibindo indícios psicológicos e agora Jonathan admitindo participação em um estupro. Acho que há uma boa possibilidade de que tenhamos provas circunstanciais suficientes para conseguir os históricos.

— Maddox, você é o máximo. — Aquilo era o que mais vinha me incomodando, o fato de eu ter passado atestado de idiota ao nos mandar para uma busca à toa. Pelo jeito não havia sido tão infrutífera no final das contas. — Mas achei que para você o Devlin não fosse o cara de quem estamos atrás.

Cassie deu de ombros.

— Não exatamente. Ele está escondendo alguma coisa, mas pode ser só abuso. Bom, só não, você sabe o que eu quis dizer... Ou pode estar protegendo Margaret, ou... não tenho tanta certeza quanto você de que ele é o culpado, mas gostaria muito de dar uma olhada nos históricos médicos das meninas, só isso.

— Também não tenho certeza.

Ela ergueu uma das sobrancelhas.

— Ontem você pareceu ter bastante.

— Por falar nisso — eu disse, um pouco constrangido —, tem alguma ideia se ele deu queixa de mim? Não tenho coragem de ir ver.

— Só porque você se desculpou de forma tão simpática, vou deixar passar esse que você armou pra mim. Ele não me disse nada sobre isso e, de qualquer forma, a esta altura você já teria ficado sabendo se ele tivesse dado. Ouviria o esporro de O'Kelly lá de Knocknaree. É por isso também que suponho que Cathal Mills não tenha dado queixa de mim por dizer que o dele é pequeno.

— Não dará mesmo. Você consegue seriamente imaginá-lo sentado diante de um escrivão de polícia qualquer, explicando que você disse que ele tem um pinto pequeno e brocha? Só que com Devlin a história é diferente. Ele já está meio maluco...

— Não falem mal de Jonathan Devlin — disse Sam, irrompendo na sala. Estava ansioso e empolgado, com o colarinho virado e uma mecha de cabelos loiros a cair-lhe pelos olhos. — O Devlin é O Cara. Sério, se eu não achasse que ele poderia me interpretar mal, eu tascaria um beijo naquela bochecha!

— Vocês dois formariam um casal lindo — falei, baixando a caneta. — O que foi que ele fez? — Cassie girou a cadeira com um sorriso de expectativa começando a se abrir em seu rosto.

Sam puxou uma cadeira de maneira teatral, se sentou e colocou os pés sobre a mesa como um detetive particular de algum filme antigo; se tivesse um chapéu, ele o teria atirado, girando, até o outro lado da sala.

— Ele acabou de confirmar que a voz era de Andrews. Andrews e o advogado por pouco não tiveram uma crise histérica e Devlin também não ficou lá muito satisfeito quando falou comigo. Que merda vocês dois fizeram com ele? Mas tudo deu certo no final das contas. Telefonei para o Devlin e fiz com que Andrews e alguns dos outros rapazes dissessem algumas frases dos telefonemas: “Sua filha é uma beleza de garotinha”, “Você não sabe com o que está mexendo”...

Ele tirou a mecha rebelde com o pulso; seu rosto risonho e franco estava tão triunfante que chegava a se parecer com o de um garotinho.

— O Andrews ficou murmurando e falando de modo arrastado, tentando disfarçar a voz, mas o meu chapa Jonathan não precisou de mais do que cinco segundos para identificá-lo, não precisou nem pensar. Ficou gritando comigo pelo telefone, querendo saber quem era, e o Andrews e o advogado... Coloquei o Devlin no viva-voz para que eles próprios ouvissem, pois não queria nenhum motivo para contestação posteriormente... Ficaram lá sentados com cara de cu. Foi brilhante.

— Boa, garoto! — Cassie disse, projetando-se até o outro lado da mesa para cumprimentá-lo. Sam, com um sorriso largo no rosto, ergueu a outra mão para que eu fizesse o mesmo.

— Para ser sincero com vocês, estou encantado comigo mesmo. Não chega nem perto de ser o bastante para colocarmos uma acusação de homicídio em cima dele, mas talvez consigamos enquadrá-lo em algum tipo de acusação de assédio. E sem dúvida nenhuma é suficiente para segurá-lo aqui, interrogá-lo e ver aonde dá para chegar.

— Você o manteve aqui? — perguntei.

Sam negou.

— Não troquei nenhuma palavra com ele depois do reconhecimento de voz, apenas agradeci e disse que entraria em contato. Quero deixá-lo passar um tempo se preocupando com isso.

— Ah, como você é artiloso, O’Neill — falei gravemente. — Nunca imaginaria isso de você. — Era divertido provocar Sam. Não era sempre que ele mordida a isca, mas, quando acontecia, ele ficava todo sério e começava a gaguejar.

Ele olhou para mim de um jeito intimidador.

— E também quero ver se consigo permissão judicial para grampear o telefone dele por alguns dias. Se for ele mesmo o nosso homem, aposto que não a matou com as próprias mãos. O alibi dele foi confirmado e, de qualquer maneira, ele não faz o tipo de pessoa que sujaria a roupa chique com seu próprio trabalho sujo; teria contratado alguém. Ser identificado pelo Devlin pode deixá-lo em bastante pânico para ligar para o assassino de aluguel ou, pelo menos, para dizer alguma besteira para alguém.

— Pesquise novamente seus registros telefônicos antigos também — lembrei-o. — Veja com quem ele andou conversando no mês passado.

— O’Gorman já está com essa incumbência — Sam disse com um ar de satisfeito consigo mesmo. — Darei ao Andrews uma ou duas semanas, vejo se acontece alguma coisa e então o trago aqui de novo. E... — Ele fez de repente uma expressão de envergonhado. — Vocês se lembram de que Devlin disse que Andrews parecia estar bêbado quando ligou? E de que nós próprios nos perguntamos se ele não estava um pouco mamado ontem? Acho que o nosso homem talvez tenha alguma problema com a bebida. Fico imaginando em que condições ele estaria se fôssemos falar com ele, digamos, às oito ou nove da noite. Talvez esteja... vocês sabem... mais propenso a abrir o bico, menos propenso a chamar o advogado. Sei que é censurável tirar vantagem da fraqueza dos outros, mas...

— Rob tem razão. Você tem um lado cruel — disse Cassie, balançando a cabeça.

Os olhos de Sam demonstraram espanto e depois a ficha caiu.

— Por que vocês dois não vão se foder? — ele perguntou alegremente, girando na cadeira uma volta inteira, com os pés ainda para o ar.

Estávamos todos alegriños naquela noite, contentes como crianças que ganharam um inesperado dia sem aula na escola. Sam, para nossa incredulidade coletiva, conseguiu persuadir O’Kelly a convencer um juiz a dar-lhe permissão para grampear o telefone de Andrews por duas semanas. Normalmente só se consegue uma permissão de grampo quando há enormes quantidades de explosivos na história, mas a Operação Vestal continuava sendo material de primeira página praticamente dia sim, dia não — “Assassinato de Katy segue sem pistas novas (leia na pág. 5 — ‘Seu filho está em segurança?’)” — e a força de comoção da história nos deu um pouco de influência a mais. Sam estava exultante:

— Sei que o filho da mãe está escondendo alguma coisa, pessoal. Eu seria capaz até de apostar dinheiro nisso. Bastarão algumas cervejinhas a mais uma noite dessas e, bang!, ele estará no papo. — Ele tinha levado um belo vinho branco de adega para comemorarmos. Eu estava tonto de alívio e sentia uma fome que havia semanas não sentia; preparei uma enorme tortilha espanhola, tentei atirá-la para o ar, como uma panqueca, e quase joguei-a dentro da pia. Cassie andava de um lado para o outro do apartamento de pés descalços, fatiando uma baguete, colocando Michelle Shocked bem alto e acabando com a coordenação entre meus olhos e minhas mãos. — E alguém de fato deu a esse sujeito uma arma de fogo particular. É mera questão de tempo até ele começar a gabar-se dela diante de todo mundo para impressionar alguma garota e acabar metendo uma bala na própria perna...

Após o jantar jogamos Cranium, improvisando às pressas uma versão para três pessoas — me faltam adjetivos para descrever Sam com propriedade, depois de quatro taças de vinho, tentando fazer mímica da palavra “carburador”. (“C3PO? Ordenhando uma vaca?... Aquele bonequinho dos relógios suíços!”) As compridas cortinas brancas flutuavam ao sabor do vento que entrava pela janela de guilhotina aberta, uma fatia da lua mostrava-se suspensa no céu que a cada momento escurecia mais e eu não conseguia me lembrar da última vez em que havia passado uma noite como aquela, alegre e boba. Uma noite sem sombras cinzentas puxando o pé de cada conversa.

Depois que Sam foi embora, Cassie me ensinou a dançar suingue. Tínhamos tomado cappuccinos demais depois do jantar para batizar a máquina nova e estávamos os dois a horas de conseguir dormir. Uma música antiga e arranhada tocava no aparelho de som. Cassie pegou minhas mãos e me puxou para que eu me levantasse do sofá.

— Como é que você sabe dançar esse diabo de suingue? — perguntei.

— Minha tia e meu tio achavam que uma criança deve fazer aulas. Muitas. Também sei fazer desenho a carvão e tocar piano.

— Tudo ao mesmo tempo? Eu sei tocar triângulo. E não tenho talento algum para dançar.

— Pouco me importa. Eu quero dançar.

O apartamento era apertado demais.

— Ande logo — disse Cassie. — Tire os sapatos. — Ela pegou o controle remoto, aumentou o som até onze e saiu pela janela, descendo pela escada de incêndio até o telhado logo abaixo.

Não sou nenhum dançarino, mas ela me ensinou os passos básicos repetidas vezes, com os pés fugindo agilmente dos meus passos errados, até que subitamente eles se encaixaram quase com um clique e nós estávamos dançando, rodopiando e flutuando ao som das síncopes vigorosas e hábeis, temerariamente próximos da beira do telhado. Eu sentia as mãos de Cassie flexíveis e fortes como as de uma ginasta em contato com as minhas.

— Você sabe dançar, sim! — ela falou mais alto que a música com entusiasmo, excitação e os olhos brilhando.

— O quê? — perguntei com um grito e tropecei em meus pés. Gargalhadas desenrolavam-se como bandeirinhas sobre os jardins escuros que ficavam abaixo.

Uma janela abriu-se com um estrondo embaixo de onde estávamos e uma voz trêmula anglo-irlandesa gritou:

— Se vocês não diminuïrem isso agora mesmo eu vou chamar a polícia!

— Nós *somos* a polícia! — Cassie gritou em resposta. Tapei-lhe a boca com a minha mão e ficamos nos sacudindo com risadas explosivas e abafadas até que, depois de um silêncio confuso, a janela fechou-se com mais uma pancada. Cassie subiu correndo de volta pela escada de incêndio e se pendurou com uma das mãos, ainda às risadinhas e, mirando com o controle remoto pela janela, mudou o CD para o de noturnos de Chopin e baixou o volume.

Ficamos deitados um do lado do outro sobre o telhado, com as mãos por trás da cabeça e os cotovelos se tocando. Minha cabeça ainda girava um pouco por causa da dança e do vinho, mas a sensação não era desagradável. A brisa batia morna em meu rosto e mesmo em meio às luzes da cidade eu conseguia ver as constelações: as sete estrelas de maior brilho da Ursa Maior, o cinturão de Órion... O pinheiro que ficava nos fundos do jardim farfalhava incessante como o mar. Por um instante senti como se o universo tivesse virado de cabeça para baixo e nós estivéssemos despencando suavemente em uma enorme cratera negra de estrelas e noturnos, e eu sabia, sem a menor sombra de dúvida, que tudo iria terminar bem.

Guardei o bosque para a noite de sábado, abraçando a ideia só para mim como uma criança que guarda um enorme ovo de Páscoa com algum prêmio misterioso em seu interior. Sem fora passar o fim de semana em Galway para ir ao batizado da sobrinha — a família dele era daquelas numerosas que se reúnem quase semanalmente; sempre havia alguém sendo batizado, enterrado ou se casando —, Cassie tinha saído com algumas de suas amigas e Heather, por sua vez, foi conhecer solteiros em um evento em algum hotel não sei onde. Ninguém sequer daria conta de minha ausência.

Cheguei a Knocknaree por volta das sete e parei o carro à margem da rodovia. Havia levado um saco de dormir, uma lanterna, uma garrafa térmica com café generosamente batizado e alguns sanduíches — embrulhá-los fez com que eu me sentisse ligeiramente ridículo, como um daqueles fervorosos *hikers* usando casacos tecnologicamente avançados, ou uma criança fugindo de casa —, mas não levei nada para fazer fogueira: os moradores da área ainda estavam nervosos e ligariam para a polícia sem pensar duas vezes caso vissem alguma luz misteriosa, o que, por si só, já seria vergonhoso, e, além disso, não faço muito o tipo escoteiro; era mais provável que eu acabasse terminando de queimar o que havia sobrado da mata.

A noite estava limpa e tranquila, com compridos reflexos de luz a colorir de róseo-dourado a pedra da torre, conferindo às trincheiras e aos montes de terra uma magia melancólica. Ouvia-se um cordeiro balindo ao longe, nos campos, e o ar cheirava a abundância e tranquilidade: feno, vacas e alguma flor de odor inebriante de que eu não me lembrava o nome. Nuvens de pássaros treinavam suas formações em “V” sobre o cume da colina. Do lado de fora do chalé o cão pastor pôs-se ereto e emitiu um latido de advertência. Ficou ainda algum tempo me olhando, depois resolveu que eu não representava ameaça e voltou a sossegar. Segui pelas trilhas acidentadas dos arqueólogos, cuja largura tinha a medida precisa para dar passagem a um carrinho de mão, até o local das escavações — desta vez fui com um velho par de tênis, uma calça jeans rasgada e um blusão bem grosso — até chegar ao bosque.

Se você, como eu, é essencialmente um sujeito urbano, é quase certo que imagine um bosque como uma coisa simples: árvores verdes, todas iguais, dispostas em fileiras uniformes. Um tapete macio de folhas mortas ou de ramos de pinheiros metodicamente dispostos como em um desenho de criança. É possível que os bosques construídos artificialmente sejam, de fato, assim; não tenho como saber. O de Knocknaree era não só autêntico, como também mais intrincado e fechado do que eu me lembrava. Tinha sua própria ordem, suas próprias alianças e batalhas selvagens. Agora eu era um intruso ali e tinha a nítida sensação de que minha presença havia sido imediatamente reconhecida, de que o bosque estava me observando com uma atenção coletiva desconfiada, sem ainda aceitar ou rejeitar. Aguardando para fazer sua avaliação.

A clareira de Mark tinha cinzas frescas no local da fogueira e mais algumas guimbas novas de cigarro espalhadas pela terra em volta; ele esteve ali de novo depois da morte de Katy. Torci para que ele não escolhesse a noite de hoje para voltar a abraçar o seu patrimônio histórico. Tirei os sanduíches, a garrafa térmica e a lanterna dos bolsos e estendi o saco de dormir sobre o trecho compacto de grama achatada onde Mark havia estendido o dele. Depois fui caminhar pela mata, vagarosamente, aproveitando cada momento.

Era como andar cambaleando em meio às ruínas de uma grande cidade da antiguidade. As árvores precipitavam-se e atingiam alturas maiores que as de pilares de catedrais; disputavam espaço e

escoravam grandes troncos caídos, curvadas com a inclinação da colina: carvalhos, faias e freixos, entre outras que eu não conhecia o nome. Longos arpões de luz infiltravam-se, turvos e consagrados, por entre os arcos de verde. Carreiras de hera cobriam os troncos pesados, desciam pelos ramos das árvores em cascatas d'água e transformavam tocos em menires. Meus passos eram suavizados por camadas grossas e generosas de folhas caídas; quando me detive e revirei um bocado delas com a biqueira do tênis, senti um forte odor de material em decomposição e vi a terra escura e molhada, além de cascas de frutos do carvalho e uma minhoca lívida se contorcendo freneticamente. Pássaros cantavam e lançavam-se com ímpeto por entre os galhos, explodindo em revoadas conforme eu passava.

Grandes massas de vegetação rasteira e, aqui e ali, um fragmento já bastante desgastado do muro de pedra; raízes vigorosas que chegavam a ser verdes de tanto musgo e mais espessas que meu braço. As margens baixas do rio, cercadas de arbustos espinhosos (escorregando com as mãos e os traseiros, *Ai! Minha perna!*) e onde pairavam grupos de sabugueiros e salgueiros. O rio parecia um lençol dourado, vincado e pontilhado de preto. Finas folhas amarelas flutuavam na superfície, balançando levemente como se fossem sólidas.

Minha mente derrapava e rodopiava. Cada passo ecoava no ar como um código Morse transmitido em uma frequência alta demais para alcançar. Havíamos corrido por ali, descido com dificuldade, porém confiantes, pela encosta ao longo da trama de trilhas já quase desaparecidas; tínhamos comido pequenas maçãs silvestres tiradas da árvore retorcida e, quando ergui os olhos para as folhas, quase esperei nos ver ali, nos agarrando aos galhos das árvores como jovens gatos selvagens. À margem de uma dessas pequenas clareiras (mato alto, raios de sol, massas compactas de senécios e plantas de cenoura silvestre), ficamos assistindo enquanto Jonathan e os amigos pressionavam Sandra contra o chão. Em algum lugar por ali, talvez no ponto exato em que eu me encontrava naquele momento, o bosque havia se despedaçado e se aberto, e Peter e Jamie desapareceram para nunca mais.

Eu não tinha exatamente um plano para aquela noite, no sentido mais preciso do termo. Ir até o bosque, dar uma olhada, passar a noite lá dentro e torcer para alguma coisa acontecer. Até aquele momento, tal inexistência de uma premeditação não me parecera obstáculo. Afinal, sempre que eu tentava planejar qualquer coisa nos últimos tempos dava tudo errado; estava bastante evidente que eu precisava de uma mudança de tática, e o que poderia ser mais drástico do que partir naquela empreitada sem nada, simplesmente aguardando para ver o que o bosque poderia me oferecer? E creio que também tenha agradado ao meu senso do pitoresco. Acho que sempre desejei, apesar de ter um temperamento impróprio para o papel de todas as maneiras possíveis e imagináveis, ser um herói mítico, perfeito e despreocupado, galopando rumo ao meu destino, sem sela, sobre o dorso de um cavalo selvagem impossível de ser montado por qualquer outro homem.

Entretanto, agora que eu estava ali de verdade, tudo aquilo não parecia mais tanto com uma demonstração irrefletida de fé de uma pessoa independente. A única coisa que eu percebia em mim era uma vaga sensação hippie — cheguei até a pensar em ir chapado, torcendo para que isso me relaxasse o bastante para dar uma possibilidade de êxito ao meu subconsciente, mas haxixe sempre me faz cair no sono — e mais do que vagamente idiota. Eu me dei conta, subitamente, de que a árvore na qual me recostava poderia ser a mesma junto da qual eu havia sido encontrado. Poderia ainda ter as marcas onde minhas unhas ficaram futucando o tronco. Percebi, também, que já estava começando a escurecer.

Quase saí do bosque naquele momento. Cheguei até a voltar para a clareira, sacudi meu saco de dormir para me livrar das folhas mortas e comeci a enrolá-lo. Para ser sincero, a única coisa que não deixou que eu fosse embora foi pensar em Mark. Ele havia passado a noite ali. Não somente uma vez, mas regularmente. E nem sequer parecia ter lhe passado pela cabeça que talvez fosse uma coisa que desse medo fazer, e me era insuportável a ideia de ele ser melhor do que eu em alguma coisa, quer ele soubesse disso ou não. Ele pode ter feito uma fogueira, mas eu tinha uma lanterna e uma pistola semiautomática Smith & Wesson, embora eu me sentisse ligeiramente bobo por pensar naquilo. Eu estava

a ridículas centenas de metros da civilização, ou, em qualquer caso, da área residencial. Permaneci ali parado por alguns instantes com o saco de dormir nas mãos; depois, desenrolei-o e entrei até a cintura, recostando-me na árvore atrás de mim.

Tomei um pouco do café batizado com uísque; o sabor acre e adulto era estranhamente tranquilizador. Fragmentos do céu surgiam turvos pouco acima de minha cabeça, desde um azul-celeste até um anil afogueado; os pássaros pousavam nos ramos das árvores e se acomodavam para passar a noite com movimentos rápidos e bruscas alterações. Morcegos guinchavam estridentemente de um lado a outro do sítio, e do meio dos arbustos ouvi um ataque rápido, seguido do irromper de um tumulto e então fez-se o silêncio. À distância, em alguma casa, uma criança cantava alguma coisa com a voz aguda e harmoniosa: *O último a chegar é mulher do padre...*

Ocorreu-me aos poucos — sem surpresa, como se eu já soubesse daquilo há muito tempo — que, se eu conseguisse me lembrar de qualquer coisa que fosse útil, iria falar com O’Kelly. Não imediatamente, talvez ainda esperasse algumas semanas. Eu precisaria de um pouco de tempo para amarrar as pontas soltas e colocar em ordem as minhas ideias, por assim dizer; porque, quando eu o fizesse, seria o fim de minha carreira.

Naquela tarde tal ideia teria sido como um golpe de bastão de beisebol na boca do meu estômago, porém, à noite, me pareceu quase sedutora, como se uma luz trêmula brilhasse, torturante, em pleno ar diante de mim, e eu explorasse aquele pensamento com uma leviandade exuberante. Ser um investigador de homicídios, a única coisa a que eu havia me dedicado de verdade em toda a minha vida, o que tive como referencial para me vestir, andar, criar meu vocabulário, minha vida acordado ou dormindo: era inebriante a ideia de jogar tudo para o alto e ficar observando enquanto subia ao céu como um balão iluminado. Poderia começar a trabalhar como detetive particular, imaginei, poderia ter uma salinha caindo aos pedaços em algum sombrio edifício georgiano, com meu nome impresso em letras douradas em uma porta de vidro fosco. Poderia ir trabalhar só quando bem entendesse, esquivar-me com destreza dos limites da lei e atormentar um apoplético O’Kelly atrás de informações das internas. Fiquei me perguntando, cheio de sonhos, se talvez Cassie poderia me acompanhar. Eu arrumaria um chapéu diplomata, uma capa impermeável e um senso de humor amargo; ela ficaria fazendo poses em bares de hotéis com um vestido vermelho provocante e uma câmera no batom para flagrarmos empresários trapaceiros... Quase ri alto.

Foi quando percebi que estava caindo no sono. Aquilo não fazia parte de meus planos, do jeito como estava acontecendo, e eu lutava para permanecer acordado, mas as noites insones que passei haviam decidido se virar contra mim, todas de uma vez só, violentas como um tiro no braço. Pensei na garrafa térmica com café, mas me pareceu esforço demais eu me esticar para pegá-la. O saco de dormir já havia se adaptado à temperatura do meu corpo e eu tinha encontrado uma posição agradável em meio a todas as pequenas protuberâncias e fissuras do chão e da árvore; eu estava deliciosa e entorpecidamente confortável. Senti quando o copo da garrafa térmica caiu de meus dedos, mas não consegui abrir os olhos.

Não sei por quanto tempo dormi. Eu já estava sentado e segurando um grito, antes de estar sequer completamente desperto. Alguém havia perguntado, clara e nitidamente, bem junto ao meu ouvido:

— O que é aquilo?

Fiquei ali sentado por muito tempo, sentindo as vagarosas ondas de sangue correrem por dentro do meu pescoço. As luzes da cidade já haviam se apagado. O bosque estava silencioso, ouvia-se somente o sussurro do vento passando pelos ramos das árvores acima de minha cabeça; em algum lugar um galho fino emitiu um estalido.

Peter rodopiando sobre o muro do castelo e estendendo a mão para indicar a Jamie e eu que ficássemos parados, um de cada lado:

— O que é aquilo?

Havíamos passado o dia inteiro na rua, desde a hora em que o sereno ainda secava pela grama. Estava muito quente; cada respiração era cálida como água de banheira, e o céu tinha a cor da parte de dentro da chama de uma vela. Deixáramos garrafas de refrigerante sob uma árvore para quando desse sede, mas ficaram quentes, insípidas, e foram encontradas antes pelas formigas. Alguém aparava um gramado mais para o fim da rua; outra pessoa deixara a janela da cozinha aberta e o rádio bem alto e cantarolava “Wake Me Up Before You Go-Go”. Duas garotinhas revezavam um triciclo cor-de-rosa pela calçada e a comportada irmã de Peter, Tara, brincava de ser professora no jardim da amiga Audrey, as duas tagarelando com um bando de bonecas enfileiradas. Os Carmichael haviam comprado um irrigador automático para o jardim; nunca tínhamos visto um daqueles e ficávamos olhando sempre que eles o colocavam para funcionar, mas a sra. Carmichael era uma megera. Peter disse que, se alguém entrasse no jardim dela, ela afundaria a cabeça da pessoa com um atizador de lareira.

Passamos a maior parte do tempo andando de bicicleta. Peter havia ganhado de aniversário um boneco do Evel Knievel montando uma moto — se você desse corda, poderia fazê-lo saltar pilhas de revistas em quadrinhos — e queria ganhar a vida desafiando a morte como ele, e então nós treinávamos. Fizemos uma rampa na rua com tijolos e uma tábua de madeira compensada que o pai dele guardava no galpão do jardim — a ideia de Peter era que a rampa fosse ficando sempre mais alta. “Um tijolo a mais a cada novo dia”, ele dizia. Mas a rampa sacudia demais e eu nunca conseguia evitar frear no último segundo antes de decolar.

Jamie tentou saltar algumas vezes e depois foi para a beira da rua ficar raspando um adesivo do guidão da bicicleta e chutando o pedal para vê-lo girar. Ela saíra tarde de casa naquela manhã e passara o dia inteiro quieta. Quieta ela sempre era, mas daquele jeito estava diferente: seu silêncio era como uma nuvem densa e particular que a cercava, o que deixava Peter e eu irrequietos.

Peter voou da rampa berrando e ziguezagueou desenfreadamente ao descer, por pouco não atingindo as duas garotinhas do triciclo.

— Seus bobões, vão acabar matando todo mundo! — Tara brigou conosco por sobre as bonecas. Ela usava uma saia comprida e florida que se sujava de lama pelo gramado, e um chapéu grande e esquisito envolto por uma fita.

— Você não manda em mim! — Peter respondeu também com um grito, desviou pelo meio do gramado de Audrey e passou velozmente por Tara, roubando-lhe o chapéu da cabeça. Tara e Audrey gritaram em uníssono.

— Adam! Pegue!

Segui-o jardim adentro — estaríamos encrocados se a mãe da Audrey saísse — e consegui pegar o chapéu sem cair da bicicleta; afundi-o em minha cabeça e fiquei pedalando sem as mãos em volta da sala de aula das bonecas. Audrey tentou me derrubar no chão, mas eu me esquivei. Ela era até meio bonitinha e não parecia lá tão irritada, por isso tentei não passar por cima de suas bonecas. Tara colocou as mãos nos quadris e começou a gritar com Peter.

— Jamie! — gritei. — Anda logo!

Jamie tinha permanecido na rua e ficava batendo o pneu dianteiro da bicicleta ritmadamente na ponta da rampa. Ela largou a bicicleta, saiu em disparada na direção do muro e pulou.

Peter e eu deixamos Tara para lá (“Você não tem a menor noção das coisas, a mínima, Peter Savage, espere só a mamãe ficar sabendo o que você fez...”), freamos e nos entreolhamos. Audrey pegou o chapéu de minha cabeça e saiu correndo, olhando para trás para ver se eu iria persegui-la. Deixamos as bicicletas na rua e também saltamos o muro atrás de Jamie.

Ela estava no pneu de balanço e usava o muro para impulsionar-se com os pés. Estava com a cabeça abaixada e as únicas coisas que eu conseguia enxergar eram a camada de cabelos lisos e claros e a ponta de seu nariz. Sentamos sobre o muro e ficamos esperando.

— Minha mãe me mediu hoje de manhã — Jamie disse, por fim, cutucando uma casca de ferida em uma articulação.

Eu me lembrei, intrigado, da porta da cozinha lá de casa: uma madeira branca e brilhante com marcas de lápis e datas para indicar meu crescimento.

— E daí? — Peter perguntou. — Grande coisa...

— Pra comprar os *uniformes*! — Jamie gritou com ele. — *Dãã!* — Ela desceu escorregando do pneu, caiu de pé com força e partiu em disparada pelo bosque.

— Nossa! — Peter exclamou. — O que é que deu nela?

— O internato — eu disse, e as palavras fizeram minhas pernas fraquejarem.

Peter olhou para mim com uma careta de desgosto e incredulidade.

— Ela não vai mais. A mãe dela disse.

— Não disse não. Disse só “Vamos ver”.

— Pois é, e não disse mais nada sobre isso desde então.

— Então agora ela disse, não foi?

Peter olhou na direção do sol com os olhos apertados.

— Venha — ele falou e saltou de cima do muro, de volta para o chão.

— Vamos para onde?

Ele não respondeu, pegou sua bicicleta e a de Jamie e entrou cambaleando com as duas no jardim de sua casa. Peguei a minha e fui atrás dele.

A mãe de Peter pendurava no varal as roupas lavadas e tinha uma fileira de prendedores de roupa presos ao lado do avental.

— Não fiquem perturbando a Tara — ela pediu.

— Não vamos — Peter respondeu, emborcando as bicicletas sobre a grama. — Mãe, nós vamos lá pro bosque, está bem? — O bebê, Sean Paul, estava deitado em cima de uma manta vestido apenas com uma fralda e tentando engatinhar. Cutuquei-o com a ponta do pé para ver qual seria sua reação; ele rolou para colocar-se de barriga para cima, agarrou meu tênis e abriu um sorriso largo, olhando para mim.

— Bom garoto — falei para ele. Eu não tinha vontade de ir atrás de Jamie. Fiquei me perguntando se não daria para eu ficar por ali, olhando Sean Paul para a sra. Savage e esperando Peter voltar para me contar que Jamie iria mesmo embora.

— Chá às seis e meia — disse a sra. Savage, levando a mão distraidamente para alisar os cabelos de Peter conforme ele passava. — Está com o seu relógio?

— Estou. — Peter sacudiu o pulso para que ela visse. — Vamos, Adam, anda logo.

Quando existia algum problema, na maioria das vezes íamos para o mesmo lugar: o cômodo mais alto do castelo. A escadaria que levava até lá havia muito caído aos pedaços e, olhando de baixo, nem dava para dizer direito que o cômodo existia; você tinha que escalar pela parede externa, percorrer todo o caminho até em cima e depois saltar para o chão de pedra. Trepadeiras desciam pelas paredes e galhos de árvores se misturavam sobre nós: parecia um ninho de pássaro balançando no ar.

Jamie estava ali, encolhida em um canto com o cotovelo dobrado na frente da boca. Chorava copiosamente. Uma vez, há séculos, o pé dela ficou preso em uma toca de coelho enquanto ela corria e seu tornozelo quebrou; nós a levamos para casa no colo e em nenhum momento ela chorou, nem mesmo quando eu tropecei e sacudi sua perna. Ela apenas gritou “Ai, Adam, sua besta!” e deu-me um beliscão no braço.

Entreí no cômodo.

— Vá embora! — Jamie gritou para mim com a voz abafada pelo braço e pelas lágrimas. Seu rosto estava vermelho e os cabelos embaraçados, com os grampos pendurados lateralmente. — Deixe-me em paz.

Peter permanecia sobre o muro.

— Você vai pro internato? — ele questionou.

Jamie apertou os olhos e a boca, mas mesmo assim nós ouvimos seus soluços engasgados. Eu mal conseguia escutar o que ela dizia. “Ela não chegou a dizer nada, agiu como se estivesse tudo bem e durante todo esse tempo... ela estava *mentindo!*”

Foi a deslealdade daquilo que me deixou sem fôlego. *Vamos ver*, foi o que a mãe de Jamie dissera, *não se preocupem*; e nós acreditamos nela e paramos mesmo de nos preocupar. Jamais havíamos sido traídos por um adulto, não em um assunto tão importante quanto aquele, e eu não conseguia me conformar. Tínhamos passado o verão inteiro confiando em que teríamos o “para sempre”.

Peter equilibrava-se em um pé só ansiosamente em cima do muro, indo e voltando.

— Então vamos fazer de novo, igual à outra vez. Armamos um motim. A gente...

— Não! — Jamie gritou. — Ela já pagou a inscrição e tudo, é tarde demais, vou pra lá daqui a duas semanas! *Dois semanas!* — Ela fechou as mãos e lançou os punhos de encontro ao muro.

Não consegui suportar aquilo. Ajoelhei-me ao lado de Jamie e abracei-a; ela tentou se livrar, mas, quando coloquei o braço em seu ombro novamente, ela deixou.

— Não, Jamie — eu implorava. — Por favor, não chore. — O turbilhão verde e dourado dos galhos à nossa volta, Peter aturdido e Jamie chorando, a pele sedosa de seu braço fazendo com que eu sentisse formigamento na mão; o mundo inteiro parecia tremer e eu sentia a pedra do castelo girando sob mim como um convés de navio em um filme... — Você volta todo fim de semana...

— Não vai ser a *mesma coisa!* — Jamie gritou. Sua cabeça precipitou-se para trás e ela chorava, soluçando sem tentar esconder, a garganta frágil virada para os fragmentos de céu. A extrema infelicidade em sua voz me dilacerava profundamente e foi então que me dei conta de que ela tinha razão: nunca voltaria a ser a mesma coisa, nunca mais.

— Não, Jamie, não... pare... — Eu não conseguia ficar parado. Sabia que era estupidez, mas por um instante quis dizer que eu iria no lugar dela; eu iria para que ela não tivesse que ir, ela poderia ficar ali para sempre... Antes que eu percebesse que estava prestes a fazê-lo, abaixei a cabeça e dei-lhe um beijo na bochecha. Senti as lágrimas molhadas em minha boca. Seu cheiro era o da grama ao sol, quente e verde. Inebriante.

Ela ficou tão assustada que parou de chorar. Depois, virou a cabeça com um arranco e ficou me encarando com os olhos azuis arregalados e orlados de vermelho, bastante próximos. Eu sabia que ela iria fazer alguma coisa: me dar um soco, retribuir o beijo...

Peter saltou de cima do muro e caiu de joelhos à nossa frente. Então, pegou com força o meu pulso com uma das mãos e o de Jamie com a outra.

— Escutem — disse ele —, vamos fugir.

Ficamos olhando para ele.

— Isso é burrice — falei, enfim. — Eles nos acham.

— Não, acham nada. Não logo de cara. Nós podemos passar algumas semanas escondidos aqui, não tem problema. Não precisa ser pra sempre nem nada assim... só até tudo ficar tranquilo. Depois de começadas as aulas do tal internato a gente pode voltar pra casa; já será tarde demais. E mesmo que a mandem pra lá de qualquer maneira, e daí? A gente foge de novo. Vamos até Dublin e tiramos Jamie de lá. Daí eles a expulsam e ela será *obrigada* a voltar pra cá. Entenderam?

Os olhos dele brilhavam. A ideia atraiu a atenção, chamejou e ficou girando no ar entre nós.

— Poderíamos morar aqui — disse Jamie, recuperando o fôlego com um estremeção comprido em meio aos soluços. — No castelo, quero dizer.

— A gente se muda todo dia. Aqui, na clareira, naquela árvore grande cujos galhos formam meio que um ninho. Não daremos brecha para que nos encontrem. Você acha mesmo que alguém conseguiria nos achar aqui dentro? Qual é!?

Ninguém conhecia o bosque como nós. E nos enfiávamos por entre o mato, ágeis e silenciosos como guerreiros indígenas; observando, imóveis, detrás de moitas e galhos altos enquanto passavam as equipes de busca...

— A gente se reveza pra dormir. — Jamie estava sentada mais ereta agora. — Um de nós pode ficar de vigia.

— Mas nossos pais... — falei e pensei nas mãos calorosas de minha mãe e imaginei-a chorando, perturbada. — Eles vão ficar muito preocupados. Vão pensar...

A boca de Jamie pôs-se em movimento.

— Que nada! A minha mãe, não. Ela não me quer por perto mesmo...

— A minha só quer saber dos menores — Peter falou — e meu pai com toda a certeza não vai dar a mínima. — Jamie e eu nos entreolhamos. Nunca falávamos naquilo, mas nós dois sabíamos que o pai de Peter batia neles às vezes, quando ficava bêbado. — De todo jeito, e daí se seus pais ficarem preocupados? Eles não falaram pra você que a Jamie iria pro internato, falaram, por acaso? Eles deixaram que você achasse que estava tudo bem!

Ele tinha razão, pensei, meio tonto.

— Acho que posso deixar um bilhete pra eles — sugeri. — Só pra que saibam que estamos bem.

Jamie começou a dizer alguma coisa, mas Peter a interrompeu.

— Isso, perfeito! Deixe um bilhete dizendo que fomos pra Dublin ou Cork ou qualquer outro lugar. Daí eles vão nos procurar por lá e nós estaremos bem aqui o tempo todo.

Ele se levantou com um salto e nos puxou junto.

— Você topa?

— Não vou pra internato nenhum — Jamie falou, secando o rosto com a parte de trás do braço. — Não vou, Adam. Não vou. Faço qualquer coisa.

— Adam? — Viver como um selvagem, bronzeado e descalço por entre as árvores. Eu sentia o muro do castelo gelado e sombrio sob minha mão. — Adam, qual é a nossa alternativa? Está disposto a deixar que mandem Jamie pra longe? Você não acha que a gente tem que *fazer* alguma coisa?

Ele sacudiu meu pulso e eu senti sua mão firme e insistente; sentia minha pulsação latejando em contato com seu aperto.

— Eu topo — disse.

— Boa! — Peter urrou e socou o ar. Seu grito subiu pelas árvores, ecoando agudo e triunfante.

— Quando? — Jamie indagou com os olhos reluzentes de alívio e a boca aberta em um sorriso; já estava na ponta dos pés, pronta para sair em disparada assim que Peter dissesse: “Agora?”

— Muita calma nessa hora — Peter disse a ela, abrindo um sorriso largo. — Temos que nos preparar. Vamos pra casa pegar todo o nosso dinheiro. Precisamos de mantimentos, mas vamos ter que comprar um pouco a cada dia pra que ninguém desconfie.

— Linguças e batatas — sugeri. — Podemos fazer fogueira e arrumar gravetos...

— Não, nada de fogueira. Eles veriam. Não é pra comprar nada que precise ser cozido. Compre comida enlatada: macarrão, feijão, essas coisas... digam que é pra mãe de vocês.

— É bom que alguém traga um abridor de latas...

— Deixa comigo; minha mãe tem um sobrando, nem vai perceber.

— Sacos de dormir e nossas lanternas...

— É melhor pegarmos essas coisas no último minuto, não queremos que deem falta delas.

— Podemos lavar nossas roupas no rio...

— ... e jogaremos todo o nosso lixo dentro de alguma árvore oca pra que ninguém encontre...

— Quanto dinheiro vocês têm?

— O dinheiro da minha matrícula já está todo no correio, não posso pegá-lo.

— Então teremos que comprar só coisas baratas: leite, pão...

— Não, leite vai estragar!

— Não vai não. A gente pode deixar no rio, dentro de um saco plástico...

— Jamie bebe leite empelotado! — Peter gritou e saltou para cima do muro, começando a escalá-lo até a parte de cima.

Jamie pulou atrás dele.

— Não bebo nada, é *você* que bebe leite empelotado, seu... — Ela agarrou o tornozelo de Peter e os dois ficaram lutando sobre o muro, rindo sem parar. Alcancei-os e Peter me puxou para o meio da briga. Ficamos lutando, aos gritos e esbaforidos de tanto rir, nos equilibrando perigosamente e quase caindo.

— Adam come *inseto* ...

— Vá se foder, isso foi quando éramos *pequenos* ...

— Quietos! — Peter falou, ríspida e subitamente, e então livrou-se de nós e paralisou-se, agachado sobre o muro com as mãos estendidas para indicar que fizessemos silêncio. — O que é aquilo?

Imóveis e cautelosos como lebres assustadas, ficamos escutando. O bosque estava tranquilo. Tranquilo até demais. À espera; o alvoroço costumeiro de pássaros, insetos e pequenos animais sumiu como se sob a ação da batuta de um regente. Logo ali adiante, em algum lugar acima de nós...

— Mas que... — sussurrei.

— Shh. — Música, ou uma voz; ou somente algum truque do rio correndo em meio às pedras, ou a brisa passando pelo carvalho oco? O bosque possuía um milhão de vozes que se alternavam a cada estação e todos os dias; era impossível conhecer todas.

— Vamos — Jamie chamou, com os olhos brilhando. — *Vamos!* — E lançou-se como um esquilo voador de cima do muro. Agarrou-se em um galho, se balançou, caiu no chão, rolou e correu; Peter saltou atrás dela antes que o galho parasse de se agitar, e eu desci com dificuldade do muro e corri atrás deles:

— Me esperem, esperem...

O bosque nunca esteve tão luxuriante e feroz. As folhas refletiam a luz do sol como rosáceas, e as cores eram tão vivas que você podia se alimentar delas. O cheiro de terra fértil era encorpado como vinho de igreja. Passamos correndo por nuvens sussurrantes de mosquitos, saltamos fossos e toras pútridas, galhos de árvores entrançaram-se ao nosso redor como água, andorinhas voaram como se penduradas por trapézios ao longo do nosso caminho e, em meio às árvores que nos acompanhavam, sou capaz de jurar ter visto três cervos correrem no mesmo ritmo que nós. Eu me sentia ágil, afortunado e indomável, nunca havia corrido tão rápido ou saltado tão alto com tanta facilidade; bastava um impulso do pé e eu teria voado.

Quanto tempo passamos correndo? Todos os nossos conhecidos e adorados pontos de referência devem ter se virado para nos desejar boa sorte, pois passamos por todos em nossa disparada; saltamos a mesa de pedra e voamos pela clareira, entre o farfalhar dos arbustos de amoras silvestres e os coelhos empinando seus narizes para nos verem passar, deixamos o pneu de balanço balançando em nosso rastro e contornamos o carvalho oco. E adiante, tão suave e selvagem que chegava a doer, chegando cada vez mais perto de nós...

Pouco a pouco percebi que estava encharcado de suor por dentro do saco de dormir; que minhas costas, prensadas contra o tronco da árvore, estavam tão retesadas que me faziam tremer, e minha cabeça sacudia em espasmos convulsivos como se fosse um brinquedo. O bosque estava escuro como se eu tivesse sido cegado. Ao longe ouvia o tamborilar rápido de pingos de chuva caindo sobre as folhas. Tentei ignorá-lo para seguir acompanhando e descobrir aonde me levaria aquele frágil fio dourado de memória, para não o soltar no meio daquela escuridão, ou nunca mais encontraria o meu caminho de volta para casa.

Gargalhadas fluíam dos ombros de Jamie como se fossem alegres bolhas de sabão. Abelhas vojavam no raio de sol e os braços de Peter planaram quando ele saltou um galho caído gritando. Os cadarços dos meus tênis se desamarraram e furiosos toques de alarme surgiram de algum lugar dentro de

mim conforme eu sentia Knocknaree se dissolvendo em névoa atrás de nós, vocês têm certeza, vocês têm certeza, *Peter, Jamie, esperem, parem...*

O tamborilar ficava cada vez mais onipresente pela mata, aumentando e diminuindo, aproximando-se por todos os lados. Estava nos altos galhos das árvores, na vegetação rasteira sob meus pés, curto, vivo e decidido. Os pelos de minha nuca se arrepiaram. *Chuva*, eu falava sozinho com o que quer que havia sobrado de minha mente, *é só a chuva*, embora eu não sentisse uma só gota. Do outro lado do bosque alguma coisa soltou um grito estridente, um som penetrante e sem sentido.

Anda logo, Adam, depressa, rápido...

A escuridão à minha frente era inconstante e ficava cada vez mais densa. Um som como o de um vento vinha das folhas, um vento forte e impetuoso soprando na mata para desbravar um caminho. Pensei na lanterna, mas meus dedos que a envolviam estavam congelados. Senti aquele fio dourado retorcer-se e puxar com força. Em algum lugar do outro lado da clareira alguma coisa respirava e era grande.

Lá embaixo, perto do rio. Escorregando até parar; ramos de salgueiro agitando-se e a água lançando fragmentos de luz como um milhão de espelhos minúsculos, ofuscantes e vertiginosos. Os olhos, dourados e grandes como os de uma coruja.

Corri. Saí do apertado saco de dormir e me lancei mata adentro para o mais longe possível daquela clareira. Arbustos espinhosos prendiam minhas pernas e cabelos, e batidas de asas explodiam em meus ouvidos; bati o ombro com toda a força no tronco de uma árvore, o que me deixou sem fôlego. Depressões e cavidades invisíveis abriam-se repentinamente sob meus pés e eu não conseguia correr rápido o suficiente, as pernas amassavam a vegetação rasteira que chegava até meus joelhos. Era como se todo pesadelo de infância se tornasse real. Trepadeiras suspensas envolveram o meu rosto e acho que gritei. Eu não tinha mais nenhuma dúvida de que nunca escaparia daquele bosque, eles encontrariam o meu saco de dormir — por um instante vi, nítida como se fosse real, Cassie com seu casaco vermelho, ajoelhada na clareira em meio às folhas caídas e estendendo a mão enluvada para tocar o tecido — e nada mais, nunca mais.

Foi então que vi o fio tênue da lua nova por entre as nuvens que se movimentavam em alta velocidade e soube que havia saído, que já estava na área da escavação. O solo escorregadio e traiçoeiro cedeu sob meus pés e eu cambaleei, agitando os braços, e cortei a canela em um fragmento de algum muro antigo; recuperei o equilíbrio no momento exato e continuei correndo. Escutei um som áspero e ofegante bem alto em meus ouvidos, mas não consegui descobrir se sua origem estava em mim. Como qualquer detetive, eu achava que era o caçador. Nunca, sequer uma só vez, havia me ocorrido que talvez pudesse ter sido a caça o tempo todo.

O Land Rover surgiu radiantemente branco em meio à escuridão como uma igreja cintilante oferecendo refúgio. Precisei de duas ou três tentativas para conseguir abrir a porta; em uma delas deixei cair as chaves e tive que ficar tateando freneticamente no escuro pelo meio das folhas e da grama seca, olhando descontroladamente por sobre o ombro e com a certeza de que nunca iria encontrá-las, até que me lembrei de que ainda estava com a lanterna na mão. Finalmente consegui entrar, esbarrando o cotovelo no volante, tranquei todas as portas e fiquei lá sentado, arfando, tentando recuperar o fôlego e suando por todos os poros. Estava trêmulo demais para dirigir; duvido de que tivesse conseguido sair da vaga sem bater em alguma coisa. Encontrei meus cigarros e consegui acender um. Eu ansiava por uma bebida forte ou um baseado bem grande. Havia enormes manchas de lama nos joelhos de minha calça jeans, embora eu não me lembrasse de ter caído.

Quando minhas mãos já estavam firmes o bastante para apertar botões, telefonei para Cassie. Já devia ser bem depois de meia-noite, talvez muito mais tarde, mas ela atendeu no segundo toque, falando como se estivesse desperta.

— Oi, querido. Diga.

Por um instante medonho achei que minha voz não iria sair.

— Onde você está?

— Acabei de chegar em casa há uns vinte minutos. Fui com Emma e Susanna ao cinema e depois jantamos no Trocadero e, por Deus, eles nos serviram o vinho tinto *mais fascinante que eu já bebi*. Três caras tentaram engatar um papo com a gente. Emma disse que eram atores e que tinha visto um deles na TV num seriado de hospital...

Ela estava alegrinha, mas não bêbada de verdade.

— Cassie — falei. — Estou em Knocknaree. No sítio arqueológico.

Uma pausa breve. Então ela disse calmamente, com uma voz diferente:

— Quer que eu vá aí buscá-lo?

— Quero. Por favor. — Só entendi quando ela se ofereceu. Fora por isso que liguei para ela.

— Está bem. Até daqui a pouco. — Ela desligou.

Ela levou uma eternidade para chegar, tanto que comecei a imaginar enredos medonhos de pesadelos: tinha sido esmagada por um caminhão que trafegava na direção contrária pela via de mão dupla, furou o pneu da moto e foi raptada no acostamento da estrada por traficantes de seres humanos... Consegui pegar minha arma e segurá-la no colo — havia me sobrado cérebro o bastante para não a destravar. Comecei a fumar um cigarro atrás do outro; o carro encheu-se com uma névoa que fazia meus olhos lacrimejarem. Do lado de fora, coisas provocavam o farfalhar da folhagem e arremetiam em meio à vegetação rasteira. Gravetos se partiam; toda hora eu me virava com um arranco, o coração batendo freneticamente e a mão apertando a arma bem firme, convencido de que havia visto um rosto selvagem e risonho na janela, mas nunca era nada. Tentei deixar acesa a luz do teto, mas fiquei me sentindo visível demais, como um homem primitivo cercado por predadores atraídos pela luz do fogo, e apaguei-a de novo quase assim que a acendi.

Enfim escutei o barulho da Vespa e vi o feixe de sua lanterna frontal surgir por sobre a colina. Coloquei a arma de volta no coldre e abri a porta; não queria que Cassie me visse com ela na mão. Depois da escuridão as luzes dela eram deslumbrantes e surreais. Ela estacionou a moto na estrada e me saudou:

— Oi.

— Oi — respondi e saí tropeçando do carro; minhas pernas estavam duras e eu sentia cãibras. Devo ter passado o tempo inteiro pressionando os dois pés contra o chão do carro. — Obrigado.

— Relaxa. Eu estava acordada de qualquer forma. — Seu rosto estava vermelho e os olhos bem abertos devido à ação do vento em cima da moto e, quando me aproximei o bastante, senti sua emanção gelada. Ela girou a mochila para a frente e tirou de dentro um capacete sobressalente. — Tome aqui.

Dentro do capacete eu não conseguia escutar nada, apenas o zumbido constante da moto e o sangue latejando em meus ouvidos. O ar passava fluindo por mim, escuro e gelado como água; faróis de carros e cartazes de néon passavam por nós deixando para trás trilhas luminosas. Eu sentia as costelas de Cassie pequenas e firmes entre minhas mãos, deslocando-se conforme ela mudava as marchas ou inclinava-se em uma curva. Eu sentia como se a moto flutuasse acima da estrada e desejei estar em uma daquelas intermináveis autoestradas americanas em que se pode seguir dirigindo infinitamente noite adentro.

Ela estava lendo, deitada na cama, quando eu liguei. O *futon* estava estendido e arrumado com o edredom e travesseiros brancos; vi *O morro dos ventos uivantes* e a camiseta larga de Cassie ao pé. Percebi pilhas quase organizadas de coisas de trabalho — uma fotografia da marca de estrangulamento no pescoço de Katy saltou na minha frente e ficou suspensa diante de meus olhos como uma pós-imagem — espalhadas pela mesa de centro e pelo sofá e cobertas pelas roupas com que Cassie havia saído: uma calça jeans escura e apertada e uma folgada bata vermelha de seda bordada em dourado. O pequeno abajur redondo que ficava ao lado do *futon* fornecia ao cômodo uma luz aconchegante.

— Quando foi sua última refeição? — Cassie perguntou.

Eu tinha me esquecido de meus sanduíches, que provavelmente permaneciam em algum lugar daquela clareira. Meu saco de dormir e minha garrafa térmica também; eu iria ter que passar lá de manhã para pegá-los quando fosse buscar o carro. Engoli em seco quando pensei em voltar lá, mesmo à luz do dia.

— Não sei direito — respondi.

Cassie remexeu no armário e me passou uma garrafa de conhaque e um copo.

— Tome uma dose disso aí enquanto eu preparo uma comida. Ovos com torrada?

Nenhum de nós dois gosta de conhaque — a garrafa estava empoeirada e ainda não havia sido aberta, deve ter sido prêmio da rifa de Natal ou algo assim —, mas uma parte pequena, porém objetiva, de minha mente tinha quase certeza de que ela estava certa, que eu me encontrava em alguma espécie de choque.

— Está ótimo — falei e me sentei na ponta do *futon*; pensar em tirar aquilo tudo do sofá me pareceu quase inimaginavelmente complicado, e passei um tempo olhando para a garrafa até entender que era para eu abri-la.

Acabei dando um gole enorme no conhaque, tossi (Cassie olhou, mas nada disse) e o senti descer deixando rastros ardentes de calor em minhas veias. Minha língua latejava; pelo jeito eu a havia mordido em algum momento durante meu desespero. Eu me servi de mais uma dose e bebi com mais cuidado. Cassie movimentava-se com habilidade pela pequena cozinha americana, tirando ervas de um armário com uma das mãos, ovos da geladeira com a outra e fechando uma gaveta com o quadril. Ela havia colocado música — Cowboy Junkies, em um volume baixo, lento e assustador; normalmente até gosto deles, mas hoje eu ficava ouvindo coisas escondidas por trás do som do baixo: murmúrios rápidos, gritos, uma bateria que não devia estar ali...

— Será que podemos desligar o som? — perguntei quando não conseguia mais suportar. — Por favor?

Ela tirou os olhos da frigideira para olhar para mim, segurando uma colher de pau.

— Claro — ela disse depois de um instante e então desligou o som, virou a torrada e colocou os ovos por cima. — Tome aqui.

O cheiro me fez perceber o tamanho de minha fome. Engoli a comida com mordidas enormes e mal parava para respirar. O pão era integral e os ovos tinham o aroma de ervas e temperos; nunca uma comida foi tão saborosa. Cassie sentou-se com as pernas cruzadas no *futon* e ficou me observando por sobre um pedaço de torrada.

— Mais? — ela perguntou quando eu já havia terminado.

— Não — respondi. Comi muito e rápido demais: meu estômago doía. — Obrigado.

— O que houve? — ela perguntou calmamente. — Você se lembrou de alguma coisa?

Comecei a chorar. Eu quase nunca choro — só uma ou duas vezes aos treze anos, creio eu, e em ambas eu estava tão bêbado que não conta —, precisei de alguns minutos para compreender o que estava acontecendo. Passei a mão no rosto e fiquei olhando para os dedos molhados.

— Não — respondi. — Nada que seja útil. Consigo me lembrar daquela tarde toda, de termos entrado no bosque e do que conversamos, de ouvir alguma coisa, não me recordo o quê, e de tentar descobrir o que era... e aí entrei em pânico. Em pânico, caralho... — Minha voz falhou.

— Ei — Cassie falou, para logo depois vir depressa até o outro lado do *futon* e colocar a mão em meu ombro —, foi um passo enorme, meu querido. Da próxima vez você se lembra do resto.

— Não — falei. — Não me lembro, não. — Eu não sabia explicar. Ainda não sei direito o que me dava tanta certeza. Aquilo vinha sendo o meu trunfo escondido na manga, minha única oportunidade, e eu a desperdicei. Levei o rosto às mãos e chorei como uma criança.

Cassie não me abraçou nem tentou me consolar, e eu me senti grato por isso. A única coisa que ela fez foi ficar sentada ali, serena, mexendo o polegar pelo meu ombro enquanto eu chorava. Não pelas três crianças, não posso alegar isso, mas pela distância intransponível que se interpunha entre elas e mim:

pelos milhões de quilômetros e por nossos mundos que cada vez se distanciavam mais a uma velocidade vertiginosa. Por quanto tínhamos a perder. Éramos tão pequenos, tão certos de que juntos poderíamos desafiar todas as ameaças sombrias e assustadoras do mundo dos adultos, que poderíamos passar correndo direto por elas como em uma brincadeira de criança, rindo e livre de preocupações.

— Desculpa — falei, enfim. Depois me endireitei e limpei o rosto com as costas da mão.

— Por quê?

— Por fazer papel de idiota. Não era a minha intenção.

Cassie deu de ombros.

— Então estamos quites. Agora você entende como me sinto quando tenho aqueles sonhos e você tem que me acordar.

— É mesmo? — Aquilo ainda não tinha passado pela minha cabeça.

— Pois é. — Ela rolou pelo *futon* e estendeu a mão para pegar uma caixa de lenços de papel na gaveta do criado-mudo e me entregou. — Assoe.

Consegui abrir um sorriso fraco e assoei o nariz.

— Obrigado, Cass.

— Como você está?

Respirei fundo, estremecendo, e bocejei, súbita e irreprimivelmente.

— Estou legal.

— Consegue dormir?

A tensão se esvaía lentamente de meus ombros e meu estado de exaustão era o maior que eu havia experimentado em toda a minha vida, mas sombras pequenas e ligeiras ainda passavam sibilando por minhas pálpebras, e cada suspiro e rangido da casa a acomodar-se faziam com que eu estremecesse. Eu sabia que, se Cassie apagasse a luz e eu estivesse sozinho no sofá, o ar se encheria de coisas inomináveis me pressionando, falando e sussurrando.

— Acho que sim — respondi. — Será que tem problema eu dormir aqui?

— É claro que não. Mas, se roncar, vai voltar para o sofá. — Ela sentou-se ereta, pestanejando, e começou a retirar os grampos dos cabelos.

— Eu não ronco — falei, me curvei e tirei as meias e os sapatos, mas tanto a etiqueta quanto o ato físico de me despir me pareceram difíceis demais de transpor. Entrei debaixo do edredom sem tirar nenhuma peça de roupa.

Cassie tirou o casaco e deitou-se ao meu lado, os cachos se espalhando no travesseiro. Sem hesitar, envolvi-a com meus braços e ela encostou-se no meu corpo.

— Boa-noite, minha querida. Obrigado de novo.

Ela afagou meu braço e esticou-se para desligar o abajur que ficava ao lado do *futon*.

— Boa-noite, bobinho. Durma bem. Me acorde se quiser.

Seus cabelos em contato com meu rosto tinham um perfume adocicado e natural como o de folhas de chá. Ela virou a cabeça no travesseiro e deixou escapar um suspiro. Eu a sentia quente e compacta, e pensei distraidamente em marfim lustrado e castanhas brilhosas: a satisfação pura e intensa de quando uma coisa se encaixa perfeitamente na sua mão. Eu não me lembrava da última vez em que tinha abraçado alguém daquela maneira.

— Está acordada? — perguntei, sussurrando, depois de um bom tempo.

— Estou — Cassie respondeu.

Estávamos deitados praticamente sem nos mexer. Eu sentia o ar à nossa volta mudando, esquentando, tremeluzindo como o ar sobre uma estrada fervente. Meu coração batia acelerado, ou era o dela que golpeava forte contra meu peito, não sei bem. Virei-a em meus braços e a beijei, e após um instante ela retribuiu o beijo.

Sei que já falei que sempre escolho o anticlímax ao irrevogável, e é claro que quis dizer com isso que sempre fui um covarde, mas era mentira. Nem sempre. Houve aquela noite. Aquela única vez.

Fui eu que acordei primeiro. Era muito cedo, as ruas ainda estavam silenciosas e o céu — Cassie quase nunca fecha as cortinas pois não há janelas vizinhas em frente — turquesa, manchado do amarelo-ouro mais brilhante, estava perfeito como no cinema; devo ter dormido só uma ou duas horas. Em algum lugar uma nuvem de gaivotas irrompeu em granadas desenfreadas.

Sob a luminosidade tênue e moderada o apartamento parecia abandonado e desolado: os pratos e os copos utilizados na noite anterior estavam espalhados sobre a mesa de centro, uma leve e fantasmagórica corrente de ar levantava as folhas com as anotações, meu casaco jogado como um borrão escuro no chão e extensas sombras distorcidas projetavam-se para todos os lados. Senti uma pontada tão intensa sobre o meu esterno que achei que fosse sede. Havia um copo d'água sobre o criado-mudo. Estiquei o braço, peguei-o e bebi todo o seu conteúdo, mas aquela dor de vazio não cedeu.

Achei que meus movimentos pudessem acordar Cassie, mas ela nem sequer se mexeu. Estava profundamente adormecida sobre a articulação de meu braço, com os lábios ligeiramente separados e uma das mãos curvada frouxamente sobre o travesseiro. Tirei os cabelos de sua testa e acordei-a com um beijo.

Quando nos levantamos já eram mais ou menos três horas da tarde. O céu ficara cinzento e carregado, e um arrepio correu por meu corpo quando deixei para trás o aconchego do edredom.

— Estou morrendo de fome — Cassie disse, abotoando a calça jeans. Estava linda naquele dia, despenteada e com os lábios grossos, o olhar sereno e misterioso como o de uma criança sonhadora, e um novo brilho que destoava da tarde cinzenta e que me deixava, de algum modo, apreensivo.

— Quer uma fritada?

— Não, obrigado — eu disse. Esta é a nossa prática regular de todo fim de semana quando durmo na casa dela: um farto café da manhã irlandês e uma longa caminhada na praia, mas eu não me sentia capaz de defrontar-me nem com a tormentosa ideia de conversar sobre qualquer coisa que tivesse acontecido na noite anterior, nem com a cumplicidade opressiva de ter que evitar o assunto. O apartamento subitamente ficou minúsculo e claustrofóbico. Eu tinha hematomas e arranhões em lugares estranhos: na barriga, no cotovelo, e um corte pequeno e feio em uma das coxas. — É melhor eu ir buscar o meu carro.

Cassie vestiu uma camiseta e perguntou naturalmente:

— Quer que eu o leve? — Mas eu tinha visto a imediata hesitação de surpresa em seus olhos.

— Acho que vou de ônibus — respondi e encontrei meus sapatos sob o sofá. — Andar um pouco vai me fazer bem. Mais tarde eu ligo para você, está bem?

— Tudo bem — ela disse agradavelmente, mas eu sabia que alguma coisa passara ali entre nós dois, alguma coisa diferente, imperceptível e perigosa. Trocamos um abraço demorado e forte à porta do apartamento.

Fiz meio que uma tentativa ridiculamente incompetente de esperar o ônibus, mas depois de dez ou quinze minutos me convenci de que era esforço demais — dois ônibus diferentes, número reduzido das linhas por ser domingo, aquilo ia acabar ocupando o meu dia inteiro. Na verdade, minha vontade era só chegar perto de Knocknaree quando eu soubesse que as escavações estariam repletas de arqueólogos enérgicos e barulhentos; pensar naquele lugar hoje, abandonado e silencioso sob aquele feio céu cinzento,

fazia com que eu me sentisse mal. Tomei uma xícara de café que tinha gosto de sujeira em um posto de gasolina e comecei a voltar para casa a pé. Monkstown fica a uns sete ou oito quilômetros de Sandymount, mas eu não tinha pressa: Heather estaria em casa com um troço verde que mais parece um material radioativo emplastrado no rosto e com *Sex and the City* no último volume, louca para me contar de todas as suas conquistas do tal evento de solteiros e exigindo saber por onde eu tinha andado, como minha calça jeans ficou toda enlameada e o que eu tinha feito com o carro. Eu sentia como se tivesse alguém explodindo uma sequência implacável de bombas dentro de minha cabeça.

Eu sabia que havia acabado de cometer pelo menos um dos maiores erros da minha vida. Transar com a pessoa errada não era nenhuma novidade para mim, mas eu nunca tinha feito nada que chegasse perto de uma asneira tão monumental. O que geralmente acontece depois de uma coisa dessas é ou os dois iniciarem um “relacionamento” oficial ou eliminarem todo e qualquer tipo de comunicação — eu já havia tentado ambos no passado, com graus variados de sucesso —, só que não tinha como eu parar de falar com a minha parceira e, quanto a engatar um relacionamento amoroso... mesmo que não fosse contra as regras, eu não estava conseguindo nem comer, dormir ou comprar detergente para vaso sanitário direito, estava pressionando suspeitos, sofrendo brancos de memória no banco das testemunhas e precisando ser resgatado de escavações arqueológicas no meio da noite; só de pensar em tentar ser namorado de alguém, com todas as complicações e responsabilidades que vêm junto, me dava vontade de deitar em posição fetal e chorar até me acabar.

Eu estava tão cansado que meus pés em contato com a calçada pareciam ser de outra pessoa. O vento molhava meu rosto com uma chuva fina e eu pensava, com uma repulsiva sensação cada vez maior de desgraça, em todas as coisas que nunca mais poderia fazer: passar a noite em claro me embebedando com Cassie, contar-lhe sobre garotas que conheci, dormir em seu sofá... não poderia, nunca mais, encará-la como Cassie-apenas-Cassie, como um dos caras, só que muito mais agradável de se olhar; não agora que eu a vira do jeito como vi. Cada ponto íntimo e ensolarado de nosso panorama compartilhado havia se tornado um campo minado tenebroso, carregado de implicações e matizes traiçoeiras. Lembrei-me dela, poucos dias antes, pegando meu isqueiro no bolso do meu casaco enquanto conversávamos, sentados nos jardins do castelo; não tinha nem precisado parar a frase que estava formulando para fazê-lo, e eu tinha adorado tanto aquele gesto, o desembaraço confiante e irrefletido daquilo, a certeza da coisa.

Tenho consciência de que o que vou dizer parecerá inacreditável, já que era uma coisa esperada por todo mundo, desde meus pais até o babaca do Quigley, mas nunca cheguei a suspeitar de que aquilo fosse acontecer. Como fomos presunçosos! Extraordinariamente arrogantes, seguros em nossa certeza de que estávamos isentos do preceito mais antigo conhecido pelo homem. Juro que deito minha cabeça no travesseiro à noite inocente como uma criança. Cassie inclinava a cabeça para tirar os grampos dos cabelos e fazia caretas quando um ou outro ficava preso; eu colocava minhas meias dentro dos sapatos, como sempre faço, para que ela não tropeçasse nelas pela manhã. Sei que dirão que nossa ingenuidade foi intencional, mas, se for para acreditar em uma só coisa do que ouvirem de mim, que seja esta: nenhum de nós dois sabia.

Quando cheguei a Monkstown, ainda não queria aceitar que teria que voltar para casa. Segui em frente até Dún Laoghaire, sentei em cima de um muro que fica ao final do píer e fiquei observando casais despreocupados em suas caminhadas de tardes de domingo arrulhando de prazer, até que escureceu e o vento começou a atravessar meu casaco e um guardinha em sua patrulha me olhou com desconfiança. Cogitei ligar para Charlie, por algum motivo, mas eu não tinha o número do telefone dele na agenda do celular e, de qualquer maneira, nem sabia direito o que queria dizer.

À noite dormi como se tivesse levado uma surra. Quando cheguei ao trabalho na manhã seguinte, ainda me sentia confuso e tinha os olhos lacrimejantes e turvos. Nossa sala parecia estranha, de um jeito

diferente e secreto que eu não conseguia detectar, como se eu tivesse escorregado por uma fenda e parado em uma realidade paralela hostil. Cassie havia deixado o conteúdo da pasta do caso de 84 espalhado sobre a mesa dela. Sentei-me e tentei trabalhar, mas não conseguia me concentrar; quando eu chegava ao fim de uma frase, já tinha me esquecido do princípio e tinha que voltar e começar tudo de novo.

Cassie chegou com as maçãs do rosto brilhando devido à ação do vento e os cachos parecendo um crisântemo de tão revoltos sob uma boininha vermelha.

— Oi, querido — ela me cumprimentou. — Como está?

Ela mexeu em meus cabelos quando passou por trás de mim e eu não consegui evitar: me retraí e senti sua mão paralisar por um instante antes que ela seguisse em frente.

— Bem — respondi.

Ela colocou a mochila no encosto da cadeira. Eu conseguia perceber, pelo rabo de olho, que ela me observava; mantive a cabeça abaixada.

— Os históricos médicos de Rosalind e Jessica vão chegar no fax da Bernadette. Ela pediu que fôssemos buscá-los dentro de alguns minutos e recomendou que da próxima vez a gente dê o número do fax da nossa sala. E é a sua vez de preparar o jantar, mas lá em casa só tem frango, então, se você e Sam quiserem algo diferente...

A voz dela estava natural, mas havia uma ligeira insegurança por trás.

— Na verdade não poderei ir ao nosso jantar hoje. Tenho que ir a outro lugar.

— Ah. Tudo bem. — Cassie tirou a boina e passou os dedos pelos cabelos. — Uma cerveja, então, dependendo da hora em que terminarmos?

— Hoje não dá. Desculpe.

— Rob... — ela disse depois de um instante, mas eu não ergui o olhar. Por um segundo achei que ela fosse seguir falando de qualquer maneira, mas a porta se abriu e Sam entrou animado, renovado depois de seu proveitoso fim de semana no campo, com umas duas fitas em uma das mãos e várias folhas de fax na outra. Nunca fiquei tão contente em vê-lo.

— Bom-dia, pessoal. Isto aqui é de vocês, com os cumprimentos da Bernadette. Como foram de fim de semana?

— Bem — dissemos em uníssono, e Cassie virou-se e começou a pendurar o casaco.

Peguei as folhas da mão de Sam e tentei lê-las rapidamente. Minha concentração estava perdida, a caligrafia do médico dos Devlin era tão ruim que só podia ser intencional, e a presença de Cassie — a paciência incomum com que ela esperava que eu terminasse cada folha, o momento da proximidade forçada quando se curvou para pegá-las — estava me deixando nervoso. Foi necessária uma enorme força de vontade para entender até mesmo alguns mínimos fatos evidentes.

Aparentemente Margaret se assustava com facilidade quando Rosalind era recém-nascida — várias visitas médicas foram feitas por qualquer resfriadinho ou tosse —, e mesmo assim, Rosalind parecia ser a mais saudável das três: não teve nenhuma doença ou ferimento grave. Jessica passou três dias em uma incubadora quando nasceu junto com Katy, quebrou o braço aos sete anos depois de cair de um trepa-trepa na escola e se mantém abaixo do peso desde os nove. As duas tiveram catapora. As duas tomaram todas as vacinas. Rosalind havia retirado uma unha encravada de um dedo do pé no ano anterior.

— Nada aqui indica abuso ou Síndrome de Münchausen — disse Cassie, enfim. Sam encontrara o gravador; ao fundo, Andrews dava a um corretor de imóveis uma comprida explicação sobre algum assunto.

Se ele não estivesse ali, acho que eu teria ignorado o que Cassie dissera.

— E também não há nada que nos leve a descartá-los — falei, consciente da rispidez em minha voz.

— Como se descarta abuso de maneira tão definitiva? A única coisa que podemos fazer é dizer que não há evidência que indique isso, o que não há mesmo. E acho que isso descarta, sim, a possibilidade de Síndrome de Münchausen. Como eu já disse, Margaret não se encaixa no perfil de qualquer maneira... o

que *importa* para quem sofre disso é que haja um tratamento médico. Não há ninguém fazendo isso com estas duas.

— Então não serviu de nada — concluí e empurrei os históricos para longe, mas acabei usando força demais; metade das folhas voou pela beira da mesa e foi parar no chão. — Ora, mas que surpresa! Este caso está fodido. E já vem assim desde o princípio. Dá na mesma se o jogarmos lá no porão agora e pegarmos outro que tenha a probabilidade de sucesso de se encontrar uma agulha no palheiro, porque isto aqui só está fazendo todo mundo perder tempo.

Os telefonemas de Andrews tinham chegado ao fim e o gravador ficou apitando até que Sam o desligou. Cassie curvou-se de lado e começou a catar as folhas que caíram. Ficamos muito tempo sem dizer nada.

O que Sam deve ter pensado? Ele nunca disse uma palavra, mas devia saber que alguma coisa estava errada. Não tinha como aquilo tudo passar despercebido. De repente não existiam mais as longas e alegres noites de estudantes *à trois*, e o ambiente no trabalho parecia alguma coisa tirada da obra de Sartre. É possível que Cassie tenha contado a ele toda a história e chorado em seu ombro, mas eu duvido: ela sempre foi muito orgulhosa. Deve tê-lo convidado para jantar em sua casa e explicado que tenho problemas quando investigamos assassinatos de crianças — o que era verdade, afinal — e queria passar minhas noites relaxando; deve ter explicado tão despreocupada e convincentemente que, mesmo que Sam não tenha acreditado, sabia que não deveria perguntar nada.

Imagino que outras pessoas também tenham percebido. Os detetives têm uma tendência maior de ser razoavelmente observadores, e o fato de a Dupla Dinâmica não estar mais se falando seria manchete de primeira página. O boato deve ter corrido a divisão inteira em um intervalo máximo de 24 horas, seguido por uma série de explicações espantosas — e entre elas, com certeza, a verdadeira.

Ou talvez não. Sobrevivendo a tudo, pelo menos a antiga aliança permanecia viva: o instinto animal compartilhado de manter seu definhamento em segredo. De certa maneira, aquilo era o mais triste de tudo: sempre, sempre, até o final, o velho entrosamento surgia quando era necessário. Podíamos passar horas dolorosas sem dizer nada além do inevitável um para o outro, e mesmo assim em vozes sem entonação e sem olharmos um para o outro; mas, no mesmo instante em que O'Kelly ameaçou tirar Sweeney e O'Gorman da investigação, acordamos com o susto, comigo discorrendo metodicamente, enumerando uma quantidade extensa de motivos por que ainda precisávamos de detetives auxiliares, enquanto Cassie me garantia que o superintendente sabia o que estava fazendo, dava de ombros e dizia torcer para que a imprensa não descobrisse. Era uma coisa que consumia toda a minha energia. Quando a porta se fechava e nós éramos deixados novamente a sós (ou a sós com Sam, que não contava), a centelha do profissionalismo evaporava e eu virava o rosto totalmente inexpressivo para não olhar para sua face pálida, que nada compreendia, e lhe dava as costas com a indiferença pedante de um gato entediado.

Eu sentia sinceramente, embora não saiba direito que processo minha mente usou para chegar a tal conclusão, que eu estava errado de uma forma sutil, porém imperdoável. Se ela tivesse me magoado, eu poderia tê-la perdoado sem nem ter que pensar a respeito; mas eu não podia perdoá-la por ter sido magoada.

O resultado do exame de sangue das manchas em meus tênis e da gota encontrada na pedra cerimonial estava para chegar a qualquer dia. Em meio ao nevoeiro submarino pelo qual eu vinha navegando, era uma das poucas coisas que havia se mantido clara em minha mente. Praticamente todas as outras pistas haviam dado em nada; só tinha sobrado aquilo, e foi no que depusitei todas as minhas esperanças com um desespero inflexível. Eu estava convencido, com uma certeza muito além da lógica, de que a única coisa

de que precisávamos era uma identificação positiva de DNA; de que, se a conseguíssemos, todo o resto se encaixaria em seus devidos lugares com a suave precisão dos flocos de neve, o caso — os dois casos — solucionando-se diante de mim com perfeição surpreendente.

Eu tinha uma vaga consciência de que, se aquilo realmente acontecesse, iríamos precisar do DNA de Adam Ryan para base de comparação, e que o detetive Rob iria, muito provavelmente, desaparecer para sempre em uma nuvem de fumaça com cheiro de escândalo. À época, contudo, não era sempre que isso me parecia uma ideia tão ruim assim. Muito pelo contrário: em certos momentos eu até ansiava por aquilo com uma espécie de alívio triste. Parecia — já que eu sabia que não tinha coragem ou energia para me libertar daquela confusão terrível — a minha única, ou pelo menos a minha saída mais simples.

Sophie, multitarefaista nata, me ligou de seu carro.

— Os caras do DNA ligaram — disse ela. — Más notícias.

— Oi — falei, colocando-me ereto com um arranco e girando a cadeira para ficar de costas para os outros. — E aí? — Tentei não dar nenhum ar de importância à minha voz, mas O’Gorman parou de assobiar e eu ouvi um ruído como se Cassie estivesse colocando uma folha em cima de sua mesa.

— As amostras de sangue não serviram para nada. Tanto as dos tênis quanto a que Helen encontrou. — Ela deu um soco na buzina. — Pelo amor de Deus, seu idiota, escolha uma faixa, qualquer faixa!... O laboratório tentou de tudo, mas estavam degradadas demais para ter restado algum DNA identificável. Sinto muito, mas eu bem que avisei.

— Tudo bem — falei depois de alguns instantes. — O caso tem sido todo assim mesmo. Obrigado, Sophie.

Desliguei e fiquei olhando para o telefone. Cassie, do outro lado da mesa, fez uma pergunta hesitante, “O que foi que ela disse?”, mas eu não respondi.

À noite, enquanto eu voltava para casa a pé depois do trabalho, telefonei para Rosalind. Ia contra todos os meus instintos mais clamorosos fazê-la passar por aquilo. Minha vontade era deixá-la em paz até que se sentisse preparada para falar, permitir que escolhesse sua própria hora em vez de pressioná-la contra a parede; só que ela era a única coisa que me restara.

Ela apareceu na manhã de quinta-feira e eu desci para encontrá-la na recepção, assim como havia feito naquela primeira vez, semanas antes. Em parte eu tinha medo de que ela mudasse de ideia no último minuto e não aparecesse, e meu coração animou-se quando a vi sentada em uma cadeira grande, apoiando pensativamente a bochecha na mão e com o cachecol cor-de-rosa a pender-lhe do pescoço. Foi bom ver uma menina jovem e bonita; só ali é que fui me dar conta do quanto todos estávamos começando a parecer exaustos, envelhecidos e desgastados. Parecia que havia dias eu não via uma cor antes de ver aquele cachecol.

— Rosalind — chamei-a e vi seu rosto se entusiasmar.

— Detetive Ryan!

— Acabou de me ocorrer uma coisa — comentei. — Não era para você estar na escola?

Ela me fitou com um olhar enviesado e conspirador.

— Minha professora gosta de mim. Não vai acontecer nada comigo. — Eu sabia que era meu dever adverti-la para não matar aula ou alguma coisa assim, mas não consegui evitar. Eu só ri.

A porta se abriu e Cassie entrou, vindo lá de fora e guardando o maço de cigarros no bolso da calça jeans. Nós nos entreolhamos durante um segundo e ela olhou para Rosalind; então passou rapidamente por nós e subiu a escada.

Rosalind mordeu o lábio e ergueu o olhar em minha direção com uma expressão de preocupação.

— Sua parceira está incomodada com a minha presença, não é verdade?

— Bom, isso não tem nada a ver com ela — eu disse. — Peço desculpas.

— Ah, não tem problema. — Rosalind esforçou-se para abrir um ligeiro sorriso. — Ela nunca gostou muito de mim, não é mesmo?

— A detetive Maddox não desgosta de você.

— Não se preocupe, detetive Ryan, de verdade. Estou acostumada. Tem muita menina que não gosta de mim. Minha mãe diz... — Ela baixou a cabeça, com vergonha. — Minha mãe diz que elas têm inveja, mas não vejo como isso pode ser verdade.

— Eu vejo — falei, baixando o olhar e sorrindo para ela —, mas não acho que seja o caso da detetive Maddox. O que você viu nada teve a ver com você, entendeu?

— Vocês brigaram? — ela perguntou timidamente depois de um instante.

— Mais ou menos — respondi. — É uma longa história.

Segurei a porta aberta para que ela passasse e atravessamos o pátio rumo aos jardins. Rosalind franzia a testa, pensativamente.

— Queria que ela não desgostasse tanto assim de mim. Eu a admiro muito, sabe? Não deve ser fácil para uma mulher ser detetive.

— Não é fácil ser detetive de qualquer jeito — comentei sem querer falar de Cassie. — A gente se vira.

— Tudo bem, mas para uma mulher é diferente — ela me disse com certo tom de repreensão na voz.

— Diferente em quê? — Ela era tão jovem e séria; eu sabia que se sentiria ofendida se eu risse.

— Ora, por exemplo... a detetive Maddox deve ter pelo menos uns trinta, não é mesmo? Deve estar querendo se casar logo, ser mãe, essas coisas. A mulher não é como o homem, que pode se dar ao luxo de esperar. E ser uma detetive deve dificultar as coisas na hora de ela arrumar um namorado sério, não é mesmo? Ela deve se sentir muito pressionada.

Senti um espasmo desagradavelmente acentuado de inquietação no estômago.

— Não acredito que a detetive Maddox seja do tipo mãezona — falei.

Rosalind assumiu uma expressão de quem ficou perturbada, com os pequeninos dentes brancos pressionando seu lábio inferior.

— Você deve ter razão — ela disse com cuidado. — Mas você sabe, né, detetive Ryan... às vezes, quando a gente está muito perto de alguém, deixa de notar certas coisas. As outras pessoas conseguem ver, mas a gente não.

O espasmo ficou ainda mais intenso. Parte de mim queria muito pressioná-la e descobrir o que exatamente ela vira em Cassie que eu deixara de notar; mas a semana anterior tinha feito com que eu enxergasse, e com uma intensidade considerável, que há certas coisas na vida que é melhor ficarmos sem saber.

— A vida pessoal da detetive Maddox não é problema meu — falei. — Rosalind...

Mas ela já havia se adiantado animada por um dos caminhos que cercavam o gramado, falando e olhando para trás, por sobre o ombro.

— Ah, detetive Ryan... veja só! Não é lindo?

Seus cabelos dançavam à luz do sol que irradiava pelo meio das folhas, e apesar de tudo, eu sorri. Segui-a — iríamos precisar de privacidade para aquela conversa de qualquer forma — e alcancei-a em um banquinho isolado sob uma árvore, onde os pássaros gorjeavam nos arbustos à nossa volta.

— É — concordei. — É lindo. Gostaria de conversar aqui?

Ela se acomodou no banco e ficou olhando fixamente para as árvores com um suspiro curto de contentamento.

— O nosso jardim secreto.

Era idílico, e eu detestava a ideia de ter que estragar tudo. Por um momento me permiti cogitar — sem muita seriedade — esquecer todo o objetivo daquele encontro, bater um papo descompromissado

sobre como ela estava e como o dia estava lindo, e depois mandá-la de volta para casa; ser, durante alguns minutos, apenas um sujeito sentado ao sol conversando com uma moça bonita.

— Rosalind, preciso lhe perguntar uma coisa. Será extremamente difícil e eu queria conhecer algum jeito de facilitar as coisas para você, mas não conheço. Se eu tivesse alternativa, não perguntaria uma coisa assim logo para você. Preciso que me ajude. Será que pode tentar?

Vi alguma coisa atravessar o seu rosto, um lampejo de vívida emoção, mas o que quer que fosse, desapareceu antes que eu pudesse identificar. Ela enganchou as mãos nas tábuas do banco, preparando-se para o que viria.

— Farei o melhor que eu puder.

— Seu pai e sua mãe — falei, procurando colocar a voz com bastante moderação e equilíbrio. — Algum deles já machucou você ou suas irmãs?

Rosalind perdeu o fôlego. Sua mão precipitou-se velozmente até a boca, e a jovem ficou me olhando por cima dela com os olhos arregalados e chocados até que se deu conta do que havia feito. Depois, tirou a mão com um arranco e voltou a agarrar-se no banco.

— Não — ela respondeu com uma vozinha forçada e comprimida. — É claro que não.

— Entendo que deva estar com medo. Eu posso protegê-la. Prometo.

— Não. — Ela balançava a cabeça, mordendo o lábio, e eu via que estava quase às lágrimas. — Não.

Cheguei mais perto e afaguei-lhe a mão com a minha. Ela cheirava a algum perfume floral almiscarado, destoante em décadas de sua idade.

— Rosalind, se está acontecendo algum problema, nós precisamos saber. Você está correndo perigo.

— Não vai acontecer nada comigo.

— Jessica também corre perigo. Sei que toma conta dela, mas não pode continuar fazendo isso sozinha para sempre. Por favor, deixe-me ajudá-la.

— Você não entende — ela murmurou, e eu sentia sua mão tremer sob a minha. — Não posso, detetive Ryan. Simplesmente *não posso*.

Ela quase me fez chorar. Aquela menina frágil, indomável e magrinha. Em uma situação que derrubaria gente com o dobro de sua idade, ela suportava tudo se esforçando além de sua capacidade, caminhando por uma corda bamba muito fina, presa exclusivamente por sua tenacidade, dignidade e negação. Era tudo o que tinha para se apoiar, e eu, logo eu, estava tentando arrancar de debaixo dela.

— Desculpe-me — eu disse, súbita e horrivelmente envergonhado de mim mesmo. — Pode ser que chegue o momento em que você se sinta preparada para falar e, quando esse dia chegar, eu estarei bem aqui. Mas até lá... eu não deveria ter tentado pressioná-la. Me desculpe.

— Você é tão bondoso comigo... — ela murmurou. — Nem acredito que tem sido tão atencioso.

— Queria apenas poder ajudá-la — eu disse. — Queria saber como.

— Eu... confiar em alguém não é uma coisa fácil para mim, detetive Ryan, mas, se tem uma pessoa em quem eu possa vir a confiar, será você.

Permanecemos sentados e em silêncio. Eu sentia a maciez da mão de Rosalind sob a minha, e ela não a retirou dali.

Foi então que ela a virou, vagorosamente, e entrelaçou os dedos nos meus. Ela olhava para mim e sorria, um sorrisinho caloroso com um desafio à espreita nos cantos.

Prendi a respiração. Senti aquilo passando por mim como uma corrente elétrica, a enorme vontade que eu sentia de curvar-me para a frente, levar a mão à sua nuca e beijá-la. As imagens invadiam minha mente aos trambolhões — lençóis amassados de hotel e ela soltando os cabelos; botões sob meus dedos, o rosto torcido de Cassie — e eu queria aquela garota, que era completamente diferente de qualquer outra que eu já havia conhecido. E eu a queria, não apesar de suas mudanças de humor, de suas feridas secretas

e das patéticas tentativas enganosas, mas justamente por causa delas, de todas elas. Eu me via refletido em seus olhos: minúsculo, fascinado e me aproximando.

Rosalind tinha dezoito anos de idade e ainda assim poderia acabar sendo minha testemunha principal, jamais estaria tão vulnerável em sua vida como estava agora e me venerava. Só que ela não precisava descobrir do pior jeito que eu havia desenvolvido a propensão de destruir tudo em que toco. Mordi com força a parte de dentro de minha bochecha e separei nossas mãos.

— Rosalind — falei.

Sua expressão estava fechada.

— É melhor eu ir — ela disse com frieza.

— Não quero magoá-la. É a coisa de que você menos precisa.

— Mas já magoou. — Ela lançou a bolsa sobre o ombro, sem olhar para mim, com a boca em uma linha firme.

— Rosalind, por favor, espere... — Tentei segurar-lhe a mão, mas ela recolheu-a violentamente.

— Achei que *se importasse* comigo. É óbvio que me enganei. Só deixou que eu imaginasse isso porque queria ver se eu sabia alguma coisa referente a *Katy*. Você só estava interessado no que poderia conseguir tirar de mim, igualzinho a todo mundo.

— Não é verdade... — comecei a dizer; mas ela já tinha ido, e foi descendo pelo caminho com os sapatinhos estalando ao ritmo de seus passinhos irritados, e eu sabia que não adiantaria nada ir atrás dela. Os pássaros nos arbustos dispersaram-se com um estrondo ríspido das asas quando ela passou.

Minha cabeça girava. Dei-lhe alguns minutos para que se acalmasse e depois liguei para o celular dela, que ficou tocando sem ninguém atender. Deixei um recado balbuciado, pedindo desculpas, na caixa postal; então desliguei e me atirei de costas sobre o banco.

— *Merda* — falei em voz alta para os arbustos vazios.

Considero importante reiterar que, independentemente do que eu possa ter alegado na época, durante a maior parte da Operação Vestal meu estado nem sequer se aproximava do normal. Pode não servir como desculpa, mas é um fato. Quando resolvi entrar no bosque, por exemplo, fui depois de ter dormido muito pouco e comido ainda menos, e sob os efeitos de uma quantidade considerável de vodca e tensão acumulada, e sinto que devo salientar que é absolutamente possível que o que veio a acontecer depois tenha sido ou um pesadelo ou alguma espécie de alucinação esquisita. Não tenho como saber e não consigo pensar em uma resposta, sobre qualquer das duas possibilidades, que seja particularmente reconfortante.

Desde aquela noite eu havia, pelo menos, recuperado o sono. Na verdade, andava dormindo com uma dedicação tão intensa que era uma coisa que já estava inclusive me deixando nervoso. Quando chegava em casa cambaleando do trabalho toda noite, já era praticamente um sonâmbulo. Eu caía na cama como se atraído por um poderoso ímã e me encontrava na mesma posição, sem nem ter trocado de roupa, quando o despertador me acordava à força doze ou treze horas depois. Uma vez, me esqueci de acionar o alarme e só fui acordar às duas da tarde, na sétima vez em que uma Bernadette bastante enfezada ligava para minha casa.

As lembranças e os efeitos colaterais mais bizarros também já haviam desaparecido; sumiram tão categórica e definitivamente quanto uma lâmpada que queima. É de imaginar que fosse representar um alívio e, na época, foi mesmo. Para mim qualquer coisa referente a Knocknaree era o pior tipo possível de notícia, e eu estava muito melhor sem saber. Eu sentia que já deveria ter percebido isso havia algum tempo, e não conseguia acreditar que tinha sido burro o bastante para ignorar tudo o que eu já sabia e sair entrando novamente naquele bosque. Nunca na vida eu sentira tanta raiva de mim mesmo. Foi só muito mais tarde, depois que a investigação já havia acabado e a poeira baixado em meio aos escombros, que

fui tentar estimular, com muito cuidado, os limites de minha memória e não consegui recuperar nada; foi só então que comecei a imaginar que talvez aquilo não fosse uma libertação e sim uma enorme oportunidade perdida, uma perda irrevogável e devastadora.

Sam e eu fomos os primeiros a chegar à nossa sala na sexta-feira de manhã. Eu tinha resolvido chegar o mais cedo que conseguisse para pesquisar os registros dos telefonemas e ver se encontrava alguma desculpa para passar o dia em qualquer outro lugar. Chovia forte; Cassie, em algum lugar, estava provavelmente praguejando e tentando fazer a Vespa pegar.

— O boletim diário — disse Sam, agitando em minha direção umas fitas. — Ele estava mesmo a fim de conversar ontem à noite, seis telefonemas. Que Deus nos ajude...

Já havíamos grampeado os telefones de Andrews havia uma semana, com resultados tão patéticos que O’Kelly começara a rosnar. Durante o dia, Andrews usava o celular para dar vários telefonemas mordazes à base de testosterona; à noite, pedia comida de “gourmet” de restaurantes que abusavam dos preços — “delivery com frescurinhas”, era como Sam se referia a ela em tom de reprovação. Uma vez ele ligou para uma daquelas linhas de bate-papo de sexo que anunciam na TV tarde da noite; ele gostava de apanhar, pelo jeito, e “Deixe minha bunda vermelha, Celestine” acabou se tornando instantaneamente um slogan da nossa divisão.

Tirei o casaco e me sentei.

— Pode colocar, Sam — falei. Meu senso de humor, junto com todo o resto, vinha se deteriorando no decorrer das últimas semanas. Sam lançou-me uma olhadela e colocou uma das fitas em nosso gravadorzinho velho.

Às 20:17, de acordo com o relatório impresso, Andrews pediu lasanha com salmão defumado, pesto e molho de tomate seco.

— Minha nossa! — exclamei, assustado.

Sam riu.

— Tudo do bom e do melhor para o nosso garotão.

Às 20:23 ligou para o cunhado para marcar uma partida de golfe para a tarde do domingo, com algumas piadas masculinas no meio. Às 20:41 voltou a ligar para o restaurante para gritar com a atendente porque sua comida ainda não havia chegado. Estava começando a me parecer levemente embriagado. Seguiu-se um período de silêncio; pelo jeito a lasanha do inferno havia, enfim, chegado ao seu destino.

À 00:08 ele ligou para um telefone de Londres.

— A ex-mulher — Sam revelou. Já havia atingido a fase sentimental da embriaguez e queria conversar sobre o que tinha saído errado.

— O maior erro que já cometi foi deixar você ir embora, Dolores — ele disse a ela com a voz embargada pelas lágrimas. — Porém, é claro, talvez eu tenha feito o que era certo. Você é uma ótima mulher, sabia disso? Boa demais para mim. Cem vezes melhor. Talvez até mil. Não tenho razão, Dolores? Não concorda que fiz o que era certo?

— Não tenho como saber, Terry — Dolores disse, deixando transparecer exaustão na voz. — Diga-me você. — Ela estava fazendo outra coisa ao mesmo tempo, recolhendo pratos da mesa ou talvez esvaziando a máquina de lavar louça; dava para escutar o barulho dos pratos ao fundo. Por fim, quando Andrews começou a chorar intensamente, ela desligou na cara dele. Dois minutos depois ele ligou de novo, rosnando.

— Não desligue na minha cara, sua vagabunda, está me escutando? Sou *eu* que desligo na *sua*! — ele disse e bateu o telefone.

— Esse sabe tratar uma mulher — comentei.

— Droga — Sam falou e curvou os ombros, sentado na cadeira, e depois inclinou a cabeça para trás e cobriu o rosto com as mãos. — Ah, mas que droga. Só tenho mais uma semana desse grampo. O que vou fazer se for só ele ligando para pedir pizza de sushi e chorar no ouvido da mulher?

Mais um clique da fita.

— Alô — disse uma sonora voz masculina, cheia de sono.

— Quem é? — perguntei.

— Celular com número confidencial — Sam respondeu por detrás das mãos. — Às quinze para as duas.

— Seu escrotinho de merda — disse Andrews na fita. Já estava muito bêbado. Sam aprumou os ombros.

Seguiu-se uma breve pausa e então a voz sonora perguntou:

— Não falei para não me ligar de novo?

— Êpa! — exclamei.

Sam emitiu um ruído curto e indistinto e esticou a mão com um arranco, como se quisesse pegar o gravador, mas se conteve e somente puxou-o para mais perto de nós sobre a mesa. Curvamos as cabeças sobre ele, escutando. Sam prendia a respiração.

— Não estou nem aí para o que você falou. — A voz de Andrews ficava cada vez mais alta. — Você já falou mais que o suficiente. Por acaso se lembra de ter me garantido que a esta altura tudo já estaria de volta aos trilhos? E em vez disso, só tem umas porras... de uns mandados de segurança por toda parte...

— Já falei para você se acalmar, porra, e deixar comigo, que eu resolvo. E reitero o que já disse. Tenho tudo sob controle.

— Só se for no seu rabo. Não ouse falar comigo como se eu fosse seu emp... seu emp... seu empregado. Você é que é *meu* empregado, porra! Eu que paguei *você*. Merda de... milhares e milhares e... “Ah, vamos precisar de mais cinco mil para isto aqui, Terry, mais alguns milhares para o novo integrante do Conselho, Terry...” Daria no mesmo se eu tivesse jogado na privada e puxado a descarga. Se você fosse meu empregado já estaria *demitido*. No olho da rua. *Assim*.

— Eu lhe entreguei tudo pelo que você pagou. Isso de agora é somente um atraso sem importância. Será resolvido. Nada vai mudar. Está me entendendo?

— Resolvido é o *caralho*. Seu traíra de merda, seu... você pegou o meu dinheiro e fugiu. Agora eu fiquei só com um monte de terra que não vale porra nenhuma e com a polícia na minha cola. Como foi que eles... porra, como foi que eles descobriram que a terra era minha? Eu *confiei* em você.

Seguiu-se uma ligeira pausa. Sam soltou a respiração com um bafejo curto e voltou a prendê-la. Então, a voz sonora perguntou com rispidez:

— De que telefone está ligando?

— Não é da sua conta, porra — Andrews respondeu, mal-humorado.

— Sobre o que a polícia foi lhe perguntar?

— Uma... só sobre uma criança. — Andrews abafou um arrote. — A que foi assassinada. O pai é o escroto que pediu a porra do mandado de segurança... Os imbecis acham que tive alguma coisa a ver com a história.

— Desligue o telefone — a voz sonora disse com frieza. — Não fale com a polícia sem que esteja na presença do seu advogado. Não se preocupe com o mandado de segurança. E nunca mais me telefone, porra! — Ouviu-se um clique quando ele desligou.

— *Ora* — eu disse depois de alguns instantes —, com certeza isso aí não foi pizza de sushi e nem ele chorando com a mulher. Meus parabéns. — Não serviria de prova no tribunal, mas seria suficiente para

colocar uma pressão considerável em Andrews. Eu tentava ser educado, mas uma parte de mim sentia o quanto aquilo era típico: enquanto minha investigação degenerava em uma coleção sem igual de becos sem saída e desastres, a de Sam seguia elegantemente aos saltos, em franco progresso, um sucesso atrás do outro. Se fosse eu o encarregado de correr atrás de Andrews, ele teria provavelmente passado as duas semanas sem ligar para ninguém mais sinistro que sua mãezinha idosa. — Isso aí deve fazer com que O’Kelly o deixe em paz.

Sam não respondeu e eu virei-me para olhar para ele, que chegava a estar quase verde de tão branco.

— Que foi? — perguntei, assustado. — Você está bem?

— Estou ótimo — ele respondeu, curvando-se para a frente e desligando o gravador. Sua mão tremia um pouco e eu vi um lânguido reflexo de desânimo em seu rosto.

— Meu Deus! — exclamei. — Não está não. — De repente imaginei que a vibração pela conquista pudesse ter lhe provocado um enfarte ou um derrame ou alguma coisa assim, que ele poderia ter alguma doença estranha não diagnosticada; o folclore da divisão é repleto de histórias desse tipo, de investigadores perseguindo um suspeito em meio a obstáculos épicos, só para morrerem assim que as algemas se fecham nos pulsos do criminoso. — Precisa de um médico ou alguma coisa assim?

— Não — ele disse categoricamente. — Não.

— Então que droga é essa?

Praticamente assim que perguntei, a ficha caiu. Foi um espanto, para falar a verdade, não ter percebido antes. O timbre da voz, o sotaque, as pequenas mudanças de modulação: eu já tinha ouvido todas elas, todos os dias, todas as noites; um pouco suavizadas, sem aquela aspereza abrasiva, mas a semelhança era notável e inconfundível.

— Esse aí era... — hesitei na hora de continuar a pergunta. — Esse aí era, por algum acaso, o seu tio?

Os olhos de Sam viraram-se bruscamente para mim e depois para a porta, mas não havia ninguém lá.

— Era — ele revelou depois de um instante. — Era sim. — Sua respiração era rápida e rasa.

— Tem certeza?

— Eu conheço a voz dele. Tenho certeza.

Por mais lastimável que tenha sido, minha reação imediata foi um intenso desejo de rir. Ele vinha sendo tão prudente (*Meu tio é certinho demais, gente*), tão correto, que parecia até um soldado ianque discursando e exaltando a bandeira norte-americana em um daqueles horrendos filmes de guerra deles. Na época, achei aquilo bonito — aquela fé incondicional é como a virgindade, só se perde uma vez, e eu nunca tinha conhecido ninguém que ainda a mantivesse depois dos trinta anos —, mas agora o que eu percebia era que Sam tinha passado a maior parte de sua vida flutuando feliz ao sabor dos acontecimentos, e eu encontrava dificuldade em ser solidário com ele quando, finalmente, escorregou em uma casca de banana.

— O que vai fazer? — perguntei.

Ele balançava a cabeça de um lado para o outro sob a luz fluorescente. Sem dúvida ele deve ter imaginado: só estávamos nós dois ali, um favor e um aperto no botão de gravar e o telefonema poderia ter sido para combinar melhor a partida de golfe da tarde de domingo ou sobre qualquer outra coisa.

— Você me dá o fim de semana? — ele pediu. — Eu mostro para O’Kelly na segunda-feira. É que eu só... Agora não. Não consigo pensar direito. Preciso do fim de semana...

— Claro — concordei. — Vai conversar com o seu tio?

Sam ergueu os olhos para mim.

— Se eu fizer isso ele vai começar a apagar as pegadas, não é mesmo? Vai se livrar das provas antes do início das investigações.

— Sim, suponho que seja justamente o que ele faria.

— Se eu não disser nada... e ele descobrir que eu poderia tê-lo avisado para que se preparasse, e não avisei...

— Sinto muito — falei e me perguntei rapidamente onde estava a droga da Cassie.

— Sabe o que é mais louco nesta história toda? — Sam falou depois de passados alguns instantes. — Se você tivesse me perguntado de manhã quem eu procuraria caso algo assim acontecesse e eu não soubesse o que fazer, eu teria dito o Red.

Não consegui pensar em nada para responder àquilo. Fiquei olhando para a sua expressão entorpecida e de súbito me senti curiosamente desligado dele e de todo aquele ambiente; a sensação era vertiginosa, como se eu estivesse vendo aquilo tudo se desenrolar dentro de uma caixa iluminada, centenas de metros abaixo de mim. Passamos um bom tempo lá sentados até que O’Gorman entrou provocando alvoroço, gritando alguma coisa relativa a rúgbi, e Sam, discretamente, guardou a fita no bolso, juntou suas coisas e foi embora.

Durante a tarde, quando saí para fumar um cigarro, Cassie me seguiu até o lado de fora.

— Tem um isqueiro? — ela perguntou.

Ela emagrecera. As maçãs de seu rosto estavam mais salientes, e fiquei me perguntando se aquilo tinha passado despercebido durante o decorrer de toda a Operação Vestal ou — tal ideia me fez sentir um formigamento de intranquilidade — se tinha sido só nos últimos dias. Peguei meu isqueiro e dei-o na mão dela.

A tarde estava fria e nublada. As folhas mortas começavam a empilhar-se junto às paredes; Cassie virou as costas para o vento para acender o cigarro. Estava usando maquiagem — rímel e um borrão de alguma coisa cor-de-rosa em cada bochecha —, mas seu rosto, curvado sobre as mãos em forma de concha, permanecia pálido demais, quase cinza.

— O que está acontecendo, Rob? — ela perguntou enquanto se punha ereta.

Meu estômago despencou bruscamente. Todos já passamos por essa conversa dolorosa, mas não conheço um só homem que ache que ela sirva para alguma coisa, e também não sei de uma só ocasião em que tenha produzido resultados positivos. Eu vinha torcendo — embora considerasse quase impossível — para que Cassie acabasse se revelando uma daquelas raras mulheres que conseguem deixar a coisa para lá.

— Não tem nada acontecendo — respondi.

— Por que está me tratando desse jeito estranho?

Dei de ombros.

— Estou péssimo, a investigação está indo por água abaixo e as últimas semanas me enlouqueceram. Não é nada pessoal.

— Ah, qual é, Rob? Claro que é. Você tem me tratado como uma leprosa desde que... — Senti meu corpo inteiro se contrair. A voz de Cassie foi sumindo.

— Não tenho não — eu disse. — Só estou precisando de um pouco de espaço no momento. Entende?

— Nem sei o que você *quer dizer* com isso. Só sei que está esquisito comigo e não posso fazer nada se não entendo o porquê.

De rabo de olho, vi como o queixo dela tinha assumido uma inclinação de determinação e me dei conta de que não conseguiria escapar.

— Não estou esquisito com você — eu disse, terrivelmente constrangido. — Só não quero que as coisas fiquem mais complicadas do que já são. Sem dúvida alguma é impossível, para mim, começar um relacionamento no momento, e não quero passar uma impressão...

— *Relacionamento?* — As sobrancelhas de Cassie levantaram-se com um arranco e ela quase riu. — Nossa, isto tudo é só por causa disso? Não, Ryan, eu não espero que você se case comigo e seja o pai

dos meus filhos. Que droga fez você achar que eu queria um *relacionamento*? Eu só quero que as coisas voltem ao normal, porque isto é ridículo.

Não acreditei. A representação foi convincente — o olhar perplexo, o jeito relaxado e tranquilo de seu ombro encostado na parede; qualquer pessoa em qualquer parte do mundo teria conseguido respirar aliviado, dar nela um abraço repleto de constrangimento e partir de volta rumo a alguma variação do que era normal, de braços dados. Só que eu conhecia cada peculiaridade e cada um dos gestos que denunciavam Cassie tão bem quanto a palma de minha mão. Sua respiração se acelerando, o jeito de uma ginasta de reforçar os ombros, o tom quase imperceptível de hesitação em sua voz: ela estava morrendo de medo, o que, por sua vez, também fazia com que eu me sentisse da mesma maneira.

— Tá — falei. — Acho justo.

— Você sabe disso, não é mesmo, Rob? — De novo aquela ligeira sacudidela.

— Nesta situação — eu disse —, não sei bem se voltarmos ao normal é possível. O que aconteceu no sábado à noite foi um grande erro, e a minha vontade era que nunca tivesse acontecido, mas aconteceu. E agora temos que conviver com isso.

Cassie bateu a cinza do cigarro, que caiu entre as pedras do chão, mas eu tinha visto o lampejo de mágoa em seu rosto, absoluto e ferido como se eu a tivesse esbofeteado. Depois de alguns instantes ela disse:

— Bom, não sei se precisa ser um erro.

— Não deveria ter acontecido — falei. Minhas costas estavam imprensadas com tanta força contra a parede que eu sentia as protuberâncias a cravarem-se em minha pele, passando pelo paletó. — Nunca teria acontecido se eu não estivesse tão abalado. Lamento, mas é a realidade.

— Está bem — ela disse com muito cuidado. — Está bem. Mas não precisa ser uma coisa tão importante assim. Nós somos amigos, somos íntimos, e foi por isso que aconteceu. Deveria servir só para nos aproximarmos ainda mais; fim de papo.

O que ela disse foi altamente sensato; eu tinha consciência de que era eu que estava sendo imaturo e melodramático, o que só fazia com que eu ficasse ainda mais nervoso. Mas seus olhos... eu já os havia visto daquele jeito, sob a mira da agulha de um viciado em um apartamento em que nenhum ser humano deveria viver, e naquele dia ela também falou com muita calma e bom senso.

— Certo — falei e olhei para o outro lado. — Talvez. Só preciso de um tempo para acertar a minha cabeça. Ainda mais com tudo que vem acontecendo.

Cassie espalmou as mãos.

— Rob — ela falou com uma voz baixa, lúcida e confusa que nunca conseguirei esquecer. — Rob, sou *eu*, Cassie. Tá lembrado de mim?

Eu não conseguia escutá-la. Mal conseguia vê-la; seu rosto parecia o de uma estranha, indecifrável e perigoso. Minha vontade era estar em qualquer outro lugar no mundo.

— Acho melhor eu voltar lá para dentro — falei, jogando fora o cigarro. — Pode me devolver o isqueiro?

Não sei explicar por que quase não considere a possibilidade de que Cassie pudesse ter dito a verdade pura e simples a respeito de suas intenções comigo. Afinal, eu nunca soube de nenhuma mentira dela, seja para mim ou para qualquer outra pessoa, e não sei direito por que supus com tanta certeza que ela tinha, de repente, começado a fazê-lo agora. Nunca, nem sequer uma vez, chegou a me passar pela cabeça que aquela infelicidade que ela demonstrava pudesse ser, na realidade, a consequência não de uma paixão não correspondida, mas de perder seu amigo mais íntimo — o que creio que posso, sem me iludir, dizer que eu era.

Fica parecendo arrogância, fica parecendo que eu me acho algum Casanova irresistível, mas para mim, sinceramente, não era simples assim. Vocês têm que se lembrar de que eu nunca tinha visto Cassie daquela maneira. Eu nunca sequer a tinha visto chorar, e podia contar nos dedos de uma das mãos as vezes em que a tinha visto com medo; agora ela tinha os olhos inchados e escuros sob a maquiagem grosseira e desafiadora, e eu via neles a hesitação de medo e de uma súplica desesperadora sempre que ela olhava para mim. Que outra coisa eu poderia imaginar? As palavras de Rosalind — *trinta anos, relógio biológico, não pode se dar ao luxo de esperar* — me incomodavam como um dente lascado, e tudo que eu já tinha lido sobre o assunto (revistas velhas em salas de espera, na *Cosmopolitan* da Heather em que passava os olhos durante o café da manhã com a vista ainda embaçada de sono) lhes dava razão: dez segredos para a mulher de “trinta e poucos” tirar o máximo proveito de sua última chance. Terríveis advertências quanto a esperar demais para engravidar e, além de tudo isso, a matéria de sempre, explicando que nunca se deve transar com amigos porque acaba provocando inevitavelmente “sentimentos” do lado da mulher e medo de compromisso da parte do homem, e uma perturbação cansativa e desnecessária para todos.

Sempre imaginei Cassie milhões de quilômetros distante de todos esses clichês da literatura de mulherzinha, mas, pensando bem (*às vezes, quando a gente está muito perto de alguém, deixa de notar certas coisas*), eu também tinha achado que nós fôssemos a exceção de todas as regras, e vejam só no que deu. E eu mesmo não tinha intenção alguma de ser um clichê; contudo, lembrem-se de que Cassie não era a única cuja vida tinha virado de pernas para o ar. Eu estava perdido, confuso, totalmente abalado e me segurava nas únicas regras que podia encontrar.

E também eu havia aprendido muito cedo a desconfiar da presença de alguma coisa sombria e letal escondida no coração de qualquer coisa que eu amasse. Quando não conseguia encontrá-la, eu reagia, desnordeado e precavido, da única maneira que conhecia: plantando eu mesmo a tal coisa lá.

Agora me parece óbvio, é claro, que até mesmo uma pessoa forte tem seus pontos fracos, e que eu tinha acertado o de Cassie, com a precisão de um joalheiro burilando uma pedra preciosa. Ela deve ter pensado algumas vezes em sua homônima, Cassandra, a devota estigmatizada pela maldição mais criativa e sádica de seu deus: dizer a verdade, mas nunca ser levada a sério.

Sam apareceu em meu apartamento na noite de segunda-feira, tarde, mais ou menos às dez horas. Eu tinha acabado de acordar e de preparar um sanduíche para meu jantar e já estava quase dormindo de novo. Quando o interfone tocou, senti um lampejo irracional e covarde de medo de que pudesse ser Cassie, talvez ligeiramente bêbada, exigindo que resolvêssemos tudo de uma vez por todas. Deixei que Heather atendesse. Quando ela bateu de forma irritante à porta do meu quarto e disse “É para você, um sujeito chamado Sam”, fiquei tão aliviado que demorei um instante para entender a surpresa. Sam nunca tinha ido à minha casa; eu nem tinha me dado conta de que ele sabia onde ficava.

Fui até a porta, colocando a camisa para dentro da calça, e escutei-o subindo a escada, pisando forte.

— Oi — eu disse quando ele terminou de subir.

— Olá — ele respondeu. Eu não o via desde a manhã de sexta-feira. Ele trajava seu sobretudo de *tweed*, tinha a barba por fazer e os cabelos sujos, caindo em compridas linhas úmidas pela testa.

Eu esperei, mas ele não fez menção alguma de explicar sua presença, e então levei-o para a sala de estar. Heather nos acompanhou e começou a falar: Oi, meu nome é Heather, prazer em conhecê-lo. Onde foi que Rob andou escondendo você esse tempo todo, ele nunca traz os amigos aqui em casa, não acha isso muito corajoso da parte dele, eu estava vendo *The Simple Life*, você assiste, caramba, está muito bom este ano e blá-blá-blá. Quando ela enfim entendeu nossas respostas monossilábicas; disse com um tom ofendido:

— *Bom.* Acho que vocês estão querendo *privacidade*. — E quando nem eu nem Sam negamos, ela fez um gesto de impaciência, abriu um sorriso caloroso para Sam e um ligeiramente indiferente para mim.

— Peço desculpas por aparecer sem avisar na sua casa — Sam falou e olhou pela sala (as almofadas chamativas do sofá, as prateleiras repletas de bichinhos de porcelana com os cílios compridos) como se o deixasse desconcertado.

— Não tem problema — tranquilizei-o. — Quer beber alguma coisa? — Eu não fazia a menor ideia do que ele tinha ido fazer lá. Não queria nem pensar na possibilidade de que tivesse alguma coisa a ver com Cassie: *Ela certamente não teria*, eu imaginava, *pedido a ele que fosse falar comigo*.

— Um uísque cairia bem.

Encontrei meia garrafa de Jameson no armário da cozinha. Quando voltei para a sala de estar com os copos, Sam estava sentado em uma poltrona; ainda trajava o sobretudo, mantinha a cabeça abaixada e os cotovelos apoiados nos joelhos. Heather tinha deixado a TV ligada, sem volume, e duas mulheres idênticas, com maquiagem laranja, discutiam com uma histeria silenciosa acerca de alguma coisa; a luz refletia no rosto dele, deixando-o com uma aparência fantasmagórica.

Desliguei a TV e entreguei-lhe um dos copos. Sam olhou para ele com alguma coisa parecida com surpresa no rosto e depois engoliu metade do conteúdo com um movimento desajeitado do pulso. Ocorreu-me que talvez já estivesse um pouco bêbado. Não estava trôpego, nem falava sem articular as palavras, mas seus movimentos e sua voz estavam diferentes, pesados, bruscos.

— E então — perguntei sem muito interesse — o que foi que houve?

Sam deu mais um gole na bebida. A luminária ao lado dele prendeu-o pela metade em um círculo de luz.

— Lembra-se da sexta-feira? — ele perguntou. — Da fita?

Eu me acalmei um pouco.

— Sei.

— Não falei com meu tio — ele disse.

— Não?

— Não. Passei o fim de semana inteiro pensando nisso, mas não liguei para ele. — Ele pigarreou. — Fui falar com O’Kelly. — Ele voltou a pigarrear. — Hoje à tarde. Com a fita. Coloquei-a para ele ouvir e depois contei-lhe que era meu tio do outro lado da linha.

— Uau! — exclamei. Para falar a verdade, acho que eu não esperava que ele fosse realmente fazer aquilo. Fiquei involuntariamente impressionado.

— Não — Sam falou, para logo depois olhar rapidamente para o copo em sua mão e depositá-lo sobre a mesa de centro. — Sabe o que ele me disse?

— O quê?

— Me perguntou se eu tinha perdido a porra da cabeça. — Ele riu de um jeito ligeiramente frenético. — Caramba, acho até que ele tem razão... me mandou apagar a fita, cancelar o grampo e deixar a droga do Andrews em paz. Disse que era uma ordem. Que eu não tinha um pingão de prova de que o Andrews tinha alguma coisa a ver com o crime e que, se a história vazasse, nós dois, eu e ele, voltaríamos a patrulhar ruas... não agora, e também não por causa da investigação, mas algum dia, e não iria demorar muito, acordaríamos para ver que estávamos de volta às ruas, para passar o resto de nossas vidas fazendo patrulha no cu do mundo. Ainda disse que nossa conversa nunca aconteceu, porque a fita nunca existiu.

A voz dele se elevava. Do outro lado de uma das paredes da sala fica o quarto de Heather, e eu tinha quase certeza de que ela estava com o ouvido grudado na parede.

— Ele quer que você encubra a história? — perguntei com a voz baixa, torcendo para que Sam entendesse a minha intenção.

— Pois é, para mim é o que ele estava querendo dizer — disse ele, com bastante sarcasmo. Aquilo não ficou natural nele, e em vez de fazê-lo parecer corajoso e cínico, deixou-o com uma aparência terrivelmente jovem, como um adolescente desprezível. Ele recostou-se na poltrona, com os ombros curvados, e tirou os cabelos do rosto com os dedos. — Nunca achei que isso fosse acontecer, sabe? De todas as coisas com que eu me preocupava... nunca imaginei isso.

Para ser franco, eu nunca levava muito a sério a linha de investigação de Sam. Holdings internacionais, especuladores imobiliários pilantras e negociações confidenciais de terras: isso sempre me pareceu uma coisa impossivelmente remota, crua e quase risível, um filme ruim de Tom Cruise e não algo que poderia, algum dia, afetar realmente uma pessoa. A expressão no rosto de Sam me pegou de guarda baixa. Ele não andara bebendo; as duas desgraças — o tio e O’Kelly — o atingiram como se fossem dois ônibus. Típico de Sam, ele sequer supôs que elas pudessem acontecer. Por um instante, a despeito de tudo, minha vontade foi encontrar palavras apropriadas para consolá-lo; para dizer-lhe que chega uma hora em que todo mundo passa por isso mesmo e que ele sobreviveria, como acontece com quase todo mundo.

— O que eu faço? — ele perguntou.

— Não tenho ideia — respondi, surpreso. É verdade que Sam e eu vínhamos passando bastante tempo juntos nos últimos dias, mas isso não chegava a fazer de nós amigos do peito e, de qualquer maneira, minha posição não era nada adequada para dar conselhos sábios a ninguém. — Não quero parecer insensível, mas por que veio perguntar logo para mim?

— Para quem mais? — Sam perguntou tranquilamente e, quando ergueu os olhos para mim, vi que estavam vermelhos. — Não posso falar sobre isto com ninguém da minha família. Eles ficariam arrasados. E meus amigos são ótimos, mas não são da polícia, e isto é assunto de polícia. E Cassie... prefiro não a envolver nisso. Tenho certeza de que ela já está com problemas suficientes. Tem andado muito estressada esses dias. Você já sabia do caso, e eu só precisava conversar com alguém antes de resolver o que fazer.

Eu sabia que eu mesmo também vinha parecendo bastante estressado no decorrer daquelas últimas semanas, embora tenha gostado da insinuação de que eu estava escondendo melhor do que imaginava.

— Resolver o que fazer? — perguntei. — Não está me parecendo que você tenha muita alternativa.

— Tenho Michael Kiely — Sam disse. — Eu poderia entregar a fita a ele.

— Você perderia o emprego antes que a matéria chegasse ao prelo. Talvez seja até ilegal, não tenho certeza.

— Eu sei. — Ele pressionou os olhos com a parte de baixo das mãos. — Acha que devo?

— Não sei — eu disse e senti que beber uísque sem ter comido quase nada estava me deixando ligeiramente enjoado. Eu tinha usado os cubos de gelo do fundo do congelador, os únicos que haviam sobrado e que deram à bebida um gosto passado.

— O que aconteceria se eu o fizesse?

— Bom, você seria demitido. E talvez processado. — Sam nada disse. — É possível que eles tenham que convocar uma assembleia, eu acho. Se resolverem que o que seu tio fez foi errado, vão falar para ele não fazer mais. Ele passa uns dois anos na geladeira e depois tudo volta ao normal.

— Mas e a rodovia? — Sam esfregou o rosto com as mãos. — Não consigo pensar com clareza... Se eu não fizer nada, a rodovia será construída e vai passar por cima do sítio arqueológico. Sem nenhuma necessidade.

— Vai passar de qualquer maneira. Se for aos jornais, o governo vai simplesmente dizer: “Lamento, mas é tarde demais para tirá-la do lugar” e vai seguir adiante, satisfeito.

— Acha mesmo?

— Acho sim — respondi. — Sinceramente.

— E Katy? — ele perguntou. — Foi para investigar *isso* que fomos para lá. E se Andrews contratou alguém para matá-la? Vamos deixá-lo simplesmente sair impune?

— Não sei — respondi, me perguntando quanto tempo mais ele pretendia ficar ali.

Passamos mais algum tempo sentados, em silêncio. Os vizinhos estavam dando uma festa ou coisa parecida. Ouvia-se uma algazarra de vozes alegres, Kylie no som e uma moça gritando: “Eu *bem* que avisei!” Heather bateu na parede; seguiu-se um momento de silêncio e depois uma explosão de risadas abafadas.

— Sabe qual é a minha primeira lembrança? — Sam me perguntou. A luz do abajur havia colocado uma sombra em seus olhos, e eu não conseguia ver qual era a sua expressão. — No dia em que Red entrou no Dáil eu era só um garotinho, tinha talvez uns três ou quatro anos, mas a família veio toda para Dublin para assistir à cerimônia de posse. O dia estava lindo, ensolarado. Tinham me vestido com um terninho novo. Eu não sabia direito o que estava acontecendo, mas tinha consciência de que era importante. Estavam todos tão contentes e meu pai... estava radiante de tão orgulhoso. Ele me pôs sentado nos ombros para que eu conseguisse ver e gritou: “Aquele lá é o *seu tio*, filho!” Red estava lá na escada, acenando e sorrindo, e eu gritei: “Aquele cara lá é o meu tio!” Todo mundo riu e ele piscou para mim.. ainda temos a fotografia na parede da sala.

Seguiu-se novamente o silêncio. Ocorreu-me que o pai de Sam provavelmente fosse ficar bem menos chocado com as proezas do irmão do que Sam esperaria, mas resolvi que aquilo, na melhor das hipóteses, serviria apenas como um consolo duvidoso.

Sam voltou a colocar os cabelos para trás.

— E tem a minha casa — ele disse. — Você sabe que a minha casa é própria, não sabe?

Confirmei acenando com a cabeça. Tive a sensação de que sabia onde aquilo ia dar.

— Pois é — ele reiniciou. — É uma bela casa... tem quatro quartos e tudo mais. Eu queria só um apartamento, sabe? Mas Red disse... que era para quando eu tiver família. Eu achava que não conseguiria comprar nada decente, mas ele... pois é... — Sam voltou a pigarrear, um som brusco e perturbador. — Foi ele que me apresentou ao sujeito que estava construindo o imóvel. Disse que eram velhos amigos e que o cara iria fazer um bom negócio para mim.

— Bom — eu disse. — Isso ele fez, e não dá para você fazer muita coisa quanto a isso agora.

— Posso vendê-la pelo mesmo preço que comprei. Para algum casal de jovens que nunca conseguiria arrumar um lugar para morar se não fosse desse jeito.

— Por quê? — perguntei, sentindo que aquela conversa já estava começando a me deixar frustrado. Sam parecia mais um São Bernardo grandão, zeloso e desnorteado, esforçando-se corajosamente para cumprir com sua obrigação em meio a uma nevasca que tornava cada passo laborioso completamente inútil. — Autoimolação é um gesto bonito, mas não costuma conseguir muita coisa.

— Não conheço essa palavra — Sam afirmou com a exaustão estampada na voz, esticando-se para pegar seu copo —, mas entendi o espírito da coisa. Está dizendo que devo deixar por isso mesmo.

— Não sei o que deve fazer — respondi, sentindo-me cercado por uma onda de fadiga e náusea. *Nossa*, pensei, *que semaninha desgraçada!* — É difícil você me ver perguntando uma coisa dessas, só que eu não entendo por que você quer bancar o mártir, livrando-se de sua casa e acabando com sua carreira, quando isso não vai ser de serventia nenhuma para ninguém. Você não fez nada de errado. Entendeu?

Sam ergueu o olhar e me fitou.

— Tem razão — ele disse branda e amargamente. — Não fiz nada de errado.

Não era só Cassie que estava emagrecendo. Eu mesmo não fazia uma refeição decente havia bem mais de uma semana, uma que contivesse os grupos alimentares e tudo mais, e já tinha percebido vagamente que,

ao me barbear, precisava manobrar o aparelho para ele entrar nas novas cavidades que agora acompanhavam o contorno do meu maxilar; mas foi só quando tirei o terno naquela noite que me dei conta de que ele estava extremamente folgado no quadril e caía totalmente sem jeito por meus ombros. A maioria dos detetives acaba mesmo emagrecendo ou engordando no decorrer de uma investigação importante — Sam e O’Gorman estavam começando a ganhar uma certa barriguinha de tanto comer sanduíches — e eu sou bem alto a ponto de tal diferença ser raramente perceptível, mas, se o caso prosseguisse por muito mais tempo, iria ter que escolher entre comprar ternos novos ou sair por aí parecendo o Charlie Chaplin.

Isto é uma coisa que nem a Cassie sabe: quando eu tinha doze anos, era uma criança grande. Não estou dizendo que eu era uma daquelas crianças redondas e disformes que aparecem andando desengonçadas pelas ruas em tediosos telejornais falando da inferioridade moral dos jovens de hoje em dia; nas fotografias eu pareço forte — talvez até um pouco gordinho —, alto para a idade que tinha e terrivelmente sem graça, mas me sentia monstruoso e perdido. Meu próprio corpo havia me traído. Eu havia crescido demasiadamente rápido, tanto para cima quanto para os lados, até que ficasse irreconhecível para mim mesmo. Uma brincadeira de mau gosto com a qual era obrigado a conviver em todos os momentos de todos os dias. Também não ajudou o fato de Peter e Jamie estarem exatamente do mesmo jeito que sempre foram: com as pernas mais compridas, já sem todos os dentes de leite; porém, ainda leves, magros e invencíveis.

Minha fase de gordinho não durou muito, já que a comida do internato era, de acordo com a tradição literária, tão horrível que até mesmo uma criança que não estivesse abalada, sentindo saudades de casa e crescendo rapidamente, teria encontrado dificuldade em comer o suficiente dela para engordar. E eu quase não comia nada naquele primeiro ano. A princípio, o diretor me deixava sentado sozinho à mesa, às vezes durante horas, até que eu comesse, forçando, algumas garfadas e seu objetivo, qualquer que fosse, houvesse se cumprido; depois de algum tempo me especializei em colocar a comida escondida dentro de um saco plástico em meu bolso para depois atirá-la no vaso sanitário. Jejuar é, na minha opinião, uma forma profundamente instintiva de atrair solidariedade. Tenho certeza de que eu acreditava, sem que eu próprio me desse conta disso, que, se eu passasse bastante tempo comendo muito pouco, Peter e Jamie seriam devolvidos e tudo voltaria ao normal. No início de meu segundo ano, eu já estava alto e magro, com o corpo repleto de saliências, do jeito que deve ser o de uma criança de treze anos.

Nem sei direito por que logo isso, entre todas as possibilidades, deveria ser o segredo que eu guardava a sete chaves. Acho que a verdade é que sempre imaginei que foi por isso que me deixaram para trás naquele dia no bosque. Porque eu era gordo; porque não consegui correr rápido o suficiente; porque, sem estar acostumado com aquele corpo novo, pesado e desajeitado, e com meu equilíbrio abalado, tive medo de saltar de cima do muro do castelo. Às vezes penso na tênue linha imaginária que separa ser poupado de ser rejeitado. Às vezes penso nos deuses da antiguidade que exigiam que as pessoas sacrificadas fossem destemidas e sem máculas, e me pergunto se quem ou o que quer que tenha levado Peter e Jamie embora resolveu que eu não valia a pena.

Naquela terça-feira, a primeira coisa que fiz pela manhã foi, finalmente, pegar um ônibus até Knocknaree para ir buscar meu carro. Se eu tivesse alternativa, teria preferido nunca mais em minha vida pensar em Knocknaree, mas já estava farto de ir e voltar do trabalho em barcas superlotadas e cheirando a suor, e precisava com urgência comprar muita coisa no supermercado antes que a cabeça de Heather implodisse.

Meu carro continuava no mesmo lugar à margem da via expressa, praticamente nas mesmas condições em que eu o havia deixado, embora a chuva o tivesse coberto com uma camada de pó, onde alguém escreveu DISPONÍVEL TAMBÉM NA COR BRANCA com o dedo na porta do carona. Passei por entre as cabines (aparentemente desertas, exceto por Hunt, no escritório, assoando o nariz ruidosamente) e entrei no sítio para reaver meu saco de dormir e minha garrafa térmica.

O clima entre os arqueólogos não era mais o mesmo. Já não havia mais guerras d'água, tampouco gritos de animação. A equipe toda trabalhava em meio a um silêncio severo, curvados como se fossem prisioneiros no trabalho forçado, trabalhando em um ritmo forte e punitivamente rápido. Lembrei-me das datas: eles só tinham mais aquela semana. O pessoal da rodovia tinha previsão para começar as obras na segunda-feira caso o mandado de segurança fosse suspenso. Vi quando Mel parou de mexer com a enxada e se esticou, fazendo uma careta e levando a mão até a coluna; estava ofegante e sua cabeça caiu para trás, como se não lhe restassem mais forças para mantê-la ereta, mas logo depois ela girou os ombros, respirou fundo e voltou a erguer a enxada. O céu estava cinzento e carregado, inquietantemente próximo. Em algum lugar ao longe, em meio às casas, os gritos histéricos do alarme de um carro se propagavam sem interessar a ninguém.

O bosque estava escuro e sombrio, sem nada revelar. Olhei para ele e me dei conta de que não queria entrar ali. Meu saco de dormir deveria estar encharcado, provavelmente colonizado por mofo, formigas ou alguma coisa assim, e de qualquer maneira eu nunca o usava mesmo; não valia a pena dar aquele primeiro e imenso passo rumo ao silêncio suntuoso e bolorento. Talvez algum dos arqueólogos ou alguma criança da área o encontre e aproprie-se dele antes que a decomposição o leve.

Já estava atrasado para o trabalho, mas até mesmo o simples fato de pensar em entrar no bosque fazia com que eu me sentisse exausto, e alguns minutos a mais não fariam tanta diferença àquela altura. Encontrei uma posição quase confortável apoiado em um muro prestes a desabar e acendi um cigarro. Um sujeito parrudo com cabelos ralos e escuros — George McAlguma-Coisa, me lembrei vagamente dele dos interrogatórios — ergueu a cabeça e me avistou. Pelo que deu para perceber, ao me ver ele teve uma ideia: fixou a espátula no chão, sentou-se sobre as pernas e puxou um maço de cigarros achatado do bolso da calça jeans.

Mark estava ajoelhado no alto de um barranco, raspando um trecho de terra e perfazendo círculos com um vigor frenético, mas, pouco antes de o cara moreno tirar um cigarro do maço, ele desceu, deixando para trás o barranco, e dirigiu-se até onde o outro rapaz estava.

— Ei, Macker! Que merda você acha que está fazendo?

Macker levantou-se com um salto, ciente de sua imprudência.

— Nossa! — Ele deixou cair o maço e ficou remexendo desajeitadamente atrás dele no meio da terra.

— Estou só fumando um cigarro. O que é que há com você?

— Fume na sua pausa para o café. Como eu já disse.

— Qual é o problema? Sei fumar e trabalhar com a espátula ao mesmo tempo. Levo cinco segundos para acender um cigarro...

Mark perdeu a paciência.

— Nós não podemos desperdiçar nem cinco segundos! Nem *um* segundo! Você acha que ainda está na escola, seu débil mental de merda? Está achando que tudo isto aqui é alguma brincadeira?

Ele estava com os punhos cerrados, praticamente em posição de ataque. Os outros arqueólogos haviam parado com suas tarefas e ficaram assistindo, boquiabertos, com suas ferramentas suspensas no ar. Fiquei imaginando se iria dar em briga, mas Macker forçou uma risada e deu um passo para trás, erguendo as mãos de modo zombeteiro.

— Relaxe, meu irmão — disse ele, para logo depois, segurando o cigarro com o polegar e o indicador, reintroduzi-lo no maço com precisão cuidadosa.

Mark não tirou os olhos de cima dele até que Macker, sem pressa alguma, tivesse se ajoelhado, resgatado sua espátula e recomeçado a raspagem. Depois deu meia-volta e dirigiu-se novamente ao barranco com os ombros encurvados e rígidos. Macker levantou-se, meio desequilibrado, mas em silêncio, e imitou o andar de Mark, como se fosse um chimpanzé. Conseguiu tirar sorrisos silenciosos e mordazes de um ou dois dos outros; satisfeito consigo mesmo, colocou a espátula em frente à virilha e ficou movimentando o quadril às costas de Mark. Sua silhueta em contraste com o céu ameaçador era distorcida e grotesca, parecendo uma criatura de algum friso grego obscuro e sombriamente simbólico. O ar zunia repleto de eletricidade como um pilão, e seu deboche me fazia ranger os dentes de nervosismo. Eu me dei conta de que estava enterrando minhas unhas no muro. Minha vontade era algemá-lo, socar-lhe a boca, qualquer coisa que o fizesse parar.

Os outros arqueólogos se cansaram e pararam de prestar atenção. Macker mostrou o dedo do meio para as costas de Mark e voltou, com ar de superioridade, ao seu trecho de terra, como se todos ainda estivessem lhe dando atenção. Senti-me súbita e impetuosamente satisfeito por nunca mais em minha vida ter que ser adolescente. Apaguei o cigarro em uma pedra e, quando estava abotoando o casaco e me virando para voltar ao carro, a ficha caiu com uma força descomunal bem na boca de meu estômago (um golpe inesperado, uma queda perigosa em uma fina camada de gelo): a espátula.

Permaneci parado, quase imóvel, por bastante tempo. Eu sentia meus batimentos cardíacos, rápidos e curtos, na base de meu pescoço. Por fim, terminei de abotoar o casaco, vislumbrei Sean em meio às jaquetas do exército amontoadas e fui caminhando, com cuidado, por entre os trechos sinuosos da escavação, em sua direção. Senti-me curiosamente tonto, como se meus pés patinassem sem esforço algum uns cinquenta centímetros acima do chão. Os arqueólogos me lançavam olhadelas enquanto eu passava: não eram exatamente hostis, mas deliberadamente inexpressivas.

Sean removia terra de um pequeno conjunto de pedras com sua espátula. Tinha os fones nos ouvidos sob o boné preto de lã e sacudia discretamente a cabeça acompanhando a batida heavy metal.

— Sean — chamei-o e minha voz pareceu sair de algum lugar detrás de minhas orelhas.

Ele não me escutou, mas, quando me aproximei mais, minha sombra desceu sobre ele, enfraquecida sob a luz cinzenta, e Sean ergueu os olhos. Então, levou a mão ao bolso, desligou o walkman e tirou os fones de ouvido.

— Sean — repeti —, preciso conversar com você. — Mark virou-se com um arranco, olhou para nós, balançou a cabeça e voltou a atacar o barranco.

Levei Sean até onde eu havia deixado o carro. Ele se atirou sobre a capota do Land Rover e tirou do bolso do colete um donut gorduroso embrulhado em um plástico.

— O que quer comigo? — ele perguntou com um tom amigável.

— Você se lembra do dia seguinte à descoberta do corpo de Katharine Devlin, quando minha parceira e eu levamos Mark para ser interrogado? — perguntei, impressionado com a maneira com que minha voz saía, tão tranquila e despreocupada, como se aquilo fosse um mero detalhe. Você acaba encarando a

pergunta como uma coisa natural; ela infiltra-se pelo seu sangue até que, independentemente do quanto você esteja atordoado, exausto ou empolgado, seu tom permanece inalterado, aquele tom profissional e educado, a marcha regular e implacável conforme cada resposta se desdobra em pergunta atrás de pergunta. — Logo assim que o trouxemos de volta, me lembro de ter ouvido você reclamar que não estava conseguindo encontrar a sua espátula.

— Isso — ele disse, com a boca cheia demais. — Tudo bem se eu comer isto aqui, né? Estou faminto, e o Hitler dá um chique enorme se eu comer no horário de trabalho.

— Tudo bem — concordei. — Chegou a encontrar a sua espátula?

Sean negou com a cabeça.

— Tive que comprar uma nova. Babacas.

— Muito bem, agora pense bem — falei. — Quando foi a última vez que a viu?

— No galpão de achados — ele respondeu prontamente. — Quando encontrei aquela moeda. Você vai, tipo, prender alguém por tê-la roubado?

— Não exatamente. Que história é essa de moeda?

— Eu encontrei uma moeda e todo mundo ficou empolgado porque parecia antiga e só tínhamos encontrado umas dez moedas durante toda a escavação. Levei-a até o galpão de achados para mostrá-la ao dr. Hunt. Coloquei-a sobre minha espátula, porque, se você tocar em uma moeda antiga, o óleo das mãos pode foder com ela toda ou alguma coisa assim, e *ele* ficou todo animado. Começou a pegar um monte de catálogos para tentar identificá-la, mas aí deu cinco e meia e fomos para casa, e eu esqueci minha espátula sobre a mesa do galpão. Voltei lá para buscá-la no dia seguinte de manhã, mas não estava mais lá.

— E isso aconteceu na quinta-feira — falei, perdendo lentamente o ânimo —, no dia em que viemos conversar com Mark? — A chance era pequena de qualquer forma, mas fiquei surpreso com o quanto aquilo me decepcionou. Senti-me um idiota e muito, muito cansado; queria voltar para casa e ir dormir.

Sean balançou a cabeça e lambeu as partículas de açúcar grudadas em seus dedos imundos.

— Que nada, foi antes disso — ele respondeu, e eu me senti recuperando o ânimo. — Eu meio que me esqueci da história por um tempo, porque não estava precisando dela, estávamos escavando a porra daquela vala de drenagem lá atrás. Achei que alguém tivesse guardado para mim e se esquecido de me devolver. Aquele dia em que vocês vieram atrás do Mark foi a primeira vez que precisei dela, mas todo mundo só falava que não a tinha visto nem pegado.

— Então, é identificável? Quem a vê sabe que é sua?

— Claro. Tem as minhas iniciais no cabo. — Ele deu outra mordida grande no donut. — Eu mesmo gravei — disse ele, com a voz um pouco abafada —, um dia em que estava chovendo muito forte e nós tivemos que passar horas na cabine. Eu tenho um canivete suíço, sabe, e aqueci o saca-rolhas com meu isqueiro...

— Na época você acusou o Macker de tê-la pegado. Por quê?

Ele deu de ombros.

— Sei lá, porque ele costuma fazer essas babaquices. Ninguém iria *roubá-la* de verdade, não uma espátula com as minhas iniciais gravadas, daí concluí que alguém tinha só pegado para me irritar.

— E continua achando que foi ele?

— Não. Só fui me dar conta depois que o dr. Hunt trancou o galpão de achados quando saímos, e o Macker não tem chave... — De repente seus olhos brilharam. — Ei, será que foi a arma do *crime*? Caramba!

— Não — eu disse. — Qual foi o dia em que você encontrou a moeda, consegue se lembrar?

Sean fez uma cara de decepção, mas pensou a respeito, olhando para o nada e balançando as pernas.

— O cadáver apareceu numa quarta-feira, não foi? — ele perguntou por fim. Já havia terminado de comer, fez uma bola com o plástico, lançou-a ao ar e deu-lhe um golpe violento que a fez parar no meio

do mato. — Então não foi no dia anterior, porque estávamos trabalhando na porra da vala de drenagem. Foi no dia antes *desse*. Na segunda-feira.

Ainda penso nessa minha conversa com Sean. Há algo de estranhamente reconfortante na memória, ainda que ela carregue sua própria e inexorável tendência à dor. Acho que aquele dia foi, embora ainda seja difícil reconhecê-lo, o apogeu de minha carreira. Não sinto orgulho de muitas das decisões que tomei no decorrer da Operação Vestal; contudo, naquela manhã, pelo menos, a despeito de tudo que tinha dado errado antes e independentemente de qualquer coisa que tenha acontecido depois, naquela manhã eu fiz tudo certo, tão segura e tranquilamente como se nunca tivesse dado um passo errado em minha vida.

— Tem certeza? — perguntei.

— Acho que sim. Pergunte ao dr. Hunt; ele registrou o achado no livro. Eu sou, tipo, testemunha? Vou ter que testemunhar no tribunal?

— É bastante provável — respondi. A adrenalina havia queimado a fadiga e minha mente disparava, vendo todas as possibilidades como um caleidoscópio. — Eu aviso se for preciso.

— *Beleza* — Sean falou com satisfação. Pelo jeito aquele novo fato compensou a decepção pela arma do crime. — Vou receber proteção como testemunha?

— Não — respondi —, mas vou precisar que me faça um favor. Quero que retorne ao trabalho e conte aos outros que nosso assunto era sobre um sujeito estranho que você viu andando por aí poucos dias antes do crime. Eu vim pedir-lhe uma descrição mais detalhada. Consegue fazer isso? — Eu não tinha provas, nem reforço: não tinha intenção de deixar ninguém assustado, ainda não.

— Claro — Sean me garantiu, ofendido. — Missão secreta. Excelente.

— Obrigado — eu disse. — Depois eu volto a falar com você. — Ele desceu escorregando da capota e voltou para junto dos outros, coçando a parte de trás da cabeça por cima do boné de lã. Ainda tinha açúcar em volta dos cantos de sua boca.

Verifiquei com Hunt, que foi procurar no livro de registro e confirmou o que Sean havia me dito: tinha encontrado a moeda na segunda-feira, poucas horas antes de Katy morrer.

— Maravilhoso achado — Hunt me disse —, maravilhoso. Demoramos bastante para... hmm... *identificá-la*, sabe? Não tínhamos um especialista em numismática conosco; eu mesmo gosto muito da época medieval.

— Quem tem a chave do galpão de achados? — perguntei.

— Um *penny* do período do rei Eduardo VI, do início da década de 1550... — ele detalhou. — Ah... do galpão de achados? Mas por quê?

— Exatamente, do galpão de achados. Me disseram que vocês o mantêm trancado à noite. A informação procede?

— Sim, sim, toda noite. É quase tudo cerâmica, é claro, mas nunca se sabe.

— E quem tem chave de lá?

— Bom, eu tenho, é claro — ele respondeu, tirando os óculos e piscando confusamente, olhando para mim enquanto esfregava as lentes no casaco —, e Mark e Damien... para quando eles precisarem mostrar as escavações para alguém, o senhor sabe como é. Somente por precaução. As pessoas sempre gostam de ver as relíquias que são encontradas, não é verdade?

— É — concordei. — Tenho certeza de que gostam.

Retornei ao lugar onde tinha deixado o carro e telefonei para Sam. Uma das árvores próximas era um castanheiro que havia enchido o chão em volta de meu carro de castanhas-da-índia. Descasquei uma castanha e joguei-a para o alto enquanto esperava que ele atendesse — um telefonema casual, talvez marcando um encontro para a noite, se alguém estivesse observando, preocupado; nada importante.

— O'Neill falando — Sam atendeu.

— Sam, aqui é Rob — respondi, pegando a castanha com o braço erguido. — Estou em Knocknaree, aqui na escavação. Preciso que pegue a Maddox e mais alguns auxiliares e venham para cá o mais rápido que puderem com uma equipe da perícia. Traga Sophie Miller, se possível. Peça que tragam um detector de metais e que venha alguém que saiba operá-lo. Eu me encontro com vocês na entrada.

— Entendido — Sam falou e depois desligou.

Cassie e Sam levariam pelo menos uma hora para reunir todo o pessoal e chegar a Knocknaree. Levei o carro mais para cima da colina, fora do ângulo de visão dos arqueólogos, e me sentei sobre a capota para aguardá-los. O ar cheirava a grama morta e trovoadas. Knocknaree estava encerrada em si mesma, as colinas ao longe invisíveis sob as nuvens, o bosque como uma mancha tenebrosa e ilusória na encosta. Já havia passado bastante tempo e os pais voltaram a deixar as crianças saírem para brincar nas ruas. Ouviam-se gritos estridentes e abafados de alegria, de pavor ou dos dois, vindo das casas; o alarme do carro continuava a soar e em algum lugar um cão latia freneticamente, sem parar.

Cada som me envolvia cada vez mais apertado; eu sentia o sangue tremendo em cada canto de meu corpo. Minha mente continuava a mil por hora, zunindo em meio a associações e fragmentos de provas, organizando o que eu teria que dizer aos outros quando chegassem. E em algum lugar sob toda aquela adrenalina estava a compreensão inexorável de que, se eu estivesse certo, a morte de Katy Devlin, quase com toda certeza, não havia tido absolutamente nada a ver com o que acontecera a Peter e Jamie; pelo menos não de um jeito que se pudesse apresentar como prova.

Eu estava tão concentrado que quase me esqueci do que estava esperando. Quando os outros começaram a chegar, olhei para eles com espanto, como se eu fosse um estranho: carros discretamente escuros e um furgão branco estacionando com uma precipitação quase silenciosa, com as portas abrindo-se vagarosa e suavemente; os homens de ternos negros e os peritos sem rostos com sua variedade resplandecente de ferramentas, impassíveis e em prontidão como cirurgiões, preparados para despir aquele lugar de sua pele centímetro por centímetro e revelar para o mundo toda a misteriosa arqueologia em ebulição que havia ali por baixo. As batidas das portas dos carros soavam curtas e implacavelmente precisas, abafadas pelo ar carregado.

— Quais são as novidades? — Sam perguntou. Tinha levado Sweeney e O’Gorman e um ruivo que eu conhecia vagamente de nossa sala. Desci do Land Rover e eles se colocaram à minha volta, com Sophie e sua equipe já vestindo as luvas, e o rosto fino e tranquilo de Cassie por sobre o ombro de Sam.

— Na noite em que Katy Devlin morreu — comecei — uma espátula desapareceu do galpão de achados, que estava trancado. As espátulas que esses arqueólogos utilizam consistem de uma lâmina metálica em forma de folha presa a um cabo de madeira de uns doze ou quinze centímetros de comprimento, afilando-se na direção da lâmina. Esta espátula em especial, que permanece desaparecida, tem as iniciais “SC” gravadas a fogo no cabo. A espátula é de Sean Callaghan, que afirma tê-la esquecido dentro do galpão às 17:30 de segunda-feira. Corresponde à descrição de Cooper do instrumento utilizado para estuprar Katy Devlin. Ninguém teria como saber que ela estaria no galpão de achados, o que sugere que tenha sido utilizada como a arma do crime simplesmente por estar ali e que o galpão possa ser o nosso local inicial do crime. Sophie, poderia começar por lá?

— O kit do luminol — Sophie pediu a um de seus clones em miniatura, que se afastou do grupo e abriu a traseira do furgão.

— Três pessoas tinham a chave do galpão de achados. — Apontei. — Ian Hunt, Mark Hanly e Damien Donnelly. Também não podemos descartar Sean Callaghan, já que ele pode ter inventado toda essa história de ter deixado a espátula lá dentro. Hunt e Hanly têm carro, o que significa que, se foi um deles, deve ter escondido ou transportado o corpo no porta-malas. Callaghan e Donnelly não têm, até onde sei, e portanto teriam que ter escondido o corpo razoavelmente próximo, provavelmente em meio às

escavações. Vamos ter que passar um pente-fino em tudo isto aqui e rezar para que ainda tenha sobrado alguma prova. Estamos procurando a espátula, um saco plástico manchado de sangue e também o local inicial e o secundário do crime.

— Eles também têm as chaves dos outros galpões? — Cassie perguntou.

— Descubra isso — respondi.

O perito estava de volta com o kit do luminol em uma das mãos e um rolo de papel pardo na outra. Nós nos entreolhamos e, com um gesto afirmativo, seguimos adiante — uma equipe pronta e aparelhada descendo a colina rumo à escavação.

O desenrolar de uma investigação é como uma represa que se rompe. Tudo ao redor se une e se movimenta, sem esforço algum, inevitavelmente, até atingir velocidade máxima; cada gota de suor investida no caso volta para você, desenfreada e ganhando velocidade a cada segundo, sugando-o em seu rugido crescente. Eu me esquecia de que nunca havia gostado de O’Gorman, de que Knocknaree era um pesadelo e de que eu quase arruinara toda a investigação uma dúzia de vezes; e quase me esquecia de tudo que tinha acontecido entre Cassie e mim. Isto, creio eu, é uma das coisas que sempre adorei neste trabalho: a possibilidade de, em certos momentos, renunciar a todo o resto, deixar-se levar pela crescente pulsação técnica e acabar virando uma simples parte de uma máquina vital e calibrada à perfeição.

Nós nos espalhamos por mera precaução conforme atravessávamos o sítio e caminhávamos na direção dos arqueólogos, que nos lançaram olhadelas rápidas e apreensivas, mas não se assustaram; ninguém nem sequer parou de trabalhar.

— Mark — chamei-o. Ele continuava ajoelhado no barranco; Mark pôs-se de pé com um salto rápido e perigoso e ficou me olhando. — Terei que pedir a você que leve toda a sua equipe para a cantina.

Mark explodiu.

— Mas que *merda!* Já não atrapalharam o suficiente? Do que estão com medo? Mesmo que encontremos a porra do Santo Graal hoje, a turma de vocês ainda vai aplinar tudo isto aqui na segunda-feira de manhã. Será que não dá nem para nos deixar passar nossos últimos dias aqui em paz?

Por um segundo, quase pensei que ele iria partir para cima de mim e senti quando Sam e O’Gorman aproximaram-se dos meus dois lados.

— Calma, garoto — O’Gorman disse em tom ameaçador.

— Não me chame de “garoto”. Temos só até cinco e meia da sexta-feira, e o que quer que vocês queiram de nós pode esperar até lá, porque nós não vamos a lugar algum.

— Mark — Cassie disse com rispidez, ao meu lado —, isto não tem nada a ver com a construção da rodovia. Vamos resolver esta situação da seguinte maneira: precisamos que você, Damien Donnelly e Sean Callaghan venham conosco agora mesmo. Sem negociação. Se parar de dificultar nosso trabalho, o resto da sua equipe pode prosseguir com a exploração da escavação sob a supervisão do detetive Johnston. Desse jeito está bom para você?

Mark passou mais um segundo olhando para ela com raiva, quando então cuspiu na terra e sacudiu o queixo, olhando para Mel, que já estava indo em sua direção. Os outros arqueólogos ficaram observando com os olhos arregalados e suando. Mark ditava rispidamente instruções para Mel com a voz baixa, apontando, com o dedo em riste, para várias partes do local; depois apertou-lhe o ombro leve e inesperadamente e foi caminhando a passos largos rumo às cabines com as mãos nos bolsos do casaco. O’Gorman o seguiu.

— Sean — chamei. — Damien. — Sean veio aos saltos, mostrando ansiedade, e ergueu a mão para bater na minha. Quando o ignorei, o modo com que me olhou deixou evidente que ele sabia de mais coisa do que os outros. Damien veio mais moroso, puxando a calça para cima. Trazia uma expressão assustada,

quase como se houvesse sofrido uma concussão, mas, partindo dele, tal atitude não era muito surpreendente.

— Precisamos conversar com vocês — falei. — Fiquem esperando na cantina até que estejamos prontos para levá-los até a Central.

Os dois ficaram boquiabertos. Virei-me e fui embora antes que eles pudessem perguntar qualquer coisa.

Nós os levamos para a cantina junto com um atrapalhado dr. Hunt — que ainda estava com as mãos cheias de papéis — e deixamos O’Gorman para ficar de olho neles. Hunt nos dera permissão para investigarmos o sítio com uma boa vontade tal que nos levou a rebaixá-lo na lista dos suspeitos (Mark exigiu ver o nosso mandado de busca, mas recuou rapidamente quando ouviu de mim que eu adoraria arrumar um se ele não se importasse em ficar esperando, à toa, mais algumas horas), e Sophie e sua equipe dirigiram-se para o galpão de achados e começaram a colar papel pardo nas janelas. Johnston, em meio às escavações, movimentava-se entre os arqueólogos segurando seu bloco de anotações, verificando espátulas e puxando alguns deles de lado para rápidos bate-papos.

— Todas as portas das cabines se abrem com a mesma chave — disse Cassie, saindo da cantina. — Hunt, Mark e Damien, cada um tem uma; Sean, não. Não há sobressalentes. Os três dizem nunca ter perdido, emprestado ou dado por falta de suas chaves.

— Então, vamos começar pelos galpões — decidi — e depois podemos prosseguir pelo lado de fora, se for preciso. Sam, você e Cassie cuidem do galpão de ferramentas. Sweeney e eu ficaremos com o escritório.

O escritório era minúsculo e apertado — prateleiras curvavam-se repletas de livros e plantas caseiras, a mesa encontrava-se repleta de papéis, canecas, pedaços de cerâmica e um computador enorme e obsoleto. Sweeney e eu trabalhamos de forma rápida e metódica, puxando gavetas, revirando livros, verificando detrás deles e recolocando-os de volta no lugar sem cuidado algum. Eu não esperava encontrar alguma coisa. Não havia lugar ali para se esconder um corpo, e eu tinha quase certeza absoluta de que a espátula e o saco plástico tinham sido ou atirados no rio, ou enterrados em algum lugar em meio às escavações, onde precisaríamos do detector de metais e de uma sorte descomunal, além de muito tempo, para encontrá-los. Todas as minhas esperanças estavam depositadas em Sophie e sua equipe e em quaisquer que fossem os rituais arcanos que eles realizavam no galpão de achados. Minhas mãos movimentavam-se automaticamente ao longo das prateleiras; eu ficava esperando escutar, tão concentrado que estava quase paralisado, algum som lá de fora: passos ou a voz de Sophie me chamando. Quando Sweeney deixou cair uma gaveta e soltou um palavrão em voz baixa, quase gritei para que calasse a boca.

Aos poucos ia ficando claro para mim o quanto de esperança eu tinha depositado naquilo. Eu poderia ter simplesmente telefonado para Sophie e pedido que viesse dar uma olhada no galpão de achados, sem necessidade de envolver outras pessoas nisso. Em vez disso, acabei dominando o sítio inteiro e trouxe praticamente todo mundo que tinha alguma coisa a ver com a investigação e, se aquilo acabasse se provando mais uma tentativa infrutífera, eu nem queria pensar no que O’Kelly iria dizer.

Depois do que pareceu uma hora, escutei lá de fora:

— Rob! — Coloquei-me de pé com um salto, espalhando papéis para todos os lados, mas a voz era de Cassie: animada como a de um garotinho. Ela subiu a escada, segurou a maçaneta da porta e girou-a para entrar no escritório. — Rob, encontramos. A espátula. No galpão das ferramentas, debaixo de várias lonas... — Ela estava empolgada e sem fôlego, e era evidente que tinha se esquecido completamente de que mal estávamos nos falando. Eu mesmo me esqueci por um instante; sua voz lançou o já conhecido e radiante dardo de ternura direto em meu coração.

— Fique aqui — falei para Sweeney. — Continue procurando. — E a acompanhei. Ela já estava correndo de volta para o galpão de ferramentas, jogando água para todos os lados conforme saltava os

sulcos e as poças.

O galpão estava em um estado total de desorganização: carrinhos de mão posicionados em vários ângulos, picaretas e pás e enxadas apoiadas nas paredes, grandes pilhas oscilantes de baldes de metal amassados, almofadas de espuma para os joelhos e coletes de segurança amarelos (alguém havia escrito CHUTE AQUI com uma seta apontando para baixo nas costas do que estava por cima), tudo coberto com grossas camadas de lama ressecada. Alguns dos arqueólogos guardavam suas bicicletas lá dentro. Cassie e Sam tinham revistado da esquerda para a direita; o lado esquerdo já estava com aquele aspecto inconfundível pós-revista, discretamente arrumado e invadido.

Sam estava ajoelhado nos fundos do galpão entre um carrinho de mão quebrado e uma pilha de oleados verdes, erguendo a ponta das lonas com uma das mãos enluvadas. Fomos caminhando com cuidado por entre os utensílios e nos esprememos para chegar ao lado dele.

A espátula tinha sido colocada atrás de uma pilha de lonas, perto da parede; foi empurrada ali com tanta força que sua ponta, ao emperrar na metade do caminho, teve um pedaço arrancado. Não havia luz e o galpão ficava escuro mesmo com as grandes portas abertas, mas Sam direcionou a luz de sua lanterna para o cabo — SC, em letras grandes e desiguais, com serifas góticas, profundamente queimadas na madeira envernizada.

Fez-se um silêncio demorado; ouviam-se somente a porta e o alarme do carro, sem parar, ao longe, com idêntica determinação mecânica.

— Acho que eles não devem utilizar as lonas com muita frequência — Sam disse calmamente. — Estavam atrás de todo o resto, debaixo até de ferramentas quebradas. E Cooper não disse que a menina foi provavelmente envolta com alguma coisa no dia anterior ao que foi encontrada?

Levantei-me e limpei a sujeira que tinha ficado grudada em meus joelhos.

— Ela estava aqui — eu disse. — A família enlouquecida à sua procura e ela estava bem aqui o tempo todo. — Eu havia me levantado rápido demais e por um momento o galpão girou à minha volta, para logo depois voltar ao normal; eu ouvia um zumbido agudo em meus ouvidos.

— Quem está com a câmera? — Cassie perguntou. — Vamos ter que fotografar isto aqui antes de ensacar.

— A turma de Sophie — respondi. — Vamos precisar que eles deem uma olhada aqui também.

— E vejam só — disse Sam, direcionando a luz da lanterna para o lado direito do galpão e iluminando uma grande sacola plástica, cheia até a metade com luvas verdes de borracha para jardinagem. — Se eu precisasse de luvas, simplesmente pegaria um par dali e o colocaria de volta depois.

— Detetives! — Sophie gritou de algum lugar lá de fora. Sua voz projetou-se metálica, cruzando o céu ameaçador. Dei um salto de susto.

Cassie começou a se colocar de pé e voltou a olhar para a espátula.

— Alguém deveria...

— Eu fico — disse Sam. — Vão vocês dois ver o que foi.

Sophie estava nos degraus do galpão de achados, segurando uma luz negra.

— Aqui — disse ela. — Não há dúvida de que foi este o local do crime. Ele até tentou limpá-lo, mas... venham ver.

Os dois peritos novatos estavam espremidos no canto, o rapaz segurava duas grandes latas pretas de spray, e Helen, a filmadora; seus olhos estavam arregalados e estupefatos por sobre a máscara. O galpão de achados era pequeno demais para abrigar cinco pessoas, e a atmosfera clínica e sinistra que os peritos haviam trazido consigo o transformara em uma imitação de câmara de torturas de uma guerrilha: as paredes tapadas com papéis, a lâmpada exposta balançando acima de nossas cabeças e vultos mascarados e enluvados esperando pelo momento de dar um passo adiante.

— Fiquem ali perto da mesa — Sophie indicou —, longe das prateleiras. — Ela bateu a porta com força, todos se assustaram, e colou a fita de novo em seu lugar por sobre as frestas.

O luminol acusa qualquer vestígio de sangue, por menor que seja, fazendo com que brilhe sob a ação da luz ultravioleta. A pessoa pode repintar uma parede depois de ter sido respingada, esfregar um tapete até que fique com cara de novo e manter-se fora de qualquer suspeita durante anos ou décadas; o luminol ressuscita o crime em detalhes delicados e impiedosos. *Se Kiernan e McCabe tivessem luminol na época, fiquei imaginando, poderiam ter mandado que um daqueles teco-tecos que os fazendeiros alugam para pulverizar lavouras o lançasse por todo o bosque*, e lutei contra um desejo histérico de gargalhar. Cassie e eu ficamos juntos perto da mesa, separados por centímetros. Sophie, com um gesto, solicitou que o rapaz aplicasse mais do spray, acendeu a luz negra e desligou a lâmpada de cima. Em meio à escuridão súbita eu escutava a respiração de todos nós, os cinco pares de pulmões lutando pelo ar empoeirado.

O silvo da lata de spray e o pequenino olho vermelho da filmadora se aproximando. Sophie agachou-se e segurou a luz negra próxima ao chão, perto das prateleiras.

— Aí está. — Indicou.

Ouvi quando Cassie inspirou de maneira curta e brusca. O chão luzia em um azul-esbranquiçado com contornos frenéticos como uma grotesca pintura abstrata: arcos salpicados onde o sangue jorrou com um esguicho, círculos irregulares onde se empoçou e começou a secar, grandes marcas dos esfregões de um pano de onde alguém ofegante e desesperado tentara limpá-lo para toda a eternidade. Brilhava como algum produto radioativo nas fendas entre as tábuas do assoalho, gravado nos veios irregulares da madeira. Sophie direcionou a luz negra mais para cima e voltou a espirrar o spray. Surgiram gotículas minúsculas espalhadas pela parte de baixo das prateleiras de metal, além de uma mancha que parecia a impressão de uma mão tentando desenfreadamente agarrar alguma coisa. A escuridão despiu o galpão de seus papéis e sacolas com peças quebradas de cerâmica e nos deixou suspensos em um espaço negro junto com o crime: luminescente, gritante e passando ininterruptamente diante de nossos olhos.

— Meu Deus! — Katy Devlin havia morrido naquele chão. Nós nos sentamos naquele galpão e interrogamos o assassino bem no local do crime.

— Será que não pode ser detergente ou alguma coisa assim? — Cassie perguntou. De fato, o ponto fraco do luminol é que ele acusa falsos positivos para qualquer coisa, desde detergente caseiro até cobre, mas nós dois sabíamos que Sophie não teria nos chamado se não tivesse certeza do que era.

— Já examinamos — Sophie disse sem hesitar; deu para escutar o ar contrariado na voz dela. — É sangue.

No fundo, acho que eu tinha deixado de acreditar naquele momento. Eu vinha pensando demasiadamente em Kiernan naquelas últimas semanas: Kiernan, com sua confortável aposentadoria à beira-mar e seus pesadelos. Só os investigadores de mais sorte passam por toda uma carreira sem viver pelo menos um desses casos, e uma parte traidora de mim tinha insistido desde o início que a Operação Vestal — a última no mundo inteiro que eu teria escolhido — seria o meu. Foi necessária uma correção de foco estranha e quase dolorosa para eu perceber que o nosso homem não era mais um arquétipo sem rosto criado por um pesadelo coletivo para a realização de um crime e depois dissolvido nas trevas; ele estava sentado na cantina, a poucos metros dali, com enlameadas botas de cano longo e tomando chá sob o olhar atento de O’Gorman.

— É isso aí — disse Sophie, acendendo a luz do teto. Fiquei pestanejando, olhando para o chão inocente.

— Vejam — Cassie disse e eu acompanhei o seu olhar: em uma das prateleiras inferiores havia um saco plástico que continha outros sacos plásticos transparentes e pesados que os arqueólogos usavam para guardar cerâmica. — Se a espátula foi utilizada como arma do crime simplesmente por estar ali...

— Ah, merda! — Sophie exclamou. — Vamos ter que examinar cada saco deste lugar maldito.

As vidraças das janelas ribombaram e ouviu-se um tamborilar súbito e incontido no telhado do galpão: tinha começado a chover.

Continuou a chover forte durante o resto do dia. Uma chuva grossa e interminável capaz de deixá-lo encharcado só enquanto você corre poucos metros para chegar ao seu carro. Toda hora via-se um relâmpago em meio às colinas carregadas, e um estrondo distante de trovão chegava até onde estávamos. Deixamos o pessoal da perícia para que terminassem de periciar o local e levamos Hunt, Mark, Damien e, por descargo de consciência, um Sean profundamente revoltado (“Achei que fôssemos *parceiros* nesta!”) de volta à Central conosco. Colocamos cada um em uma sala de interrogatório diferente e começamos a testar novamente seus álibis.

Sean foi fácil de descartar. Ele dividia um apartamento em Rathmines com mais três sujeitos e todos se lembravam, alguns mais e outros menos, da noite em que Katy havia sido assassinada: era o dia do aniversário de um deles, e eles deram uma festa, na qual Sean bancou o DJ até quatro da manhã, depois vomitou nas botas da namorada de alguém e desmaiou no sofá. Pelo menos trinta testemunhas poderiam atestar tanto seu paradeiro quanto seu gosto musical.

Os dos outros três eram menos incontestáveis. O álibi de Hunt era a esposa, e o de Mark, Mel; Damien morava em Rathfarnham com a mãe viúva, que fora dormir cedo, mas tinha certeza de que ele não poderia ter saído de casa sem que ela acordasse. É esse o tipo de álibi que investigadores detestam, os teimosos e inconsistentes, que podem arruinar uma investigação. Eu poderia contar uma dúzia de casos em que nós sabemos exatamente quem fez, como e onde e quando, mas não podemos fazer absolutamente nada a respeito porque a mamãe do sujeito jura que ele estava deitadinho no sofá vendo televisão.

— Muito bem — disse O’Kelly em nossa sala depois que tomamos o depoimento de Sean e o mandamos para casa (ele me perdoou por minha traição e me ofereceu a mão para despedir-se; ainda quis saber se poderia vender sua história para os jornais, mas eu lhe disse que, se o fizesse, eu iria, pessoalmente, dar batidas em seu apartamento à caça de drogas toda noite até que ele tivesse trinta anos). — Um já foi. Faltam dois. Façam suas apostas, pessoal. Quem vocês acham que foi? — O’Kelly estava com um humor muito melhor agora que sabia que tínhamos dois suspeitos nas duas salas de interrogatório, mesmo que não tivéssemos certeza de qual tinha sido o culpado.

— Damien se encaixa perfeitamente no *modus operandi* — disse Cassie.

— Mark admitiu ter estado no local — falei. — E é o único que tem alguma coisa parecida com um motivo.

— Até onde sabemos. — Eu sabia o que ela queria dizer, ou pelo menos achava que sabia, mas não iria citar a teoria do assassino de aluguel, não na frente de O’Kelly ou de Sam. — E não consigo vê-lo como um assassino.

— Já sei disso. Eu consigo.

Cassie revirou os olhos, o que eu até achei ligeiramente reconfortante: uma parte pequena e cruel de mim tinha esperado ver nela um espasmo de hesitação.

— O’Neill? — O’Kelly perguntou.

— Damien — disse Sam. — Levei para cada um uma xícara de chá. Ele foi o único que pegou com a mão esquerda.

Após um segundo de surpresa, Cassie e eu gargalhamos. A graça estava em nós mesmos — eu, pelo menos, havia me esquecido completamente da hipótese do assassino canhoto —, mas estávamos os dois

muito nervosos e não conseguíamos parar de rir. Sam abriu um sorriso largo e deu de ombros, satisfeito com a reação.

— Não sei do que estão rindo — O’Kelly disse severamente, porém sua boca também se contraía. — Vocês próprios já deveriam ter percebido isso. Toda essa palhaçada de *modus operandi*... — Eu ria tanto que meu rosto ficava cada vez mais vermelho e os olhos lacrimejavam. Tive que morder meu lábio para parar.

— Meu Deus... — Cassie falou, respirando fundo. — Sam, o que faríamos sem você?

— Já chega de brincadeiras — disse O’Kelly. — Vocês dois fiquem com Damien Donnelly. O’Neill, pegue Sweeney e faça mais uma tentativa com Hanly. Vou colocar dois outros rapazes para conversarem com Hunt e com a testemunha do álibi. E Ryan, Maddox, O’Neill... precisamos de uma confissão. Não façam merda. *Ándele*. — Ele arrastou a cadeira para trás com um guincho de estourar os tímpanos e foi embora.

— *Ándele?* — Cassie estranhou. Ela parecia perigosamente próxima de mais um surto de risadas.

— Muito bem, vocês dois — disse Sam, estendendo as mãos para nós; seu aperto era forte, caloroso e firme. — Boa sorte.

— Se Andrews contratou algum deles — eu disse depois que Sam já tinha ido atrás de Sweeney e Cassie e eu estávamos a sós —, a coisa vai feder para valer.

Cassie ergueu uma das sobranceiras sem comentar nada e terminou seu café — seria um longo dia e exagerávamos na cafeína.

— Como quer fazer? — perguntei.

— Você conduz. Ele vê a mulher como fonte de compaixão e aprovação; eu afago a cabeça dele uma hora ou outra. Ele se sente intimidado na presença de homens; portanto, pegue leve: se pressioná-lo demais, ele vai congelar e querer ir embora. Não tenha pressa, faça-o sentir-se culpado. Ainda acho que ele não tinha intenção de matar desde o princípio e posso apostar que se sente péssimo por tê-lo feito. Se apelarmos para a consciência dele, será mera questão de tempo até ele desmoronar.

— Vamos lá — eu disse, e endireitamos nossas roupas, alisamos os cabelos e fomos caminhando, lado a lado, descendo o corredor rumo à sala de interrogatório.

Era o nosso último trabalho juntos. Queria poder mostrar-lhes como um interrogatório pode ter sua própria beleza deslumbrante e cruel como a de uma tourada; como, mesmo desafiando o tema mais incipiente ou o suspeito mais imbecil, mantém íntegro seu próprio encanto tenso, seus próprios ritmos irresistíveis e empolgantes; como as grandes duplas de detetives conhecem tão precisamente cada pensamento um do outro quanto bailarinos que dançaram a vida inteira juntos em um *pas de deux*. Eu nunca soube e nunca saberei se Cassie ou eu éramos ótimos investigadores, embora suspeite de que não, mas uma coisa eu sei: formávamos uma dupla digna de canções de bardos e de livros de história. Aquela foi a nossa última e maior dança juntos, executada em uma minúscula sala de interrogatório com a escuridão do lado de fora e a chuva caindo suave e implacável no telhado, para plateia nenhuma além dos condenados e dos mortos.

Damien estava encolhido em sua cadeira com os ombros rígidos e a xícara de chá emitindo seu vapor, esquecida sobre a mesa. Quando li os seus direitos, ele ficou olhando para mim como se eu estivesse falando urdu.

O mês que havia se passado desde a morte de Katy não fora generoso para com ele. Ele usava uma calça cáqui com bolsos dos lados e um largo casaco cinza, mas dava para perceber que havia emagrecido, o que o deixava parecendo um sujeito esquelético e, de algum modo, mais baixo do que era na realidade. O ar juvenil havia se desgastado em pequenos detalhes — olheiras profundas e uma ruga vertical começando a formar-se entre as sobranceiras; o vigor juvenil que deveria ter durado mais alguns

anos desvanecia-se rapidamente. A mudança era tão sutil que eu não tinha chegado a percebê-la no sítio, o que me fez parar para pensar.

Começamos com perguntas fáceis, coisas a que ele conseguiria responder sem precisar se preocupar. Era de Rathfarnham, certo? Estudando em Trinity? Acabando de concluir o segundo ano? Como tinha se saído nas provas? Damien respondia com monossílabos e torcia a bainha de seu casaco ao redor do polegar, evidentemente ansioso para saber por que estávamos perguntando tudo aquilo, mas com medo de descobrir. Cassie levou-o discretamente a falar sobre arqueologia e, aos poucos, ele foi se acalmando; ele largou o casaco e começou a beber o chá e a falar frases inteiras, e os dois engataram uma conversa demorada e alegre relativas às várias coisas encontradas durante as escavações. Deixei que aproveitassem durante pelo menos vinte minutos antes de intervir. (Sorriso tolerante: “Detesto ter que dizer, gente, mas é melhor irmos para o que interessa antes que nós três nos encrenquemos.”)

— Ah, sossega, Ryan, dois segundos — Cassie disse. — Eu nunca vi um broche anelado. Como é?

— Disseram que provavelmente deve ir para o Museu Nacional — Damien contou a ela, cheio de orgulho. — Tem um tamanho mais ou menos assim, e é de bronze, e tem um desenho gravado nele... — Ele fez gestos vagos e irregulares, presumivelmente com a intenção de indicar um desenho gravado, com o dedo.

— Desenha para mim? — Cassie pediu, empurrando seu bloco e sua caneta para ele do outro lado da mesa. Damien desenhava obedientemente com a fronte enrugada em concentração.

— É mais ou menos assim — disse ele, devolvendo o bloco para Cassie. — Não sei desenhar.

— Uau! — Cassie exclamou respeitosamente. — E você o *encontrou*? Se eu encontrasse um negócio destes, acho que teria um enfarte.

Olhei o desenho por sobre o ombro de Cassie: um círculo bem largo com o que parecia ser um alfinete atravessado na parte de trás, decorado com curvas fluidas e equilibradas.

— É bonito — comentei. Damien era mesmo canhoto. Suas mãos ainda pareciam grandes demais para seu corpo, como as patas de um cãozinho.

— Hunt está fora — disse O’Kelly no corredor. — No primeiro depoimento ele afirmou que tomava seu chá e que passou toda a noite de segunda-feira vendo TV com a esposa, até a hora em que foram dormir, às onze. Malditos *documentários*, eles ficaram assistindo a alguma babaquice falando dos suricatos e a outro do rei Ricardo III. Ele nos contou cada droga de detalhe, sem nem se preocupar se queríamos saber ou não. A esposa confirma a história, e o guia de programação da emissora ainda ratifica a versão deles. E o vizinho ainda tem um cachorro, uma daquelas merdinhas que passam a noite inteira latindo; ele afirma ter escutado Hunt gritar com o bicho pela janela mais ou menos à uma da manhã. Por que ele mesmo não mandou o escrotinho calar a boca... Ele tem certeza da data porque foi no mesmo dia em que foi instalado o novo assoalho em sua casa, disse que foram os pedreiros que deixaram o cachorro agitado. Vou mandar o Einstein de volta para casa antes que ele me enlouqueça. Agora o páreo ficou só com dois cavalos, pessoal.

— Como Sam está se saindo com Mark? — perguntei.

— Não conseguiu nada. O Hanly é todo irritadinho e insiste na versão da festinha seguida da trepada; a namorada confirma a história dele. Se estiverem mentindo, não vão desistir tão cedo. E ele é destro. E o seu garoto?

— Canhoto — Cassie respondeu.

— É ele quem está mais à frente no páreo, então, só que não é suficiente. Conversei com Cooper... — O rosto de O’Kelly contraiu-se em uma careta de nojo. — Posição da vítima, posição do agressor, comparando as probabilidades... mais merda que em um chiqueiro, mas a parte que interessa é que ele

acha que o nosso homem é canhoto, mas não está disposto a atestar definitivamente. Parece uma merda de um político. Como está o Donnelly?

— Nervoso — falei.

O’Kelly empurrou com força a porta da sala de interrogatório.

— Ótimo. Mantenham-no assim.

Entramos novamente e começamos a deixar Damien nervoso.

— Muito bem, gente — falei, puxando minha cadeira. — Hora de nos atermos ao que interessa.

Vamos falar sobre Katy Devlin.

Damien fez um gesto atencioso de concordância com a cabeça, mas eu vi quando ele se preparou. Ele tomou um pequeno gole de seu chá, embora agora já devesse estar gelado.

— Quando foi a primeira vez que a viu?

— Acho que quando estávamos quase chegando ao topo da colina. Já havíamos passado pelo chalé, de qualquer maneira, e pelas cabines. Vocês sabem, por causa do grau de inclinação da colina...

— Não — Cassie o interrompeu. — Não nos referimos ao dia em que encontraram o corpo dela. Antes disso.

— Antes...? — Damien ficou olhando para ela e pestanejando, e tomou mais um gole do chá. — Não... hmm, eu não a vi. Não a conheci antes daquele... daquele dia.

— Nunca havia sequer visto a menina? — O tom de voz de Cassie não se alterou, mas eu sentia nela a súbita tranquilidade de um perdigueiro. — Tem certeza? Pense bem, Damien.

Ele negou com veemência.

— Não. Eu juro. Nunca a tinha visto em toda a minha vida.

Seguiu-se um momento de silêncio. Olhei para Damien com o que esperei que fosse uma expressão de certo interesse, mas minha cabeça rodopiava a mil por hora.

Eu tinha investido minhas esperanças em Mark não por pura teimosia, como se possa imaginar, nem porque alguma coisa nele me incomodava de um jeito que eu não tinha intenção alguma de explorar. Acho que, para falar a verdade, dadas as opções disponíveis, eu simplesmente queria que tivesse sido ele. Eu nunca tinha conseguido levar Damien a sério — como homem, como testemunha e, com toda certeza, como suspeito. Era um fracotezinho tão desprezível, só tinha cachos, gagueira e vulnerabilidade. Se eu o soprasse, ele se despedaçaria como um dente-de-leão; e pensar que toda aquela agonia poderia ter sido causada por alguém como ele era ultrajante. Já Mark, independentemente do que pensávamos um do outro, era um oponente digno de se ter.

Mas aquilo... a mentira foi tão sem propósito... as filhas do Devlin tinham andado bastante pelas escavações durante aquele verão e não eram nada difíceis de ser notadas; todos os outros arqueólogos lembravam-se delas; Mel, que havia mantido uma distância segura do corpo de Katy, tinha reconhecido a menina de imediato. E Damien era um dos que mostravam as escavações para os visitantes; era mais provável que ele, mais que qualquer um dos outros, tenha falado com Katy e passado algum tempo com ela. Tinha se curvado sobre o corpo dela, supostamente para ver se estava respirando (e mesmo tanta coragem assim, me dei conta, não combinava muito com ele). Ele não tinha absolutamente nenhum motivo para negar já tê-la conhecido, a não ser que estivesse tentando escapar grosseiramente de uma armadilha que nunca havíamos planejado; a não ser que a ideia de ser ligado a ela de algum modo o deixasse tão horrorizado que ele não estava conseguindo pensar com clareza.

— Tudo bem — Cassie aceitou. — E quanto ao pai dela? Jonathan Devlin? Você é integrante da campanha dele que luta para que mudem a rodovia de lugar? — Damien sorveu seu chá gelado com um grande gole e balançou a cabeça de maneira afirmativa, e nós evitamos habilmente o assunto antes que ele tivesse oportunidade de se dar conta do que havia dito.

Mais ou menos às três da tarde, Cassie, Sam e eu saímos para comprar algumas pizzas para levar para a Central — Mark estava começando a reclamar de fome e não queríamos desagradar-lhe, nem tampouco a Damien. Nenhum dos dois tinha sido preso; poderiam resolver ir embora a qualquer momento e não poderíamos fazer nada para impedi-los. Estávamos tirando proveito, como fazemos frequentemente, do desejo essencial do ser humano de agradar às autoridades e de ser um bom cidadão; e, embora tivesse certeza de que essas coisas fariam Damien permanecer na sala de interrogatório o tempo que considerássemos necessário, estava longe de ter tal convicção em relação a Mark.

— Como estão se saindo com Donnelly? — Sam me perguntou na pizzaria. Cassie estava inclinada sobre o balcão e ria junto com o sujeito que tinha anotado o nosso pedido.

Dei de ombros.

— Difícil dizer. E Mark?

— Espumando. Defende que, se passou metade do ano se arrebatando de trabalhar para a campanha do pai da menina, por que arriscaria arruinar todos os seus esforços matando a filha do presidente? Ele acha que é tudo política... — Sam retraiu-se. — Quanto a Donnelly — ele falou, olhando não para mim, mas para as costas de Cassie —, se ele for o nosso homem.. o que iria... ele tem motivo?

— Se tem, ainda não descobrimos — eu disse, sem querer entrar muito no assunto.

— Se chegar a aparecer alguma coisa — Sam afundou ainda mais as mãos fechadas nos bolsos da calça —, qualquer coisa que você ache que eu possa querer saber, pode me ligar?

— Posso — eu disse. Eu tinha passado o dia inteiro sem comer nada, mas a última coisa em que eu pensava era comida; a única coisa que eu queria era voltar para Damien, e a pizza parecia demorar horas. — Claro.

Damien aceitou uma lata de refrigerante, mas não quis pizza; disse que não estava com fome.

— Tem certeza? — Cassie perguntou, tentando pegar o queijo derretido com o dedo. — Nossa, na minha época de faculdade, eu nunca teria recusado pizza grátis.

— Você nunca recusa comida nenhuma — brinquei com ela. — Você é um aspirador de pó humano. — Cassie, incapaz de responder por causa da boca cheia, concordou alegremente acenando com a cabeça e fez um sinal de positivo com o polegar. — Vamos, Damien, pegue uma fatia. É bom para lhe dar forças; ainda vamos passar um bom tempo por aqui.

Ele arregalou os olhos. Sacudi uma fatia na direção dele, que voltou a recusar com um gesto da cabeça, e então dei de ombros e fiquei com a fatia.

— Muito bem — falei. — Vamos falar de Mark Hanly. O que acha dele?

Damien piscou.

— Mark? Hmm, é legal. É rigoroso, eu acho, mas tem que ser mesmo. Nosso tempo é curto.

— Já o viu ficar violento? Perder a calma? — Sacudi a mão na direção de Cassie, que me atirou um guardanapo de papel.

— Já... não... quer dizer, já, ele se irrita às vezes, se vê alguém de brincadeira, mas nunca o vi *bater* em ninguém nem nada assim.

— Considera-o capaz disso, se ficasse muito irritado? — Limpei as mãos e folheei meu bloco de anotações, tentando evitar que a gordura passasse para as folhas.

— Você é um porcalhão — Cassie disse para mim, e eu mostrei-lhe o dedo médio. Damien olhava para nós dois, desnorreado e nervoso.

— O quê? — ele perguntou, enfim, de modo incerto.

— Acha que Mark pode ficar violento se for provocado?

— Acho que talvez. Sei lá.

— E você? Já bateu em alguém?

— O quê... Não!

— Deveríamos ter comprado pão de alho — Cassie comentou.

— Não vou dividir uma sala de interrogatório com duas pessoas e alho. O que acha que o faria bater em alguém, Damien?

Sua boca se abriu.

— Você não me passa a impressão de ser do tipo violento, mas todo mundo tem seus limites. Agrediria alguém que xingasse a sua mãe, por exemplo?

— Eu...

— Ou por dinheiro? Ou em legítima defesa? O que o levaria a isso?

— Eu não... — Damien piscava com rapidez. — Não sei. Quer dizer, eu nunca... mas acho que todo mundo, como você mesmo disse, todo mundo tem seus limites, não sei...

Concordei com um aceno da cabeça e anotei aquilo com cuidado.

— Prefere de outro sabor? — Cassie perguntou, examinando a pizza. — Para mim, pessoalmente, a de presunto com abacaxi é ótima, mas os daí do lado pediram uma pizza mais de macho, *pepperoni* com linguiça.

— O quê? Hmm... não, obrigado. Quem é que...? — Ficamos esperando e mastigando. — Quem é que está aí do lado? Se é que, tipo, eu posso perguntar.

— Claro — respondi. — É o Mark. Deixamos Sean e o dr. Hunt voltarem para casa há algum tempo, mas ainda não conseguimos liberar o Mark.

Observamos Damien ficar um pouco mais pálido enquanto processava a informação e suas implicações.

— Por que não? — ele perguntou com a voz muito baixa.

— Não podemos revelar — Cassie respondeu, esticando-se para pegar mais pizza. — Lamento. — Os olhos de Damien dispararam, desorientados, da mão dela para seu rosto e depois para o meu.

— O que podemos lhe dizer — falei, apontando para ele com uma parte torrada da massa — é que estamos investigando este caso com muita, muita seriedade mesmo. Já vi muita coisa feia na minha carreira, Damien, mas isso... absolutamente nenhum crime é pior que matar uma criança. Toda a vida dela acabada, a comunidade inteira em pânico, os amigos dela não vão superar nunca, a família ficou arrasada...

— Aos pedaços — Cassie disse vagamente, com a boca cheia. Damien engoliu em seco, olhou para o seu refrigerante como se o houvesse esquecido e começou a mexer no anel da lata.

— Quem quer que tenha feito isto... — Balancei a cabeça negativamente. — Não sei como consegue conviver consigo mesmo.

— Você se sujou — Cassie me avisou, tocando levemente com o dedo o canto de sua boca. — Não leva você a lugar nenhum.

Nós acabamos com quase toda a pizza. Contra a minha vontade — o próprio cheiro, gorduroso e penetrante, era demais para mim —, mas tudo aquilo estava deixando Damien cada vez mais perturbado. Ele aceitou uma fatia no final e ficou ali, sentado, tristemente catando pedaços de abacaxi e mordiscando-os, com a cabeça alternando-se bruscamente entre Cassie e mim como se estivesse tentando acompanhar uma partida de tênis de muito perto. Pensei em Sam: não era muito provável que Mark entrasse em parafuso por causa de *pepperoni* e de generosas quantidades de queijo.

Meu celular vibrou no bolso. Verifiquei a tela: Sophie. Fui atender no corredor; Cassie, atrás de mim, disse: “O detetive Ryan deixa a sala de interrogatório.”

— Oi, Sophie — eu disse.

— Oi. As novidades são as seguintes: não há sinal de que nenhuma das duas fechaduras tenha sido forçada ou arrombada. E foi a espátula mesmo o instrumento utilizado para estuprá-la. Parece ter sido lavada, mas nós achamos vestígios de sangue nas rachaduras do cabo. Também encontramos uma quantidade razoável de sangue em uma daquelas lonas. Ainda estamos examinando luvas e sacos plásticos. Ainda estaremos examinando luvas e sacos plásticos quando tivermos *oitenta anos*. Também encontramos uma lanterna sob as lonas. Está repleta de impressões digitais, mas são todas pequenas e a lanterna tem um desenho da Hello Kitty; então, estou apostando que seja da vítima, assim como as impressões digitais. Como vocês estão se saindo?

— Ainda interrogando Hanly e Donnelly. Callaghan e Hunt estão descartados.

— E agora é que você vem me dizer isso? Pelo amor de Deus, Rob! Muito obrigada, hein! Nós examinamos toda a porra do *carro* do Hunt! Nada. Bom, isso era óbvio. No do Hanly também não tinha sangue, mas tinha um milhão de fios de cabelo, de fibras e etc.; se ele a colocou ali dentro, não se preocupou em limpar os vestígios depois, então de repente a gente acha alguma coisa que bata. Para falar a verdade, duvido de que *algum dia* ele tenha limpado aquilo. Se chegar um dia em que ele não tenha mais nenhum sítio arqueológico para explorar, pode começar debaixo do banco da frente.

Fechei a porta depois que entrei e falei para a câmera “O detetive Ryan entra na sala de interrogatório” e comecei a tirar de cima da mesa as coisas que tinham vindo com a pizza.

— Era a perícia — falei para Cassie. — Confirmaram que nossas provas são exatamente o que achávamos que seriam. Damien, ainda vai comer isso aí? — Joguei a fatia de pizza sem pedaços de abacaxi de volta para dentro da caixa antes que ele pudesse responder.

— É isso que gostamos de escutar — Cassie falou, pegando um guardanapo e dando uma rápida limpada na mesa. — Damien, precisa de mais alguma coisa antes de recomeçarmos?

Damien ficou olhando, tentando acompanhar; depois fez um gesto de negação com a cabeça.

— Ótimo — falei, empurrando a caixa da pizza para um canto e puxando uma cadeira. — Então, vamos começar colocando você a par de algumas das coisas que ficamos sabendo hoje. Por que acha que trouxemos vocês quatro aqui?

— Por causa daquela menina — ele respondeu bem baixinho. — Katy Devlin.

— Bom, é, claro. Mas por que acha que só trouxemos vocês quatro? Por que não o resto da equipe?

— Você disse... — Damien fez um gesto na direção de Cassie com a lata de refrigerante; ele a apertava com as duas mãos como se tivesse medo de que eu pudesse também tirá-la dele. — Você me perguntou das chaves. Quem tinha as chaves dos galpões.

— Na mosca — Cassie falou, meneando a cabeça como se aprovasse a resposta. — Muito bem observado.

— Vocês, hmm...? — Ele engoliu em seco. — Vocês encontraram alguma coisa em um deles?

— Exatamente — confirmei. — Para falar a verdade, encontramos coisas em dois deles, mas você quase acertou. Não podemos entrar muito nos detalhes, obviamente, mas farei um resumo para você: encontramos provas que deixam evidente que Katy foi assassinada no galpão de achados na noite da segunda-feira e escondida no galpão de ferramentas até a terça-feira. Não houve entrada forçada em nenhum deles. O que acha que isso significa?

— Não sei — Damien respondeu, por fim.

— Significa que estamos procurando alguém que tinha chave. Sobraram só Mark, o dr. Hunt e você. E Hunt tem álibi.

Damien nesse momento ergueu a mão, como se estivesse na escola.

— Hmm, eu também. Eu tenho um álibi.

Ele olhou para nós com esperança, mas Cassie e eu agitávamos nossas cabeças negativamente.

— Lamento — disse Cassie —, mas sua mãe estava dormindo no intervalo de tempo que estamos investigando; ela não pode garantir sua inocência. E de qualquer maneira, mães... — Ela deu de ombros, sorrindo. — Quer dizer, tenho certeza de que a sua mãe é honesta e tudo mais, mas, via de regra, são capazes de dizer qualquer coisa para tirar um filho de uma enrascada. É uma atitude muito louvável, mas significa que não podemos levar muito a sério o que dizem sobre uma coisa dessa importância.

— O problema do Mark é o mesmo — falei. — Mel afirma que estava com ele, mas é namorada do cara, e as namoradas também não são lá muito mais confiáveis do que as mães. Um pouco, mas não muito. Então, é essa a nossa situação.

— E se você tiver qualquer coisa que queira nos dizer, Damien — Cassie disse afavelmente —, a hora é agora.

Silêncio. Ele tomou um gole do refrigerante e depois nos olhou com espanto em seus olhos azuis transparentes, balançando a cabeça negativamente.

— Certo — falei. — Tudo bem. Tem uma coisa aqui que eu quero que veja, Damien. — Vasculhei a pasta como se fosse tirar alguma coisa muito importante dali de dentro, os olhos de Damien acompanhavam minhas mãos com apreensão, e por fim peguei várias fotos. Eu as dispus à frente dele, uma por uma, olhando com cuidado para cada uma antes de colocá-la sobre a mesa; deixando-o esperar.

— Katy e as irmãs no Natal do ano passado — falei. Uma árvore de plástico com luzes verdes e vermelhas; Rosalind, ao centro, usava uma roupa azul de veludo e olhava para a câmera com um sorrisinho travesso e os braços envolvendo as gêmeas; Katy tinha as costas eretas e ria, vestia um casaco branco de pele falsa de carneiro, e Jessica sorria de modo incerto, olhando para o seu casaco bege, como um reflexo de um espelho esquisito. Inconscientemente, Damien retribuiu o gesto com um sorriso.

— Katy em um piquenique familiar há dois meses. — A foto com o gramado verde e o sanduíche.

— Não parece feliz? — Cassie perguntou ao meu lado. — Estava prestes a ir para a academia de balé, tudo estava apenas começando... É legal saber que ela estava contente, antes de...

Uma das tiradas com a polaroide na cena do crime: uma foto de corpo inteiro de Katy curvada sobre a pedra cerimonial.

— Katy, logo depois de você tê-la encontrado. Lembra? — Damien mudou de posição na cadeira, se tocou e ficou sentado, imóvel.

Outra das fotos da cena do crime, esta bem próxima: sangue ressecado no nariz e na boca, e um único olho semicerrado.

— A mesma coisa: Katy, onde o assassino a deixou.

Uma das fotos da autópsia.

— Katy, no dia seguinte. — Damien perdeu o fôlego. Havíamos selecionado a mais horrível entre todas as fotografias que tínhamos: a pele do rosto dobrada para expor-lhe o crânio, uma mão enluvada segurando uma régua de aço para medir-lhe o tamanho da fratura sobre a orelha, cabelos grumosos e lascas de ossos.

— Doloroso de se olhar, né? — Cassie perguntou, quase para si mesma. Seus dedos pairaram sobre as fotos, foram até a fotografia próxima da cena do crime e acariciaram o contorno da bochecha de Katy. Ela ergueu os olhos para Damien.

— Muito — ele murmurou.

— Sabe, Damien, para mim — falei, inclinando-me para trás em minha cadeira e apontando para a fotografia da autópsia — isso parece coisa que só um maluco alucinado poderia fazer com uma garotinha. Um animal sem um mínimo de consciência, que se diverte machucando as pessoas mais vulneráveis que consegue encontrar. Mas eu sou só um investigador. Já a nossa detetive Maddox aqui, ela cursou psicologia. Você sabe o que é um especialista em perfis, Damien?

Uma sacudidela de negação com a cabeça. Seus olhos estavam ainda vidrados nas fotografias, mas acho que ele não as estava vendo.

— É uma pessoa que estuda que tipo de gente comete certo tipo de crime, e indica à polícia que procure aquele tipo de pessoa. A detetive Maddox é a nossa especialista na área e tem sua própria teoria sobre o responsável pelo crime.

— Damien — Cassie disse —, permita-me que lhe diga uma coisa. Venho defendendo durante todo esse tempo, desde o primeiro momento, que o homicídio foi obra de uma pessoa que não queria cometê-lo. Uma pessoa que não é violenta, que não é um assassino, que não gostou de causar dor; uma pessoa que fez o que fez porque se viu obrigada. Não teve alternativa. É o que venho afirmando desde o dia em que aceitamos o caso.

— É verdade — confirmei. — Todos os outros disseram que ela estava doida, mas ela se manteve fiel à sua opinião: de que não tinha sido obra de um maluco, de um assassino serial, ou de um estuprador de crianças. — Damien retraiu-se com um espasmo súbito do queixo. — Qual é a sua opinião, Damien? Acha que só um débil mental de um cretino faz esse tipo de coisa ou que pode simplesmente acontecer com um sujeito normal que nunca quis machucar ninguém?

Ele tentou dar de ombros, mas como estavam tensos demais, o que saiu foi uma contração grotesca. Levantei-me e fui até o outro lado da mesa, sem pressa, e me encostei na parede atrás dele.

— Bom, nunca saberemos com certeza se foi de um jeito ou do outro, só se ele revelar. Mas consideremos, apenas por um instante, que a detetive Maddox tenha razão. Quer dizer, é ela que tem formação em psicologia; estou disposto a admitir que a teoria apresentada por ela possa ter algum fundamento. Vamos supor que o tal sujeito não faça mesmo o tipo violento; que nunca teve a intenção de ser um homicida. Que foi uma coisa que simplesmente aconteceu.

Damien vinha prendendo a respiração. Ele soltou-a e depois voltou a prendê-la com um pequeno arfar.

— Já vi gente assim. Sabe o que acontece com eles depois? Acabam fodidos, Damien. Não conseguem conviver consigo mesmos. Já vimos acontecer, diversas vezes.

— Não é nada bonito — Cassie comentou com delicadeza. — A gente sabe o que aconteceu, o cara sabe que a gente sabe, mas tem medo de confessar. Ele acha que ir preso é a pior coisa que pode lhe acontecer. Nossa, ele nem sabe como está enganado. Todo dia, para o resto da vida, ele acorda de manhã e a coisa volta com força total, como se tivesse sido ontem. Toda noite ele tem medo de ir dormir por causa dos pesadelos. Ele tenta achar que vai melhorar, mas nunca melhora.

— E mais cedo ou mais tarde — falei, em meio às sombras às suas costas — ele sofre um colapso nervoso e termina passando os anos seguintes em uma cela acolchoada, vestindo pijama e drogado até o último fio de cabelo. Ou amarra uma corda no pescoço uma noite e se enforca. Com mais frequência do que você imagina, Damien, eles simplesmente não conseguem encarar mais um dia.

Aquilo tudo era besteira, claro que era. De doze assassinos inocentados que eu poderia citar para vocês, apenas um se suicidou e, para começar, foi logo o que tinha um histórico de problemas mentais não tratados. O resto vive exatamente — uns mais, outros menos — como sempre viveu, mantendo seus empregos, frequentando o pub e levando os filhos ao jardim zoológico e, se às vezes se sentem agitados, não contam para ninguém. O ser humano — posso dizer, pois conheço melhor que muita gente — se acostuma com qualquer coisa. Com o passar do tempo, até mesmo o inimaginável vai aos poucos se acomodando em algum nicho na sua mente e se torna simplesmente uma coisa que aconteceu. Contudo, Katy só estava morta havia um mês e Damien não teve tempo para aprender aquilo. Ele estava rígido em sua cadeira, olhando fixamente para sua lata de refrigerante, e respirava como se doesse.

— Sabe quais são os que sobrevivem, Damien? — Cassie perguntou e inclinou-se até o outro lado da mesa para tocar-lhe o braço com a ponta dos dedos. — Os que confessam. Os que cumprem sua pena. Sete anos depois, ou o que for, acabou; eles saem da cadeia e podem recomeçar do zero. Não precisam mais ver o rosto de sua vítima sempre que fecham os olhos. Não têm que passar cada segundo de cada dia morrendo de medo de que tenha chegado o dia de ser pegos. Não precisam dar um pulo enorme de

susto sempre que veem um policial ou que chega alguém batendo à porta deles. Confie em mim: com o passar do tempo, são esses os que escapam.

Ele apertava a lata com tanta força que ela amassou, soltando um estalo curto e cortante. Todos pulamos de susto.

— Damien — perguntei calmamente —, alguma coisa do que acabamos de falar lhe parece familiar?

E enfim, depois de tanto tempo, lá estava: aquela pequena dissolução da nuca, o oscilar da cabeça conforme sua coluna cedia. Quase imperceptivelmente, depois do que pareceu um século, ele confirmou, acenando com a cabeça.

— Quer continuar vivendo assim para o resto da sua vida?

A cabeça dele moveu-se, de forma desigual, de um lado para o outro.

Cassie afagou-lhe levemente o braço uma última vez e tirou a mão: nada que pudesse caracterizar coerção.

— Não queria matá-la, não é mesmo? — ela perguntou com docilidade, a voz espalhando-se delicadamente pela sala como neve caindo. — Simplesmente aconteceu.

— É — ele murmurou, quase sem deixar sair som nenhum em meio à expiração, mas eu escutei. Eu estava ouvindo tão concentrado que quase conseguia escutar seu coração batendo. — Simplesmente aconteceu.

Por um instante a sala toda pareceu se fechar sobre si mesma, como se uma explosão, que de tão intensa não dava para ser ouvida, houvesse sugado todo o ar para fora. Nenhum de nós conseguia se mexer. As mãos de Damien perderam a firmeza em volta da lata, que caiu com um estrondo por cima da mesa, rodopiou e por fim parou. A luz do teto refletia em seus cabelos encaracolados, dando-lhes um tom bronze embaçado. Então a sala voltou a respirar. Um suspiro lento e saciado.

— Damien James Donnelly — eu disse sem voltar para o outro lado da mesa para encará-lo; não tinha certeza se minhas pernas me sustentariam —, você está preso sob a acusação de, próximo ou no dia 17 de agosto deste ano, em Knocknaree, no condado de Dublin, ter assassinado Katharine Bridget Devlin.

Damien não conseguia parar de tremer. Retiramos as fotografias e lhe demos uma xícara de chá fresco. Também nos oferecemos para dar-lhe outro casaco ou para aquecer o que tinha sobrado da pizza, mas ele negou, gesticulando com a cabeça, sem sequer olhar para nós. Tudo aquilo parecia irreal. Eu não conseguia tirar os olhos dele. Eu tinha forçado metade de meu cérebro à caça de lembranças, tinha entrado novamente no bosque de Knocknaree, tinha arriscado minha carreira e estava perdendo minha parceira por causa daquele sujeito.

Cassie leu os direitos dele — lenta e carinhosamente, como se ele tivesse sofrido um acidente horrível — e eu fiquei prendendo a respiração ao fundo, mas ele não quis um advogado:

— Para quê? Fui eu que matei, vocês já sabiam de qualquer maneira, todo mundo vai saber, não tem nada que um advogado possa... eu vou para a cadeia, não vou? Eu vou para a cadeia? — Ele batia os dentes; estava precisando de alguma coisa muito mais forte do que chá.

— Não se preocupe com isso agora, está bem? — Cassie sugeriu de maneira reconfortante. Souu um tanto ridículo, dadas as circunstâncias, mas até que pareceu acalmá-lo um pouco; ele até confirmou acenando com a cabeça. — É só continuar nos ajudando, que faremos o máximo para ajudá-lo.

— Eu não... como você mesma disse, eu nunca quis machucar ninguém, juro por Deus. — Ele tinha os olhos fixos nos de Cassie como se sua vida dependesse de ela acreditar nele. — Pode dizer isso a eles? Pode dizer ao juiz? Eu não sou... não sou um, tipo, maluco ou assassino serial ou... não sou *assim*. Eu não queria machucá-la, juro por, por, por...

— Shh. Eu sei. — Cassie tinha voltado a segurar-lhe a mão e seu polegar roçava-lhe as costas da mão com um ritmo suave. — Shh, Damien. Vai ficar tudo bem. A pior parte já passou. Agora você só precisa nos contar o que aconteceu com as suas próprias palavras. Será que consegue fazer isso para nós?

Depois de respirar fundo ele confirmou, corajosamente, com um aceno de cabeça.

— Muito bem — Cassie disse. Por pouco ela não fez um carinho na cabeça dele e deu-lhe um biscoito.

— Precisamos saber de toda a história, Damien — eu disse, puxando minha cadeira mais para perto. — Passo a passo. Onde começou tudo?

— Hã? — ele reagiu depois de um instante. Parecia perplexo. — Eu... O quê?

— Você afirma que nunca quis machucá-la. Então, como tudo acabou acontecendo?

— Eu não... quer dizer, não sei direito. Não me lembro. Será que não posso contar só daquela noite?

Cassie e eu nos entreolhamos.

— Está bem — aceitei. — Claro. Comece por quando saiu do trabalho na segunda-feira à noite. O que fez depois? — Ali havia alguma coisa, é claro que havia, a memória dele não tinha convenientemente o abandonado; mas, se o pressionássemos naquela hora, talvez ele se retraísse de vez ou mudasse de ideia em relação ao advogado.

— Certo... — Damien respirou fundo mais uma vez e sentou-se mais ereto, com as mãos enganchadas firmemente entre os joelhos, como um menininho de escola na hora da prova oral. — Peguei o ônibus e fui para casa. Jantei com a minha mãe e depois nós fizemos um pouco de palavras cruzadas; ela gosta desse jogo. Minha mãe, ela é meio doente, tem um problema no coração, e daí foi dormir às dez, como faz sempre. Eu, hmm, eu fui para o meu quarto e fiquei lá matando tempo até que ela dormisse... Como ela

ronca, eu podia... tentei ler e tal, mas não conseguia, não conseguia me concentrar, estava tão... — Os dentes dele tinham voltado a bater.

— Shh — Cassie disse com delicadeza. — Já acabou. Você está fazendo o que é certo.

Ele inspirou com dificuldade e meneou a cabeça como se concordasse.

— A que horas você saiu de casa? — perguntei.

— Hmm, às onze. Voltei andando até o sítio... ele fica mesmo, tipo, só a alguns quilômetros da minha casa. De ônibus a viagem demora séculos porque ele roda por toda a cidade. Dei a volta por trás para não ter que passar pelo meio das casas. Em vez disso, eu teria que passar pelo chalé, mas, como o cachorro já me conhece, quando ele se levantou, eu disse “oi, garoto” e ele não latiu. Estava escuro, mas eu tinha levado uma lanterna. Entrei no galpão de ferramentas e peguei um par de... de luvas, calcei-as e peguei uma... — Ele engoliu em seco. — Peguei uma pedra grande. Do chão, perto da escavação. Depois entrei no galpão de achados.

— Isso foi a que horas? — perguntei.

— Tipo meia-noite.

— E a que horas Katy chegou?

— Era para ser... — Ele piscou e baixou a cabeça. — Era para ser à uma da manhã, mas ela chegou cedo, acho que faltando uns quinze minutos. Quando ela bateu à porta eu quase enfartei.

Ele teve medo dela. Minha vontade era socá-lo.

— Daí você abriu para ela entrar.

— Isso. Ela estava com uns biscoitos de chocolate na mão, deve ter pegado enquanto saía de casa; ela me deu um, mas eu não conseguia... quer dizer, eu não conseguia *comer*. Daí o guardei no bolso. Ela comeu o dela e ficou me contando da tal academia de balé, essas coisas, durante alguns minutos. Daí eu falei... falei para ela olhar o que tinha em uma prateleira, e ela se virou. Daí eu, hmm, eu a acertei. Com a pedra, na parte de trás da cabeça, eu a acertei.

Ouvia-se um tom agudo de pura incredulidade na voz dele. Suas pupilas estavam tão dilatadas que os olhos pareciam pretos.

— Quantas vezes? — perguntei.

— Eu não... eu... tenho que fazer isso mesmo? Quer dizer, já confessei o que fiz, será que vocês não podem só... só... — Ele apertava a beira da mesa, enterrando nela as unhas.

— Damien — Cassie disse delicadamente, porém com bastante firmeza —, precisamos que nos conte todos os detalhes.

— Está bem, está bem. — Ele passou desajeitadamente a mão na boca. — Eu a acertei, uma vez só, mas acho que não devo ter usado força suficiente, porque ela meio que tropeçou para a frente e caiu, mas ainda estava, tipo... ela se virou e abriu a boca como se fosse gritar, daí eu... eu a agarrei. Quer dizer, eu estava *assustado*, estava muito assustado, se ela gritasse... — Suas palavras saíam aos borbotões. — Tapei a boca dela com a mão e tentei bater de novo, mas ela botou as mãos na frente e ficou me arranhando e se debatendo... a gente estava no chão e eu não conseguia nem ver o que estava acontecendo porque a única coisa que iluminava o ambiente era a minha lanterna que eu tinha deixado em cima da mesa, eu não tinha acendido a luz... tentei pressioná-la contra o chão, mas ela ficou tentando chegar à porta, ficou se contorcendo, ela era *forte*... eu não esperava que fosse tão forte, sendo...

A voz dele foi sumindo e ele ficou olhando fixamente para a mesa. Sua respiração estava rápida.

— Sendo tão pequena — concluí sem deixar tom algum transparecer em minha voz.

A boca de Damien se abriu, mas ele nada disse. Tinha ficado com uma horrenda cor branco-esverdeada e suas sardas se projetavam como se fossem em alto-relevo.

— Podemos fazer uma pausa, se você achar que precisa — Cassie disse —, só que, mais cedo ou mais tarde, você vai ter que nos contar o resto da história.

Ele negou, sacudindo violentamente a cabeça.

— Não. Não precisa. Queria só... estou bem.

— Ótimo — falei. — Então, prossigamos. Você tinha tapado a boca de Katy com a mão e ela se debatia. — Cassie se mexeu. Um pequeno espasmo quase imperceptível.

— Isso mesmo. — Damien enfiou as mãos nos bolsos do casaco. — Daí ela voltou a virar-se e ficou de bruços, meio que rastejando na direção da porta, e daí eu... eu bati nela de novo. Com a pedra, do lado da cabeça. Acho que dessa vez fiz com mais força porque ela apagou. Ficou inconsciente. Só que ainda respirava, bastante alto, meio que gemendo, e foi então que eu vi que teria que... eu não ia conseguir bater nela de novo, simplesmente não ia. Eu não... — Ele respirou fundo. — Eu não... não queria... machucá-la...

— E então, o que fez?

— Tem uns sacos plásticos em uma das prateleiras. Para as coisas que encontramos no sítio. Daí eu peguei um deles e... cobri a cabeça dela e apertei até...

— Até o quê? — perguntei.

— Até ela parar de respirar — Damien disse, enfim, com a voz bem baixa.

Fez-se um silêncio demorado. Ouvíamos apenas o sinistro sibilar do vento que entrava pelo duto de ar e o som da chuva.

— E então?

— Então — a cabeça dele oscilou um pouco; seus olhos estavam apáticos —, eu a peguei no colo. Não poderia deixá-la no galpão de achados ou vocês saberiam, então quis levá-la lá para fora, para o meio da escavação. Ela estava... tinha sangue em todo canto, acho que era o que tinha saído da cabeça dela. Deixei o saco plástico cobrindo o rosto dela para que o sangue não se espalhasse demais, mas, quando saí para a escavação, tinha... no meio do bosque, eu vi uma luz, parecia uma fogueira ou algo assim. Tinha alguém lá. Fiquei com medo... era tanto que mal conseguia me manter de pé. Achei que fosse deixá-la cair... quer dizer, e se aquela pessoa tivesse me visto? — As palmas das mãos dele estavam viradas para cima, voltadas para nós, em um gesto de súplica; sua voz falhava. — Eu não sabia o que *fazer* com ela.

Ele tinha omitido a parte da espátula.

— E aí o que você fez? — perguntei.

— Levei-a de volta para os galpões. No galpão de ferramentas tem umas lonas. Servem para cobrir trechos frágeis do sítio quando chove, mas quase nunca as usamos. Enrolei-a com uma delas para que... quer dizer, eu não queria... vocês sabem, os insetos... — Ele engoliu em seco. — E aí a deixei sob o resto delas. Acho que eu poderia ter simplesmente deixado a menina na mata, mas senti que isso seria... há raposas e... e ratos, essas coisas, por lá, e poderia levar dias até que alguém a encontrasse, e eu não queria... simplesmente jogá-la *por aí*... minha cabeça não estava funcionando direito. Achei que talvez na noite seguinte eu... eu pudesse saber o que fazer...

— E aí você voltou para casa?

— Não, eu... primeiro fui limpar o galpão de achados. O sangue tinha sujado o chão todo, e os degraus, e ficava grudando nas minhas luvas e nos meus pés e... enchi um balde d'água com a mangueira e tentei lavar. Era... dava para sentir o *cheiro*... toda hora eu tinha que parar porque achava que ia vomitar.

Ele parecia esperar solidariedade.

— Deve ter sido horrível — disse Cassie, com complacência.

— Foi. E como! — Damien virou-se na direção dela com gratidão no olhar. — Eu sentia como se tivesse ficado ali um tempo enorme, ficava pensando que já estava quase amanhecendo e que o resto do pessoal chegaria a qualquer momento e que eu tinha que ir rápido, e aí achei que fosse tudo um pesadelo e que eu tinha que acordar, e aí fiquei tonto... Eu não conseguia nem ver o que estava fazendo, estava com a lanterna, mas metade do tempo o medo era tanto que eu não tinha coragem de acendê-la, achava que quem quer que estivesse no bosque iria ver a luz e viria olhar, e daí a escuridão era total, e tinha *sangue*

por toda parte, e sempre que eu escutava algum barulho, achava que ia morrer, morrer de verdade... Eu não parava de ouvir uns... uns barulhos que vinham lá de fora, como se tivesse alguma coisa arranhando as paredes do galpão. Uma hora achei que tinha escutado alguma coisa *farejando* na altura da porta; por um instante, pensei que pudesse ser o cachorro, mas ele fica preso à noite e eu quase... nossa, era... — Ele balançava a cabeça para os lados, perplexo.

— Mas, no final das contas, você conseguiu limpar tudo — falei.

— Acho que sim. O máximo que consegui. Eu só... eu não conseguia mais continuar. Escondi a pedra atrás das lonas, e ela tinha trazido uma lanterninha, que acabei colocando ali também. Por um segundo... é que quando ergui as lonas, as sombras fizeram uma coisa esquisita e pareceu que... que ela estava se mexendo...

Ele tinha começado de novo a ficar verde.

— Daí você deixou a pedra e a lanterna dela no galpão de ferramentas — eu disse. Mais uma vez ele omitira a parte da espátula. Aquilo não me incomodava tanto quanto se possa imaginar: àquela altura, qualquer coisa de que ele se esquivasse se tornava uma arma para nós usarmos quando bem nos conviesse.

— Isso. Daí lavei as luvas e as coloquei de volta no saco. E tranquei os galpões e simplesmente... simplesmente voltei para casa a pé.

Aos poucos e por fim, como se fosse uma coisa que ele já estivesse querendo fazer há um bom tempo, Damien começou a chorar.

Passou bastante tempo chorando e o fazia com um sofrimento grande demais para responder a qualquer pergunta. Cassie sentou-se ao lado dele, afagando-lhe o braço, murmurando palavras reconfortantes e entregando-lhe lenços de papel. Depois de passarmos mais um bocado de tempo assim, eu olhei para ela por sobre a cabeça de Damien; ela olhou de volta para mim e retribuiu com um gesto de concordância. Deixei-os a sós e fui atrás de O'Kelly.

— Aquele filhinho de mamãe? — ele perguntou, erguendo as sobrancelhas. — Caramba, não brinca! Achei que ele não fosse homem para isso. Para mim tinha sido o Hanly. Ele acabou de ir embora; mandou O'Neill enfiar as perguntas no rabo e saiu batendo a porta. Que bom que Donnelly não fez o mesmo. Vou começar a cuidar da ficha dele para a promotoria pública.

— Vamos precisar dos registros telefônicos e do histórico financeiro dele — eu disse. — Temos que descobrir o passado dele com os outros arqueólogos, com colegas da faculdade, amigos da escola, com qualquer um que seja conhecido dele. Está tentando ocultar o motivo.

— Quem está preocupado com o motivo, porra? — O'Kelly perguntou, mas a irritação não continha convicção: ele estava muito satisfeito. Eu sabia que deveria estar tão satisfeito quanto ele, mas de alguma maneira não conseguia. Quando eu sonhava em solucionar aquele caso, não era bem aquilo que minha imaginação sugeria. A cena que vivi na sala de interrogatório, que deveria ter sido o triunfo supremo de minha carreira, eu senti simplesmente como uma coisa que chegou tarde demais e nem foi lá tão importante assim.

— Neste caso — respondi-lhe —, eu estou. — O'Kelly tinha razão. Tecnicamente, se você conseguir provar que o seu suspeito cometeu o crime, não tem obrigação absolutamente nenhuma de explicar por quê, só que os jurados, influenciados pela TV, geralmente querem um motivo; e, desta vez, eu também queria. — Um crime brutal destes, cometido por uma doçura de rapaz sem jeito nenhum de criminoso; é provável que a defesa tente apresentar a tese de doença mental. Se conseguirmos arrancar dele o motivo, eliminamos essa possibilidade.

O'Kelly bufou.

— Concordo. Vou mandar alguns dos rapazes interrogarem toda essa gente. Volte lá para dentro e me consiga um motivo incontestável. E, Ryan — ele disse com relutância, enquanto eu me virava para ir embora —, meus parabéns. Para vocês dois.

Cassie tinha conseguido acalmar Damien; ele continuava um pouco trêmulo e não parava de assoar o nariz, mas já havia parado de soluçar.

— Você está legal para continuarmos? — ela perguntou, apertando a mão dele. — Já estamos quase terminando, tá? Você está se saindo muito bem. — Por um segundo, uma sombra patética de sorriso formou-se no rosto de Damien.

— Estou — ele respondeu. — Desculpa por... Me desculpem. Estou bem.

— Não tem problema. Apenas nos avise se for precisar de mais uma pausa.

— Muito bem — falei. — Tínhamos parado em quando você foi para casa. Vamos falar do dia seguinte.

— Ah... sim. O dia seguinte. — Damien inspirou com resignação. — O dia todo foi um pesadelo total. Eu estava tão cansado que não conseguia nem enxergar, e sempre que alguém entrava no galpão de ferramentas eu achava que ia desmaiar ou alguma coisa assim... e ainda ter que me comportar como se estivesse tudo normal, rir das piadas dos outros e agir como se nada houvesse acontecido... e eu não parava de pensar... nela... e aí tive que fazer tudo de novo naquela noite, esperar minha mãe dormir, sair escondido e ir andando novamente até o sítio. Se aquela luz estivesse de novo no bosque, não sei o que eu teria feito. Mas não estava.

— Daí você voltou ao galpão de ferramentas — falei.

— Isso. Coloquei novamente as luvas e tirei-a... tirei-a de lá. Ela estava... achei que estaria rígida. Eu achava que cadáveres ficassem rígidos, mas ela... — Ele mordeu o lábio inferior. — Ela não estava, quase nada. Só que estava *gelada*. Estava... eu não queria tocá-la... — Ele estremeceu.

— Mas foi obrigado.

Damien assentiu e voltou a assoar o nariz.

— Levei-a para o sítio e deixei-a sobre a mesa de pedra, onde estaria... estaria livre... da ação de ratos, essas coisas. Onde alguém iria encontrá-la antes que... tentei deixar parecendo que ela estava dormindo ou algo assim. Não sei por quê. Joguei fora a pedra, lavei o saco plástico e o devolvi para o lugar, mas não consegui encontrar a lanterninha dela, que estava em algum lugar ali embaixo, por trás das lonas, e eu... eu só queria ir para a minha casa...

— Por que não a enterrou? — perguntei. — No sítio ou no bosque? — Teria sido o que de mais inteligente se poderia fazer; não que agora fizesse qualquer diferença.

Damien olhou para mim com a boca ligeiramente aberta.

— Não cheguei a pensar nisso — disse ele. — A única coisa que eu queria era sair de lá o mais rápido possível. E, de qualquer maneira... você quer dizer, simplesmente *enterrá-la*? Como se fosse *lixo*?

E tínhamos levado um mês inteiro para pegar aquela peça rara.

— No dia seguinte você procurou garantir que seria um dos que fossem descobrir o corpo. Por quê?

— Ah, isso. — Ele fez um leve gesto convulsivo parecido com um dar de ombros. — Como eu tinha feito tudo com luvas, eu já sabia que não haveria impressões digitais, mas tinha ouvido em algum lugar que, se tivesse caído algum cabelo meu no corpo dela, ou algum fiapo do meu casaco ou qualquer coisa assim, vocês poderiam associar a mim. Foi aí que me dei conta de que teria que ser eu a encontrá-la... eu não queria, por Deus, eu não queria vê-la, mas... passei o dia inteiro tentando pensar em uma desculpa para subir lá, mas tive medo de que pudesse parecer uma atitude suspeita. Eu estava... eu não conseguia

pensar. Só queria que aquilo tudo acabasse. Só que aí o Mark mandou a Mel ir trabalhar na mesa de pedra.

Ele suspirou, um ruído curto e cansado.

— E depois... ficou tudo até *mais fácil*. Pelo menos eu não tinha mais que ficar fingindo que estava tudo bem.

Bem que ele se apresentou meio desorientado no primeiro interrogatório, mas não o bastante para nos deixar desconfiados. Para um principiante ele até que tinha se saído muito bem.

— E quando conversamos com você... — comecei a dizer e depois parei.

Cassie e eu não nos entreolhamos, não movemos um só músculo, mas a compreensão daquilo entre nós dois chegou com uma violência tal que eu senti como um choque de uma cerca elétrica. Um dos motivos para levarmos a sério a história de Jessica sobre o Vulto de Agasalho foi que Damien havia colocado o mesmo sujeito praticamente na cena do crime.

— Quando conversamos com você — recomecei a pergunta após uma pequena pausa —, você inventou um sujeito grande vestindo um agasalho só para nos despistar.

— É. — Damien alternava olhares ansiosos de um de nós para o outro. — Me desculpem por isso. É que achei...

— Interrogatório suspenso — Cassie disse e saiu da sala. Acompanhei-a com um frio na barriga enquanto o fraco e apreensivo “Esperem... o que foi...?” de Damien soava atrás de nós.

Seguindo uma espécie de instinto em comum, não ficamos no corredor nem voltamos à nossa sala de trabalho. Entramos na sala ao lado, que tinha sido utilizada por Sam para interrogar Mark. Sobre a mesa ainda se viam os restos espalhados: guardanapos amarrotados, xícaras de isopor, respingos de um líquido escuro onde alguém tinha socado a mesa ou empurrado uma cadeira para trás.

— *Maravilha!* — Cassie exclamou, meio ofegando, meio rindo. — *Conseguimos, Rob!* — Ela atirou o bloco de anotações em cima da mesa e envolveu meus ombros com o braço. O gesto foi rápido, alegre e impensado e me deixou perturbado. Vínhamos trabalhando juntos com o velho e perfeito entrosamento de sempre, nos provocando um ao outro como se nunca houvesse acontecido nenhum problema, mas fora exclusivamente visando ao bem de Damien e porque era uma coisa que a investigação exigia; e eu achava que não teria que explicar isso para Cassie.

— É o que parece — falei.

— Quando ele finalmente confessou... nossa, acho que meu queixo deve ter praticamente batido no chão. Champanhe hoje à noite, quando terminarmos, e muito. — Ela expirou profundamente, apoiou-se na mesa e passou as mãos pelos cabelos. — Acho que você deveria ir buscar Rosalind.

Senti meus ombros retesarem.

— Por quê? — perguntei friamente.

— Ela não gosta de mim.

— Sim, eu sei disso. E por que acha que um de nós deveria ir buscá-la?

Cassie deteve-se e ficou me olhando.

— Rob, ela e Damien nos deram exatamente a mesma pista falsa. Só pode haver alguma ligação.

— Na verdade, foram Jessica e Damien que nos deram a mesma pista falsa.

— Você acha que Damien e *Jessica* estão mancomunados nesta história? Qual é?!

— Não acho que ninguém esteja mancomunado em história nenhuma. O que acho de verdade é que Rosalind já passou por mais do que o suficiente para uma existência, e que não há a mínima chance de que ela seja cúmplice do assassinato da irmã; portanto, não vejo sentido em arrastá-la até aqui e causar-lhe um trauma ainda maior.

Cassie sentou-se sobre a mesa e ficou me observando. Em seus olhos eu via uma expressão que não conseguia compreender.

— Você acha que aquele babaquinha planejou isso sozinho?

— Não sei e pouco me importo — respondi, ouvindo ecos de O’Kelly em minha voz, porém incapaz de impedir. — Talvez Andrews ou um de seus amiguinhos o tenha contratado. Pode ser que isso explique por que ele se esquivava de qualquer pergunta sobre o motivo do crime: pode estar com medo de que venham atrás dele se os delatar.

— Pois é, só que não temos absolutamente nada que o ligue a Andrews...

— Por enquanto.

— Mas temos uma coisa que o liga a Rosalind.

— Você ouviu o que eu disse? Eu disse “por enquanto”. O’Kelly pediu os registros telefônicos e o histórico financeiro dele. Quando chegarem, saberemos com o que estamos lidando e seguiremos com a investigação.

— Se tivermos que esperar até esses registros todos chegarem, Damien já terá se acalmado e pedido um advogado, e Rosalind terá visto a notícia da prisão no noticiário e planejará o que fazer. Sugiro que a tragamos agora mesmo e confrontemos os dois até descobrirmos o que está acontecendo.

Pensei na voz de Kiernan, ou na de McCabe; na sensação vertiginosa enquanto os elos de minha mente se soltavam e eu flutuava naquele céu azul infinitamente acolhedor.

— Não — eu disse. — Não vamos. A menina é *frágil*, Maddox. É impressionável, está extremamente tensa, acabou de perder a irmã e não sabe por quê. E a sua solução é *confrontá-la* com o assassino? Caramba, Cassie! Temos a responsabilidade de cuidar dela!

— Não temos não, Rob — Cassie disse categoricamente. — Não temos não. Isso é função do serviço de apoio às vítimas. Nossa responsabilidade é com Katy, é tentar descobrir a verdade sobre que droga aconteceu aqui, só isso e *nada mais*. Qualquer outra coisa vem depois.

— E se Rosalind entrar em depressão ou sofrer um colapso nervoso por ter sido pressionada por nós? Vai dizer que o problema também é do serviço de apoio às vítimas? Podemos prejudicá-la para a vida toda, você entende isso? Enquanto não tivermos nada muito mais conclusivo do que uma pequena coincidência, vamos deixar a menina em paz, caramba!

— Pequena *coincidência*? — Cassie afundou as mãos nos bolsos. — Rob, se isto estivesse acontecendo com outra pessoa que não Rosalind Devlin, o que você estaria fazendo agora?

Senti uma onda de raiva crescer dentro de mim, uma fúria pura, densa e desordenada.

— Não, Maddox. Não. Nem comece. Na verdade é justamente o contrário. Você nunca gostou dela, não é verdade? Tem andado louca por um motivo para ir atrás dela desde o início das investigações e, agora que Damien lhe oferece este fragmento patético como desculpa, você cai em cima dela como um cão faminto partindo para cima de um osso. Meu Deus, a coitadinha tinha me dito que é alvo de inveja de muitas mulheres, mas devo dizer que eu esperava mais de você. Pelo jeito me enganei.

— Inveja de... minha *nossa*, Rob, a sua audácia é impressionante! Eu esperava mais de você. Nunca imaginei que descartaria uma porra de uma *suspeita* simplesmente porque sente pena dela, porque gosta dela, porque está chateado comigo por alguma droga de motivo bizarro só seu...

Cassie estava se descontrolando rapidamente e eu encarava aquilo com um prazer meio involuntário. Minha raiva é fria, controlada e articulada, capaz de sufocar uma explosão de pavio curto como a de Cassie a qualquer momento.

— Você poderia não levantar a voz? — eu disse. — Está envergonhando a si mesma.

— Ah, você acha, é? Você é que é uma vergonha para toda esta porra de *divisão*. — Ela enfiou o bloco de anotações no bolso, amassando as folhas. — Estou indo buscar Rosalind Devlin...

— Não está não. Pelo amor de Deus, comporte-se como uma detetive, não como uma adolescente histérica atrás de uma vingança.

— Estou indo sim, Rob. E você e Damien podem fazer o que bem entenderem, podem se enfiar um dentro do rabo do outro e *morrerem* se depender de mim..

— Ora, isso certamente me coloca no meu lugar. Muito profissional.

— Que diabos está se passando pela sua *cabeça*? — Cassie perguntou elevando a voz e batendo violentamente a porta depois de sair. Eu escutei o eco reverberar, sonoro e agourento, pelo corredor.

Dei-lhe bastante tempo para que saísse, depois fui lá fora fumar um cigarro — Damien poderia cuidar de si mesmo como um rapazinho por mais alguns minutos. Estava começando a escurecer e a chuva ainda desabava torrencialmente grossa e apocalíptica. Virei a gola do paletó para cima e me espremi com desconforto na passagem da porta. Minhas mãos tremiam. Não era a primeira vez que Cassie e eu brigávamos, é claro que não. Parceiros discutem com a mesma ferocidade dos amantes. Uma vez deixei-a tão furiosa que ela socou a mesa com tanta força que seu pulso inchou, e nós ficamos sem nos falar durante quase dois dias. Porém, até isso tinha sido diferente; totalmente diferente.

Joguei fora meu cigarro molhado depois de uns tragos e voltei para dentro. Em parte eu queria mandar Damien para a área de processamento, voltar para casa e deixar Cassie se virar quando chegasse e visse que já tínhamos ido embora, mas eu sabia que não podia me dar a tal luxo: precisava descobrir o motivo, e a tempo de evitar que Cassie interrogasse Rosalind.

Damien tinha começado a se dar conta de sua situação. Estava quase frenético de tanta angústia, mordendo as cutículas e sacudindo os joelhos, e não conseguia parar de me fazer perguntas: O que iria acontecer depois? Iria para a cadeia? Por quanto tempo? A mãe dele ia enfartar, ela tem problema de coração... A cadeia era mesmo perigosa como mostram na TV?

Entretanto, sempre que eu chegava perto demais de abordar o motivo, ele se fechava: curvava-se sobre si mesmo como um ouriço, deixava de me olhar nos olhos e começava a alegar perda de memória. A discussão com Cassie parecia ter prejudicado meu ritmo; tudo parecia fora de equilíbrio e irritante, e por mais que me esforçasse, não conseguia que Damien fizesse qualquer coisa além de fitar a mesa e balançar a maldita cabeça.

— Está bem — falei, enfim. — Eu queria esclarecer uma pequena informação sobre o seu passado. Seu pai faleceu há nove anos, correto?

— Isso. — Damien ergueu o olhar com uma expressão indagadora. — Quase dez; o décimo aniversário do falecimento será no final de outubro. Será que eu... quando terminarmos aqui, será que eu posso, tipo, pagar a fiança e sair?

— A fiança só pode ser determinada por um juiz. A sua mãe trabalha?

— Não. Ela tem... já falei para você... — Com um gesto vago ele mostrou o peito. — Ela recebe pensão por invalidez. E meu pai nos deixou um pouco... Nossa, minha *mãe*! — Ele levantou-se de repente. — Ela deve estar enlouquecendo... que horas são?

— Acalme-se. Falamos com ela mais cedo; ela sabe que você está nos ajudando. Mesmo com o dinheiro deixado pelo seu pai, não deve ser fácil dar conta de todas as despesas.

— Como?... Hmm, a gente consegue, sim.

— Tudo bem. Se alguém lhe oferecesse muito dinheiro para fazer um servicinho, você se sentiria tentado, não é verdade? — Que se fodam Sam e O’Kelly: se o tio Redmond tinha contratado Damien, eu precisava saber naquela hora.

As sobrancelhas de Damien uniram-se no que pareceu uma perplexidade genuína.

— O quê?

— Eu poderia citar algumas pessoas com milhões de motivos para prejudicar os Devlin. Só que, Damien, elas não são do tipo que cuida do próprio serviço sujo. Costumam “terceirizar” tais serviços.

Fiz uma pausa, dando a ele a oportunidade de dizer alguma coisa. Sua expressão mal chegava a se mostrar confusa.

— Se estiver com medo de alguém — alertei-o com o máximo de delicadeza que consegui —, nós podemos protegê-lo. E, se alguém contratou você para matá-la, daí não é você o assassino de verdade, não é mesmo? É ele.

— O quê... Eu não... *O quê?* Está achando que alguém me *pagou* para, para... Meu Deus! Não!

A boca de Damien estava aberta com uma indignação genuína e ofendida.

— Ora, se não foi por dinheiro, por que foi que a matou, então?

— Já falei, não *sei!* Não me lembro!

Durante um instante extremamente desagradável me ocorreu imaginar se ele poderia, de fato, ter perdido parte da memória; e, se isso realmente aconteceu, por que e onde. Desconsiderei de imediato. Escutamos essa mesma desculpa a todo momento, e eu tinha visto a expressão no rosto dele ao deixar de mencionar a espátula: fora uma atitude intencional.

— Sabe, Damien, estou me esforçando ao máximo para ajudá-lo, mas não terei como se você não for sincero comigo.

— Estou *sendo* sincero! Não estou me sentindo bem...

— Não, Damien, não está não, e eu sei pelo seguinte: você se lembra das fotos que eu lhe mostrei? Lembra da que tinha Katy com a pele do rosto toda dobrada? Foi tirada na autópsia, Damien. E ela nos mostrou exatamente o que você fez com ela.

— Eu já disse...

Inclinei-me até o outro lado da mesa, parando o rosto bem próximo do dele.

— E depois, Damien, hoje de manhã encontramos a espátula no galpão de ferramentas. Acha mesmo que somos tão burros assim, porra? Vou lhe contar a parte que você deixou passar: depois de ter assassinado Katy, você abriu a calça dela, baixou a calcinha e introduziu o cabo da espátula dentro dela.

Damien levou as mãos até os lados da cabeça.

— Não... não...

— E agora você vem tentar me convencer de que aquilo *simplesmente aconteceu*? Estuprar uma criança com uma espátula não é uma coisa que *simplesmente acontece*, não sem um motivo muito bom, e é melhor você parar de merda e me contar logo de uma vez qual foi o seu. A não ser que você seja simplesmente um perverso doente. É isso, Damien? Você é um perverso?

A pressão foi demasiada. Com triste inevitabilidade, Damien — que, afinal, tinha vivido um dia de muitos traumas — começou novamente a chorar.

Passamos um longo tempo ali. Damien, com o rosto coberto pelas mãos, chorava e soluçava rouca e convulsivamente. Encostei-me na parede, me perguntando que diabos fazer com ele, e vez ou outra, quando ele parava para respirar, eu tentava mais uma vez, totalmente sem método, fazê-lo revelar seus motivos. Ele nunca respondia; não sei nem dizer com certeza se me ouvia. A sala estava quente demais e eu ainda sentia o cheiro das pizzas, forte e enjoativo. Eu não conseguia me concentrar. Só conseguia pensar em Cassie, em Cassie e Rosalind: se Rosalind tinha concordado em acompanhá-la; se estava suportando bem; se Cassie iria bater à porta a qualquer momento para colocá-la frente a frente com Damien.

Por fim, desisti. Já eram oito e meia da noite e aquilo não estava servindo para nada: Damien já tinha atingido seu limite, nem o melhor investigador do mundo conseguiria tirar nada coerente dele àquela altura, e eu tinha consciência de que deveria ter percebido aquilo muito antes.

— Venha — falei com ele. — Vá jantar e descansar. Amanhã a gente volta a tentar.

Ele ergueu os olhos. Tinha o nariz vermelho e os olhos inchados e semicerrados.

— Eu posso ir... para casa?

Você acabou de ser preso por homicídio, idiota, o que acha...?

Eu não estava com muita energia para sarcasmos.

— Você vai passar a noite aqui conosco — falei. — Vou pedir a alguém que venha buscá-lo. — Quando mostrei as algemas, ele ficou olhando para elas como se fossem algum instrumento medieval de tortura.

A porta da câmara de observação estava aberta e, quando passamos, vi O’Kelly de pé em frente ao vidro, com as mãos nos bolsos e balançando nos calcanhares. Senti meu coração dar um salto. Cassie deveria estar na sala principal de interrogatório: Cassie e Rosalind. Pensei por um instante em entrar lá com elas, mas desisti na mesma hora: não queria que Rosalind me associasse de nenhuma forma a todo aquele fiasco. Entreguei Damien — ainda pasmo e com o rosto pálido, recuperando o fôlego como uma criança que estivera chorando — aos policiais e fui para casa.

O telefone fixo tocou por volta de quinze para a meia-noite. Apressei-me para pegá-lo, pois Heather tem regras para telefonemas após a hora em que ela se deita para dormir.

— Alô?

— Desculpa por ligar tão tarde, mas passei a noite toda tentando achar você — disse Cassie.

Eu deixara meu celular no silencioso, mas tinha visto as ligações não atendidas.

— Não posso conversar agora — eu disse.

— Rob, mas que merda, tenho uma coisa *importante*...

— Desculpe-me, preciso desligar — respondi. — Estarei no trabalho amanhã, ou você pode me deixar um recado. — Escutei o ruído rápido e penoso de Cassie prendendo a respiração, mas desliguei o telefone assim mesmo.

— Quem era? — Heather indagou, surgindo à porta de seu quarto usando uma camisola com uma gargantilha e com cara de sono e de mau humor.

— Era para mim — respondi.

— Cassie?

Fui para a cozinha, peguei uma forma de gelo e comecei a soltar os cubos dentro de um copo.

— *Ohhh!* — Heather exclamou, intencionalmente, atrás de mim. — Finalmente você dormiu com ela, não foi?

Joguei a forma de gelo de volta no congelador. É verdade que Heather me deixa em paz quando peço, mas nunca vale a pena: o resultado são suas caras feias, seus gestos de afetação e suas reprimendas falando de sua sensibilidade sem par que duram muito mais do que duraria a irritação original.

— Ela não merece isso — ela disse, e aquilo me deixou assustado. Heather e Cassie não se gostam. Uma vez, muito no início, levei Cassie lá em casa para jantar e Heather passou a noite inteira sendo ligeiramente grosseira e depois ficou horas após Cassie ter ido embora afofando as almofadas do sofá, rearrumando os tapetes e suspirando ruidosamente, enquanto Cassie, por sua vez, nunca voltou a mencionar o nome de Heather, fiquei sem saber direito de onde tinha saído aquele inesperado companheirismo feminino. — E eu também não — ela completou, voltou para o quarto e bateu a porta. Levei o gelo para o meu quarto e me servi uma forte dose de vodca com água tônica.

Como era de esperar, não consegui dormir. Quando a luz começou a infiltrar-se pelas cortinas, desisti: resolvi ir cedo para o trabalho para ver se conseguia descobrir qualquer coisa que me indicasse o que Cassie tinha conversado com Rosalind e para começar a preparar a ficha de Damien para enviar à promotoria pública. Só que ainda chovia forte, o trânsito já estava engarrafado e, claro, o Land Rover inventou de furar um pneu no meio da via e eu tive que parar no acostamento e me virar para trocá-lo com a água da chuva descendo por meu colarinho e todos os que estavam atrás de mim enfiando colericamente as mãos nas buzinas como se realmente fossem chegar a algum lugar se eu não estivesse atrapalhando. Chegou uma hora em que coloquei minha sirene no teto do carro, o que fez com que a maioria silenciasse.

Já eram quase oito horas quando cheguei ao trabalho. O telefone, como era inevitável, tocou logo que tirei meu casaco.

— Detetive Ryan falando — eu disse com um tom de aborrecimento. Eu estava encharcado, com frio, farto daquilo tudo, e minha vontade era voltar para casa e passar horas dentro da banheira com um copo de uísque; não queria saber daquilo.

— Na minha sala — disse O’Kelly. — Agora! — E desligou.

Meu corpo foi o primeiro a entender: gelei da cabeça aos pés, senti meu esterno contrair-se e ficou difícil respirar. Não sei como eu já sabia. Era evidente que vinha problema para cima de mim: quando O’Kelly quer apenas bater um papinho amigável, mete a cabeça na porta, grita “Ryan, Maddox, na minha sala!” e volta a desaparecer para já estar em seu lugar atrás de sua mesa quando você chega à sala dele. Convocações telefônicas são reservadas para quando vem por aí um esculacho. Poderia ter sido qualquer coisa, é claro — uma grande pista que eu tinha deixado escapar, Jonathan Devlin reclamando do meu comportamento, Sam irritando o político errado; mas eu sabia que não era.

O’Kelly estava de pé com as costas viradas para a janela e as mãos fechadas e afundadas nos bolsos.

— Adam Ryan, puta que pariu — ele disse. — E não lhe passou pela cabeça que eu deveria ficar sabendo de uma coisa dessas?

Fui engolido por uma onda de vergonha terrível. Meu rosto ardia. Desde a época da escola eu não sentia aquilo, aquela humilhação incondicional e esmagadora, aquele aperto profundo no estômago de quando você não tem nenhuma dúvida de que foi flagrado, de que caiu na arapuca e de que não há absolutamente nada que possa dizer para negar, escapar ou tornar a coisa melhor. Fiquei olhando para o lado da mesa de O’Kelly, tentando encontrar imagens no granulado da madeira falsa como um garotinho de escola, já condenado e só aguardando o castigo da palmatória. Eu havia imaginado meu silêncio como um gesto de independência admirável e desolada, uma atitude que um personagem de Clint Eastwood teria tomado, mas pela primeira vez eu a via como ela era em sua essência: míope, infantil, traidora e burra, burra, burra.

— Você tem ideia do quanto pode ter arruinado esta investigação? — O’Kelly me perguntou com frieza. Ele sempre fica mais eloquente quando está furioso, mais um motivo pelo qual o considero mais inteligente do que ele aparenta ser. — Pense um instante nas providências que um advogado de defesa dos bons pode tomar com essa nova informação, considerando a hipótese, agora remota, de esse caso algum dia chegar a um tribunal. Um dos dois principais investigadores do caso foi a única testemunha ocular, e a única vítima sobrevivente de um *caso relacionado* e não solucionado... Nossa mãe do céu! Enquanto qualquer homem normal sonha com boceta, um advogado de defesa sonha com investigadores como você. Ele pode acusá-lo de qualquer coisa, desde incapacidade de realizar uma investigação imparcial até de ser você próprio um suspeito em potencial, ou até mesmo das duas coisas. A imprensa, as teorias de conspiração e a turba que gosta de criticar a polícia vão adorar. Dentro de uma semana ninguém no país vai se lembrar de quem é que deve ser julgado neste caso.

Fiquei observando O’Kelly. O golpe inesperado, saído do nada enquanto eu ainda me recuperava do choque de ter sido desmascarado, me deixou atordoado e atônito. Parece inacreditável, mas juro que nunca tinha passado pela minha cabeça, nem sequer uma só vez em vinte anos, que eu pudesse ser suspeito do desaparecimento de Peter e Jamie. Não havia nenhuma insinuação desse tipo no arquivo do caso, nada. A Irlanda de 1984 era mais de Rousseau que de Orwell; crianças eram seres inocentes, acabados de sair das mãos de Deus, e teria sido uma afronta contra a natureza sugerir que pudessem também ser assassinas. Hoje em dia já se sabe que crianças matam. Eu era grande para um garoto de só doze anos, meus tênis estavam encharcados com o sangue de outra pessoa e a puberdade é uma época esquisita mesmo, enganosa e repleta de desequilíbrios. Súbita e claramente eu vi o rosto de Cassie no dia em que ela voltou depois de ter conversado com Kiernan: a discreta contração nos cantos da boca que deixavam transparecer que ela estava escondendo alguma coisa. Eu precisava me sentar.

— Todo mundo que você já prendeu vai exigir um novo julgamento sob a alegação de que você tem o histórico de sonegar provas materiais. Meus parabéns, Ryan: você acabou de arruinar todos os casos em

que já encostou o dedo.

— Então, eu deixo a investigação — eu disse por fim, feito um estúpido. Sentia meus lábios dormentes. Tive uma súbita imagem de dezenas de jornalistas tagarelando e gritando estridentemente na portaria do meu edifício, empurrando microfones em meu rosto e me chamando de Adam e exigindo saber todos os detalhes mais sangrentos. Heather adoraria: bastante melodrama e martírio para deixá-la satisfeita por uns quatro meses. Meu Deus.

— Não, você não vai deixar a porra da investigação. — O’Kelly perdeu a calma. — Você não vai deixar a porra desta investigação só porque eu não quero atizar a curiosidade de nenhum repórter que se considere mais espertinho e queira saber por que o tirei. Precisamos agora é evitar um estrago maior. Você não vai mais interrogar uma só testemunha e nem vai mais encostar em uma só prova que seja. O que você vai fazer daqui por diante é ficar sentado na sua mesa e tentar não piorar as coisas mais do que já fez. Vamos fazer o possível e o impossível para impedir que esta informação saia daqui. E depois que o julgamento de Donnelly chegar ao fim, se houver realmente um julgamento, você estará suspenso e aguardará a investigação.

Eu só conseguia pensar nas palavras “evitar um estrago maior”.

— Senhor, peço mil desculpas — falei o que me pareceu o que de melhor eu poderia dizer. Eu não fazia ideia do que significava estar suspenso. Passou pela minha cabeça uma imagem fugaz de um tira da TV atirando sua insígnia e sua arma sobre a mesa do chefe, e a imagem fechada em seu rosto escurecendo para a entrada dos créditos enquanto sua carreira virava fumaça.

— Suas desculpas não me servem de porra nenhuma — O’Kelly disse com um tom categórico. — Separe o que puder das denúncias que recebemos pelo telefone e classifique-as. Se alguma sequer mencionar o caso de 1984, nem termine de ler, passe-a diretamente para Maddox ou para O’Neill. — Ele se sentou à mesa, pegou o telefone e começou a discar. Eu fiquei lá parado em pé, olhando para ele por mais alguns segundos, até que me dei conta de que era para eu ir embora.

Retornei lentamente para a nossa sala — não sei direito por quê, mas eu não tinha a menor intenção de trabalhar com as denúncias; acho que eu devia estar em piloto automático. Cassie estava sentada de frente para o videocassete com os cotovelos apoiados sobre os joelhos, assistindo à fita em que eu interrogava Damien. Seus ombros curvados demonstravam seu cansaço; o controle remoto pendia de sua mão enquanto ela o segurava sem firmeza.

Senti uma pontada de aflição. Não tinha me passado pela cabeça, até aquele momento, me perguntar como O’Kelly ficou sabendo. Só ali que entendi, de pé à porta da nossa sala, olhando para ela: ele só poderia ter descoberto de um jeito.

Eu sabia perfeitamente que vinha tratando Cassie como lixo nos últimos tempos — embora pudesse argumentar que a situação era complicada e que eu tinha os meus motivos. Mas nada do que eu tinha feito com ela, absolutamente nada do que eu pudesse vir a fazer, justificava aquilo. Eu nunca poderia imaginar tamanha deslealdade. Com uma mulher desprezada, nem o diabo pode. Achei que fosse perder o controle das pernas.

Talvez eu tenha feito algum movimento ou som involuntário, não sei, mas Cassie virou-se bruscamente na cadeira e ficou olhando para mim. Depois de um segundo ela parou a fita e deixou o controle em cima da mesa.

— O que O’Kelly disse?

Ela sabia; ela já sabia, e meu último vestígio de dúvida desapareceu em meio a alguma coisa pesada arrastando-se em meu plexo solar.

— Serei suspenso assim que a investigação chegar ao fim — eu disse sem deixar transparecer emoção alguma. Minha voz parecia a de outra pessoa.

Os olhos de Cassie se arregalaram, horrorizados.

— Ai, que merda — ela falou. — Mas que merda, Rob... mas ele não o expulsou? Ele não... ele não demitiu você nem nada assim?

— Não, não fui expulso — falei. — Não graças a você. — Eu sentia o choque inicial começando a enfraquecer-se, e uma raiva inconsciente e cruel atravessando meu corpo como eletricidade, fazendo meu corpo inteiro tremer.

— Isso não é justo — Cassie protestou e eu escutei um leve tremor em sua voz. — Eu tentei alertá-lo. Liguei para você ontem à noite não sei quantas vezes...

— Já era um pouco tarde para se preocupar comigo àquela hora, não é mesmo? Deveria ter pensado nisso antes.

Os lábios de Cassie ficaram brancos e os olhos, enormes. Minha vontade era arrebentar aquela expressão estupefata e desentendida que ela trazia no rosto.

— Antes de *quê*? — ela exigiu saber.

— Antes de revelar detalhes de minha vida particular para O’Kelly. Está se sentindo melhor agora, Maddox? Acabar com a minha carreira compensou por eu não estar tratando você como uma princesinha esta semana? Ou ainda tem mais algum trunfo escondido na manga?

Depois de um instante ela disse, com bastante serenidade:

— Está achando que fui eu que contei a ele?

Eu quase ri.

— Estou. Para falar a verdade, estou, sim. Só cinco pessoas no mundo inteiro sabem disso, e, de alguma maneira, duvido de que meus pais ou um amigo que já não vejo há quinze anos tenha escolhido justamente este momento para ligar para o meu chefe e dizer: “Ah, a propósito, você sabia que antigamente o nome do Ryan era Adam?” Você deve achar que sou muito burro. Eu *sei* que foi você que contou, Cassie.

Ela não tinha tirado os olhos dos meus, mas alguma coisa neles havia mudado, e eu percebi que ela estava exatamente tão furiosa quanto eu. Com um gesto rápido ela pegou a fita que estava em cima da mesa e atirou-a em cima de mim. Esquivei-me por reflexo; a fita atingiu a parede no local onde minha cabeça estivera, tomou a direção oposta a mim e foi cair no canto da sala.

— Veja essa fita — Cassie disse.

— Não estou interessado.

— Veja essa fita agora mesmo ou, juro por Deus, vou garantir que amanhã de manhã a sua cara esteja estampada na primeira página de todos os jornais do país.

Não foi a natureza em si da ameaça que me pegou; foi mais o fato de ela tê-la feito, de ter usado o que tinha que ser seu trunfo. Aquilo fez alguma coisa faiscar dentro de mim: uma curiosidade desagradável e ambígua — ou talvez fosse somente uma percepção tardia do que eu deveria ter feito, sei lá — com uma premonição indistinta e terrível. Peguei a fita do chão e inseri-a no videocassete. Cassie, com as mãos na cintura, ficou me observando sem se mexer. Puxei uma cadeira e me sentei de frente para a tela com as costas viradas para Cassie.

Era a fita com a imagem embaçada e em preto e branco de Cassie interrogando Rosalind na noite anterior. A inscrição da hora na tela mostrava 20:27; na sala ao lado eu já estava praticamente desistindo de Damien. Rosalind estava sozinha na sala principal de interrogatório, reaplicando seu batom com a ajuda de um pequenino espelho dentro de um estojo. Ouviam-se sons ao fundo e levei um tempo para me dar conta de que eram conhecidos: soluços roucos e desamparados e a minha própria voz elevando-se acima deles, sem muita esperança.

— Damien, preciso que me explique por que fez isso. — Cassie tinha ligado o intercomunicador e o ajustado para captar o som da sala de interrogatório onde eu estava com Damien. A cabeça de Rosalind

ergueu-se; ela fitava o espelho que permitia a visualização da câmara de observação com o rosto totalmente inexpressivo.

A porta se abriu e Cassie entrou. Rosalind voltou a tampar o batom e guardou-o dentro da bolsa. Damien ainda chorava.

— Merda! — Cassie exclamou, lançando uma olhadela para cima, na direção do intercomunicador. — Peço desculpas. — E então o desligou; Rosalind abriu um sorrisinho de desgosto.

— Detetive Maddox interrogando Rosalind Frances Devlin — Cassie anunciou para a câmara. — Sente-se.

Rosalind não saiu do lugar.

— Eu prefiro não falar com você — ela disse com um tom frio e de rejeição que eu nunca a tinha ouvido usar. — Prefiro falar com o detetive Ryan.

— Lamento, mas não dá — Cassie disse com satisfação, puxando uma cadeira para si mesma. — Ele está conduzindo outro interrogatório e tenho certeza de que você escutou — ela completou com um sorriso tão discreto quanto irônico.

— Então eu volto quando ele estiver livre. — Rosalind apertou a bolsa sob o braço e dirigiu-se para a porta.

— Só um minuto, srta. Devlin — Cassie pediu com um novo tom ríspido na voz. Rosalind deixou escapar um suspiro e virou-se com as sobranceiras erguidas com desdém. — Existe algum motivo especial para você de repente se mostrar tão relutante em responder a perguntas relativas ao assassinato de sua irmã?

Percebi quando os olhos de Rosalind dirigiram-se ligeiramente para a câmara por um mero instante; contudo, seu discreto sorriso de indiferença continuava presente.

— Acho que sabe, detetive, se for sincera consigo mesma, que estou mais do que disposta a ajudar nas investigações de qualquer forma que me for possível. Só que eu simplesmente não quero falar com você, e tenho certeza de que sabe por quê.

— Digamos que eu não saiba.

— Ah, detetive, desde o princípio ficou bastante evidente que você não está nem aí para a minha irmã. Seu único interesse é flertar com o detetive Ryan. Não é contra as regras dormir com o seu parceiro?

Um novo jorro de fúria correu por meu corpo tão violentamente que cheguei a perder o fôlego.

— Pelo amor de Deus! É por causa disso que isto tudo está acontecendo? Só porque você achou que eu contei para ela... — Rosalind tinha dado um tiro no escuro, eu nunca dissera uma palavra sequer sobre aquilo para ela nem para qualquer outra pessoa; e Cassie achar que o fiz, e ainda se vingar daquela maneira, sem nem se incomodar em vir me perguntar...

— Fique quieto — ela disse com frieza, atrás de mim. Apertei uma mão contra a outra e fiquei olhando para a TV. Eu estava quase cego de raiva.

Na tela, Cassie nem sequer vacilara; tinha a cadeira inclinada, apoiada nas duas pernas detrás, e agitava a cabeça para os lados, gostando daquilo.

— Lamento, srta. Devlin, mas não costumo me deixar distrair tão facilmente assim. A vontade do detetive Ryan e a minha são exatamente as mesmas no que tange à morte de sua irmã: queremos descobrir quem a matou. Portanto, repito a pergunta: por que você, tão repentinamente, não quer mais falar sobre isso?

Rosalind riu.

— Exatamente as mesmas? Ah, não concordo não, detetive. Ele tem uma ligação muito especial com este caso, não é mesmo?

Mesmo naquela imagem embaçada, vi a ligeira piscada de surpresa de Cassie e o brilho feroz de êxito na expressão de Rosalind no momento em que percebeu que tinha, daquela vez, pegado Cassie.

— Ah... — ela falou amavelmente. — Está me dizendo que você não sabia?

Ela deteve-se por uma mera fração de segundo, o suficiente para intensificar o efeito, mas para mim pareceu durar uma eternidade; porque eu sabia, com uma sensação horrenda e turbilhonante do inevitável, eu sabia o que ela iria dizer. Creio que eu deva ter sentido o mesmo que um dublê sente quando uma queda sai terrivelmente errada, ou quando um jóquei decola de cima do cavalo a toda velocidade. Aquela estranhamente calma fração de tempo, pouco antes de seu corpo estilhaçar-se no choque com o solo, quando a sua mente apaga tudo, menos aquela certeza única e simples: *Então chegou a hora. Lá vem bomba.*

— Ele é o garoto cujos amigos desapareceram em Knocknaree há séculos — Rosalind contou para Cassie com a voz aguda, harmoniosa e quase desinteressada; a não ser por um minúsculo e presunçoso indício de satisfação, ela não passava nada. Absolutamente nada. — Adam Ryan, o que sobreviveu. Parece que ele não lhe conta tudo, afinal, não é mesmo? — Eu tinha imaginado, poucos minutos antes, que não havia maneira alguma de eu me sentir pior do que estava me sentindo e permanecer vivo.

Cassie, na tela, desceu as pernas da frente da cadeira e ficou esfregando a orelha com os dedos. Ela mordia o lábio para conter um sorriso, mas eu não conseguia adivinhar o que ela estava fazendo.

— Ele lhe contou isso?

— Contou, sim. Nós nos tornamos bastante próximos, para dizer a verdade.

— Por acaso ele também lhe contou que tinha um irmão que morreu quando ele tinha dezesseis anos? Que cresceu em um lar para crianças abandonadas? Que o pai dele era alcoólatra?

Rosalind ficava só olhando. O sorriso havia desaparecido de seu rosto e os olhos estavam apertados e faiscando.

— Por quê?

— Só para eu saber. Às vezes ele também usa essas... depende — disse Cassie, com um tom entre o deleite e o embaraço. — Rosalind, não sei como vou lhe dizer isto, mas é que às vezes, quando um investigador está tentando criar uma relação com uma testemunha, ele diz coisas que não são exatamente verdadeiras. Coisas que ele acha que vão ajudar a testemunha a sentir-se suficientemente à vontade com ele para compartilhar alguma informação. Entendeu?

Rosalind continuava olhando, imóvel.

— Escute — Cassie pediu com delicadeza —, tenho certeza absoluta de que o detetive Ryan nunca teve um irmão, de que o pai dele é um cara muito legal e sem qualquer tendência para o alcoolismo e de que ele foi criado em Wiltshire, por isso o sotaque, que nem fica perto de Knocknaree. E também não foi criado em um lar para crianças abandonadas de lá. Mas qualquer coisa que ele tenha lhe dito, eu sei que a única intenção dele foi tornar mais fácil para você nos ajudar a descobrir o assassino de Katy. Não fique chateada com ele por causa disso. Está bem?

A porta abriu com um solavanco, Cassie saltou um quilômetro e meio no ar de susto; Rosalind permaneceu imóvel e nem sequer tirou os olhos do rosto de Cassie — e O'Kelly, reduzido a uma bolha pelo ângulo da câmara, porém imediatamente reconhecível devido à calvície já avançada, entrou na sala inclinando-se.

— Maddox, preciso falar com você.

O'Kelly, enquanto eu saía da sala com Damien: na câmara de observação, balançando nos calcanhares, olhava insistente e impacientemente pelo vidro. Eu não conseguia mais assistir àquilo. Eu me atralhei com o controle remoto, parei a fita e fiquei olhando, desconcertado, para o quadrado azul vibrante.

— Cassie... — eu disse, depois de muito tempo.

— Ele me perguntou se era verdade — ela comentou equilibradamente como se estivesse lendo um relatório em voz alta. — Falei que não e que, se fosse, eu achava difícil que você fosse revelar logo para ela.

— Eu não... — hesitei. Eu achava importante que ela soubesse daquilo. — Não revelei. Conte para ela que dois amigos meus desapareceram quando éramos pequenos, para que ela entendesse que eu compreendia o que ela estava passando. Nunca imaginei que ela pudesse conhecer a história de Peter e Jamie e depois ainda ligar os fatos. Nunca me passou pela cabeça.

Cassie esperou que eu terminasse.

— Ele me acusou de lhe dar cobertura — ela revelou quando eu parei de falar. — E completou afirmando que deveria ter nos separado há muito tempo. Disse que iria comparar as suas impressões digitais com as do caso de 1984, mesmo que para isso tivesse que tirar da cama um perito em impressões digitais, ainda que levasse a noite inteira. Se as digitais batessem, nós dois teríamos sorte se não perdêssemos os nossos empregos. Daí ele ordenou que eu mandasse Rosalind de volta para casa. Então, entreguei-a a Sweeney e comecei a ligar para você.

Em algum lugar de minha cabeça eu ouvi um estalo minúsculo e irrevogável. A memória superdimensiona tudo e o estalo vira uma fratura dolorosa, mas a verdade é que foi justamente sua pequenez que fez dele uma coisa tão terrível. Permanecemos ali sentados sem nos falar por bastante tempo. O vento lançava as gotas da chuva contra a janela. Uma hora escutei Cassie respirar fundo e achei que talvez estivesse chorando, mas, quando ergui o olhar, não notei lágrimas em seu rosto; estava pálido e comedido e muito, muito triste.

Continuávamos sentados da mesma maneira quando Sam entrou.

— O que houve? — ele perguntou, passando a mão nos cabelos para se livrar da água da chuva e acendendo as luzes.

Cassie ergueu a cabeça.

— O’Kelly quer que você e eu tentemos novamente descobrir o motivo de Damien. Agentes estão trazendo-o para cá.

— Que ótimo — disse Sam. — Vamos ver se um rosto novo não dá uma sacudida nele. — Ele entendeu o que estava acontecendo com uma só olhada e fiquei me perguntando o que ele estava imaginando; me perguntei ainda, pela primeira vez, o quanto será que ele sabia no decorrer de todo aquele tempo e simplesmente deixou correr solto.

Ele puxou uma cadeira, sentou-se próximo de Cassie e eles começaram a discutir estratégias para confrontar Damien. Os dois nunca haviam interrogado ninguém juntos; suas vozes eram incertas, porém determinadas; a de um condescendente à do outro, e elevando-se em pequenos e ilimitados pontos de interrogação: você acha que devemos...? E se nós...? Cassie voltou a pôr as fitas no videocassete e colocou para Sam ver trechos do interrogatório da noite anterior. O fax zumbiu e cuspiu o registro de ligações do celular de Damien. Cassie e Sam curvaram-se sobre as folhas com um marcador de texto, cochichando.

Quando eles finalmente foram embora — Sam acenando para mim com um breve gesto de cabeça por sobre o ombro — fiquei aguardando na sala vazia até ter certeza de que já deveriam ter começado e depois saí a procurá-los. Estavam na sala principal de interrogatório. Entrei meio que às escondidas na câmara de observação, sentindo as orelhas em brasa, como alguém entrando em uma loja de material pornográfico. Eu sabia que aquilo seria a última coisa no mundo que eu iria querer ver, mas também não sabia como ficar longe.

Eles deixaram o ambiente o mais aconchegante possível: casacos, bolsas e cachecóis jogados sobre as cadeiras, a mesa farta com café, sachês de açúcar, telefones celulares, uma garrafa d’água e um prato com pães doces açucarados do bar que ficava perto do castelo. Damien, todo amarrotado com o mesmo casaco que ficava grande demais nele e a mesma calça — parecia ter dormido vestido daquela maneira —, envolvia-se com os próprios braços e observava à sua volta, com os olhos arregalados; depois do caos hostil de uma cela de cadeia, aquilo tudo provavelmente parecia a ele um refúgio esplendoroso, seguro, caloroso e quase acolhedor. De alguns ângulos dava para ver uma penugem de uma barba clara e ridícula começando a nascer em seu queixo. Cassie e Sam conversavam animadamente, empoleirados sobre a mesa e reclamando do clima, e ofereceram leite a Damien. Escutei passos no corredor e fiquei nervoso na mesma hora — se fosse O’Kelly, me expulsaria e me mandaria de volta para as denúncias telefônicas, já que eu não tinha mais nada a ver com aquela história —, mas o barulho seguiu em frente. Apoiei a testa no vidro de observação e fechei os olhos.

Cassie e Sam passaram com Damien primeiro por detalhes seguros e insignificantes. As vozes dos dois se entrelaçavam habilmente, reconfortantes como canções de ninar: como conseguiu sair de casa sem acordar sua mãe? É mesmo? Eu também fazia isso quando era adolescente... Já tinha feito ou foi a primeira vez? Nossa, que café horrível, quer uma Coca-Cola ou alguma outra coisa para beber? Eles

formavam uma boa dupla, Cassie e Sam; eram bons. Damien estava, de fato, se acalmando. Uma vez até riu, com um bufar curto e patético.

— Você participa da campanha do Devlin para a mudança da rodovia, correto? — Uma hora ou outra Cassie teria que abordar o assunto, e o fez de forma tão tranquila quanto antes; ninguém além de mim teria sido capaz de reconhecer a ligeira elevação em seu tom que deixava evidente que ela estava indo ao que interessava. Abri os olhos e me pus ereto. — Quando se envolveu com eles?

— Na primavera — Damien respondeu sem dificuldade —, tipo março ou mais ou menos por aí. Tinha um folheto no quadro de avisos do departamento lá na faculdade falando de uma manifestação. Eu já sabia que passaria o verão trabalhando em Knocknaree, e daí me senti meio que... sei lá, ligado à causa? Daí eu fui.

— Seria a manifestação de 20 de março? — Sam perguntou, folheando os papéis e coçando a cabeça. Ele estava representando à perfeição o papel do policial do interior, cordial e sem pressa.

— É, acho que sim. Foi em frente ao Dáil, se a informação for de alguma utilidade. — Damien parecia quase misteriosamente à vontade àquela altura, inclinando-se para a frente até o outro lado da mesa, brincando com o copo de café, loquaz e ávido como se estivesse em uma entrevista de emprego. Eu já havia visto coisas assim acontecerem, sobretudo com principiantes: eles não têm o costume de nos imaginar como inimigos e, depois que passa o choque da captura, ficam calmos e prestativos com o puro alívio provocado pelo fim da longa tensão.

— E foi lá que você se inscreveu na campanha?

— Foi. Knocknaree é um sítio arqueológico muito importante, já é habitado desde...

— Mark nos contou — disse Cassie, exibindo um sorriso largo. — Como você já deve ter imaginado. Foi lá que conheceu Rosalind Devlin, ou já a conhecia?

Uma pausa breve e confusa.

— O quê? — Damien perguntou.

— Era ela que estava na mesa de inscrições nesse dia. Era a primeira vez que a via?

Mais uma pausa.

— Não sei de quem está falando — Damien disse por fim.

— Qual é, Damien? — Cassie protestou, curvando-se para a frente para tentar entrar no campo visual de Damien; ele fitava só o interior do copo de café. — Você vinha se saindo muito bem até este momento, não vá me decepcionar logo agora, está bem?

— O registro do seu celular está repleto de ligações e de torpedos para Rosalind — Sam revelou, exibindo as várias folhas cheias de trechos marcados e colocando-as à frente de Damien, que ficou a olhá-las com um ar inexpressivo.

— Por que não iria querer que soubéssemos da amizade de vocês dois? — Cassie perguntou. — Não há nada de mau nisso.

— Não quero que ela seja arrastada para dentro desta história — Damien falou, com os ombros começando a mostrar tensão.

— Não queremos arrastar ninguém para dentro de história nenhuma — Cassie disse com delicadeza. — Nossa única intenção é descobrir o que aconteceu.

— Eu já contei.

— Eu sei, eu sei. Colabore conosco, está bem? Temos apenas que esclarecer alguns detalhes. Foi lá que vocês se conheceram, na manifestação?

Damien levou a mão até os registros telefônicos de seu celular e tocou-os com um dedo.

— Foi — ele confirmou. — Quando me inscrevi. Ficamos conversando.

— Vocês se deram bem e aí mantiveram contato?

— Isso. Acho que foi.

Nessa hora eles aliviaram a pressão. Quando começou a trabalhar em Knocknaree? Por que escolheu aquela escavação? Pois é, também me pareceu fascinante... Pouco a pouco, Damien foi novamente se acalmado. Ainda chovia e grossas cortinas de água desciam pelas janelas. Cassie foi buscar mais café e retornou com uma expressão de culpa de quem faz alguma travessura. Trazia um pacote de biscoitos recheados roubado da cantina. Não havia mais pressa, agora que Damien já tinha confessado. A única coisa que ele poderia fazer seria exigir um advogado, e o conselho que ele lhe daria seria contar exatamente o que eles estavam tentando descobrir; um cúmplice significaria divisão da culpa, confusão, tudo que mais preza um advogado de defesa. Cassie e Sam tinham o dia inteiro, a semana inteira, o tempo que fosse necessário.

— Quanto tempo levou para você e Rosalind começarem a namorar? — Cassie perguntou depois de um tempo.

Damien estivera dobrando o canto de uma das folhas do registro de seus telefonemas em pequenas pregas, mas olhou rapidamente para cima quando ouviu aquilo, assustado e precavido.

— O quê? A gente não... hmm, não somos. Somos apenas amigos.

— Damien — Sam disse com um tom de repreensão, batendo de leve nas folhas —, dê só uma olhada nisto aqui. Você liga para ela três, quatro vezes por dia, manda meia dúzia de torpedos, as conversas no meio da noite duram horas...

— Nossa, eu já fiz tudo isso... — Cassie disse como se recordasse de tempos remotos. — O que a gente não gasta de crédito de celular quando está apaixonado...

— Você não liga para nenhum dos seus outros *amigos* nem um quarto das vezes que liga para ela. Ela representa noventa e cinco por cento da sua conta de telefone, cara. E não tem nada de errado nisso. Ela é uma mocinha linda e você é um jovem simpático; por que não poderiam namorar?

— Só uma coisa — Cassie disse subitamente, sentando-se ereta. — Rosalind teve *participação* nisso? É por isso que não quer falar dela?

— Não! — Damien quase gritou. — Deixem-na em paz!

Cassie e Sam ficaram só olhando, com as sobrancelhas erguidas.

— Desculpem-me — ele murmurou depois de um instante, deixando os ombros caírem. Tinha ficado com uma cor vermelha viva. — Eu só... quer dizer, ela não teve nada a *ver* com o que eu fiz. Será que não dá para deixá-la fora disto?

— Então para que tanto segredo, Damien? — Sam perguntou. — Já que ela não teve nenhuma participação?

Ele deu de ombros.

— Porque sim. Não contamos para ninguém que estávamos namorando.

— Por quê?

— Simplesmente não contamos. O pai dela teria ficado furioso.

— Ele não gostava de você? — Cassie perguntou com o tom certo de espanto para agradar ao garoto.

— Não, não foi por isso. Eles não a deixam namorar. — Damien alternava olhadelas nervosas e rápidas entre os dois. — Será que não daria para vocês... vocês sabem como é... será que dá para não contar nada para ele? Por favor.

— Qual você considera que seria a extensão da fúria dele — Cassie perguntou com muito jeito — exatamente?

Damien arrancava pedaços do copo de isopor.

— Eu só queria que ela não tivesse problemas. — Mas ele ainda estava vermelho e respirava rapidamente; ali tinha coisa.

— Uma testemunha — Sam comentou — nos disse que Jonathan Devlin pode ter agredido Rosalind recentemente pelo menos uma vez. Sabe dizer se é verdade?

Um rápido pestanejar e um dar de ombros.

— Como posso saber?

Cassie lançou um olhar rápido na direção de Sam e voltou a pisar no freio.

— E aí, como vocês faziam para se encontrar sem que o pai dela descobrisse? — ela perguntou, gesticulando como se aquilo fosse algum segredo.

— No princípio, apenas nos encontrávamos na cidade nos fins de semana e saíamos para tomar café, essas coisas. Rosalind dizia aos pais que iria se encontrar com a amiga Karen, da escola, e assim eles não criavam problema. Depois, hmm... depois passamos a nos encontrar à noite. No sítio. Eu ia para lá e ficava esperando até que os pais dela já tivessem dormido e ela pudesse sair escondida. Ficávamos sentados na mesa de pedra, ou às vezes dentro do galpão de achados, caso estivesse chovendo, e ficávamos só conversando.

Era fácil imaginar, fácil e sedutoramente lindo: uma manta cobrindo os ombros deles, o céu do interior repleto de estrelas e a luz do luar transformando a paisagem acidentada da escavação em uma coisa frágil e assombrada. Sem dúvida todo o segredo e as dificuldades davam uma emoção ainda maior ao romance, que carregava consigo o tão primitivo quanto irresistível poder do mito: o pai cruel, a formosa donzela enclausurada em sua torre, cercada por espinheiros e clamando por resgate. Eles haviam criado o próprio mundinho noturno e escondido deles dois e, para Damien, deve ter sido um mundo muito lindo.

— Às vezes ela vinha para a escavação com Jessica e eu lhes mostrava tudo. Não conseguíamos conversar muito porque podia ter gente olhando, mas... era só para nos vermos... e teve uma vez, em maio... — Ele abriu um sorriso discreto, acanhado e reservado enquanto olhava para baixo, para as próprias mãos. — É que eu trabalhava meio expediente em uma delicatessen, preparando sanduíches, e daí guardei o bastante para que pudéssemos passar um fim de semana inteiro fora, viajando. Fomos de trem até Donegal e ficamos em uma pousadinha. Nos registramos como se... como se fôssemos casados. Rosalind tinha dito para os pais que iria passar o fim de semana na casa da Karen, para estudar para as provas do colégio.

— E o que saiu errado? — Cassie perguntou, e eu percebi novamente a tensão na voz dela. — Katy descobriu o caso de vocês?

Damien ergueu o olhar, assustado.

— O quê? Não. Meu Deus, não. Nós éramos extremamente precavidos.

— Então, o que houve? Ela andava perturbando Rosalind? Às vezes as irmãs mais novas são bastante irritantes.

— Não...

— Rosalind tinha ciúmes da atenção que Katy vinha recebendo? Foi isso?

— Não! Rosalind não é assim... ela ficava feliz por Katy! E eu não teria *assassinado* uma pessoa só por causa... eu não sou... não sou *maluco*!

— Nem violento — Sam completou, atirando mais uma pilha de papéis na frente de Damien. — É o que as pessoas disseram de você. As recordações que seus professores têm é de que você evitava as brigas, e não que as iniciava. Acha que isso procede?

— Pode ser...

— Então você matou-a, afinal, só para ver qual era a sensação? — Cassie cortou-o. — Queria saber o que sentiria ao matar uma pessoa?

— *Não!* O que você quer...

Sam deu a volta pela mesa, surpreendentemente rápido, e curvou-se ao lado de Damien.

— Seus colegas do sítio nos contaram que George McMahon ficava perturbando você, do mesmo jeito que fazia com todo mundo, mas que você foi um dos poucos que nunca perdeu a paciência com ele. Então, o que o deixou tão irritado a ponto de matar uma menina que nunca lhe fez mal?

Damien retraiu-se dentro de seu casaco, com o queixo contraído contra o pescoço, e agitou a cabeça negativamente. Sam e Cassie tinham atacado rápida e violentamente demais; estavam perdendo-o.

— Ei. Olhe para mim. — Sam estalou os dedos bem próximos do rosto de Damien. — Está me achando parecido com a sua mamãezinha?

— Quê? Não... — A imprevisão da pergunta o fez voltar à realidade; seus olhos, assustadiços e infelizes, voltaram a erguer-se velozes.

— Percebeu bem. É porque eu não sou a sua mamãezinha e porque isto aqui não é uma coisinha qualquer da qual você pode se safar fazendo bico. É coisa séria. Você atraiu uma menina inocente, tirou-a de casa no meio da noite, golpeou a cabeça dela, sufocou-a, ficou olhando enquanto ela morria, depois ainda a estuprou com uma espátula — Damien retraiu-se violentamente — e agora quer nos convencer de que fez tudo isso sem motivo nenhum? É o que vai dizer para o juiz? Que espécie de sentença você acha que ele vai aplicar?

— Vocês não *entendem!* — Damien gritou, e sua voz falhou como a de um garotinho de treze anos.

— Eu sei, eu sei que nós não entendemos, Damien, mas eu estou disposta a entender. Me ajude a entender, Damien. — Cassie estava curvada para a frente e segurava as duas mãos dele entre as dela, forçando-o a olhá-la nos olhos.

— Vocês não entendem! “Menina inocente”? Todo mundo acha que era, que Katy era uma *santa*, sempre a consideraram tão perfeita... mas não era *assim!* Só porque era uma criança, não significa que era... vocês não acreditariam se eu lhes contasse algumas das coisas que ela fazia, não iriam mesmo acreditar em mim.

— Eu acredito — disse Cassie, suave e insistentemente. — O que quer que tenha para me contar, Damien, já vi coisa pior trabalhando neste meio. Eu acredito em você. Experimente.

O rosto de Damien estava vermelho e inchado, e suas mãos tremiam entre as de Cassie.

— Ela fazia o pai irritar-se com Rosalind e Jessica. Tipo... o tempo todo, elas estavam sempre com medo. Ela simplesmente inventava as coisas e contava para ele... que Rosalind brigava com ela, que Jessica mexia nas coisas dela, ou alguma coisa assim... nem era *verdade*, ela simplesmente inventava, e ele sempre *acreditava* nas invencionices dela. Teve uma vez que Rosalind tentou dizer a ele que não era verdade, ela estava tentando proteger Jessica, mas ele simplesmente... ele simplesmente...

— O que ele fez?

— Ele bateu nelas! — Damien gritou, erguendo a cabeça, e seus olhos, parecendo em brasa, fixaram-se nos de Cassie. — Ele as espancava! Uma vez fraturou o crânio de Rosalind com um *atiçador de lareira*. Também já atirou Jessica contra a parede, quebrando o *braço* dela... Ele... pelo amor de Deus... ele *tramava* com elas. E Katy... ela ficava assistindo e *rindo!* — Ele arrancou as mãos das de Cassie e limpou as lágrimas furiosamente com a parte de trás do pulso. Damien respirava com dificuldade, quase sem fôlego.

— Está querendo dizer que Jonathan Devlin mantinha relações sexuais com as filhas? — Cassie perguntou com serenidade e com os olhos enormes de tão arregalados.

— Isso. Isso. Ele transava com todas as três. E a Katy... — O rosto de Damien contorcia-se. — E a Katy ainda *gostava*. Não é uma coisa doentia? Como uma pessoa pode...? É por isso que ela era a predileta dele. Ele odiava Rosalind porque ela... não queria... — Ele mordeu a parte de trás da mão e chorou.

Percebi que eu já estava prendendo a respiração havia tanto tempo que fiquei tonto; também achei que fosse vomitar. Curvei-me contra o vidro gelado e me concentrei em respirar vagarosa e equilibradamente. Sam pegou um lenço de papel e entregou-o a Damien.

A não ser que eu fosse ainda mais burro do que já tinha provado que era, Damien acreditava em cada palavra do que estava dizendo. Por que não? Vemos coisa pior nos jornais toda semana, crianças de colo sendo estupradas, passando fome dentro de porões, membros de bebês arrancados... À medida que a

mitologia particular deles dois preenchia cada vez mais a mente de Damien, por que não a irmã perversa fazendo a Cinderela passar por maus bocados?

E, embora não seja absolutamente uma coisa fácil de se admitir, eu também queria acreditar naquela história. Por um instante, quase consegui. O sentido que aquilo tudo fazia era tão perfeito; explicava e justificava tanta coisa, quase tudo. Porém, diferentemente de Damien, eu havia visto o histórico médico das duas meninas e o laudo da autópsia de Katy. Jessica tinha quebrado o braço ao cair de um trepa-trepa na frente de pelo menos cinquenta testemunhas, e Rosalind nunca teve uma fratura no crânio; Katy tinha morrido virgem. Comecei a suar frio.

Damien assoou o nariz.

— Não deve ter sido fácil para Rosalind lhe contar isso tudo — Cassie disse com moderação na voz. — Foi muito corajoso da parte dela. Sabe se ela já tinha tentado contar para alguma outra pessoa?

Ele negou com um gesto da cabeça.

— Ele sempre ameaçava matá-la se ela contasse para alguém. Fui o primeiro em quem ela confiou o suficiente para contar. — Ouvia-se na voz dele alguma coisa parecida com surpresa, surpresa e orgulho. E, por trás das lágrimas, o rosto de Damien iluminou-se com um esplendor acanhado e receoso. Ele pareceu, durante um instante, um jovem cavaleiro em busca do Cálice Sagrado.

— E quando ela lhe contou isso? — Sam perguntou.

— Foi meio que aos poucos. Como vocês próprios disseram, foi difícil para ela. Até... tipo... maio ela ainda não tinha dito nada... — A vermelhidão do rosto de Damien acentuou-se ainda mais. — Quando nos hospedamos na pousada, estávamos... hmm... estávamos nos beijando e eu tentei colocar a mão... nos seios dela. Rosalind ficou meio irritada, me empurrou e disse que não era dessas, e acho que fiquei meio surpreso. Eu não esperava que fosse ser um problema. Já estávamos namorando... tipo... havia um mês. Quer dizer, eu sei que isso não me dá o direito de... mas... de qualquer forma, fiquei apenas assustado, mas Rosalind ficou toda preocupada, sem querer que eu ficasse chateado com ela. Foi quando ela... ela me contou o que o pai vinha fazendo com ela. Para explicar por que tinha ficado tão esquisita.

— E o que você disse? — Cassie perguntou.

— Falei que ela devia sair de lá! Eu queria que arrumássemos um apartamento para morarmos juntos, poderíamos ter conseguido o dinheiro. Eu ia começar a trabalhar na escavação e Rosalind poderia ter feito trabalhos como modelo. Um sujeito de uma agência importante a viu e ficava insistindo em que ela poderia ser uma supermodelo, só que o pai nunca permitiria... Eu não queria que ela voltasse nunca mais para aquela casa, só que ela não aceitava. Dizia que não abandonaria Jessica. Dá para imaginar que tipo de pessoa você tem que ser para fazer um negócio desses? Ela voltou para *aquilo* só para proteger a irmã. Nunca conheci ninguém com tamanha coragem.

Se ele fosse só alguns anos mais velho, aquela história teria feito com que ele ligasse imediatamente para a polícia, para a linha de proteção à criança, para qualquer um. Mas ele tinha só dezenove anos e os adultos ainda eram estranhos mandões que não entendiam, a quem nada deveria ser dito, porque acabariam interferindo e arruinando tudo. Provavelmente nunca tinha sequer passado pela cabeça dele pedir auxílio.

— Ela até disse... — Damien desviou o olhar. Estava começando a chorar de novo. Pensei, vingativamente, que ele iria passar por sérias complicações na cadeia se continuasse a chorar por qualquer coisinha. — Ela me disse que talvez nunca fosse conseguir... conseguir fazer amor comigo. Por causa das lembranças ruins. Ela não sabia se algum dia conseguiria confiar tanto em alguém. Foi então que ela disse que, se eu quisesse terminar o namoro para tentar encontrar uma namorada normal, ela disse isso, de fato, *normal*, ela compreenderia. Ela só pediu que, se eu fosse mesmo terminar, eu deveria fazê-lo logo, antes que ela começasse a gostar demais de mim..

— Mas você não quis — Cassie concluiu com serenidade.

— Claro que não — Damien disse com simplicidade. — Eu a amo. — Eu via alguma coisa na expressão dele, uma inocência profunda que, acreditem se quiserem, eu invejava.

Sam entregou-lhe mais um lenço de papel.

— Só tem uma coisa que eu não entendo — ele disse com uma voz grossa e retumbante, porém num tom tranquilo e suave. — Sua intenção era proteger Rosalind. Até aí, tudo bem, claro, qualquer homem iria querer o mesmo. Mas por que se livrar de Katy? Por que não de Jonathan? Se fosse comigo, era em cima dele que eu iria, não dela.

— Também falei isso — disse Damien, para logo depois deter-se, com a boca aberta, como se tivesse dito alguma coisa incriminatória. Cassie e Sam voltaram a olhar afavelmente para ele e ficaram à espera.

— Hmm — ele reagiu depois de um instante. — É que teve uma noite em que a barriga de Rosalind não parava de doer, e eu finalmente consegui fazer com que ela contasse a verdade, ela não queria me contar, mas ele tinha... ele tinha dado um soco na barriga dela. Tipo umas quatro vezes. Só porque Katy contou para ele que Rosalind não queria deixá-la trocar de canal para ver alguma coisa sobre balé na TV.. e nem era *verdade*, ela teria trocado, se Katy tivesse pedido... eu só... eu não estava mais aguentando. Pensava nisso toda noite, no que ela estava passando, e não conseguia dormir... eu não podia simplesmente deixar aquilo tudo continuar *acontecendo*!

Ele respirou e recuperou o controle da voz. Cassie e Sam assentiram de maneira compreensiva.

— Eu falei... hmm... falei que ia matá-lo. Rosalind... ela não conseguia acreditar que eu fosse realmente fazer aquilo por ela. E tá, acho que eu estava meio que... brincando não, mas tipo... não estava falando absolutamente sério sobre *fazer* aquilo. Eu nunca tinha sequer pensado em fazer uma coisa dessas em toda a minha vida. Mas quando vi o quanto significava para ela eu simplesmente ter dito... ninguém nunca tinha tentado protegê-la... ela estava quase chorando, e Rosalind não faz o tipo de garota que chora, ela é uma pessoa muito forte.

— Tenho certeza de que é mesmo — disse Cassie. — Então, por que não foi atrás de Jonathan Devlin, já que havia se decidido por isso?

— Pelo seguinte, se ele morresse — Damien inclinou-se para a frente, gesticulando ansiosamente com as mãos — a mãe não teria como cuidar delas, por causa de dinheiro e porque acho que ela é meio fora do ar ou alguma coisa assim. Elas seriam mandadas para abrigos e separadas, e Rosalind não teria mais como cuidar de Jessica... e a Jessica *precisa* dela, a criança é tão perturbada que não consegue fazer nada, e Rosalind tem até que fazer o dever de casa para ela, entre outras coisas. E Katy... quer dizer, Katy teria feito as mesmas coisas com qualquer outra pessoa. Se Katy não estivesse presente, toda a família ficaria *bem*! O pai delas só... ele só fazia aquelas coisas com elas quando Katy o incitava. Rosalind disse... Tadinha, ela se sentiu tão culpada com isso... Ela disse que às vezes preferia que Katy nunca tivesse nascido...

— E isso lhe deu a ideia — Cassie afirmou sem alterar a voz. Pude perceber pelo jeito de sua boca que ela estava tão furiosa que mal conseguia falar. — Em vez de Jonathan, você sugeriu matar Katy.

— A ideia foi minha — Damien disse rapidamente. — Rosalind não teve nada a ver com a história. Ela nem sequer... a princípio ela não concordou. Não queria que eu me arriscasse tanto por ela. Disse que tinha sobrevivido àquela situação por anos e que poderia sobreviver por mais uns seis, até que Jessica tivesse idade para sair de lá. Mas eu não podia simplesmente deixá-la ficar lá! Quando ele fraturou o crânio dela, ela passou dois meses no hospital. Ela poderia ter *morrido*.

Repentinamente também fiquei furioso, mas não com Rosalind, e sim com Damien, por ser um babaquilha de merda, por ser um otário tão perfeito, como um personagem desmiolado de desenho animado. Eu tenho, é claro, consciência total tanto da ironia quanto das tediosas explicações psicológicas de tal reação, mas naquela época eu só queria irromper na sala de interrogatório e pressionar o rosto de Damien contra os relatórios médicos: *Está vendo isto aqui, seu imbecil? Está vendo alguma fratura de*

crânio aqui em algum lugar? Nem sequer lhe passava pela cabeça pedir para ver a cicatriz antes de acabar com a vida de uma criança?

— Daí você insistiu — Cassie continuou — e, no final das contas, Rosalind, de alguma forma, mudou de ideia.

Desta vez Damien percebeu o tom mordaz.

— Foi por causa de Jessica! Rosalind não se importava com o que acontecia com ela própria, mas com Jessica... Rosalind tinha medo de ela ter um colapso nervoso ou alguma coisa assim. Achava que Jessica não conseguiria suportar mais seis anos!

— Mas Katy não ficaria por lá grande parte desse tempo, de qualquer maneira — Sam comentou. — Estava prestes a ir para a academia de balé, em Londres. Por agora já até teria ido. Você não sabia?

Damien quase uivou.

— *Não!* Eu já disse isso, eu perguntei... vocês não entendem... ela não queria saber de ser dançarina. Ela só gostava de todo mundo venerando ela. Na tal academia, onde ela não seria nada especial... já teria saído antes do Natal e voltado para casa!

De todas as coisas que os dois fizeram com ela, tanto um quanto o outro, aquela foi a que me chocou mais profundamente. A destreza diabólica daquilo, a precisão a sangue-frio com que apropriaram-se e profanaram a única coisa estimada ao coração de Katy Devlin. Lembrei-me da voz carregada e serena de Simone no estúdio de dança: *Sérieuse*. Em toda a minha carreira eu nunca havia sentido a presença do mal como ali: intenso e rançosamente doce no ar, subindo pelas pernas da mesa em anéis invisíveis e farejando com uma sutileza obscena as mangas e os pescoços. Os cabelos em minha nuca arrepiaram-se.

— Então foi legítima defesa — Cassie concluiu após um silêncio em que Damien ficou se remexendo, inquieto, e que ela e Sam não olharam para ele.

Damien aproveitou a deixa.

— Isso. Exatamente. Quer dizer, nunca teríamos pensado nisso se houvesse alternativa.

— Entendo. E sabe, Damien, não é a primeira vez que isso acontece: esposas que perdem a paciência e matam os maridos agressores, coisas desse tipo. Os jurados também entendem.

— É mesmo? — Ele olhou para Cassie com os olhos arregalados e cheios de esperança.

— Claro. Quando ficarem sabendo pelo que Rosalind passava... eu não me preocuparia tanto assim com ela. Está bem?

— A única coisa que quero é que ela não tenha problemas.

— Então está fazendo o que é certo, nos contando todos os detalhes.

Damien deixou escapar um suspiro curto e cansado, e notei nele certo traço de alívio.

— Está bem.

— Muito bem — disse Cassie. — Então vamos seguir adiante. Quando resolveram fazê-lo?

— Tipo em julho. Meio de julho.

— E quando resolveram a data?

— Só... poucos dias antes de quando aconteceu. Eu tinha dito para Rosalind que ela deveria garantir um... um alibi, porque sabíamos que vocês iriam investigar a família, e ela havia lido em algum lugar que os familiares eram sempre os principais suspeitos. Então, teve uma noite, acho que era uma sexta-feira, em que nos encontramos e ela me disse que tinha combinado de dormir com Jessica na casa das primas na segunda-feira e que ficariam acordadas até mais ou menos umas duas da manhã, conversando, e que seria a noite perfeita. Eu só precisava garantir que faria o que tinha que ser feito antes das duas; porque a... a polícia saberia precisar...

A voz dele estremecia.

— E o que disse a ela? — Cassie perguntou.

— Eu a... acho que meio que entrei em pânico. Quer dizer, nada daquilo parecia real até ali. Acho que eu não tinha imaginado que iríamos realmente *fazer* aquilo. Era só uma coisa que *cogitávamos*. Era

meio que... tipo... vocês conhecem o Sean Callaghan? O Sean, da equipe da escavação? Ele fazia parte de uma banda, só que eles se separaram, e aí ele vivia falando que “Ah, quando reunirmos a banda novamente, quando fizermos sucesso...” e, quer dizer, ele tem consciência de que nunca vão *mesmo fazer*, mas só de falar nisso ele já se sente melhor.

— Todos já fizemos parte dessa banda — Cassie comentou, sorrindo.

Damien assentiu.

— Mas então Rosalind disse “segunda-feira que vem”, e de repente eu me senti, tipo... é que parecia uma coisa totalmente maluca de se fazer... Sugeri a Rosalind que talvez devêssemos falar com a polícia em vez de seguir adiante com aquilo. Só que aí ela pirou. Não parava de dizer: “Eu confiei em você, eu confiei de verdade em você...”

— Confiou em você — Cassie observou —, mas não o bastante para fazer amor com você?

— Não — Damien disse calmamente, depois de um instante. — Não, ela fez. Quando ficou resolvido o que iríamos fazer com Katy... Aquilo foi uma coisa que mudou tudo para Rosalind, saber que eu era capaz de fazer uma coisa daquelas por ela. Nós... ela já tinha desistido de acreditar que algum dia fosse conseguir, mas... ela queria tentar. Nessa época eu já estava trabalhando na escavação e podia bancar um bom hotel, ela merecia uma coisa legal. Na primeira vez ela... ela não conseguiu. Mas voltamos lá na semana seguinte e... — Ele mordeu os lábios. Estava tentando não voltar a chorar.

— E depois disso você dificilmente poderia mudar de ideia.

— Pois é, teve isso também. Naquela noite, quando sugeri que talvez fosse melhor falarmos com a polícia, Rosalind... ela ficou achando que eu só tinha dito que faria para... para levá-la para a cama. Ela é tão frágil e já foi tão magoada... eu não podia deixar que imaginasse que eu queria apenas usá-la. Dá para imaginar o que isso teria *feito* com ela?

Mais uma vez, silêncio. Damien esfregou os olhos com força e recuperou o autocontrole.

— Daí você resolveu manter-se fiel ao plano — Cassie comentou equilibradamente. Ele assentiu e depois abaixou a cabeça de um jeito adolescente e doloroso. — Como conseguiram que Katy fosse até o sítio?

— Rosalind disse a ela que tinha um amigo no sítio que havia encontrado uma... uma coisa... — Ele gesticulava sem parar. — Um medalhão. Um medalhão antigo com uma pequena pintura de uma dançarina dentro. Rosalind disse para Katy que era muito antigo e que era... tipo... mágico ou algo assim, e que tinha poupado todo o seu dinheiro e comprado do amigo, eu, para dar como presente de boa sorte para Katy antes da viagem para Londres. Só que a própria Katy iria ter que buscá-lo, porque o tal amigo dela a considerava uma dançarina tão fantástica e queria seu autógrafo para quando ela ficasse famosa, e também disse que teria que ir à noite, já que ele não tinha permissão para vender objetos encontrados nas escavações e a negociação teria que ser mantida em segredo.

Pensei em Cassie, quando criança, indecisa à porta do barracão do zelador: *Quer bolinhas de gude mágicas?* Criança pensa de um jeito diferente, ela dissera. Katy havia se colocado em perigo do mesmo modo que Cassie no passado: com base na imperdível, porém remota, possibilidade de presenciar uma magia.

— Quer dizer, vocês entendem o que eu disse? — Damien perguntou com um tom de súplica na voz. — Ela acreditava mesmo em que as pessoas estavam... fazendo fila para pegar um autógrafo dela.

— Na verdade — Sam discordou —, ela possuía todos os motivos para acreditar nisso. Bastante gente tinha pedido o autógrafo dela depois da festa de angariação de fundos. — Damien ficou olhando para ele e piscando.

— E o que houve quando ela chegou ao galpão de achados? — Cassie perguntou.

Damien deu de ombros, pouco à vontade.

— Apenas o que já lhes contei. Falei para ela que o medalhão estava dentro de uma caixa em uma prateleira atrás dela e, quando ela se virou para pegá-la, eu... eu simplesmente peguei a pedra e... foi em

legítima defesa, como você mesma disse, ou melhor, fui eu defendendo Rosalind, não sei que nome vocês dão a isso...

— E quanto à espátula? — Sam perguntou severamente. — Também a usou em *legítima defesa*?

Ele ficou olhando, perplexo.

— A... pois é. Isso. Quer dizer, eu não tinha como... — Ele engoliu em seco. — Eu não tinha como *transar* com ela. Ela estava... ela parecia... eu ainda sonho com isso. Eu não conseguiria. E foi aí que vi a espátula sobre a mesa e pensei...

— O plano de vocês consistia em você estuprá-la? Está tudo bem — Cassie disse com delicadeza, ao ver o lampejo de um pânico preocupante no rosto de Damien —, nós entendemos como aconteceu. Você não está causando complicação nenhuma para Rosalind.

Damien tinha no rosto uma expressão de incerteza, mas Cassie manteve-se olhando em seus olhos com firmeza.

— Acho que... — ele disse depois de um instante. Tinha ficado de novo com aquela horrível cor branco-esverdeada. — Rosalind disse... é que ela estava muito chateada, e disse que não era justo que Katy nunca soubesse o que Jessica tinha passado, e então, no final das contas, eu disse que eu... perdão, acho que vou... — Ele emitiu um som entre uma tosse e uma sufocação.

— Respire com calma — disse Cassie. — Você está se saindo bem. Precisa só beber um pouco d'água. — Ela pegou outro copo para ele e o encheu; ela deu-lhe um tapinha no ombro, enquanto ele bebia aos goles curtos, segurando o copo com as duas mãos e respirando profundamente.

— Pronto — Cassie falou depois que um pouco de cor havia voltado ao rosto dele. — Está se saindo muito bem. Então, você tinha que estuprar Katy, mas em vez disso somente penetrou-lhe com a espátula depois que já estava morta?

— Me acovardei — Damien confessou, dentro do copo com água, com a voz grave e feroz. — Ela fizera coisas muito piores, mas eu me acovardei.

— Por isso — Sam apontou para os registros telefônicos — que as ligações entre você e Rosalind foram diminuindo depois que Katy morreu? Dois telefonemas na terça-feira, o dia seguinte ao crime; um bem cedo na manhã de quarta, mais um na terça da semana seguinte e depois nada mais. Rosalind ficou chateada com você por tê-la decepcionado?

— Nem sei como ela ficou sabendo. Fiquei com medo de contar. Tínhamos combinado de passar umas duas semanas sem conversar para que a polícia não nos associasse um ao outro, mas ela me enviou um torpedo uma semana depois, dizendo que talvez fosse melhor não retomarmos o contato porque tinha ficado evidente que eu não gostava dela de verdade. Liguei para ela para saber qual era o problema... e, é *claro* que ela estava irritada! — Ele balbuciava e sua voz se elevava. — Quer dizer, a gente vai se resolver... mas, caramba, ela tem todo o direito de ficar irritada comigo. Katy só foi encontrada na quarta-feira porque eu entrei em pânico, e isso poderia ter arruinado completamente o *álibi* dela, e eu não tinha... não tinha... ela confiou tanto em mim, ela não tinha mais ninguém, e eu não consegui nem fazer uma coisa direito porque sou um covarde de merda.

Cassie não disse mais nada. Tinha as costas viradas para mim; eu via as delicadas saliências arredondadas em volta dos ossos na parte de cima de sua coluna e senti uma tristeza de pesados grilhões arrastando-me à força pelos pulsos e pelo pescoço. Eu não conseguia mais ouvir. Aquela pequena pérola sobre Katy dançar para atrair atenção tinha eliminado toda a raiva de dentro de mim e me deixado vazio. A única coisa que eu queria fazer era dormir, encher-me de calmantes para apagar tudo aquilo e deixar alguém me acordar quando o dia estivesse acabado e a chuva constante já houvesse lavado tudo o que sobrara.

— Querem saber de uma coisa? — Damien perguntou com serenidade, pouco antes de eu sair. — Nós íamos nos casar. Logo que Jessica tivesse... tipo... se recuperado o suficiente para que Rosalind pudesse deixá-la lá. Acho que agora isso não vai mais acontecer, não é mesmo?

Eles passaram o dia inteiro com Damien. Sei o que estavam fazendo, mais ou menos: já tinham o principal da história, agora estavam repassando as declarações dele, confirmando horas, datas e detalhes, de olhos abertos para qualquer pequenina lacuna ou discordância. Arrancar uma confissão é apenas o primeiro passo; depois você precisa impermeabilizá-la, tentar prever o que vão pensar os advogados de defesa e os jurados, pegar tudo por escrito enquanto o suspeito está a fim de falar e antes que tenha a possibilidade de criar explicações alternativas. Sam é do tipo meticoloso; eles fariam um bom trabalho.

Sweeney e O’Gorman entravam e saíam da nossa sala: os registros das ligações do celular de Rosalind, e mais interrogatórios sobre o passado dela e de Damien. Mandeí que fossem para a sala de interrogatório. O’Kelly enfiou a cabeça dentro da sala e fez uma cara feia para mim. Fingi estar soterrado em meio aos registros das denúncias telefônicas. No meio da tarde, Quigley entrou para me contar sua opinião sobre o caso. Independentemente do fato de que eu não estava com vontade alguma de conversar com ninguém, muito menos com ele, aquilo era um sinal muito ruim: o único dom de Quigley é um faro infalível para pontos fracos e, fora uma ou outra tentativa desagradável de se fazer passar por nosso amigo, ele geralmente deixava Cassie e eu em paz e se limitava a pegar no pé dos novatos e daqueles cujas carreiras entraram subitamente em queda livre. Ele colocou a cadeira bem próxima da minha e deu um palpite aborrecido de que nós deveríamos ter capturado o nosso homem semanas antes, insinuou que explicaria como isso poderia ter sido feito se eu pedisse com bastante complacência, chamou atenção lamentavelmente para o meu erro psicológico irresponsável em permitir que Sam tomasse meu lugar no interrogatório, perguntou sobre os registros telefônicos de Damien e depois, com muita astúcia, sugeriu que deveríamos considerar a possibilidade de participação da irmã. Pelo jeito eu tinha me esquecido de como me livrar dele, o que aumentava minha percepção de que sua presença não era apenas irritante, como também horrivelmente agourenta. Era como um enorme albatroz prepotente em volta de minha mesa, grasnando ociosamente e defecando em cima de toda a minha papelada.

Por fim, assim como os valentões da escola, ele pareceu ter reconhecido que eu já estava queimado demais para que sua influência tivesse algum resultado e recolheu-se novamente ao que deveria estar fazendo com uma expressão de ofendido espalhada em seus traços grandes e insípidos. Desisti de simular que estava classificando as denúncias telefônicas e fui até a janela, onde passei as horas seguintes olhando fixamente para a chuva que caía lá fora e escutando os sons abafados conhecidos que se propagavam atrás de mim: Bernadette rindo, telefones tocando, vozes masculinas discutindo cada vez mais alto e sendo subitamente silenciadas pelo estrondo de uma porta batendo.

Eram sete e vinte quando, enfim, escutei Cassie e Sam virem pelo corredor. As vozes deles estavam baixas demais para que eu conseguisse decifrar qualquer palavra, mas eu reconhecia o tom. É curioso o que uma mudança de perspectiva pode fazer a pessoa perceber; só fui me dar conta do quanto a voz de Sam era penetrante quando o escutei interrogando Damien.

— Quero ir para casa — Cassie disse quando eles entraram na sala. Ela desabou em uma cadeira e repousou a testa na parte inferior das mãos.

— Está quase acabando — Sam tranquilizou-a. Não ficou claro se ele se referira ao dia ou à investigação. Ele deu a volta na mesa para chegar à sua cadeira; no meio do caminho, para minha total estupefação, passou a mão levemente sobre a cabeça de Cassie.

— Como foi? — perguntei, notando o tom afetado em minha voz.

Cassie permaneceu imóvel.

— Ótimo — Sam respondeu e esfregou os olhos, fazendo uma careta. — Acho que estamos com tudo sob controle, pelo menos no que diz respeito a Donnelly.

O telefone tocou e eu atendi: era Bernadette, pedindo para que todos permanecêssemos na sala, pois O’Kelly queria falar conosco. Sam assentiu e se sentou pesadamente, com os pés plantados bem separados, como um fazendeiro que chega em casa ao fim de um dia de trabalho pesado; Cassie ergueu a

cabeça com esforço e mexeu desajeitadamente no bolso detrás da calça à caça de seu bloco de anotações todo enrolado.

Para variar, O’Kelly nos deixou esperando um bom tempo. Nenhum de nós dizia nada. Cassie ficou desenhando em seu bloco uma árvore espinhosa, vagamente sinistra; Sam deixou-se desabar sobre a mesa e ficou olhando sem ver o quadro branco lotado; apoiei-me no peitoril da janela e fiquei observando em meio à escuridão o jardim lá embaixo, com pequenas e repentinas rajadas de vento passando pelos arbustos. Nossas posições naquela sala pareciam encenadas e sugestivas de algum jeito obscuro, porém ameaçador; o tremular e o zunir das lâmpadas fluorescentes me deixavam em um estado quase de transe e eu estava começando a me sentir como se estivéssemos em alguma peça de teatro existencialista, em que o relógio ficaria parado às 19:38 para sempre e não poderíamos nunca mais sair daquelas poses predestinadas. Quando O’Kelly finalmente entrou pela porta fazendo escândalo, eu senti quase como um choque.

— Primeiro o mais importante — ele falou severamente, puxando uma cadeira e esparramando uma pilha de papéis sobre a mesa. — O’Neill. O que vai fazer mesmo com toda esta sujeirada do Andrews?

— Deixar para lá — Sam respondeu com serenidade. Sua expressão era de grande exaustão. Não por causa de suas olheiras, nem nada assim. Para qualquer um que não o conhecesse, ele teria parecido bem, mas seu saudável rubor rural de sempre não mais existia, e ele parecia, de alguma forma, terrivelmente jovem e vulnerável.

— Muito bem. Maddox, vou cortar cinco dias das suas férias.

Cassie olhou brevemente para cima.

— Sim, senhor. — Fiquei observando sem dar muito na vista para ver se Sam faria uma cara de assustado ou se já sabia a razão de tudo aquilo, mas sua expressão não deixou nada transparecer.

— E, Ryan, você vai ficar só no trabalho administrativo até segunda ordem. Não sei que droga as três belezuras fizeram para conseguir capturar Damien Donnelly, mas tratem de agradecer aos céus por terem conseguido, pois senão suas carreiras estariam ainda mais fodidas do que já estão. Estamos entendidos?

Nenhum de nós teve força para responder. Afastei-me do peitoril da janela e sentei-me, guardando o máximo de distância possível de todos os outros.

O’Kelly olhou para nós com expressão de desprezo e resolveu entender nosso silêncio como aquiescência.

— Ótimo. Em que pé estamos com Donnelly?

— Eu diria que estamos nos saindo bem — Sam disse depois que ficou claro que nem eu nem Cassie estávamos dispostos a falar. — Confissão plena, inclusive com detalhes até então desconhecidos, e uma série de provas técnico-científicas. Eu diria que a única chance que ele tem de se livrar seria alegar insanidade, o que é justamente o que ele vai fazer, se conseguir um bom advogado. No momento ele está se sentindo tão mal que quer se declarar culpado, mas isso passa depois de alguns dias na cadeia.

— Essa merda de insanidade deveria ser proibida — O’Kelly afirmou de maneira amarga. — Um idiota qualquer sobe lá no banco das testemunhas e diz: “Não é culpa dele, Meritíssimo, é que a mamãezinha dele o ensinou a usar a privada cedo demais e daí ele não conseguiu deixar de matar aquela menininha...” Quanta besteirada! Se duvidar, eu sou mais maluco que ele. Chame um dos nossos para examiná-lo e constatar isso. — Sam assentiu e fez uma anotação.

O’Kelly procurou em meio a seus papéis e pegou um relatório, mostrando-o para nós.

— Agora. Que história é essa da irmã dela?

O ambiente ficou tenso.

— Rosalind Devlin — Cassie respondeu, erguendo a cabeça. — Ela e Damien estavam namorando. Pelo que ele diz, o crime foi ideia dela; ela o pressionou para que o cometesse.

— Claro, como não? Por quê?

— De acordo com Damien — Cassie disse sem alterar a voz —, Rosalind contou-lhe que Jonathan Devlin abusava sexualmente de todas as três filhas e ainda espancava Rosalind e Jessica. Katy, a filha predileta, incentivava e incitava a violência contra as outras duas. Rosalind dizia que, se Katy fosse eliminada, os abusos terminariam.

— Alguma prova que dê sustentação a isso?

— Pelo contrário. Damien afirma que Rosalind lhe revelou que Devlin fraturara seu crânio e quebrara o braço de Jessica, só que não existe nada disso nos históricos médicos delas, nada que indique qualquer espécie de abuso, na realidade. E Katy, depois de supostamente passar anos mantendo relações sexuais com o pai, morreu *virgo intacta*.

— Então, por que estão desperdiçando o nosso tempo com essa mentirada? — O’Kelly empurrou com força o relatório. — Já pegamos o nosso homem, Maddox. Vão para casa e deixem que os advogados cuidem do resto.

— Porque a mentirada é de Rosalind, não de Damien — Cassie respondeu e pela primeira vez ouviu-se uma leve centelha em sua voz. — Alguém passou anos fazendo Katy adoecer; isso não foi coisa de Damien. Da primeira vez que ela ia para a academia de balé, muito antes de Damien sequer saber que ela existia, alguém a fez ficar tão doente que ela teve que cancelar a matrícula. Alguém colocou na cabeça do Damien que ele tinha que matar uma menina que ele mal sabia quem era. Foi o mesmo que disse, ele não é maluco: ele não ouvia vozes mandando-o matá-la. Rosalind é a única que se encaixa.

— Qual é o motivo dela?

— Ela não conseguia suportar o fato de Katy receber tanta atenção e admiração. Senhor, eu seria capaz de apostar nisso. Minha opinião é que, há anos, logo que percebeu que Katy tinha um talento enorme para o balé, Rosalind começou a lhe dar coisas para fazer com que Katy ficasse doente. É terrivelmente simples de se fazer: detergentes, emetizantes, até o sal de mesa que todo mundo tem em casa, aliás uma casa normal costuma ter dezenas de coisas que podem provocar uma misteriosa doença gástrica em uma criança pequena, contanto que ela se deixe convencer a tomá-las. Rosalind pode ter dito que eram remédios secretos, que fariam com que ela se sentisse melhor; e se ela tivesse só oito ou nove anos, provavelmente confiaria na irmã mais velha... mas, quando Katy conseguiu a segunda chance de ir para a academia de balé, parou de se deixar convencer. Agora já tinha doze anos, idade suficiente para começar a questionar se o que lhe diziam era realmente verdade. Ela se recusou a continuar a tomar o que quer que fosse. A matéria no jornal, o evento para a angariação de fundos e o fato de Katy estar se tornando a principal celebridade de Knocknaree foram a gota d’água: ela havia, de fato, ousado desafiar a irmã de peito aberto e Rosalind não estava disposta a tolerar tal coisa. Quando ela conheceu Damien, viu nele sua oportunidade. O coitado já nasceu trouxa; não é tão inteligente e é capaz de qualquer coisa para deixar alguém contente. Ela passou os meses seguintes usando sexo, histórias dramáticas, lisonjas, fazendo com que ele mergulhasse em sentimento de culpa, tudo que tinha à disposição para convencê-lo de que ele tinha que matar Katy. E, no final das contas, quando chegou o mês passado, ela já tinha deixado o coitado tão confuso e nervoso que ele sentia que não tinha alternativa. Na verdade, ele provavelmente *estava* um pouco maluco naquela hora.

— Não vá ficar repetindo isso por aí — O’Kelly recomendou. Cassie fez um gesto, quase como se desse de ombros, e voltou ao seu desenho.

O silêncio tomou conta do ambiente. A história em si já era horrenda, velha como a de Caim e Abel; entretanto, com todos aqueles contornos novos e particulares, me é impossível descrever a mescla de emoções que senti ao ouvir Cassie contá-la. Passei o tempo todo olhando não para ela, mas para nossas apagadas silhuetas na janela, mas não havia como deixar de escutá-la. Cassie é dona de uma bela voz: grave, flexível e doce, mas as palavras que proferia pareciam subir pelas paredes, deixando rastros pegajosos e tenebrosos de sombra e aninhando-se em teias nos cantos altos.

— Tem alguma prova disso? — O’Kelly indagou com veemência, por fim. — Ou está fiando-se exclusivamente na palavra de Donnelly?

— Não tenho nenhuma prova concreta, não — Cassie respondeu. — Podemos provar o relacionamento entre Damien e Rosalind, temos ligações dos celulares de um para o outro e os dois nos deram a mesma pista falsa, falando de um sujeito fictício vestindo um agasalho, o que a coloca como acumpliciada indireta após o fato, mas não há prova de que ela sequer soubesse do crime de antemão.

— É claro que não — O’Kelly disse com desânimo. — Para que fui perguntar? Vocês três concordam com isso? Ou é simplesmente a cruzadinha pessoal da Maddox?

— Estou com a detetive Maddox, senhor — Sam disse com firmeza e prontamente. — Passei o dia inteiro interrogando Donnelly e para mim ele está falando a verdade.

O’Kelly suspirou, irritado, e sacudiu o queixo na minha direção. Ficou óbvio que ele achou que Cassie e Sam estavam bancando gratuitamente os difíceis, e a única coisa que ele queria era terminar de preencher a papelada do caso Damien e concluí-lo; porém, apesar de se esforçar bastante para isso, no fundo ele não é um déspota e não iria ignorar a opinião unânime de sua equipe. Senti pena dele, sinceramente: não seria nada difícil presumir que eu era a última pessoa em quem ele queria procurar apoio.

Depois de algum tempo — por algum motivo eu não conseguia tolerar dizer aquilo em voz alta — confirmei acenando com a cabeça.

— Maravilha — O’Kelly disse, demonstrando cansaço. — Isto é simplesmente maravilhoso. Muito bem. Essa história do Donnelly não basta para denunciá-la, muito menos condená-la. Precisamos fazê-la confessar. Quantos anos ela tem?

— Dezoito — respondi. Eu já não falava havia tanto tempo que minha voz saiu como um grasnido de surpresa; pigarreei para limpar a garganta. — Dezoito.

— Obrigado, Deus, pelas pequenas graças. Pelo menos não precisamos interrogá-la com os pais presentes. Muito bem. O’Neill e Maddox, tragam-na aqui, arranquem tudo que conseguirem e apavorem-na até que ela confesse.

— Não vai funcionar — Cassie disse, desenhando mais um galho na árvore. — Psicopatas têm níveis de ansiedade muito baixos. Teríamos que colocar uma arma na cabeça dela para deixá-la assustada a esse ponto.

— Psicopatas? — perguntei depois de um instante de susto.

— Que é isso, Maddox? — O’Kelly disse, aborrecido. — Sem essa coisa de Hollywood. Ela não *devorou* a irmã.

Cassie ergueu a cabeça, tirando os olhos do desenho e levantando as sobrancelhas, formando arcos sutis de tranquilidade.

— Não me referi aos psicopatas do cinema. Ela se encaixa na definição clínica. Sem escrúpulos, sem empatia, mentirosa patológica, manipuladora, sedutora, intuitiva, maníaca por atenção, entedia-se com facilidade, narcisista, se descontrola quando sofre qualquer espécie de contrariedade... Tenho certeza de que estou me esquecendo de algumas outras características, mas as que eu já falei não parecem se encaixar?

— Já é o suficiente para darmos prosseguimento — Sam disse friamente. — Mas, mesmo que consigamos um julgamento, ela vai se livrar por insanidade? — O’Kelly resmungou alguma coisa, sem dúvida aborrecido com a psicologia em geral e com Cassie em particular.

— Ela é perfeitamente sã — Cassie disse decisivamente. — Qualquer psiquiatra vai concordar comigo. Não há insanidade.

— Há quanto tempo sabe disso? — perguntei.

— Comecei a desconfiar desde a primeira vez em que a vimos. Não me pareceu relevante para a investigação: o assassino claramente não era um psicopata e ela possuía um álibi perfeito. Pensei em lhe

contar de qualquer forma, mas acha mesmo que teria acreditado em mim?

Você deveria ter confiado em mim, eu quase falei. Vi quando Sam ficou alternando olhares entre nós dois, perplexo e hesitante.

— Enfim — Cassie concluiu, voltando ao seu desenho — não vai adiantar nada tentar fazê-la confessar usando o medo como arma. Psicopatas não sentem medo; suas emoções principais são agressividade, enfado ou prazer.

— Está bem — Sam aceitou. — Entendi. E quanto à outra irmã? Jessica, não é? Será que, de repente, ela não pode saber de alguma coisa?

— É bem possível — falei. — As duas são íntimas. — Um dos cantos da boca de Cassie subiu contorcendo-se ao som da palavra que eu havia escolhido.

— Ah, caramba! — O’Kelly exclamou. — Essa tem só doze anos, não é verdade? Quer dizer que só com os pais.

— Na verdade — Cassie disse sem erguer o olhar — duvido de que conversar com Jessica também seja útil. Ela vive sob controle total da mais velha. O que quer que Rosalind tenha feito com ela, Jessica é tão sequelada que mal consegue pensar por si própria. Se conseguirmos uma maneira de denunciar Rosalind, aí sim, talvez dê para tirar alguma coisa de Jessica, mais cedo ou mais tarde; mas, enquanto Rosalind estiver presente naquela casa, ela nunca vencerá o medo de dizer alguma besteira e não falará absolutamente nada.

O’Kelly perdeu a paciência. Ele detesta ser contrariado e as tensões carregadas e conflitantes do ambiente deviam deixá-lo tão nervoso quanto o caso em si.

— Ah, que ótimo, Maddox. Agradeço a sua opinião. Então que droga você sugere? Anda. Estou esperando você dar alguma ideia útil em vez de ficar aí sentada só criticando as ideias dos outros.

Cassie parou de desenhar e equilibrou com cuidado a caneta transversalmente a um de seus dedos.

— Muito bem — disse ela. — O psicopata tira seu prazer do poder que exerce sobre os outros. Ele gosta de manipular, de provocar dor. Minha opinião é que devemos tentar explorar isso. Podemos dar-lhe todo o poder que ela estiver disposta a aceitar e ver se ela se deixa levar pela empolgação.

— Como assim?

— Ontem à noite — Cassie falou vagarosamente —, Rosalind me acusou de ter me envolvido sexualmente com o detetive Ryan.

A cabeça de Sam virou-se abruptamente na minha direção. Mantive meus olhos em O’Kelly.

— Ah, não me esqueci disso, pode acreditar — ele disse com gravidade. — E é muito bom que não seja verdade. A merda em que vocês dois estão metidos já é fedida o bastante.

— Não — Cassie disse, deixando transparecer um leve enfado. — Não é verdade. A única intenção dela era fazer com que eu me distraísse e torcer para que tivesse acertado um ponto fraco. Não consegui, só que ela não tem certeza absoluta disso. Eu poderia estar simplesmente dissimulando muito bem.

— E daí? — O’Kelly perguntou.

— E daí que eu poderia ir conversar com ela, admitir que o detetive Ryan e eu temos um caso já há muito tempo e implorar para que ela não nos entregue. Posso revelar para ela que suspeitamos de sua participação no assassinato de Katy e então me ofereço para contar-lhe o quanto sabemos em troca de seu silêncio, alguma coisa assim.

O’Kelly bufou.

— E acha que com isso ela vai simplesmente colocar tudo para fora?

Cassie deu de ombros.

— Não vejo motivo para que não o faça. É verdade que a maioria das pessoas detesta admitir quando faz alguma coisa horrível, mesmo que não venha a lhe trazer problemas. Só que isso acontece porque elas se sentem arrependidas e por não quererem que os outros tenham uma visão inferiorizada delas. Mas para

essa garota as outras pessoas não existem, não passam de personagens de um videogame, e certo e errado são meras palavras. Ela não sente nem um pouco de culpa, remorso ou qualquer outra coisa por ter convencido Damien a matar Katy. Para ser sincera, aposto que ela está satisfeitiíssima consigo mesma. É a maior façanha de sua vida e ela ainda não pôde gabar-se disso com ninguém. Se ela tiver certeza de que está por cima, de que eu não estou com uma escuta, porque eu não seria burra de falar sobre isso com uma escuta, acho que ela vai devorar a oportunidade. Só de pensar em contar a uma policial exatamente o que fez, sabendo que não posso fazer nada a respeito, sabendo que aquilo deve estar me matando por dentro... será uma das sensações mais deliciosas da vida dela. Ela não conseguirá resistir.

— Ela pode dizer o que bem entender, caramba — O’Kelly disse. — Sem você tê-la alertado sobre seus direitos, nada do que ela disser poderá ser aceito no tribunal.

— É só eu fazer isso.

— E acha que mesmo assim ela vai falar? Pensei que tinha dito que a garota não é maluca.

— Eu não *sei* — Cassie disse, parecendo por um instante exausta e irritada, o que fez com que parecesse muito jovem, como uma adolescente incapaz de esconder a frustração com o mundo adulto imbecil. — Só acho que é a melhor chance que temos. Se tentarmos colocá-la em um interrogatório formal, ela assumirá uma posição defensiva e vai só ficar sentada, negando tudo, e nós teremos acabado com nossa oportunidade: e ela ainda volta para casa sabendo que não temos nada contra ela. Do meu jeito, pelo menos existe a chance de ela imaginar que eu não posso provar nada, e arriscar falar.

O’Kelly raspava com a unha do polegar os veios da madeira da mesa de um jeito monótono e enfurecedor; estava obviamente refletindo sobre o assunto.

— Se decidirmos mesmo por fazer, você não vai sem uma escuta. Não estou disposto a arriscar ter apenas a opção da sua palavra contra a dela.

— Eu não aceitaria se fosse de outra forma — Cassie replicou com frieza.

— Cassie — Sam disse com bastante delicadeza, inclinando-se para a frente, até o outro lado da mesa. — Tem certeza de que é capaz de fazer isso? — Senti uma súbita ira, não menos dolorosa por ser completamente injustificável: deveria ter sido meu papel, não dele, fazer tal pergunta.

— Vou ficar bem — Cassie disse a ele com um sorrisinho de lado. — Ora, já passei meses trabalhando disfarçada e nunca fui desmascarada. Meu talento é digno de um Oscar.

Tive a impressão de que não tinha sido aquilo que Sam quis perguntar. Quando ela me contou do tal cara da faculdade, aquilo a deixara praticamente catatônica, e eu via agora aquela mesma expressão distante e assustada em seus olhos e ouvia em sua voz o mesmo tom indiferente. Pensei naquela primeira noite, cada um de um lado da Vespa encalhada: como tive vontade de trazê-la para debaixo do meu casaco e protegê-la, até mesmo de uma coisa tão insignificante como a chuva.

— Eu poderia ir — me ofereci, colocando a voz alta demais. — Rosalind gosta de mim.

— Não — O’Kelly disse num tom grosseiro. — Não poderia não.

Cassie esfregou os olhos com o indicador e o polegar e comprimiu sua ponte nasal como se sentisse a chegada de uma dor de cabeça.

— Não pretendo ofendê-lo — ela disse, sem deixar transparecer qualquer entonação diferente —, mas Rosalind Devlin não gosta de você nem um pouco mais do que gosta de mim. A menina é incapaz de sentir tal emoção. Para ela, você é útil. Rosalind sabe que tem você nas mãos e tem certeza de que você é o único policial que, caso tudo dê errado, acreditará que ela foi acusada injustamente e lutará por ela. Acredite no que digo, não há a mínima chance de ela abrir mão disso confessando o que fez para você. Já eu não sou de nenhuma serventia para ela mesmo. Ela não tem nada a perder falando comigo. E ela já sabe que não gosto dela, o que lhe dará uma emoção ainda maior ao ver que me controla.

— Está bem — O’Kelly topou, empurrando a papelada que tinha trazido para o meio de uma pilha e impulsionando a cadeira para trás. — Então vamos tentar. Maddox, rogo a Deus que saiba do que está falando. A primeira coisa a fazer amanhã de manhã é colocarmos uma escuta em você, e aí você pode ir

bater o seu papinho de mulher para mulher com Rosalind Devlin. Vou lhe dar alguma coisa ativada por voz para que não tenha como se esquecer de apertar o botão de gravação.

— Não — Cassie disse. — Nada de gravador. Quero um transmissor e um furgão para captar o sinal e me dar cobertura a menos de duzentos metros de distância.

— Para conversar com uma criança de dezoito anos? — O’Kelly perguntou com desdém. — Tenha um pouco mais de coragem, Maddox. Isso não é a Al-Qaeda.

— Para encarar sozinha uma psicopata que acabou de matar a própria irmã mais nova.

— Ela não tem nenhum histórico de violência — observei sem intenção alguma de parecer grosseiro, mas os olhos de Cassie passaram brevemente por mim, sem expressão alguma, como se eu não existisse.

— Um transmissor e um furgão para me dar cobertura — ela repetiu.

Só voltaria para casa naquela noite às três da manhã, quando tinha certeza de que Heather já estaria dormindo. Antes disso, fui de carro até a orla de Bray e fiquei sentado dentro do carro. Havia parado de chover e a cerração tornava a noite densa; a maré já havia subido e fiquei escutando os barulhos da água em movimento, mas via apenas um ou outro vislumbre das ondas entre os turbilhões do cinza que já se apagava. O pavilhão pequeno e vistoso sumia e voltava com as idas e vindas da maré, como saído de Brigadoon. De algum lugar soava uma buzina de nevoeiro, uma nota melancólica repetida infinitamente, e as pessoas voltavam para suas casas, caminhando pela orla materializadas do nada, suas silhuetas pairando em pleno ar como mensageiras das trevas.

Milhares de coisas passaram pela minha cabeça naquela noite. Pensei em Cassie em Lyon, uma garota simples com um aventalzinho, servindo café em mesas ensolaradas ao ar livre e trocando gracejos em francês com os fregueses. Pensei em meus pais se aprontando para sair para dançar: as linhas cuidadosas que o pente de meu pai deixava em seus cabelos emplastrados de brilhantina, o aroma estimulante do perfume de minha mãe e seu vestido florido saindo ligeiramente pela porta. Pensei em Jonathan, Cathal e Shane, impetuosos com seus braços e pernas compridos, e rindo de chorar com suas brincadeiras com o isqueiro; pensei em Sam em uma ampla mesa de madeira, entre sete irmãos e irmãs barulhentos, e em Damien em alguma silenciosa biblioteca de faculdade, preenchendo um formulário para trabalhar em Knocknaree. Pensei nos olhos afoitos de Mark — *As únicas coisas em que acredito estão lá naquela escavação* — e depois nos revolucionários agitando vistosas bandeiras rotas, nos refugiados nadando na correnteza noturna; em todos que levam a vida tão despreocupadamente, ou correndo riscos, que são capazes de seguir ao encontro do que quer que seja que irá tomar ou transformar suas vidas, e cujos critérios estão além de nossa compreensão. Ainda passei um longo tempo tentando me lembrar de quando levava flores do campo para minha mãe.

Sempre considerei O’Kelly envolto em uma nuvem de mistério. Ele não gostava de Cassie, menosprezava as teorias dela e basicamente achava-a uma incorrigível pé no saco. Contudo, ele coloca uma importância quase totemística na sua equipe e, depois de conformado em apoiar um de seus comandados, ou mesmo uma comandada, o faz irrestritamente. Providenciou para Cassie o transmissor e o furgão para cobertura, muito embora tenha considerado tudo aquilo um enorme desperdício de tempo e de recursos. Cheguei no dia seguinte pela manhã bem cedo — queríamos pegar Rosalind antes que saísse para a escola —, Cassie já estava na sala, sendo equipada com a escuta.

— Tire o blusão, por favor — disse serenamente o técnico destacado para a escuta, um baixinho de rosto inexpressivo e mãos hábeis e profissionais. Cassie, obediente, tirou o blusão puxando-o por sobre a cabeça como uma criança no consultório do pediatra. Por baixo ela vestia o que parecia ser um colete térmico de um garoto. Havia desistido da maquiagem desafiadora que vinha ostentando nos últimos dias, e agora viam-se as manchas escuras sob seus olhos. Fiquei imaginando se ela conseguira dormir o mínimo que fosse; pensei nela sentada no peitoril da janela de seu apartamento, com a camiseta puxada e presa em volta dos joelhos, o pequeno brilho vermelho de um cigarro ardendo e enfraquecendo conforme ela o tragava, vendo a aurora iluminar os jardins lá embaixo. Sam estava na janela, com as costas viradas para nós; O’Kelly mexia no quadro branco, apagando linhas e redesenhando-as. — E passe o fio sob a camiseta para mim, por favor — acrescentou o técnico.

— As denúncias telefônicas estão esperando por você — O’Kelly me disse.

— Quero ir com vocês — falei e vi os ombros de Sam mudarem de posição; Cassie, com a cabeça curvada sobre o microfone, não ergueu os olhos.

— Nem que a vaca tussa — O’Kelly ironizou.

De tão cansado, eu via tudo envolto por uma névoa branca e fina.

— Quero ir — repeti, e desta vez todos simplesmente me ignoraram.

O técnico prendeu a bateria na calça jeans de Cassie, fez um pequeno corte na bainha da gola da camiseta que ela vestia por baixo e passou o microfone por dentro. Ele mandou que ela voltasse a vestir o blusão — Sam e O’Kelly deram as costas — e que falasse. Quando ela olhou para ele com confusão estampada nos olhos, O’Kelly interveio, impaciente.

— Diga qualquer coisa que lhe passar pela cabeça, Maddox, conte-nos seus planos para o fim de semana, se quiser. — No entanto, em vez disso, ela recitou um poema. Um poeminha antigo, o tipo de coisa que se decora na escola. Muito tempo depois, olhando livros em uma livraria empoeirada, descobri os versos:

Sobre suas cabeças sossegadas minhas orações

Falei com sílabas de barro.

Que presente, indaguei, devo levar agora

Antes de chorar e partir?

Leve, eles responderam, o carvalho e os louros.

Leve nossa fortuna de lágrimas e viva

Como um amante esbanjador. Só o que pedimos

É o único presente que você não pode dar.

A voz estava grave e constante, inexpressiva. Os alto-falantes davam-lhe um tom cavernoso cercado de ecos sussurrantes, e ao fundo ouvia-se um som impetuoso, como o de um vento forte e distante. Pensei nas histórias de fantasmas em que as vozes dos mortos vêm até seus entes queridos por meio de rádios crepitantes ou de linhas telefônicas, sustentadas por algum comprimento de onda perdido além das leis da natureza e dos espaços ermos do universo. O técnico mexia cuidadosamente em pequenos e misteriosos mostradores e sintonizadores.

— Obrigado, Maddox, foi bastante comovente — O’Kelly ironizou depois que o técnico ficou satisfeito. — Muito bem: aqui está a área residencial perto do sítio. — Ele indicou no mapa de Sam. — Estaremos dentro do furgão, estacionados na Knocknaree Crescent, a primeira à esquerda depois da entrada da frente. Maddox, chegue com aquela coisa que você chama de motocicleta, estacione em frente à casa dos Devlin e faça a garota sair para dar uma caminhada com você. Saia com ela pelo portão de trás do conjunto residencial e vire à direita, indo para o lado oposto da escavação, e depois vire novamente à direita, ao longo do muro lateral, para que saiam na rua principal, e novamente à direita, na direção da entrada da frente. Se saírem dessa rota por qualquer motivo, deixe claro pelo microfone. Informe sua localização sempre que puder. Depois que você tiver lido os direitos dela e conseguido o bastante para prendê-la, não pense duas vezes. Se achar que ela sacou qual é a sua, ou que não vai conseguir chegar a lugar algum, conclua de uma vez e vá embora. Se precisar de cobertura a qualquer momento, diga, que nós apareceremos. Se ela tiver uma arma, identifique-a pelo microfone, tipo “solte a faca” ou qualquer coisa assim. Não há testemunhas oculares; portanto, somente puxe a sua arma se não houver alternativa.

— Não vou levar arma — Cassie disse, tirando o coldre e entregando-o a Sam. Depois estendeu os braços para os lados. — Me reviste.

— Para quê? — Sam perguntou, confuso, olhando para a arma em suas mãos.

— Para conferir que não estou com nenhuma arma. — Os olhos dela se afastaram ligeiramente, desfocados, por sobre o ombro dele. — Se ela disser alguma coisa, depois vai me acusar de tê-la ameaçado com uma arma. Reviste minha moto também, antes de eu sair.

Até hoje não sei direito como consegui que me aceitassem dentro do furgão. Deve ter sido porque, mesmo tendo caído em desgraça, eu continuava sendo o parceiro de Cassie, o que é um relacionamento pelo qual quase todo detetive tem um respeito profundamente enraizado. Pode ter sido porque fiquei bombardeando O’Kelly com a primeira técnica que toda criança aprende: se você passar um bom tempo enchendo o saco de alguém que está tentando fazer diversas outras coisas, mais cedo ou mais tarde ele vai concordar só para fazer você calar a boca. Eu estava desesperado demais para me importar com a humilhação que era aquilo. Ele deve ter se dado conta de que, se tivesse negado, eu teria entrado no Land Rover e ido por minha conta.

O furgão era uma daquelas coisas brancas indistintas e de aparência sinistra que aparecem sempre nas reportagens policiais com o nome e o logotipo de uma empresa fictícia de telhas na lateral. Do lado de dentro, era ainda mais amedrontador: grossos cabos pretos em espiral espalhando-se por todos os lados, e o equipamento piscando e sibilando; uma luz de teto ridiculamente minúscula, com o isolamento acústico deixando-o com a aparência perturbadora de uma cela acolchoada. Sweeney foi dirigindo; Sam, O’Kelly, o técnico e eu nos sentamos na parte de trás, nos sacudindo nos bancos baixos e desconfortáveis, sem conversar. O’Kelly havia levado uma garrafa térmica com café e uma espécie de doce grudento que consumia com mordidas enormes e metódicas sem qualquer evidência de prazer. Sam raspava uma mancha imaginária no joelho de sua calça. Fiquei estalando os dedos, até que me dei conta

do quanto isso era irritante e tentei ignorar o quanto eu queria fumar um cigarro. O técnico fazia as palavras cruzadas do *Irish Times*.

Estacionamos na Knocknaree Crescent e O’Kelly ligou para o celular de Cassie. Ela estava dentro dos limites de captação do equipamento; sua voz saía pelos alto-falantes tranquila e firme.

— Maddox.

— Cadê você? — O’Kelly perguntou.

— Estou subindo direto para o conjunto. Não quero circular por aí.

— Estamos em posição. Siga com o plano.

Uma pausa breve e Cassie disse “Sim, senhor”, depois desligou. Escutei o zumbido da Vespa sendo religada e o esquisito efeito estéreo de quando, um minuto depois, ela passou pela rua, a poucos metros de onde estávamos. O técnico dobrou e guardou seu jornal e fez um ajuste minúsculo em alguma coisa; O’Kelly, sentado de frente para mim, tirou um saco plástico com doces sortidos do bolso e acomodou-se no banco.

Passos soando no microfone. O débil dim-dom da campainha. O’Kelly agitou o saco de doces para nós; ninguém aceitou, ele deu de ombros e pescou um caramelo coberto por uma camada de açúcar.

O estalido da porta se abrindo.

— Detetive Maddox — Rosalind disse, sem transmitir satisfação. — Receio que estejamos todos bastante ocupados no momento.

— Eu sei — Cassie respondeu. — Lamento muito incomodá-la, mas será que eu poderia... será que existe alguma possibilidade de nós conversarmos um minuto?

— Você teve a sua chance de conversar comigo naquela noite. Em vez disso, só fez me insultar e estragar a minha noite. Não estou nem um pouco a fim de desperdiçar mais do meu tempo com você.

— Peço desculpas por aquilo. Eu não... eu não devia ter feito aquilo. Só que o que quero conversar com você não tem relação com a investigação. Eu só... preciso lhe perguntar uma coisa.

Silêncio. Fiquei imaginando Rosalind segurando a porta aberta e fitando Cassie, julgando. O rosto de Cassie tenso, virado para cima, e as mãos dentro dos bolsos do casaco. Ao fundo, alguém — Margaret — gritou alguma coisa. Rosalind respondeu de maneira grosseira “É para mim, mãe!” e a porta fechou-se com um estrondo.

— E então? — Rosalind perguntou.

— Será que não podemos... — Um roçar: Cassie mudando de posição com nervosismo. — Será que não podemos, de repente, dar uma caminhada ou alguma coisa assim? É um assunto bastante particular.

Aquilo deve ter provocado o interesse de Rosalind, mas sua voz não se alterou.

— Na verdade, estou me aprontando para sair.

— Só cinco minutos. Podemos dar uma volta aqui por trás... por favor, srta. Devlin. É importante.

Por fim, ela suspirou.

— Tudo bem. Acho que posso lhe dar alguns minutos.

— Obrigada — Cassie disse. — Fico muito agradecida. — E nós escutamos as duas descendo pela entrada, as pancadinhas decisivas e vivas dos saltos dos sapatos de Rosalind.

A manhã estava agradável e calma. O sol evaporava a cerração da noite anterior, mas ainda se viam camadas finas sobre a grama e turvando o firmamento gelado quando entramos no furgão. Os alto-falantes amplificavam o canto dos melros, o rangido do portão dos fundos do conjunto e depois os pés de Cassie e de Rosalind zunindo pela grama molhada ao longo dos limites do bosque. Pensei em como estariam lindas para algum observador matutino: Cassie, tranquila e ao sabor do vento, e Rosalind, saracoteando alva e esbelta como saída de um poema; duas garotas em uma manhã de setembro, com seus cabelos lustrosos sob as folhas das árvores, e coelhos fugindo apressadamente de sua aproximação.

— Posso lhe fazer uma pergunta? — Cassie disse.

— Ora, e não é que eu achei que foi para isso que viemos aqui? — Rosalind ironizou com uma entonação sutil que sugeriu que Cassie estava desperdiçando seu tempo precioso.

— Ah, é. Desculpe-me. — Cassie respirou fundo. — Está bem. É que eu fiquei imaginando o quanto você sabia sobre...

— Sim? — Rosalind instigou com educação.

— Sobre o detetive Ryan e eu. — Silêncio. — Que nós estávamos... tendo um caso.

— Ah, isso! — Rosalind riu: um som curto e retinido, sem emoção, com um pingo de triunfo. — Ora, detetive Maddox. Como você acha?

— Acho que você deve ter adivinhado. Ou algo assim. Talvez nós não tenhamos escondido tão bem quanto achávamos. Mas é que parecia que... eu não conseguia parar de imaginar...

— Bom, até que vocês *eram* um pouquinho óbvios, não eram? — Maliciosa, em tom de censura. — Mas não. Acredite se quiser, detetive Maddox, mas eu não passo muito do meu tempo pensando em você ou na sua vida amorosa.

Silêncio novamente. O'Kelly desgrudava o caramelo dos dentes com o dedo.

— Então, como foi? — Cassie perguntou, finalmente, com um tom de medo.

— Foi o detetive Ryan que me contou, é claro — Rosalind disse calmamente. Senti os olhos de Sam e de O'Kelly moverem-se rapidamente na minha direção e mordi a bochecha por dentro para me impedir de negar aquilo.

Não é fácil de admitir, mas até aquele momento eu mantinha uma esperança pequena e covarde de que tudo aquilo fora um terrível equívoco. Um rapaz capaz de dizer qualquer coisa que você quisesse ouvir, uma garota que transformou-se em uma pessoa cruel devido ao trauma e à tristeza e que, para completar, foi rejeitada por mim; poderíamos ter tirado umas cem conclusões errôneas diferentes. Foi somente naquele momento, na naturalidade daquela mentira sem fundamento, que entendi que Rosalind — a Rosalind que eu conhecera, a garota machucada, encantadora e imprevisível com quem eu dividira risadas na Central e de quem segurara a mão sentado em um banco — nunca existiu. Tudo o que ela me mostrara fora planejado para provocar um efeito em mim, com a meticulosidade que um ator emprega em seu personagem. Sob a miríade de véus bruxuleantes, aquilo era tão simples e mortal quanto arame farpado.

— Mentira! — A voz de Cassie falhou. — Ele *nunca* contaria porra nenhuma...

— Não ouse falar comigo com esse palavreado — Rosalind repreendeu-a com rispidez.

— Desculpe — Cassie disse, mais calma depois de um instante. — Eu só estava... é que é uma coisa que eu não esperava. Nunca achei que ele fosse contar para alguém. Nunca.

— Bom, foi o que ele fez. Deveria ter mais cuidado na hora de escolher em quem confia. Era só isso que queria me perguntar?

— Não. Preciso lhe pedir um favor. — Um movimento: Cassie passando a mão nos cabelos ou no rosto. — É contra o regulamento... você manter relações sexuais com o seu parceiro. Se o nosso chefe descobrir, talvez sejamos demitidos ou obrigados a voltar para o trabalho de patrulha. E este trabalho... este trabalho significa muito para nós. Tanto para mim quanto para ele. Demos muito duro para entrar para esta divisão. Sofreríamos muito se fôssemos expulsos.

— Deviam ter pensado nisso antes, não concorda?

— Eu sei. Eu sei. Mas será que você não poderia... simplesmente não comentar isso com ninguém?

— Acobertar o casinho de vocês. É o que está querendo dizer?

— Eu... é, acho que sim.

— Não entendo muito bem por que acha que eu deveria lhe fazer algum favor — Rosalind disse com frieza. — Você tem sido horrivelmente grosseira comigo todas as vezes em que nos encontramos... até agora, quando está precisando de um favor meu. Não gosto de gente que usa os outros.

— Se fui grosseira, me perdoe — Cassie disse com a voz forçada, rápida e aguda demais. — Acho que me senti... sei lá, intimidada por você... eu não deveria ter descontado em você. Peço desculpas.

— Você me devia mesmo um pedido de desculpas, para falar a verdade, mas não é isso que importa agora. Não ligo se você *me* insultou, mas, se foi capaz de me tratar daquela maneira, tenho certeza de que também o faz com os outros, não é verdade? Não sei se devo proteger uma pessoa que se comporta de maneira tão pouco profissional. Terei que pensar um pouco se não é minha obrigação contar aos seus superiores o que vocês dois são na realidade.

— Que vaca... — Sam falou baixo, sem erguer o olhar.

— Ela precisa é levar umas palmadas — O'Kelly resmungou. Mesmo sem querer, já estava começando a parecer interessado. — Se algum dia eu tivesse tratado alguém com o dobro da minha idade com essa desfaçatez dela...

— Escute — Cassie disse desesperadamente —, não estou pedindo só por mim. E quanto ao detetive Ryan? Ele nunca foi grosseiro com você, não é mesmo? Ele é louco por você.

Rosalind riu com modéstia.

— É mesmo?

— É sim.

Ela fingiu pensar a respeito.

— Bom... creio que, já que era você que corria atrás dele, então o deslize não foi lá tanta culpa dele. Talvez não seja justo fazê-lo sofrer por causa disso.

— Sim, acho que era eu. — Dava para ouvir a humilhação indisfarçável na voz de Cassie. — Era eu que... sempre iniciava tudo.

— E há quanto tempo isso vem acontecendo?

— Cinco anos — Cassie disse. — Entre idas e vindas. — Cinco anos antes, Cassie e eu ainda nem nos conhecíamos, não estávamos sequer lotados na mesma parte do país, e me dei conta subitamente de que ela havia inventado aquilo para dar uma satisfação para O'Kelly, para provar que estava mentindo, caso ele ainda tivesse alguma suspeita em relação a nós dois; percebi, pela primeira vez, o sutil jogo duplo que ela estava fazendo.

— Eu precisaria saber que já acabou, é claro — Rosalind avisou —, antes de poder pensar em acobertar.

— Já acabou. Eu juro, já sim. Ele... ele acabou tudo há umas duas semanas. De uma vez por todas, agora.

— Ah... por quê?

— Não quero falar sobre isso.

— Bom, você não tem muita escolha.

Cassie respirou fundo.

— Não sei por quê — disse ela. — É verdade, juro por Deus. Já me cansei de tanto perguntar a ele, mas ele só diz que é uma coisa complicada, que está confuso, que não está disposto a entrar em um relacionamento no momento... não sei se existe outra mulher ou... nem estamos mais nos falando. Ele nem olha mais para mim. Não sei o que fazer. — A voz de Cassie tremia demais.

— Ouçam só isso — disse O'Kelly, não exatamente por admiração. — Maddox desperdiçou seu talento. Deveria ter estudado teatro.

Só que ela não estava representando, e Rosalind farejou justamente isso.

— Bem — ela disse, e eu ouvi uma ligeira pitada de malícia em sua voz —, não posso dizer que estou surpresa. Sem dúvida, ele não fala de você como seu amante.

— O que ele fala de mim? — Cassie perguntou, desamparada, depois de um segundo. Estava exibindo seus pontos frágeis para atrair os golpes; permitia deliberadamente que Rosalind a ferisse, a

maltratasse, que desfizesse delicadamente camadas de dor para se deliciar com elas a seu bel-prazer. Senti meu estômago dando voltas.

Rosalind alongou a pausa, fazendo com que Cassie esperasse.

— Ele diz que você é muito carente — ela falou, enfim, com a voz aguda, meiga e sem alteração. — A palavra que ele usou foi “desesperada”. Por isso você foi tão nojenta comigo: porque senti ciúmes do quanto ele se importa comigo. O detetive Ryan se esforçou ao máximo para falar de um jeito legal... acho que ele sente pena de você... mas estava ficando bastante cansado de ter que aturar o seu comportamento.

— Que mentira! — eu disse furioso, incapaz de evitar. — Eu *nunca*...

— Quietos — Sam falou, no mesmo instante em que O’Kelly me censurou grosseiramente. — Quem se importa com essa porra?

— Silêncio, por favor — o técnico pediu com educação.

— Eu mesma o alertei a seu respeito — Rosalind disse, pensativamente. — Então quer dizer que ele finalmente aceitou o meu conselho?

— É — Cassie disse com a voz rouca e trêmula. — Parece que sim.

— Ai, meu Deus. — Um discretíssimo tom de surpresa. — Você está apaixonada por ele de verdade, não é mesmo?

Nada.

— Não é mesmo?

— Não sei. — A voz de Cassie soou densa e sofrida, mas só ao ouvir o som líquido dela assoando o nariz eu entendi que ela estava chorando. Eu nunca havia visto Cassie chorar. — Nunca pensei nisso até... eu só... nunca fui tão íntima de ninguém. E agora não consigo nem pensar direito, não consigo...

— Ah, detetive Maddox... — Rosalind suspirou. — Se não consegue ser sincera comigo, pelo menos seja consigo mesma.

— Não sei *dizer*. — Cassie mal conseguia pronunciar as palavras. — Talvez eu... — Sua garganta travou.

Senti como se o furgão estivesse sob a terra, em um pesadelo, com suas paredes se fechando sobre nós. Aquelas vozes sem corpo davam uma sensação dilacerante de pânico, como se estivéssemos espionando clandestinamente dois fantasmas perdidos, trancados dentro de alguma eterna e inalterável batalha de vontades. A maçaneta da porta estava invisível em meio às sombras e eu notei o olhar duro de O’Kelly.

— Foi você que quis vir, Ryan — disse ele.

Eu não conseguia respirar.

— Eu deveria intervir.

— Para fazer o quê? Está tudo correndo conforme o planejado, se é que vai ser de alguma valia. Aquiete-se.

Uma curta e terrível respiração presa nos alto-falantes.

— Não — falei. — Escutem.

— Ela está cumprindo o dever dela — Sam disse com o rosto indecifrável sob a fraca luz amarela. — Sente-se.

O técnico levantou o dedo.

— Eu preferiria que você se controlasse — disse Rosalind, com desagrado. — É extremamente complicado ter uma conversa sensata com uma pessoa que está histérica.

— Desculpe-me. — Cassie voltou a assoar o nariz e engoliu com esforço. — Escute... por favor. Já acabou, não foi culpa do detetive Ryan, e ele faria qualquer coisa por você. Ele confiou o bastante em você para lhe contar. Será que não dava para você só... deixar para lá? Não contar para ninguém? Por favor?

— Bom, o detetive Ryan e eu passamos um tempo bem próximos, mas da última vez em que nos encontramos ele também foi extremamente grosseiro comigo. E também tinha mentido para mim sobre os tais amigos dele que sumiram. Não gosto de gente que mente. Não, detetive Maddox. Receio que eu não deva absolutamente nenhum favor nem a você nem a ele.

— Está bem — Cassie disse. — Está bem. Está bem. E se eu fizesse alguma coisa por você para compensar?

Uma risada curta.

— Não consigo pensar em nada que eu possa querer de você.

— Não, tem sim. Dê-me só mais cinco minutos, está bem? Podemos cortar por este lado do conjunto e seguir pela rua principal. Tem uma coisa que eu posso fazer por você. Juro.

Rosalind suspirou.

— Tem até chegarmos à minha casa. Só que, você sabe, né, detetive Maddox, tem gente que tem moral. Se eu resolver que é responsabilidade minha revelar essa história para os seus superiores, não aceitarei suborno para ficar em silêncio.

— Não é suborno. É só... uma ajuda.

— Logo *sua*? — Mais uma vez aquela risada; o trinado curto e tranquilo que eu considerara tão encantador. Percebi que estava enterrando as unhas nas palmas de minhas mãos.

— Há dois dias — Cassie começou — prendemos Damien Donnelly pelo assassinato de Katy.

Uma breve pausa. Sam inclinou-se para a frente com os cotovelos apoiados sobre os joelhos. Então:

— Ora... já estava na hora de esquecer a sua vida amorosa e dar alguma atenção ao caso da minha irmã. Quem é Damien Donnelly?

— Afirma ter sido seu namorado até algumas semanas atrás.

— Bom, é óbvio que não era. Se tivesse sido meu namorado, acho que eu saberia quem ele é, não é mesmo?

— Há registros — Cassie disse com cuidado — de diversos telefonemas entre os celulares de vocês dois.

A voz de Rosalind congelou.

— Se quiser que eu lhe faça um favor, detetive, me acusar de mentirosa não é exatamente a melhor maneira de tentar chegar a um acordo.

— Não estou acusando você de nada — Cassie disse, e por um segundo achei que sua voz fosse falhar novamente. — Estou apenas dizendo que sei que isso é um assunto só seu, e que você não tem motivo nenhum para me contar nada...

— Sem dúvida isso é verdade.

— Mas estou tentando explicar como posso ajudá-la. Sabe, o Damien confia de verdade em mim. Ele conversou comigo.

Depois de um instante, Rosalind fungou como forma de demonstrar seu desdém.

— Eu não ficaria muito empolgada com isso se fosse você. Damien se abre com qualquer um que esteja disposto a escutar. Não faz de você nada especial.

Sam assentiu, balançando a cabeça: *É o primeiro passo.*

— Eu sei. Eu sei. Mas o problema é que ele me contou por que a matou. Afirma ter sido por sua causa. Porque você pediu que o fizesse.

Nada, por um bom tempo.

— Foi por isso que pedi que você fosse até lá — Cassie continuou — naquela noite. Eu ia interrogá-la sobre essa história.

— Ora, por favor, detetive Maddox. — A voz de Rosalind havia ficado mais veemente, mas só um pouco, e eu não conseguia descobrir se isso era um sinal bom ou ruim. — Não me trate como se eu fosse

burra. Se tivessem qualquer prova contra mim, a esta hora eu já estaria presa, não aqui, ouvindo-a lamentar o insucesso do seu namorico com o detetive Ryan.

— Não — Cassie disse. — Aí é que está. Os outros ainda nem sabem sobre o que Damien me contou. Se descobrirem, aí sim virão prendê-la.

— Você está me ameaçando? Se estiver, é uma ideia muito ruim.

— Não. Estou só tentando... certo. O negócio é o seguinte. — Cassie respirou fundo. — O fato é que nós não precisamos de um motivo para levar uma pessoa a julgamento por homicídio. Ele já confessou que foi ele; já registramos por escrito, em vídeo, e não precisamos de absolutamente mais nada para levá-lo para a cadeia. Ninguém precisa saber *por que* ele fez o que fez. E, como eu disse, ele confia em mim. Se eu lhe disser que é melhor não contar o motivo para ninguém, ele vai acreditar em mim. Você sabe como ele é.

— Muito melhor que você, tenha certeza disso. Nossa... *Damien*. — É bem possível que isto seja uma prova irrefutável de minha burrice, mas eu ainda não tinha perdido a capacidade de me surpreender com o tom de voz de Rosalind, uma coisa bem maior do que desprezo: uma rejeição absoluta e impessoal. — Não estou nem um pouco preocupada com ele. É um assassino, pelo amor de Deus! Acha que alguém vai acreditar nele? Mais do que em *mim*?

— Eu acreditei nele — Cassie disse.

— Bem, isso revela muito da sua competência como investigadora, não é mesmo? Damien mal chega a ter tutano para amarrar os próprios cadarços, mas aparece com uma história qualquer e você simplesmente acredita em tudo o que ele disse? Acreditou mesmo que alguém como ele seria capaz de lhe contar como tudo aconteceu de verdade, mesmo que quisesse? Damien só é capaz de dar conta de tarefas *simples*, detetive. E esta história não teve nada de *simples*.

— Os fatos principais se encaixam — Cassie disse prontamente. — Não quero saber dos detalhes. Se vou ter que esconder esta história, quanto menos eu souber, melhor.

Um momento de silêncio enquanto Rosalind pesava as probabilidades; então, novamente a risadinha.

— É mesmo? Mas você é a investigadora aqui nesta história. Não deveria querer descobrir o que realmente aconteceu?

— Já sei do que preciso. Qualquer coisa que me disser não me servirá de nada, de qualquer maneira.

— Ah, disso eu sei — Rosalind disse. — Não poderá usar. Porém, se ouvir a verdade a coloca em uma posição desconfortável, a culpa é só sua e de mais ninguém, não concorda comigo? Não deveria ter se metido nesta situação. Acho que ninguém deve esperar de mim que eu tolere as suas mentiras.

— Eu sou... como você mesma disse, sou uma *investigadora*. — A voz de Cassie se elevava. — Não posso simplesmente escutar alguém falar sobre um crime e...

O tom de voz de Rosalind continuou o mesmo.

— Ora, mas terá que fazê-lo, não é mesmo? Katy era um doce de menina, mas, depois que começou a dançar e a monopolizar todas as atenções, ficou se achando a coisa mais maravilhosa do universo. A tal Simone também era uma péssima influência para ela, era sim. Eu ficava muito triste. Alguém tinha que colocá-la no lugar dela, não é mesmo? Para o bem dela própria. Daí eu...

— Se continuar com essa história — Cassie disse com rispidez, projetando a voz um pouco demais — terei que ler os seus direitos. Caso contrário...

— Não ouse me ameaçar, detetive. Não vou avisar uma segunda vez.

Um momento de hesitação. Sam olhava para o nada, com a articulação de um dos dedos entre os dentes da frente.

— Então — Rosalind retomou a história — resolvi que o melhor seria mostrar para Katy que na verdade ela não era nada tão especial assim. Com toda certeza ela não era muito inteligente. Quando eu lhe dava uma coisa para...

— Você não é obrigada a dizer nada que não seja de sua livre e espontânea vontade — Cassie interrompeu-a, com a voz estremeando desenfadadamente —, mas tudo que disser será registrado e poderá ser usado como prova.

Rosalind passou um longo tempo reconsiderando aquilo. Dava para ouvir os pés delas triturando as folhas caídas e o blusão de Cassie roçando o microfone a cada passo; em algum lugar um pombo selvagem arrulhou, confortável e satisfeito. Os olhos de Sam me fitavam e, em meio à escuridão do furgão, pensei ter visto neles alguma espécie de censura. Pensei no tio dele e encarei-o também.

— Ela a perdeu — O’Kelly vaticinou alongando a coluna, girando para trás os ombros pesados e estalando o pescoço. — Tudo por causa dessa maldita leitura de direitos. Na minha época não tinha nada dessa merda: era só dar algumas alfinetadas neles que eles contavam tudo o que você queria saber, e isso já era bom o bastante para qualquer juiz. Bom, é claro, pelo menos agora podemos voltar ao trabalho.

— Espere — Sam falou. — Ela vai conseguir reverter.

— Escute — Cassie disse, enfim, depois de respirar fundo —, quanto a ir ao nosso chefe...

— Só um momento — Rosalind interrompeu-a friamente. — Ainda não acabamos.

— Já, sim — Cassie disse, mas sua voz vacilava traiçoeiramente. — Em relação a Katy, já sim. Não estou disposta a simplesmente ficar aqui escutando...

— Não gosto de ninguém tentando me intimidar, detetive. Vou dizer o que eu estiver a fim de dizer. E você vai escutar. Se voltar a me interromper, será o fim de nossa conversa. Se contar para qualquer pessoa o que estou lhe revelando, deixarei claro para quem quer que seja exatamente que tipo de pessoa você é, e o detetive Ryan o confirmará. Ninguém vai acreditar em uma palavra do que disser, e você ainda vai perder o seu precioso emprego. Entendeu bem?

Silêncio. Meu estômago ainda revirava; engoli com esforço.

— Que arrogantezinha... — Sam revoltou-se. — Que arrogância escrota...

— Não reclame — disse O’Kelly. — É a melhor chance da Maddox.

— Sim — Cassie concordou, falando muito baixo. — Entendi.

— Ótimo. — Deu para ouvir o sorrisinho afetado de satisfação na voz de Rosalind. Os saltos dela agora faziam barulho em contato com o asfalto; elas haviam entrado na rua principal, em direção à entrada do conjunto. — Então, como eu estava dizendo, resolvi que alguém precisava fazer com que Katy parasse de se achar superior demais. Na realidade, deveria ter sido obrigação de meus pais, evidentemente. Se eles tivessem tomado alguma providência antes, eu não precisaria fazê-lo agora. Só que eles não estavam nem aí. Para mim, isso é até uma forma de abuso infantil, você não acha? Uma omissão dessas?

Ela esperou até que Cassie disse firmemente:

— Não sei.

— Ah, é sim. Eu ficava muito chateada. Daí falei com Katy que ela precisava, de verdade, parar com as aulas de balé, já que estavam lhe fazendo mal, só que ela nem deu bola. Ela precisava aprender que não tinha nenhuma espécie de direito divino de ser o centro das atenções. Nem tudo no mundo era feito para ela. Por causa disso, volta e meia eu a deixava sem dançar. Quer saber como eu fazia?

Cassie respirava acelerado.

— Não quero, não.

— Eu a fazia passar mal, detetive Maddox — Rosalind revelou. — Caramba, quer dizer que nem isso vocês descobriram?

— Estávamos em dúvida. Achamos que talvez fosse a mãe de vocês fazendo alguma coisa...

— Nossa mãe? — Aquele tom novamente, um repúdio além do desrespeito. — Ora, por favor. Minha mãe seria flagrada em uma *semana*, mesmo com vocês no comando da investigação. Eu misturava no suco dela detergente de cozinha, ou produto de limpeza, ou qualquer outra coisa que eu estivesse a fim no dia, e dizia para ela que era uma receita secreta que a faria *dançar* ainda melhor. Ela era tão burrinha que

acreditava em mim. Eu ficava curiosa de ver se alguém iria descobrir, mas ninguém nunca conseguiu. Dá para imaginar?

— Nossa! — Cassie exclamou, um pouco mais alto que um sussurro.

— Prenda-a, Cassie — Sam murmurou. — Isso é lesão corporal grave. *Prenda-a!*

— Ela não vai fazer isso — falei e percebi que minha voz saiu estranha, meio que em espasmos. —

Só depois de conseguir que ela confesse o assassinato.

— Escute — Cassie chamou-a, e eu ouvi quando ela engoliu —, já estamos perto da entrada do conjunto e você disse que eu tinha tempo só até voltarmos à sua casa... preciso saber o que ficou resolvido a respeito...

— Você saberá quando eu resolver lhe contar. E nós só vamos entrar quando eu resolver entrar. Para falar a verdade, acho melhor a gente voltar por aqui mesmo, para que eu termine de contar a minha história.

— Vamos voltar tudo isso?

— Foi você mesma que resolveu vir conversar comigo, detetive Maddox — disse Rosalind, de modo repreensivo. — Precisa aprender a lidar com as consequências das suas próprias atitudes.

— Merda — Sam murmurou. Elas estavam se afastando de nós.

— Ela não vai precisar de cobertura, O'Neill — O'Kelly falou. — A garota é uma cretina, mas não é como se estivesse com uma Uzi.

— Enfim, Katy não parecia disposta a aprender. — Aquele tom voraz e perigoso aparecia novamente na voz de Rosalind. — *Até que enfim* ela descobriu por que passava mal, nossa, levou *anos*, e aí veio para cima de mim com um acesso enorme de raiva. Disse que nunca mais iria beber nada que eu lhe desse, blá-blá-blá, e chegou até a ameaçar contar para os nossos pais... quer dizer, eles nunca teriam acreditado nela mesmo, porque ela sempre ficava histérica por qualquer coisinha, mas mesmo assim... está entendendo o que eu digo da Katy? Era uma pirralhinha mimada. E sempre, sempre tinha que ter suas vontades feitas. Se não conseguisse, corria para mamãe e papai para inventar histórias.

— Ela só queria ser uma dançarina — Cassie disse com serenidade.

— E eu tinha dito a ela que isso era inaceitável — Rosalind retrucou rispidamente. — Se ela simplesmente tivesse feito o que eu mandei, nada disso teria acontecido. Só que, em vez disso, ela tentou me *ameaçar*. Era exatamente o que eu sabia que ia acabar fazendo com ela essa história de academia de balé. Todas aquelas matérias dos jornais e os eventos para angariação de fundos eram uma coisa nojenta. Ela achou que poderia fazer o que bem entendesse. Ela me disse, e repito exatamente as palavras dela, sem inventar nada, ela ficou lá, de pé, com as mãos na cintura, que estrelinha, e ficava dizendo: “Você não devia ter feito isso comigo. Nunca mais repita isso.” Quem, me diga, *quem* ela achava que era? Estava completamente descontrolada, o modo com que ela me tratou foi absolutamente ultrajante, e de jeito *nenhum* eu iria aceitar aquilo.

As mãos de Sam estavam cerradas e eu mal respirava. Eu estava encharcado com um suor gelado. Não conseguia mais imaginar Rosalind com os mesmos olhos de antes; a visão sensível da garota de branco havia sido despedaçada por uma bomba nuclear. Aquilo era inimaginável, oco como as cascas amareladas que os insetos deixam para trás na grama seca, voando ao sabor dos ventos gélidos e hostis e de uma fina poeira corrosiva que desintegrava tudo em que tocava.

— Já passei por isso, de gente tentando mandar em mim — Cassie disse com a voz saindo firme e abafada. Mesmo tendo sido a única de nós que havia entendido o que esperar, aquela história deixara-a completamente sem fôlego. — Mas não fiz com que ninguém os matasse.

— Acho que você vai perceber, na verdade, que nunca mandei Damien fazer nada com Katy. — Deu para notar pelo som de sua voz que Rosalind ostentava um sorrisinho malicioso. — Não posso fazer nada se os homens sempre querem fazer as coisas para mim, posso? Pergunte a ele, se quiser: foi ele que teve todas as ideias. E, meu Deus, ele levou *séculos*! Seria mais rápido se eu treinasse um macaco. —

O’Kelly resfolegou. — Quando a ideia *finalmente* entrou na cabeça dele, parecia que tinha acabado de descobrir a teoria da gravidade, como se fosse algum *gênio*. E depois ele ainda ficava tendo dúvidas, aquilo nunca terminava... Nossa, mais algumas semanas e acho que eu teria que desistir dele e começar tudo de novo, antes que acabasse enlouquecendo.

— Mas no fim das contas ele fez a sua vontade — Cassie comentou. — Então, por que terminou com ele? O pobrezinho está arrasado.

— Pelo mesmo motivo que o detetive Ryan terminou com você. Eu ficava tão entediada que a minha vontade era gritar. E não, para ser sincera, ele não fez vontade nenhuma minha. Ele só fez merda na história toda. — A voz de Rosalind se elevava, insensível e furiosa. — Ao entrar em pânico e esconder o corpo dela, ele poderia ter estragado tudo. Poderia ter me colocado em uma encrenca das sérias. Sinceramente, ele é simplesmente *inacreditável*. Eu até me dei ao trabalho de ter que inventar uma história para ele contar para vocês, para despistá-los, só que nem isso ele conseguiu fazer direito.

— A do vulto de agasalho? — Cassie perguntou, e eu percebi sua voz mais dura agora: ia acontecer a qualquer momento. — Não, essa ele nos contou. Só não foi muito convincente. Achamos que estivesse fazendo uma tempestade em copo d’água.

— Está entendendo o que eu digo? Era para ele ter feito sexo com ela, acertado a cabeça dela com uma pedra e desovado o corpo em algum lugar no bosque ou na escavação. Era *essa* a minha vontade. Pelo amor de Deus, é de se imaginar que isso seria suficientemente simples até mesmo para Damien, mas não. Ele não conseguiu fazer direito *nenhuma delas*. Meu Deus, ele tem sorte de eu ter só terminado com ele. Depois da confusão em que ele transformou tudo isso, eu deveria era tê-lo denunciado a vocês. Ele merece o que quer que venha a receber.

E lá estava: tudo de que precisávamos. O fôlego fugiu de mim com um som curto, estranho e doloroso. Sam desabou para trás, apoiou-se na parede do furgão e passou as mãos pelos cabelos; O’Kelly soltou um assobio comprido e baixo.

— Rosalind Frances Devlin — disse Cassie —, você está presa sob a acusação de, próximo ou no dia 17 de agosto deste ano, em Knocknaree, no condado de Dublin, ter assassinado Katharine Bridget Devlin.

— *Tire as mãos de cima de mim* — Rosalind disse com rispidez. Ouvimos ruídos de luta e gravetos sendo triturados às pisadas; depois, um barulho rápido e violento como o chiado de um gato e alguma coisa entre uma pancada e um golpe surdo, e então o arfar dolorido de Cassie.

— Mas que merda! — O’Kelly exclamou.

— Vamos — Sam falou —, vamos. — Mas eu já estava tateando à caça da maçaneta da porta.

Nós corremos, derrapamos ao virar a esquina e descemos a rua rumo à entrada do conjunto. Minhas pernas eram mais compridas que as dos outros e logo deixei Sam e O’Kelly para trás. Tudo parecia passar por mim em câmara lenta: portões que se balançavam e portas pintadas de cores radiantes, uma criança de colo em um triciclo olhando para cima, espantada e com a boca aberta, e um senhor de suspensórios, dando as costas para as suas rosas; a luz do sol da manhã escoava vagorosamente como mel, doloridamente reluzente depois da escuridão do furgão, e o estrondo de alguém batendo sua porta continuava ecoando infinitamente. Rosalind poderia ter agarrado um galho pontiagudo, uma pedra, uma garrafa quebrada... tanta coisa pode matar. Eu não sentia meus pés em contato com o chão. Dei a volta pelo mourão e corri pela rua principal, as folhas roçavam-me o rosto conforme eu entrava pelo caminho estreito ao longo do muro do alto da colina, do comprido mato molhado e das pegadas nos trechos enlameados. Senti como se estivesse me desfazendo, com a brisa outonal fluindo gélida e suave entre as costelas e por dentro de minhas veias, me transformando de terra em ar.

Elas estavam em uma área remota do conjunto de casas, onde os campos uniam-se àquela última faixa da mata, e eu senti as pernas fracas quando do alívio de ver que as duas estavam de pé. Cassie havia prendido Rosalind pelos pulsos — por um instante me lembrei da força das mãos dela, daquele dia na

sala de interrogatório —, mas Rosalind se debatia, concentrada, não para se livrar, e sim para atingir Cassie. Chutava-lhe as canelas e tentava arranhá-la, e eu a vi lançar a cabeça quando ela cuspiu no rosto de Cassie. Gritei alguma coisa, mas acho que nenhuma das duas escutou.

Passadas golpearam o solo pesadamente atrás de mim e Sweeney passou rapidamente, correndo como um jogador de rúgbi e já tirando suas algemas. Ele agarrou Rosalind pelo ombro, virou-a e atirou-a contra o muro. Cassie havia agarrado a menina com o rosto à vista e os cabelos puxados para trás, formando um coque, e pela primeira vez eu via com um alívio absolutamente alegórico o quanto ela era feia sem a cobertura das camadas de maquiagem e as madeixas caindo arditosamente de sua cabeça: as bochechas flácidas, a boca fina e ávida franzida em um sorriso detestável de afetação e os olhos apáticos e inexpressivos como os de uma boneca. Estava vestida com o uniforme da escola, uma saia azul-marinho amorfa e um blazer da mesma cor com um brasão na frente e, por algum motivo, aquele disfarce me pareceu o mais horrível de todos.

Cassie deu um passo em falso para trás e se reequilibrou, apoiando-se no tronco de uma árvore. Quando se virou na minha direção, a princípio só consegui ver seus olhos, enormes, pretos e desconcertados. Depois vi o sangue, em um entrelaçamento insano, escorrendo por um dos lados de seu rosto. Ela cambaleou ligeiramente, sob as sombras embaçadas das folhas, e uma gota reluzente caiu na grama a seus pés.

Eu estava a poucos metros dela, mas alguma coisa me impediu de me aproximar. Estupefata e abalada, com o rosto maculado pelas marcas selvagens, ela parecia uma sacerdotisa pagã surgindo de um ritual radiante e impiedoso demais para ser imaginado: parte dela ainda estava em algum outro lugar, sendo alguma outra pessoa, e não podia ser tocada até que desse o sinal. Minha nuca formigava.

— Cassie — eu disse, abrindo os braços em sua direção. Eu sentia como se meu peito estivesse sendo arrombado. — Oh, Cassie...

Ela ergueu as mãos como se procurasse alcançar alguma coisa e por um instante todo o seu corpo moveu-se na minha direção. Então, ela se lembrou. Deixou as mãos caírem, jogou a cabeça para trás e seu olhar fixo foi vagarosamente desviando-se, incerto, ao longo da vastidão daquele céu azul.

Sam me empurrou para que eu saísse da frente e correu pesadamente até parar, desajeitado, ao lado dela.

— Ah, meu Deus, Cassie... — Ele estava sem fôlego. — O que ela fez com você? Venha aqui.

Ele puxou a barra da camisa e limpou delicadamente o rosto dela, com a outra mão em forma de concha segurando-lhe a cabeça para firmá-la.

— Ai! Porra! — Sweeney gritou por entre os dentes quando Rosalind pisou-lhe fortemente o pé.

— Me arranhou — Cassie contou com a voz em pânico, estridente e assustada. — Ela me *tocou*, Sam, aquela coisa me *tocou*, ela *cuspiu*... limpe isso de mim. Limpe.

— Shh — Sam silenciou-a. — Shh. Já acabou. Você esteve ótima. Shh. — Ele a envolveu com os braços e puxou-a para perto de si, e ela baixou a cabeça, apoiando-a no ombro dele. Por um segundo, os olhos de Sam se cruzaram com os meus; então ele desviou-os, olhando para baixo, para sua mão que acariciava os cachos de Cassie em desordem.

— Que merda está acontecendo aqui? — O'Kelly perguntou, atrás de mim, com aversão.

O rosto de Cassie, depois de limpo, não estava tão ruim quanto havia parecido de início. As unhas de Rosalind deixaram três grossos cortes escuros de um lado ao outro da maçã de seu rosto, mas, embora tenham sangrado bastante, não foram profundos. O técnico, que conhecia procedimentos de primeiros socorros, disse que não seria necessário suturar e que foi sorte Rosalind não ter acertado o olho. Ele se ofereceu para colocar emplastros nos cortes, mas Cassie não quis, só depois que nós voltássemos para o trabalho e ela os desinfetasse. Ela tremia toda, às vezes parava, mas voltava; de acordo com o técnico,

estava provavelmente em estado de choque. O’Kelly, que ainda parecia aturdido e ligeiramente aborrecido devido aos acontecimentos de todo aquele dia, ofereceu-lhe um de seus caramelos açucarados.

— Açúcar — ele explicou.

Cassie estava obviamente sem condições de dirigir e deixou a Vespa onde a havia estacionado e voltou para o trabalho no banco da frente do furgão. Sam foi dirigindo. Rosalind foi na parte de trás, junto com o resto de nós. Havia se aquietado depois que Sweeney a algemou; ficava sentada, inflexível e indignada, sem dizer uma palavra sequer. Sempre que eu respirava, sentia o cheiro enjoativo de seu perfume e de mais alguma coisa, de alguma mácula de podridão, opulenta e poluente e possivelmente imaginária. Dava para perceber claramente pelos olhos dela que sua mente estava furiosamente a mil por hora, mas seu rosto não deixava transparecer expressão alguma: nenhum medo, contestação ou raiva. Absolutamente nada.

Quando voltamos para o trabalho, o humor de O’Kelly havia melhorado consideravelmente e, quando entrei com ele e com Cassie na câmara de observação, ele não tentou me mandar sair.

— A menina me lembra um garoto que conheci na escola — ele nos disse pensativamente, enquanto esperávamos que Sam terminasse de ler os direitos de Rosalind e subisse com ela para a sala de interrogatório. — Te sacaneava de todos os jeitos possíveis e imagináveis, sem pensar duas vezes, e depois convencia todo mundo de que tinha sido tudo culpa sua. Como tem gente maluca neste mundo.

Cassie inclinou-se para trás e recostou-se na parede, cuspiu em um lenço de papel manchado de sangue e voltou a esfregá-lo na bochecha.

— Ela não é maluca — Cassie disse, com as mãos ainda tremendo.

— É modo de falar, Maddox — disse O’Kelly. — Deveria ir tratar esse seu ferimento de guerra.

— Estou bem.

— Dou-lhe meus parabéns, ainda assim. Tinha mesmo razão desta vez. — Ele afagou o ombro dela desajeitadamente. — Toda essa história de prejudicar a irmã para o próprio bem dela; acha que ela acredita de verdade nisso?

— Não — Cassie respondeu e voltou a dobrar o lenço para encontrar um pedaço limpo. — “Acreditar” é uma coisa que não existe para ela. As coisas não são verdadeiras ou falsas; ou servem para o que ela quer, ou não servem. Nenhuma outra coisa significa nada para ela. Em um teste com um detector de mentiras, ela passaria com honras.

— Deveria ter entrado para a política, então. Esperem, lá vamos nós. — O’Kelly sacudiu a cabeça na direção do vidro: Sam estava apresentando a sala de interrogatório para Rosalind. — Vamos vê-la tentar escapar desta. Deve render umas boas risadas.

Rosalind lançou uma olhadela pela sala e suspirou.

— Gostaria que vocês ligassem para os meus pais agora — ela disse para Sam. — Peça para que me arranjem um advogado e que depois venham para cá. — Ela tirou uma canetinha delicada e um diário do bolso do blazer, escreveu alguma coisa em uma das páginas, depois arrancou-a e entregou-a a Sam como se ele fosse um mensageiro de hotel. — É o telefone deles. Muito obrigada.

— Poderá falar com os seus pais depois que terminarmos de conversar — Sam disse. — Se quiser um advogado...

— Creio que falarei com eles antes disso, para ser sincera. — Rosalind esticou a parte de trás da saia e se sentou, com uma discreta careta de descontentamento por causa da cadeira de plástico. — Menores não têm o direito de ter um dos pais ou um tutor presente durante o interrogatório?

Houve um momento em que todos ficaram paralisados, menos Rosalind, que cruzou os joelhos afetadamente modesta, olhou para Sam e abriu um sorriso, saboreando o efeito.

— Interrogatório suspenso — Sam disse bruscamente, arrancando a pasta do caso de cima da mesa e encaminhando-se para a porta.

— Minha mãe santíssima! — O’Kelly exclamou. — Ryan, está querendo me dizer...

— Ela pode estar mentindo — Cassie disse, observando-a atentamente pelo vidro; estava com a mão fechada em punho em volta do lenço.

Meu coração, em suspenso, recomeçou a bater com o dobro da velocidade.

— É claro que está. Olhem só para ela, é impossível que tenha menos de...

— Vai nessa. Sabe quantos homens já acabaram na cadeia por pensar assim?

Sam golpeou a porta da câmara de observação, que se abriu com tanta força que ricocheteou contra a parede.

— Qual é a idade da garota? — ele exigiu saber de mim.

— *Dezoito* — respondi, com a cabeça a girar; eu sabia que tinha certeza, mas não conseguia me lembrar como. — Ela me contou...

— E você acreditou na palavra dela? — Eu nunca tinha visto Sam perder a calma, e era mais impressionante do que eu teria esperado. — Se você perguntar para aquela garota que horas são às duas e meia, ela vai dizer que são três só para foder com a sua cabeça. Você nem foi *conferir*?

— Olha só quem está falando! — O’Kelly interrompeu-o ríspidamente. — Qualquer um de vocês poderia ter conferido, em qualquer momento no passado, só Deus sabe por quanto tempo, mas não...

Sam nem o escutou. Seus olhos estavam grudados nos meus, fervendo.

— Confiamos na *sua* palavra porque era para você ser uma droga de um *detetive*. Você mandou a sua própria parceira para o campo de batalha para ser crucificada, sem sequer se incomodar...

— Eu conferi *sim*! — gritei. No entanto, conforme minha boca proferia tais palavras, a lembrança me veio com um golpe surdo. Em uma tarde ensolarada, há bastante tempo, eu ficara fuçando os arquivos, com o telefone pressionado entre o maxilar e o ombro e O’Gorman queixando-se em meu outro ouvido, e tentando conversar com Rosalind para saber se ela tinha idade suficiente para supervisionar minha conversa com Jessica, tudo ao mesmo tempo. (*E eu devia saber, pensei, eu devia saber, mesmo naquela época, que não poderia confiar nela, ou então, por que teria me dado ao trabalho de conferir uma coisa tão insignificante?*) Eu tinha encontrado a folha dos dados familiares dos Devlin e li às pressas até chegar à data de nascimento de Rosalind, depois fiz as contas...

Sam havia me dado as costas e revirava insistentemente os arquivos do caso, e eu vi o momento em que seus ombros cederam.

— Novembro — disse ele, de modo bastante sereno. — Ela faz aniversário no dia 2 de novembro. Vai fazer dezoito.

— Meus parabéns — O’Kelly disse severamente, depois de um silêncio. — Para os três. Muito bom. Cassie bufou.

— Inaceitável — disse ela. — Cada merda de palavra. — Ela desceu escorregando pela parede até sentar-se no chão, como se seus joelhos tivessem subitamente cedido, e fechou os olhos.

Um som tênue, insistente e agudo saía dos alto-falantes. Na sala de interrogatório, Rosalind tinha ficado entediada e começara a cantarolar.

Naquela noite, começamos a desocupar a nossa sala na divisão, Sam, Cassie e eu. Trabalhávamos metódica e silenciosamente, retirando as fotografias, apagando a confusão multicolorida do quadro branco, separando pastas e relatórios e guardando-os para sempre em caixas de papelão com carimbos em azul. Alguém tinha incendiado um apartamento na altura da rua Parnell na noite anterior, matando uma nigeriana que tinha pedido asilo e seu bebê de seis meses de idade; Costello e seu parceiro precisavam da sala.

O’Kelly e Sweeney interrogavam Rosalind, no final do corredor, com Jonathan ao fundo para protegê-la. Acho que eu tinha esperado que Jonathan chegasse soltando os cachorros para cima de todo mundo e possivelmente tentasse agredir alguém, mas, como ficou claro depois, o problema não era ele. Quando O’Kelly contou aos Devlin, do lado de fora da sala de interrogatório, o que Rosalind havia confessado, Margaret precipitou-se sobre ele, com a boca escancarada. Depois puxou uma enorme quantidade de ar e urrou “Não!” rouca e desvairada, com a voz espalhando-se pelas paredes do corredor. “Não. Não. Não. Ela estava com as *primas*. Como podem fazer isso com ela? Como podem... como... Ah, meu Deus, ela me avisou... ela me avisou que vocês iriam tentar fazer isto com ela! Você”, ela esticou o dedo grosso e trêmulo em minha direção e eu me retraí, “você, ligando para ela uma dúzia de vezes por dia, chamando-a para sair, e ela sendo só uma criança, devia se envergonhar... e ela”, Cassie, “ela detestou Rosalind desde o princípio, Rosalind sempre disse que ela tentaria culpá-la por... O que estão querendo fazer com ela? Querem matá-la, é isso? Ficarão satisfeitos se conseguirem? Ai, meu Deus, coitadinha da minha filhinha... por que todo mundo mente tanto sobre ela? Por quê?” Ela enfiou as mãos nos cabelos e sucumbiu em uma série de soluços dolorosos.

Jonathan ficara parado no alto da escada, segurando o corrimão, enquanto O’Kelly tentava acalmar Margaret e nos fitava com um olhar de censura por sobre o ombro dela. Jonathan estava vestido para o trabalho, com terno e gravata. Por algum motivo, me lembro com bastante clareza daquele terno. Era azul-escuro e estava tão limpo, não tinha uma mancha sequer, e tinha um ligeiro reflexo onde o ferro fora passado várias vezes e, por algum motivo, achei-o quase indizivelmente triste.

Rosalind foi presa por homicídio e por agredir uma policial. Abriu a boca apenas uma vez desde que os pais chegaram, para alegar — com os lábios tremendo — que Cassie havia socado o estômago dela e que ela havia simplesmente se defendido. Iríamos enviar um arquivo para a promotoria pública com as duas acusações, mas todos sabíamos que a prova do homicídio era fraca, na melhor das hipóteses. Não tínhamos mais nem a ligação do Vulto de Agasalho entre os dois para mostrar que Rosalind havia sido cúmplice de Damien: minha conversa com Jessica, na verdade, não fora supervisionada por uma pessoa maior de idade e eu não tinha como provar que sequer havia acontecido. Nós só tínhamos a palavra de Damien e um bando de registros de ligações entre os telefones celulares dos dois, nada mais.

Estava ficando tarde, já deviam ser umas oito da noite, e a Central estava em silêncio. Ouviam-se somente os nossos movimentos e uma leve chuva hesitante a tamborilar nas janelas da sala. Retirei as fotos da autópsia e os retratos da família Devlin, os carrancudos suspeitos de serem o Vulto de Agasalho e as ampliações granuladas de Peter e Jamie. Tirei os adesivos detrás delas e as arquivei. Cassie conferia cada uma das caixas, colocava nelas uma tampa e as classificava com um marcador de texto preto. Sam andava para cima e para baixo pela sala com um saco de lixo, recolhendo copos de isopor e

esvaziando cestas repletas de papéis velhos e removendo restos de comida das mesas. Havia manchas de sangue ressecado em sua camisa.

As pontas do mapa que ele tinha feito de Knocknaree estavam começando a se enrolar, e um dos cantos rasgou-se quando o retirei da parede. Alguém havia deixado respingar água e a tinta escorria em certos pontos, fazendo o desenho do especulador imobiliário de Cassie ficar feio como se houvesse sofrido um derrame.

— Arquivamos isto também? — perguntei a Sam. — Ou...?

Estiquei o braço, segurando-o, na direção dele, e nós ficamos a observá-lo: os troncos das árvores pequeninos e retorcidos, a fumaça saindo em espiral das chaminés das casas, delicado e melancólico como um conto de fadas.

— É melhor não — Sam respondeu depois de um instante, pegou o mapa de minha mão, enrolou-o no formato de um tubo e colocou-o com jeito no saco de lixo.

— Está faltando uma tampa — Cassie avisou. Cascas escuras e repugnantes haviam se formado ao longo dos cortes em seu rosto. — Tem mais alguma por aí?

— Tinha uma debaixo da mesa — Sam respondeu. — Tome... — Ele atirou para Cassie a última tampa. Ela colocou-a no lugar e se pôs ereta.

Ficamos parados sob as luzes fluorescentes, olhando um para a cara do outro entre as mesas vazias e a confusão de caixas. *É a minha vez de preparar o jantar...* por um momento eu quase disse e senti o mesmo pensamento passar pela cabeça de Sam e Cassie, bobo e impossível e não menos doloroso por causa disso.

— Bom... — Cassie disse comedidamente, junto com uma longa expiração. Depois deu uma olhada ao redor da sala vazia, esfregando as mãos dos dois lados da calça jeans. — Bom, acho que é só isso, então.

Tenho consciência, a propósito, de que esta história não me coloca em uma posição particularmente respeitável. Sei que, em um tempo incrivelmente curto depois de ter me conhecido, Rosalind já sabia como me fazer obedecer às suas vontades como um cãozinho adestrado: subindo e descendo apressadamente a escada para lhe levar café, aceitando condescendentemente ouvi-la falar mal de minha parceira, imaginando, como um adolescente fascinado e bobalhão, que tivéssemos alguma afinidade. Porém, antes de vocês resolverem me menosprezar inteiramente, pensem o seguinte: ela também enganou todos vocês. A chance que vocês tiveram foi a mesma que eu tive. Contei-lhes tudo que vi, da maneira como vi na época. E se isso foi, em si, ilusório, lembrem-se de que também lhes disse isto: eu avisei, desde o princípio, que minto.

É difícil descrever o tamanho do horror e do nojo que senti de mim mesmo ao ver que Rosalind me fizera de idiota. Tenho certeza de que Cassie diria que minha ingenuidade era natural, que todos os outros mentirosos e criminosos com quem eu havia esbarrado tinham sido meros amadores, enquanto Rosalind era uma psicopata nata, e que ela própria só era imune porque já havia sido alvo da mesma técnica; só que Cassie não estava mais lá. Poucos dias após encerrarmos as investigações, O'Kelly me disse que até os veredictos saírem eu iria trabalhar na unidade central de detetives, na rua Harcourt. “Bem longe de qualquer coisa que você possa foder”, foi como ele colocou, e vi que não estava lá tão errado. Permaneci ainda, oficialmente, na Homicídios, e por isso ninguém sabia exatamente o que eu estava fazendo na unidade central. Ganhei uma mesa e volta e meia O'Kelly mandava uma pilha de burocracia, mas na maior parte do tempo eu era livre para perambular pelos corredores a meu bel-prazer, escutando clandestinamente fragmentos de outras conversas e me esquivando de olhares curiosos, etéreo e indesejável como um fantasma.

Passei noites insones conjurando minuciosos e improváveis destinos sangrentos para Rosalind. Eu a queria não apenas morta, mas apagada da face da Terra — esmagada em uma gosma sem a menor capacidade de identificação, pulverizada por uma máquina retalhadora e queimada até virar um punhado de cinza tóxica. Eu próprio nunca tinha suspeitado desta minha inclinação para o sadismo e fiquei ainda mais horrorizado ao me dar conta de que eu mesmo teria, prazerosamente, executado qualquer uma dessas sentenças. Todas as conversas que tive com ela passavam novamente em minha mente e percebi com uma clareza inclemente sua imensa habilidade de me manipular: como ela, de maneira infalível, colocara o dedo em tudo, desde as minhas vaidades até as minhas tristezas e medos mais profundamente ocultos, e retirado tudo de mim para satisfazer a suas vontades.

Essa foi, no final das contas, a compreensão mais horrenda de todas: a de que Rosalind não havia, apesar de tudo, implantado um microchip atrás da minha orelha ou me drogado para que eu me submetesse aos seus caprichos. Eu próprio havia descumprido todas as promessas que tinha feito e levado cada barco ao naufrágio com minhas próprias mãos. O que ela fez foi simplesmente, como qualquer bom artífice, tirar proveito do que lhe foi dado. Só de olhar, ela julgara Cassie e a mim, e a havia considerado inútil para seus propósitos; só que em mim ela viu alguma coisa, alguma característica sutil, porém essencial, que me fazia alguém proveitoso de se ter ao lado.

Não testemunhei no julgamento de Damien. Era arriscado demais, segundo o promotor. A chance era grande de Rosalind ter contado para ele sobre minha “história pessoal”, como ele colocou. Era um sujeito chamado Mathews, que usava gravatas espalhafatosas e era chamado de “dinâmico” com frequência e sempre me deixava cansado. Rosalind não voltou a tocar no assunto — pelo jeito, Cassie havia sido suficientemente convincente para fazer com que ela esquecesse aquilo e experimentasse outras armas mais promissoras —, e eu duvidava de que ela tivesse contado a Damien qualquer coisa que fosse minimamente proveitosa, mas não me dei ao trabalho de indagar.

Entretanto, fui ver Cassie testemunhar. Sentei-me no fundo do tribunal, que estava apinhado, o que era raro; o julgamento vinha preenchendo as manchetes dos jornais e os programas de debates das rádios desde antes de seu início. Cassie vestia um belo terninho cinza e seus cachos estavam suavemente alisados junto da cabeça. Fazia alguns meses que eu não a via. Ela estava mais magra, mais abatida; a mobilidade imprevisível a que associo sua imagem não mais existia, e sua nova tranquilidade mostrou-me seu rosto — os arcos frágeis e marcantes sobre as pálpebras, as curvas extensas e proporcionais de sua boca — como se eu nunca o tivesse visto. Estava mais velha, não era mais a mulher ágil e irônica da Vespa enguiçada, mas a mim não parecia menos bela por causa disso: qualquer que seja a beleza elíptica de Cassie, ela sempre existiu, não nos níveis vulneráveis de cor e textura, e sim, mais profundamente, nos contornos refinados de seus ossos. Fiquei observando-a no banco das testemunhas com aquele terno que eu não conhecia e pensei nos cabelos macios de sua nuca, quentes e cheirando a sol, e me pareceu uma coisa impossível, me pareceu o maior e mais triste milagre de minha vida: uma vez ter tocado seus cabelos.

Ela era boa. Cassie sempre se saía bem no tribunal. Os jurados confiam nela e ela prende a atenção deles, o que é mais complicado do que parece, sobretudo em um julgamento demorado. Ela respondeu às perguntas de Mathews com uma voz clara e serena, as mãos cruzadas sobre o colo. Ao ser interrogada, ela fez o que pôde por Damien: sim, ele se mostrava agitado e confuso; sim, ele parecera acreditar genuinamente que o crime fora necessário para proteger Rosalind e Jessica Devlin; sim, na opinião dela, ele estivera influenciado por Rosalind e cometera o crime devido à insistência dela. Damien curvou-se em sua cadeira e ficou olhando para ela como um garotinho vendo um filme de terror, com os olhos pasmados, arregalados e sem compreender. Ele havia tentado se suicidar usando a técnica consagrada do lençol da cadeia quando soube que Rosalind iria testemunhar contra ele.

— Quando Damien confessou o crime — perguntou o advogado de defesa —, ele lhe contou o motivo?

Cassie balançou a cabeça.

— Naquele dia, não. Meu parceiro e eu lhe perguntamos diversas vezes qual tinha sido, mas às vezes ele se recusava a responder e, em outras, dizia que não sabia direito.

— Ainda que já houvesse confessado e que revelar o motivo não fosse lhe causar nenhum mal. Por que acha que ele fez isso?

— Protesto: isso já é especulação...

Meu parceiro. Percebi pela pequena mudança na angulação de seus ombros, que Cassie havia me visto encolhido lá no fundo; só que não chegou a olhar em minha direção, nem sequer quando os advogados finalmente a liberaram e ela desceu do banco das testemunhas e saiu do tribunal. Então pensei em Kiernan; em como deve ter sido difícil para ele quando, depois de trinta anos de parceria, McCabe enfartou e morreu. Mais do que eu já tinha invejado qualquer coisa, em qualquer época, eu invejava aquilo em Kiernan, aquela dor singular e inalcançável.

Rosalind testemunharia a seguir. Ela subiu no banco das testemunhas nas pontas dos pés, em meio ao súbito alvoroço de murmúrios e de jornalistas anotando, olhou para Mathews e abriu um acanhado sorrisinho juvenil por sob o rímel. Fui embora. Li nos jornais do dia seguinte: como ela chorou quando falou de Katy e tremeu quando narrou como Damien ameaçara matar suas irmãs se ela terminasse com ele; como, quando o advogado dele começou a inquiri-la com mais ímpeto, ela gritou “Como ousa?! Eu amava a minha irmã!” e depois perdeu os sentidos, obrigando o juiz a interromper a audiência por aquela tarde.

Rosalind não passou por um julgamento — decisão dos pais, tenho certeza, e não dela; ela não abriria mão da oportunidade de chamar tanta atenção. Mathews propôs um acordo no caso dela. Acusações de conspiração são notoriamente difíceis de se provarem; não havia provas concretas contra Rosalind, sua confissão era inaceitável no tribunal, e ela, evidentemente, retirara o que havia dito, de qualquer forma (Cassie, ela explicou, a obrigara a dizer aquilo tudo, apavorando-a, fazendo gestos como se estivesse cortando-lhe a garganta); e, além disso, como menor, ela não receberia uma sentença muito grande, mesmo se, por acaso, fosse considerada culpada. Também declarou que tinha dormido comigo, o que deixou O’Kelly furioso e eu ainda mais, e levou a confusão geral a um nível simplesmente paralisante.

Mathews tinha pesado as probabilidades e concentrou-se em Damien. Em troca do depoimento dela contra ele, o advogado ofereceu a Rosalind uma pena de três anos por ter colocado, de forma negligente, uma vida em risco e resistido à prisão. Fiquei sabendo depois por boatos que ela já tinha recebido alguns pedidos de casamento e que os jornais e as editoras estavam brigando para ver quem oferecia mais por sua história.

Ao sair do tribunal, vi Jonathan Devlin encostado na parede, fumando. Ele segurava o cigarro bem próximo do peito e inclinava a cabeça para trás para ver as gaivotas voando em círculos sobre o rio. Tirei meus cigarros do bolso do casaco e me juntei a ele.

Ele me deu uma olhadela e voltou a olhar para o outro lado.

— Como vai? — perguntei.

Ele deu de ombros de um jeito abatido.

— Como seria de se esperar. Jessica tentou o suicídio. Foi para a cama e cortou os pulsos com a minha navalha.

— Lamento — eu disse. — Está tudo bem com ela?

Um dos cantos de sua boca contraiu-se com um sorriso desanimado.

— Está. Por sorte ela não conseguiu fazer direito: cortou atravessado, em vez de para baixo.

Acendi meu cigarro, protegendo a chama com a mão em forma de concha — ventava bastante e nuvens púrpuras começavam a se agrupar.

— Posso lhe perguntar uma coisa? Rigorosamente em off?

Ele me fitou: um olhar incerto e desanimado com traços de alguma coisa parecida com desdém.

— Por que não?

— O senhor sabia, não é mesmo? — perguntei. — Já sabia desde o princípio.

Ele passou um longo tempo sem dizer nada. Foi tanto que fiquei imaginando se iria ignorar a pergunta. Chegou uma hora em que ele suspirou e disse:

— *Saber* não. Não tinha como ela própria ter sido a responsável, afinal estava com as primas. E eu não sabia nada sobre o tal rapaz, o Damien. Mas imaginava. Convivi a vida inteira com Rosalind. Eu imaginava.

— E não tomou nenhuma providência. — A intenção foi que minha voz saísse inexpressiva, mas um tom de acusação deve ter se infiltrado. Ele poderia ter nos avisado desde o primeiro dia a respeito de Rosalind; poderia ter contado para alguém anos antes, quando Katy começou a passar mal. Embora eu soubesse que possivelmente isso não faria diferença alguma a longo prazo, eu não conseguia deixar de pensar em todas as vítimas que aquele silêncio produziu, em todos os destroços deixados em seu rastro.

Jonathan atirou longe a guimba do cigarro e se virou para me encarar, com as mãos enfiadas nos bolsos do sobretudo.

— Que providência você acha que eu deveria ter tomado? — ele indagou com a voz grave e áspera. — Ela também é minha filha. Eu já havia perdido uma. Margaret não suporta ouvir uma palavra contra ela; há anos eu quis mandar Rosalind se consultar com um psicólogo por causa do número exagerado de mentiras que ela contava, mas Margaret ficou histérica e ameaçou separar-se de mim e levar as meninas embora. E eu não *sabia* de nada. Não teria porra nenhuma para lhes dizer. Fiquei de olho nela e rezei para que tivesse sido algum especulador imobiliário. Que providência *você* teria tomado?

— Não sei — eu disse, sinceramente. — É bem possível que eu tivesse feito exatamente o que o senhor fez. — Ele continuava me olhando, respirando rapidamente, com as narinas alargando-se levemente. Virei para o outro lado e dei uma tragada no cigarro; depois de um tempo, escutei quando ele respirou fundo e voltou a se apoiar na parede.

— Agora sou eu que quero lhe perguntar uma coisa — ele disse. — Rosalind mentiu quando disse que você era o garoto cujos amigos desapareceram?

A pergunta não me surpreendeu. Era direito dele ver ou ouvir as fitas de todos os interrogatórios feitos com Rosalind e, de certa forma, acho que sempre esperei que ele fizesse aquela pergunta, mais cedo ou mais tarde. Eu sabia que deveria negar — a história oficial era que eu tinha, legitimamente, porém com um pouco de insensibilidade, inventado toda aquela história de desaparecimento para conquistar a confiança de Rosalind —, mas estava sem forças para isso e também não via motivo.

— Não. Sou Adam Ryan.

Jonathan virou a cabeça e passou um bom tempo a me olhar, e eu fiquei me perguntando quais seriam as lembranças nebulosas que ele estava tentando associar ao meu rosto.

— Não tivemos nada a ver com aquilo — ele disse, e o tom suave e quase compassivo de sua voz me assustou. — Quero que saiba disso. Absolutamente nada.

— Eu sei. Lamento ter sido tão contundente com o senhor.

Ele aceitou o pedido de desculpas assentindo lentamente com a cabeça.

— É bem provável que eu tivesse feito a mesma coisa se estivesse no seu lugar. E eu também não era nenhum santinho inocente. Vocês viram o que fizemos com a Sandra, não viram? Vocês estavam lá.

— Sim. Ela não vai dar queixa.

Ele balançou a cabeça como se pensar naquilo o deixasse incomodado. O rio estava escuro e tinha uma aparência espessa, com um brilho oleoso e insalubre. Havia alguma coisa na água, talvez um peixe

morto ou resto de lixo; as gaiivotas grasnavam aos rodopios sobre o que quer que fosse em frenesi.

— O que vai fazer agora? — perguntei, sem muito interesse.

Jonathan ficou olhando o céu ameaçador. Parecia exausto, mas não o tipo de exaustão que pode ser curada com uma Boa-noite de sono ou com férias; era algo enraizado e indelével nos vincos ao redor dos olhos e da boca.

— Me mudar de casa. Atiraram tijolos nas nossas janelas e alguém pichou “PEDÓFILO” no carro, não sabia nem escrever direito, mas o recado foi passado com bastante clareza. Dá para ficar até que a história da rodovia acabe, de um jeito ou do outro, mas depois disso...

Alegações de abuso infantil, independentemente do quanto possam parecer sem fundamento, devem ser verificadas. A investigação das denúncias de Damien contra Jonathan não encontrou qualquer prova que as confirmasse e uma quantidade considerável de outras que as contradissesse, e a Divisão de Crimes Sexuais comportou-se com o máximo de discrição humanamente possível; só que os vizinhos sempre ficam sabendo, por intermédio de algum sistema misterioso de atabaques, e sempre há bastante gente que acredita que onde há fumaça, há fogo.

— Vou mandar Rosalind para uma terapia, seguindo orientação do juiz. Andei lendo alguma coisa e todos os livros dizem que não faz diferença alguma para gente como ela, que eles já nascem assim e que não há cura, mas tenho obrigação de tentar. E a mantereí vivendo conosco pelo máximo de tempo que eu conseguir, onde possa ver o que está fazendo, para tentar impedi-la de aprontar suas travessuras com outras pessoas. Ela vai para a faculdade em outubro, vai estudar música em Trinity, mas já avisei a ela que não lhe pagarei o aluguel de um apartamento, continuará morando aqui conosco, ou é isso, ou arrume um emprego. Margaret ainda acredita que ela não fez nada e que vocês planejaram uma armadilha para cima dela, mas está suficientemente satisfeita em mantê-la vivendo conosco por mais algum tempo. Ela diz que Rosalind é impressionável. — Ele pigarreou com um ruído áspero, como se sentisse o gosto ruim daquela palavra. — Mandarei Jess ir morar com a minha irmã em Athlone logo que as cicatrizes dos pulsos sumirem; para deixá-la bem longe de qualquer perigo.

Sua boca se retorcia naquele meio sorriso penoso.

— Perigo. A própria irmã. — Por um instante pensei em como deveria ter sido aquela casa nos últimos dezoito anos e em como deveria ser agora, e isso provocou uma precipitação de pânico demorada e aflita em meu estômago.

— Quer saber de uma coisa? — Jonathan perguntou brusca e dolorosamente. — Margaret e eu estávamos saindo juntos havia só uns dois meses quando ela descobriu que estava grávida, o que nos deixou apavorados. Consegui abordar o assunto uma vez, que talvez ela devesse considerar... irmos até a Inglaterra para ela tirar... mas... claro, ela é muito religiosa. Ter engravidado já estava fazendo-a sentir-se mal o bastante, quanto mais... ela é uma boa mulher, não me arrependo de ter me casado com ela, mas se eu soubesse o que estava... o que... o que Rosalind viria a ser, que Deus me perdoe, mas eu mesmo a teria arrastado para o aborto.

Seria melhor se tivesse feito, eu quis dizer, mas teria sido crueldade.

— Sinto muito — falei de novo, sem qualquer propósito.

Ele me lançou uma olhadela por um momento; então, respirou e apertou mais o casaco em volta dos ombros.

— É melhor eu entrar, vou ver se já terminaram com Rosalind.

— Acho que ainda vai demorar um bocão.

— Provavelmente — ele disse sem uma entonação distinta, subiu os degraus arrastando-se e entrou na sala de audiência com o sobretudo a agitar-se atrás dele por causa do vento.

O júri considerou Damien culpado. Dadas as provas apresentadas, era quase impossível que não o fizesse. Houve diversas e complicadas batalhas judiciais multilaterais sobre o que deveria ou não ser aceito nos tribunais; psiquiatras incorreram em debates recheados de jargões falando sobre o processo de funcionamento da mente de Damien. (Tudo isso eu fiquei sabendo por terceiros, passando por pedaços de conversas ou durante os intermináveis telefonemas de Quigley, que havia aparentemente assumido como sua missão de vida descobrir por que eu tinha sido rebaixado para lidar com papelada na rua Harcourt.) O advogado de Damien tentou explorar uma defesa de duplo efeito — Damien estava temporariamente insano e, mesmo que não estivesse, acreditava estar protegendo Rosalind contra lesões corporais graves —, o que costuma confundir os jurados, sendo entendido equivocadamente como se não houvesse prova incontestável para condenar o suspeito. No entanto, nós tínhamos uma confissão plena e uma coisa que era talvez ainda mais importante: fotos da autópsia de uma criança morta. Damien foi considerado culpado de homicídio e recebeu pena perpétua, o que, na prática, geralmente acaba ficando mais ou menos entre dez e quinze anos.

Duvido de que ele fosse capaz de perceber as várias ironias daquilo, mas aquela espátula muito possivelmente salvou-lhe a vida e certamente o poupou de diversas experiências desagradáveis na cadeia. Por ter sido acusado também por agressão sexual, foi sentenciado a cumprir pena na unidade de alta periculosidade, junto a pedófilos, estupradores e outros detentos que não se dariam bem entre os presos comuns. Podia-se ver nisso uma certa bênção ambígua, pois é verdade que, pelo menos, fez com que aumentassem suas chances de sair da cadeia vivo e sem qualquer doença contagiosa.

Uma pequena multidão, talvez de dezenas, queria linchá-lo na frente do tribunal depois da audiência que decidiria sua pena. Vi o telejornal em um pé-sujo próximo do cais, e um rumor baixo e perigoso de aprovação fez-se ouvir dos frequentadores assíduos quando, na tela, policiais impassíveis guiaram Damien aos tropeções em meio à multidão, e o furgão foi embora sob uma chuva de punhos, gritos roucos e um ou outro tijolo quebrado. “Legalizem a porra da pena de morte”, alguém resmungou em um dos cantos. Eu tinha consciência de que deveria sentir pena de Damien, que ele tinha sido uma marionete desde quando se aproximou da mesa de inscrições na tal manifestação, e que eu, mais do que qualquer um, deveria conseguir demonstrar um pouco de piedade por causa disso, mas eu não conseguia; simplesmente não conseguia.

Não tenho ânimo algum para entrar em detalhes sobre o que veio a significar “suspense para aguardar investigação”: audiências tensas e infundáveis, diversas autoridades severas com seus ternos e uniformes passados à precisão, minhas autojustificativas e explicações humilhantes e mal planejadas, a sensação nauseante e reflexiva de ter ficado preso do lado errado do processo interrogatório. Para minha surpresa, O’Kelly acabou sendo o meu defensor mais ferrenho, proferindo discursos longos e fervorosos contando de minha ótima estatística de casos solucionados e de minha técnica de interrogatório e de todas as coisas de que ele nunca havia falado. Embora eu soubesse que ele devia estar fazendo aquilo devido não a algum insuspeito traço de afeição por mim, mas sim por autopreservação — minha má conduta passava uma imagem ruim dele, ele precisava justificar o fato de ter hospedado um renegado como eu em sua unidade por tanto tempo —, eu estava tão pateticamente agradecido que quase me debulhava em lágrimas: ele parecia ser o único aliado que me restava em todo o mundo. Cheguei até a tentar agradecer uma vez, no corredor, depois de uma dessas sessões, mas consegui apenas dizer-lhe algumas palavras antes que ele me olhasse com um desgosto tão profundo que comecei a gaguejar e mudei de ideia.

No fim das contas, as várias autoridades decidiram por não me demitir nem — o que teria sido muito pior — me fazer voltar a ser um guardinha comum. Repito, não considero que isso tenha sido nenhum sentimento especial da parte deles de que eu merecia uma segunda chance; era mais provável que fosse somente porque me demitir poderia chamar a atenção de algum jornalista e levar a toda uma série de

consequências e perguntas inconvenientes. Fui exonerado da equipe, é claro. Mesmo em meus momentos mais desvairados de otimismo, eu nem me atrevia a torcer para que não o fizessem. Eles me mandaram de volta para a equipe de auxiliares, com a sugestão (esmeradamente comunicada, é verdade, e implicitamente sutil e rigorosa) de que eu não deveria ter esperanças de voltar a deixá-la por bastante tempo, se é que algum dia iria. Às vezes, Quigley, com um senso de crueldade mais refinado do que eu o julgava capaz, me solicita para atender a denúncias telefônicas ou para sair investigando de porta em porta.

O processo todo não chegou, é claro, nem perto da simplicidade que estou passando. Levou meses, meses em que eu ficava sentado em meu apartamento em um entorpecimento apavorante e desgraçado, com as minhas economias escoando e minha mãe trazendo acanhadamente pratos de macarrão com queijo para garantir que eu iria comer, e Heather me alugando para explicar a falha de caráter oculta na origem de todos os meus problemas (pelo jeito eu precisava aprender a ter mais consideração com os sentimentos dos outros e com os dela em particular) e para me dar o telefone de seu terapeuta.

Quando voltei para o trabalho, Cassie já não estava mais. Fiquei sabendo, por intermédio de várias fontes, que havia recebido uma oferta de promoção para ser inspetora de polícia se permanecesse; que tinha largado a polícia porque estava prestes a ser exonerada da unidade; que alguém a havia visto em um pub na cidade de mãos dadas com Sam; que tinha voltado para a faculdade e estava cursando arqueologia. A moral insinuada na maioria das histórias era que, na verdade, lugar de mulher nunca foi na Divisão de Homicídios.

Cassie não havia, como acabei vindo a saber depois, largado a carreira. Pedira transferência para a divisão de Violência Doméstica e negociado algum tempo de afastamento para concluir seu curso de psicologia — foi daí que saiu a história da faculdade, pelo jeito. Não era surpresa a existência dos boatos: a divisão de Violência Doméstica é possivelmente o trabalho mais tormentoso da força policial, pois combina todos os piores elementos da Homicídios e da Crimes Sexuais, mas a glória é zero, e pensar em deixar uma das unidades de elite por isso era inconcebível para a maioria. Segundo a central de boatos, ela deve ter perdido a coragem.

Eu não acredito que a transferência de Cassie fosse motivada por falta de coragem; e, embora eu tenha certeza de que isso pareça condescendente e egoísta de minha parte, duvido muito de que tivesse a ver comigo, ou pelo menos não como vocês possam estar imaginando. Se o único problema tivesse sido o fato de nós não conseguirmos dividir o mesmo espaço, ela teria arrumado outro parceiro e fincado o pé, aparecido para trabalhar um pouco mais magra e mais desafiadora a cada dia, até que nós criássemos uma nova maneira de compartilhar o mesmo espaço, ou até que eu pedisse transferência. De nós dois, ela sempre foi a mais teimosa. Minha opinião é que ela quis se transferir por ter mentido para O'Kelly e para Rosalind Devlin e porque os dois acreditaram nela, e porque, quando ela me disse a verdade, eu a chamei de mentirosa.

De certa maneira, fiquei decepcionado por a história da faculdade de arqueologia ser mentira. Era uma cena fácil de imaginar e na qual eu gostava de pensar: Cassie em alguma colina gramada, com uma enxada na mão, usando calças masculinas e com os cabelos caindo no rosto, bronzeada, enlameada e às gargalhadas.

Passei um tempo olhando vagamente os jornais, mas nenhum escândalo relacionado à rodovia de Knocknaree jamais veio à tona. O nome do tio Redmond apareceu, lá embaixo na lista, no gráfico de algum tabloide que listava o quanto o contribuinte irlandês desperdiçava dinheiro com os políticos, mas nada além disso. O fato de Sam ter permanecido na Homicídios me levava a concluir que ele tinha obedecido às ordens de O'Kelly, no final das contas — embora seja possível, é claro, que ele tenha, de fato, levado a fita para Michael Kiely e que nenhum jornal tenha se arriscado a publicar. Não sei.

Sam também não vendeu a casa. Em vez disso, pelo que fiquei sabendo, alugou-a por um preço simbólico para uma jovem viúva cujo marido morrera vítima de um aneurisma cerebral e que a deixara só, com uma criança de colo, uma gravidez complicada e sem qualquer seguro de vida. Como era uma violoncelista freelance, não podia nem entrar no seguro-desemprego; ela havia atrasado o aluguel do imóvel onde morava, e o proprietário a despejara, e agora estava vivendo com os filhos em uma pequena pousada conseguida por uma instituição de caridade. Não faço ideia de como Sam encontrou a tal mulher — para mim, você teria que ir até a Londres vitoriana para encontrar tal nível de compaixão pitoresca e meritória; ele deve ter gastado muito tempo pesquisando para encontrá-la. Sam tinha se mudado para um apartamento alugado em Blanchardstown, acredito, ou em algum inferno suburbano parecido. As principais teorias davam conta de que ele estava prestes a trocar a carreira na polícia pelo sacerdócio e que tinha uma doença terminal.

Saí com Sophie uma ou duas vezes — a verdade era que eu, apesar de tudo, estava devendo a ela vários jantares. Achei que foram ocasiões divertidas, e ela não me fez nenhuma pergunta difícil, o que considerei um bom sinal. Entretanto, depois de alguns encontros, e antes que o relacionamento houvesse realmente progredido o bastante para poder ser chamado assim, ela me dispensou. Informou-me, trivialmente, que tinha idade suficiente para conhecer a diferença entre um cara intrigante e um com a cabeça fodida.

— Deveria tentar com as mais novas — ela me disse. — Não é sempre que elas conseguem perceber.

Inevitavelmente, em algum momento no decorrer daqueles meses intermináveis em meu apartamento (rodada após rodada de um pôquer solitário tarde da noite, doses praticamente letais de Radiohead e de Leonard Cohen), meus pensamentos voltaram a se concentrar em Knocknaree. Eu havia, evidentemente, prometido a mim mesmo nunca mais deixar que aquele lugar passasse por minha mente; só que um ser humano é incapaz de conter sua curiosidade, se o que venha a saber não custe um preço muito alto.

Imaginem qual não foi a minha surpresa, então, quando percebi que não havia mais nada. Tudo de antes do meu primeiro dia no internato havia aparentemente sido extirpado de minha mente com precisão cirúrgica, e desta vez para sempre. Peter, Jamie, os motoqueiros e Sandra, o bosque, cada fragmento de lembrança que eu tinha recuperado com um cuidado tão árduo no decorrer da Operação Vestal: tudo sumiu. Eu conseguia me lembrar de como tinha sido recordar tais cenas, que ficaram para trás, mas agora elas tinham a qualidade remota e gasta de filmes antigos a que eu tinha assistido ou de histórias que me contaram. Eu as via como se de uma distância imensa — três crianças de pele bronzeada e shorts velhos cuspindo na cabeça do Pequeno Willy de cima dos galhos das árvores e fugindo às gargalhadas — e tinha uma certeza fria de que, com o passar do tempo, mesmo aquelas imagens soltas iriam murchar até não ser mais nada e desapareceriam. Elas não pareciam mais me pertencer, e eu não conseguia me livrar da sensação tenebrosa e implacável de que aquilo estava acontecendo porque eu tinha perdido meu direito a elas de uma vez por todas.

Uma única imagem restava. Uma tarde de verão, Peter e eu esparramados na grama do jardim da frente da casa dele. Vínhamos tentando, de uma maneira meio que hesitante, montar um periscópio seguindo as instruções de um antigo anuário, mas deveríamos ter usado um tubo de papelão de rolos de papel-toalha e não podíamos pedir para nossas mães porque não estávamos falando com elas. Em vez disso, acabamos usando um jornal enrolado, só que ele não parava de dobrar, e por isso a única coisa que a gente via no periscópio era a página de esportes, detrás para a frente.

Estávamos os dois muito mal-humorados. Era a primeira semana das férias e o sol brilhava, e por isso o dia deveria ter sido fantástico. Deveríamos estar consertando a casa da árvore, ou congelando

nossos pintos nadando no rio, ou algo assim; mas, enquanto voltávamos para casa, depois do último dia de aula, na sexta-feira, Jamie disse, olhando para os sapatos:

— Daqui a três meses eu vou para o internato.

— Cale a boca — Peter disse, empurrando-a de leve. — Não vai não. Ela vai desistir. — Mas aquilo tirou toda a graça das férias, como uma enorme nuvem negra de fumaça pairando sobre tudo à nossa volta. Não podíamos entrar em casa porque nossos pais estavam furiosos conosco por não estarmos falando com ninguém e não podíamos entrar no bosque nem fazer nada legal porque tudo que nos ocorria parecia besteira e também não podíamos nem ir atrás de Jamie e convencê-la a sair porque ela iria simplesmente balançar a cabeça negativamente e perguntar “Pra quê?” e tornaria tudo ainda pior. Então estávamos deitados no jardim, entediados, angustiados e aborrecidos um com o outro e com o periscópio por não funcionar e com o mundo inteiro por ser um pé no saco. Peter puxava talos de grama, arrancava as pontas com os dentes e as cuspiam para cima, em um ritmo automático e obsessivo. Eu estava deitado de bruços, com um dos olhos aberto para observar as formigas que corriam para todos os lados, e o sol fazia meus cabelos suarem. *Este verão nem conta*, eu pensava. *Que saco de verão!*

A porta da casa de Jamie se abriu violentamente e ela saiu correndo como se tivesse sido disparada de dentro de um canhão, com a mãe chamando-a e correndo atrás dela com um sorriso de arrependimento na voz, e a porta fechando-se com um estrondo depois de ricochetear, e o horrendo Jack Russell dos Carmichael explodindo em uma histeria estridente de latidos. Peter e eu nos sentamos. Jamie parou no portão de casa, olhando em volta para nos procurar e, quando gritamos por ela, ela desceu correndo pela rua, pulou o muro do jardim da casa de Peter e desabou na grama, abraçando-nos e puxando-nos para baixo com ela. Todos gritávamos ao mesmo tempo e levei alguns segundos para entender que o que Jamie estava gritando era: “Vou ficar! Vou ficar! Não tenho mais que ir!”

O verão recuperou a vida. Em um piscar de olhos explodiu do cinza para um azul ardente com dourado; o ar repicava com gafanhotos e cortadores de grama, remoinhava com galhos de árvores e abelhas e sementes de dentes-de-leão, mole e adocicado como creme chantilly, e por sobre o muro o bosque nos chamava com a mais berrante das vozes silenciosas, sacudindo todos os seus mais preciosos tesouros para nos dar as boas-vindas ao lar. O verão cuspiu um chafariz de heras, nos agarrou pelas costelas e arrastou; o verão, redimido e desfraldando-se à nossa frente, com um milhão de anos de vida.

Nós nos separamos e sentamos eretos, ofegantes e quase incrédulos.

— É sério? — perguntei. — É definitivo?

— É. Ela disse “Vamos ver, vou pensar a respeito de novo e a gente arruma alguma solução”, mas isso sempre significa que ela aceitou, mas que ainda não quer dizer que aceitou. Não vou para *lugar nenhum!*

Jamie não sabia mais o que dizer e então me empurrou. Agarrei-lhe o braço, subi em cima dela e dei-lhe um beliscão. Um sorriso enorme cruzou o meu rosto de um lado a outro, e eu estava tão feliz que achei que ele nunca mais sairia dali.

Peter estava de pé.

— Temos que comemorar. Piquenique no castelo. Vão para casa, peguem coisas e nos encontramos lá.

Entrei como um foguete pela casa até a cozinha, minha mãe estava passando o aspirador de pó em algum lugar no andar de cima — “Mãe! Jamie não vai mais, posso levar umas coisas para um piquenique?” — enquanto eu pegava três pacotes de batatinhas e meio de biscoitos e enfiava-os por baixo da camiseta. Então saí de novo, acenando para o rosto assustado de minha mãe no alto das escadas, e pulei o muro.

Latas de Coca-Cola efervescentes e transbordando, e nós de pé sobre o muro do castelo para brindar com elas. “*Ganhamos!*”, Peter gritou na direção dos galhos e das resplandecentes faixas de luz, com a cabeça jogada para trás e o punho socando o ar. “Conseguimos!”

Jamie berrou “Vou ficar aqui para sempre!” e ficou dançando em cima do muro como se fosse feita de ar, “para sempre e sempre e sempre!” E eu simplesmente gritava, urros indistintos e desenfreados de satisfação, e o bosque pegava nossas vozes e as expandia em grandes ondas pelo redemoinho de folhas, o borbulhar do rio, a teia farfalhante de coelhos e besouros e tordos e de todos os outros ocupantes do nosso domínio, formando um longo e ruidoso hino de celebração.

Essa lembrança, a única entre todas que havia me sobrado, não virou fumaça nem escorreu por entre meus dedos. Permaneceu — e ainda continua — afiada, quente e minha, uma única moeda brilhante que restou em minha mão. Creio que, se o bosque iria me deixar apenas um momento, ter escolhido aquele foi muita bondade.

Em uma daquelas pequenas reviravoltas inclementes que casos assim têm às vezes, Simone Cameron me telefonou pouco depois de eu ter voltado a trabalhar. O número do meu celular estava no cartão que eu havia lhe entregado, e ela não tinha como saber que eu estava revisando depoimentos de ladrões de carros na rua Harcourt e não tinha mais nada a ver com o caso Katy Devlin.

— Detetive Ryan — disse ela —, encontramos uma coisa que acho que o senhor deveria ver.

Era o diário de Katy, que Rosalind nos contou que Katy jogara fora. A faxineira da Academia Cameron, em um extraordinário acesso de eficácia, encontrou-o preso com fita durex atrás de um quadro de Anna Pavlova pendurado na parede do estúdio. Ela ligou para Simone, ansiosa e empolgada, quando leu o nome na capa. Eu deveria ter dado a Simone o telefone de Sam e desligado, mas em vez disso deixei de lado os depoimentos dos ladrões de carros, peguei o carro e fui até Stillorgan.

Eram onze da manhã e Simone estava sozinha na academia. O estúdio estava inundado pela luz do sol e as fotos de Katy haviam sido retiradas do quadro de avisos, mas sentir aquele odor profissional específico — resina, suor de esforço, cera para chão — trouxe tudo de volta: os gritos da garotada andando de skates na rua escura, o barulho das sapatilhas sobre o chão e o bate-papo no corredor, a voz de Cassie ao meu lado, a urgência aguda e melodiosa que tínhamos levado conosco ali para dentro.

O quadro estava emborcado no chão. Folhas empoeiradas de papel foram afixadas com fita na parte de trás da moldura para formar uma imitação de bolso, e ali estava o diário. Era um simples caderno convencional, do tipo que as crianças usam na escola, com as folhas pautadas e a capa de um laranja reciclado e encardido.

— Paula, que foi quem o encontrou, teve que seguir para sua próxima faxina — disse Simone —, mas eu tenho o número do telefone dela, se o senhor quiser.

Peguei-o.

— A senhora o leu? — perguntei.

Simone assentiu.

— Um pouco. O bastante. — Ela vestia uma calça preta justa e um macio suéter, também preto, que, de algum modo, faziam-na parecer mais exótica do que com a saia comprida e a malha de balé. Seus olhos extraordinários estavam com a mesma expressão imobilizada que tinham quando fomos comunicarlhe o que havia acontecido com Katy.

Sentei-me em uma das cadeiras de plástico. “Katy Devlin MUITO PARTICULAR MANTENHA DISTÂNCIA, É, VOCÊ MESMO!!!”, dizia a capa; contudo, eu o abri mesmo assim. Estava cerca de três quartos preenchidos. A caligrafia era arredondada e cuidadosa, apenas começando a desenvolver toques de individualidade: consoantes floreadas e um S maiúsculo comprido e ondulado. Simone sentou-se à minha frente e ficou observando, com uma das mãos pousada em cima da outra sobre o colo, enquanto eu lia.

O diário correspondia a quase oito meses. As anotações eram frequentes no início, talvez meia página por dia, mas depois de alguns meses tornaram-se intermitentes, duas por semana, uma. Em sua maioria

falavam de balé. “Simone disse que meu *arabesque* está melhor mas que ainda preciso pensar nele como se partisse de meu corpo inteiro não só da perna, especialmente na esquerda a linha tem que ser direta.” “Estamos aprendendo uma nova peça pro espetáculo de fim de ano, terá música de *Giselle* + tenho *fouettés*. Simone diz pra gente lembrar que é o jeito de *Giselle* mostrar ao amado como ele a fez sofrer + o quanto ela vai sentir falta dele é a única oportunidade dela então isso tem que ser o objetivo de tudo que eu fizer. Tem uma parte que é assim” e depois algumas linhas de notações elaboradas e misteriosas, como uma partitura musical codificada. No dia em que ela recebeu a carta de aceitação do Royal Ballet havia uma explosão animada de maiúsculas e pontos de exclamação e pequenos adesivos em forma de estrela: “EU VOU EU VOU VOU MESMO VOU MESMO!!!!!!”

Algumas passagens contavam coisas que ela fazia com as amigas: “Dormimos todas na casa da Christina, a mãe dela fez uma pizza esquisita para a gente com azeitonas + brincamos com Beth que gosta de Matthew. Eu não gosto de ninguém e a maioria das bailarinas só costuma se casar depois de suas carreiras então talvez quando eu tiver uns trinta e cinco ou quarenta. Experimentamos maquiagem e Marianne ficou muito bonita mas Christina colocou sombra demais nos olhos e ficou igualzinha à mãe!!!” A primeira vez que os pais deixaram que ela e as amigas fossem para a cidade sozinhas: “Pegamos o ônibus + fomos fazer compras pra srta. Selfridge Marianne + comprei o mesmo top mas o dela é cor-de-rosa com letras roxas e o meu é azul-claro com vermelho. Jess não pôde ir e eu comprei um grampo de flor pra ela colocar no cabelo. Depois fomos pro McDonalds. Christina enfiou o dedo no meu molho *barbecue*, daí eu coloquei um pouco no sorvete dela, rimos tanto que o segurança ameaçou nos expulsar se a gente não parasse. Beth perguntou a ele se ele queria um pouco de sorvete de molho *barbecue*.”

Ela experimentou as sapatilhas de Louise, detestou repolho e foi expulsa de sala na aula de irlandês por enviar uma mensagem de texto para Beth, do outro lado da fileira. Uma criança feliz, pode-se dizer assim, risonha, determinada e correndo rápido demais para se preocupar com pontuação; não tinha nada de tão especial, a não ser a dança, e estava satisfeita assim. Porém, ali no meio, o terror saiu das páginas como fumaça de gasolina, pungente e vertiginoso. “Jess ficou triste porque eu vou pra academia de balé ela chorou. Rosalind disse que se eu for a Jess se mata + vai ser culpa minha eu não deveria ser tão egoísta o tempo todo. Não sei o que fazer se eu perguntar pra mamãe ou papai de repente eles não me deixam mais ir. Não quero que Jess morra.”

“Simone disse que não posso mais ficar doente daí essa noite eu disse a Rosalind que não quero beber. Rosalind diz que tenho que beber ou então não vou mais dançar bem. Fiquei com muito medo porque ela ficou tão irritada mas eu também fiquei e falei que não acredito nela e que acho que aquilo só me faz passar mal. Ela diz que vou me arrepender + proibiu Jess de falar comigo.”

“Christina está chateada comigo na terça ela veio aqui em casa + Rosalind contou pra ela que eu disse que ela não vai mais servir pra ser minha amiga depois que eu for pra academia de balé + Christina não acredita que eu não falei isso. Agora Christina e Beth estão sem falar comigo mas Marianne ainda fala. Eu odeio a Rosalind ODEIO ELA ODEIO ELA.”

“Ontem o meu diário estava debaixo da minha cama como sempre daí não consegui mais encontrar. Não falei nada mas então mamãe levou Rosalind + Jess pra casa da tia Vera eu fiquei em casa + revirei todo o quarto da Rosalind estava dentro de uma caixa de sapatos no guarda roupa dela. Fiquei com medo de pegar porque agora ela vai ficar sabendo e vai ficar muito aborrecida mas não estou nem aí. Vou deixar o diário aqui na Simone posso escrever nele quando eu vier treinar sozinha.”

A última anotação no diário foi feita três dias antes da morte de Katy. “Rosalind se arrependeu de ter sido tão horrível porque eu estava indo embora estava só preocupada com Jess + chateada porque eu ia estar longe ela tb vai sentir minha falta. Pra compensar vai me dar um amuleto da sorte pra me trazer sorte quando estiver dançando.”

Sua voz soava baixa e viva em meio às letras arredondadas da caneta esferográfica, misturando-se à luz do sol com as partículas de pó. Katy, morta há um ano; seus ossos no cinzento cemitério geométrico

de Knocknaree. Eu havia pensado muito pouco nela desde o fim do julgamento. Mesmo durante as investigações, para ser franco, ela ocupava um lugar menos proeminente em minha mente do que seria de se esperar. A vítima é a única pessoa que você nunca conhece; fora apenas uma pequena quantidade de imagens conflitantes e translúcidas refratadas pelas palavras de outras pessoas, crucial não por si própria, mas por sua morte e pelo iminente rastro de consequências extravagantes que deixou para trás. Um instante na escavação de Knocknaree ofuscou tudo o mais que ela foi em toda a sua vida. Pensei nela deitada de bruços naquele chão claro de madeira, com os frágeis acrômios das escápulas movimentando-se enquanto ela escrevia, e com a música formando espirais ao seu redor.

— Teria feito alguma diferença se o tivéssemos encontrado antes? — Simone perguntou, sua voz me assustou e deixou meu coração acelerado; quase tinha me esquecido de que ela estava ali.

— Provavelmente não — respondi. Eu não sabia se aquilo era verdade ou mentira, mas era o que ela estava precisando ouvir. — Não há nada aqui que associe Rosalind diretamente a qualquer crime. Há a menção de que ela fazia Katy beber alguma coisa, mas ela teria conseguido algum jeito de se safar com alguma explicação, alegado que era uma vitamina, talvez; ou um energético. A mesma coisa serve para o amuleto da sorte: não prova nada.

— Mas se o encontrássemos antes de ela morrer — Simone comentou serenamente — daí... — E obviamente eu não tinha nada a dizer sobre aquilo, absolutamente nada.

Guardei o diário e o pequeno bolo de papel em um saco de provas e enviei-o para Sam no castelo de Dublin. Seu destino seria o interior de uma caixa no porão, próximo de minhas roupas velhas; o caso estava encerrado, ele só poderia fazer alguma coisa com aquilo se, ou quando, Rosalind repetisse a façanha com outra pessoa. Eu gostaria de enviar o diário para Cassie como um pedido mudo e inútil de desculpas, mas o caso também não era mais dela e, de qualquer maneira, eu não teria mais como garantir que ela entenderia minha intenção.

Algumas semanas depois, chegou a mim a notícia de que Cassie e Sam ficaram noivos; Bernadette encaminhou a todos um e-mail pedindo contribuições para comprar um presente. Naquela noite eu inventei para Heather que o filho de alguém do trabalho estava com escarlatina, me tranquei em meu quarto e fiquei enchendo a cara de vodca até as quatro da manhã, vagorosamente, porém com um propósito. Então liguei para o celular de Cassie.

No terceiro toque ela disse, meio confusa:

— Maddox.

— Cassie... — eu disse. — Cassie, você não vai se casar com aquele caipira chato. Vai?

Escutei-a prender a respiração, pronta para dizer alguma coisa. Depois de um tempo, ela soltou-a.

— Perdoe-me — eu disse. — Por tudo. Estou muito arrependido. Eu te amo, Cass. Por favor.

Fiquei esperando de novo. Depois de um longo tempo escutei um ruído. Depois, Sam, ao fundo, perguntou:

— Quem era?

— Engano — Cassie respondeu, agora mais distante. — Um bêbado qualquer.

— E por que você ficou tanto tempo com o telefone no ouvido? — Dava para ouvir o sorriso na voz dele: provocador. Um farfalhar de lençóis.

— Ele disse que me amava, daí eu quis ver quem era — Cassie disse. — Mas acabou que ele estava querendo falar era com a Britney.

— E tem alguém que não quer? — Sam brincou; depois deu um grito e Cassie riu. — Você mordeu o meu nariz!

— Você merece — Cassie respondeu. Mais risadas abafadas, mais um farfalhar e um beijo; um suspiro comprido de satisfação. Sam disse, afável e feliz:

— Amor. — Então, nada além da respiração dos dois, relaxando aos poucos, voltando ao repouso.

Passei bastante tempo ali sentado, vendo o céu clarear pela janela e percebendo que meu nome não tinha aparecido no celular de Cassie. Dava para sentir a vodca saindo aos poucos de meu sangue; a dor de cabeça começava a se fazer sentir. Sam roncava suavemente. Eu nunca soube, nem naquela época nem agora, se Cassie achou que tinha desligado, ou se quis me magoar, ou se quis me dar um último presente, uma última noite escutando sua respiração.

A rodovia foi mesmo construída no traçado originalmente planejado, é claro. A campanha de Devlin até que conseguiu interrompê-la por um bom tempo — mandados de segurança, processos de inconstitucionalidade, acho que poderiam até ter levado a resistência até o fim, até o Tribunal de Justiça da União Europeia — e um bando de manifestantes de ambos os sexos que se intitularam Knocknallivree (entre eles, eu estaria disposto a apostar, Mark) acamparam no local para deter o avanço das escavadeiras, o que acabou atrasando tudo por mais algumas semanas, enquanto o governo arrumava uma ordem judicial para combatê-los. Eles nunca tiveram um fio de esperança. Eu queria ter perguntado a Jonathan Devlin se ele acreditava de verdade, contrariando todas as evidências históricas, que naquela única vez a opinião pública representaria alguma diferença, ou se ele já sabia desde o início, e sentia que, mesmo assim, precisava tentar de qualquer forma. Qualquer que fosse a resposta, eu o invejava.

Fui até lá no dia em que li no jornal que as obras haviam começado. Eu devia estar inquirindo pessoas de porta em porta em Terenure, tentando encontrar alguém que tivesse visto um carro roubado que havia sido utilizado em um assalto, mas ninguém iria sentir a minha falta por uma hora ou quase isso. Não sei bem por que fui. Não foi uma última e dramática tentativa de desfecho nem nada assim; apenas senti um impulso tardio de ver o local mais uma vez.

Estava uma confusão só. Eu havia esperado mais ou menos aquilo, mas não previra a escala. Dava para se ouvir o rugido das máquinas muito antes de se chegar ao alto da colina. Todo o sítio arqueológico estava irreconhecível, homens com uniformes de néon atropelando-se como formigas e gritando ordens roucas e ininteligíveis mais altas que o barulho, escavadeiras enormes e encardidas lançando grandes torrões para os lados e farejando com uma delicadeza lenta e obscena os resíduos desenterrados dos muros.

Estacionei ao lado da estrada e saí do carro. Um pequeno amontoado de manifestantes desconsolados estava à margem da estrada (que permanecia intocada até aquele momento; o castanheiro estava novamente deixando cair seus frutos) agitando cartazes com letras pintadas à mão — Salvem Nosso Patrimônio Histórico, História Não Se Vende —, caso a mídia voltasse a aparecer. A terra revolvida parecia seguir para todos os lados, interminável, muito mais vasta do que a escavação jamais fora, e eu levei alguns minutos para entender por quê: aquela última faixa do bosque não havia mais. Troncos quebrados; raízes expostas, voltadas loucamente para o céu cinzento. As serras gritavam em contato com o punhado de árvores que ainda restava.

A lembrança me atingiu no estômago com tanta força que me fez perder o fôlego: subindo aos tropeções pelo muro do castelo, pacotes de batatinhas estalando dentro de minha camiseta e o som de algum trecho do rio casquinando lá embaixo, ao longe; os tênis de Peter procurando um ponto de apoio logo acima de mim, o cabelo louro de Jamie agitando-se lá no alto por entre as folhas. Meu corpo todo se lembrou, o já conhecido arranhar da pedra contra a palma de minha mão, eu firmando o músculo da coxa enquanto me impulsionava para cima, para dentro do turbilhão de verde e luzes. Eu havia me acostumado tanto a pensar no bosque como o inimigo invencível e à espreita, como a sombra que cobria cada canto secreto de minha mente; havia me esquecido completamente de que, durante a maior parte da minha vida, tinha sido o nosso habitual parque de diversões e nosso refúgio mais querido. A verdade é que ainda não passara pela minha cabeça, até vê-los derrubando-o, que ele era lindo.

No limite do sítio, próximo à estrada, um dos trabalhadores tirou um maço amassado sob seu colete alaranjado e ficou apalpando metodicamente os bolsos à procura de um isqueiro. Encontrei o meu e fui até onde ele estava.

— Valeu, garoto — ele disse sem tirar o cigarro da boca, protegendo a chama com a mão em forma de concha. Já estava na casa dos cinquenta, era baixinho e magro, e tinha o rosto parecido com o de um terrier: amistoso, reservado, com as sobrancelhas cerradas e um bigode grosso de pontas recurvadas.

— Como está indo a obra? — perguntei.

Ele deu de ombros, tragou e me devolveu o isqueiro.

— Ah, já vi piores. O terreno cheio de pedras enormes por todos os lados, é só isso que tem.

— Do castelo, talvez. Isto aqui era um sítio arqueológico.

— Tá brincando... — ele ironizou, sacudindo a cabeça na direção dos manifestantes.

Eu sorri.

— Já encontraram alguma coisa interessante?

Seus olhos retornaram rapidamente para o meu rosto e deu para ver que ele estava me avaliando: manifestante, arqueólogo, espião do governo?

— Como o quê, por exemplo?

— Sei lá, fragmentos arqueológicos, talvez. Ossos de animais. De seres humanos.

Ele contraiu as sobrancelhas, que se uniram.

— É da polícia?

— Não — menti. O ar estava com um cheiro úmido e opressivo de terra revirada e chuva. — Dois amigos meus desapareceram aqui nos anos 1980.

Ele fez um sinal compreensivo e atencioso com a cabeça, mas sem deixar transparecer surpresa.

— Eu me lembro disso, é verdade — disse ele. — Duas crianças pequenas. Você era o garotinho que estava com elas?

— Sim. Sou eu.

Ele deu uma tragada lenta no cigarro e olhou para mim, apertando os olhos sem grande interesse.

— Lamento o ocorrido.

— Já faz muito tempo — respondi.

Ele assentiu.

— Que eu saiba, não encontramos nenhum osso. Coelhos e raposas podem ter aparecido, talvez, mas nada maior que isso. Teríamos chamado a polícia se tivesse acontecido.

— Eu sei — falei. — Estava só querendo saber.

Ele passou mais algum tempo olhando pensativo para o sítio.

— Um dos rapazes encontrou isto aqui, mais cedo — disse ele, e depois procurou nos bolsos e tirou alguma coisa de sob o colete. — O que acha que é isso?

Ele soltou o objeto na palma de minha mão. Tinha o formato de uma folha, era chato e estreito, com o comprimento do meu polegar. Era feito de algum metal leve que ficou enegrecido com o tempo. Uma ponta era denteada; aquilo tinha se partido de alguma coisa havia muito tempo. Ele tentara limpá-lo, mas o objeto continuava cheio de pequenas e endurecidas incrustações de terra.

— Sei lá — eu disse. — Uma ponta de flecha, talvez, ou parte de um brinco.

— Ele encontrou isso aí na lama da bota, no intervalo do chá — disse o homem. — Me deu para eu levar para casa, para o garotão da minha filha; ele é maluco por essas coisas arqueológicas.

Eu sentia o objeto gelado na palma de minha mão, e mais pesado do que seria de se esperar. Os entalhes estreitos, metade deles já gasta, formavam um desenho de um dos lados. Inclinei-o contra a luz: um homem, nada além de uma figura com longas e pontiagudas galhadas de um cervo.

— Pode ficar com ele se quiser — disse o homem. — O garoto não vai sofrer pelo que nunca foi dele.

Fechei a mão em volta do objeto. As pontas perfuraram a palma de minha mão; eu sentia minha pulsação contra ele. Provavelmente seu lugar era em algum museu. Mark teria ido à loucura se o visse.

— Não — descartei. — Obrigado. Acho que deve dá-lo ao seu neto.

Ele deu de ombros, com as sobrancelhas arqueadas. Depositei delicadamente o objeto em sua mão.

— Obrigado por ter me mostrado — eu disse.

— Não foi nada — disse o homem, voltando a guardá-lo no bolso. — Boa sorte.

— Para você também — respondi. Estava começando a chover, uma chuvinha fina e nevoenta. Ele jogou a guimba do cigarro em uma trilha de pneu e voltou ao trabalho, levantando a gola no meio do caminho.

Acendi um cigarro e fiquei observando-os enquanto trabalhavam. O objeto de metal deixara pequenas marcas vermelhas de um lado ao outro da palma da minha mão. Duas crianças pequenas, talvez de oito ou nove anos, equilibravam-se sobre o muro que separava o bosque das casas; os trabalhadores agitaram os braços e gritaram mais alto que os rugidos das máquinas até que elas desapareceram, mas depois de um ou dois minutos já estavam lá de volta. Os manifestantes abriram guarda-chuvas e distribuíram sanduíches. Passei ainda bastante tempo por ali, observando, até que meu celular começou a vibrar insistentemente no bolso e a chuva apertou. Apaguei o cigarro, abotoei o casaco e voltei para o meu carro.

Título original
IN THE WOODS

© 2007 by Tana French

Primeira publicação na Grã-Bretanha em 2007
pela Hodder & Stoughton, uma divisão da Hodder Headline

O direito de Tana French a ser identificada como autora
desta obra foi assegurado por ela em conformidade
com o Copyright, Designs and Patents Act 1988.

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida
ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico
ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema
de armazenagem e recuperação de informação,
sem a permissão escrita do editor.

Todos os personagens neste livro são fictícios e qualquer
semelhança com pessoas reais, vivas ou não, é mera coincidência.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 — 8º andar
20030-021 — Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (21) 3525-2000 — Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Printed in Brazil/Impresso no Brasil

preparação de originais
MAIRA PARULA

F94n French, Tana
No bosque da memória / Tana French; tradução de Roberto Nóbrega. — Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

Tradução de: In the woods
ISBN 978-85-325-2422-5

1. Detetives — Ficção. 2. Homicídios — Investigação — Ficção. 3. Ficção policial inglesa. I. Nóbrega, Roberto. II. Título.

09-0945

CDD: 823
CDU: 821.111-3

A AUTORA

TANA FRENCH nasceu na Irlanda. Já morou na Itália, nos Estados Unidos e em Maláui, e vive em Dublin desde 1990. Atuou como atriz profissional em teatro, cinema e dublagem. *No bosque da memória*, pelo qual ganhou o Edgar Award em 2007, é seu primeiro romance.